



PROGRAMAÇÃO GERAL

| | 18/07/2011 SEGUNDA | 19/07/2011 TERÇA | 20/07/2011 QUARTA | 21/07/2011 QUINTA | 22/07/2011 SEXTA |
|---------------|---|--|---|-----------------------------------|---|
| 08h30-10h00 | | MESAS-REDONDAS BLOCO 1 | MESAS-REDONDAS BLOCO 2 | MESAS-REDONDAS BLOCO 3 | MESAS-REDONDAS BLOCO 4 |
| 10h00-10h30 | | INTERVALO | INTERVALO | INTERVALO | INTERVALO |
| 10h30-12h30 | | SIMPÓSIOS MANHÃ 1 | SIMPÓSIOS MANHÃ 2 | SIMPÓSIOS MANHÃ 3 | SIMPÓSIOS MANHÃ 4 |
| 12h30-14h30 | | ALMOÇO | ALMOÇO | ALMOÇO | ALMOÇO |
| 14h30 - 16h30 | | SIMPÓSIOS TARDE 1 | SIMPÓSIOS TARDE 2 | SIMPÓSIOS TARDE 3 | SIMPÓSIOS TARDE 4 |
| 16h30 - 17h00 | | INTERVALO | INTERVALO | INTERVALO | INTERVALO |
| 17h00 - 18h30 | CREDENCIAMENTO DOS INSCRITOS | CONFERÊNCIA MAGNA 1 OTTMAR ETTE Universität Potsdam Alemanha | CONFERÊNCIA MAGNA 2 SANDRA VASCONCELOS Universidade de São Paulo Brasil | ASSEMBLÉIA GERAL DA ABRALIC | CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO JOSÉ LAMBERT Université de Leuven, Bélgica Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil |
| 18h30 | | LANÇAMENTO DE LIVROS | Reunião do Conselho Fiscal da ABRALIC | LANÇAMENTO DE LIVROS | |
| 19h00 - 21h00 | SOLENIIDADE DE ABERTURA e CONFERÊNCIA INAUGURAL AIJAZ AHMAD Centre of Contemporary Studies - Nehru Memorial Museum and Library Índia | | JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO (por adesão) 20h30 | | |

PROGRAMAÇÃO DAS MESAS-REDONDAS

| Dia 19 MESAS-REDONDAS BLOCO 1 | Dia 20 MESAS-REDONDAS BLOCO 2 | Dia 21 MESAS-REDONDAS BLOCO 3 | Dia 22 MESAS-REDONDAS BLOCO 4 |
|---|--|--|--|
| TRADUÇÃO, FILOSOFIA E TEORIA LITERÁRIA Márcio Seligmann-Silva (UNICAMP) Evando Nascimento (UFJF) Maurício Cardozo (UFPR, moderação) SALA 1100 - ED. D. PEDRO I | TRADUÇÃO DE POESIA NO BRASIL Paulo Henriques Britto (PUC-Rio) Álvaro Faleiros (USP) Walter Costa (UFSC, moderação) SALA 1100 - ED. D. PEDRO I | TRADUÇÃO, POESIA E TEORIA LITERÁRIA Marcelo Jacques de Moraes (UFRJ) Paula Glenadel Leal (UFF) Marcelo Paiva de Souza (UFPR, moderação) SALA 1100 - ED. D. PEDRO I | LITERATURA BRASILEIRA E HISPANO-AMERICANA: RELAÇÕES EM TRADUÇÃO Roberto Echavarren (New York University) Pablo Rocca (Universidad de la República, Uruguai) Raquel Illescas Bueno (UFPR, moderação) SALA 1100 - ED. D. PEDRO I |
| POÉTICAS E CONCEITOS DO ESPAÇO LITERÁRIO Luís Alberto Brandão (UFMG) Paulo Astor Soethe (UFPR) Nylcéa Pedra (UFPR, moderação) SALA 1000 - ED. D. PEDRO I | A ESCRITA NÔMADE Raúl Antelo (UFSC) Antonio Dimas (USP) Isabel Jasinski (UFPR, moderação) SALA 1000 - ED. D. PEDRO I | COMUNIDADES, ITINERÁRIO DE UMA QUESTÃO João Camilo Pena (UFRJ) Jonathan Degeneve (Univ. de Paris III) Sandra Stroparo (UFPR, moderação) SALA 100 - ED. D. PEDRO I | FICÇÃO CONTEMPORÂNEA Helena Bonito (Univ. Presb. Mackenzie) Regina Dalcastagnè (UnB) Paulo Venturelli (UFPR, moderação) SALA 1000 - ED. D. PEDRO I |
| PERIODISMO LITERÁRIO Álvaro Simões (UNESP-Assis) Maria Lúcia Barros Camargo (UFSC) Adeílato Manoel Pinho (UEFS, moderação) SALA 900 - ED. D. PEDRO I | DIÁLOGOS DA MODERNIDADE E DA PÓS-MODERNIDADE Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros (UFSC) Patrícia Cardoso (UFPR) Zênica de Faria (UFG, moderação) SALA 900 - ED. D. PEDRO I | A NOÇÃO DE MARGINAL NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: REPRESENTAÇÕES, LEITORES E LINGUAGENS Fernando Villarraga-Eslava (UFSM) Tânia Pellegrini (UFSCAR) Benito Rodriguez (UFPR, moderação) SALA 1000 - ED. D. PEDRO I | TÃO LONGE, TÃO PERTO DE SI – TRANSPARÊNCIA E OPACIDADE NAS VOZES NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS Diana Irene Klinger (UFF) Luciene Almeida de Azevedo (UFBA) Arnaldo Franco Júnior (UNESP-Rio Preto, moderação) SALA 900 - ED. D. PEDRO I |
| POESIA CONTEMPORÂNEA Pedro Serra (Universidad de Salamanca) Marcelo Sandmann (UFPR) Waltencir Alves de Oliveira (UFPR, moderação) SALA 800 - ED. D. PEDRO I | LITERATURA COMPARADA HOJE Sandra Nittrini (USP) Adriana Crolla (Universidad Nacional del Litoral) Rita Schmidt (UFRGS, moderação) SALA 800 - ED. D. PEDRO I | POÉTICAS ORAIS EM FACE AOS ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURAIS Frederico Augusto Garcia Fernandes (UEL) José Guilherme Fernandes (UFPA) Silvana Oliveira (UEPG, moderação) SALA 900 - ED. D. PEDRO I | HISTÓRIA DA LITERATURA NO BRASIL Roberto Acízelo de Souza (UERJ) Carlos Alexandre Baumgarten (FURG) José Luís Jobim (UERJ/UFF, moderação) SALA 800 - ED. D. PEDRO I |
| LITERATURA E MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO Ana Laura dos Reis Correia (UnB) Luís Ricardo Leitão (UERJ) Milena Martins (UFPR, moderação) SALA 700 - ED. D. PEDRO I | JAMES JOYCE - BETWEEN TWO WORLDS Finn Fordham (Royal Holloway University of London) Caetano Galindo (UFPR) Renata Telles (UFPR, moderação) SALA 600 - ED. D. PEDRO I | FAZENDEIROS, VAQUEIROS E “CAMARADAS” NO ROMANCE BRASILEIRO DO SÉCULO XIX Eduardo Vieira Martins (USP) Fernando C. Gil (UFPR) Rogério Lima (UnB, moderação) SALA 800 - ED. D. PEDRO I | ENSINO DE LITERATURA E FORMAÇÃO NA ÁREA DE LETRAS Miguel Sanches Neto (UEPG) José Helder Pinheiro Alves (UFCG-PB) Gilberto Castro (UFPR, moderação) SALA 100 - ED. D. PEDRO I |
| DRAMATURGIA BRASILEIRA: ENTRE O CONVENCIONAL E O PÓS-DRAMÁTICO Stephan Arnulf Baumgartel (UDESC) Antonia Pereira (UFBA) Walter Lima Torres Neto (UFPR, moderação) SALA 600 - ED. D. PEDRO I | O NEGRO NO MODERNISMO BRASILEIRO Antonio Arnoni Prado (UNICAMP) Luiz Roncari (USP) Luís Bueno (UFPR, moderação) SALA 100 - ED. D. PEDRO I | O ESTUDO DA DRAMATURGIA NO CURSO DE LETRAS Marta Moraes da Costa (UFPR) João Roberto Gomes de Faria (USP) Marilene Weinhardt (UFPR, moderação) SALA 700 - ED. D. PEDRO I | RETÓRICA E PAGANISMO Marília Pulquério Futre Pinheiro (Univ. de Lisboa) Francisco Marshall (UFRGS) Rodrigo Gonçalves (UFPR, moderação) SALA 600 - ED. D. PEDRO I |
| NO CORAÇÃO DA HILÉIA: ROGER CASEMENT E EUCLIDES DA CUNHA Francisco Foot Hardman (UNICAMP) Angus Mitchell (University of Limerick, Irlanda) Luiz Carlos Simon (UEL) SALA 100 - ED. D. PEDRO I | | IDENTIDADES E LITERATURA NA ANTIGUIDADE Francesca Mestre (Universitat de Barcelona) Fábio Faversani (UFOP) Alessandro R. de Moura (UFPR, moderação) SALA 600 - ED. D. PEDRO I | |

PROGRAMAÇÃO DAS SESSÕES PLENÁRIAS

Segunda-feira, 18 de julho de 2011 – Teatro da Reitoria

SOLEINIDADE DE ABERTURA – 19h

CONFERÊNCIA INAUGURAL – 19h30

World Literature and Chronicles of European Time

AIJAZ AHMAD

(Centre of Contemporary Studies - Nehru Memorial Museum and Library, Índia)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Teatro da Reitoria

CONFERÊNCIA MAGNA – 17h

Literature and the Challenge of Living together.

Ethics and Aesthetics of Literature and Literary Criticism at a Global Scale

OTTMAR ETTE

(Universität Potsdam, Alemanha)

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Teatro da Reitoria

CONFERÊNCIA MAGNA – 17h

Deslocamentos: o romance como gênero inter-nacional

SANDRA VASCONCELOS

(Universidade de São Paulo, Brasil)

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Teatro da Reitoria

ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DA ABRALIC – 17h

Pauta:

1. Balanço da gestão 2009-2011;
2. Eleição da diretoria e conselho para o biênio 2012-2013;
3. Assuntos gerais.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Teatro da Reitoria

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO – 17h

Comparative Literary Studies into the 21st Century:
Globalizing *Proposals* from Older Continents

JOSÉ LAMBERT

(Université de Leuven, Bélgica / Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)

Programação das Mesas-Redondas MANHÃ – 8h30-10h

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 100

NO CORAÇÃO DA HILÉIA: ROGER CASEMENT E EUCLIDES DA CUNHA

BETWEEN LITERATURE, BIOGRAPHY AND HISTORY: INTERDISCIPLINARY CONFLICTS IN THE FACTIONAL CONSTRUCTION OF ROGER CASEMENT

Angus Mitchell (University of Limerick, Irlanda)

Interpretations of the life of Roger Casement are significant for their differences and controversies. To some, his investigation of atrocities in the Congo and Amazon are exalted as an important step towards the universalisation of the language of rights. For others, he is persistently demonised for his treason against the British empire, his pro-Germanism, his revolutionary anti-colonialism and the sexual deviancy described in the Black Diaries. While no one denies the interdisciplinary and transnational attraction of Casement's life and legacy, the construction of his meaning is the consequence of deeply embedded political and cultural factionalisms. This paper will consider the interdisciplinary conflicts arising from Casement's meaning and demonstrate how paradigmatically conflicting Casements are responses to specific cultural concerns and localised history wars. The careful management and framing of Casement's meaning is conditional upon a combination of secrecy, propaganda, national honour and political expediency. Literature has served as the vehicle for codifying and revealing truths, myths and rumours about the man. Casement's influence upon some of the great literary modernists of the age, including Joseph Conrad, George Bernard Shaw, James Joyce and W.B. Yeats and, most recently, his fascination for Mario Vargas Llosa, hints at the importance and appeal of his story. Historians, however, have been in the main cautious about his historical subjectification, preferring ambiguity and silence to clarity and transparency. His interpretation can unsettle the pursuit of historical certainty and raises awkward questions about the very authenticity of the discipline. Between literature and history lie a stream of biographies, which seek to accommodate the different twists and turns in his meaning and management. But what do these biographies tell us about the interface between fact and fiction? In conclusion, this paper will highlight some of the potential hermeneutical dangers awaiting those who engage with Casement's life following his re-awakening into South America's literary and historical imagination.

O ZERO E O INFINITO: A AMAZÔNIA DE EUCLIDES E OS IMPASSES DA REPRESENTAÇÃO

Francisco Foot Hardman (UNICAMP)

Os escritos amazônicos de Euclides da Cunha, publicados esparsamente entre 1904 e 1909, estiveram muito tempo à margem da história literária, por vários motivos. Entender o processo dessa exclusão pode ser hoje mais que interessante. Além da prática arqueológica implícita nesse exercício, até mesmo em relação ao conjunto de sua obra, vale buscar nesses textos a matriz figuradora do tópos do "inferno verde", logo disseminada por Alberto Rangel, José Eustasio Rivera e Ferreira de Castro, entre outros escritores. Se a expedição euclideana rumo aos sertões amazônicos retoma a melhor tradição da literatura dos viajantes, nela encontraremos também a visão da paisagem entre o excesso e o vazio, a qual já fascinara tantos cronistas antigos e tinha na América Latina a marca emblemática da prosa de Sarmiento. A violência incontida da natureza reproduz-se na brutalidade primária da história. Transportar para o mundo da linguagem esse "paraíso perdido" mas determinado é revelador dos impasses da representação realista no século XX. Se a ciência e o Estado poderiam oferecer instrumentos de domínio sobre a selva, a literatura já não. Permanecia assim na sombra, entre os fantasmas de uma nacionalidade difícil de demarcar.

Luiz Carlos Simon (UEL) – MODERAÇÃO

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 600

DRAMATURGIA BRASILEIRA: ENTRE O CONVENCIONAL E O PÓS-DRAMÁTICO

ALTERIDADE, MEMÓRIA E NARRATIVA: CONSTRUÇÕES DRAMÁTICAS E EXPLORAÇÕES CÊNICAS

Antonia Pereira (UFBA)

A presente conferência enseja problematizar as diversas possibilidades e utilidades da narrativa enquanto instrumento e meio privilegiado de encontrar e compreender o outro; de atribuir sentido à experiência vivida. A partir de três textos/espetáculos de minha autoria - “A Morte Nos Olhos”, “A Memória Ferida” e “Na Outra Margem” - discuto a eficácia simbólica da narrativa e suas contribuições num sentido psicológico, em primeiro lugar (integração psicológica); num sentido sociológico, em segundo lugar (integração sociológica) e num sentido antropológico, finalmente (integração antropológica). Não busco, para tanto, mitos que vivem e renascem de palavras incessantemente repetidas e modificadas pelas subjetividades dos narradores, atores sociais do cotidiano. Os mitos explorados em minha investigação são definitivamente fixados em três textos dramáticos. Trata-se, por conseguinte, de História de Vida, (re)significada em narrativa de ficção. Tal trajeto é efetuado em função das minhas exigências estéticas e do meu objetivo primordial, qual seja: conferir à pesquisa uma dimensão eminentemente dramatúrgica e cênica.

A PARALISIA DO DRAMA: CONSERVADORISMO E NOSTALGIA NA CRISE DA DRAMATURGIA DRAMÁTICA BRASILEIRA

Stephan Arnulf Baumgartel (UDESC/CNPq)

Esta palestra apresenta alguns elementos que justificariam o surgimento de uma crise da mimese do formato dramático na dramaturgia brasileira a partir dos anos 80 e discute a dificuldade dessa dramaturgia em absorver traços de uma escrita não-mais representacional ou até performativa. Essa dificuldade se manifesta na ausência tanto de uma concepção clara da noção de performatividade textual teatral quanto de textos teatrais que incorporem características de uma performatividade textual. De um ponto de vista histórico, mesmo que se perceba, a partir do fim dos anos 80, no meio teatral uma consciência de que o modelo textual rigorosamente dramático não consegue mais captar nem a dinâmica da sociedade brasileira nem as experiências e vivências de uma boa parte da sua população, isso não levou à criação de uma vertente não-dramática ou performativa no cenário da dramaturgia brasileira. Através da análise de cenas de dois textos de autores consagrados – Luiz Alberto de Abreu e Fernando Bonassi – será discutido concretamente a problemática relação entre a manutenção de uma mimese representacional no interior de um formato textual não-dramático, para detectar nessa relação uma atitude bastante conservadora e até nostálgica da dramaturgia brasileira em relação à subjetividade humana inscrita na forma dramática.

Walter Lima Torres Neto (UFPR) – MODERAÇÃO

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 700

LITERATURA E MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO

A PRESENÇA DO POVO NA LITERATURA BRASILEIRA

Ana Laura dos Reis Correia (UnB)*

Neste debate, pretendemos discutir de que forma o povo está presente na literatura brasileira, considerando tanto o problema da representação artística da realidade, quanto o do acesso do povo à literatura produzida no Brasil. A discussão proposta baseia-se no trabalho realizado pelos educadores da área de Linguagens (Literatura Brasileira, Teatro, Música, Artes Visuais e Língua Portuguesa) do curso de Licenciatura em Educação do Campo em conjunto com os estudantes advindos dos movimentos sociais do campo. A construção desse processo formativo no interior da universidade e em parceria com os movimentos sociais insere-se na discussão mais ampla do direito à literatura e do seu lugar nos movimentos sociais e na esquerda brasileira e nos interpela acerca do caráter instrumentalizador frequentemente atribuído à crítica das formas estéticas, seja pelo institucionalismo e isolamento da vida acadêmica em relação à sociedade e às classes populares, seja pela posição secundária e, às vezes, utilitária da arte como ferramenta aplicada de forma imediata pelos movimentos sociais e pela tradição da esquerda brasileira. A partir disso, nos perguntamos: qual literatura fala do povo e para o povo? Apenas a popular? Apenas a engajada? Os limites entre a literatura considerada erudita e a literatura dita popular são mesmo tão claros a ponto de que se possa definir qual literatura é destinada ao povo? Esses limites são exclusivamente estéticos, ou, exatamente por serem estéticos, impõem-se também como sociais, econômicos e históricos? Procurando enfrentar essas questões a partir da leitura do texto poético, buscamos compreender como os elementos estéticos partem da vida do povo e depois retornam a ela já elaborados e trabalhados pela consciência poética em dimensão de totalidade dialética, que não é mais verdadeira que a vida do povo, apenas é mais condensada, uma vez que as contradições internalizadas na forma estética são vividas na objetividade social, embora sejam negadas à consciência subjetiva. Por isso, o trabalho com a literatura brasileira reclama uma abordagem também dialeticamente integradora que leve em conta tanto a autonomia da arte quanto a sua capacidade de internalizar de forma mediada as tensões da vida concreta para representá-la artisticamente. *Trabalho desenvolvido em co-autoria com Bernard H. Hess (UnB) e Deane M. Fonsêca de Castro e Costa (UnB).

O CAMPO E A CIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA

Luís Ricardo Leitão (UERJ)

Em meio a uma crescente luta pela democratização do ensino em nossa terra, caberá à Mesa promover uma reflexão mais crítica sobre um tema crucial para os combatentes do povo: por que e para que devemos estudar, ou melhor, apropriar-nos coletivamente da Literatura Brasileira? Quais são os escritores e escritoras malditos ou benditos que os manuais escolares nem sempre destacam? Que contribuição eles nos trazem, com suas imagens e invenções artísticas, para uma revisão crítica da formação socioespacial desta terra? E que gêneros literários de origem essencialmente popular têm sido ignorados pela Academia, ciosa de suas convenções e de seus laços ambíguos com o poder, mas deveriam ser compartilhados de forma mais crítica e exaustiva pelos jovens estudantes de milhares de acampamentos, assentamentos e ocupações rurais ou citadinas de norte a sul do Brasil? Instância privilegiada de representação dos elementos urbanos e agrários no imaginário coletivo nacional, a Literatura é também uma ferramenta que deve servir à socialização da vasta produção literária de nosso povo no seio do movimento social. E que, se possível, ajude as organizações populares do campo e da cidade a refletir, por meio de uma interlocução mais estreita com alguns de nossos principais autores, sobre a singular trajetória espacial de Bruzundanga, este país-continente no qual o latifúndio e os monopólios, sob contínuos atritos e recomposições, ditaram os rumos de uma experiência periférica e dependente de desenvolvimento capitalista, reprimindo sem nenhum pudor as lutas e – sobretudo – a unidade dos trabalhadores da terra, do morro e do asfalto.

Milena Martins (UFPR) – MODERAÇÃO

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 800

POESIA CONTEMPORÂNEA

ANTOLOGIAS, CÂNONE E CLÁSSICO

Pedro Serra (Universidad de Salamanca)

Resumo

COLHENDO FLORES NO ASFALTO: ALGUMAS ANTOLOGIAS DA POESIA BRASILEIRA RECENTE

Marcelo Sandmann (UFPR)

Tornou-se lugar comum falar na atomização da poesia brasileira recente. A proliferação de autores e dos meios de difusão torna tarefa difícil acompanhar tudo o que se produz, quanto mais definir e avaliar agrupamentos e tendências. Mas às forças centrífugas, contrapõem-se outras, centrípetas, que delimitam territórios, elegem protagonistas e sugerem hierarquizações. Podem ser percebidas nas revistas (eletrônicas ou impressas), encontros de poesia (de natureza acadêmica ou extra-acadêmica), ou, o que será o objeto do presente estudo: nas “antologias”. Mesmo nos casos em que a abertura à diversidade se explicita como crivo, não se foge ao fato de que um editor, um organizador, um curador, ou um coletivo deles, inclui/exclui autores e textos. O que se pretende aqui, portanto, é abordar algumas antologias da poesia brasileira recente a partir de algumas indagações: que critérios, explícitos ou implícitos, norteiam as escolhas feitas por seus organizadores? Quem são estes, afinal, e o que lhes confere autoridade? Há poetas e textos recorrentes? É possível perceber a que linhas de força da poesia dão continuidade e/ou se contrapõem?

Waltencir Alves de Oliveira (UFPR) – MODERAÇÃO

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 900

PERIODISMO LITERÁRIO

PRIMEIRAS REAÇÕES DA IMPRENSA AO DECADENTISMO PORTUGUÊS (1890)

Álvaro Simões (UNESP-Assis/CAPES/CNPq)

O decadentismo português inicia-se em 1890 com a publicação de duas obras poéticas: Oaristos, de Eugênio de Castro, e Azul, de António de Oliveira Soares. A obra de Castro, cujo estranho nome deriva da epígrafe do poeta maldito Paul Verlaine, vem à luz com ousadias lexicais e métricas e com um provocativo prefácio em que o autor, em seus verdes vinte e um anos, declara orgulhosamente não contar com “o favor do público nem os louvores da imprensa” e afirma corajosamente que a poesia de seus contemporâneos portugueses “assenta sobre algumas dezenas de coçados e esmaiados lugares comuns”. A reação da imprensa não se faz esperar; logo surgem em jornais e revistas textos críticos sobre a literatura “decadente”. Se os críticos tratam Castro e Oliveira Soares com certa consideração e respeito, sem prejuízo de mordaz ironia na maioria dos casos, os satíricos não têm pudores em utilizar contra os poetas novos, - especialmente contra o autor de Oaristos, - todo o sarcasmo de que dispõem. Assim, surge a figura de Gustavo Cano, poeta decadente, e os poemas paródicos de Yvaristus, que são publicados com destaque pelo diário Novidades, de Lisboa, e depois reproduzidos pela revista A Ilustração, publicada em Paris. Importa considerar, mediante a análise de resenhas, artigos e paródias, como são assimiladas as propostas de inovação poética dos decadentes e que valores ou práticas rotineiras são ameaçados pela nova poesia.

SOBREVIVÊNCIAS, OU O FIM DAS REVISTAS LITERÁRIAS COMO ELAS ERAM

Maria Lúcia Barros Camargo (UFSC)

Resumo

Adeíto Manoel Pinho (UEFS) – MODERAÇÃO

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1000

POÉTICAS E CONCEITOS DO ESPAÇO LITERÁRIO

PARA UMA TEORIA DAS IMAGENS LITERÁRIAS DE ESPAÇO

Luís Alberto Brandão (UFMG)

Mediante a apresentação de imagens e cenas extraídas da obra de escritores como Georges Perec, Edwin Abbott, Franz Kafka, Joan Brossa, Giorgio Manganelli, João Gilberto Noll, Lewis Carroll, pretende-se demonstrar o quão complexo é o debate que a literatura moderna suscita sobre a categoria espaço. Trata-se de averiguar e indagar maneiras como, a partir da experiência proporcionada pela leitura dos textos, se podem efetuar prospecções teóricas concernentes à feição espacial da literatura, sobretudo no que tange às seguintes problemáticas e seus desdobramentos: representação do espaço, estruturação espacial, espaço como focalização, espacialidade da linguagem.

ESPAÇO E MOBILIDADE: VETORES CULTURAIS NO MEDIUM DA LITERATURA

Paulo Astor Soethe (UFPR)

Com base em exemplos das literaturas brasileira e alemã, pretende-se apresentar reflexões teóricas acerca da noção de cultura, conduzidas sob a dicção literária. A radicação dessas reflexões em dados da percepção do espaço e da mobilidade figurados sob a conformação estética da linguagem natural evidencia o empenho de autores em inserir a literatura em debate teórico amplo e, mais que isso, em afirmar a contribuição específica dos textos literários enquanto *medium* de uma “consciência dos sentidos” – ainda ausente em diversas práticas reflexivas.

Nylcéa Pedra (UFPR) – MODERAÇÃO

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1100

TRADUÇÃO, FILOSOFIA E TEORIA LITERÁRIA

TRADUZINDO O INTRADUZÍVEL: ENTRE LITERATURA E FILOSOFIA

Evando Nascimento (UFJF)

O tradutor como mediador. A tradução não apenas seria mais uma área do saber nem simplesmente mais uma prática competente, embora também o seja. Ela é o espaço-tempo entre as línguas e culturas, o lugar da verdadeira universalidade e do cosmopolitismo não simplesmente “humanista” (eurocêntrico). Um lugar de trânsito entre culturas, o entredois do discurso literário e do filosófico. O texto traduzido é sempre um híbrido de pelo menos duas culturas (há sempre mais de uma língua implicada): traz necessariamente as marcas (visíveis ou invisíveis) do texto-cultura de partida e as marcas do texto-cultura de chegada. A maior ou menor invisibilidade do idioma e da cultura estrangeira depende do teor menardiano (de Pierre Menard, de Borges) da tarefa do tradutor. Tarefa de supervivência dos textos e culturas: qu e seria de Platão e Aristóteles sem seus copistas e tradutores árabes e latinos, germânicos e mesmo nipônicos? A sobrevivência dos textos (literários ou não) dependem do idioma do outro, de sua mono ou plurilíngua. Traduzir o intraduzível: o que resta a traduzir? O resto: sempre por traduzir, irreduzível. O impossível não tem tradução: lugar do segredo, da idiomaticidade do idioma. Tal seria o verdadeiro desafio do pensamento.

Essas questões serão pensadas sobretudo a partir de Walter Benjamin, Jacques Derrida, Goethe, Paul Ricoeur e Haroldo de Campos.

UM TRADUTOR É UM ESCRITOR DA SOMBRA? VARIAÇÕES SOBRE A ONTOLOGIA DA TRADUÇÃO

Márcio Seligmann-Silva (UNICAMP)

O texto explora a ideia de secundidade, de derivação submissa da obra do tradutor. Para tanto, ele se apropria da expressão da tradutora francesa Claude Demanueli “Un traducteur est un écrivain de l’ombre” e explora as possíveis relações que pode-se estabelecer entre o reino das sombras e o da tradução. Nesse ponto o ensaio serve-se da obra de alguns filósofos e escritores. O périplo pelo reino das sombras vem até nossos dias, quando é introduzido na reflexão a questão da desconstrução dessa tradição. Nesse ponto Walter Benjamin e Vilém Flusser ajudam a exorcizar essas sombras, ou a sombra dessas sombras.

Mauricio Cardozo (UFPR) – MODERAÇÃO

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 100

O NEGRO NO MODERNISMO BRASILEIRO

MODERNISMO EM ALGUNS FLAGRANTES DA ESCRAVIDÃO (GILBERTO FREYRE)

Antonio Arnoni Prado (UNICAMP)

O texto busca configurar alguns aspectos da obra crítica de Gilberto Freyre, publicados entre as décadas de 1920 e 1940, ajustando-os à perspectiva paraficcional (se é possível dizer assim) utilizada pelo autor de Casa grande & senzala, com vistas a fazer circular os tipos humanos da escravidão e assim convertê-los em autênticas personagens literárias, verdadeiros arquétipos desumanizados a demonstrar, em grau extremo, os níveis de crueldade impostos pelos latifundiários da Colônia.

A FIGURAÇÃO DA MULHER NEGRA NOS POEMAS: “POEMAS DA NEGRA”, DE MÁRIO DE ANDRADE, E “CANTO NEGRO”, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Luiz Roncari (USP)

Neste trabalho comparativo pretendo analisar a forma da presença da mulher negra nos poemas de Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. A partir das diferenças e pontos comuns das duas representações, procurarei apreciar o que cada uma traz de singular e contribui para questionar ou mudar os estereótipos construídos sobre ela. O que despertou o interesse pela pesquisa foram as observações muito pertinentes de Gilda de Mello e Souza sobre a figura da prostituta na pintura de Di Cavalcanti, no ensaio “Vanguarda e nacionalismo na década de vinte”.

Luís Bueno (UFPR) – MODERAÇÃO

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 600

JAMES JOYCE - BETWEEN TWO WORLDS

A WAKE BETWEEN TWO WORLDS

Finn Fordham (Royal Holloway University of London)

James Joyce imagined his final book *Finnegans Wake* might one day be perused by a child in Nepal and that the child would be amazed to find his local river named among its pages. He could just as well have imagined a Brazilian child, since it contains plenty of Brazilian elements too (as Antonio Carlos de Araujo Cintra has ably shown). Joyce seems to have crammed elements from all around the Babelian world into his book, as if laying before us evidence of a new global imaginary. The evidence has not been easy to interpret: our world and the *Wake's* world seem to coincide only rarely. But they have nonetheless done so persistently: Joyce's vision has endured and the audience for *Finnegans Wake* is now, in a very particular sense, global. Joyce's work was embodied in a new world for linguistic exploration: and it continues its work by producing a new kind of audience in the world. My talk will explore some of the Brazilian elements in *Finnegans Wake* (the river Amazon, the Irish myth of Hy-Brazil, the trans-Atlantic explorers of the 15th and 16th Centuries) in order to discuss the relation between comparative literature and the global imaginary and how Joyce explores the space between two worlds – the real and imagined, the local detail and the universal gesture, the old and the new.

ODISSEU ENTRE UM E SER BLOOM

Caetano Galindo (UFPR)

Dentre as consideráveis coincidências, ou recorrências de temas, imagens e ideias entre as mentes aparentemente tão díspares de Leopold Bloom e Stephen Dedalus, protagonistas do *Ulysses* de James Joyce, uma se destaca pela importância (para usarmos um termo caro a outro Bloom: o crítico Harold) "sapiencial". Trata-se de uma reflexão sobre o espelhamento, no mundo, dos olhos do contemplador. Em Dedalus, sob chave literária; em Bloom, no tom do bom-senso, chegando ambos à conclusão de que vemos o que somos. Esta fala pretende aprofundar essa ideia e demonstrar que uma extensão lógica de suas mesmas possibilidades pode ser também uma das maneiras mais interessantes e mais romanescamente "honestas", de explicar uma relevante parcela do arsenal "técnico" do romance de Joyce, que, ele também, se transforma textual e necessariamente em reflexos do dia, das vozes e mentes que aborda.

Renata Telles (UFPR) – MODERAÇÃO

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 800

LITERATURA COMPARADA HOJE

LINEAS DE LA LITERATURA COMPARADA EN LA UNIVERSIDAD ACTUAL: ¿UN PARADIGMA POSIBLE PARA LEER LA GLOCALIDAD?

Adriana Crolla (Universidad Nacional del Litoral - Argentina)

La globalización ha abierto nuevas oportunidades lo que obliga al desarrollo de nuevos ángulos interpretativos para analizar las disimilitudes, los conflictos y límites del sistema y el modo en que los contextos locales de interpretación se modifican y automodifican en el encuentro con lo global. El término "glocalismo", acuñado por Robertson en los 80, nos parece paradigmático y operativo para explicar las nuevas empresas que en las universidades entrelazan dos pulsiones aparentemente antagónicas hacia el localismo y lo transnacional. Atravesados por estas tensiones, los comparatistas y los espacios disciplinares donde ejercemos nuestras prácticas, en espacios universitarios que hoy más que nunca parecen constituirse en "multiversidades" en acción, nos impulsan a la promoción de nuevos "límites" que permitan superar paradigmas perimidos, articular y extender puentes de cooperación inter y transdisciplinares, y replantear los mecanismos que gestan las relaciones del saber a fin de encarar acciones más efectivas en la redefinición de las nuevas geopolíticas del conocimiento desde un paradigma "glocal".

REVISITANDO A LITERATURA COMPARADA NO BRASIL

Sandra Nitrini (USP)

Retomar-se-á a discussão que se tornou uma espécie de topos nas assembléias da ABRALIC desde os anos de 1990, incluindo-se uma das mesas redondas do Encontro Preparatório para este Congresso, e que está diretamente relacionada à questão complexa e problemática definição do objeto da Literatura Comparada. Será que Croce não tinha razão quando dizia que o adjetivo "comparada", que deveria estabelecer a especificidade de um campo dos estudos literários, não passa de um pleonasmo? Vale dizer, a literatura comparada não constitui outra coisa senão a história, a crítica literária. Em tempos de interdisciplinaridade, em tempos em que já se tornaram clássicos conceitos como "dialogismo" e "intertextualidade" para ficarmos apenas nesses, será ainda pertinente mantermos rígidas fronteiras entre "literatura comparada" e literatura *tout court*?

Rita Schmidt (UFRGS) – MODERAÇÃO

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 900

DIÁLOGOS DA MODERNIDADE E DA PÓS-MODERNIDADE

TEXTO ENCONTRADO E LINGUAGEM NÃO EXPRESSIVA

Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros (UFSC)

Publicado em 2010, o livro "Unoriginal Genius: Poetry by Other Means in the New Century", da crítica norte-americana Marjorie Perloff, discute poéticas contemporâneas, entre elas a do "found text", tomando como referência, entre outros, teóricos como Walter Benjamin e artistas como Susan Howe, além dos concretistas brasileiros. O "texto encontrado" remete diretamente à era digital e aos textos infinitamente citados na rede mundial. Assim, uma nova fase da literatura se abre aos autores "não originais" da atualidade e aos praticantes da escrita conceitual, que explora as possibilidades da linguagem não expressiva, registrada na primeira antologia de escrita conceitual, "Against Expression", editada por Craig Dworkin and Kenneth Goldsmith. Das criações pioneiras de Marcel Duchamp às de Samuel Beckett, das palavras de Augusto de Campos às de Charles Bernstein, tudo está migrando continuamente.

A LINGUAVIAGEM DE BERNARDO SOARES E HAROLDO DE CAMPOS

Patrícia Cardoso (UFPR)

Escrevendo a propósito de Guimarães Rosa, Haroldo de Campos observava que, da contribuição matricial de James Joyce para a literatura moderna, pequeno teria sido o investimento, por parte dos autores que aderiram às propostas joyceanas, no enfrentamento do “problema da linguagem”. A submissão do léxico a um processo de transfiguração, “marco de um desafio temível”, seria o ponto alto que poucos depois de Joyce teriam alcançado, entre outras coisas, por falta de empenho ou excesso de zelo em envolver-se demais na “revolução joyceana”. Levando-se em conta esta compreensão de Campos, um projeto como *Galáxias* pode bem ser visto como a assunção daquele desafio, principalmente quando se observa nessa obra a proeminência do trabalho com o léxico e seus desdobramentos semânticos. Mas se para o autor esse é o aspecto em que melhor se observa o caráter revolucionário da literatura moderna, não se pode deixar de lado um outro elemento, também presente em *Galáxias*, igualmente importante na constituição desse perfil: a vinculação da quebra da linearidade a um discurso que seria a encarnação, no verbo, da condição do sujeito moderno, cuja identidade é dada pela provisoriedade e pela indefinição. Levando-o em conta, nesse cenário em que a revolução dá o tom, Fernando Pessoa surge para assumir o lugar de Joyce e completar a atmosfera de radicalidade que tanto interessou a Haroldo de Campos. Pulverizado em muitos, semi-transformado em outro, no Bernardo Soares de *O livro do desassossego*, Pessoa, como Haroldo de Campos, aposta no texto literário, no espaço em que o sujeito, e as imagens que de si projeta, amalgama-se com a linguagem, como estratégico para a encenação e superação daquela provisoriedade: “um livro onde tudo seja não esteja”. A proposta desta comunicação é discutir o modo como em *Galáxias* e *O livro do desassossego* articula-se a relação entre sujeito (moderno) e linguagem (moderna).

Zênia de Faria (UFG) – MODERAÇÃO

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1000

A ESCRITA NÔMADE

MOMENTOS DECISIVOS: GILBERTO FREYRE NOS EUA, ENTRE 1918 E 1922

Antonio Dimas (USP)

Resumo

SÓ CENTROS: ELIPSES

Raúl Antelo (UFSC)

Centro, centros? Poderíamos remedar a definição que Clarice Lispector nos dá dos espelhos e dizer que não existe a palavra centro. Só centros, pois um único é uma infinidade de centros. “É preciso entender a violenta ausência de cor de um espelho—aliás, de um centro—para poder recriá-lo assim como se recriasse a violenta ausência de gosto da água”. O modernismo chamou a água de centro. Atribuiu-lhe consistência, dinamismo, duração, autonomia. Deu-lhe o nome de rua, cidade, literatura. Com ecos de Heidegger e antecipando Deleuze, Flávio de Carvalho dizia, no entanto, que a rua e a praça são produtos da floresta e não são produtos do desenvolvimento da cidade, como muitos imaginam. “A rua e a praça nasceram na floresta como consequência dos primeiros movimentos do homem, muito antes de aglomerações de vivendas. A rua é um produto do (...) ritmo do Soluço”. Se a cidade deriva da floresta, em lugar desta ser produto daquela, como sempre sustentou a crítica modernista, não há centro, não há metrópole-mestra, não há sistema. Ao se constituir com o Barroco, a literatura latino-americana seria então uma expressão da luxúria do homem na cidade, como argumenta Flávio de Carvalho, em consonância, aliás, com Oswald de Andrade e com o luxo/lixo pós-utópico. Nas “Notas para a reconstrução de um mundo perdido” (1957), muito antes, portanto, do sequestro da Formação (com centro) de Candido ou da transculturação (homogênea) de Rama, Flávio argumenta que “o Barroco substituiu o recalque de centenas de anos de cristianismo” e substituiu também “as necessidades orgiásticas e os feitos violentos do culto do Herói afastado, porque o Barroco era essencialmente lúbrico”. A idéia só se tornaria mais concreta, em 1964, graças a Clarice Lispector, quem achava existirem dois tipos de vida (“Dois modos”, dois centros): uma vida imediata (ou ativa: o Bem) e uma vida da escritura (ou passiva: o Mal), em que as imagens “se escrevem” ao mesmo tempo em que são sentidas”. Água viva. A imagem de que se compõe esse ser passivo é a imagem imitada e repetida, o mundo da Pantomima: ela exhibe a vida anterior ao Medo e contém “os atributos do Sonho, da Solidão e do mundo tenebroso do início do Crime”, daí que, em sua imanência absoluta, escrever seja “lembrar-se do que nunca existiu”, mesmo porque a leitura é anterior à escrita e esta, anterior à fala; portanto, escrever não passa de redigir notas para a reconstrução de um mundo sem centro, apontando sempre a radical in-operância da máquina antropológica, uma vez que nem a criança, nem o alienado, nem o primitivo – os pós-tipos (blanchotianos) do homem do Começo, como os chamava Flávio – receiam a morte. Ao contrário, ela oferece “potência sobre todas as coisas, atributos telúricos da vida”. Associando então o arcaico e o atual, o homem contemporâneo praticaria a alegria oswaldiana, a abgioia (Pasolini, *La rabbia*, 1963), ciente de que a pobreza, a falta de emprego, a falta de casa, a falta de alimentos, o deslocamento nômade, provocam, como dizia também Flávio, o advento do crime e são “as condições características dos povos subdesenvolvidos”, isto é, as condições da proto-história. Como somente a passividade imanente do primeiro Soluço e o abandono simultâneo do Bailado do Silêncio poderiam fornecer a base dinâmica da Pantomima, como movimento ligado à descoberta da própria imagem no espelho, “a floresta foi o grande espelho do homem do Começo” e, ao mesmo tempo, “a pantomima persistente e imitativa, funcionando como um espelho, conduziu o homem rumo à cultura”.

Isabel Jasinski (UFPR) – MODERAÇÃO

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1100

TRADUÇÃO DE POESIA NO BRASIL

A TRADUÇÃO DE POESIA NO BRASIL: A INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO

Álvaro Faleiros (USP)

A tradução de poesia no Brasil é, em geral, compreendida como a tradução de uma forma, como ilustra bem a postura adotada tanto pelos poetas transcriadores Haroldo e Augusto de Campos, quanto pelos defensores de abordagens textuais, como Paulo Vizioli, Mário Laranjeira e Paulo Henriques Britto. Nosso intuito é discutir, por um lado, as origens desse pensamento hegemônico no contexto brasileiro e, por outro, as implicações dessa postura, sobretudo a determinação do modo de recepção de determinadas poéticas no Brasil.

A TRADUÇÃO DO ‘VERSO LIBERADO’ DO MODERNISMO ANGLO-AMERICANO

Paulo Henriques Britto (PUC-Rio)

Embora o verso livre já existisse na poesia anglófona desde os meados do século XIX, a partir da publicação de *Leaves of grass* de Whitman, apenas alguns poetas da geração modernista — Pound e Williams, por exemplo — podem ser considerados seguidores do verso livre whitmaniano. Dois outros poetas canônicos do movimento, Eliot e Stevens, optaram por um verso semilivre, uma versão flexibilizada do pentâmetro jâmbico que podemos denominar “verso liberado”. Já no modernismo brasileiro, a passagem do verso formal para o verso livre foi mais direta; por esse motivo, não se desenvolveu no Brasil uma forma correspondente ao “verso liberado” inglês. Diferentes traduções brasileiras de uma passagem em “verso liberado” de um poema fundamental de Eliot são analisadas, e são comparadas as soluções encontradas por cada tradutor.

Walter Costa (UFSC) – MODERAÇÃO

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 100

COMUNIDADES, ITINERÁRIO DE UMA QUESTÃO

SUR QUELS MODÈLES NANCY, BLANCHOT ET AGAMBEN REPENSENT-ILS LA COMMUNAUTÉ ?

Jonathan Degenève (Univ. de Paris III)

La communauté peut se présenter sous trois aspects qui peuvent eux-mêmes renvoyer à trois modèles, c’est-à-dire à trois manières de comprendre ce qui est cherché, mais aussi atteint, par telle ou telle communauté humaine : il y a la communauté en tant qu’essence transindividuelle (la communion), en tant qu’œuvre collective (le communisme) et en tant qu’activité intersubjective (la communication). Pour Nancy, mais aussi pour Blanchot et Agamben, repenser la communauté va donc impliquer d’interroger ces modèles ou, plus précisément, d’interroger à partir d’eux ce qui, d’une part, ne peut plus être cherché et ce qui, d’autre part, peut encore être atteint dans une communauté. C’est l’itinéraire de cette question qu’il s’agira de retracer. Il s’agira également de montrer qu’après les différences – bien réelles et non négligeables entre ces trois auteurs, il reste néanmoins ceci de commun : à chaque fois, la communauté est et fait résistance. Il nous incombera alors d’interroger à notre tour cet autre modèle – la communauté comme résistance – que l’on trouve déjà chez un Tönnies par exemple.

COMUNIDADE SEM FIM

João Camilo Pena (UFRJ)

Em 1983, o filósofo francês Jean-Luc Nancy lança um polêmico ensaio intitulado “A comunidade inoperante” (*La communauté désœuvrée*), em que retoma o fio de uma discussão da vida inteira levada a cabo por Georges Bataille sobre a experiência comunitária. O pretexto do ensaio de Nancy é o desmantelamento dos regimes do chamado comunismo “real”, que desembocaria adiante na queda do muro de Berlim em 1989 e na dissolução da União Soviética em 1991. Nancy constata que tantos os diversos fascismos quanto os comunismos “reais” reivindicaram, de

modos é verdade bastante diferentes, a noção de comunidade. Por outro lado, as vanguardas artísticas históricas do século XX se pensaram como espécies de “comunismos literários”. Da mesma forma, na atualidade tanto as políticas identitárias quanto as novas práticas de solidariedade são concebidas como comunitarismos. Como pensar a herança do “comum” hoje em dia? Giorgio Agamben propõe em *A comunidade que vem* (La comunità che viene) (1990) um novo programa para a comunidade do futuro, “vazia de qualquer identidade representável”, uma comunidade sem pertencimento, comunidade dos que não têm nada em comum.

Sandra Stroparo (UFPR) – MODERAÇÃO

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 600

IDENTIDADES E LITERATURA NA ANTIGUIDADE

IDENTIDAD GRIEGA EN EL IMPERIO ROMANO: UN FENÓMENO LOCAL O GLOBAL?

Francesca Mestre (Universitat de Barcelona)

El tema de cómo los griegos asumen la conquista romana ha sido objeto, en especial en los últimos decenios, de amplios debates, de análisis diversos, por parte de historiadores, filólogos, arqueólogos y antropólogos. No hay unanimidad, como es lógico, pero lo cierto es que este debate ha contribuido a ir construyendo un discurso sobre la identidad, lo identitario, aplicado a la antigüedad, y de una forma muy particular en el contexto del imperio romano que ha sido observado como una especie de primera globalización, de mundo global, donde, del mismo modo que en el seno de la globalización de nuestros tiempos, parecen tomar relieve, adquirir nuevos ímpetus, identidades más pequeñas, menos globales, a menudo locales. Hay algunos aspectos que están en la base de los análisis de hoy en día que pueden ser aplicados a ese momento de la antigüedad y que, a pesar de todas las distancias que es menester tomar, pueden dar una cierta luz a cuestiones que normalmente no solían ser aplicadas a la antigüedad; por ejemplo: qué vínculos pueden establecerse entre las relaciones espaciales y las relaciones sociales; o bien, qué papel juegan las ciudades – y, por tanto, una cierta organización local – y la ciudadanía en la construcción de identidades; o también cómo la actividad cultural, literaria, sofística, artística, se relaciona tanto con el poder global como con el poder y el sentimiento locales. La lectura de muchos de los autores en lengua griega del período imperial (Dión Crisóstomo, Plutarco, Elio Arístides, Luciano, Filóstrato) nos dan pie a plantear algunas hipótesis a propósito del sentimiento “helénico” frente a la ciudadanía “romana”, o simplemente a propósito de qué es genuinamente griego y qué genuinamente romano; y sobre todo, cómo estas personas, estos autores literarios que, al mismo tiempo, en su gran mayoría, están estrechamente vinculados al poder, viven su propia realidad y reflexionan sobre su identidad. Me propongo exponer algunos ejemplos de estos autores y analizar, a partir de su lectura, algunos de estos aspectos, haciendo especial hincapié en cómo lo global y lo local interaccionan entre sí.

IDENTIDADE E GÊNERO: UMA LEITURA DAS IMAGENS DE AGRIPPINA MINOR

Fábio Faversani (UFOP)

Os estudos das relações de gênero trouxeram uma enorme contribuição para que se refletisse de uma forma mais rica sobre as identidades masculinas e femininas nas sociedades antigas e permitiu muitas leituras inovadoras das fontes, especialmente da tradição textual. Esta renovação dos estudos da Antiguidade esteve largamente motivada pelas lutas do tempo presente, como se sabe. O desenvolvimento dos debates em torno da questão de gênero no tempo presente poderá ainda trazer novas perspectivas para o estudo da Antiguidade neste campo. Um dos problemas que procuraremos trazer ao debate é quais seriam os limites, se é que eles existem, para a transposição de problemas contemporâneos para o mundo antigo. Pretendemos também problematizar outras formas de estudar personagens femininas para além das relações de gênero e, ainda, colocar em debate as diferentes leituras que se podem fazer usando-se a literatura e outras fontes. A análise será feita tendo por base parte da ampla documentação relativa a Agrippina minor.

Alessandro R. de Moura (UFPR) – MODERAÇÃO

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 700

O ESTUDO DA DRAMATURGIA NO CURSO DE LETRAS

POR QUE ESTUDAR A DRAMATURGIA BRASILEIRA NO CURSO DE LETRAS?

João Roberto Gomes de Faria (USP)

Trabalhando há muitos anos na interface do teatro com a literatura, quero apresentar alguns resultados positivos dessa experiência aos colegas professores de literatura brasileira ou teoria literária e demonstrar como o conhecimento da nossa dramaturgia pode trazer benefícios para o estudo da literatura. Pretendo comentar movimentos literários, com destaque para o romantismo, e obras de autores que se dedicaram tanto à prosa quanto ao teatro, como José de Alencar e Machado de Assis. Em relação ao século XX, vários romancistas e poetas serão lembrados também como autores dramáticos, entre eles Oswald de Andrade e Ferreira Gullar. O objetivo é mostrar como o estudo da dramaturgia de um escritor, além de ser importante pela sua especificidade, pode produzir um conhecimento que contribui para a análise e interpretação de suas outras obras.

A LINGUAGEM TEATRAL PEDE PASSAGEM

Marta Morais da Costa (UFPR)

A criação e trajetória da disciplina obrigatória de Dramaturgia Brasileira na graduação em Letras da UFPR abriram horizontes de informação, pesquisa e publicação nos vários níveis de ensino. O estudo do teatro proporcionou a ampliação do interesse por outras artes e linguagens, favorecendo uma abordagem comparativa e desenvolvendo interesses e aptidões dos estudantes. A partir do teatro, e com base em seus fundamentos, a relação com a literatura ganhou amplitude. A disciplina da graduação fez nascer cursos de especialização e linhas de pesquisa em Mestrado e Doutorado, favorecendo pesquisas sobre dramaturgos, espetáculos, elencos, públicos e a história do teatro local e nacional. Trabalhando há muitos anos na interface do teatro com a literatura, quero apresentar alguns resultados positivos dessa experiência aos colegas professores de literatura brasileira ou teoria literária e demonstrar como o conhecimento da nossa dramaturgia pode trazer benefícios para o estudo da literatura. Pretendo comentar movimentos literários, com destaque para o romantismo, e obras de autores que se dedicaram tanto à prosa quanto ao teatro, como José de Alencar e Machado de Assis. Em relação ao século XX, vários romancistas e poetas serão lembrados também como autores dramáticos, entre eles Oswald de Andrade e Ferreira Gullar. O objetivo é mostrar como o estudo da dramaturgia de um escritor, além de ser importante pela sua especificidade, pode produzir um conhecimento que contribui para a análise e interpretação de suas outras obras.

Marilene Weinhardt (UFPR) – MODERAÇÃO

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 800

FAZENDEIROS, VAQUEIROS E “CAMARADAS” NO ROMANCE BRASILEIRO DO SÉCULO XIX

HIERARQUIA E INSUBORDINAÇÃO EM O SERTANEJO

Eduardo Vieira Martins (USP)

Os personagens de *O sertanejo* (1875), de José de Alencar, podem ser dispostos a partir de duas hierarquias: a primeira, aparente, é determinada pelo lugar ocupado por cada um no serviço da fazenda da Oiticica, de propriedade do capitão-mor Gonçalo Pires Campelo; a segunda, latente, é definida pela relação mantida pelos diversos personagens com o mundo natural. Partindo da consideração dessas duas hierarquias, a comunicação pretende discutir a trajetória de Arnaldo Louredo, homem da natureza que vive na Oiticica, mas se recusa a ocupar o posto de vaqueiro que lhe é destinado pelo fazendeiro. Diante dessa insubordinação obstinada e incompreensível, Campelo não sabe se lida com um homem leal ou rebelde. Nesse contexto, as façanhas operadas pelo sertanejo podem ser interpretadas como provas de valor por meio das quais ele conquista um espaço próprio na sociedade da Oiticica e, simultaneamente, assegura a manutenção do poder do capitão-mor, ameaçado pelas pretensões do jovem capitão Marcos Frágoso.

A PRESENÇA DOS HOMENS LIVRES POBRES NA FICÇÃO BRASILEIRA DO XIX

Fernando C. Gil (UFPR)

A centralidade que ocupam os homens livres pobres no romance rural do século XIX será objeto central de discussão de nossa intervenção. Eles são protagonistas em muitas narrativas rurais, como *O tronco do ipê*, *Til e O sertanejo*, de José de Alencar, *Inocência*, de Taunay, *O cabeleira*, de Franklin Távora, e lateralmente mas não menos importante em *D. Guindinha do Poço*, de Manuel de Oliveira Paiva. Isso para dar alguns exemplos. Esta posição-chave das personagens constitui um dos impasses do romance rural, seja no plano do enredo, seja em relação ao ponto de vista configurado pela obra em seu conjunto. Mas, afinal, em que consistiria este impasse? Fundamentalmente, em como representar os debaixo, os pobres, no romance rural. A ideia que buscaremos desenvolver consiste em demonstrar que na base desta contradição se encontra um nó que é ao mesmo tempo ficcional e sociológico entre constrição social que envolve o percurso destas personagens e figurações de elevação destes mesmos protagonistas, sob o ponto de vista narrativo. Deste modo, o nosso estudo conjectura que o romance rural, cuja centralidade não é ocupada por representantes da oligarquia rural, mas por personagens que a margeiam, tem como enquadramento, como lastro ideológico, que norteia o mundo narrado, a perspectiva dos de cima, das elites letradas e dos setores dominantes, baseado numa apresentação ficcional do que Roberto Schwarz denominou “a molécula patriarcal brasileira”; entretanto, o mundo que se põe em movimento é, destacadamente, o das personagens não-proprietárias, algumas vezes, mas nem sempre, em relação de dependência com um grande, manifestada nas suas mais diversas formas. De outra parte, interessa-nos também examinar, ao menos de passagem, por que esta figura foi tão pouco estudada pela crítica sendo o centro deste tipo de ficção; e a nossa hipótese neste ponto se liga à própria forma como a história brasileira foi compreendida em sua vertente dominante nos últimos 60 anos, a qual pautou a análise da formação social do Brasil predominantemente pelas as relações sociais entre grandes proprietários e escravos, deixando à margem aqueles que conviviam periféricamente com estas relações.

Rogério Lima (UnB) – MODERAÇÃO

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 900

POÉTICAS ORAIS EM FACE AOS ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURAIS

NÓS, ORALISTAS? A POÉTICA DA VOZ EM MEIO AOS ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURAIS: UMA VISÃO PANORÂMICA SOBRE OS ÚLTIMOS 15 ANOS DO SÉCULO XX

Frederico Augusto Garcia Fernandes (UEL)

A questão da oralidade habitou ensaios, pesquisas, histórias literárias ao longo do século XX. Nomes como Adam Parry (1902-1935), Northrop Frye (1912-1935), Paul Zumthor (1915-1995), entre outros, trouxeram uma significativa contribuição para se pensar a relação das poéticas orais e da voz em face aos estudos literários. Mas foi, sobretudo, em meio ao "boom" culturalista do último quartel do século XX que tais poéticas se fizeram presentes em teses e dissertações de programas voltados aos estudos literários no Brasil. Trataremos, então, sobre algumas destes trabalhos, demonstrando como se constituíram nucleações de pesquisadores em torno do tema no Brasil, no contexto dos estudos culturais entre anos de 1985 e 2000.

VOZES DISSONANTES: TENSÕES ENTRE AUTORIA E TESTEMUNHO

José Guilherme Fernandes (UFPA)

Este trabalho tem como ponto de partida as relações entre oral e escrito, uma voz que na escrita literária contemporânea cada vez mais se acentuam escrituras que incorporam as qualidades do texto oral em sua tessitura, a exemplo de Guimarães Rosa. Estas qualidades são marcadas pelo processo interativo de narração, com a presença de suposta interlocução, além de digressão narrativa. Essa interatividade concorre para que, na construção narrativa, se imiscua narrador e narratário, criando uma tensão em relação a quem seja o autor do texto. Caso mais polêmico vem a ser a narrativa memorialista, pois nesta o narrador se assume como autor, quebrando a linha tênue que distancia ficção e realidade. Parto do princípio de que devemos observar esses textos mais como construções narrativas, seja o testemunho biográfico ou a autoria ficcional, em que pese um estatuto próprio e epistemológico, do que como oriundas da ficção ou do fato, subsidiando-me no conceito de memória e representação. Apoio-me para tecer minhas considerações em Ricoeur, Sarlo e Pollak.

Silvana Oliveira (UEPG) – MODERAÇÃO

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1000

A NOÇÃO DE MARGINAL NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: REPRESENTAÇÕES, LEITORES E LINGUAGENS

PASSEIO PELAS MARGENS LITERÁRIAS BRASILEIRAS: OS QUE NÃO APARECEM NA FOTO DA CRÍTICA ACADÊMICA

Fernando Villarraga-Eslava (UFSM)

A exposição busca apresentar algumas reflexões críticas sobre a emergência e circulação nos últimos anos de um conjunto de práticas e escritas que, a pesar das origens sociais periféricas e pertencas culturais subalternas, tentam se deslocar das margens para o centro do cenário literário nacional em movimentos articulados e de relevante matiz desafiador das fronteiras canônicas. Pode-se dizer que a partir da edição dos romances *Cidade de Deus* e *Capão Pecado*, de Paulo Lins e Ferréz, a posterior reunião de textos da Literatura Marginal nas quatro entregas da revista de alcance nacional *Caros amigos*, os saraus poéticos organizados pelos integrantes da Cooperifa, a proliferação de oficinas literárias e de leitura em bairros populares de algumas cidades brasileiras, a aparição de algumas obras assinadas por autores ligados ao mundo prisional, entre outros fatos, começa-se a evidenciar a entrada em cena de outras vozes, representações e linguagens. Porém, sua presença até agora tem gerado poucas atenções específicas no meio de certos silêncios suspeitos, ligeiras opiniões de alerta e juízos genéricos e superficiais por parte da chamada crítica acadêmica, como se os códigos e signos heterogêneos que se organizam sob a rubrica de escritores que transitam nas margens sociais e humanas não tivessem o direito natural de ser literatura. Por isso o estudo de tais experiências e expressões mantém-se restrito em boa medida ao campo das ciências sociais. Todavia, não há dúvida de que, caso se coloque de lado os gestos preconceituosos ou paternalistas, é necessário reconhecer que a conformação do campo vem sofrendo alterações com a inserção de uma série de obras que, negociando com os padrões da cultura letrada e da cultura massificada, tornam presentes sujeitos e discursos que concretizam outros modos de conceber, articular e formalizar o literário. Assim, o que resulta prioritário hoje na da esfera crítica é indagar e discutir quais são as implicações e os problemas que comportam as manifestações marginais da literatura brasileira contemporânea, os desajustes que provocam no cada vez mais instável cânone literário e os desafios que colocam para a respectiva interpretação e valoração literária.

DE BOIS E OUTROS BICHOS: NUANCES DO NOVO REALISMO BRASILEIRO?

Tânia Pellegrini (UFSCAR)

O texto procura refletir sobre a relação entre a violência e seus modos de representação, por meio do realismo e suas variantes contemporâneas, utilizando dois contos escolhidos de Marçal Aquino.

Benito Rodriguez (UFPR) – MODERAÇÃO

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1100

TRADUÇÃO, POESIA E TEORIA LITERÁRIA

DA VIOLÊNCIA DA TRADUÇÃO

Marcelo Jacques de Moraes (UFRJ)

Proponho-me a discutir uma violência fundamental na experiência da relação tradutória, e que não é a violência mais frequentemente referida, aquela que seria operada pelo trabalho da tradução de vocação etnocêntrica, da língua tradutora sobre a língua traduzida. Trata-se, antes, da violência do original sobre o tradutor e sua língua, que é, a meu ver, a que deflagra propriamente a pulsão de traduzir. Nesse sentido, não há primeiramente o original, apreendido na autonomia significativa de sua língua, e depois a tradução, por meio da qual o tradutor o enfrentaria e o transportaria para sua própria língua, ela também autônoma. A experiência da tradução é de saída uma relação já em movimento, uma tensão já estabelecida com um original que, se exige intrinsecamente tradução (Benjamin), é justamente por apresentar-se desde sempre já em tensão tradutória. Por isso mesmo a tradução é Bildung, não apenas no sentido de uma forma em busca de uma forma própria (Berman), mas no sentido freudiano de uma forma em formação, por definição interminada e interminável.

A TRADUÇÃO EM OBRA NA POESIA DE MAX JACOB

Paula Glenadel Leal (UFF)

A reflexão sobre a tradução aparece como requisito fundamental para uma compreensão dos processos criativos na poesia de Max Jacob (1876-1944). Ela é necessidade interna do poema, muitas vezes atravessado por sonoridades e estruturas influenciadas pela Bretanha, trazendo uma língua estranha para dentro da língua francesa (o substrato bretão, diga-se, não deixa de guardar uma estranheza para o próprio poeta: sua família não tem origem bretã e migra para esse território na geração anterior à sua), trazendo também uma diferença para com os modos literários de Paris, onde o poeta se instala, escreve e convive com os amigos cubistas. Coincidentemente, a tradução é instância tematizada em alguns poemas (como em “Moeurs littéraires”), com o valor de sublinhar um estranhamento das práticas e dos lugares sociais disponíveis para o poeta, que se traduz em personagem do poema. A tradução configura também um patamar de reversibilidade cultural entre judeu e cristão (tal como no texto sobre “A tradução relevante”, de Jacques Derrida, onde a conversão é analisada como equivalente a um processo de tradução); no caso de Max Jacob, ocorre a tradução dos teologemas católicos em imagens poéticas, como tentativa de diálogo com essa tradição religiosa outra que o seduz, o que pode ser lido como indício de que sua aproximação do catolicismo é epifânica, estética e imaginativa. Tal reversibilidade assume um aspecto trágico, quando sabemos que Max Jacob morre num campo de concentração francês, à espera da transferência fatal para Auschwitz. Finalmente, a tradução aparece, numa perspectiva comparada, como desafio ao leitor/tradutor falante <http://www.uol.com.br/de outro idioma>, devido à característica específica de sua poesia, onde, de modo comparável ao que ocorre em Guillaume Apollinaire, o “trampolim lírico” move o sentido do poema através do trocadilho, dos jogos associativos criados pela semelhança entre vocábulos franceses. Como modo de abordar os múltiplos valores assumidos pela tradução em Max Jacob, a tradução comentada de um de seus poemas sublinhará, sempre segundo o axioma de Derrida, a conjunção “intraduzível-traduzível” que marca os limites da linguagem.

Marcelo Paiva de Souza (UFPR) – MODERAÇÃO

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 100

ENSINO DE LITERATURA E FORMAÇÃO NA ÁREA DE LETRAS

LITERATURA E ENSINO: DOS DOCUMENTOS OFICIAIS À SALA DE AULA

José Hélder Pinheiro Alves (UFPG-PB)

Nos últimos anos, têm surgido documentos parametrizadores nacionais (PCN, OCEM) e estaduais sobre o ensino de literatura. Esta produção contribui para se pensar numa renovação do ensino de literatura brasileira; entretanto não se observam reflexos das propostas no ponto de chegada, isto é, nas práticas de sala de aula. Discutiremos avanços e limites de alguns documentos oficiais, chamando a atenção para a necessidade de mudanças radicais no trabalho com o texto literário no ensino médio. Neste sentido, abordaremos pesquisas realizadas em diferentes universidades brasileiras, cujos resultados trazem um suporte teórico e metodológico para implementação de mudanças no ensino de literatura.

O LUGAR DA LITERATURA

Miguel Sanches Neto (UEPG)

A ineficácia das estratégias leitoras no Ensino Médio e a perda da centralidade do texto literário na área das humanidades nos levam a repensar, dentro dos cursos de Letras, o lugar ocupado pela literatura, os conteúdos, a formatação e os objetivos de disciplinas que pressupõem um aluno leitor, quando na grande maioria das vezes este aluno ainda é literariamente iletrado.

Gilberto Castro (UFPR) – MODERAÇÃO

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 600

RETÓRICA E PAGANISMO

AS ETIÓPICAS DE HELIODORO NO CONTEXTO LITERÁRIO DA SEGUNDA SOFÍSTICA

Marília Pulquério Futre Pinheiro (Univ. de Lisboa)

As Etiópicas de Heliodoro têm sido justamente consideradas uma das obras mais marcantes da Segunda Sofística, a estética literária que dominou o mundo greco-romano do sec. II d. C. ao sec. IV d. C. As formas literárias preceituadas pela Segunda Sofística estão intimamente ligadas à longa tradição do ensino retórico, que se nos apresenta materializada nos exercícios escolares ou Progymnasmata, que consistiam numa série de exercícios preparatórios, inspirados em histórias míticas e narrativas imaginárias. Tais exercícios, com a sua multidão de regras e clichês, são a prova evidente de que o ensino da retórica na época imperial se baseava na memorização de uma série de tópicos e na sua aplicação prática. Os retores, verdadeiros profissionais da arte da palavra, arquitectos do discurso, testaram todas as virtualidades da prosa literária. Defensores da "arte pela arte", exploraram, a nível da expressão, a antítese e o paradoxo, a aliteração e o paralelismo. Cultivaram o estilo, modelaram a frase e esgotaram o arsenal da "pirotecnia" retórica. Ora, sendo as Etiópicas o mais elaborado e o mais complexo dos romances gregos, o meu objectivo é o de analisar em que medida esta obra é representativa da cultura retórica do seu tempo, quer ao nível formal, tendo em conta a utilização de técnicas e estratégias de natureza argumentativa dominantes nos tratados de retórica, quer a nível literário e mesmo ideológico, tendo em consideração todo um conjunto de códigos de natureza estética e cultural que é necessário descodificar.

SEMIOLÓGIA RETÓRICA DO PAGANISMO ANTIGO

Francisco Marshall (UFRGS)

A par da ironia e do escárnio de Celso e de Porfírio, do misticismo sofisticado de Plotino e do entusiasmo piedoso de Juliano, o paganismo antigo teve seu apogeu retórico na famosa Relatio tertia do senador Quintus Aurelius Symmachus. Em um apelo dirigido ao Imperador Valentiniano II em 384, o aristocrata, então prefeito urbano de Roma, levou ao clímax técnicas retóricas

orais e epistolares tipicamente imperiais, com fins persuasivos. O dever de responder foi delegado a Ambrósio, bispo de Milão, eminência da Igreja à época (Epístolas XVII e XVIII). Além de exibir apuro estilístico, a missiva refere o universo de temas e argumentos postos em circulação naquele célebre confronto político e teológico. Nesta apresentação, contextualizarei Symmachus e sua obra, bem como o evento em pauta (disputa do altar da deusa Vitória na curia do Senado romano). A seguir, examinaremos a semântica do texto, seus vocabulários, argumentos, concepções e imagens. Este exame permitirá compreender um tipo máximo da retórica do paganismo, muito característico da Antiguidade Tardia. Ao final, destacarei os elementos formais e temáticos da *Relatio tertia* favoráveis a análises comparativas, com breve exame de sua fortuna histórica.

Rodrigo Gonçalves (UFPR) – MODERAÇÃO

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 800

HISTÓRIA DA LITERATURA NO BRASIL

A ESCRITA DA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA HOJE: NOVOS CAMINHOS E ESTRATÉGIAS

Carlos Alexandre Baumgarten (FURG)

A partir dos anos 70 do século passado, observa-se, no meio acadêmico internacional, a afirmação de um forte movimento cujo objetivo é repensar a escrita da história e, por extensão, da história da literatura, a partir de parâmetros que promovem o abandono das antigas práticas discursivas e historiográficas, pautadas, sobretudo, por um perfil teleológico, por uma pretensão totalizadora e por um discurso que reivindicava para si a condição de verdadeiro. Assim, especialmente a partir da década referida, constata-se que a escrita da história da literatura abre-se para novos caminhos, sejam aqueles apontados por correntes do pensamento historiográfico vinculadas à Teoria da História da Literatura e à Teoria da Literatura, sejam aqueles concebidos no âmbito da reflexão histórica produzida nas décadas finais do século XX. Tal movimento não apenas recoloca a História da Literatura como objeto de reflexão constante no âmbito da academia, como proporciona o aparecimento de uma historiografia literária que, no seu conjunto, assume um perfil multifacetado, decorrente de experiências que apontam para o surgimento de novas formas de historiar a literatura. No Brasil, a repercussão alcançada pelos novos caminhos apontados pelo pensamento histórico e, particularmente, por aqueles abertos pela Teoria da Literatura, alcança repercussão, especialmente a partir dos anos 80 do século passado, através da divulgação dos trabalhos realizados pelos integrantes do grupo inicialmente vinculado às teses estabelecidas pela estética da recepção e também por aqueles desenvolvidos por historiadores alinhados com as propostas renovadoras surgidas no âmbito da ciência histórica. Nesse sentido, surgem publicações como *A literatura e o leitor* (Textos de estética da recepção), 1979, *Teoria da literatura em suas fontes* (1983), ambas de Luiz Costa Lima, *Estética da recepção e história da literatura* (1989), de Regina Zilberman, *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*, (1992), de Hayden White, *Teoria da literatura: uma introdução* (1983), de Terry Eagleton, *História da literatura: ensaios* (1994), de Leticia Malard e outros, *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs* (1996), organização de Heidrun Krieger Olinto, *Em 1926: vivendo no limite do tempo* (1999), de Hans Ulrich Gumbrecht, que, entre muitas outras, atestam a preocupação com o repensar a escrita e o lugar da História da Literatura no plano dos estudos literários. Essa preocupação tem como uma de suas conseqüências mais significativas a revisão da historiografia literária brasileira que, além de ser estudada minuciosamente, tem seus textos fundamentais resgatados e postos em circulação. Nesse sentido, é importante registrar trabalhos como os desenvolvidos por Regina Zilberman e Maria Eunice Moreira, com a publicação de *O berço do cânone* (1998), reunião de textos fundadores da história da literatura brasileira, e por Roberto Acízelo de Souza que, entre outros tantos trabalhos, recolocou em circulação *História da literatura brasileira e outros ensaios* (2002), de Joaquim Norberto de Sousa Silva, e *Historiografia da literatura brasileira: textos inaugurais* (2007), de Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. A ampla discussão sobre a História da Literatura é também responsável por um conjunto de ações que comprovam sua repercussão no meio acadêmico brasileiro: de um lado, a realização de continuados seminários e congressos, nacionais e internacionais, que se ocupam da reflexão sobre a História da Literatura; de outro, a constituição, no âmbito da Anpoll, de um Grupo de Trabalho voltado para o seu estudo. Nesse cenário construído pelos caminhos assumidos pela ciência histórica e pela própria Teoria da História da Literatura, abrem-se, igualmente, novas possibilidades para a escrita da história da literatura brasileira que, via de regra, tem optado por recortes de ordem pontual, como é o caso de *Artes e ofícios da poesia* (1991), de Augusto Massi, *Mecenato pombalino e poesia neoclássica* (1999), de Ivan Teixeira, *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX* (2002), de Ítalo Moriconi, *Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros* (2003), de Bráulio Tavares, *Como e por que ler o romance brasileiro* (2004), de Marisa Lajolo, *Os cem melhores poetas brasileiros do século* (2004), de José Nêumanne Pinto, *Uma história do romance de 30* (2006), de Luís Bueno, *Antologia comentada da poesia brasileira do século XXI* (2006), de Manuel da Costa Pinto, *Uma história da poesia brasileira*

(2007), de Alexei Bueno, entre muitos outros. Paralelamente, considerando-se o produzido dos anos 80 do século passado até os anos iniciais do século XXI, foram divulgadas também algumas histórias da literatura que ainda se aproximam de um modelo tradicional de escrita historiográfica, como é o caso de Literatura brasileira: dos rimeiros cronistas aos últimos românticos, de Luiz Roncari, da História da literatura brasileira (1997), de Luciana Stegagno Picchio, de A literatura brasileira: origens e unidade, de José Aderaldo Castello, e, mais recentemente, da História da literatura brasileira: da Carta de Pero Vaz de Caminha à contemporaneidade (2007), de Carlos Nejar. O quadro, antes sumariamente referido, revela as transformações por que vem passando a escrita da história da literatura brasileira que, sem dúvida, aponta para uma renovação do discurso historiográfico, cujos novos caminhos e estratégias serão objeto de exame no trabalho a ser apresentado durante a realização do XII Congresso Internacional da ABRALIC.

A HISTÓRIA DA LITERATURA E A FORMAÇÃO DO ESPECIALISTA EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Roberto Acízelo de Souza (UERJ)

Como disciplina, a história da literatura esteve na defensiva praticamente durante todo o século XX. Parece, contudo, que, nesse período, não obstante um status que oscilou entre a preterição e tentativas de revitalização, continua constituindo um fundamento insubstituível para a formação de especialistas em literatura. Assim sendo, talvez seja pertinente sondar as suas bases conceituais, a fim de verificar a hipótese de que, sendo ela uma construção do historicismo, nem tudo na disciplina será construção contingente, sendo pois provável que ela também apresente elementos instalados por assim dizer na “ordem natural das coisas”.

José Luís Jobim (UERJ/UFF) – MODERAÇÃO

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 900

TÃO LONGE, TÃO PERTO DE SI – TRANSPARÊNCIA E OPACIDADE NAS VOZES NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS

“A ILHA MÍNIMA DO EU”: SOBRE ALGUMAS FORMAS DE LER A INTIMIDADE

Diana Irene Klinger (UFF)

A intimidade, cujo estatuto foi variando historicamente é, ao mesmo tempo, uma conquista do sujeito moderno e seu estigma: na sociedade atual, marcada pela exposição de si, o íntimo se oferece como espetáculo e objeto de consumo. No entanto, na arte e na literatura, a intimidade, pensada como detalhe mínimo do vivencial, pode ter outras ressonâncias. De fato, como aponta Nicolás Bourriaud, a arte moderna começa no momento “em que o mínimo gesto, formado por uma ética cotidiana e imerso num dispositivo formal, adquire poder de significar”. Entendendo o íntimo como um detalhe, é possível estabelecer uma analogia entre um modo de leitura e a atenção que Freud confere a esses detalhes, a partir dos quais faz elevar a vida do homem comum a uma versão do grande herói trágico. A proposta desta comunicação é ler o íntimo, em algumas escritas do presente, como um compartimento do privado e do cotidiano do qual emerge uma particular ética e uma estética da existência.

QUANTO VALE A ESCRITA DE SI?

Luciene Almeida de Azevedo (UFBA)

A comunicação partirá da premissa de que é possível notar na contemporaneidade uma permeabilidade entre as fronteiras dos gêneros literários e o que podemos chamar de narrativas de si, entre o inventado e o vivido, forçando os paradigmas valorativos que norteiam a própria concepção do literário. Baseando-nos na pressuposição de que a incidência das narrativas do eu, em muitos espaços diferentes da cena contemporânea, renova as investigações sobre a fronteira sempre problemática entre a ficção e a não-ficção, gostaríamos de refletir melhor sobre a possibilidade de um deslizamento do próprio estatuto da literatura, marcado sobretudo por uma reelaboração/dissolução de pressupostos avaliativos que estão presentes não

apenas nos próprios textos, mas em todo o campo literário.

Arnaldo Franco Júnior (UNESP-Rio Preto) – MODERAÇÃO

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1000

FICÇÃO CONTEMPORÂNEA

ÉTICA E ESTÉTICA ENTRE EXTREMOS

Helena Bonito (Univ. Presb. Mackenzie)

Esta apresentação tem por alvo refletir sobre aspectos da ficção atual, sem nenhuma pretensão, evidentemente, de estabelecer o cânone dos primórdios do século 21. Os catálogos das editoras e a concorrência nas premiações revelam que as narrativas ficcionais publicadas em romance, conto, crônica, mini-conto e outras formas híbridas vêm ao encontro de um público leitor que, embora restrito, assegura uma trégua face aos apocalípticos que anunciam continuamente a morte da literatura. A certeza da permanência da literatura não significa que esta permaneça isolada face às inovações tecnológicas. Ao contrário, a movimentação entre o livro, a mídia e a informática intensifica-se e se consolida, como se constata, por exemplo, na adoção de formas ficcionais breves em blogues, ou na criação literária em moldes muito próximos da roteirização cinematográfica. Impõem-se, nesse quadro, questões éticas e estéticas da maior relevância. Do ponto de vista ético, as tonalidades hipermiméticas ou hiper-realistas imprimem em numerosas obras o mais desencantado niilismo, ao passo que as mesmas tonalidades podem, revestidas de ironia em outras narrativas, sinalizar que o naufrágio dos valores pode ser apenas aparente ou circunstancial. Do ponto de vista estético, nem tudo que se publica faz jus ao rótulo de “literatura”, dada a diversidade de estilos, do mais denotativo até o neo-barroco. Essa mesma diversidade assegura, todavia, a validade da afirmação de Bosi, para quem “na rede de uma cultura plural como a que vivemos é a qualidade estética do texto que ainda deve importar como primeiro critério de inclusão no vasto mundo da narrativa”. Viabiliza-se, entre extremos, o balizamento de aspectos éticos e estéticos em algumas narrativas que se destacaram no último decênio a serem aqui comentadas.

A NARRATIVA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: UM TERRITÓRIO EM DISPUTA

Regina Dalcastagnè (UnB)

Desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até agora, quando diferentes grupos sociais procuram se apropriar de seus recursos, a literatura brasileira é um espaço em disputa. Afinal, está em jogo a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo. Hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala. Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, “não autorizadas”; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para se pensar a literatura; ou, ainda, pelo debate da especificidade do literário, em relação a outros modos de discurso, e das questões éticas suscitadas por esta especificidade.

Paulo Venturelli (UFPR) – MODERAÇÃO

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1100

LITERATURA BRASILEIRA E HISPANO-AMERICANA: RELAÇÕES EM TRADUÇÃO

LAS AVENTURAS DE LAS TRADUCCIÓN Y EL OÍDO DE LA LENGUA: EL CASO DE HAROLDO DE CAMPOS

Roberto Echavarren (New York University)

Empieza con un examen acerca de qué sea traducir: captar el pensamiento del poema para a partir de allí decidir la terminología y la construcción gramatical. Pasa a analizar la traducción de Reynaldo Jiménez, poeta argentino-peruano, de Galaxias de Haroldo de Campos en su primera versión integral al castellano, publicada recientemente por nosotros aquí en la editorial La Flauta Mágica, dedicada a ediciones bilingües de poesía. Mi contribución hasta el momento en La Flauta Mágica, en la línea de traducción, incluye ediciones bilingües de John Ashbery y Wallace Stevens, los dos mejores poetas estadounidenses del siglo XX.

LA TRADUCCIÓN COMO "CONTRABANDO-HORMIGA" HACIA 1950. MANUEL BANDEIRA Y AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA TRADUCEN POETAS HISPANOAMERICANOS/ CIPRIANO S. VITUREIRA TRADUCE POETAS BRASILEÑOS

Pablo Rocca (Universidad de la República, Uruguay)

¿Qué condujo a un intelectual y vergonzante poeta como Aurélio Buarque de Holanda y a un poeta-crítico como Manuel Bandeira a traducir ciertos textos poéticos de sus colegas y coetáneos hispanoamericanos? ¿Por qué la común afición por algunos textos de Borges, percibidos como centro de un cambio estético? En Montevideo, ¿por qué un poeta de amplia movilidad por los países vecinos (Ildefonso Pereda Valdés) se empeñó en traducir a sus contemporáneos brasileños? Esta tarea, en la zona lusitana e hispana de América, construida al margen de los dictámenes del mercado, parece cifrarse más en el acto de placer individual, de contacto interpersonal, de reforzamiento de una estética nueva común (la vanguardia). En consecuencia, desplaza el foco desde la teoría de la traducción como acto importador al contrabando en pequeñas dosis pero, a la larga, de poderosas incidencias en una y otra zonas americanas.

Raquel Illescas Bueno (UFPR) – MODERAÇÃO

Programação dos Simpósios MANHÃ – 10h30-12h30

A FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA E O PROCESSO DE MUNDIALIZAÇÃO I

Fernando Cerisara Gil (UFPR)
Luis Alberto Nogueira Alves (UFRJ)
Humberto Hermenegildo de Araújo (UFRN)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1100

A literatura enquanto um fato social: instâncias e instituições
SANDRA ELEINE ROMAIS LEONARDI (FAEL)

A concepção de literatura hoje é, simultaneamente, histórica, contraditória e multifacetada. Sua repercussão enquanto um fato social tem alcançado dimensões surpreendentes e avassaladoras, não restritas às questões artísticas ou estéticas, mas, sobretudo, no meio social, político, econômico, ideológico e material. Tais relações não podem ser ignoradas, mas compreendidas com precisão e crítica a fim de devolver (ou atribuir) um significado pertinente à literatura e sua prática em vista dos novos paradigmas da sociedade pós-moderna. Este trabalho busca analisar a literatura a partir do evento da revolução burguesa, movimento responsável pelo desencadeamento de todo o processo de produção, distribuição e circulação do artefato literário e dos dispositivos necessários para a divulgação e acolhimento deste material artístico. Nesse sentido, apresenta a literatura enquanto uma prática social específica e constituída por um complexo jogo de relações que se constituem em um Sistema Literário. Tal sistema será discutido a partir das relações entre a tríade autor-texto-leitor (proposta por Antonio Candido), e as instâncias e instituições que surgem a partir desta relação e que são essenciais para definição das proporções e o valor estético que os cancelam como literatura. As instâncias consideradas deste complexo e abrangente sistema literário são: 1) o circuito de produção e recepção, que se refere à constituição do autor e do público-leitor; 2) o circuito de produção material dos textos, que trata da evolução das técnicas de impressão e das novas tecnologias; 3) o sistema legislativo e econômico, desenvolvido para regulamentar o comércio livreiro; 4) as práticas discursivas e a atuação das instituições como a Academia de Letras, a crítica e a história literária, na elaboração dos padrões literários; 5) o sistema educacional que forma o público-leitor (consumidor) e divulga determinados valores sócio culturais. A pesquisa, de caráter bibliográfico, faz um recorte sociológico e de fundo marxista, procurando enfatizar, sobretudo, a trajetória histórico-social brasileira. A abordagem sociológica possibilita um enfoque diferenciado e mais abrangente sobre a construção do conceito de literatura, pois resgata diversos elementos que influenciam direta ou indiretamente na vida literária, procurando verificar o lugar ocupado pela literatura numa sociedade específica em um determinado momento histórico. Segundo Imbert (1971) a sociologia literária estuda as formas da ação recíproca entre todas as instâncias que intervêm na literatura, observando as condições materiais e ideológicas envolvidas. Para discutir o jogo ideológico e de poder presentes na produção literária, apoia-se na crítica marxista, buscando não apenas analisar as condições históricas, mas também compreendê-las. No Brasil, Antonio Candido (1995) ressalta a importância de um panorama social e histórico nos estudos da literatura, pois como manifestação universal, a literatura cumpre sua função humanizadora e/ou alienadora que lhe permite ser um poderoso instrumento de educação e instrução. Deste modo, a literatura assume um papel político que contribui para a formação de um leitor crítico e incita à reflexão e ao questionamento do discurso ideologicamente dominante. É nesta direção que se pretende, como afirma Robert Escarpit (1969), desmistificar a literatura, libertá-la dos seus tabus sociais, penetrando no segredo da sua potencialidade.

Cartas de Câmara Cascudo a Joaquim Inojosa, nos anos 1920: tempo de modernismo
HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO (UFRN)

Quando Joaquim Inojosa publicou o livro-documentário *O movimento modernista em Pernambuco* (1968-1969), incluindo nos seus anexos as cartas que lhes foram enviadas por Câmara Cascudo ao longo dos anos de 1920, iniciava-se o registro histórico da correspondência entre os dois intelectuais, ambos divulgadores do movimento modernista na região Nordeste no início do século XX. Esta proposta tem por objetivo realizar uma leitura de cartas trocadas entre os dois intelectuais nos anos 1920, estabelecendo relações com a correspondência de Mário de Andrade, haja vista o fato de que ambos se correspondiam com o escritor paulista. Entre os aspectos observados, destacam-se a consciência moderna do tempo e a posição exposta dos intelectuais em contexto intersubjetivo como elementos do material posto em confronto com o conhecimento acumulado sobre a modernidade brasileira que se manifestou no sistema literário nacional, no período considerado. As cartas analisadas chamam a atenção sobre a situação dos centros culturais do país, implicando aí a definição do papel dos produtores e a formação de públicos, bem como uma organicidade de linguagem e estilo que solicitam leituras sobre modos e tempos diferentes nas diversas regiões e estados, sob a influência e a pressão dos grandes centros nacionais. A correspondência entre os dois intelectuais selecionados para estudo, em contraste com os seus diálogos com Mário de Andrade, fornece elementos substanciais para um confronto com as posições distintas. Impõe-se, metodologicamente, a hipótese de que para os dois intelectuais estava posto o desafio de abrir a realidade regional para o diálogo franco com as perspectivas modernistas da época, processo que se manifestaria sob grande tensão, haja vista a pressão em contrário exercida pela perspectiva de Gilberto Freyre, o que é enriquecedor para a história do movimento intelectual da época.

“Viagem Etnográfica” ao Nordeste do Brasil: a crítica cultural de Mário de Andrade PEDRO ROCHA DE OLIVEIRA (UFC)

O texto analisa o diário "Viagem Etnográfica", escrito pelo escritor paulista Mário de Andrade durante sua viagem à região Nordeste entre 1928 e 1929 e publicado postumamente no livro *O Turista Aprendiz*. O diário é interpretado a partir da teorização do autor em suas "estéticas da juventude" ("Prefácio Interessantíssimo" e *A Escrava que não é Isaura*), enfatizando as motivações estéticas envolvidas nas pesquisas etnográficas do modernista. Sob o aporte de teóricos como Antonio Candido, Nicolau Sevcenko, Terry Eagleton e Walter Benjamin, investiga-se a presença da musicalidade da cultura popular nordestina - a exemplo do catimbó e do coco - na formulação pelo autor de uma arte moderna e nacional.

Ainda o regionalismo: um olhar de banda sobre essa “velharia” CÁSSIO TAVARES (UFG)

Os Estudos Literários permanecem, apesar de todos os esforços, hegemonicamente marcados pela pretensão de universalidade das formas simbólicas, expressão suposta da eterna natureza humana. Por isso, quando querem ser diacrônicos, costumam resultar apenas anacrônicos. Ocorre que são nefastas as consequências dessa concepção hegemônica — até porque, se a História Literária deixa de ser ativamente pensada como parte integrante da História *tout court*, fica inexplicável por que as inovações formais que acabam se fixando como norma para cada novo ‘*estilo de época*’ surgem sobretudo nos países do centro dinâmico do capitalismo. É claro, para nós brasileiros, essa dificuldade histórica de estar na ponta inventora das novidades estético-literárias substanciais fica debitada na nossa conta de nação menor. Entende-se, pois, por exemplo, pensando no cenário mundial, que a Literatura Comparada, passada a fase de autoafirmação imperalista das nações europeias, tenha se enraizado nas nações periféricas, empenhando-se na diferença local. Curiosamente, mas não por acaso, a mesma lógica se observa internamente no Brasil, onde modernização e atraso se implicam reciprocamente, duplicando em âmbito nacional algumas oposições estruturantes do sistema mundo. Para efeito dos Estudos Literários, a referência central é instituída pelo Modernismo paulista, hegemônico na formação do cânone nacional, donde a marginalização de boa parte da produção literária plasmada à revelia dele. No centro dessa marginalidade coloca-se o problema do regionalismo. Daí que, na contramão da caracterização do regionalismo enformada pela perspectiva canônica, surgem, com toda justiça, reflexões contestadoras, de diferentes perspectivas e com nuances regionais, mas mantendo em comum o empenho em legitimar autores e obras esquecidos ou rebaixados pela historiografia literária ‘*oficial*’. Porém, esse mesmo empenho termina muitas vezes por reafirmar aquela nefasta oposição centro–periferia porque, em sua parcialidade negativa, depende dos termos dela, ficando subsumido na polaridade, com aceitação tácita de seus pressupostos. Até quando se reconhece que a própria polaridade em questão é problemática, permanece o risco, objetivado na tentação da recompensa em fantasia, pela solução imaginária e pacificadora configurada como utopia de um mundo livre das contradições e iniquidades reais. A partir desse quadro, pela análise das reflexões de alguns estudiosos do regionalismo e pela consideração de alguns exemplos literários selecionados, procuro neste trabalho sugerir um empenho talvez mais produtivo do que apenas propugnar a diferença regional: investigar, na história da literatura brasileira, a formação da categoria ‘*regionalismo*’ à luz da dinâmica concreta das relações urbano–rural, moderno–atrasado, etc., correla-

tas da relação centro–periferia, para situar a conformação dessas categorias no processo mais geral de formação do Brasil moderno. Então será talvez possível construir um quadro conceitual mais independente, no qual as diferenças regionais sejam *interpretáveis* a partir de seu lugar constitutivo na estrutura conflitiva da vida sócio-cultural tal como a vivemos, não ficando sua dignidade subordinada conceitualmente à hipótese de um país reconciliado em meio a um mundo feito de embates.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1100

Amanuenses, escribas e outros burocratas na produção ficcional de Lima Barreto
MARCOS VINÍCIUS SCHEFFEL (UFAM)

A virada do século XIX para o XX no Brasil trouxe mudanças significativas no quadro político, técnico e social. Assistiu-se à consolidação da República, às reformas urbanas que tentavam dar um ar moderno ao Rio de Janeiro e à transformação do papel de determinados setores sociais: a cidade letrada criou novos mitos de ascensão social e pôs em cena novos protagonistas (RAMA: 1984). Nesse quadro complexo, o funcionalismo público passou a se configurar num setor que requeria grandes contingentes humanos e a representar mais efetivamente os setores médios de nossa sociedade. Esse setor social interessou sobremaneira Lima Barreto não só por fazer parte da máquina burocrática, mas por perceber que havia ali um grande potencial de síntese literária e social. Nesse trabalho, procuro trilhar os caminhos da escrita de Lima Barreto na representação literária da vida de amanuenses, escribas e outros burocratas que transitam por sua escrita. Para tanto, percorro as anotações do Diário Íntimo, onde Lima Barreto traça rápidos esboços, e procuro comparar os desdobramentos estéticos e ideológicos na produção ficcional do autor, em especial em Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá.

A redefinição do discurso centro-periferia através do hiper-regionalismo na literatura brasileira: a confluência entre os projetos ideológico-literários de Ariano Suassuna e Guimarães Rosa
PETERSON MARTINS ALVES ARAÚJO (UEPB) MARIA DE LOURDES PATRINI CHARLON (UFRN)

A formação literária brasileira desde a época colonial gravitou entre a tensão da cor local e os padrões e ditames estético-ideológicos ibérico-europeus. Todavia, como Antonio Candido aponta em *Formação da Literatura Brasileira* (1957), tivemos um lento caminhar do Arcadismo ao Romantismo e Realismo/naturalista, onde respectivamente seus autores-síntese José de Alencar e Machado de Assis irão deslocar essa tensão para o contexto rural-regionalista e o cidadão-cosmopolita, tal como aponta o próprio texto de Machado: *Instinto de Nacionalidade* (1873). Assim, a partir dessa perspectiva, Antônio Candido em seu texto posterior *Literatura e Subdesenvolvimento*, publicado no livro *A Educação pela Noite e Outros Ensaios* (1987), estabelece a transformação do discurso regionalista como ponto de percepção dessa tensão instaurada entre os centros desenvolvidos e subdesenvolvidos que compõem a dimensão da desigualdade micro e macroestrutural de nossa país. Para isso, aponta uma transformação da consciência do subdesenvolvimento em três vertentes: a de uma consciência amena do atraso advinda do regionalismo romântico; a de uma consciência catastrófica do atraso do regionalismo de 30; e a de uma consciência dilacerada do subdesenvolvimento através do super-regionalismo (supra ou hiper-regionalismo segundo a nossa análise) inaugurado, segundo Candido, por Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*. Então, partindo da percepção das principais características perscrutadas na referida obra, buscamos fazer um estudo comparativo mostrando os pontos de convergência e divergência entre o trato da consciência da tensão regional e cosmopolita entre o projeto literário de Rosa em *Grande Sertão: Veredas* e de Ariano Suassuna no *Romance d'A Pedra do Reino*.

Guimarães Rosa e o romance de 30: as contradições da modernização do Brasil em “Uma estória de amor”, *Calunga* e *São Jorge dos Ilhéus*
ZAMA CAIXETA NASCENTES (UTFPR)

Integrando "Corpo de baile", o conto "Uma estóia de amor" narra a festa dada por Manuelzão na fazenda Samarra. Como administrador, coube a ele cercar pastos com arames, erguer casa e construir capela, modificando o lugar. Construída a sede, o riachinho que abastecia a casa desaparece bruscamente, causando pesadelo em Manuelzão; no dia da primeira missa rezada na capela, o octogenário Camilo, "de gandavo", entretém os convidados contando o romance do Boi Bonito. Os dois fatos atestam o embate entre o novo trazido por Manueirão e o antigo, da natureza e da cultura. "Calunga" e "São Jorge dos Ilhéus", de Jorge de Lima e Jorge Amado, respectivamente, são romances lançados na década de 30. No primeiro, Lula assume a posição de colonizador, ao retornar à terra natal e desejar transformá-la a partir do saber científico. No segundo, a civilização do cacau esbarra nas forças da natureza e da cultura arcaica local. Nos dois casos, a modernidade entra em conflito com o antigo. A proposta da comunicação é ler nas três obras os impasses da modernização do Brasil, aproximando assim Guimarães Rosa dos romancistas de 30.

Dalcídio Jurandir jornalista e romancista: um intérprete dos pobres na periferia do favor

MARLÍ TEREZA FURTADO (UFPA)

O escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909/1979) produziu vasta obra romanesca. Além do romance proletário, que escreveu sob encomenda do Partido Comunista Brasileiro (*Linha do Parque*, 1959), ao qual era filiado, distendeu o ciclo *Extremo Norte* em dez romances, publicados entre 1941 e 1978. Nesse ciclo, pretendeu revelar o que chamava de uma Amazônia de forte e heroica humanidade, a Amazônia de uma aristocracia de pé no chão. Assim, nessas narrativas, vários grupos de personagens muito pobres transitam por um espaço derruído e à merce do favor. Nosso trabalho visa a discutir o empenho do autor em desvelar as relações paternalistas do contexto das obras *Marajó* (1947), *Belém do Grão-Pará* (1960) e *Primeira Manhã* (1968), demonstrando, na linha de literatura e sociedade, conforme Antonio Candido, como essas relações se transformam em elementos da economia desses romances. Seguiremos algumas personagens das obras referidas, mas principalmente a personagem central, Alfredo, que se caracteriza como um herói melancólico amazônico. Por outro lado, discutiremos o comprometimento do jornalista Dalcídio Jurandir em textos que escreveu para periódicos do Rio de Janeiro, entre as décadas de quarenta e de cinquenta, em que debatia aspectos da criação literária ficcional. Trabalharemos artigos de *Diretrizes* e da *Imprensa Popular*, alguns deles ligados ao realismo socialista, defendido pelo Partido na época, demonstrando a correlação entre a discussão jornalística de Dalcídio Jurandir e sua produção romanesca.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1100

A formação da sensibilidade em *Infância*

CRISTIANA TIRADENTES BOAVENTURA (USP)

Pretendo apresentar nessa comunicação as minhas reflexões acerca do livro "Infância", de Graciliano Ramos. Esse livro faz parte do corpus de meu projeto de doutorado que contempla o estudo comparativo desse livro de memórias com "Minha Vida de Menina", de Helena Morley, diário da escritora mineira. No atual momento da pesquisa, tenho me ocupado na análise e interpretação da obra de Graciliano, publicada no ano de 1945, buscando delinear as interações que se firmam entre a criança e os demais componentes do livro, abarcando as relações com os pais e demais pessoas que fazem parte da infância do menino. Também são contempladas as relações com o contexto em que a criança se insere, e o modo como a "matéria brasileira" se configura na obra. Nessa leitura, algumas éticas em formação na criança têm se sobressaído, evidenciadas pela presença do narrador que conduz a narrativa contrapondo a sua visão no tempo da infância à visão dos demais "personagens" do livro, como também à sua própria visão no tempo do enunciado. A questão mais forte que está se configurando nesta pesquisa diante do livro em análise firma-se em pensar em que medida há espaço para a formação de uma sensibilidade no contexto daquele sertão do começo do século XX, encarando a narrativa como lugar de tensões entre o moderno e o arcaico e de formação de éticas na infância. Palavras-chave: infância – ética – formação – sensibilidade. Instituição de fomento: FAPESP

O foco narrativo em *Angústia*: reflexões a partir da vida deteriorada

JOSÉ HELBER TAVARES DE ARAÚJO (UFPB)

Este estudo tem seu enfoque no “narrador parafuso” de *Angústia*, de Graciliano Ramos. No romance, o foco narrativo se instaura em determinados momentos através do fluxo de consciência do narrador Luís da Silva, sujeito atormentado e negativista, que possui uma relação intragável com o mundo exterior. A existência de Luís da Silva é radicalmente caracterizada pela visão desencantada do mundo e de si mesmo, sob uma profunda sensação de insulamento. Entre o ódio pelo bem-sucedido Julião Tavares e o amor frustrado por Marina, a narrativa de Luís da Silva é permeada de repetitivas digressões que concentra a ideia de uma narrativa em parafuso, como aponta Lúcia Helena Carvalho(1983): a figura do pai, a vontade de matar Julião Tavares, as rememorações, delírios com a corda/cobra, a frustração intelectual. Esta série de ideias problemáticas em *Angústia*, que gira em torno do mundo interior do personagem, é determinante para o desequilíbrio temporal da estrutura narrativa, para a difusa progressão do enredo e para o comprometimento da relação realidade/aparência. Como fundamentação teórica, Theodor Adorno se destaca devido seus estudos manifestarem questões fundamentais sobre a situação da literatura moderna e vanguardista, os mecanismos de representação literária e os complexos problemas sociais e culturais que envolvem a relação intratável entre o sujeito e sua exterioridade. Assim, partindo das noções adornianas de uma vida lesada, acredita-se que, em *Angústia*, o foco narrativo em fluxo introspectivo contínuo, sem coesão lógica, é representado estruturalmente, na obra, a partir de elementos mutilados que circulam a consciência do personagem Luís da Silva – este em estado de adversidade social e emocional. Parece que somente com esta condição é possível passar a indiciar um narrador em parafuso, pois o estado interior de Luís da Silva justificaria o desenvolvimento de oscilações do foco narrativo para fragmentos confusos e ideias em círculos espiralados.

Ofício de poeta: liberdade, modernidade e conhecimento na lírica de Murilo Mendes WELLINGTON MEDEIROS DE ARAÚJO (UFRJ; UERN)

Para Murilo Mendes, poeta modernista de nossa literatura, a poesia podia ser pensada como recurso poderoso à instrução, ao saber e ao conhecimento humanos. Fonte de saber, a poesia nega, ao mesmo tempo em que dele se apodera, o conhecimento que se instaura na Modernidade. Em atitude dialética, remete-o à função singular ante a barbárie humana instaurada com as grandes guerras. Para isso, alguns poemas de sua trajetória, principalmente do livro *Poesia Liberdade*, escrito em pleno apogeu da Segunda Guerra, pensam essa mesma Modernidade no que lhe é conferida de mais autêntico e forte, a construção do conhecimento. Pensando por essa via, a da dialética histórica, reflexões como as de Walter Benjamin e Adorno se tornam adequadas para averiguar a força da poética muriliana em consonância com os fatos históricos e sociais que rodeiam e perpassam a obra do poeta brasileiro.

O sobrinho do tio: a presença de J. M. de Macedo no romance machadiano EWERTON DE SÁ KAVISKI (UFPR)

O objetivo da presente comunicação é mostrar como o narrador machadiano, assim como mapeado por Roberto Schwarz, é, enquanto forma literária, forjado a partir do aproveitamento feito por Machado de Assis de certa parcela da tradição literária brasileira. Para tanto, pretende-se traçar e analisar algumas relações, já sugeridas em linhas gerais por Temístocles Linhares e Flora Sussekind, entre esse narrador machadiano, principalmente o de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), e o sobrinho-narrador de dois romances de Joaquim Manuel de Macedo, *A carteira de meu tio* (1855) e *Memórias do sobrinho de meu tio* (1867-68). A hipótese aqui é a de que as questões centrais determinantes do narrador machadiano, como formuladas por Roberto Schwarz em *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990), estão previamente figuradas, ainda que com resultados diferentes de fatura, nesses dois romances de Macedo. A ideia é evidenciar, a partir da leitura de Roberto Schwarz, certo caráter cumulativo que a obra machadiana possui quando articulada com as experiências ficcionais anteriores. No fundo, está embutida em nosso objetivo a ideia de discutir algumas das formulações críticas de Roberto Schwarz de modo que se redirecione a discussão não para os acertos machadianos, mas para o aproveitamento que a obra machadiana fez da tradição literária – o que, por tabela, pode reposicionar, do ponto de vista crítico, a obra de autores considerados menores em nosso sistema literário pelo *mainstream* da crítica literária como é o caso de Joaquim Manuel de Macedo

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1100

Aspectos formais do romance contemporâneo; ou, semelhanças estruturais entre *Dois irmãos* e *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao*
MARCELO LOTUFO (Brown University-USA)

Este trabalho visa inquirir sobre as implicações que o mundo globalizado impõe ao romance contemporâneo, brasileiro e internacional. Se para Roberto Schwarz em sua conhecida análise de Machado de Assis a divisão entre centro e periferia ainda era algo clara, isto é, era entendida em termos de Europa e Brasil, o que se passa em um momento globalizado no qual, como aponta Robert Blaustner, subdesenvolvimento e desenvolvimento passam a existir de forma ainda mais integrada e a periferia passa a existir de forma expressiva também dentro do próprio centro? O que significa para o romance contemporâneo estadunidense, por exemplo, o fato de mais da metade deste país “central” ser composto por minorias “periféricas”? De que modo esta nova experiência influencia, dentro da relação materialista de forma e conteúdo, os desenvolvimentos atuais do romance? De que forma a formulação de Roberto Schwarz para as “ideias fora do lugar” pode nos ajudar a repensar, dentro deste contexto, o próprio romance nacional contemporâneo? São estas algumas das questões que serão abordadas neste trabalho a partir de uma análise comparada entre os romances *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, e *Brief Wondrous Life of Oscar Wao*, do escritor dominicano/americano Junot Diaz. De que forma Roberto Schwarz, Fredric Jameson, Antonio Candido e Franco Moretti nos ajudam a entender como, em ambos os romances, tão distantes geograficamente e ao mesmo tempo tão globais, podemos perceber – transformadas em forma literária – as relações entre Estados Unidos e República Dominicana, São Paulo e Manaus, Centro e Periferia, Desenvolvimento e Subdesenvolvimento e como a literatura pode, por outro lado, nos ajudar a entender como estas categorias ainda são, em um mundo globalizado, importantes e esclarecedoras.

A escrita industrial de Luiz Ruffato e Paulo Lins
WELLINGTON AUGUSTO DA SILVA (UFRJ)

A conhecida relação autor-obra-público, que alicerça o conceito de sistema literário, de Antonio Candido, é ponto de partida para a reflexão de duas obras de autores nacionais contemporâneos, Luiz Ruffato e Paulo Lins. O argumento para caracterizar a posição social destes escritores e relacioná-las à formação de público leitor será retirado de certa crítica literária atual bem como de aspectos internos à ficção dos artistas. Nesse sentido, o estudo destes aspectos será feito à luz da historicização dos escritos de A. Candido, recolhidos em *Literatura e Sociedade*. Assim, busca-se comprovar que a ficção dos autores repõe traços formativos, estudados por A. Candido, e outros que, acirrados a modernização nacional sob a cifra da mercantilização, identificaremos como *Escrita Industrial*.

1967: arte e política em Antonio Callado, Carlos Heitor Cony e Glauber Rocha
LUIS ALBERTO NOGUEIRA ALVES (UFRJ)

O ano de 1967 ficou marcado pela retomada das grandes manifestações contra a ditadura instalada em 1º de abril de 1964. Nesse mesmo ano de 1967 vieram a lume os primeiros balanços da grande derrota da esquerda no campo artístico. Quarup de Antonio Callado, Pessach: a travessia de Carlos Heitor Cony, e Terra em Transe de Glauber Rocha tomaram a peito a difícil tarefa de criticar os desacertos que levaram ao poder uma poderosa aliança conservadora civil-militar. Nos três casos, o golpe está no centro das narrativas. A coincidência não passou despercebida do público de então, que notou de imediato que as três realizações formavam uma constelação de assuntos e problemas à espera de interpretação. Era uma prova de que a inteligência brasileira estava viva e não parava de produzir e pensar, apesar da repressão e da perplexidade. Cada obra encerrava um projeto concebido em escala considerável de ambição artística, a despeito das dificuldades de composição e de perspectiva de narração. A promulgação do AI-5, em 13 de dezembro de 1968 (uma sexta-feira 13), impediu, entretanto, que o debate em torno dessas produções prosseguisse. A partir dessa data, o regime não toleraria mais a presença dos opositores na vida pública. O toque de recolher criou um vazio político e criativo de enormes proporções e consequências. O presente trabalho pretende reconstituir o impacto que aquelas obras tiveram sobre a consciência coletiva e também sobre as lutas sociais, arriscando hipóteses sobre as dificuldades impostas pela ditadura para que o campo oposicionista pudesse propor publicamente projetos em arte e em política. Nesse sentido, pode-se argumentar que o autoritarismo favoreceu, de um lado, a imposição da lógica mercantil que se estendeu, sem resistência, a todos os setores da sociedade e, de outro lado, gerou um vácuo de criatividade que foi preenchido pela enxurrada

de produtos da cultura de massas, bem como por novas formas de arte desvinculadas da experiência anterior e ao mesmo tempo simpáticas aos “métodos” da indústria de entretenimento e de idiotização.

Uma leitura do romance naturalista brasileiro: entre o Folhetim e a Ciência
CASSIO DANDORO CASTILHO FERREIRA (UFPR)

Carece o Naturalismo de uma avaliação mais abrangente dentro de nossa literatura. Quase sempre o Naturalismo no Brasil é avaliado tendo em vista o conceito da importação de idéias, e fica assim perdido entre duas posições contrárias: ou é louvado pelo que tem de semelhante aos romances de Emile Zola e Eça de Queirós, ou combatido pelo que tem de diferente. Cabe perceber que no Brasil o Naturalismo teria que se modificar caso quisesse vingar em nossas letras. Por isso, foi em nosso país um misto das idéias que vinham de fora (França e Portugal), com tudo aquilo que havia sido praticado na escola anterior: o Romantismo. Neste sentido, esta comunicação visa analisar como se deu a presença de muitas das características típicas do romance romântico, e principalmente o de caráter folhetinesco, dentro dos romances naturalistas publicados no Brasil no século XIX. Será dada maior atenção ao romance *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo, devido à importância do autor para o nosso Naturalismo e por ser esse o romance que inaugura esta escola em nossas letras. Porém, não serão deixadas de lado as produções de autores como Adolfo Caminha, Júlio Ribeiro e Pardal Mallet, pois pensando a tradição de nosso romance naturalista a partir de nomes menores e maiores, poderemos avaliar com mais clareza a importância desta escola na literatura brasileira. Escola que permanece como algo recorrente em nossas letras, chegando até a ficção dos anos 30 e os romances dos anos 70.

AFRO-RIZOMAS LITERATURAS AFRO-BRASILEIRA E AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA I

Jesiel Ferreira de Oliveira Filho (UFS)
José Henrique de Freitas Santos (UFBA)
Maria Nazaré Mota Lima (UNEB)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1000

A literatura-terreiro na cena hip hop afrobaiana
JOSÉ HENRIQUE DE FREITAS SANTOS (UFBA)

Este trabalho intenta mapear a literatura afro-performativa produzida pelos grupos *Opanijé* e *O Terreiro*, pertencentes à *Cena Hip Hop baiana*, a fim de analisar a mitologia e a cultura afro-brasileiras que eles mobilizam em prol da (re)invenção de identidades diaspóricas que sampleiam a África através dos discursos que a evocam por meio da insurgência e da modernidade diaspóricas. A partir da noção deleuziana de rizoma toma-se neste trabalho as produções dos referidos grupos como literatura-terreiro pelo diálogo descentrado e não originário que travam com o espaço sagrado das religiões de matriz africana, bem como pela delimitação de uma estética que deriva do cultivo às representações tecidas dentro de uma cosmovisão ancestral africana e afro-brasileira.

É tudo no meu nome! Letramentos em imagens das periferias
ANA LÚCIA SILVA SOUZA (UFBA)

Por meio da análise multimodal de um corpus constituído por um conjunto de capas dos livros publicados pela Edições Toró, a comunicação apresenta olhares sobre discursos que sustentam práticas de letramentos vivenciadas por escritores e escritoras filiados/as a literatura periférica. A partir de uma abordagem enunciativo-discursiva busca-se mapear como são construídos e anunciados seus posicionamentos identitários envolvendo aspectos tais como raça, classe, gênero e outros. Ao levar a público diversos trabalhos nos mais diferentes espaços os escritores e escritoras da literatura periférica imprimem relevos singulares aos usos sociais da linguagem - na escrita, na oralidade, na imagem - o que lhes permite firmar-se como agentes de letramentos. Interesse, entre outras questões, refletir sobre os novos contornos e as implicações de tais práticas para adensar as discussões em torno da noção de letramentos de reexistência, termo que venho utilizando para analisar produções vinculadas ao universo da cultura hip-hop.

Modos de se aquilombar, modos de se acomunar: produções literárias de periferias como retorno em diferença da vida estético-política OSMAR MOREIRA DOS SANTOS (UNEB)

Uma das mais significativas descobertas no pensamento de Karl Marx foi a forma de esvaziamento do poder e a possibilidade de distribuição rizomática advinda, teórica e metodologicamente, com a Comuna de Paris, do mesmo modo que uma das mais importantes descobertas linguístico-literárias, no século XX, tenha sido o signo, sua abertura significativa e a possibilidade permanente de esvaziamento do significado transcendental. Entretanto, nem marxistas, como stalinistas tardios, nem literatos como adoradores do etéreo, conseguiram fazer imbricar forma política na poética, e vice-versa, tão bem quanto aqueles sujeitos diaspóricos sem terra literária nem teto político, hoje envolvidos até os dentes com a institucionalização da malha da cultura no Brasil. Artistas, produtores, agitadores filiados aos mais diferentes segmentos (teatro, cinema, grafitti, griots, entre outros), tem feito da cultura afrodescendente não apenas uma geocrítica das noções de bem simbólico, formas de acesso e reparação da riqueza, mas, principalmente, um laboratório das novas formas de engajamento de sujeitos e processos de subjetivação. Esta comunicação tem por objetivo avaliar o sentido de poder na política e no signo literário, tomando como lugar teórico práticas culturais afrodescendentes aquilombadas, acomunadas, em movimento de transformação da periferia do Brasil numa usina literária, em diferença.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1000

Memória, poéticas e linhagens transatlânticas em textos de Manuel Rui, José Craveirinha e Jamu Minka – Griots de tempos e lugares MARIA DE FÁTIMA MAIA RIBEIRO (UFBA)

A partir dos conceitos de rizoma, diáspora e trânsitos culturais, propõe-se a leitura de textos dos poetas José Craveirinha, moçambicano, e Jamu Minka, brasileiro, sob o prisma da consagração de poéticas ancoradas em diálogos e trocas universos culturais entre a África, a América e a Europa. Problematisa-se a questão com posicionalidades contra-hegemônicas advindas da literatura angolana, nas vozes de Arlindo Barbeitos e de Manuel Rui, marcadas por dispositivos de dissonâncias e ressonâncias, que acionam memórias, discursos, linguagens e relações de histórias sempre prestes a serem (re)contadas, lembradas ou instituídas, atualizadas. Dos universos poéticos, culturais e históricos constituídos redundam linhagens grióticas a atravessar o Atlântico negro e pardo nas suas diversas direções (GILROY; VALE DE ALMEIDA), articulando patrimônios interculturais, usos da memória e senso histórico (RICOEUR; BENJAMIN) estética e politicamente investidos.

Múltiplas paragens do corpo intelectual: a poesia e a poética de Mel Adún, Ana Paula Tavares e Esmeralda Ribeiro LÍVIA MARIA NATÁLIA DE SOUZA SANTOS (UFBA)

A noção de poética como correlata à idéia de teoria encontra-se sustentada pelo pensamento aristotélico sobre a obra de arte. As formas de pensar a construção artística foram atualizadas pelos próprios estatutos instituídos e derrubados pelo campo artístico e Aristóteles foi, neste bojo, repensado. Nesta cena, a poética, discutida e deslocada, ainda nos serve. Principalmente quando,

como é o caso deste trabalho, toma-se como foco de análise a escrita literária e crítica de mulheres que são poetisas e intelectuais. A poética aí se amplia do corpo do texto e entranha-se na vida, religando os fios entre texto e experiência que antes eram pensados como inconciliáveis. Mel Adún (Brasil-Bahia), Ana Paula Tavares (Angola) e Esmeralda Ribeiro (Brasil-São Paulo) se propõem, nos seus poemas, a erguer reflexões de agudo vigor crítico sobre temas relativos aos femininos e às questões etnicorraciais, dentre outros, estas reflexões encontram ressonância em seus textos acadêmicos, entrevistas, artigos de crítica e ação política. Estes diálogos serão estudados neste trabalho que objetiva equacionar os elementos que compõem este perfil de intelectual negra contemporânea.

Conceição Evaristo e Paulina Chiziane: o feminino negro da diáspora na literatura **ROSALIA ESTELITA DIOGO (PUC-MINAS)**

Esse trabalho pretende apresentar uma problematização acerca da produção literária das escritoras negras: Conceição Evaristo, do Brasil e Paulina Chiziane, de Moçambique, pelo entendimento de que são contundentes, na obra das duas, as marcas do feminino, bem como a presença da crítica social às relações de poder e dominação a que são submetidas as mulheres nos dois continentes. As duas escritoras, com as encenações literárias, imbricadas pelas questões de gênero e raça provocam-nos severas reflexões acerca dessas temáticas. São os seus posicionamentos ideológicos de resistência que têm motivado-nos fortemente a continuar acreditando na possibilidade de que, por meio de atitudes insubordinadas, seja possível vislumbrar lugares/existências mais confortáveis para mulheres negras.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1000

Áfricas da Bahia: trocas e reinvenções **GILDECI DE OLIVEIRA LEITE (UNEB)**

É clichê dizer que Salvador ou a Cidade da Baía de Todos os Santos possui a maior população negra fora de África. Ainda que um dia isso mude, dificilmente a Cidade da Bahia perderá o status quo de sua pretitude. Como reflexo de toda essa população predominante negra, constituiu-se na cidade uma cultura negra, uma literatura negra, toda uma forma preta de pensar e de agir. Determinadas ilhas culturais negras, como o candomblé, são reconhecidas como pedaços de Áfricas na Bahia ou de Áfricas Baianas. Aqueles que outrora, principalmente até primeira metade do século XX, constituíram-se como ilhas reclusas, escondidas da mão racista ditatorial, alargaram suas fronteiras, através da conquista daqueles que como outros foram convidados a serem membros das ilhas negras. O que fora o outro passou a ser o eu e ao assumirem o novo discurso reinventaram Áfricas baianas por onde suas produções passaram. Sendo assim demonstraremos como a literatura e outras artes contribuíram para que arquétipos de Áfricas Baianas ampliassem as fronteiras das ilhas negras baianas e de que forma tudo começou como uma estratégia de sobrevivência e de conquista do outro pelo sacerdócio negro baiano.

Oiro africano: uma ferramenta de dominação do Estado Novo português **FLÁVIA ARRUDA RODRIGUES (PUC-Rio)**

O objetivo deste trabalho é apresentar o livro *Oiro africano*, escrito em 1929 pelo jornalista Julião Quintinha, como peça de dominação colonial do Estado Novo português. O livro foi um dos premiados pelo Concurso de Literatura Colonial da Agência Geral das Colônias (AGC), instância do governo lusitano encarregada do controle e promoção de atividades econômico-administrativas realizadas fora do território continental de Portugal, no início do século XX. Tal concurso foi promovido entre 1926 a 1974, e contemplou, com vultosas somas de dinheiro, artefatos literários que, como *Oiro africano*, fortaleciam a figura do dominador português em detrimento das populações e territórios locais. Formulações teóricas a respeito do estereótipo e da ambivalência como as de Homi Bhabha permitem compreender os mecanismos textuais de dominação contidos em tais livros. Julião Quintinha claramente se imbuí da tarefa pedagógica que a empresa

colonizadora portuguesa lhe reservara, publicizando a mensagem de que nada mais havia em África que sertões a serem ocupados. O trabalho pretende trazer à tona discussões sobre o momento colonial de (hoje) países como o Moçambique tratado em *Oiro africano*, uma vez que, a partir de Stuart Hall, devemos entender o pós-colonial dessas nações como continuidades. *Oiro africano* é um dos objetos de estudo da dissertação “Narrativas da dominação no Concurso da Agência Geral das Colônias (1926-1951)”, defendida por mim em 2010 no curso de mestrado em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), que tem sequência, atualmente, no curso de doutorado em Letras da mesma instituição.

Outros nós: leitura de *As aventuras de Ngunga e Predadores*, de Pepetela
ALESSANDRA MAGALHÃES (ESEM-UFF)

A proposta do trabalho é refletir sobre a produção literária do escritor angolano Pepetela que, para além de ser um lugar de representação, é espaço de interlocuções históricas e políticas no sistema da literatura angolana. A partir da leitura de dois textos que se apresentam ao público num espaço de 32 anos de diferença – *As aventuras de Ngunga* (1973) e *Predadores* (2005) – e do diálogo com as ideias de Amílcar Cabral, pretendemos pensar acerca de questões que são “discutidas” em ambos: opressão e resistência. Se *As aventuras de Ngunga* são escritas na esteira do projeto revolucionário de libertação nacional, contando a história de um pioneiro do MPLA, *Predadores* vem a ser um mergulho cáustico na vida pública e privada da nova burguesia que ascende no país pós-75, uma crítica da nação que está a se construir à deriva de um projeto desenhado por mais de uma geração.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1000

Áfricas
ENEIDA LEAL CUNHA (UFBA-PUC/Rio)

Nos dicionários da língua portuguesa é explícito o nexo entre a história colonial e o uso substantivado e comum do topônimo significando façanha ou habilidade, como na frase, popular em Portugal, “meter uma lança em África” (vencer uma grande dificuldade); ou ainda em “esgotar poço de pouca água não era nenhuma África” (Mário de Andrade, *Contos Novos*). Para a comunicação, a África permanecerá no campo semântico da façanha e da proeza, entretanto, a partir de uma torção fundamental: importam a África ou “as Áfricas” não como objeto ou como lugar, mas como sujeito e, principalmente, como forças propulsoras que se confrontam produtivamente com a ocidentalidade, enquanto alteridade, diferença e desafio, como um seu exterior constitutivo.

A construção de personagem negro e o problema do pertencimento nacional em *Nada como um dia após o outro dia*
CINTIA CAMARGO VIANNA (UFU)

Ao pensar a literatura afro brasileira contemporânea um dos problemas que me parece emergir desse universo de reflexão é a questão dos pertencimentos, especialmente o pertencimento nacional. Nesse sentido, interessa saber qual seria o espaço alternativo, o espaço simbólico instaurado nas letras dos Racionais MC's, espaços estes que serviriam de pano de fundo para que o Preto tipo A pudesse atuar.

Faces e contrafaces do “civilizador erótico”: colonialidade, sexualidade e transculturação em *Yaka*, de Pepetela, e em *A república dos sonhos*
JESIEL FERREIRA DE OLIVEIRA FILHO (UFS)

Refletindo sobre as significações ambíguas que a mestiçagem assume na construção identitária brasileira, o antropólogo Osmundo Pinho assinala que o projeto nacional de integração pela miscigenação articula-se intimamente com “projetos subjetivantes” baseados no consumo intensivo do corpo do outro através do sexo e do desejo, articulação a partir da qual se efetiva uma “economia política da raça e do gênero” que desempenha um papel central no agenciamento dos conflitos socioculturais brasileiros. Dessa forma, fantasias sexuais associadas a marcas identitárias convertem-se em fatores estratégicos na produção de discursos — assim como de “interidentidades”, nos termos de Boaventura Santos — que endossam ou flexibilizam os ordenamentos raciais instituídos pela razão colonial, entrecruzando frustrações e compensações eróticas com as disputas por direitos sociais e referentes culturais. A comunicação pretende analisar imagens literárias selecionadas entre as obras indicadas, tendo em vista realizar, no âmbito de um trabalho comparativo entre representações angolanas e brasileiras, uma caracterização contrastiva de processos de construção identitária do sujeito masculino branco nesses distintos e análogos contextos mestiços. A interpretação dessas imagens e desses processos sugere que a internalização de valores africanos, ao promover aquilo que Santos denomina de “hibridações emancipatórias”, exerce potentes efeitos de deslocamento e reversão sobre os modelos de autoridade despótica que ajustam aqueles sujeitos aos esquemas de poder da colonialidade lusófona.

A LITERATURA CONTEMPORÂNEA EM MOVIMENTO I

Laura Izarra (USP)
Divanize Carbonieri (UFMT)
Michela Di Candia (UFRJ)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 900

O romance contemporâneo de língua portuguesa em Bernardo Carvalho e Francisco José Viegas
ADENIZE FRANCO (USP/UENP)

Este trabalho centra-se na exploração dos romances produzidos por Bernardo Carvalho e Francisco José Viegas, autores brasileiro e português respectivamente. Com base nas teorizações de Walter Benjamin e Theodor Adorno procuro demonstrar, através dos romances *O sol se põe em São Paulo*, do primeiro e *Longe de Manaus*, do segundo, a presença de elementos característicos do período contemporâneo que atualizam as projeções dos teóricos supracitados: a) a impossibilidade de narrar uma vez que se destaca a depauperação da narrativa; b) narrativas que encontram meios – como a própria impossibilidade de narrar – de sobreviver num mundo marcado pela padronização social.

Amores Expressos: narrativas do não-pertencimento
ROSANA CORRÊA LOBO (PUC-Rio)

A comunicação pretende indagar se ocorre o fim de um ciclo de representação da identidade nacional na literatura brasileira, uma vez que, como parece indicar o projeto Amores Expressos (Companhia das Letras / RT Features), a nação já não ocupa mais o centro de um sistema de significação na nossa literatura. Buscar-se-á ver como nos primeiros romances já publicados pelo projeto – Cordilheira (2008), de Daniel Galera, O filho da mãe (2009), de Bernardo Carvalho, Estive em Lisboa e lembrei de você (2009), de Luiz Ruffato, O único final feliz para uma história de amor é um acidente (2010), de João Paulo Cuenca e Do fundo do poço se vê a lua (2010), de Joca Reiners Terron, ambientados respectivamente em Buenos Aires, São Petersburgo, Lisboa, Tóquio e Cairo - a representação da realidade local e de uma identidade unificada e homogênea abre espaço para uma representação cosmopolita de um mundo cujas identidades estão em crise.

Os desdobramentos narrativos em *O sol se põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho

REGINA CÉLIA DOS SANTOS ALVES (UEL)

Bernardo Carvalho, escritor e jornalista nascido no Rio de Janeiro em 1960, vem se firmando no cenário atual como um dos escritores mais importantes da literatura brasileira. Merecedor de elogios frequentes por grande parte da crítica que se ocupa da literatura brasileira contemporânea, o autor já recebeu várias premiações, como o Portugal Telecom em 2003, por Nove noites, e o APCA e o Jabuti em 2004, por Mongólia. No presente trabalho, o objetivo é estudar o romance O sol se põe em São Paulo, publicado em 2007. Na história que se mistura, do narrador frustrado, por não conseguir de fato ser um escritor, solitário e desempregado, ao misterioso relato de Setsuko, velha japonesa dona de um restaurante no bairro da Liberdade, cuja trama se passa no tumultuado Japão em plena 2ª Guerra Mundial, entrelaçam-se diferentes vozes a contar a mesma história, entrecruzando-se não apenas diferentes olhares, mas também tempos e espaços diversos. Se não coincidem de todo, porque cada um guarda suas particularidades, a dinâmica do diálogo estabelecido coloca em xeque as certezas e a distância entre a terra do sol nascente e o Brasil, onde o sol se põe, cujas diferenças já não se mostram tão evidentes. Da mescla de relatos envolvendo Setsuko (na verdade Michiyo), Jokichi e Masukichi, nasce a escrita do narrador e sua efetivação enquanto escritor. No romance de Bernardo de Carvalho, no entanto, não há qualquer tranqüilidade quanto ao processo narrativo, visto não haver uma voz centralizadora a narrar, mas uma pluralidade de vozes amalgamadas. Sendo assim, é intenção do presente trabalho abordar em O sol se põe em São Paulo a articulação das vozes que compõem a teia narrativa e que, em grande parte, é responsável pela constituição dinâmica e instigante do romance, a prender a atenção do leitor do início ao fim, num misto de realidade e fantasia.

O mais longe ir: identidades transversas em Bernardo Carvalho RICARDO POSTAL (UFPE)

O esfacelamento das identidades uniformizadas é uma característica central do imaginário contemporâneo. Compreender-se enquanto sujeito significa expor-se a um constante embate com os outros para tentar, nas negociações e trocas culturais constantes, fomentar um espaço em que o dizer-se imponha um somatório de fragmentos que unidos forcem uma identidade. Tal figuração é uma condição transitória, porque sendo constantemente requerido a manifestar-se em diversos grupos, o sujeito troca sua aparência, e de acordo com a situação assume identidades mais adequadas para sua sobrevivência na selva social. Uma personagem assim representada não demonstraria, porém, a angústia de um processo de rasurar-se constantemente nem a complexidade das rupturas provocadas, tanto nele, que muda, quanto em seu entorno, que é por ele mudado. Na literatura brasileira contemporânea, uma poética do transitório se manifesta reiterada na escrita romanesca de Bernardo Carvalho, reverberando, através de personagens viajeiros a fragilidade de quaisquer laços que prendam o sujeito à completudes e simplicidades. Neste trabalho analisaremos as maneiras como o imediato abandono, por parte das personagens, das suas vidas em curso, trocadas pelo desvendamento de enigmas obsessivos, refletem um vazio indizível da existência, preenchível somente pelo aventurar-se através de vidas outras que são lentamente tomadas para si. Nesse fluxo sempre avante para amalgamar-se no outro vão se operando alterações na identidade do viajero que dizem muito sobre a refração, no universo romanesco, dos aspectos da transitoriedade contemporânea, acima referidos, nos romances.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 900

Peculiaridades narrativas na poética de Lygia Fagundes Telles e Lídia Jorge MARIA APARECIDA COSTA GONÇALVES FERREIRA (UERN)

As discussões mais recentes em torno da pós-modernidade revelam que o homem de nossos dias vive numa época de quebra de valores, situada no debate atual como “crise da modernidade”. Nesse contexto se insere um novo conceito de sujeito e de herói além de um saber narrativo que redesenha os contornos da chamada identidade cultural. No campo sem fronteiras que é a literatura, observam-se mudança de foco e de tom na representação de temas clássicos, como o amor, por exemplo, privilegiado no mito e na literatura, e debatido entre nós desde a Antiguidade clássica. Desse modo, a comunicação propõe a discussão do amor em dois romances: *Ciranda de pedra*, (1954) de Lygia Fagundes Telles, e *A manta do soldado*, (1998) da escritora portuguesa Lídia Jorge. O propósito é apresentar resultados de um estudo da obra dessas duas escritoras que fazem uma incursão ao terreno minado das relações amorosas. Através da análise comparada dos romances, pretende-se discutir as tensões em torno das estéticas brasileira e portuguesa na medida em que configuram traços do amor problemático, suas vicissitudes e similaridades e,

assim, um impacto ideológico na configuração do tema. Em outras palavras, objetiva-se cotejar a obra de Lygia Fagundes Telles e Lidia Jorge observando articulações histórico-culturais que aproximam e separam a interlocução Brasil e Portugal, pois, conforme afirma Bhabha (2001, p. 33) “o estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de “alteridade”. Nesse sentido, defende-se a hipótese de que observar a expressão do amor em narrativas contemporâneas possibilita trazer a tona um tema debatido em um momento de transitoriedade constante. Embora as obras em análise tenham um distanciamento cultural e temporal, percebemos que ambas as escritoras mostram em suas narrativas desilusões humanas e frustrações amorosas, pondo em cena aquilo que na Teoria da Literatura é entendido como herói problemático. Nas obras em questão, o ponto de vista da narrativa é feito a partir do olhar de duas garotas, ambas frutos das relações amorosas frustradas das mães. Em *Ciranda de Pedra*, de Lygia Fagundes Telles vemos um círculo amoroso observado por Virgínia, resultado do adultério da mãe, que posteriormente enlouquece e morre. Entende-se, pois, que Virgínia se sente responsável pela punição patológica imposta à sua mãe. Este mesmo esquema narrativo também é observado no romance *A manta do soldado* da escritora portuguesa Lídia Jorge. Narrativa apresentada do ponto de vista de uma garota, sem nome, que, ao perceber que é fruto de uma relação amorosa abortada, vai entendendo e construindo de forma muito fragmentada sua história de vida e a complexa história do sofrimento amoroso de sua mãe. Observamos, portanto, que nas duas narrativas o amor não se realiza como um sentimento desejado, pelo menos para quem observa de fora, mas como desvarios de pessoas psicologicamente desajustadas, como se fosse um sentimento impossível na realidade contemporânea, anseio não comportado pela modernidade.

Os velhos e os novos tempos: a identidade em transformação em crônicas de Rachel de Queiroz

ADRIANA GIAROLA FERRAZ FIGUEIREDO (UEL)

Quando as mudanças históricas se aceleram e a vida cotidiana sofre alterações, tudo que se configura nesse espaço em movimento mostra-se transitório e efêmero. O estabelecimento de uma série de rupturas, de novas associações nas relações entre os homens, e destes com o meio, gera diferentes perspectivas por parte dos envolvidos nesse processo, que se constitui permeado de transformações e de adaptações. Toda possibilidade de continuidade praticamente é arrancada da vida dos sujeitos. Aos velhos, então, a sensação de que o amanhã não lhes pertence se torna muito acentuada. Tudo que foi construído perde, de certa forma, a sua altivez inicial, para permitir à sociedade o ganho de novas forças diante daquilo que é inovador, impactante e transformador, mesmo que isso acarrete perdas insuperáveis dentro das renovadas sociedades. De acordo com Simone de Beauvoir, “As árvores que o velho planta serão abatidas. [...] O filho não começará o pai, e o pai sabe disso. Ele desaparecido, a herdade será abandonada, o estoque da loja vendido, o negócio será liquidado. As coisas que ele realizou e que fizeram o sentido de sua vida são tão ameaçadas quanto ele mesmo.” (apud BOSI, 1998, p. 77). Em meio à velocidade de uma sociedade altamente informatizada, deliberadamente modernizada e, no entanto, perdida na dinâmica das relações entre os indivíduos, a afinidade com os senescentes passa a ser pautada pela falta de reciprocidade. Não se discute mais com os velhos, não há mais o confronto das opiniões com as deles e nega-se aos mesmos a oportunidade de desenvolvimento daquilo que deveria ser intrínseco a todas as pessoas: a busca da alteridade, o direito à contrariedade, os afrontamentos pessoais e até mesmo o estabelecimento de conflitos. Nesse novo contexto social, em que a humanidade se encontra em movimento constante, resta aos senis o embaraço natural ante a sua condição e a busca da sustentação de um mínimo de dignidade, mesmo que diante de novas tendências e de particularidades por vezes impraticáveis. Perante as adversidades do dia a dia, aceitação, repulsa e perplexidade acabam se tornando as palavras de ordem, que encontram na crônica, o espaço no qual podem ser exploradas, questionadas e experimentadas.

Princípio de incerteza e esquizofrenia como metáfora do contemporâneo em *Menino oculto*, de Godofredo de Oliveira Neto

ARNALDO FRANCO JUNIOR (UNESP)

Nesta comunicação, abordaremos o romance *Menino oculto* (2005), de Godofredo de Oliveira Neto como texto significativo para uma representação da contemporaneidade. *Menino oculto* é regido por um princípio de incerteza (BAUMANN, 2005), que afeta o todo de suas possibilidades de produção de sentido e perturba as fronteiras entre real, realidade e ficção. Marcado pela fragmentariedade, pela dialogia, pela repetição com diferença (deslocamento ou substituição de personagens, eventos, ações, detalhes espaço-temporais), o romance, além de discutir as fronteiras entre real e imaginário, sugerindo uma possível esquizofrenia como condição mental do narrador, sugere a esquizofrenia como metáfora que simboliza o próprio contexto sociocultural e histórico de onde a história narrada emerge: o mundo contemporâneo marcado pelo esfacelamento da noção moderna de indivíduo, pela compressão e super-fragmentação do tempo, pela inflação e sobreposição de representações agenciadas por interesses diversos, pela disseminação da violência no tecido das relações cotidianas, enfim, por uma concepção da vida e da realidade como jogo permeado pelas características da ficção.

Reconfigurações espaciais em *Estorvo* MÁRCIA DE OLIVEIRA REIS BRANDÃO (UFF)

O trabalho examina as reconfigurações espaciais em *Estorvo*, de Chico Buarque, tendo como ponto de partida a figura "retraite" (retirada), analisada por Roland Barthes em suas proposições sobre "o Neutro", apresentadas em curso ministrado no "Collège de France" em 1978. Também são trazidas à pauta a instabilização dos limites entre espaço público e espaço privado que vem se acirrando desde a Modernidade. Para tal, retomam-se as teses do antropólogo americano Edward Hall e da antropóloga inglesa Doreen Massey.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 900

A estrangeiridade e as máscaras do familiar na construção identitária do personagem Joseph Smith do romance *Fundador* de Nélida Piñon

RONIÊ RODRIGUES DA SILVA (UERN)

Em uma definição aparentemente simples, formulada a partir da observação do direito segundo a terra e do direito segundo o sangue, Kristeva (1994, p. 100) apresenta-nos um conceito de estrangeiro. Respondendo a uma pergunta elaborada por ela própria, a estudiosa caracteriza esse sujeito como “Aquele que não faz parte do grupo, aquele que não ‘é dele’, o outro”. Para chegar ao que considera uma definição moderna e mais aceitável do termo, dada um pouco mais à frente, no desenvolvimento da sua reflexão, a pensadora realiza com bastante clareza e precisão um levantamento histórico da condição do *ádvēna*, assinalando nessa trajetória a presença de uma espécie de estatuto jurídico geral do estrangeiro até chegar à formação dos Estados-nações, para os quais esse sujeito é considerado como “aquele que não pertence à nação em que estamos, aquele que não tem a mesma nacionalidade”. (KRISTEVA, 1994, p. 101). Partiremos dessa conceituação para discutirmos a construção identitária do personagem de nacionalidade palestina Joseph Smith, do romance "Fundador" (1969) da escritora contemporânea Nélida Piñon, frente à possibilidade de realização do sonho americano. Veremos que em solo estadunidense Joseph será considerado um estrangeiro, adequando-se perfeitamente à definição de Kristeva, visto que, como toda a sua família, o personagem não é aceito, nos Estados Unidos, como um cidadão com nacionalidade americana, mas um nativo de outra terra. Essa inscrição originária, que faz dele um “outro” em pátria alheia, será determinante para que ele assimile as imagens da nação americana na perspectiva do imigrante. Assim, pretendemos demonstrar de que maneira a sua identificação enquanto ser vai se constituir num espaço de tensão entre a estrangeiridade e as máscaras do familiar, entre o duplo e a falta, entre um discurso de inclusão e de exclusão, e até mesmo entre uma espécie de orgulho e vergonha, sentimentos que são originados pelo fato de o personagem se situar permanentemente entre duas pátrias, duas culturas, duas línguas, dois mundos.

Da poética do lugar em Mário de Andrade, Graciliano Ramos e Claude Lévi-Strauss

CRISTIANE MARQUES MACHADO e MARIA LUIZA BERWANGER DA SILVA (UFRGS)

O presente estudo aborda as relações entre Literatura Comparada e Espaço, estabelecendo representações da Alteridade a partir das definições de estrangeiro, de Julia Kristeva, em *Estrangeiros* pra nós mesmos (1994), e de exotismo, de Victor Segalen, em seu *Essai sur l'exotisme: une esthétique du divers* (1978). Tais definições são problematizadas através de um enfoque comparatista de Angústia (s/d), de Graciliano Ramos; *O turista aprendiz* (2002), de Mário de Andrade; e *Tristes trópicos* (1996), de Claude Lévi-Strauss. Cada uma destas obras traduz, à sua maneira, formas e modos de percepção do real circundante que a escritura transforma em fábula do lugar. Neste estudo, não apenas se compara a experiência de deslocamento no espaço empreendida pelos estrangeiros Mário, Lévi-Strauss e Luís da Silva, como também se analisa a forma como o sentimento e a sensação de exotismo interferem em seus discursos. Para tanto, busca-se extrair das referidas obras a figura de estrangeiro assumida por Luís da Silva, Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss. Além disso, verifica-se como cada um desses estrangeiros transgride a geografia física dos lugares visitados/habitados, reconfigurando-a por meio da subjetividade e estabelecendo, assim, uma espécie de transgeografia. Dessas análises, é possível afirmar que tanto o deslocamento empreendido no espaço quanto suas percepções do real circundante acabam por produzir verdadeiras fábulas do lugar nas quais a experiência do exílio adquire um caráter primordial. Isso dito, deve-se admitir, então, que, sem o “exílio voluntário” por que passam Luís da Silva, Mário Andrade e Lévi-Strauss, não se poderia ter afinado seu gosto pela errância. E esta

errância, vivenciada ora mais ou menos contundentemente por nossos estrangeiros e “corcundas de alma”, faz com que o deslocamento no espaço se estenda necessariamente para uma poética da relação. Assim, as identidades de nossos exotes, antes enraizadas no Mesmo, acabam por desdobrar-se rizomaticamente, pela relação com o Outro. Além disso, no ritual de hospitalidade em que se encontram o Mesmo e o Outro, não são apenas as notas de viagem e as elocubrações de caráter antropológico que vão se destacar: nesse entrecruzamento de alteridades, seus relatos de viagem transformam-se em relatos de si mesmos. Cabe ainda ressaltar que, a partir do desdobramento identitário provocado pela travessia geográfica, pode-se entrever uma poética do encontro em que a imensidão do espaço se (con)funde com a cartografia íntima do sujeito em uma verdadeira dialética do exterior e do interior, o que permite deduzir que, se a geografia de fora é imensa, menor imensidão não têm aqueles que a atravessam.

Facínoras/matadores/sicários: a violência e o contato com a alteridade em *Mineirinho*, *Rosario Tijeras* e *O invasor*

FERNANDA ANDRADE DO NASCIMENTO ALVES (UNICAMP)

“É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facínora. [...] Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo” (LISPECTOR, 1964, p. 101). Esse fragmento pertence à crônica/conto “Mineirinho”, publicada por Clarice Lispector após o assassinato pela polícia do “facínora” cujo apelido dá título ao texto. De bandido procurado pela polícia, ele passa a personagem emblemático de um texto clariceano – e será sua representação literária, e não sua evidência real, a mobilizada neste trabalho. Interessa-nos a relação significativa que se estabelece entre a cronista, representante de um “nós”, que integra a classe média-alta, e o “outro”, pertencente a um mundo marginal. Desejo de ser o outro: de passar da condição de quem faz parte de um “nós” seguro e protegido pela lei – a polícia que mata – para o lado marginal, transmutando-se naquele que foi alvejado, naquele que teve seu corpo marcado pela violência e pela “justiça” do Estado. Embora passados mais de 40 anos da publicação desse texto de Clarice, a inquietação em relação aos fatos narrados e aos questionamentos levantados parecem ainda ser um sentimento que invade a leitura e causa desconforto. Outra razão possível para a permanência da inquietação – para além do talento da escritora ao tratar de temas como este – talvez resida no fato de que o lapso temporal e histórico parece não ter aplacado nem diminuído a distância entre o “nós” e o “outro”, muito menos tornado mais simples ou clara a relação entre “ordem” e “marginalidade”. Assim, continuam presentes problemas apontados naquela época – o aumento da marginalidade, o recrudescimento da violência e também da repressão por parte do aparato policial – e atualmente eles se somam a outros, que pretendemos explorar. A analogia que desejamos traçar aqui – uma vez que o foco do estudo não é o texto de Clarice – tem como fundamento a representação literária do “refugo” (BAUMAN, 2005): a colocação em cena de sua carne e de seu corpo – e, muitas vezes também, a possibilidade de alçar sua voz – em romances contemporâneos que reverberam uma discussão já feita por Lispector décadas antes. Tanto “O invasor”, do brasileiro Marçal Aquino, quanto “Rosario Tijeras”, do colombiano Jorge Franco, põem em cena um sujeito marginal, mais especificamente um matador – ou sicário, como são chamados os matadores de aluguel na Colômbia. Com certo risco, aproximamos aqui duas realidades, a brasileira e a colombiana dos anos 1990/2000, postas em diálogo com o cenário social da década de 1960, por acreditarmos que há pontos de contato entre elas, que uma leitura comparada pode levantar questões enriquecedoras para a temática da configuração da violência das obras literárias em questão e que a inclusão do texto clariceano no diálogo significa ter em nosso horizonte de leitura a ética e a solidariedade que seu olhar de cronista vislumbrou.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 900

Revisitando os projetos estéticos da literatura contemporânea

Ciência e arte segundo Wilson Harris: provocações de um polímato contemporâneo

JAMILLE DIAS (USP)

Este trabalho investiga a problematização da cisão entre ciência e arte operada pelo escritor contemporâneo Wilson Harris (1921-). Nesse sentido, discute-se como seus critérios poéticos possibilitam entrever uma reformulação fecunda da noção clássica de *polimatia*. A partir de um percurso por textos crítico-literários de Harris, trata-se de ressaltar modos por meio dos quais o autor guianense compõe um paradigma criativo que se afasta de um modelo acumulativo e linear de produção de saberes. A fim de delinear essa transformação conceitual, apresenta-se ainda três ex-

pressões do repertório de Harris cujo rendimento se faz especialmente eloquente para o estudo em questão: *iminência quântica, fóssil vivo e tautologia ôntica*. Por fim, a pesquisa sugere contribuições para uma interface entre as agendas teóricas da antropologia da ciência e da crítica literária contemporânea.

A “beleza do invisível” e a “modernidade líquida” na poesia de Douglas Diegues ANA PAULA CARTAPATTI KAIMOTI (UEMS)

A poesia do “brasiguai” Douglas Diegues apresenta-se na cena literária contemporânea por meio de uma posição tensa no espaço transitório da modernidade líquida (BAUMAN, 2001). Essa tensão concentra-se no uso de uma língua poética inventada, o portunhol selvagem, que incorpora em seus versos a mobilidade das fronteiras a partir das quais o eu-lírico fala: Brasil, Paraguai, Ponta Porá, Campo Grande, Assunção. Embora imerso na instabilidade desse lugar, os poemas do autor delineiam um projeto estético que crê na poesia como promessa de felicidade e acesso ao eterno – “la belleza de lo invisible” (DIEGUES, apud MORICONE, 2008) – e a contrapõem a um mundo em decomposição, que “se pudre com el tempo” (DIEGUES, apud MORICONE, 2008), perdido na liquidez e no caráter provisório das relações restritas ao poder econômico: “Las cosas buenas de la vida, ahhhhhhhhhhh, las cosas buenas de la vida non existen, meros productos dolarizados, rubitas tatú hún, morochas infartantes, kulonas te’ete” (DIEGUES, 2009). Nos textos de Diegues, essa tese apresenta sua argumentação por meio de elementos das línguas guarani, espanhol e português que, reposicionados no texto, compõem uma cena lírico-urbana cosmopolita e marginal. Partimos da hipótese que o eu-lírico desses poemas, ao flunar por essa paisagem em movimento, entre culturas com as quais, à revelia de sua busca pelo eterno, precisa negociar constantemente, assume o papel de um cosmopolita vernacular (BHABHA, 2000), um vagabundo, turista involuntário (BAUMAN, 1998), que vagueia por uma região precária – a fronteira Brasil-Paraguai e mais além – excluída do jogo das relações de consumo. A verborragia desse vagabundo encena a contradição entre seu projeto estético – a busca pelo ideal estético da “sabedoria alegria belleza” (DIEGUES, 2003) – e a complexidade do seu lugar de fala, trazendo à superfície, em última instância, uma questão ainda fundamental para os estudos literários na contemporaneidade: qual o papel da arte – da poesia – nesse lugar “sin sentido”, pleno de “la imundicie terrena” (DIEGUES, apud MORICONE, 2008)?

Subculturas e estilos de vida na literatura pop contemporânea ANTONIO EDUARDO SOARES LARANJEIRA (UFBA)

Com base na leitura de *Trainspotting* (1993), do escritor britânico Irvine Welsh, *Ou clavículas* (2002), de Cristiano Baldi, e *Vidas Cegas* (2002), de Marcelo Benvenuti, discute-se acerca do papel das subculturas (HEBDIGE, 2006) na construção das personagens da literatura pop contemporânea. A partir das ações que se desenvolvem nas narrativas, é possível questionar, no contexto do capitalismo globalizado, o caráter subversivo que se atribui aos estilos subculturais. No discurso literário pop contemporâneo, percebe-se uma ambigüidade no que tange aos modos de subjetivação e à apropriação de estilos subculturais: por um lado, compreende-se tal relação como uma estratégia de resistência, por outro, trata-se de parte da necessidade de ser *cool*, que orienta o indivíduo líquido-moderno (BAUMAN, 2001). Lançando mão de uma abordagem transdisciplinar da teoria da literatura, pretende-se compreender o discurso literário pop como um espaço fértil para a configuração de um imaginário transnacional urbano.

AS REVERBERAÇÕES ÉTICAS E ESTÉTICAS NO DECURSO DA DESCENTRALIZAÇÃO DA ESCRITURA I

Joel Cardoso (UFPA)

Julia Scamparini Ferreira (UFRJ)

Maria Aparecida Donato de Matos (ISERJ)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 800

Oscar Wilde, a ética da decadência e a estética da mentira LUIS GUARACY GASPARELLI JUNIOR (UFF)

Oscar Wilde (1854-1900), escritor irlandês, mas de alma cosmopolita, sorveu da literatura a existência da vida. Mas nunca assumindo esse percurso, artificializou o mundo - incluindo si mesmo – a fim de ironizar sua vida, como na literatura. Sua escrita sempre foi primorosa no que se refere aos preceitos estéticos do final do século XIX, contudo sua funcionalidade ousava romper parâmetros, e ironicamente, servia-se da ficção para desconstruir a realidade. Partindo de seu ensaio “A Decadência da Mentira”, descortinamos, semiologicamente, a escritura autoficcional do escritor dândi, esteta por natureza, artificial por vocação. Seu ensaio-diálogo, enquanto manifesto platônico da literatura de sua época, é também um espelho, ora translúcido, ora opaco do homem por trás das críticas. Compreendemos Oscar Wilde como artífice, não somente da / para literatura, mas produtor de uma vida artificializada pela soberania da arte. Propomos, assim, uma análise de um ensaio, cujo autor nega a escrita do “eu”, a realidade e o mundo real. Enxergamos o fato de que Oscar Wilde foi o mais realístico autor, fiel à ideia de que a arte é pura inutilidade, uma mentira, enquanto desconstruía as relações entre ficção da arte e realidade da vida, lidando com o tênue universo ético de sua obra. Mas a forma como absorvia essa relação era, também, em sua biografia híbrida, autoficcionalizada. E essa autoficção torna-se, portanto, linguagem recriada na “Decadência da Mentira”.

Como pintar um auto-retrato: errância e descentralização da escritura em Rousseau e André Breton MARTA DANTAS DA SILVA (UEL)

Jean-Jacques Rousseau, na tentativa de se defender daqueles que supostamente o perseguiam, concebeu um projeto: escrever — não literatura mas contra a literatura — toda a sua história, toda sua vida afim de mostrar-se por inteiro ao público; eis suas Confissões. Mas para não deixar a menor lacuna escreveu, em seguida, seus Diálogos e, ao perceber que se perdeu no caminho em que esperava se achar, escreveu seus Devaneios de um caminhante solitário na esperança de responder a pergunta “quem sou eu mesmo?”. Para responder tal questão, descobriu que o que importava não era tudo dizer, mas dizer o tudo do imediato e terminou por descobrir que a verdade do que escrevia residia no seu próprio erro: “Estou persuadido de que somos sempre bem pintados quando nos pintamos nós mesmos, inclusive quando o retrato não é nada semelhante”. Para tanto, abandonou o ideal clássico de escritura, também a linguagem ordinária e se lançou num movimento em que as palavras não reproduziam mais a realidade prévia mas sim sua verdade a partir de um desenvolvimento livre e ininterrupto. A possibilidade de alcançar a verdade sobre si mesmo residia nas palavras em liberdade, num abandono a um acaso íntimo. A busca do “verdadeiro eu” cedeu espaço para a invenção de si por meio do devir da linguagem. Desta forma Rousseau inaugurou, com o pacto do eu com a linguagem, uma nova atitude que se tornou a da literatura moderna; e deu origem a uma nova concepção de linguagem que tem o surrealismo como herdeiro. O surrealismo, por sua vez, pretendeu abandonar a linguagem como instrumento para torná-la “vida imediata” por meio da escrita automática e de outros experimentos; promoveu a mesma à sujeito, ou melhor, a linguagem, nada mais tendo a ver com o sujeito, parecia dizer adeus à literatura. O problema ético colocados pelos surrealistas — não fazer literatura mas viver poeticamente, não fazer obra de arte mas transformar a vida em arte — levou-os, entre outras coisas, à pesquisa artística e literária e, paradoxalmente, o surrealismo criou uma estética e uma nova noção de literatura, descentralizada, que não expressa mais a liberdade mas que é a própria liberdade e justamente por isso, pode ter eficácia e sentidos extraliterários. Essa comunicação visa refletir sobre “as reverberações éticas e estéticas no decurso da descentralização da escritura” a partir de duas experiências errantes que buscavam reponder a mesma pergunta, “quem sou eu?”: a de Rousseau e a de André Breton em *Nadja*. Além destes autores, Maurice Blanchot, Jean Starobinski, Marguerite Bonnet, entre outros, serão nossos guias.

No limiar da existência: rosas e angústia na poética de Clarice Lispector MARIANGELA ALONSO (UNESP)

A Literatura, como arte da palavra, pode ser entendida como um acontecimento da linguagem, do mesmo modo que a Filosofia reflete um acontecimento do pensar. Ambas, ao buscar formas que propiciam a indagação do homem frente ao mundo, mostram que é possível o caminho do saber e assim revelam-se como duas perspectivas que podem ser cogitadas, sustentando-se no próprio homem. De acordo com o crítico Benedito Nunes, “[...] a dialogação da filosofia com a poesia, ou do pensamento com a poesia, é uma confrontação, mas com a extensão que a poesia toma como poíesis, como habitar poético” (NUNES, 1999, p. 160). Neste sentido, a presente comunicação propõe a discussão de um diálogo possível entre Literatura e Filosofia, tomando

como ponto de partida o conto A imitação da rosa, pertencente à coletânea Laços de Família, da escritora Clarice Lispector. Espécie de escrita do intervalo, as narrativas clariceanas tocam no silêncio ao auscultar o mistério do ser. Trata-se de uma escrita que empreende uma reflexão sobre o estar no mundo, a finitude, a morte, entre outros valores, fazendo com que seja viável um caminho de análise trilhado ao lado de reflexões filosóficas. Neste sentido é que encontramos amparo no pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) e suas reflexões sobre o ser. Para tanto, a pesquisa consiste na exposição da trajetória existencial da personagem Laura em A imitação da rosa. As vicissitudes expostas por esta personagem permitem que ao lado da abordagem literária seja realizada uma análise de caráter mais ontológico, uma vez que dessas instabilidades surgem questionamentos conjugados com muitas das reflexões filosóficas. O sentimento de estranheza que perpassa o ser de Laura encontra ressonâncias com o que Heidegger concebeu como angústia. Ao transitar pela confluência de tais leituras, pretendemos, assim, trazer à luz um caminho interdisciplinar de análise para o conto de Clarice Lispector e suas possíveis aproximações com o pensamento de Martin Heidegger.

Os ecos de Otelo em Dom Casmurro: duas situações trágicas?

ADRIANA DA COSTA TELES (USP)

Um dos pontos que une a obra de Machado de Assis e a de Shakespeare é a busca por tentar compreender o humano, seja em seu caráter ontológico ou em sua relação com o outro em suas mais diversas manifestações. Não é à toa que Machado traz tantas referências a Shakespeare em sua obra. Trata-se, de acordo com José Luiz Passos em recente publicação, de mais de duzentas referências à obra do bardo inglês; inventor do humano, nos dizeres de Harold Bloom. Dentro desse contexto, chama nossa atenção a velha conhecida intertextualidade que Machado faz com Otelo em Dom Casmurro (1899). A presença da tragédia do mouro de Veneza no romance protagonizado por Bentinho e Capitu foi, como sabemos, abordada de maneira bastante promissora pela pesquisadora norte americana Helen Caldwell, que em O Otelo brasileiro de Machado de Assis, publicado originalmente em 1960 nos Estados Unidos, denunciou (não é exagero usar o termo), inclusive por meio dessa intertextualidade, as bases questionáveis sobre as quais residiam as convenções sobre a traição de Capitu, tida então como certa pela crítica. A nós, para além das (interessantes) questões temáticas, chama atenção a intertextualidade tomada a partir da questão do trágico. A tragédia, gênero na qual se insere Otelo, despontou, como sabemos, em momentos específicos da história da humanidade, momentos pontuados pela crise, transformação e substituição de valores na ordem do mundo, na qual se insere o renascimento inglês. Sabendo que Machado resgata e reestrutura o conflito da tragédia de Shakespeare em um momento muito distinto daquele em que ela aflorou a pergunta que nos lançamos é: de que maneira o conflito trágico vivido pelo mouro de Veneza reverbera no romance machadiano? Para além de um resgate temático, chama-nos a atenção e nos é especialmente intrigante o fato de que, apesar de Otelo servir de argumento para Dom Casmurro, o romance machadiano parece não contar com o teor trágico que o drama renascentista possui. A proposta deste trabalho é discutir como esse romance de Machado apresenta e problematiza questões próprias desse sentimento/relacionamento homem/mundo tomando como paralelo a presença dessa tragédia de Shakespeare em seu romance. Trata-se da reconstrução de um conflito, cuja estrutura conta com elementos que diferem do texto shakespeariano a ponto de indicar um diálogo determinante na caracterização de um determinado contexto estético e sociocultural bastante singular, o que mobiliza a manifestação estética renascentista que surge renovada e pronta a sugerir novas perspectivas do humano e de sua relação com o mundo.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 800

A criação estética na era da cibernética: lucubrações na linguagem da máquina

RICARDO PORTELLA DE AGUIAR (ISTRJ- FAETEC)

As linguagens da tecnologia – principalmente as linguagens de programação – influenciam fortemente os fenômenos estéticos contemporâneos. A era dos computadores, com suas ferramentas e linguagens, proporcionou novas formas de criação e diferentes perspectivas para a arte. Neste ambiente de criação, o objeto artístico surge através de processos de seleção feitos nos repertórios materiais pré-definidos na Linguagem da Tecnologia. A criação estética, portanto, torna-se um ato essencialmente heurístico; a seleção se desenrola experimentalmente e pode ser constantemente revisada em um processo de tentativa e erro. Este trabalho busca o lugar dos produtos resultantes de lucubrações nas Linguagens da Tecnologia, aprofundando a discussão sobre a criação de software como simples produção de código técnico ou como criação de uma escritura técnica a partir das ferramentas cibernéticas.

Novos mares , novos olhares. O percurso de Ângela Lago do livro ao site MARIA ANDRADE DOS SANTOS (FIESI)

Aliados à tecnologia vivemos este outro espaço - ciberespaço - e num outro tempo, assíncrono, e síncrono (multissíncrono) - e é neste que passamos a construir o nosso conhecimento, desenvolvendo capacidades e habilidades, já que o conhecimento não envelhece e a circulação de novas informações é cada vez mais intensa e rápida. Desta forma aliando as duas: literatura e internet, surgem os espaços literários virtuais (ciberespaços literários), porém, contrariando o que se prognosticou num primeiro momento, as novas mídias não fizeram arrefecer a produção literária, esses espaços criaram novos conceitos, a literatura deixa de ser um texto veiculado apenas no suporte impresso e passa a ser veiculada como um hipertexto(virtual) junto a novas formas como a imagem, agora com movimento e som, mas não é o cinema ou a televisão, surge um espaço em que todas as mídias se fazem presentes. Não há mais a necessidade de trabalhar com a linearidades, as páginas não são mais viradas da mesma forma, há formas mais abrangentes, e porque não dizer interativas. Surgem então locutores e alocutários interagindo e mudando de papel a todo instante, surge uma literatura (um novo discurso literário) não mais unilateral, ainda que esta não deva ser deixada de lado, uma literatura abrangente, talvez agora mais transformadora, mais includente ainda sem fronteiras, e é a partir deste novo conceito que se fez a presente comunicação . Esta parte da pergunta de como seria a literatura feita *na e para* a internet, como esta se apresenta, se diferente dos livros, assim, para que a pesquisa se realizasse, foi escolhida a autora de livros para crianças **Ângela Lago** , uma das primeiras a construir um site literário, uma autora altamente premiada e reconhecida, uma autora que não levasse à dúvida sobre sua qualidade literária, escritora, ciberescritora, ilustradora e ciberilustradora, para tanto foram pesquisadas: sua biografia e obras com suas devidas premiações; duas de suas obras, que serão apresentadas de forma mais abrangente = seu primeiro livro publicado **O Fio do Riso** um conto aparentemente simples, cuja menina foge da realidade a partir de um elemento da modernidade, o telefone, relacionando-o ao mítico (fada), do mundo real para o mundo do imaginário (virtual); seu último livro, antes de iniciar seu site - **Chiquita Bacana e outras Pequetitas** - conta a história também de uma menina, porém esta tem seu espaço invadido por elementos do imaginário (duendes), um livro com excesso de detalhes, pormenores, onde a intertextualidade e a intratextualidade se fazem presentes através de sobreposições de imagens e textos que levam a uma não linearidade, ou a uma linearidade diversa e pessoal da leitura, elementos que levam a pensar na virtualidade que ser fará presente em seu site. Por último a apresentação de seu site, enfatizando uma possível linearidade a partir de uma mídia finita que na verdade previsível, apesar de múltiplas possibilidades de leitura, tentando assim mostrar que tudo está previsto pelo autor e que este nos direciona ao (re)contar, ou ao (re)navegar do internauta em um site interativo.

O valor da letra ou o sentido do número: uma aproximação entre literatura e matemática VINÍCIUS CARVALHO PEREIRA (IFMT)

Tomadas não só pelo senso comum, mas mesmo pelo meio acadêmico, como áreas antípodas, Literatura e Matemática foram segregadas ao longo de séculos de investigações artísticas e científicas. Assim, divididos em esferas estanques, letras e números (escrituras, enfim!) tiveram suas relações - semióticas, cognitivas e mesmo gráficas - eclipsadas, o que urge ser repensado em quanto alienação entre arte e ciência, que empobrece e embota a reflexão teórica. Afinal, é como escritas e formas de representação do mundo que a literatura e a matemática brotam das mentes e mãos humanas para *contar alguma coisa, sejam fábulas ou quantidades, letras ou números. Ademais, se Barthes, segundo o conceito da Mathesis, já demonstrara como a Literatura dá sabor ao saber (por que não matemático?), desestabilizando-o, a própria matemática está cheia de ficções, criando mundos possíveis, verossímeis ou não, mas não necessariamente reais. Da geometria não euclidiana, que descreve espaços inconcebíveis no mundo real, às características algébricas e combinatórias que regem a formação de qualquer enunciado, a enunciação revela-se sempre um jogo de algoritmo (algum ritmo?) e simbolismos, em que a cadeia de significantes gira em torno de um vazio jamais preenchido, tal como os infinitos descobertos pelo matemático Cantor, que sempre cabem em um infinito maior do que os anteriores, mas nunca atingem um fim. Muito mais do que certezas e medidas, a matemática que se propõe aproximar da literatura neste trabalho relaciona-se com a crise dos fundamentos que abalou o conhecimento sobre os números no século XX. Para além de ciência, a Matemática se assume nesse contexto como estética, comprometida não com uma descrição fidedigna de fenômenos, mas como sistema autossuficiente, que aponta para si mesmo e significa em seus silêncios e hiatos, assim como no pós-estruturalismo literário. Cálculos de incertezas, probabilidades de impossíveis: o que seria isso, senão ficção e poesia? Do mesmo modo, trapaças estruturais da narrativa, levando a enunciação ao seu limite enquanto escritura, tão frequentes em Borges, Cortázar, Calvino ou Pérec, não seriam delírios algébricos, geometrias inverossímeis de palavras-espaco, como preceituava Genette? Este trabalho propõe-se, pois, investigar essas relações tão vivas, mas tão negligenciadas, entre o literário e o matemático, a partir de uma análise da produção artística de membros do grupo francês Oulipo. Tais escritores e matemáticos da década de 60 viveram o estruturalismo e o pós-estruturalismo francês imersos na revolução que se operou nos estudos*

matemáticos, de modo a produzirem romances, contos e poemas em que o algébrico, o geométrico e o literário se tornam indissociáveis, fazendo-nos repensar, portanto, a polissemia de todo contar.

Storyspace: o software como co-autor

CLÁUDIO AUGUSTO CARVALHO MOURA (UFPI)

A presente comunicação consiste em uma análise do papel do programa *Storyspace* enquanto ferramenta para criação, edição, leitura e suporte de narrativas hipertextuais, através da obra *Afternoon, a story* (1987) de Michael Joyce. Pioneira no gênero hiperficção eletrônica, a obra em questão apresenta, assim como todas as obras originadas a partir do *software*, uma estruturação baseada em *links* e nodos facilmente criados, ligados e visualizados por meio da ferramenta. Assume, o *software*, uma *conditio sine qua non* para a existência de tais obras, visto que suas estruturas, embora particulares enquanto narrativas independentes que são, partem de uma raiz comum, o ambiente hipertextual, também condição para sua veiculação e recepção. Atrela-se dessa forma a literariedade da obra não apenas às técnicas narrativas utilizadas pelo autor quando de sua feitura, mas também à ferramenta utilizada pelo mesmo para tal, tornando ambos, dentro de proporções ainda indeterminadas, responsáveis pela experiência estética para com esse tipo de Literatura. Partindo deste raciocínio propomo-nos a investigar se há na obra em questão e, por extensão, em obras outras também enquadradas na mesma condição, uma re-configuração dos papéis atribuídos a autor e ferramenta.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 800

Onde andaré Dulce Veiga, de Caio Fernando Abreu e a poética do melodrama

RODRIGO DA COSTA ARAÚJO (UFF)

A prática narrativa de Caio Fernando Abreu (1948-1996) transforma a linguagem romanesca num expediente visual híbrido, cujo princípio constitutivo é a técnica de montagem/colagem de diferentes ordens discursivas que, ao se imbricarem, relativizam as diferenças entre texto literário e outras artes, ou mesmo literatura e cinema. Considerando-se a escritura dessa perspectiva, - essencialmente o romance *Onde andaré Dulce Veiga* (1990) -, busca-se analisá-la enquanto exercício de pastiche da linguagem cinematográfica e da poética do melodrama. O melodrama, nessa leitura, insere-se num contexto composto pela heterogeneidade e pelo hibridismo, em zonas intermediárias de alteridade em que se debatem, também, questões como o valor estético e a cultura; o sujeito e a representação; o corpo, o gênero, a circulação e o consumo cultural, articulando de forma problemática os diversos lugares da enunciação. Assim, acompanha-se interpretativamente o gesto intertextual como operação de escrita, promovendo no romance, a incorporação da visualidade, concomitantemente, com características e estratégias da narrativa/poética melodramática.

Atualização e potência da metáfora – o poder criador da linguagem

JANE DE PAULA MALAFAIA (UFF)

A presente comunicação trata da metáfora e das possibilidades de análise que se desdobram a partir dessa figura de retórica tão privilegiada nos textos poéticos. Toma-se, dessa forma, a poesia de Sosígenes Costa, postulando que sua Obra Poética, principalmente os “Sonetos Pavônicos”, refuncionaliza a metáfora em sua potência discursiva. Tal empreendimento baseia-se nos pressupostos teóricos da semiologia barthesiana e dos protocolos de leitura do texto literário de Umberto Eco.

Do Logos ao Drama: a (des)obra rizomática de Fernando Pessoa, entre a filosofia e a literatura GABRIEL CID DE GARCIA (UERJ)

A partir da suspeita de que o pensamento e sua expressão não se limitam a uma única forma, o presente trabalho investiga de que modo podemos pensar, a partir de Fernando Pessoa, uma relação possível entre filosofia e literatura. Quais os pressupostos que permitem considerar o fenômeno heteronímico pessoano como um expediente trágico que diz respeito ao próprio pensamento, ou ainda, como entrever, no projeto pessoano, o lugar de embate – trágico, por excelência – entre aquilo que somos, enquanto sujeitos, e os processos que franqueiam à escrita a constituição de subjetividades outras? Desdobrada em heterônimos, a obra de Pessoa comportaria em si a justaposição de formas diversas de ver e compreender o mundo, mas o processo pelo qual este desdobramento se dá poderia ser tomado como anterior às formas constituídas das personalidades particulares, apresentando-se como uma disposição anti-dialética do pensamento. O método pessoano de despersonalização, associado à dramatização pensada por Gilles Deleuze, torna impossível a confiança no ideal utópico da razão clássica, que imputava ao pensamento uma imagem, atribuindo-lhe a função da representação. Para além daquilo que o pensamento, reduzido à reflexão e à reconhecimento, poderia pensar, a heteronímia encarnaria o desafio ético de uma afirmação da expressividade da vida, diante do impulso despótico significador que consiste em anular as diferenças, as aparências, as sensações, instaurando um processo de negação do real que oblitera a invenção de novas possibilidades de existir, de uma existência artística. Privilegiando como ponto de partida os escritos do heterônimo louco e filósofo de Fernando Pessoa, António Mora, nosso intuito é analisar de que modo sua crítica à tradição metafísica ocidental, em ressonância com a filosofia francesa contemporânea, de inspiração nietzschiana, pode se constituir como um intercessor capaz de dar a ver uma potência impessoal atuando entre a filosofia e a literatura. Enfrentar o Fora – este não-lugar que se define pela diferença intensiva de forças em relação, anteriores e constitutivas das formas –, tal seria a característica que define o pensamento, afastando-se da coerência que persegue a segurança do eterno e do estável, em detrimento do real e de seus elementos caóticos que a todo instante atestam o devir, a mudança, a instabilidade e a dissolução das formas. Neste movimento, qualquer interioridade é já lançada ao exterior, impedida de constituir-se em uma experiência que fosse definível, restrita à intimidade de um sujeito, quantificável e tributária das certezas de um Eu. É por meio deste funcionamento rizomático que a heteronímia produz em si um modo de pensamento que se compraz à multiplicidade, cujas partes funcionam independentemente do todo, no qual o nome é afastado daquilo que lhe é próprio enquanto um sujeito de conhecimento ou um autor. Compreender um autor significaria tomá-lo por um efeito de superfície em meio às misturas que o deslocam a cada instante em que escreve, assim como o atesta Pessoa, para quem um autor é apenas um escravo da multiplicidade de si próprio.

Blanchot tal como imagina Foucault: a escritura profética DANIEL DE OLIVEIRA GOMES (UNICENTRO)

Resumo: Este ensaio trabalha um tema blanchotiano: “a palavra profética”, uma fala que não apenas anuncia o porvir como, mais que isso, desconstitui a presença, o presente, nos abandonando ao eco da voz. Deste modo “profético”, Blanchot leu a escritura de Michel Foucault como um espaço literário, em seu livro “Michel Foucault tel que je l’imagine”. O artigo presente investiga as peculiaridades descentralizadoras desta leitura de Foucault por Blanchot. Até que ponto Blanchot imagina-se, ética ou esteticamente, Foucault? Estuda-se as reverberações foucaultianas na escritura de Blanchot.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 800

Blade Runner e “El jardin de Senderos que se bifurcan”: Contrapontos intersemióticos MARIA ALESSANDRA FABRÍCIA CONDE DA SILVA e JOEL CARDOSO (UFPA)

Abdicando das hierarquias e de conceitos de valor, as manifestações artísticas, estabelecendo uma correspondência ininterrupta e inevitável, mas extremamente prazerosa e salutar, mantêm entre si um permanente diálogo. Cada uma delas detém soberania, autonomia e especificidade. Colocando em cena o intermitente trânsito intersemiótico que se estabelece entre as múltiplas lin-

guagens artísticas, reportamo-nos, neste trabalho, a algumas teorias que apontam para a pluralidade de significados que os diversos textos apresentam. A presença de um texto em outro, explícita ou implicitamente, alusiva ou rememorativamente, faz parte dos processos intertextuais, propiciando que se ampliem para o receptor os limites da apreensão e, consequentemente, da significação. Percorremos, aqui, apenas para que nos situemos no âmbito do embasamento teórico, sendas que nos evidenciaram possibilidades de aproximação entre um texto cinematográfico em contraponto com um texto literário. À esteira de algumas teorias modernas e pós-modernas, intentamos fazer um exercício dinâmico de aproximação, leitura e interpretação do texto cinematográfico "Blade Runner", dirigido por Ridley Scott, de 1982, em um possível contraponto com um texto literário, no caso, o conto "El jardín de senderos que se bifurcan", do livro "Ficciones", de Jorge Luis Borges (1941). No cotejo lúdico que se estabeleceu entre os dois textos, buscamos possibilidades de leitura e interpretação, não só através das semelhanças facilmente detectáveis, mas, sobretudo, das inegáveis diferenças existentes entre ambos. Das especificidades dos sujeitos que protagonizam as duas narrativas, emerge o problema da identidade, tema indubitavelmente caro à contemporaneidade. Quem somos? Como somos? O que, em suma, buscamos? Entre os teóricos citados, reportamo-nos a Umberto Eco, Fredric Jameson, Stuart Hall, Harold Bloom, Roland Barthes, Italo Calvino e - ainda e especialmente - a Latuf Isaías Mucci.

O contar alinhavado no rebuliço do imaginário, das vozes e das memórias no povoado do Vale de Javé BENEDITA AFONSO MARTINS (UFPA)

Tudo que é bom de passar é ruim de contar. Ariano Suassuna Resumo Este texto, emaranhando múltiplos fios discursivos, versará sobre as artimanhas do ato de contar e da necessidade de se manter o registro dos relatos, indubitavelmente, como uma forma de sobrevivência apresentada no filme Narradores de Javé, de Eliane Caffé (2004). O longa trata da importância da memória contida nos relatos orais do povoado nordestino, até então relegados às margens da história oficial. Lugar pacato onde todos sabiam tudo sobre todos. Lugar onde o contar histórias era, aparentemente, uma maneira de encurtar o tempo. Mas para além do contar, havia a rememoração de cada um, tão falha e tão rica, porque atravessada pelo imaginário individual-coletivo e, ainda, permeada pelos diversos tons de vozes enunciativas de "mentiras" condutoras das várias versões que tentam recompor um tempo ido. Esses moradores do Vale de Javé conviviam ao sabor do devir, até que foram confrontados com outra lógica de existência. A partir de referências zumthorianas: poética da voz; performance, quando enfoca a oralidade, os efeitos da presença, do ambiente e do corpo em ação; a ligação de memória a um futuro; a força do imaginário que se sobrepõe aos fatos, se fará uma leitura desse tecido exposto em peripécias e imagens. Os diversos narradores precisavam registrar suas memórias de forma grandiosa – "uma coisa é o fato acontecido, outra é o fato escrito" – para que surtisse efeito contrário à devastação que viria com o maquinário e o suposto desenvolvimento do lugarejo. Estes, ao contrário do Gênesis ao afirmar que "o mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras" (Gn 11,1), os narradores de Javé, falavam em diferentes vozes, tons, versões com as mesmas palavras, mas carregadas dos sentidos que lhes cabiam atribuir no momento de contar a história que os salvaria, desde que fosse escrita. Estes narradores, à semelhança do narrador sedentário de Walter Benjamin, ainda praticavam a experiência repassada de boca em boca. Eles se viram de repente diante da lógica da máquina, da técnica e, então se deram conta de que, seus relatos orais apenas não os salvariam, se apegaram à única alternativa que lhes veio à mente: contratar a única pessoa letrada do lugarejo, espécie de malandro – já enxotado do lugar por ter enganado os moradores – para escrever, registrar a "verdadeira" história que, ao ser contada por uma moradora mulher, a heroína era Maria Dina. Na versão de um morador negro, o herói principal é um negro chamado Indaléu. Assim o enredo segue, cada um elegendo seus personagens principais. Todos, no entanto, querem protagonizar o "Livro da Salvação".

Olhar viajante, de Maria Lúcia Medeiros: [homo]erotismo na literatura PAULO MAUÉS CORRÊA (FIIPA)

Ao longo da História da Literatura Brasileira, inúmeros aspectos são frequentemente explorados pela crítica especializada, porém um elemento tem sido constantemente negligenciado. Refiro-me ao Erotismo, que é marcante na nossa cultura desde os primeiros olhares efetuados pelos "descobridores", o que é comprovado por meio de uma breve leitura, por exemplo, da Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal com finalidade de informar a respeito do achamento dessas novas terras. Assim, o presente estudo possui finalidades bem demarcadas: desenvolver uma análise do conto O Olhar Viajante, de Maria Lúcia Medeiros, levando em consideração justamente essa faceta erótica – que, nesse caso, se investe de uma feição homo, sem, no entanto, panfletário. A autora nasceu em 1942, na cidade paraense de Bragança, e faleceu em 2005, no dia 8 de setembro. Graduiu-se em Letras pela Universidade Federal do Pará, onde lecionou durante anos. Dentre suas obras, estão: Zeus ou a menina e os óculos (1988), Velas. Por quem? (1990), Quarto de Hora (1994) e Horizonte Silencioso (2000). O conto selecionado pertence ao li-

vro Zeus ou a menina e os óculos. Na análise do conto em questão, lanço mão de preceitos da Psicanálise de Freud e de procedimentos da Literatura Comparada, no sentido de explorar a pluralidade de vozes de que fala Roland Barthes.

Letras e imagens se [con] fundem: o feminino entre dois planos.
SÔNIA MARIA FERNANDES DOS SANTOS SANTOS (FAINPI)

A ação recíproca dos seres humanos com o mundo se estabelece, basicamente, na migração das imagens da modernidade e a literatura metamorfoseia-se no eixo das novas técnicas e de processos de formas de expressão, em função da imagem e esta, por outro lado, pode apoiar-se na literatura. Assim como o texto escrito, a imagem também produz fala através de suas significações, metáforas e símbolos. Este estudo parte da análise do texto fílmico "O Vestido", de Paulo Thiago, o qual é baseado no texto literário "Caso do Vestido", de Carlos Drummond de Andrade, tendo como recorte o fenômeno do duplo, simbolizado pelas personagens Ângela e Bárbara, protagonistas do filme, em que um vestido desvelará seus sonhos e desejos íntimos. A pretensão é viabilizar um diálogo entre literatura e cinema, pela interface entre tais sistemas semióticos, a partir de procedimentos evidenciados pela literatura comparada.

CÂNONE E ANTICÂNONE A HEGEMONIA DA DIFERENÇA I

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos (UFGD)
Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFU)
Mário Cezar Silva Leite (UFMT)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 700

A arte regional é boa quando se universaliza?
OLGA MARIA CASTRILLON-MENDES (UNEMAT-Cáceres/MT)

No interior das representações, o conjunto dos significados permite construir caminhos para a compreensão de conceitos 'porosos' (HALL, 2006) que se inserem num sistema plural, através do qual o sujeito se ressignifica no trânsito de figuras complexas de diferença e identidades. Assim, a chamada 'crise de identidade' é vista como parte de um amplo processo que tem colocado em xeque a imagem e estereótipos historicamente construídos. Nesse sentido, é preciso analisar as convergências de fatores que identificam uma literatura brasileira autônoma (CANDIDO, 1997 e 2000) que vai da noção de fundação à pluralização dos sistemas. Tomando por mote a questão do título posta por este Simpósio, a presente comunicação busca romper as fronteiras dos espaços contraditórios das diferenças, re-vendo a falácia dos binarismos, para compreender o conjunto da produção literária brasileira produzida em Mato Grosso (LEITE, 2005). Assim, não há respostas, mas questionamentos e hipóteses que têm conduzido a pesquisa em desenvolvimento. Palavras-chave: Regional. Universal. Identidades de fronteira.

Diferença Cultural e Diversidade Cultural, reflexões para a teoria e a história da literatura
ADEÍTALO MANOEL PINHO (UEFS)

Há tempos que se estabelece um debate nos estudos literários entre literatura e cultura. Um dos perfis desse debate é a opção por dois paradigmas os quais não passam despercebidos pelos teóricos: diversidade cultural e diferença cultural. Autores como Homi Bhabha, Stuart Hall, Walter Mignolo e outros se pronunciam sobre a questão. Instalado em um Programa de Pós-Graduação com esta denominação, Literatura e Diversidade Cultural, além do compromisso com tais temas de estudo, procuro desenvolver reflexão sobre o tema para contribuição aos novos estudos literários. Se é verdade que a história da literatura sempre elegeu a diversidade como pressuposto para organizar as suas produções de maior relevância, ponto de origem de muitas das críticas emitidas (a diversidade é sempre pressionada ao homogêneo, à unidade, à exclusão), a diferença cultural poderia proporcionar a sistematização de corpus de pesquisa e acervos literários em caráter comparativo, dialógico e negociável. Ela só teria funcionalidade se mantivesse visíveis os corpus em estudos e não o contrário. Para fundamentar estas reflexões, me utilizo das ideias de Silviano Santiago, Hans Robert Jauss, Antonio Candido, além dos citados acima.

O cânone no jornalismo cultural: permanência de valores modernistas na avaliação da literatura brasileira no suplemento “Mais!” da *Folha de S. Paulo* no período de 1992 a 2004

MARCELO FERNANDO DE LIMA (UP/UNICURITIBA)

O objetivo deste trabalho é mostrar como o suplemento “Mais!” da “Folha de S. Paulo” lê o cânone literário brasileiro tendo em vista critérios que privilegiam determinadas correntes da crítica cultural do país. Ligado ao universo da cidade de São Paulo, influenciado por intelectuais de suas universidades, o “Mais!” elegeu autores do cânone nacional tendo como base de avaliação tendências da crítica que começaram a se formar com o Modernismo e que se consolidaram na universidade e na imprensa paulistana. Nesta pesquisa, mostramos que, embora a recente produção crítica na universidade brasileira seja influenciada por discursos que privilegiam os elementos sociais e políticos da produção artística — com as abordagens dos estudos culturais, do feminismo, do pós-colonialismo e do pós-estruturalismo — a produção veiculada no “Mais!” manteve-se fiel à tradição crítica formada em São Paulo, mostrando-se conversadora e, em muitos momentos, claramente contrária a ascensão de novas propostas da crítica. Para chegar a tal conclusão, pesquisamos as principais linhas da crítica presentes no suplemento e como elas foram utilizadas para ler os autores canônicos brasileiros, aos quais é dedicada a maior parte do espaço da publicação. Além da pesquisa de textos presentes em 665 edições, do período de 1992 a 2004, fizemos um levantamento estatístico envolvendo dados de 665 edições. A combinação entre a análise dos textos e os mapas estatísticos ajudou a confirmar a permanência da crítica modernista no “Mais!”, suplemento cultural de maior importância dos últimos 20 anos na imprensa brasileira e responsável pela divulgação e diluição das ideias da crítica. Palavras-chave: Crítica, jornalismo cultural, estudos culturais, cânone.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 700

A narrativa de João Gilberto Noll: a ficção (des)constituindo o ser

IVANA FERIGOLO MELO (UNEMAT)

O romance brasileiro contemporâneo reúne variadas tendências explicitando que a forma mais adequada de abordá-lo seria mediante um enfoque que considere a multiplicidade e a diferença. A presença do múltiplo, que, obviamente, deveria atuar na dissolução de categorias críticas e valorativas desenhadas por uma tradição intelectual de caráter dicotômico parece, muitas vezes, produzir certas modalidades de reação em alguns setores da crítica literária que se manifestam mediante posturas reacionárias dispostas a escamotear o “novo” ou “divergente”. Integrando esse cenário da multiplicidade, o escritor brasileiro João Gilberto Noll é um dos autores que recebe os mais variados juízos de valor, colecionando rótulos que se inscrevem ou no ápice de uma escala de valor ou em sua extremidade inferior. Diante de tal fenômeno, este trabalho pretende constituir-se em um estudo disposto a explicitar que a narrativa de Noll acolhe tanto elogios como críticas porque, projetando-se como uma instância constitutiva de um sujeito livre e autônomo, rompe com as principais tendências do romance moderno, causando, muitas vezes, estranhamento ao crítico.

A bagaceira: desmontando visões críticas ELAINE APARECIDA LIMA (UEL)

Os críticos acreditam que o romance "A bagaceira", de José Américo de Almeida, pertence a uma linhagem literária regional que, ao centrar suas preocupações na retratação do interior do País, coloca em segundo plano o caráter universal da literatura, as renovações estéticas e/ou o subjetivismo característicos das “grandes” produções literárias. O presente trabalho questiona as cristalizadas considerações da crítica em torno da obra citada. Tenta demonstrar que o romance coloca em pauta a constituição estética da literatura ligada à representação nacional e, neste sentido, carrega motes muito próximos àqueles de toda a literatura brasileira elogiada pelos estudiosos, dentre eles: o trabalho adequado com a linguagem popular, a representação de um espaço longínquo e a existência de povos e de histórias peculiares ao referido espaço. A análise criteriosa da produção paraibana parece comprovar a fragilidade do conceito de “universalismo”, continuamente utilizado nos estudos para diminuir o valor de "A bagaceira", demonstra que questões em torno da identidade, da expressão linguística e da representação espacial, tão caras às ditas obras universais, são elementos presentes em representações inegavelmente ligadas ao regionalismo.

Emancipação do “homem comum” através da obra de Hélio Serejo MARA REGINA PACHECO (UFGD/CAPES) e LEONÉ ASTRIDE BARZOTTO (UFGD)

Na atualidade, um dos elementos centrais da reflexão no âmbito dos Estudos Culturais é a questão da identidade e de como a mesma é construída a fim de gerar emancipação, dignidade e protagonismo aos indivíduos. No bojo dessas preocupações, encontram-se relativas discussões acerca da fronteira e do intercâmbio cultural representantes dos recortes geográficos privilegiados por Hélio Serejo. Não obstante, analisa-se o potencial agressivo e modificador da globalização face aos aspectos culturais enaltecidos na obra serejana. Neste sentido, as narrativas de Hélio Serejo são estudadas com o propósito de compreender as estratégias literárias e culturais impregnadas nos textos desse autor ao elevar o homem comum (caboclo, campesino, sertanejo, andari-lho, indígena, peão, migrante, dentre outros) ao status de supremo protagonista de suas histórias.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 700

Candido e a hegemonia: breve reflexão sobre a crise dos estudos literários EDUARDO JOSÉ TOLLENDAL (UFU)

Com esta comunicação, pretendo contribuir para a reflexão sobre a crise dos estudos literários nos nossos cursos de Letras. Parto de uma hipótese que é quase um corolário: a evidente incúria cultural e intelectual dos alunos de graduação em Letras, cujo repertório de leitura das obras canônicas da civilização ocidental (em que se incluem as latino-americanas) me parece irrelevante, num percentual próximo de zero. Pensando esta hipótese, acrescento uma suposição, ainda na forma da pergunta: estaria esta incúria com o saudável hábito de leitura dos clássicos em simetria com o privilégio dos hábitos de navegação internáutica – em blogues, orkut e feicubooks – evidentemente disseminados entre os alunos dos cursos de Letras, assim como entre todos de sua geração? Estaria havendo a substituição de uma prática da leitura por outra, que se pretende equivalente à literária, mas que dela difere por seu caráter lúdico e confessional, privando nossos alunos de uma experiência estética que somente a leitura dos clássicos proporciona? Estou falando de uma crise que parece rondar alunos que serão, muito em breve, os futuros professores de Português e Literatura das futuríssimas gerações brasileiras – se a escolaridade, como a concebemos hoje, continuar existindo. A constatação desta crise nos leva a pensar, ainda na forma da indagação, no campo dos princípios pedagógicos: qual é o nível de necessidade da literatura como disciplina de formação cultural e intelectual dos nossos alunos, por meio de atividades que favoreçam a prática da leitura literária, nos currículos do curso de Letras? Como se vê, não pretendo discutir a questão dos estudos culturais – o que são e a que se destinam; menos, ainda, as - sumir uma atitude quixotesca de combater práticas de navegação internáutica inexoravelmente incorporadas à vida contemporânea; nem impedir que as pesquisas nos cursos de Letras privilegiem escritas produzidas em circuitos alternativos; até porque, se problema houver na opção dos alunos pela leitura de obras não-canônicas, este não estaria na escolha do objeto mas na definição dos objetivos de leitura – que, a meu ver, devem voltar-se sempre para a aferição da proposta estética do objeto eleito, uma vez situado – como ensinaram os formalistas de antanho – em

relação às séries literárias que o antecederam e ao sistema cultural em que se produz. Esta breve reflexão poderia ser conduzida pela leitura de vários autores, pró e contra os estudos literários. Nesta comunicação, contudo, pretendo recuperar um antigo texto de Antonio Candido, escrito numa época em que as experiências internauticas ainda se encontravam na pré-história: “O direito à literatura”. O conceito de literatura admitido por Candido, neste texto, alcança tal abrangência que nos permite afirmar: o emérito professor não se oporia a qualquer radicalidade na escolha dos objetos de estudo no campo da pesquisa literária. A leitura canônica, contudo, lhe parece ser um direito do cidadão comum, numa sociedade de hegemonia burguesa sobre uma base culturalmente massificada; como fator de humanização, de formação de uma consciência crítica e de inclusão social, esta experiência estética não pode ser negligenciada.

Araripe Júnior e o cânone da história da literatura brasileira LUIZ ROBERTO CAIRO (UNESP/CNPq)

No ano em que se comemora o Centenário de morte de Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848-1911), crítico brasileiro, nascido em Fortaleza, capital da então Província do Ceará, resolvi re- visar sua obra exemplar, que continua pouco estudada, principalmente se a compararmos com as dos críticos, seus contemporâneos: Sílvio Romero (1851-1914) e José Veríssimo (1857-1916). Numa tentativa de fazer circular seus textos de Araripe Júnior entre os leitores do século XXI, aproveito o espaço oportuno do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, para refletir no âmbito do Simpósio 07 - Cânone e Anticânone: a hegemonia da diferença, sobre sua proposta de cânone de uma eventual história da literatura brasileira que, mesmo não se tendo concretizado, foi pensada e projetada, conforme se configura nas entrelinhas e em notas de rodapé ao longo de sua extensa obra crítica. Vale observar a diversidade de escolhas marcou a diferença do processo de construção dos cânones daquelas que foram efetivamente as primeiras histórias da literatura brasileira, já que se costuma considerá-las uma invenção dos críticos naturalistas brasileiros. A maioria deles cultivou a idéia da história literária como pedestal, como culminância de seus projetos de crítica literária. A história de Sílvio Romero publicada em 1888, a de José Veríssimo em 1916 e a idealizada por Araripe Júnior, ao apresentarem modos diversos de olhar apontam para a invenção de cânones marcados pela diferença. O objetivo desta comunicação, portanto, é informar e tecer algumas considerações sobre o cânone do curioso projeto de história da literatura brasileira, de Araripe Júnior.

Cânone e anticânone na crítica proustiana: da visão biográfica de *Em busca do tempo perdido* ao elogio da diferença PAULO BUNGART NETO (UFGD)

O impacto causado pela publicação, entre as décadas de 1920 e 1930, da obra *A la recherche du temps perdu* (Em busca do tempo perdido), de Marcel Proust, revolucionou, juntamente com *Ulisses*, de James Joyce, o romance modernista europeu na primeira metade do século XX. Tal prestígio despertou o interesse da crítica francesa, eminentemente estruturalista, que se dedicou ao deslinde da obra proustiana a partir de uma visão biográfica e "determinista" do enredo do romance, associando a saúde frágil, a asma e a infância mimada do escritor às mesmas características presentes no narrador Marcel (por isso, o rótulo de "romance autobiográfico"). Assim, uma série de abalizados críticos literários, tanto na França (Barthes, Genette, Deleuze, Kristeva, Poulet, etc), quanto no restante da Europa (Beckett, Benjamin, Auerbach) e no Brasil (Manuel Bandeira, Tristão de Athayde, Graça Aranha, Carlos Drummond, Augusto Meyer, etc), debruçaram-se sobre os mistérios da escritura de Proust, em grande parte adotando uma postura "canônica" (com sua "fixação" pelo aspecto biográfico) em suas análises. Após o advento dos Estudos Culturais, começaram a surgir estudos "anti-canônicos" da obra de Proust. Para ficarmos apenas no caso brasileiro, cito como exemplos os trabalhos de Philippe Willemart (Proust, poeta e psicanalista, 2000, análise dos processos de criação literária do escritor, levando em conta seus rascunhos e manuscritos); de Aguinaldo José Gonçalves (Museu movente - O signo da arte em Marcel Proust, 2004, que propõe uma reflexão sobre as relações da literatura com outros sistemas artísticos, sobretudo a pintura); e de Leda Tenório da Motta (Proust - A violência sutil do riso, 2007, estudo a respeito do uso do humor no romance como um procedimento para destacar o contexto histórico e cultural da obra).

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 700

Milton Hatoum: regionalismo revisitado ou renegado?

ALLISON LEÃO (UEA)

Partindo da obra de Milton Hatoum, em especial o romance *Cinzas do Norte* (2005), esta comunicação se propõe discutir os limites da categoria regionalismo, não apenas no que concerne à obra desse autor, como também, de maneira geral, na forma como se tem estruturado o debate sobre o regionalismo na crítica brasileira. Para tanto, nossa estratégia analítica contempla dois passos. O primeiro trata de uma recuperação histórica dos fundamentos da ideia de regionalismo, tanto na produção artístico-literária quanto na crítica, remanescentes ao século XIX, na *quere-la Távora-Alencar*, passando por sua matização no século XX, até os dias de hoje, quando encontramos o texto que será nosso principal interlocutor nesse debate: “Milton Hatoum e o regionalismo revisitado”, de Tânia Pellegrini, publicado originalmente na *Luso-Brazilian Review*, em 2004. Revisitos os fundamentos do regionalismo e sua interpretação crítica, passaremos ao segundo passo, que consiste na análise de *Cinzas do Norte* pautada pela questão da representação da realidade local, especialmente aquela vinculada ao mundo natural como matéria-prima para a arte, verificável no choque estético e ético entre os artistas Arana e Mundo, personagens do romance. Nesse ponto, um texto ensaístico de Milton Hatoum, “A natureza como ficção” (1993), deverá ser agregado à discussão, redimensionando o problema. Assim, através de algo que em *Cinzas do Norte* está posto como representação da natureza, esperamos deslocar o debate sobre a inserção ou não da obra de Hatoum na tradição regionalista para outro ponto: dos fundamentos paradigmáticos do regionalismo, no tocante à produção literária, e das contradições e limites da ideia de regionalismo, no âmbito da crítica literária brasileira.

Escritores, tradutores e editores: o gauchismo universal de bolso e a subversão da lógica centro x periferia

ANDREA CRISTIANE KAHMANN (UFPB)

Esta proposta de comunicação tem origem (principal, mas não exclusivamente) em nosso trabalho “Fronteira, identidade, narrativa: tradição e tradução em Sergio Faraco”, dissertação de mestrado em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação das Professoras Léa Masina e Patrícia Lessa Flores da Cunha. Nesse trabalho, nosso escopo foi o de abordar a produção de Sergio Faraco, adentrando ao estudo de fronteiras e de suas implicações nas esferas antropológica, cultural e identitária. Flertando concomitantemente com os Estudos Culturais e os Estudos de Tradução, partiu-se de um duplo viés e considerou-se o enfoque na tradição, que Faraco leva a cabo na sua produção como contista, e na tradução que fez de Mario Arregui, escritor uruguaio com quem o sul-rio-grandense manteve uma amizade de quase quatro anos, documentada nas cartas trocadas durante o período. Propusemos, então, uma análise dos influxos platinos no sistema literário brasileiro, atentando para a oposição / aproximação do personagem gaúcho do Rio Grande do Sul com relação ao seu Outro castelhano e desvelando as construções de planos simbólicos de referência. O foco desta comunicação para o XII Congresso Internacional da ABRALIC é apresentar a hegemonia da diferença por meio da análise desse movimento do “Eu” que parte em direção ao “Outro” e que retorna a um “Eu” já alterado pelo contato com o Outro, que é o exercício de toda tradução. O que se pretende apresentar aqui, no entanto, diferencia-se das análises clássicas dos Estudos de Tradução por focar dois escritores eminentemente gaúchos e fronteiriços, mas cada um de um lado diferente da linha política. Os dois livros que Faraco traduziu de Arregui deixam entrever o engajamento de se pôr, na ordem do dia, a hegemonia da diferença. Mais do que mera reprodução do Outro em língua vernácula ou um processo de tradução cultural, o acolhimento dos platinos, por parte de Faraco, ilustra a disposição de trazer ao debate as semelhanças narrativas, culturais e ideológicas que unem esse pampa outrora sem alambrado. Um ponto interessante e ainda não analisado (nem sequer na referida dissertação de mestrado) é a abrangência que “Cavalos do amanhecer”, que mescla contos dos dois livros de Arregui traduzidos por Faraco, recebe quando editado pela L&PM no formato Pocket. Portanto, esta comunicação supera análises anteriores ao pôr em pauta o papel do editor como importante força na desestabilização do centro (como a Teoria dos Polissistemas Literários já tinha alertado) e o inclui nas análises da formação do (anti)cânone. Afinal, é por meio dessas duas engrenagens (tradução e edição em livro de bolso) que um periférico escritor uruguaio de província distante do centro de seu próprio país é hoje vendido a preços acessíveis em quiosques dispersos por cada canto deste Brasil com extensão continental. Para dar conta das propostas para esta comunicação, lançamos mão de pesquisa bibliográfica e entrevistas. Além de suprir uma lacuna na produção acadêmica, esperamos estar incitando novos temas em face das teorias críticas latino-americanas.

Fazer Literário em G. Rosa: um olhar sobre o diferente

BETINA R. R. DA CUNHA (UFU)

Este trabalho pretende sugerir mais uma leitura sobre “A escova e a dúvida”, um dos quatro prefácios de Tutameia - obra de Guimarães Rosa que apresenta uma maturidade e um hermetismo próprios das geniais e astuciosas armadilhas com os quais o escritor-sertanejo instiga seus leitores. Com esse olhar, pode-se observar uma nova perspectiva sobre o fazer literário, baseada em uma relação de reconhecimento, interlocução e aceitação de inúmeros componentes ideológicos e interdisciplinares, que se conjugam e se complementam para a formação de discursos dialógicos e plurais. Estes, por sua vez, acabam se tornando elementos significativos para o reconhecimento de um novo e ousado expediente literário, a conjugar a invenção e a opacidade como interlocutores de um projeto de sensibilidade ímpar, moderno e contemporâneo. Nesse sentido, espera-se argumentar que tal projeto, expresso em parte no citado texto, abdica dos princípios canônicos e tradicionalmente aceitos como esteticamente válidos para o reconhecimento de um padrão literário e investe em uma nova tessitura de fios, prometendo uma instigante construção de identidade estético-literária, baseada, agora, nas relações com o diferente, com o inusitado, que, por sua vez, concretizam uma escritura surpreendida pela palavra nos seus inúmeros sentidos reinaugurados.

CENTRO, CENTROS: O ESPAÇO DA TERCEIRA MARGEM – LITERATURA, TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA

Luiz Gonzaga Marchezan (UNESP/Araraquara)

Maria Adélia Menegazzo (UFMS/Campo Grande)

Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS/Corumbá)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 708

Da paisagem e da natureza – o centro e o excêntrico na literatura regionalista

MARIA ADÉLIA MENEGAZZO (UFMS/Campo Grande)

Partindo de textos literários considerados “regionalistas”, pretendemos discutir a afirmação de que a paisagem é uma invenção humana e que o modo como olhamos para os diferentes espaços que habitamos está determinado pelas convenções paisagísticas desde o renascimento, que se tornaram autônomas quando do romantismo. Assim, se nada há de “natural” na paisagem, não se pode negar sua “naturalização” e identificação, através do senso comum, com a “Natureza”. O suporte específico dessas representações regionalistas inicialmente definiu-se na pintura e na literatura, em suas convenções formais como a perspectiva e os loci retóricos, amenos e terríveis, e convenções estéticas como o sublime, o pitoresco e a cor local, ampliando-se para outros campos do conhecimento. Considerando que vivemos uma era de simultaneidades e justaposições, uma heterotopia está delineada, configurada pelas imagens poéticas em níveis variados de profundidade e subjetividade. Talvez resida aí uma das explicações possíveis para o interesse pela paisagem que se desloca, se transforma e se adapta aos valores de cada época. Buscamos evidenciar que a paisagem poética envolve, assim, experiências de lugares e territórios muito além dos limites das molduras ou das fronteiras geográficas, muito embora não seja possível desconsiderar sua centralidade pressuposta.

A subversão dos retratos: vertigens espaciais em *Mar paraguay*, de Wilson Bueno

NÁDIA NELZIZA LOVERA DE FLORENTINO (SED-MS)

Mar paraguay, publicado em 1992 por Wilson Bueno, é um romance repleto de particularidades estéticas e de inovações literárias. Nas oscilações entre Espanhol, Português e Guaraní, o trânsito de línguas, expresso no próprio título do livro, tem como principal finalidade o apagamento de toda e qualquer fronteira. Podemos, então, pensar o *mar paraguay* como a representação de um espaço metafórico no qual ocorre uma degradação cultural transposta na linguagem. Nessa perspectiva, propomos neste trabalho uma associação entre as reflexões de Willi Bolle (2004) a respeito da construção de uma paisagem nacional em *Os Sertões* de Euclides da Cunha e *Grande sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa e a subversão dessa paisagem na demarcação espacial oscilante do romance de Wilson Bueno. Portanto, podemos considerar que, em linhas gerais, a paisagem nacional em *Grande Sertão: Veredas* e *Os Sertões* constrói-se na relação a um contexto histórico e possui demarcações nítidas e bem contornadas: a paisagem é estável e positiva. Em contrapartida, *Mar paraguay* reconfigura essa paisagem nacional

apresentando uma paisagem difusa e sem fronteiras definidas e que se afirma mediante caracteres considerados, em sua maior parte, como negativos: o erro, a marginalização, o hibridismo, dentre outros.

O êxtase do nada – Um estudo do niilismo nos contos “Vazio” e “Dois Homens”, de Luiz Vilela RONALDO VINAGRE FRANJOTTI (SED-MS e Uniderp)

A literatura é sempre produto de uma determinada sociedade. Por isso, tanto ela quanto o seu estudo sempre suscitaram grandes discussões, seja por conta das diferentes literaturas, seja por conta das diferentes teorias propostas para sua análise. Percebemos que há uma imperativa necessidade de conformar o texto literário e a teoria literária, visto que só uma combinação desses dois aspectos pode explorar todas as potencialidades da literatura. A teoria literária, ao longo do século passado, englobou conceitos e aspectos de outras áreas, como a filosofia e a psicanálise. O que propomos nesse estudo é uma análise de dois contos presentes no livro TREMOR DE TERRA, de Luiz Vilela. Nossa análise parte do texto e tem como principal instrumento a filosofia de Arthur Schopenhauer. O que fazemos é apresentar um conceito de niilismo, tomado a partir da obra de Schopenhauer, e mostrar como ele é um importante instrumento para a interpretação desses contos. Feita a análise do texto, propomos uma aproximação entre os contos selecionados de Vilela com o romance O ESTRANGEIRO do argelino Albert Camus. A lição que fica de nosso estudo é que as distinções geográficas e literárias estão cada vez mais fluidas e a obra de Luiz Vilela, que traz preocupações e modos semelhantes de tratar questões universais, é uma grande indicação disso. A intensa carga filosófica e o trato de temas universais colocam o texto de Vilela além da brasilidade ou da regionalidade, além do centro e das periferias.

Tormenta e resignação: Traços do *Bildungsroman* em contos de Luiz Vilela RODRIGO ANDRADE PEREIRA (SED-MS)

O presente trabalho tem como corpus contos dos três primeiros livros de Luiz Vilela: Tremor de Terra, de 1967, No Bar, de 1968, e Tarde da Noite, de 1970. O que se pretende verificar é a configuração de um “romance de formação”, o *Bildungsroman*, observável em uma seleção de contos, quando tais contos são colocados em ordem cronológica da idade do herói da narrativa. Verificamos, nestes contos, conflitos internos das personagens que as levam à próxima etapa da sua vida. Abordamos alguns aspectos do romance de formação, desde os seus primórdios, com o Meister, de Goethe. Passamos por algumas análises sobre o romance de formação e a problematização do interior da personagem formuladas por Bakhtin; e verificamos os comentários sobre o romance O Tambor, de Günter Grass, que é considerado pela crítica como uma espécie de romance de formação às avessas. A partir desse referencial, mostramos de que modo pode haver relação entre o gênero conto e o gênero romance, a partir de abordagens intertextuais, bem como as relações intersemióticas entre os textos analisados. O “romance de formação” deve, sinteticamente, ser definido como um romance que abarca a trajetória da personagem desde os primeiros anos, passa pelos momentos em que se revela e aperfeiçoa, e o acompanha ao grau máximo de perfectibilidade, quando se integra, acomodado, à sociedade. Para demonstrar nossa proposição, analisamos contos de Luiz Vilela, que comportam saberes e ultrapassam a centralidade do conto, traçando a trajetória da personagem, nas etapas da infância, da sexualidade, da adolescência, do amor jovem, da revolta e – na idade adulta – da conformação.

Teoria da literatura e filosofia – o debate sobre o conceito de referência na obra de Frege, Eco, Searle, Wittgenstein e Rorty JONES ALBERTO ALMEIDA (UFF e SEEC-RJ)

O objetivo deste trabalho é explicitar o conceito de referência, no contexto das teorias do significado, como elaborado pelos principais teóricos da filosofia analítica, e avaliar a utilização deste conceito na obra dos críticos e teóricos envolvidos com o estudo e interpretação de textos em literatura. A opção teórica de aceitar, rejeitar, ou dar um novo significado ao conceito de referência, e por extensão, às noções de sentido, verdade, ilusão, subjetivo, objetivo, cognitivo, emocional, na interpretação literária, serviu de guia para apresentar os argumentos e esclarecer algumas implicações, principalmente às de natureza semânticas, hermenêuticas, lógicas e ontológicas, envolvidas neste debate. A busca de uma ‘fusão de horizontes’, determinou os diálogos que construímos entre os autores analisados. Trata-se de um estudo interdisciplinar, de uma aproximação entre as concepções da filosofia analítica e da crítica literária.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 708

O teatro do mundo no mundo do teatro – a obra de Paulo Corrêa de Oliveira KATIANE IGLESIAS ROCHA ARAUJO (UNESP/Araraquara)

A representação do mundo na literatura tem ocupado lugar de relevância entre os temas da teoria literária. Pensar, também, sobre como tal representação se configura em cada um dos gêneros literários pode ressaltar as particularidades de cada um desses gêneros, revelando aspectos textuais que contribuem para uma visibilidade maior do processo de composição do mundo por meio da linguagem literária. Nesse contexto, Paulo Corrêa de Oliveira revê a história e relê a literatura por meio de suas produções teatrais, em um processo de criação que possibilita a abertura a um novo olhar sobre as coisas mesmas, transfigurando uma tradição para o já conhecido. Nas obras de Paulo Corrêa de Oliveira o histórico e o literário aparecem como possibilidade de se resgatar, ou recriar, a tradição de um local, tanto em relação aos fatos tidos como realidade, como àqueles sabidamente perpassados pela invenção. Nota-se, pois, uma proposta de se repensar a identidade cultural, em uma manobra de escrita que envolve o embate entre Fato e Ficção, dando espaço ao diálogo entre História, Ficção e Literatura.

Graciliano Ramos, a infância e o inferno LUIZ GONZAGA MARCHEZAN (UNESP/Araraquara)

A chamada mediadora da Abralic para trabalhos em seminários passa pelo conceito de weltliteratur, de Johann Wolfgang von Goethe (1749/1832), pensado, a partir de Frankfurt, em 1827, momento em que o pensador alemão avaliou a capacidade da literatura em promover diálogos culturais entre povos, entre seus saberes adquiridos. Seu modelo de romance de formação, esteticamente marcante, mostra-nos uma narrativa voltada para a transformação do homem na construção da sua identidade, personalidade; para a necessidade humana em centrar-se na composição do seu universo pessoal, moldado num conjunto intenso de conhecimentos. Na sua vontade civilizatória, Goethe, naturalista e artista, contou com uma noção precisa acerca das metamorfoses decorrentes do processo mundial de trocas de valores culturais. Entre os nossos, Graciliano Ramos (1892/1953) também trabalhou com transsubstanciações. Em *Vidas secas* (1938), conforme observou em carta para João Condé, construiu personagens de maneira metamórfica: Baleia tem origem na notícia de uma cachorra sacrificada na Manicoba; o avô Pedro Ferro transformou-se em Fabiano; a avó, em Sinhá Vitória; os tios, nos dois meninos. O episódio do Inferno, percebeu-se depois, originou outro, homônimo, em *Infância* (1945). Em *Vidas secas*, ele acontece quando o menino mais velho pede à sua mãe, Sinhá Vitória, explicações sobre tal lugar de sofrimento e dela recebe um cocorote. Em *Infância*, Graciliano constata que, diante da necessidade de recordar-se menino até os seis anos de idade, metamorfoseou-se em personagem de uma obra memorialista. No episódio do Inferno um menino, novamente, questiona sua mãe e dela tem uma explicação impaciente sobre o sentido de inferno. Neste trabalho, comparamos as duas obras de Graciliano Ramos e analisamos semelhanças e diferenças entre episódios identicamente nomeados. Acontecimentos de motivos idênticos, vistos e revistos em obras distintas, mostram-nos que o escritor não trabalha exclusivamente com tipos de uma mesma dimensão ou somente de uma região; quer ele estimar, acreditamos, a proporção da amargura que passa pelo interior das personagens implicadas nos dois episódios anunciados. O tema da amargura ganha figuras nos dois textos, que motivam e sustentam suas narrativas. O conceito de weltliteratur de Goethe representa a possibilidade vislumbrada pelo autor de um dado texto compará-lo, nos seus nexos, com outros, na contextualização de valores e na construção de uma cultura literária abrangente para o espírito. Acreditamos que o semelhante se dê em relação a Graciliano Ramos; no caso, a partir da feitura de suas duas obras, em atmosferas culturais localizadas nas épocas dos seus lançamentos: a primeira no interior do modernismo já avançado e a segunda no âmago da revisão do próprio movimento; situações localizadas no contexto mundial do início e final da primeira metade do século XX. *Vidas secas* e *Infância* voltaram-se para as qualidades e falhas do indivíduo no homem, numa visão, para nós, além de regiões ou fronteiras.

“Adeus, meu pai” e “Os sapatos de meu pai”, de Menalton Braff: um estudo da linguagem impressionista e das imbricações entre texto e contexto NATALI FABIANA DA COSTA E SILVA (UNESP/Araraquara)

Este trabalho pretende elaborar uma análise comparativa dos contos “Adeus, meu pai” (retirado de *À sombra do cipreste*, 1999) e “Os sapatos de meu pai” (*A coleira no pescoço*, 2006) do autor contemporâneo Menalton Braff. O que possibilita a aproximação dessas duas narrativas é, em primeira instância, a especificidade da linguagem, pois por meio de adjetivações e construções sintáticas inusitadas, predomínio do fluxo de consciência e emprego da noção bergsoniana de que o tempo, quando revivido, ganha mais intensidade e vida pode-se afirmar que o autor emprega certo lirismo impressionista nesses contos, o que nem sempre ocorre em Braff. O processo de construção da linguagem dos dois textos é fundamental para esta análise e como resultado preliminar podemos concluir que a linguagem impressionista braffiana desfigura inicialmente o objeto que pretende tratar por meio de um fluxo de memória que acomete as protagonistas, mas o recompõe aos poucos, à medida que a leitura avança, permitindo ao leitor decifrar a ordem dos acontecimentos. Além disso, outro aspecto importante na comparação entre os contos é a repetição do motivo da figura paterna. Visamos a analisar em que medida a presença do pai em “Adeus, meu pai” ou sua ausência em “Os sapatos de meu pai” determina as relações das protagonistas e contribui para a criação de uma temática do abandono e da solidão, também presente em outras narrativas do autor. Assim, ao mesmo tempo em que essas narrativas proporcionam uma leitura de cunho intimista pelas crises das personagens, linguagem poética e fluxo de consciência, é possível entrever nas malhas de suas estruturas as formas com que as relações sociais, valores e orientações ideológicas interferem nas personagens, evidenciando uma clara imbricação entre texto e contexto. Para alicerçar as bases teóricas da pesquisa, abordaremos os conceitos de cronotopo e polifonia engendrados por Mikhail Bakhtin, aliados ao estudo da estética impressionista em Arnold Hauser e Giulio Argan.

Entre frinchas, a poética do microconto brasileiro LUCIENE LEMOS DE CAMPOS (SED-MS)

O conto é o gênero narrativo que melhor tem se adaptado às inovações tecnológicas neste início de século. Entretanto, se existe entre ele e outras narrativas contemporâneas — contos curtos, microcontos, minicontos, literatwitter — algum elemento comum, essas narrativas-relâmpagos, no âmbito dos estudos literários, carecem de referencial e estudos mais aprofundados, quer no domínio da estética, quer no âmbito da poética, quer na atuação da crítica literária. O êxito da micronarrativa contemporânea, assim nos parece, está na perturbação e na sedução desconcertantes que provoca no leitor. Ao economizar palavras, o ficcionista abre um mar de sentidos para os estudos dessa literatura de ficção, ao mesmo tempo em que dialoga e devora outras vozes poéticas, o que aponta para uma mudança de paradigma da tessitura e da investigação da nova prosa literária ficcional. Assim, o microconto é guiado por uma visão crítica e seletiva que fragmenta as narrativas primeiras e, em contrapartida, nas frinchas da intertextualidade, emerge. A proposta estética que o microconto realiza não surge como decalque da prosa tradicional, mas como espaço intervalar, uma terceira-margem poética, um entre-lugar que desloca e anula a antiga noção de centro cultural hegemônico, de certo modo realizando a força de uma proposta goetheana da *weltliteratur*. Nesse sentido, este trabalho se propõe como uma reflexão acerca da micronarrativa brasileira contemporânea. Nosso corpus, no que se refere à literatura brasileira, contempla a obra *Os cem menores contos brasileiros do século*, e também recolhe microfichas selecionadas do twitter e de outras fontes da internet. Para subsidiar o estudo, temos por embasamento referencial proposições de Lauro Zavala, Luis Costa Lima, Roland Barthes, Silviano Santiago e Wolfgang Iser. PALAVRAS-CHAVES: Entre-lugar; Intertextualidade; Literatura brasileira.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 708

Iracema, de José de Alencar: uma heroína romântica MARIA CELESTE CONSOLIN DEZOTTI (UNESP/Araraquara)

Manuais de literatura ensinam que o Romantismo, centrado no eu romântico e em seus conflitos e aspirações libertárias, rompe com os códigos clássicos que integravam a poética do Arcadismo. Segundo Alfredo Bosi (*História concisa da Literatura Brasileira*, 1975, p.105) “caiu primeiro a mitologia grega”. Em *Iracema*, Alencar constrói a “lenda do Ceará”, que narra a união da índia Iracema com Martim, o colonizador português que a fascina, e da união deles nasce Moacir, fruto da primeira miscigenação de povos em terras brasileiras. Se a matéria-prima que Alencar ficcionalizou tem o seu componente histórico, pois figuras como Martim e o índio Camarão estão registradas nos anais da história, a heroína é inteiramente obra de ficção recheada de mensagens. Afinal, o nome *Iracema* adquire estatuto simbólico quando lido em forma anagramática, América, o novo mundo, a terra brasileira conquistada pelo estrangeiro que dela se apossa, usa e abandona. Mas Alencar não conseguiu, nessa empreitada, desvencilhar-se da tradição clássica preterida pelas normas do Romantismo. *Iracema* é heroína grega e, mais especificamente, uma heróida ovidiana. Essa dívida com a tradição grego-latina o próprio autor a reconhece em carta-posfácio, quando confessa ter composto “uma heróida que tem por assunto as tradições dos índios”.

genas brasileiros e seus costumes” (Alencar, Iracema, 1978, p. 88, grifo meu). Em vista de tais laços intertextuais, como pensar os limites do romantismo? Romper com os códigos clássicos: com quais deles?

Tramas de Noll: o hipertexto nolliano que se trama hipotexto FABIULA NEUBERN (UNESP/Araraquara)

O presente trabalho se propõe a discutir aspectos da intertextualidade tendo como objeto de análise dois microcontos produzidos por João Gilberto Noll para publicação no jornal *Folha de S. Paulo* e, posteriormente, contidos em *Mínimos, múltiplos, comuns*. Os microcontos em questão, intitulados *Zé na Margem* e *Afã*, seriam então considerados hipertextos na medida em que trazem em seu conteúdo resíduos do (hipo)texto clariceano. Genette, em *Palimpsestos*, fala-nos de uma outra ordem da hipertextualidade “em que B não fale de A, no entanto não poderia existir daquela forma sem A, do qual ele resulta...”. Assim, podemos pensar que o resíduo encontrado nos microcontos nollianos seria a configuração de um hipertexto, que manifestadamente ou não cita seu hipotexto. A problematização de nosso estudo dá-se no momento em que o hipertexto de Noll configura-se, também e ao mesmo tempo, como um hipotexto. Marchezan (2006) afirma, em relação ao leitor que “trata-se de um leitor voltado para o texto literário, que volta a sua intencionalidade para a realização da arte literária, prática contemplada, inclusive, dentro das outras das configurações do texto literário contemporâneo, pelo hipotexto.” Assim, parece-nos que o leitor do hipotexto é a chave interpretativa que descortina o hipertexto enquanto entende e valida o texto-matriz. Em nosso caso, um tipo de texto que ao mesmo tempo remete a e funda possibilidades de referência. Referências GENETTE, G. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Extratos traduzidos do francês por Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/palimpsestosmono-site.pdf> MARCHEZAN, L.G. O hipotexto de Noll. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: Abralic, n.9, p. 229-42, 2006. NOLL, J.G. *Mínimos, múltiplos, comuns*. São Paulo: W11 Editores, 2003.

Sátira moral e sátira civilizatória em Poe e em Vilela

LONDINA DA CUNHA PEREIRA e MARIA DA LUZ ALVES PEREIRA (CM-MS/Campo Grande)

“*Never bet the devil your head. A moral tale*”, de Edgar Allan Poe (1809-1849), publicado pela primeira vez em 1841, traduzido, no Brasil, por Oscar Mendes, com o título “Nunca aposte sua cabeça com o diabo — conto moral”, narra a história de um sujeito que aposta a cabeça com o diabo e acaba perdendo a aposta. “A cabeça”, de Luiz Vilela, conto da obra homônima, de 2002, centra-se no diálogo entre várias personagens que discutem acerca de uma cabeça encontrada no chão, em plena rua. Diante do exposto, e em sintonia com os estudos que promovem discussões acerca do apagamento dos limites do texto literário, este trabalho propõe uma análise comparatista entre os dois contos. Considerando o tempo decorrido entre as duas publicações, e verificando a possível intertextualidade entre ambas, constatamos a originalidade nacional diante da retomada de temas tratados por um autor da literatura norte-americana. Entende-se a intertextualidade como a presença efetiva de um texto em outro, pois um texto não existe sozinho, parece sempre possível nele descobrir-se um subtexto, uma retomada, de modo que textos distantes se mostram próximos. No presente caso, encontramos elo aparentemente perdido entre a arte literária oitocentista e a do terceiro milênio: no conto de Poe, o desfecho acontece quando o sujeito perde a cabeça e, no de Vilela, a narrativa começa quando as personagens encontram a cabeça. Desse modo, os textos dialogam: o texto vileliano começa onde o texto poeano termina. Entretanto, Vilela apresenta uma narrativa que se distancia do centro, quebrando com a estética poeana do efeito único, propondo outra estratégia discursiva. Sua narrativa configura-se em quadros, de forma que sobrepostos constroem uma unidade; tais quadros podem, inclusive, ser recombinações em ordem diferente — mais que fragmento, temos uma estética do fractal. Assim, Vilela, rompendo com o estatuto centralizador, cria uma forma de escrita marcando um novo fazer estético. Tendo em mente que ao procedermos uma análise textual, devemos fazê-la voltando a atenção para a especificidade e a intencionalidade de cada texto, esta análise vai concentrar-se em como os textos estão construindo aquilo que dizem, ao invés de preocupar-se com o que está sendo dito. Focando no dizer dos textos e nas intenções do processo de produção, dedicaremos realce aos momentos em que as duas enunciações se cruzam, ou seja, no caráter satírico, cuja base teórica se norteará nos estudos de Propp e Pirandello. Assim, visualizamos em Poe a sátira que tenciona corrigir os costumes do indivíduo, enquanto Vilela denuncia o processo civilizatório que gera homens e situações desumanas. Palavras-chave: cânone, conto, fractal, intertextualidade, riso literário.

Subjetividades líricas à margem do centro na poesia contemporânea brasileira e portuguesa GOIANDIRA DE FÁTIMA ORTIZ DE CAMARGO (UFG/ Samambaia)

Nesta comunicação, pretende-se discutir as representações da subjetividade na lírica brasileira e portuguesa contemporânea, tendo em vista a problematização, que daí se depreende, do conceito de eu-lírico dado pelos pressupostos da teoria e da crítica tradicionalmente consideradas. Observa-se na lírica brasileira e na sua contraparte portuguesa um sujeito lírico descentrado, que se descola do lugar a ele comumente consagrado e se desloca, se desterritorializa em subjetividades-outra, forçando, dessa forma, um repensar de sua natureza por parte da teoria da lírica. Aquele eu-lírico hegeliano, que ainda é reiterado em estudos como o de Staiger (1969), desde o século XIX – com Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé ou Whitmann – não assegura o entendimento do sujeito lírico contemporâneo. Ausente ou fragmentado, disperso, descentrado e móvel, à esmo pelas paisagens que o poema cria, esse sujeito busca outros modos líricos na memória intertextual, na alteridade da voz de outras personalidades poéticas ou de animais e ainda situando espaços à margem e reconstituindo-se nas coisas e nos fragmentos narrativos inscritos nos versos. Tendo isso em vista, esta comunicação, a partir da leitura de poetas brasileiros como Paulo Henriques Britto, Antonio Cicero, Micheline Verunck, e portugueses como Ana Luisa Amaral, Manuel de Freitas, José Tolentino de Mendonça, entre outros, pretende discutir o descentramento desse sujeito lírico para além do que mobiliza a teoria e crítica canônicas, como Hegel (1993) e Staiger (1969). Em nossas reflexões dialogaremos com Hamburger (2008), Collot (2004), Berardinelli (2007).

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 708

Duas Ofélias e uma outra: imagens do feminino em Adélia Prado e Mia Couto ANA CLAUDIA DA SILVA (UninCor e Ceuclar)

A possibilidade de descentrar os centros culturalmente definidos, apagando os mapas cartográficos em que se inserem os estudos literários, constitui, para as literaturas dos países de língua portuguesa, um profícuo campo de investigações. Inseridas nesse espaço de trocas culturais, as literaturas brasileira e moçambicana não somente dialogam, mas expandem seus horizontes conforme novas perspectivas de leituras intertextuais se vão consolidando, geradas a partir dos saberes que seus leitores mobilizam em contato com os textos. Nossa proposta, aqui, é investigar a constituição de duas Ofélias: a primeira, configurada no poema "A esfinge", de Adélia Prado (1987), e a segunda, no conto "Ofélia e a eternidade", de Mia Couto (2001). Entendemos que esse antropônimo guarda a memória das leituras de seus autores, rementendo-nos à arqui-famosa personagem shakespeariana, cujo destino perpassa, como longínquo pano de fundo, a escritura de ambos os textos, fazendo-os emergir, sem românticas flores, do rio caudaloso das representações literárias do feminino.

O pangaré, o vira-latas e o burrico RAUER RIBEIRO RODRIGUES (UFMS/Corumbá)

A aguerrida competitividade que permeia as relações sociais e interpessoais, no Brasil, transita e mescla de aspectos pré-cabralinos a pós-industriais, tendo no âmbito acadêmico face institucionalmente fomentada pelo produtivismo imposto ao trabalho de pesquisa em área de lenta maturação como é a dos estudos literários. Essa competitividade divide o universo em dois mundos — os bons e os maus, os decentes e os indecentes, os incorruptíveis e os corruptos, os gênios e o restolho, os que são fonte e os copiadores. Tal concepção não decorre tão só das imposições estatais, antes vem dos fundamentos basilares da civilização ocidental, que biblicamente opõe os puros e tementes àqueles decaídos no pecado. No âmbito da diacronia histórica, a visão que o brasileiro tem de si mesmo termina por pagar o preço da dicotomia apontada, fazendo com que nos vejamos sempre como o pangaré ou o vira-latas. No complexo de vira-latas, sentimo-nos vicejando dos restos do grande banquete universal: somos despossuídos de qualquer bem ou valor e perambulamos sarnentos, desprezíveis, magros, famélicos, catando o que quer que sobre, procurando com o que nos alimentar como moscas varejeiras. No complexo de pangaré exercitamos toda a nossa profunda incapacidade de competirmos, de crescermos, de superarmos nossas deficiências estruturais, de nos realizarmos no concerto universal das nações, de sermos alguém mais que papagaios ventríloquos dos verdadeiros gênios da humanidade. Entre o vira-latas e o pangaré, ao olharmos o quintal vizinho, sempre o percebemos mais verde, mais florido, mais guarnecido dos manjares da existência, os quais nunca vamos fruir. Desse

conúbio histórico nos resta o perene julgamento de que a literatura brasileira é ramo menor de galho secundário no jardim das musas, o que aliás é desdobramento óbvio da pequenez de nossos estudos filosóficos, da incúria de nossos governantes, da insuficiência dos fundamentos de nossas pesquisas, da ausência de um pensamento nacional autônomo, da falta de proposições teórico-metodológicas aclimatadas à realidade desses trópicos sul-americanos. Fadados estamos, pois, a ser burrico de carga carreando para os centros hegemônicos não só riquezas materiais, mas também nossa alma, corações, lágrimas e sangue, além de nossa inteligência. Não concordo com essa visão. Vislumbro, ao longo de nossa história, motivos para nos avaliarmos de forma diversa. Vejo, em muitos momentos de nossa literatura, a emersão de inventores e a produção de mestres que configuram um sistema literário frondoso, capaz de ombrear com qualquer outro, seja considerando nossos exíguos quinhentos anos de labor em língua portuguesa, seja mesmo não condicionando o juízo a tal circunstância. O objetivo desse ensaio é mostrar aspectos na literatura em que o Brasil nada fica a dever aos centros hegemônicos na economia e na cultura.

Do coração ao estômago: Camilo Castelo Branco e a ironia romântica e (ou) pós-moderna na literatura portuguesa do século XIX

CAMILA DA SILVA ALAVARCE CAMPOS (UFU)

A presente proposta de estudos se insere em um projeto de pesquisas maior intitulado “Nas veredas da ironia: românticos e pós-modernos sob o olhar oblíquo da ambiguidade”. A ideia central desse projeto é a análise da natureza da ambiguidade que caracteriza a ironia no âmbito do discurso. O fato de sinalizar um dizer sub-reptício velado por outro, explícito e fornecido “tranquila-mente” ao leitor – dizeres estes que, muitas vezes, se opõem – colabora com a ascensão da ironia ao lugar dos discursos desmistificadores ou questionadores de modelos maniqueístas? Nem sempre, ao que parece. Essas modalidades mantêm a ambiguidade e a abertura do sentido após a sua irrupção ou, em contrapartida, se constituem como discursos autoritários, a serviço, por exemplo, de uma ideologia dominante? Se são factíveis esses dois efeitos de sentido, como se constituem, então, esses diferentes tipos de ironia? O que caracteriza a ironia na modernidade, em especial no Romantismo? Quais são os traços da ironia pós-moderna? São eventos singulares, marcados, pois, por especificidades? De que forma a ironia é mediadora (ou não) entre o que chamamos de “modernidade” e as definições ou sentidos que são atribuídos a esse conceito? Em outras palavras: a ironia, no período designado como modernidade – sobretudo a romântica – também é mediadora ou reveladora de ideias relacionadas ao “progresso” e à crença no poder da razão ou, ao contrário, “revela” um sentido aberto, não definitivo, como a ironia que parece caracterizar o pós-modernismo, de acordo com Hutcheon, em sua *Poética do pós-modernismo*? Como se caracteriza a ironia e que efeitos de sentido ela cria durante o século XIX – que “sofreu de História demais”? (SELIGMANN-SILVA, *História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes* 2003, p. 63) E, hoje, na pós-modernidade, quando, para Márcio Seligmann-Silva (2003, p. 63), sofremos de “fim da história”, configura-se a ironia, invariavelmente, como um artifício de expressão do não-sentido? Terá a ironia, de fato, colaborado com a expressão desses sentidos associados aos “espíritos” da modernidade e da pós-modernidade? “A que se prestou” a ironia na modernidade – especialmente no Romantismo? A presente proposta de estudos pretende justamente o estudo dessas questões na obra *Coração, Cabeça e Estômago*, do escritor português Camilo Castelo Branco, pois esse romance apresenta traços significativos para a análise proposta; entre eles, o desdobramento discursivo e a presença marcante da ironia romântica – artifício que, ao interromper o enunciado, possibilita a representação do processo de enunciação e fundamenta, portanto, uma reflexão importante sobre os aspectos estéticos do texto literário.

Camilo e Machado

PAULO FRANCHETTI (Unicamp)

Uma questão intrigante é a quase nenhuma referência de Machado de Assis a Camilo Castelo Branco, escritor que era dos mais lidos no Brasil e pessoa das relações da família de Carlonia, sua mulher. Ao mesmo tempo, são muitas, na obra de Machado, as referências a outros autores portugueses, entre as quais se destaca a feita a Garrett no prólogo da quarta edição das Memórias póstumas de Brás Cubas. Nesta comunicação, esse silêncio eloquente é pensado contra o pano de fundo do quadro mais amplo da situação de Machado no campo da prosa moderna em língua portuguesa.

CRIMES, PECADOS E MONSTRUOSIDADES I

Julio César Jeha (UFMG)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 600**Ética e estética do crime: ficção de detetive, *noir* e *hard-boiled***
JULIO JEHA (UFMG)

As três formas principais de literatura criminal – ficção de detetive, *hard-boiled* e *noir* – se caracterizam por princípios éticos e estéticos bem definidos. Todas se desenvolvem num contexto de urbanização e industrialização típico das sociedades europeias e norte-americana de fins do século 19 e início do 20. A ficção de detetive nasce nos contos de Poe, com um investigador de pol-trona que resolve um enigma por meio de notícias de jornais, a pedido de um chefe de polícia. Após a Primeira Guerra Mundial e a quebra da bolsa, autores e leitores deixam para trás histórias em que a violência é apenas um jogo de salão e partem em busca de narrativas duras e velozes, com detetives trabalhando ao arrepio da lei: a ficção *hard-boiled*. Dela se origina a ficção *noir*, fundamentalmente pessimista, em geral sem detetive e cujo protagonista é um fracassado, quando não um criminoso, que tenta sobreviver nas trevas morais e urbanas. Ainda que se possa delimitar essas características, é mais correto e mais proveitoso considerá-las como aspectos de uma narrativa, visto que uma narrativa pode conter um enigma e aspectos do *roman noir*, ou ser narrada em estilo *hard-boiled* ou ser *noir* e *hard-boiled*. Ou nem um nem outro, e, mesmo assim, ser ficção criminal.

Sobre a figura do criminoso no romance católico do século 20
MARCELO TADEU SCHINCARIOL (CU–Boulder)

Analizadas à luz do movimento de Renovação Católica que se deu na virada do século XX, as obras de Julien Green, François Mauriac e Georges Bernanos, principais referências no quadro do romance católico francês, possibilitam que se reavalie o caminho percorrido por romancistas católicos brasileiros como Lúcio Cardoso, Octávio de Faria e Cornélio Penna, tornando assim mais evidente a apropriação de elementos caros ao romance policial como forma de incluir o gênero romanesco na tradição da reflexão católica sobre as relações entre os homens, padrões morais e desígnios de Deus. Interessa-nos particularmente como a concepção de crime, entendida como vocação humana, define o universo do romance católico, que teria visto no gênero policial um lugar privilegiado para a corporificação de questões inquietantes para o mundo ocidental da virada do século XX, bem como para a manifestação do tom trágico denunciador de uma existência cujo sentido mostrava-se obscuro.

Planejamento de um matricídio: de Ésquilo a Eurípides
TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA (UFMG)

Propomos abordar os textos teatrais *Coéforas*, de Ésquilo; *Electra*, de Sófocles e *Electra* de Eurípides e neles observar a construção do assassinato de Clitemnestra. Estaremos relativizando o chamado delito hediondo dos matricidas Orestes e de *Electra*. Tentaremos mostrá-los de forma a contemporanizar o que fosse normalidade e transgressão. Paralelamente, observaremos a evolução do entendimento dessa ação nos três dramaturgos. Nosso foco será: qual das transgressões (legal, moral ou religiosa) domina a leitura de cada poeta? Que sanções são aplicadas para cada criminoso?

O farmacêutico: entre a ciência e a magia

JOSALBA SANTOS (UFS)

O farmacêutico é um ser de fronteira, está entre a ciência e a feitiçaria, pois manipula o remédio e a poção mágica. Derrida discute em várias passagens de *A farmácia de Platão* (1972) o caráter ambivalente de uma droga: o remédio é o veneno e o veneno é o remédio, a depender da dose e do contexto em que for aplicado. Portanto, o farmacêutico não é fronteiro apenas porque manipula o remédio e o veneno, mas porque a substância manipulada pode ser remédio e veneno. A partir dessas proposições, analisar-se-á Urbano, figura central em *Repouso* (1948), de Cornélio Penna. Urbano parece não assimilar à sua profissão qualquer caráter mágico. No entanto, a população da cidade onde vive gradativamente começa a desconfiar da sua prática. De forma que o respeitável farmacêutico vai migrando para a condição de feitiçeiro aos olhos dos seus pacientes cada vez mais escassos.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 600

O labirinto contemporâneo: a experiência do Minotauro em Borges e Cortázar. Imaginário, efeito de real e contração da monstruosidade
DIEGO PALEÓLOGO (UFRJ)

O objetivo deste trabalho é pensar a presença do Minotauro e do Labirinto em Jorge Luiz Borges e Julio Cortázar; a lógica externo/interno da monstruosidade em um jogo contemporâneo de velar e revelar o monstro; o desaparecimento do Minotauro como sintoma de uma sociedade que experimenta a contração da monstruosidade e da anomalia: o monstro não é mais da ordem do visível. Sendo o Minotauro um monstro incapaz de esconder sua marca indelével, não transita na cartografia contemporânea de monstros. O Minotauro é produto do egoísmo e ambição de Minos e, em sequência, do desejo incontrolável de Pasífae pelo Touro Sagrado – dessa união surge uma criatura híbrida, cabeça de touro e corpo de homem, o Minotauro. O monstro é trancado em um Labirinto construído para ser sua prisão e túmulo – uma casa monstruosa, como escreve Borges. O Minotauro faz parte de uma categoria especial de monstros mitológicos, muitas vezes surgidos a partir de uma conduta profana, quase como uma resposta ao desrespeito da moral vigente. Nesse cenário, o Minotauro responde mais a um castigo e uma maldição. O crime de Minos é não sacrificar o Touro Sagrado; o de Pasífae, a rainha, é a luxúria incontrolável, que a leva a produzir um artifício para ter relações com o touro – tudo é atravessado por uma espécie de lógica da monstruosidade: desejos em excesso, que ultrapassam o corpo e a razão. Em suas diversas releituras, o Minotauro e o Labirinto aparecem quase como uma entidade. No movimento surrealista emerge como um dos grandes símbolos, representado por André Masson, Pablo Picasso e outros. A associação do Minotauro ao Surrealismo está relacionada à intensidade de morte presente no movimento e a constituição de um monstro paradoxal, corpo que aponta para dois sentidos ao mesmo tempo: homem e animal. Picasso confere ao Minotauro ares humanos, delicada fragilidade – o monstro não é mais a besta furiosa que assombra o Labirinto e sim um monstro perdido, deslocado, anacrônico – quase doméstico e erotizado. Outro momento crucial no qual o Minotauro emerge, ainda como potência monstruosa, é na Argentina das décadas de 40 e 50. Jorge Luiz Borges e Júlio Cortázar, expoentes da Literatura Fantástica, abordam tanto o Minotauro quanto o Labirinto. Metáfora política ou existencial, é nesse momento que o monstro realiza radical dobra em sua existência. Borges e Cortázar invertem o jogo e dão voz ao monstro, que agora é uma espécie de poeta e criatura incompreendida dentro de sua própria prisão; o Labirinto participa da lógica exterior/interior, acentuando as oposições fundadoras da modernidade e suas erosões contemporâneas. Qual seria, hoje, o lugar do Minotauro? Em um mundo no qual a ciência e a medicina regulam nossa existência, o ele responderia aos excessos e erros da ciência. Tendo como baliza os pensamentos de Michel Foucault sobre corpo, biopoder e biopolítica e seguindo as linhas deleuzianas de sentido, agenciamento e paradoxo, a proposta é pensar o Minotauro e a monstruosidade em uma específica produção literária contemporânea voltada, cada vez mais, para os efeitos e impressões de realidade.

Vestígios de um crime imaginário em *La noche de los asesinos*, de José Triana
SÔNIA APARECIDA DOS ANJOS (UFMG)

O objetivo dessa comunicação é uma breve análise da peça *La noche de los asesinos*, do dramaturgo cubano José Triana. Agraciada com o Prêmio de Teatro de La Casa das Américas, a peça é um marco na obra do autor. Escrita entre os anos de 1958 e 1965, a obra ocupa um espaço significativo na história de Cuba e do período revolucionário. Num espaço inóspito e sombrio: um sótão, Triana nos conduz para o mundo claustrofóbico de três monstros (talvez vítimas) em potencial: os irmãos Lalo, Beba e Cuca, personagens obcecadas em matar os pais; retomando temas

comuns da tragédia grega. Composta por dois atos, a peça apresenta um enredo complexo: temos na primeira parte a representação de um crime imaginário e na segunda, a investigação de um assassinato e o seu julgamento. O ambiente é sórdido e a composição desse espaço indica desordem, sujeira e decadência, provocando nas personagens medo, agressividade e sufocamento, ao mesmo tempo em que desperta a loucura e a alienação.

A textura da desanatomia: o mal e o corpo em *Último round*, de Júlio Cortázar
BÁRBARA NAYLA PIÑEIRO DE CASTRO PESSÔA (UFJF/UFF)

O gesto vanguardista de ruptura com os limites da obra de arte enquanto instituição desligada da práxis vital engendra um estética do corte e do radical que linda com o excesso. Situando-se no marco da recuperação dos princípios da arte de vanguarda, *Último Round* (1969), de Júlio Cortázar, se arma como livro colagem no qual tanto as cenas de eroticidade e crime como as práticas de esarteamento textual provocam nossa reflexão sobre a transgressão do corpo erótico na fronteira do desumano e a simultânea transgressão do corpo do Livro em sua unicidade e caráter de obra de arte. Pretendemos observar aqui a presença do mal, no sentido que lhe confere Georges Bataille, em *A Literatura e o Mal* (1957), como uma potência destrutiva vinculada ao próprio sentido da literatura como zona de perigo e privilégio do instante. Nosso olhar quer se deter no mal como impulso desestabilizador e de desejo que, através do princípio do informe, mina a arquitetura do texto, dando-lhe uma configuração acéfala, sem discurso reitor, um conjunto de papéis incapazes de oferecer-nos uma leitura orgânica. Nossa leitura pretende vincular as práticas de desanatomização e, até, aniquilamento do corpo, humano e textual, com o horizonte utópico da literatura como lugar de desvio do *logos* e felicidade.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 600

Monstros projetados
MAURI PREVIDE (UNESP/Araraquara)

Em literatura encontramos uma gama de espécies de monstruosidades, ligadas ou não às noções de crime e de pecado. Os monstros se fazem presente desde as mais variadas mitologias de performance oral, e mesmo no florescimento da literatura escrita (lembramos o Ciclope na Odisséia), até as obras mais atuais da literatura e do cinema. Propomos, para a presente comunicação, o estudo comparativo de duas figuras monstruosas: a criatura de Frankenstein, de autoria de Mary Shelley, e Quasimodo, popularmente conhecido como "o corcunda de Notre Dame", do romance de Victor Hugo. O primeiro "monstro" tem uma suposta origem pecaminosa, resumida basicamente na atitude de seu criador, o Dr. Frankenstein, emular Deus. Neste primeiro caso cabe ressaltar o percurso histórico dessa criatura que, por sinal, furtou o nome de seu criador (hordernamente, quando dizemos Frankenstein, apenas os leitores de Mary Shelley sabem tratar-se do médico cientista, e propriamente da criatura, como muitos acreditam), assim como este, o "Moderno Prometeu", roubou a centelha da vida para infundi-la à criatura. Assim, podemos indagar se tal percurso faz parte da construção de um mito moderno e em que termos ela se dá. Com relação a Quasimodo, este é um ser humano, mas não considerado como tal pelas pessoas de sua comunidade. Sua deformidade física o leva a ser considerado monstro, muito embora tenha uma alma angelical. Há que se indagar, aqui, as relações entre aparência e essência. O que há de comum entre a criatura de Frankenstein e Quasimodo? Em linhas gerais, o primeiro representa a corrupção do "bom selvagem". Também possuidor de uma boa índole e carente de compreensão humana, ele se torna um assassino e o perseguidor contumaz de seu criador. O segundo, assim como o primeiro, são relegados aos escaninhos da teratologia por mera questão de aparência. De certa forma a estética do horror está presente em ambos. Nosso trabalho percorrerá por estas sendas para, ao final, relacionarmos esta estética (presente na constituição física dessas personagens) à noção cristã de pecado - no caso de Quasimodo resumido, primariamente, em seu abandono em pleno Domingo de Páscoa (sintomática e não gratuitamente) - e às noções de crime e pecado, no caso da criatura de Frankenstein. Por derradeiro, estes elementos axiológicos - crime e pecado - não hão que ser considerados, necessariamente, em relação de causa e efeito com o elemento estético - monstruosidade. Há que se inquirir, sobretudo, as relações simbólicas entre uns e outro.

Justiça em tempos de leis “um tanto confusas”

MAGDALENA NOWINSKA (USP)

Em 1842, uma poeta alemã, Annette von Droste-Hülshoff, publicou a sua única narrativa, a novela "Die Judenbuche" ("A faia dos judeus"). Entrecruzando os gêneros de ficção e de escrita etnográfica, tematizando conflitos rurais numa ordem feudal em decadência, e ficcionalizando um caso criminal autêntico, a narrativa conta a vida de um camponês, Friedrich Mergel, que comete transgressões contra leis "um tanto confusas". Publicada em uma época de inquietantes processos de transformações sociais e políticas na sociedade alemã do início do século XIX, a "Judenbuche" argumenta que tentativas humanas de estabelecer, manter e restituir uma ordem são fúteis. Para a restauração da ordem, a novela recorre a conceitos metafísicos, mas o sentido dessa restauração é questionado pelo próprio texto. A minha apresentação visa a discutir as estratégias narrativas da novela, ainda sem recepção no Brasil, na representação da desordem social e da deformação de indivíduos por ela causada, e localizar a novela e seu pessimismo filosófico dentro do contexto sócio-histórico e literário alemão do início do século XIX.

Crime e castigo, aspereza e humanidade: aspectos discursivos da representação da realidade na crônica “Mineirinho”, de Clarice Lispector MANOEL FRANCISCO GUARANHA (UNICSUL)

Este trabalho analisa aspectos discursivos na crônica literária “Mineirinho”, de Clarice Lispector, enfatizando o diálogo do texto com as notícias de jornal que reportam a morte de José Rosa de Miranda, Mineirinho, fugitivo assassinado pela polícia do Rio de Janeiro na década em 1962. O estudo destaca estratégias discursivas por meio das quais a crônica reproduz literariamente a questão da morte de um assaltante e tematiza os conceitos de crime e castigo, de vingança e justiça de uma forma que transcende a questão imediata do hiato entre classes sociais que o episódio policial suscitou na época. Por meio de diferentes vozes que entram em conflito no texto dialógico, a enunciação clariceana acrescenta uma dimensão mais profunda à questão, porque atemporaliza um dado da realidade servindo-se, para isso, do gênero crônica literária, o qual se presta a redimensionar o prosaico transformando significação - elementos reiteráveis da enunciação - em tema, sistema de signos dinâmico e complexo adaptável à situação de comunicação.

O conto da priora de Geoffrey Chaucer: a satanização da figura do judeu na literatura medieval MÁRCIA MARIA MEDEIROS (UEMS)

Na história, a figura do judeu acabou por sofrer perseguições de todas as ordens. Durante o período medieval eles foram acusados de serem os assassinos de Cristo. Em outros casos, eram vistos como difusores da lepra, ou disseminadores da Peste Negra. Sobre sua figura se difundiam histórias, como por exemplo, a de serem responsáveis por envenenamento de poços os quais levavam comunidades inteiras a morte por conta de epidemias decorridas de tais procedimentos. Sua cultura, seus hábitos alimentares cercados de certos tabus, tudo contribuía para criar em torno deles uma aura que os tornava próximos das forças do Maligno. Em sua obra, Contos da Cantuária, Geoffrey Chaucer, através do Conto da Priora, demonstra esse universo de satanização do judeu, tornando-o mais uma vez assassino de um inocente. Nesse poema, uma criança de 7 anos é degolada por um judeu, tendo sua garganta cortada "até o osso" e seu corpo "jogado em uma fossa, onde os judeus do bairro defecavam", e tudo por uma singela razão: esse menino passava todos os dias pelo meio do bairro, entoando cânticos de louvor a Virgem Maria com sua maviosa voz. Percebe-se que Chaucer vai construindo a figura de um vilão maligno, no ouvido de quem a Serpente Satanás figura que "tem seu ninho de vespas no coração dos judeus" se ergue e diz que aquilo soa como uma afronta, como se o menino estivesse menosprezando a todos eles cantando aquelas palavras que soam contrárias as suas sagradas leis da Torah. Então que resta aos judeus, senão atentar contra a vida do inocente menino? Mais uma vez, o povo maldito derrama sangue inocente. E mais uma vez a eles só resta a expiação através do chefe dos milicianos, que condenou-os às piores torturas e à morte infame a todos os que participaram do crime, sendo todos arrastados por cavalos e pendurados na forca. Sua purificação e expiação só pode ser feita através do derramamento de seu sangue. O que fica claro no texto de Chaucer, é que existe mais uma vez o liame que une a literatura e a história: se entrelaça em um fio, permitindo perceber como uma sociedade vê os grupos sociais que a constituem e os projeta em seu imaginário, sendo aqui em particular o constituído pelos judeus, figuras tão controversas na história e que junto com outras minorias, vivenciaram processos como as Cruzadas e os pogroms do mundo contemporâneo.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 600

As linhas tortas de Deus: a reversibilidade do mal e a *pancalia* na obra rosiana
MICHELLE JÁCOME VALOIS VITAL (UFPE)

"O mal está apenas guardando lugar para o bem. O mundo supura é só a olhos impuros. Deus está fazendo coisas fabulosas" (ROSA 1985, p.183). Isso é o que diz Rosa num dos prefácios de Tutaméia. E o autor implícito de "Meu tio o Iauaretê", "A hora e a vez de Augusto Matraga" e "A benfazeja" parece fazer coro. De fato, os grandes monstros morais que são Tonho Tigreiro, Matraga e a trindade maldita Mula-Marmela/Mumbungo/Retrupé emergem da leitura transmutados, tangenciando o sobre-humano, envoltos em sacralidade: Matraga, tendo sofrido uma espécie de putrefactio alquímica (lembre-se o triângulo e circunferência marcados a ferro em sua carne), encaminha-se num jumentinho ("animalzinho assim meio sagrado, muito misturado às passagens da vida de Jesus", ROSA 1969, p.354) ao momento em que perpetra seu ato último de violência, gozosa e redentora; jungida a Mumbungo e Retrupé, pai e filho de más entranhas, Mula-Marmela opera, em violência, o ato de amor que desvela, sob a pele do lobo, o cordeiro sacrificial; na voz de Tonho Tigreiro, a um tempo onceiro e homem-onça, a ferocidade do animal, a engenharia perfeita do bote, o espetáculo de cor e cinesia do destroçar as vítimas, transformam-se na contemplação do sublime, do belo horrendo que o Deus de Leviatã e Beemot também soube forjar (Jó, 40). Em todo o universo textual rosiano - texto, paratexto, epitexto - recorre a ideia da poesia e da metafísica como "planos que se interseccionam" (ROSA 2003, p.239). Tomando essa recorrência como instrução de leitura, a análise das três histórias permite entrever, na transmutação da morte, do crime, em bem e beleza, a *pancalia* da metafísica rosiana, que parece ecoar a concepção medieval de que o esplendor de Deus irradia de todas as coisas (ECO 1987, 2007) e que "tudo que existe é bom, o mal não é uma substância" (AGOSTINHO 1997, p.191).

As sementes do sol: o livro das traições
CRISTIANE TEIXEIRA DE AMORIM (UFRJ)

Em 1981, Raimundo Carrero publicou sua segunda novela, *As sementes do sol: o semeador*. A narrativa se baseia nos episódios bíblicos sobre Davi e sua família, mormente na relação incestuosa entre Amnon e Tamar, assim como fez Faulkner no romance *Absalão! Absalão!*, de 1936. O personagem central do autor pernambucano, Absalão, vive uma intensa crise religiosa, torturado pela ideia de que é impossível para o homem fugir do seu destino de pecador, de traidor – o que faz de todos simultaneamente inocentes, pela inevitabilidade do crime, e culpados, porque criminosos. Este artigo procura demonstrar como todas essas questões reunidas e interligadas, que edificam uma atmosfera tormentosa, em conformidade com os apavorantes redemunhos da alma, se harmonizam com a maneira de narrar cíclica e espiralada do “livro das traições” carreriano, em sua oscilação constante e veloz sobre as dualidades que compõem o humano.

Seres predestinados ao mal: a personagem feminina e o mal, como potência de destruição, na prosa de Lúcio Cardoso
ELIZABETH DA PENHA CARDOSO (FATEA/USP)

Os grandes pecados na prosa de Lúcio Cardoso (1912-1968) são de autoria feminina e parte considerável de sua obra tem gênese na energia destruidora de um feminino inconformado com seu destino, buscando a concretização de seus desejos, nem que seja no âmbito do crime ou da morte. Rosa (*Salgueiro*, 1935), Madalena (*A luz do subsolo*, 1936), Ida (*Mãos vazias*, 1938), Diana (*Dias perdidos*, 1943), Aurélia (*O desconhecido*, 1940), Hilda (*Professora Hilda*, 1946), Laura (*O anfiteatro*, 1946), Stela (*Inácio*, 1944), Nina e Ana (*Crônica da casa assassinada*, 1959) são mulheres pecadoras, estimulando ou cometendo o roubo, o assassinato, o adultério, o incesto, a vaidade, a luxúria e a inveja. A prosa publicada pelo autor durante a década de 1940 é crucial para a interpretação da presença do mal em sua obra. Especialmente por causa de Stela, personagem feminina de *Inácio*, que preconiza características relevantes do exercício do mal em Nina e Ana, de *CCA*. *Inácio* é a primeira novela da trilogia “O mundo sem Deus” e Stela é a personagem que inicia esse universo comandado pelo diabólico, pois por meio da transgressão ela desorganiza o mundo pequeno burguês profanando a maternidade, praticando o adultério e a prostituição. Como consequência sua família é desfeita, Inácio, seu marido, transforma-se em uma figura diabólica e ela ganha caráter de mito fundador, análogo ao de Eva, já que, por causa de sua transgressão um novo mundo tem início: “O mundo sem Deus”. Um lugar amoral, escuro, mes-

quinho, no qual as pessoas são negociadas e traídas sem consideração, sem remorso e sem perdão. Não há um Deus a temer ou adorar. Desse modo, Stela condensa dois temas fundamentais para a obra de Lúcio: a família decadente, que precisa ser contestada e destituída de seu poder sobre os sujeitos, e o exercício do mal – principal estratégia feminina para aniquilar a família conservadora e patriarcal. O artigo, embasado na pesquisa do doutorado sobre as personagens femininas de Lúcio Cardoso, está composto por dois momentos principais. Primeiro, a abordagem da produção do autor durante a década de 1940, localizando aí as interlocuções do mal e do feminino, para, então, ler Stela e suas relações com o mal. O trabalho discute o tema com a fortuna crítica de Lúcio e aborda o mal enquanto *potência de destruição*, conceito de Jacques Lacan, desenvolvido no Seminário 7, na esteira de Freud (especificamente *Além do princípio do prazer e O mal-estar na civilização*). Tal diálogo com a psicanálise renova a leitura da obra em questão. Para complementar a abordagem psicanalítica, as obras de Beauvoir, Roudinesco, Badinter e Thébaud colaboram com a leitura do tecido histórico que permeia a situação da mulher e seu exercício da maldade. Num segundo viés, o trabalho articula a tradição literária sobre Satã e o conceito freudiano de estranho, para desdobrar a leitura dessa família desfeita e desse mundo inaugurado pela *potência de destruição* feminina em novas interpretações do mal.

CRÍTICA, FICÇÃO E POÉTICA DA ERA ROMÂNTICA À CONTEMPORÂNEA: ALUSÃO PARALELA ENTRE AUTORES BRASILEIROS E ESTRANGEIROS

Carlos Augusto de Melo (UNIP)

Hugo Lenes Menezes (IFPI)

Tânia Maria Pereira Sarmento-Pantoja (UFPA)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 707

Relações entre literatura e identidade nacional na poesia angolana do século XX: influência do modernismo brasileiro e/ou ainda romantismo?

ANDREA CZARNOBAY PERROT (UFPEL)

O presente trabalho visa a identificar a relação existente entre literatura e afirmação da identidade nacional na poesia angolana do século XX através da influência do Modernismo brasileiro de 1922. Uma vez que o Modernismo procedeu uma espécie de reedição dos preceitos românticos ligados à tradição oral/popular e à afirmação do caráter nacional das literaturas, acreditamos que também haja ecos do Romantismo do século XIX na produção poética angolana do século XX.

A representação literária dos processos assimilatórios na modernidade: Rosa, Gorki e Kafka

GREGORY MAGALHÃES COSTA (UFRJ)

O presente trabalho visa analisar, à luz de Zygmunt Bauman e Ronaldo Lima Lins, os aspectos decisivos da literatura na modernidade e o modo como seus grandes autores os plasmaram nas obras literárias. É destacada a condição dos oprimidos e sua representação artística na forma de ambigüidade expressiva. A interpretação e comparação de “O Processo” de Franz Kafka, “Caim e Artiôm” de Máximo Gorki e “Grande Sertão: veredas” de João Guimarães Rosa embasarão e ilustrarão as teses tecidas. O primeiro foi um dos protótipos do judeu socialmente desenraizado, situação que só aparece de forma metafórica em sua obra; o segundo fez parte das minorias russas dos bossiak, podendo representá-las de forma mais formidável e realista; já no terceiro, os personagens estrangeiros, sociologicamente, são os refugiados do processo assimilatório europeu. A isomorfia entre a forma literária e a estrutura social, principalmente, a expressão do drama civilizatório e de assimilação cultural, serve de linha-mestra da crítica forjada. O debate esclarecerá até onde cada um dos processos, os europeus e o brasileiro, são aculturantes ou transculturantes, nos termos de Angel Rama e Cornejo Polar. No caso sertanejo a imposição civilizatória sobre o interior gera uma dupla contaminação, nos dois europeus gera o abandono e uma problemática humana praticamente insolúvel. No mundo atual o termo catarse significa mais a libertação comunal do que a expurgação do mal de um corpo físico. Os textos de apoio sobre as obras abordadas, como o de Walter Benjamin sobre Kafka, de Antonio Candido sobre Rosa, de Otto Maria Carpeaux sobre Gorki, darão substância ao estudo. Será utilizado um método analítico-in-

terpretativo para formular uma visão nova da formação da era moderna à pós-moderna, entendendo a globalização como fator decisivo de passagem da primeira à segunda por gerar a aceitação das diferenças, porém também da exploração. A pura aceitação das diferenças acarretará em mera tolerância ou em solidariedade? Pergunta sem conclusão fixa. Buscaremos então uma visão da possibilidade de seu aproveitamento para alcançar uma coletividade solidária. Na literatura a libertação se dá na comunhão leitor-autor pela mediação do texto poético. Focalizaremos as relações de poder da modernidade e as conseqüências que o fato gerou tanto para os poderosos quanto para os explorados. O que difere a atitude de cada lado da moeda? Como a ação assimilatória é transformada em arte literária? Como diferentes autores de expressão trataram esta mesma questão? São os principais problemas analisados para que o debate provoque os esclarecimentos provisórios, procurados hoje pela ciência, amadurecida ao reconhecer que não pode revelar verdades absolutas, assim, não pode substituir Deus. Mas talvez a ciência possa revelar realidades de forma mais completa. Deste modo, a pesquisa será feita cruzando vários tipos de saberes como os literários, críticos, sociais e pedagógicos, articulando o ético e o estético, para, por este amplo espectro, demonstrar uma leitura possível que aponte o caleidoscópico panorama moderno e seus desdobramentos. Partiremos, portanto, do entendimento da literatura e do conhecimento como um todo integral para se chegar a uma conclusão mais precisa, satisfatória e original.

Os labirintos do amor: um estudo do tema em *Fausto I* e *Grande sertão: veredas* DÉBORA DOMKE RIBEIRO LIMA (USP)

O trabalho propõe um diálogo entre *Fausto I* de Johann Wolfgang von Goethe e *Grande Sertão: Veredas* de João Guimarães Rosa acerca do tema do amor. Como forma de delimitar o universo abrangente que envolve o tema, pretende-se investigar a manifestação do sentimento enquanto possível força transformadora das relações humanas. Aliada ao aspecto formal de construção das obras, a vivência do sentimento será estudada dentro do universo ficcional dos dois autores.

A paixão segundo G. H.: o aborto da protagonista simbolizado na morte da barata MARIA DE FÁTIMA DO NASCIMENTO (UNICAMP/UFPA)

Com o presente trabalho, objetivamos demonstrar a prática do aborto por parte da protagonista clariceana de *A paixão segundo G. H.* (1964). Tal prática se encontra simbolizada na morte da barata que ela trucidou, assim como fez com o seu filho nascituro. Através de semelhante abordagem, visamos evidenciar a importância desse dado na compreensão da narrativa retromencionada. Até porque é a partir da observação do aborto que podemos verificar, por exemplo, a grande diferença entre a mulher imaginária criada pela ficcionista brasileira e Antoine Roquentin, o personagem principal de um romance de Jean-Paul Sartre, *A náusea* (1938), personagem esse ao qual G. H. tem sido impropriamente aproximada.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 707

Ideias em evolução: Inglês de Sousa cronista MARCELA FERREIRA (UNESP/Assis/IFGO)

É sabido que Inglês de Sousa antecipou o romance naturalista de costumes, com a publicação de *O coronel Sangrado* em 1877, mas o título de inaugurador da tendência naturalista foi dado ao romance de Aluisio Azevedo, *O Mulato*, publicado em 1881. Na verdade, mais do que romancista, Inglês de Sousa foi cronista e, ao mesmo tempo em que publicava seu romance nos jornais de Santos, também divulgava as teorias de Darwin na *Revista Nacional de Ciências, Artes e Letras*. O presente trabalho tem por objetivo analisar as publicações de Inglês de Sousa na *Revista* e suas possíveis influências na obra de Aluisio.

Juventude republicana das notas de rodapé: as crônicas de Raul Pompéia DANILO DE OLIVEIRA NASCIMENTO (UFMT)

Durante os anos de 1888 a 1895, Raul Pompéia publicou uma série de crônicas no Jornal do Comércio, Gazeta de Notícias, Diário de Minas entre outro, nas quais registrou o movimento de proclamação da República e propagou os ideais do novo regime político. Consideradas por Margarida Souza Neves (1992) como “agências de formação de consenso”, tais crônicas veicularam o desejo do cronista pela participação política da juventude acadêmica e da imprensa na consolidação do novo regime. Além disso, tais crônicas colocam-se ao lado de discussões e de estudos em diversas áreas do saber, tais como a Sociologia e Psicologia e, assim, elas contribuem para a caracterização da sua natureza contemporânea, uma vez inseridas em um momento significativo da História Social e Psicológica da Infância e da Adolescência chamado de Puericultura. As crônicas pompeianas refletem uma projeção mítica do jovem brasileiro do século XIX em que se sintetizam aspirações, ambições e valores. Idealização da juventude que encontra na aurora, espetáculo matinal e/ou mito grego, sua recorrência sempre frequente. Aurora pode ser símbolo da juventude ou sinônimo de juventude e seja qual for a intenção do cronista, sua menção ou referência sempre interliga juventude a república, esta “uma aurora de franca felicidade para o povo brasileiro”. Neste sentido, a aproximação semântica entre esses dois termos inspira e fundamenta as referências constantes do cronista aos atributos psicológicos, emocionais e físicos da faixa etária para elogiar tantas personalidades importantes da sociedade como para relacioná-la à Proclamação da República ou à Abolição.

Entre a tradição e a solidão – leitura sobre a velhice a partir de dois contos ETIENE MENDES RODRIGUES (FIP)

Na produção do romancista e contista moçambicano Mia Couto, inúmeras são as narrativas cujas personagens são velhas. Estas, por sua vez, estão, quase sempre, em meio aos mais jovens, transmitindo-lhes alguma sabedoria ou, tão somente, sendo alvo de uma profunda solidão. Na literatura brasileira, também percebe-se uma galeria de personagens velhos, a exemplo da obra de Machado de Assis, de Dalton Trevisan, dentre outros. Neste trabalho, apresentaremos uma leitura comparativa dos contos “Sangue da avó, manchando a alcatifa”, do livro *Cronicando*, de Mia Couto (1991); e “Lembrança”, de Luiz Vilela, observando como a velhice está retratada e que sentidos assume nas duas narrativas. A análise pontual dos contos revelará também aspectos da cultura que plasma o contexto de cada narrativa e, conseqüentemente, diferentes formas de vivenciar a solidão. Como embasamento teórico, recorreremos às reflexões de Ecléa Bosi (1994) e Sônia Mascaro (1997), sobre a condição do velho na sociedade contemporânea, com destaque para a vivência da solidão. Quanto à abordagem comparativa, nos respaldamos em reflexões de Tânia Franco Carvalhal (2003), com destaque para a compreensão da disciplina não mais de uma perspectiva que visa evidenciar “influências”. Nesta nova perspectiva o comparatista deve enfatizar mais “as relações de valor” (*rapports de valeur*) em detrimento das “relações de fato” (*rapports de faits*).

Estudo comparado entre as narrativas de Pirandello e Machado de Assis SÉRGIO MAURO (FCL/UNESP)

Estudo comparado entre as narrativas de Pirandello e Machado de Assis A proposta central da minha comparação será estabelecer uma comparação entre as narrativas dos dois grandes escritores referidos no título, levando em consideração as diferentes formações que eles tiveram e as diferentes respostas artísticas que souberam dar às problemáticas das épocas em que viveram. Serão analisados os elementos comuns às “poéticas” machadiana e pirandelliana: o pessimismo histórico, o relativismo e a prisão das máscaras sociais, etc. Os mais representativos romances para a elaboração do paralelo entre as duas narrativas serão, sem dúvida “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, e “O falecido Mattia Pascal”, de Luigi Pirandello. Para finalizar, serão feitas referências aos diferentes recursos estilísticos empregados pelos dois autores, tais como o uso da ironia e da paródia em Machado, e o intenso emprego do discurso direto em Pirandello.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 707

Literatura e história: intermediações sobre a Amazônia em Benedicto Monteiro e J. J. Paes
TÂNIA MARIA PEREIRA SARMENTO-PANTOJA (UFPA)

O objetivo central do presente estudo é inserir no debate sobre a literatura contemporânea produzida na Amazônia, alguns aspectos presentes na produção do escritor Benedicto Monteiro e na do dramaturgo João de Jesus Paes Loureiro, tais como: a reflexão acerca dos processos que envolvem a linguagem e as relações disso com a atitude criativa; o abarcamento de uma cultura localizada, a partir das condições geo-espaciais relacionadas à Amazônia; a memória ligada à apreensão da História, particularmente voltada a um conjunto de referências ao regime militar de 1964, e o trânsito da utopia, características que se constituem interligadas. Como hipótese de trabalho avaliamos que esses aspectos mantêm amplas afinidades com várias das características que tomamos como próprias da narrativa de resistência.

As máscaras do testemunho: literatização, trauma e violência no romance e no cinema pós-64
CARLOS AUGUSTO NASCIMENTO SARMENTO-PANTOJA (UFPA)

Esta proposta prevê uma análise de diversas formas do testemunho na literatura e no cinema pós-64, entre eles os problemas decorrentes da literalização, sua potencialidade criadora diante do trauma, gerados por eventos violentos sofridos durante as ditaduras militares na América Latina, em destaque o Brasil e a Argentina. Nesta análise, apresentaremos considerações sobre o romance "Batismo de Sangue" de Frei Beto e o "Os Novos" de Luiz Vilela e produções cinematográficas argentinas, como "La história oficial" de Luis Puenzo e "Kamchatka" de Marcelo Piñeyro.

“Mosaico incrustado de espelhos”: estreitando relações entre as obras literárias de Helder Macedo e de Bernardo Carvalho
PATRÍCIA BOTELHO (UFF/IF Sudeste MG)

A literatura sempre foi e continuará sendo um campo fértil para se entender o homem de uma forma global. Lendo um livro, podemos perceber instâncias naturais que contextualizam o homem e que não podem ser separadas com limites precisos, mas formam uma totalidade que dá sentido ao personagem e ao enredo de uma obra: a memória e a história compondo o sujeito. Através da memória pessoal, flui a história de se estar no mundo em dado tempo e lugar, sustentando a natureza do sujeito, que de indivíduo isolado passa a ser parte de um painel mais amplo que se sobressai na correnteza do fluxo histórico. O presente trabalho tem por objetivo apresentar um panorama dos mais relevantes aspectos literários e sócio-históricos das principais obras romanescas do escritor contemporâneo português Helder Macedo e do escritor brasileiro Bernardo Carvalho. O texto também levará o leitor a (re)pensar o estatuto da literatura e suas idiossincrasias no espaço ‘fraturado’ da ficção. Para tanto, fiz uso de material teórico referente à literatura contemporânea com o intento de dialogar com ensaios críticos concernentes ao tema da memória e do pós-moderno. Não podemos deixar de mencionar que tal estudo se torna relevante visto que problematiza questões relativas à memória, à forma do texto, o espaço, o tempo e o próprio conceito de Literatura Contemporânea.

O lugar da província em dois romances de formação: *Memórias sentimentais de João Miramar* (Oswald de Andrade) e *Escritura de Raimundo Contreras* (Pablo de Rokha)
ANA MARÍA LEA-PLAZA (UFRJ)

O trabalho que aqui quero apresentar se inscreve dentro de uma investigação mais ampla que consiste num estudo comparativo entre o Bildungsroman brasileiro e chileno da primeira metade do século XX. Seu objetivo consiste em estabelecer os modelos específicos de Romance de Formação que nestes dois países surgem, uma vez que o formato é importado da Europa para a América Latina, considerando os diferentes "sujeitos" em formação (escritores, mulheres, homens do povo, negros), os "espaços" envolvidos nestes processos (a casa materna, o colégio, a vila, o nordeste, etc.) e as poéticas utilizadas e criadas pelos autores para sua narração. Isto com o fim de ver a continuidade que estes mantêm com os formatos europeus, mas também os traços particulares que este gênero adquire no Brasil e no Chile. Neste simpósio irei me concentrar em dois dos romances que formam parte do meu corpus: Memórias sentimentais de João Miramar (1922), do escritor brasileiro Oswald de Andrade, e Escritura de Raimundo Contreras, do poeta chileno Pablo de Rokha. Por vários motivos estes compõem uma interessante dupla. São relatos de formação ligados ao modernismo latinoamericano, o que os une em termos de gênero e periodização. Ambos formam parte da já consolidada tradição do Bildungsroman particularmente "de escritor". E, por último, em conjunto, pode-se dizer que tratam, de uma ou outra maneira, da experiência da "provincia", assunto ao redor do qual pretendo fazê-los dialogar. No caso do romance do escritor brasileiro, a provincia se apresenta na própria visão de São Paulo, na qual, ainda que apareça como uma cidade em transição, abrindo-se à modernidade, parece finalmente primar a visão de uma cidade onde reinam as instituições tradicionais próprias da burguesia fazendeira. Já no caso do escritor chileno, isto se apresenta de maneira análoga mais ao mesmo tempo oposta. Em primeiro lugar, não é com a elite que se preocupa este romance, mas sim com uma outra classe social: a da massa trabalhadora de provincia (concretamente, a região central do Chile, isto é, Talca, Licantén, Linares) que foi movida pelo desenvolvimento da indústria nos centros urbanos (principalmente Santiago). O tema da provincia aparece, em consequência, já não sob a forma de um provincianismo urbano, mas sim diretamente associado ao fenômeno da imigração campo-cidade, sofrida, experimentada e elaborada pelo personagem principal: Raimundo Contreras, imagem sintética do camponês-poeta (em clara relação metafictícia com o próprio autor) que emigra para a capital durante os significativos anos prévios a 1929.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 707

A história da literatura portuguesa nas páginas das primeiras histórias literárias brasileiras CARLOS AUGUSTO DE MELO (UNIP)

A Literatura Portuguesa esteve sempre presente na vida dos brasileiros. Essa presença é uma herança cultural colonial. Na constituição do ensino, sua presença foi uma das estratégias proteladas da política imperial para estabelecer a unidade do governo português. Além disso, os textos literários lusitanos eram representativos para a idéia de uma tradição da nação brasileira para quem, estando no século XIX, olhava o passado literário nacional desprovido quantitativamente de grandes escritores e obras. No Colégio Pedro II, as primeiras disciplinas oficiais de literatura nacional, que serviram de exemplo às escolas brasileiras oitocentistas, estudavam conjuntamente as literaturas, brasileira e lusitana, sem nenhuma distinção no programa curricular. O termo "nacional" aplicava-se, então, facilmente às duas literaturas. Os cursos de literatura, nossas primeiras histórias literárias que serviram de manuais de ensino – e a recíproca é verdadeira –, foram reflexos dessa problemática historiográfica e, por conseguinte, tiveram que lidar com esse tipo de construção do “nacional”. Desse modo, essa proposta de comunicação pretende compartilhar algumas idéias acerca da presença da Literatura Portuguesa na perspectiva historiográfica literária brasileira, a partir da leitura comparativa de nossas duas precursoras histórias literárias, que foram o **Curso elementar de literatura nacional** (1862), do Cônego Fernandes Pinheiro e o **Curso de Literatura Portuguesa e brasileira** (1866-1873), de Sotero dos Reis. O estudo delas revela-nos como períodos históricos e nomes de autores e de obras portugueses foram pensados e resolvidos no que seria uma sistematização histórico-nacional da Literatura Brasileira.

A sensibilidade primitiva nos *Poemas de Ossian* e na prosa indianista de José de Alencar THIAGO RHYS BEZERRA CASS (USP)

Revisitaremos um dos mais longevos – porém pouco desenvolvidos – tópicos do comparatismo brasileiro: a aproximação da sensibilidade dos antigos celtas, tal qual representada nos *Poemas de Ossian* (supostamente traduzidos por James Macpherson), àquela atribuída aos nossos indígenas em *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*, de José de Alencar. Buscaremos explicitar que, nos prefácios e notas de rodapé que abundam nas mencionadas obras, a consciência do homem primitivo é-nos apresentada em estado de plena comunhão com a natureza: essa consciência interagiria com o mundo de maneira direta, sem a mediação da razão, e não se encontraria constricta por quaisquer hábitos ou convenções sociais. Ao ser incorporada à economia narrativa dos poemas ossiânicos e do tríptico indianista de Alencar, essa caracterização da alma primitiva funciona como uma antitética solução literária para representar sociedades tragadas pelas forças da

História. Numa primeira leitura, presta-se a glorificar personagens tidas como bárbaras noutros regimes estéticos, vinculando-lhes às virtudes do heroísmo espontâneo e da lealdade sem condicionantes. No entanto, como percebera Matthew Arnold ainda no século XIX, é dessa mesma sensibilidade que se extraem os elementos para a configuração literária de seu oblívio. Ao não submeterem sua conduta a considerações de conveniência e oportunidade, os selvagens de Macpherson e Alencar acabam por transitar por sendas em que o mencionado heroísmo espontâneo se confunde com sacrifício e a dita lealdade converte-se em sujeição.

Mulher: mar de combustão e magnetismo – análise de poemas de Idea Vilariño
LUCIE JOSEPHE DE LANNOY (UNB)

Este trabalho visa divulgar a obra da poeta uruguaia Idea Vilariño (1920-2009), contribuindo para ampliar o conhecimento e o interesse por sua poesia. Além de poeta, crítica literária, tradutora e compositora, Idea foi professora de literatura da Universidad de la República, Uruguai. Serão analisados poemas inspirados no mar, estabelecendo um diálogo entre eles e temas como o amor, o erotismo, o outro, o silêncio. A poeta pertence ao grupo denominado "Generación del 45", do qual fazem parte, entre outros, os escritores Juan Carlos Onetti, Mario Benedetti, Ángel Rama. Sua escrita traz um vocabulário comum, ideias claras, numa dicção enxuta, mas consistente. Ela nos aproxima da melancolia, da angústia, mas o faz de um modo que reconforta. Por ser inovadora, sua linguagem será motivo de atenção. Palavras chave: poesia, mulher, crítica, linguagem, diálogo

Gonçalves Dias, José de Alencar e Nísia Floresta: o indianismo no cânone e à margem do cânone
HUGO LENES MENEZES (IFPI)

Em se tratando da área de nossa atuação (o campo das Letras), nos dias de hoje, marcados pela mundialização, a análise comparativa assume relevância entre as diversas formas de investigação literária por abarcar um amplo universo de pesquisa. Tal se deve ao fato de o comparatismo literário não só examinar a relação entre duas ou mais literaturas no que se refere à migração de temas, motivos, mitos, mentalidades, estruturação e fontes, mas também analisar autores e obras (essas em sua forma e substância) pertencentes a uma única literatura, a um mesmo sistema literário. Essa última possibilidade constitui a razão que nos levou a propor o presente trabalho de comparação entre três expoentes do nosso indianismo romântico: dois do cânone literário, Gonçalves Dias e José de Alencar, e um à margem do cânone, Nísia Floresta, através do que traçamos um paralelo entre eles, salientado suas proximidades ou convergências e seus distanciamentos ou divergências, em nível das manifestações estilísticas, dos elementos estruturais das obras de ficção (tema, personagem, ambiente...) e do universo semântico (mitologia, ideologia, simbologia...).

ENTRE O CÊNTRICO E O EX-CÊNTRICO: MANIFESTOS DO HOMOEROTISMO NA LITERATURA

Fábio Figueiredo Camargo (UNIMONTES)
 Leonardo Mendes (UERJ)
 Paulo César García (UNEB)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 406

Uma nova configuração na literatura infantil brasileira: o discurso da e sobre a homoafetividade e a família homoparental
ANTONIO DE PÁDUA DIAS DA SILVA (UEPB)

Há década que pesquisadores da área de literatura brasileira vem enfrentando uma situação que tem polemizado os estudos feitos na área: a eclosão, embora tardia e timidamente, da emergência do tema da homoafetividade na literatura infanto-juvenil. Se há resistência por parte dos que produzem discursos sobre o texto literário para crianças no que tange à reflexão de aspectos da homoafetividade nesse gênero literário, deve-se transformar numa celeuma, brevemente, o caso de duas obras publicadas em fins de 2010, a saber, *Meus dois pais* de Walcy Carrasco, e *Olivia tem dois papais* de Márcia Leite. A babel discursiva orbita em torno das obras que já vinham rendendo polêmicas: *O gato que gostava de cenoura* (1999) de Rubem Alves, *Menino ama menino* (2000) de Marilene Godinho, *O menino que brincava de ser* (1986) de Georgina da Costa Martins, *O amor não escolhe sexo* (1996) de Giselda Laporta Nicolelis, dentre outras obras de mesma temática. O objetivo do artigo é discutir as novas histórias que estão sendo contadas, pela literatura infantil brasileira, sobre propostas desconstrucionistas da sexualidade hegemônica, da família heteroparental, do sujeito heterossexual. É evidente que essa forma binária de apresentar a proposta, de natureza didática, não corrobora a noção bipolar e negativista para o lado menor da relação, mas não há, no momento, uma forma um tanto queer de introduzir o assunto sem essas noções preliminares e binaristas tão negadas por parcela de pesquisadores dos estudos gays e lésbicos. Centraremos nossa discussão em narrativas literárias infantis escritas em língua portuguesa (as já citadas) e língua inglesa (*A tale of two daddies* de Vanita Oelschlager, obra de 2010 e outras que foram escritas na perspectiva aqui referida), estabelecendo comparações também com narrativas escritas em língua espanhola, cujos modelos de sujeito do desejo, família e sexualidade se tornam mais frouxos ou alargados nas obras das culturas estrangeiras, quando comparadas àquelas escritas em língua portuguesa. O paralelo não objetiva estabelecer juízos de valor ao texto, tão somente, por comparação, perceber que a temática é universal, com um maior número de publicação de obras com a temática em língua inglesa e no Brasil, país bastante diverso em sua macro-estrutura cultural, ainda resiste quanto aos novos sentidos que o gênero literário infantil brasileiro vem dando à questões de ordem do gênero e da sexualidade, apontando especificamente para a construção de sujeitos homoafetivos convivendo na diversidade, e para as novas parcerias ou uniões civis que refletem também, numa proporção indireta do tema, a formação de novos lares e famílias sob a ordem homoparental. Espera-se que a discussão gerada pela e na literatura traga contribuições para o campo dos estudos literários que ainda se ressentem da negação da literatura de temática gay no contexto de Brasil.

Identidade, diferença e um final feliz gay na literatura infanto-juvenil: as estratégias discursivas em *É proibido miar* de Pedro Bandeira e *Gus & Waldo: o livro do amor* de Massimo Fenati

LUCIANO FERREIRA DA SILVA (UFPA)

A presente comunicação objetiva mostrar as estratégias discursivas nestas duas obras consideradas pela crítica como infanto-juvenis, no sentido de representarem a problemática identitária na primeira obra e um caso de amor gay entre dois personagens masculinos, Gus e Waldo, na segunda obra. Em *“É proibido miar”* o discurso onisciente do narrador em terceira pessoa expõe a questão da identidade e da diferença por intermédio da proibição do miar, pois o personagem central chamado Bingo (um cachorro) não sabia latir, só miar. Tal fato causou estranheza na família do cachorro e nos seus donos humanos que chamaram a carrocinha porque não admitiam ter em casa um cachorro que mia. Discriminação e rejeição nas duas direções: animal e humano. Um gato do telhado observava tudo. Há antagonistas e adjuvantes na aventura do cachorro Bingo. Já na obra *“Gus & Waldo”*, o narrador onisciente em terceira pessoa apresenta os dois personagens pingüins juntos, mas num primeiro momento eles estão solitários, mas se encontram por acaso num shopping e se apaixonam a primeira vista. Interessante na obra que estão bem alinhados o discurso do narrador com as imagens, ocorrendo então uma coerência entre discurso e imagem, uma coerência intersemiótica como acontece também em *“É proibido miar”*. Só acontecem as falas dos personagens dialogando no final da narrativa e logo depois se tem a participação especial de um camaleão, um médico especialista em terapia de casais. Os antagonistas são as diferenças entre ambos que surgem no decorrer da relação, como surgem em qualquer relação. As duas obras usam estratégias discursivas diferentes para trabalhar a questão da identidade, da diferença e do amor gay, do amor homoerótico, contudo, utilizam a representação metafórica dos animais, típica das narrativas para crianças e jovens, para trabalhar tais questões, fugindo, desta forma, do cânone dos estudos da literatura e do homoerotismo.

Literatura, diversidade e outras contendas

EMERSON CRUZ INÁCIO (USP)

Nos quarenta anos que separam a criação do *Gay Book Award* (1971) e a contemporaneidade, muitas foram e têm sido as tentativas de se instituir um cânone para literatura gay, como também inúmeras foram as propostas teóricas acerca do trato estético e teórico de textos com a temática homoerótica. Em paralelo, as cobranças dos meios sociais sobre a capacidade ou não do literário

funcionar como um elemento de construção da cidadania. Partindo, pois, dessas premissas, pretendo comentar e problematizar alguns avanços, permanências e rasuras que permeiam a tentativa de se inscrever, no âmbito cultural contemporâneo, a Literatura Homoerótica/Gay/da Diversidade no rol dos subgêneros possíveis de serem abrangidos pelo rótulo "literário", assim como comentar as tentativas teóricas de se criar um paradigma específico para esta manifestação literária.

Corpo e voz em descontinuidade: homoerotismo esquivo no canto de Maria Gadú PEDRO SOUZA (UFSC)

O desencontro do corpo inerte e a voz que deixou de soar contra a que nunca soou: Diadorim nos braços de Riobaldo em cena de grande final. Eis o ponto do ritornello múltiplas vezes retomado por críticos e ensaístas debruçados sobre a sonoridade tão bela quanto tosca do ritmo narrativo de *Grandes sertões e veredas*. Mas, neste trabalho, tomo o caso romanesco apenas como o leitmotiv para, ligando literatura e música, colocar em questão a disritmia entre corpo e voz - nem negando, nem afirmando, simplesmente confundido os contornos gestuais e vocais da diferença sexual a servir de suporte ou abrigo do sujeito desejante. Quero tratar especificamente da relação entre a voz e o corpo não colocando a ascendência de um ante a falta de outro, como no momento crucial da morte de Diadorim no romance de Guimarães, mas do confronto entre elementos, visuais de um lado, e vocais, de outro, entram em dissonância colocando em suspensão a possibilidade da apresentação de um eu univocamente convocado ao jogo erótico na afirmação da diferença. Poderia tomar, no campo da música popular brasileira, muitos casos como objeto de aplicação. No caso, porém, vou tomar apenas a cantora Maria Gadú e discutir a dissonância corporal e vocal a conspirar por uma política de desidentificação ou dessubjetivação ancorada na voz. Minha hipótese é de que a performance vocal, heterogeneamente aliada ao corpo como gesto, representa um lugar de diferença. Não se trata mais da intensificação feminina alocada em ponto fixo da corporificação e vocalização, mas do desmanche identitário que perturba e não aponta para ponto algum. Seria o caso de fazer ver, focando um caso emblemático, não mais o grito de libertação em nome do desejo lésbico ou heterofeminino, e sim a sublevação em função da abertura a todas as possibilidades?

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 406

Leituras deslocadas, críticas e diferimentos – Trânsitos, histórias e reinvenções do amor homoerótico PAULO CÉSAR SOUZA GARCIA (UNEB)

Estudos sobre o cânone literário, girado sobre o aspecto do homoerotismo, despertam interesses em torno das leituras dirigidas a autores e obras que passam a exercer um poder excessivo de análises críticas, em detrimento de outros autores pouco debatidos. Não se trata de rechaçar as interpretações a determinados textos literários, nem a legitimação da existência dessas leituras realizadas. Reivindica-se a emergência de outras obras e autores que visam, também, às experiências sexuais e afetivas entre homens, e que não são lidas. Não importa somente focalizar textos nas margens do canon a respeito dos constructos pós-gays; não é esta a tarefa que aqui se objetiva, mas o lugar onde se efetivam por meio de abordagens temáticas que também se encontram situados em autores mais lidos e analisados. Quais são as faces ex-cêntricas que se efetivam e importam serem reveladas em obras silenciadas pela crítica? Por que elas não são retratadas? Além das referidas abordagens, este texto tem a intenção de fazer um convite à reflexão sobre o outro lado do movimento e dos trânsitos da literatura moderna e contemporânea avessos aos regimes homocêntricos, buscando compreender diferentes posicionamentos, rupturas e recortes de histórias que enunciam os homoeróticos, como os que respaldam os eixos de reinvenção de sujeitos com o amor entre dois homens.

Transgressão e ritualização – a sexualidade e o Divino na poesia de Araripe Coutinho THIAGO MARTINS PRADO (FTC-SSA / GPL-BA)

Uma das principais motivações para a produção poética de Araripe Coutinho reside num conflito central: a manifestação de uma sexualidade sendo constantemente vigiada pela conservação de uma imagem do Sagrado. Seus livros mais recentes não apenas prolongam esse conflito como também tentam resolvê-lo de diferentes maneiras. A primeira delas consiste na absorção do conceito de transgressão foucaultiano. Tal como afirma Foucault, a transgressão não representaria uma oposição nem seria uma violência ao mundo ético ou um triunfo sobre o próprio; ela seria resultado de uma profanação que constrói a ausência de Deus, deixando-O esquecido. Desse modo, para essa poética de Coutinho, sem Deus, os valores morais tomariam, pois a transgressão retiraria a censura e a culpa por não haver maldade e, portanto, controle ou juízo sobre tal. A partir disso, a transgressão, esvaziada de positividade ou negatividade, potencializaria os desejos do corpo. Embora a transgressão seja pensada como uma das estratégias para eliminar o limite (Deus), os livros de Araripe Coutinho não consolidam o caminho que almejam. A investigação desse estudo concentra-se exatamente nas razões da impossibilidade de a poética de Coutinho dissociar-se da imagem do Divino como principal censor da sua arquitetura simbólico-homoerótica. Para isso, remontam-se as leituras indicadas pelo poeta e alguns de seus traços biográficos no sentido de compreender a formação do seu projeto estético e de como a tensão sexualidade versus sagrado tornou-se central para ele. A hipótese testada pelo estudo afirma que, da ineficiência da estratégia que sustenta a transgressão na poética de Coutinho, fortalece-se, como desvio necessário, um outro recurso. Nesse tempo, a diferente estratégia realizada será a apropriação dos artifícios do sacrário para ritualizar o homoerotismo.

Rapaz de louça: o jovem gay nos romances *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, e *Rato* (2007), de Luís Capucho
LEONARDO MENDES (UERJ)

Um pouco mais de cem anos separam a publicação do clássico naturalista "O cortiço" (1890), de Aluísio Azevedo, do romance "Rato" (2007), de Luís Capucho, mas ambos apresentam a figura de um jovem gay afeminado que vive numa comunidade carente do Grande Rio, com seus conflitos, exclusões e inclusões. Se o lavadeiro Albino, no romance de Aluísio, é um personagem periférico, sempre contemplado à distância pelo narrador, no romance de Capucho o jovem gay assume as rédeas da narrativa, de modo que todo o universo ficcional é apresentado pelo viés da (homo)sexualidade. O controle da narrativa, entretanto, não retira o jovem gay do lugar do estranho e da marginalidade, sugerindo a permanência da fragilidade e da clandestinidade que marcam as representações literárias das experiências dos sujeitos que amam pessoas do mesmo sexo.

Por onde andam os excêntricos
FÁBIO FIGUEIREDO CAMARGO (UNIMONTES)

Este artigo pretende ser uma investigação sobre que fatores ainda entravam a produção literária gay ou que trate do assunto de aparecer ou de se mostrar mais. Depois da visibilidade Gay nas ruas, nas paradas e até mesmo na literatura, quando autores foram canonizados e todo um aparato crítico foi produzido, parece ter havido, na área literária, um desaparecimento dos sujeitos excêntricos no que concerne aos textos que tratam de orientação sexual. Devemos nos perguntar: houve alguma vez uma literatura homoafetiva ou homoerótica? Os escritores gays existem, mas eles querem fazer uma literatura gay? Esses sujeitos que passam a dizer não querer o centro e se chamam queer nunca chegaram ao centro? O que tem ocorrido na literatura homoerótica ou na literatura que trata do assunto? Ela migrou para onde? Como ela se encontra hoje? Apresentaremos alguns exemplos para tentar responder a essas perguntas.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 406

Um exército para a salvação: o homoerotismo entre os atritos culturais em *L'armée du salut*, de Abdellah Taïa
NELSON ELIEZER FERREIRA JÚNIOR (UFCG)

Ainda pouco conhecido nos meios literários brasileiros, a obra do marroquino Abdellah Taïa apresenta um ponto de vista importante para se repensar o caráter culturalmente performático do homoerotismo e sua relação com outros aspectos sociais, tais como a religião e a família. São essas instituições, tão comumente avocadas nos discursos homofóbicos, que são postas em ques-

tão por Taïa em seu romance autobiográfico *L'armée du salut*, no qual se narra o desejo homoerótico do jovem Abdellah por seu irmão mais velho. Entre as experiências da infância no Marrocos e sua partida para a Suíça, acompanhamos o crescimento do protagonista impulsionado pela necessidade de seu trânsito entre as diversas fronteiras simbólicas com que se depara. Sendo uma dessas fronteiras, o desejo homoerótico necessariamente adquire novas feições quando atrelado ao islamismo; mais interessante, no entanto, talvez seja perceber que, a partir de tal experiência, a visão ocidental sobre o Islã também não fica inalterada. Assim, este trabalho busca demonstrar a dependência mútua entre as imagens de família, religião e sexualidade em *L'armée du salut*.

Nomear o desejo: homoerotismo, gênero e resistência em *A confissão*, de Bernardo Santareno JORGE VALENTIM (UFSCAR)

A partir da concepção dos conceitos de homoerotismo (COSTA, 2002), gênero (BENTO, 2006; BUTLER, 2010) e resistência (BOSI, 2002), propomos uma leitura da peça em um ato *A confissão*, de Bernardo Santareno, inclusa na tetralogia *Os marginais e a revolução* (1979). Para além de uma abordagem de temas ligados à questão da homossexualidade, nesta peça, o autor sublinha sobretudo personagens marginais, colocados de maneira segredada da grande Festa de Abril de 1974. Se as conquistas feministas apontam um encaminhamento das mudanças sociais no Portugal pós-74, a ausência e o silenciamento de abordagens críticas e publicações sobre obras que se debruçam sobre a questão dos gêneros é uma evidência que não pode ser apagada ou esquecida. Neste sentido, o teatro de Santareno tem uma função fulcral nos cenários intelectual e artístico portugueses, posto que antecipa questões estudadas ao longo das décadas de 1980 e 1990, constituindo-se uma obra *avant la lettre*. A peça “*A confissão*” pode ser tomada como um exemplo tutelar, já que centraliza suas atenções num personagem travesti, mas já com características de um personagem transexual. O choque entre o ultraconservadorismo e a moral social, representadas pela figura do confessor, e o desejo de liberdade e a vontade de expressão, entretecidos nos discursos de Françoise, coloca este texto de Santareno como um daqueles em que o teatro de resistência e de contestação atinge um ápice inequívoco.

Homoerotismo em Yukio Mishima: questões de pesquisa VICTOR KANASHIRO (UNICAMP)

Esta comunicação apresenta as principais questões da pesquisa de doutorado “A homossexualidade na obra literária de Yukio Mishima: sociedade, sexualidade e literatura no Japão do pós-guerra”, sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Unicamp pelo autor da proposta. Inserindo-se nas discussões em torno da relação sociedade e literatura, e em diálogo com os desenvolvimentos teóricos dos estudos culturais e da teoria queer, tal pesquisa procura problematizar como o contexto sócio-histórico do Japão do pós-guerra – e, especificamente, os discursos constitutivos de um dispositivo de sexualidade heteronormativo – se relaciona com a construção das narrativas e personagens homossexuais em dois romances de Yukio Mishima: *Confissões de uma Máscara* (1949) e *Cores Proibidas* (1952). Yukio Mishima (1925-1970) foi um dos escritores mais expressivos e polêmicos da literatura japonesa moderna, tendo sido indicado, sem vencer, ao Prêmio Nobel da Literatura por três vezes. Ator, cineasta, dramaturgo e escritor, sua vasta obra inclui 35 romances, 25 filmes e peças de teatro, 20 volumes de contos, além de ensaios crítico-literários, jornalísticos e filosóficos. Bastante influenciado por escritores e filósofos europeus como Goethe, Mann, Wilde, Sade, Dostoievski e Nietzsche, a doutrina estética de Mishima dialoga também com a tradição literária clássica japonesa. Um dos primeiros autores japoneses modernos a tratar abertamente de temáticas homossexuais, Mishima retrata em sua obra um Japão do pós-guerra num intenso processo de modernização e reconstrução, além de temas como a morte, o erotismo, a misoginia, o culto ao corpo e à beleza, o suicídio, entre outros. Ainda que os estudos sobre a questão do homoerotismo na literatura venham se consolidando no campo intelectual brasileiro, são raros os estudos que procuram abordar tal tema nas literaturas fora do contexto euroamericano. Um primeiro olhar sobre a história do “sexo entre homens” na literatura japonesa, por exemplo, indica especificidades na construção histórico-cultural da sexualidade no Japão. De acordo com Leupp (1997), durante a era Tokugawa (1603-1867), o “sexo entre homens” era não somente tolerado em certos extratos da sociedade feudal japonesa, como também frequentemente celebrado na cultura popular. O autor mostra que, nesse período, o “sexo entre homens” nos mosteiros budistas, na iniciação e socialização dos samurais e no mundo do teatro kabuki era prática socialmente reconhecida e frequentemente retratada na pintura e literatura (LEUPP, 1997). Pflugfelder (1999), no entanto, mostra como, a partir da Restauração Meiji (1868) – marco da modernização japonesa –, os discursos sobre o sexo entre homens se modificaram e criaram uma nova gramática, marcada pela patologização de tais práticas. É nesse sentido que esta pesquisa propõe uma leitura analítica das obras de Mishima focada na questão da homossexualidade, mas que problematiza as relações entre texto, contexto e autor, vislumbrando, assim, um espaço importante nos estudos sobre sexualidade e literatura, bem como nas pesquisas já desenvolvidas sobre o autor e sua obra. LEUPP, G. (1997).

Male colors : the construction of homosexuality in Tokugawa Japan. Berkeley: The University of California Press. PFLUGFELDER, G. (1999). Cartographies of Desire: male-male sexuality in Japanese discourse (1600-1950). Berkeley: University of California Press.

Prolegômenos para uma poética sexual latino-americana: a politização do corpo e do desejo em Caio Fernando Abreu e Jaime Bayly ANSELMO PERES ALÓS (UNILA)

Haverá uma poética do corpo e da subjetividade avessa à heteronormatividade no que diz respeito ao romance latino-americano contemporâneo? Caso haja, tal poética estaria calcada na homogeneidade dos recursos literários mobilizados para a textualização das experiências de vida de gays, lésbicas e travestis, ou estaria ela calcada na heterogeneidade de estratégias textuais? Como estes textos lidam com questões como o compromisso com a cultura nacional na qual foram geridos, bem como com a liminaridade entre: o literário e o não-literário; entre o nacional, o trans-nacional e o estrangeiro; ou ainda, entre a masculinidade, a feminilidade e a androginia? Como as fronteiras de gênero, raça, classe e orientação sexual são atravessadas, borradas, rasuradas e problematizadas no discurso romanesco? Quais as contribuições e limitações, no campo da crítica literária, de noções como homographesis, homotextualidade e homocultura? E, finalmente, como o atravessamento das fronteiras de gênero e a textualização de práticas sexuais subversivas e não-heterossexuais impactam nos discursos sobre o cânone literário, a cultura e o sentimento de pertença a uma comunidade nacional? A articulação de uma epistemologia *queer* permite pensar a textualidade como o lugar de encenação de uma ficção política que questiona os regimes heteronormativos do sexo e do gênero, e propõe uma estratégia de resistência baseada tanto nos corpos e nos prazeres quanto nas políticas de representação e reinvenção das masculinidades e das feminilidades. No exercício de aproximação comparatista realizado neste trabalho, busca-se evidenciar as contradições e impasses que emergem nos romances *Onde andará Dulce Veiga?* (1990), do brasileiro Caio Fernando Abreu, e *No se lo digas a nadie* (1994), do peruano Jaime Bayly. Será dado relevo, no gesto de leitura, a questões de raça, classe e gênero, bem como as potencialidades e os pontos problemáticos de uma poética *queer* como lugar de intervenção cultural, no qual são performativamente projetados novos arranjos de legibilidade social.

Exílio e erotismo em “Lixo e purpurina” e “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, de Caio Fernando Abreu THAIS TORRES DE SOUZA (USP)

Essa comunicação tem o objetivo de abordar a relação entre exílio e erotismo em “Lixo e purpurina” e “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, contos de Caio Fernando Abreu. O tópico é mencionado de maneira direta em “Lixo e purpurina” e aparece indiretamente no segundo conto, cujo protagonista é obrigado a fugir de sua terra natal por uma razão também externa ao sujeito; nesse caso, a necessidade de fugir após ter assassinado seu objeto de desejo. Em ambos os casos, trata-se de uma experiência própria daquilo que Foucault chama de “era do biopoder”, marcada pelo controle dos corpos e pelo cerceamento do desejo homoerótico (FOUCAULT, 1988). O que nos preocupa particularmente na análise dos contos é como o exílio metaforiza certa condição do indivíduo moderno e ex-cêntrico, que não se insere em nenhum lugar e que está em permanente situação de desconforto e de desarticulação com o contexto em que vive, ou, nas palavras do narrador de “Lixo e purpurina”: “alguém que não está nem aqui nem lá, seja onde for”. Essa especial atenção de nenhuma maneira desconsidera as outras dimensões do exílio, mas deve-se ao especial interesse por esse personagem constante na obra de Caio Fernando Abreu. Em “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, por exemplo, é possível supor que um dos motivos que impulsiona o narrador para o exílio seja a necessidade de fugir do cerceamento de sua sexualidade, já que o relacionamento homossexual entre o personagem e seu amigo Dudu jamais seria aceito na conservadora cidade de Passo da Guanxuma. No entanto, não se trata apenas de uma reação a homofobia. Embora o personagem mate seu objeto de desejo, há diversas relações homoeróticas e heterossexuais que ele vivencia. A sexualidade não é, portanto, completamente cerceada a ponto de impedir qualquer contato erótico e o narrador não se vê impelido a matar todos os sujeitos que são objetos de seu desejo. Ao contrário, ele foge apenas do amor e do desejo que sentia pelo homem por quem verdadeiramente se apaixonou. Segundo Bataille (2004), se, por um lado, a paixão é uma promessa de fusão que resolveria, ainda que momentaneamente, a descontinuidade inerente do ser humano, por outro essa promessa é uma ameaça: “para os amantes, existe mais chance de não poder se encontrar por muito tempo que de gozar de uma contemplação desvairada da continuidade íntima que os une” (BATAILLE, 2004, p. 33). Ginzburg (2005) afirma que “Lixo e purpurina” - e podemos, por extensão, compreender da mesma forma “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga” - constitui um “limite insustentável” em razão da “condição do duplo exílio” vivida pelos personagens. O exílio não é apenas geográfico, mas uma condição dos indivíduos deslocados fadados à incompletude. Incompletude essa que o erotismo, apesar da promessa, não soluciona.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 406

“Uma história monstruosa”: a presença do homoerotismo na obra de José Lins do Rego
 JOSÉ VILIAN MANGUEIRA (UERN)

Quando se pensa sobre a literatura de José Lins do Rego, comumente se destaca o tom memorialista de seus textos ou a representação de um sistema socioeconômico nordestino em decadência. Quando muito, são exploradas as relações de gênero envolvendo o binômio heterossexual homemXmulher. O que se pretende com este trabalho é oferecer uma nova possibilidade de leitura da obra de José Lins, destacando a presença de personagens homossexuais em diferentes romances do escritor paraibano. Nossa intenção é chamar atenção para o modo como o sujeito gay - masculino e feminino - é concebido dentro de um universo literário marcado pela masculinidade hegemônica. Assim sendo, focalizamos nossas análises em quatro romances: *Doidinho*, *Água-mãe*, *Riacho doce* e *Usina*; mas fazemos, também, referências a duas outras obras - *Cangaceiros* e *Pedra bonita*. Nos primeiros quatro romances, os personagens homoeróticos assumem o papel de destaque na trama, sendo ou protagonistas ou personagens relevantes. No segundo caso, eles se constituem personagens alusão, sem grande destaque na narrativa. Na totalidade das obras, os sujeitos homoeróticos representam uma faceta da criação artística de José Lins do Rego que foi esquecida pela crítica.

Cassandra Rios e o pioneirismo na literatura homoerótica feminina no Brasil
 ADRIANE PIOVEZAN (UFPR)

Iniciando sua carreira como escritora em 1948 com a obra *A Volúpia do Pecado*, Cassandra Rios garantiu o direito ao protagonismo ficcional de personagens homoeróticas femininas na literatura brasileira. Por mais de três décadas, com uma narrativa ousada, a autora criticou em suas obras o modelo heteronormativo a partir de conceitos machistas inerentes ao seu contexto. Para alguns críticos seu estilo é associado à pornografia e ao preconceito, classificando suas personagens de anormais e estereotipadas. A literatura homoerótica feminina contemporânea aparece em muitas facetas diferentes, mas o que predomina é a ideia de uma visão afirmativa da homoafetividade. De uma maneira geral, a literatura lésbica contemporânea desconsidera o conjunto do trabalho pioneiro e ao mesmo tempo popular da obra de Cassandra Rios, classificando-a de moralista a estereotipada e assim descartando ou culpando-a por uma visão deformada das lésbicas. Esta recusa em considerar a originalidade da contribuição da autora se refere ao tratamento que a maior parte destas obras, a partir dos anos 90, forneceu ao tema: uma busca constante por apresentar de uma maneira socialmente aceitável e politicamente correta o homoerotismo feminino. Tanto Casssandra Rios como a literatura homoerótica feminina contemporânea descrevem aspectos distintos destas configurações identitárias da homossexualidade feminina na literatura brasileira.

Os pareceres da Greta Garbo do Irajá
 ARIVALDO SACRAMENTO DE SOUZA (UFBA)

Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá, de Fernando Mello, é um texto dramático de grande repercussão nacional, que tem sido encenado desde a década de 1970, época em que as artes brasileiras estavam sob ostensiva vigilância. Conta-se, em três atos, uma história de amor entre Pedro, ou melhor, Greta Garbo do Irajá, enfermeiro homossexual de meia idade, e Renato, jovem interiorano. Eles se encontram na Cinelândia, um dos locais significados para o exercício da sociabilidade homoafetiva na cidade do Rio de Janeiro, e começaram uma trajetória bastante conturbada. Essa peça é objeto de estudo da minha tese de doutoramento em Letras, cujo objetivo é o estudo da história das práticas sócio-culturais que mobiliza(ra)m a história do texto, ou melhor, de uma “sociologia do texto”, cf. Roger Chartier. Assim, ao observarmos os processos de censura ao texto, encontramos muitos pareceres – fruto das várias solicitações de encenação – e “versões” diferentes de texto. Essa fortuna arquivística pode ser lida como diversas formas de recepções ao texto, o que, de modo mais amplo, pode ser utilizado para entender como eram tratadas as questões relativas à homossexualidade no período sob o qual os militares governaram o Brasil. Diante disso, tencionamos proceder à “leitura de cena” da peça, contemplando o devir textual que se plasmou nos diversos testemunhos, principalmente, no que diz respeito à discussão das “experiências gays” produzidas nas (re)escritura da peça. Disso reverberam questões

que, para nós, norteiam a discussão, a saber: questões para além da identidade, trânsitos de gênero e de sexualidade, bem como rasuras, subjetivações e diálogos com ícones como Greta Garbo e Oscar Wilde.

“Não éramos apenas invertidos. Éramos inversões um do outro” – Homoerotismo na *graphic novel Fun Home: Uma Tragicomédia em Família*, de Alison Bechdel

RENATA LUCENA DALMASO (UFSC)

O presente trabalho é um estudo sobre o homoerotismo na HQ autobiográfica de Alison Bechdel, *Fun Home: Uma Tragicomédia em Família*. O romance retrata o processo de *coming out* da personagem principal Alison, que acaba por trazer à tona outro caso de homossexualidade na família, o de seu pai. A narrativa trabalha com duas facetas da experiência homoafetiva, estabelecendo pai e filha como duplos um do outro e contrapondo uma vivência de repressão com uma de aceitação, respectivamente. Esse paralelo entre a experiência de ambos também é evidente na “inversão” dos papéis tradicionais de gênero ao longo da narrativa, onde Alison aparece como *butch* desde criança ao mesmo tempo que descreve seu pai como afeminado. Neste trabalho analisamos o contraste entre essas vivências, suas expressões e seus contextos, e em como esses contrastes são representados em uma obra ex-cêntrica, ou seja, pertencente a um gênero discursivo tido como marginal, como os quadrinhos.

Construção identitária e homoerotismo na obra *No Presente*, de Márcio El-Jaick

JANAÍNA BACELO DE FIGUEIREDO (FPJB)

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *No Presente*, de Márcio El-Jaick, no que diz respeito ao processo de construção identitária da personagem central e suas problemáticas desencadeadas pela descoberta de sua sexualidade e da violência da qual se vê alvo na escola. O autor com muita competência desenvolve uma narrativa bastante interessante sob a perspectiva dos recursos narrativos e linguísticos sobre os quais constrói os conflitos e angústias vividos pela personagem. A narrativa é construída num foco narrativo em primeira pessoa que resulta em uma linguagem circular que metaforiza os questionamentos que a personagem constantemente se faz sobre sua sexualidade, sobre o preconceito, sobre a vida e sobre a morte.

ESCRITORES-LEITORES

Regina Maria Salgado Campos (USP)

Renata Philippov (UNIFESP)

Sofia Maria de Sousa Silva (UFRJ)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 705

Edgar Allan Poe e Machado de Assis: intertexto e identidade

RENATA PHILIPPOV (UNIFESP)

Muito tem sido publicado e discutido em relação aos contos e teorias estéticas de Edgar Allan Poe e Machado de Assis. Embora alguns estudos acadêmicos e publicações no Brasil refiram-se ao possível diálogo intertextual entre os projetos literários de Poe e Machado de Assis, ainda não parece ter sido feito um estudo mais aprofundado sobre a forma pela qual Machado realmente possa ter lido e subvertido os escritos de Poe para, assim, torná-los adequados a seu próprio projeto literário e, conseqüentemente, auxiliá-lo a forjar um projeto de identidade nacional, tão caro a ele. Se ambos os autores privilegiaram o conto como gênero por excelência para retratar indivíduos em momento de crise e em busca de sua própria identidade, se ambos buscaram a criação de um projeto literário e a fundação de uma identidade nacional, se ambos dedicaram muito tempo a publicar tais contos em jornais e periódicos, seus escopos de temas e procedimentos literários frequentemente divergiam. Este trabalho, portanto, pretende discutir em que medida Machado de Assis realmente incorporou a imagética, topos e estética de Poe em seu próprio projeto literário. Para tal, dois amplos aspectos dos contos de Poe e Machado serão analisados: o universo da mente e o humor, dentro da perspectiva do fantástico.

Machado de Assis e a crônica: reflexões críticas de um espectador pacato

DANIELA MANTARRO CALLIPO (UNESP)

Machado de Assis começou a escrever crônicas muito cedo e colaborou em vários periódicos durante mais de 40 anos. Nesses textos, fazia comentários a respeito da história do Brasil e do mundo, analisava a economia e a política do Rio de Janeiro, criticava posturas, poemas, decretos, peças teatrais, reformas e óperas, sempre com humor e de um ponto de vista original. Em alguns textos, desenvolveu reflexões acerca do próprio trabalho de cronista e da importância desse tipo de produção jornalística, reflexões que se modificaram com o passar dos anos: em 1864, ensina que "o folhetim tem cargo de almas. É apóstolo e converte", mas em 1878, afirma o contrário: "O cronista não tem cargo d'almas, não evangeliza, não adverte, não endireita os tortos do mundo é um mero espectador, as mais das vezes pacato, cuja bonomia tem o passo tardo dos senhores do harém". Este trabalho visa observar qual é a concepção machadiana do gênero crônica, de que modo ela se modificou ao longo do tempo e qual a importância que Machado atribuía a esse tipo de produção jornalística.

Legados de juventude: os primeiros diários de Virginia Woolf

VERA LIMA CECCON (UFRJ)

A história da publicação dos textos póstumos de Virginia Woolf (1882-1941), em décadas recentes, testemunha a flexibilização e a ampliação da receptividade acadêmica a formas textuais não-literárias ou não-acabadas. Se a obra ficcional e não-ficcional de Woolf publicada em vida já era arrebataadora pela envergadura e quantidade – afinal foram nove romances, duas coleções de contos, duas coletâneas de resenhas, três longos ensaios e três biografias – o que dizer ante a emergência de uma “obra submersa” ainda mais volumosa? De fato, a publicação progressiva, a partir dos anos 1970, de seus escritos autobiográficos e textos inacabados ou abandonados, além de artigos jornalísticos não assinados, produziu uma reviravolta nos meios acadêmicos. Entre 1975 e 1980, Nigel Nicolson e Jeanne Trautmann compilaram e publicaram 4000 cartas. Em 1976, suas duas *memoirs* inacabadas, *Reminiscences*, de 1907, e *A Sketch of the Past*, de 1939-40, foram reunidas por Jeanne Sulkind no volume *Moments of Being*. Entre 1977 e 1984, Anne Olivier Bell tomou para si o encargo de transcrever a escrita criptográfica de 35 anos de diários de Virginia Woolf, isto é, os diários de casada. Em 1983, Brenda Silver publica as anotações de leituras preservadas em 26 cadernos manuscritos, sob o título de *Virginia Woolf's Reading Books*. A partir de 1986 e até 1992, todos os seus ensaios foram reunidos e publicados em 6 volumes por Andrew McNeillie, sob o título *The Collected Essays of Virginia Woolf*. E, finalmente, em 1990, Mitchel Leaska publicou os diários intermitentes de solteira, isto é, escritos na adolescência e juventude por Virginia *Stephen*, entre 1897 e 1909, e que cobrem dos seus quinze a vinte e sete anos de idade. Com a publicação destes últimos se completou um legado único, que vem suscitando apaixonantes questões e discussões, além do surgimento de um campo de estudo próprio, os chamados *Woolf Studies*. O trânsito de Woolf por estas diversas modalidades da escrita testemunham a inquietação de um pensamento na busca de formas adequadas para sua expressão. Minha proposta de comunicação consiste assim em estudar e problematizar algumas passagens dos diários em que Woolf reflete sobre a questão do *pensamento criador*. Pretendo também sinalizar a linha de continuidade, iniciada nos diários de juventude e levada até o fim de seus dias, surpreendente para uma vida tão conturbada. De fato, os primeiros diários já explicitavam a intenção de armazenar, de forma compacta, pensamentos e experiências a serem descompactados no futuro “por uma mão mais hábil”. E Woolf se manteve fiel a tal proposta, pois os diários de casada revelam como em diferentes ocasiões de sua já renomada carreira, retornou a este primeiro material, para nele buscar matéria-prima para outros escritos. Gostaria de apresentar como isso se deu com *To the Lighthouse*, publicado em 1927 e um de seus romances mais conhecidos, mas também com *A Sketch of the Past*, as memórias que redigiu até fins de 1940, já durante os bombardeios nazistas sobre Londres, e um de seus últimos escritos, deixados inacabados.

As escritas de um poeta-leitor: pensando a poesia de Paulo Leminski ROSIMAR ARAÚJO SILVA (UFF)

Este trabalho pretende, através de uma análise intertextual das obras poéticas de Paulo Leminski (1944-1989), pensar a tensão nelas instaurada pelo atrito de tantas formas de linguagem, como a publicidade, a canção popular, a fotografia, além das diversas linhagens poéticas. Partimos do hibridismo como principal efeito mobilizador dos trânsitos que o poeta pratica, reconhecendo a pluralidade dos arranjos de concepções de arte e de linguagem, gêneros e movimentos artísticos diversificados que organizam seu discurso poético e crítico. Sob essa perspectiva, iremos verificar como Leminski põe em jogo valores literários e não-literários, questionando sua oposição, para viabilizar seus projetos artísticos. Neles podemos identificar um poeta/artista que se apresentou como “escritor-leitor”, seja na publicidade, na tradução, na escrita de resenhas e ensaios, nas inúmeras revistas da época de que participou, e no envolvimento com a canção popular, seja na aproximação com a Poesia Concreta, na poesia dos anos 70. Esse estudo também se valerá das cartas de Envie meu dicionário: cartas e alguma crítica, 1999; dos ensaios em Ensaios Crípticos, 1986; Ensaios e anseios crípticos, 1997 e das quatro biografias que escreveu sobre Jesus Cristo, Bashô, Trótski e Cruz e Souza, entre os anos de 1983 e 1986. A fortuna crítica do poeta servirá para entender a relação de seu pensamento crítico com a sua poesia, bem como as circunstâncias sociais e pessoais evidenciadas nesse processo de escrita crítica e de prática poética. É fato que o poeta passou por várias frentes e estas se entrecruzaram de tal modo que todos os seus empreendimentos acabaram apontando para uma produção que, por ser inconclusa, pode encenar uma problemática que compreendemos como um sintoma de deformidade monstruosa. Procuraremos pensar tal deformidade pelas circunstâncias que marcaram a obra leminskiana e o ponto fulcral está justamente nos inúmeros trânsitos entre o literário e o não-literário e nos desvios suscitados no percurso de seus projetos poéticos.

Teixeira e Sousa e a formação do romance moderno brasileiro: diálogos com o leitor e reflexões metalinguísticas HEBE CRISTINA DA SILVA (IESCAMP)

Ao longo do século XIX, principalmente nas décadas em que foram produzidos os primeiros romances modernos brasileiros, era marcante a presença de paratextos através dos quais os autores se dirigiam ao público leitor. Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa (1812-1861), escritor oitocentista que, graças à publicação de O Filho do Pescador (1843), é um dos nomes comumente associados ao título de “primeiro romancista brasileiro”, foi um adepto dessa prática. Autor de seis romances, três obras poéticas e duas peças teatrais, Teixeira e Sousa utilizou estratégias diversificadas para se comunicar com o público através de prefácios, cartas, didascálias e prólogos presentes em suas publicações. Analisando esses textos, podemos recuperar o projeto literário do autor e suas reflexões sobre aspectos formais e temáticos relativos a várias formas literárias, dentre as quais se destaca o gênero romanesco, principal objeto de suas reflexões. Recuperando seu projeto literário, é possível verificar que o romancista cabofriense estava a par das discussões e das preferências dos homens de letras de seu tempo, principalmente no que se refere ao que se esperava, em termos gerais, de um bom romance brasileiro: personagens que despertassem a identificação do leitor e vivessem situações que fossem ambientadas em solo brasileiro, incluíssem costumes nacionais e possuísem um final edificante. O prólogo de A Providência (1854), o último romance que publicou, é bastante exemplificativo do modo como o autor explorou os paratextos em suas obras. Nele, o escritor deu informações sobre a estrutura e o conteúdo da narrativa e reforçou seu apeço pela inclusão da moralidade e da chamada “cor local” nos romances. Além disso, mencionou os elementos que o leitor deveria considerar para perceber qual era o “alvo” a ser atingido pelo enredo e apreciar a “moralidade” presente na narrativa. Indício de que o autor se preocupava com a recepção de suas obras, os paratextos elaborados por ele parecem ter tido uma influência positiva sobre os leitores, colaborando para que obtivesse o êxito que almejava. Afinal, apesar de a maioria das Histórias Literárias publicadas ao longo do século XX atribuir ao romancista cabofriense a imagem de escritor secundário que produziu obras carentes de valor estético, Teixeira e Sousa foi apreciado pelos seus contemporâneos e figurou como um “homem de letras” de renome em algumas publicações oitocentistas. É o que atestam alguns periódicos que circularam no Rio de Janeiro ao longo do século XIX, seja no espaço destinado à crítica por uma revista literária ou no anúncio de um jornal diário. Recuperando e analisando os textos presentes nesses impressos, ficou evidente que Teixeira e Sousa obteve um lugar de destaque entre os escritores de seu tempo e foi apreciado pelo público leitor oitocentista. Afinal, seus romances tiveram um número significativo de edições e obtiveram apreciações críticas favoráveis, resultado que certamente deve parte de seu sucesso às palavras que o autor dirigiu aos leitores através dos paratextos que acrescentou às suas obras.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 705

André Gide leitor de Montaigne,
REGINA SALGADO CAMPOS (USP)

A leitura frequente dos Ensaio de Montaigne por André Gide resulta em três textos. Em 1928, trata-se da rubrica "Montaigne" para o Tableau de la littérature française organizado por André Malraux. Uma outra versão, "Suivant Montaigne" foi publicada na NRF em 1929. O terceiro estudo, de 1938, serviu de introdução para a coleção norte-americana "Pensamento vivo" e, nesse caso, a seleção dos ensaios ficou também a cargo de Gide. É o texto mais didático e o único a ser traduzido no Brasil em 1975. Nos dois primeiros, Gide destaca fragmentos e comenta o ceticismo de Montaigne, a introdução que faz de valores leigos - reflexão que interessa de perto o Gide de formação protestante - sua recusa do dogmatismo, seu amor pela vida. São temas aos quais Gide se identifica e que procuraremos analisar nisso que ele chama de "busca da verdade, mais do que a verdade em si".

O fio tênue entre o literário e o não-literário: considerações sobre os textos críticos de Jules Laforgue
ANDRESSA CRISTINA DE OLIVEIRA (UNESP)

Jules Laforgue, poeta simbolista francês, escreveu obras em poesia, como Les Complaintes, Le sanglot de la terre, L'imitation de Notre-Dame, la Lune, Des Fleurs de Bonne Volonté, obras em prosa, como Stéphane Vassiliw e Moraliés Légendaires; no gênero dramático deixou seu legado com Tessa, Pierrot Fumiste e Le concile féérique, além de ter deixado um notável legado epistolar. No domínio extra-literário, Laforgue sobressaiu-se como tradutor, sobretudo dos poemas de Walt Whitman, como ensaísta, como crítico de arte e crítico literário, comentarista da corte de Guilherme I enquanto viveu em Berlim, com publicações assíduas nos anos 1880, antes de sua morte prematura aos 27 anos, em 1887, na Gazette des Beaux-Arts, em La Vogue, entre outros veículos renomados da época. Os assuntos foram suas influências literárias, seus contemporâneos, poetas já renomados como Baudelaire, Mallarmé, Verlaine, poetas "iniciantes", como Paul Bourget, Charles Henry, Charles Ephrussi, além de eventos artísticos em geral. Lembremos, com o crítico Edmund Wilson, em O Castelo de Axel (2004), que, no contexto simbolista francês, Laforgue serviu-se da técnica irônico-pungente, gírio-pomposa, chulo-ingênuo. O poeta situou-se fora do círculo exclusivista da linha "sério-estética" do Simbolismo, fazendo parte daquela que seria uma espécie de "prima pobre", recessiva e desprezada. Ao conceber sua obra, Laforgue usa seu conhecimento de mundo, suas leituras e sua criatividade, com o intuito de criar o novo, no sentido baudelaireano, segundo Friedrich (1991), reunindo gênio poético, inteligência crítica, dissonância, idealidade vazia, fantasia criativa e deformação. Essas características peculiares de sua obra literária podem ser vistas, sobretudo no que concerne ao irônico, em seus textos críticos. Eis a nossa proposta – apresentar os textos críticos do poeta francês à luz de seus textos literários.

Jorge de Lima e Walter Benjamin no caminho das reminiscências de Proust
LUCIANA BITTENCOURT TISCOSKI (UFSC)

No ano de 1929, sob os auspícios do movimento surrealista e sua corrente de pensamentos guiada pelo onírico universo do inconsciente, entre as teorias psicanalíticas de Freud e Lacan, juntamente com a reimpressão do Manifesto Surrealista, de Breton, o alemão Walter Benjamin e o brasileiro Jorge de Lima publicam seus ensaios sobre *A la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust. Este trabalho traz a proposta de uma análise de ambos os ensaios numa leitura cruzada, que torna possível constatar de que forma, ou por quais caminhos Marcel Proust também engendrou as bases de um terreno propício ao surgimento do Surrealismo, onde predominam por excelência as imagens do inconsciente. Conjugando elementos mnemônicos do passado e da mitologia individual com o passado coletivo, ele forja sua obra e, conforme Benjamin, transforma a narrativa em experiência. Esse encontro 'extra temporal' como o ocorrido entre Jorge de Lima e Walter Benjamin, e de ambos com Marcel Proust, nos ensaios Proust e A imagem de Proust deve ser lido como um evento de confirmação do tempo entrecruzado, como o tempo em sua forma mais real, não linear. É como deve ser compreendida senão a literatura e a história como um todo, ao menos a leitura que delas fizeram esses pensadores. É no universo dos entrecruzamentos onde se dá o "mundo em estado de semelhança", onde reinam as correspondências que nos permitem a compreensão do hoje.

Proust e a encenação da crítica

GUILHERME IGNÁCIO DA SILVA (UNIFESP)

Partindo do fato de que os manuscritos do projeto de crítica literária contra o método de Sainte-Beuve estão na própria origem do que viria a ser *Em Busca do Tempo Perdido*, busca-se delinear as vinculações necessárias entre arte e encenação da crítica de arte na obra de Marcel Proust. A pesquisa envolve o trabalho com o romance e com textos anteriores/contemporâneos a ele, como a correspondência particular, o projeto Jean Santeuil e os cadernos manuscritos, tendo como guia a proposta radical de “crítica em ação” da série de Pastiches escritos por Proust.

Marcel Proust e a invenção da escritura

MARIA LUIZA BERWANGER DA SILVA (UFRGS)

Se, com base no simbolismo da imagem do "caleidoscópio da obscuridade", Marcel Proust antecipa a questão da autoreferencialidade, traço básico da arte contemporânea, com base no fragmento sobre a morte do crítico literário Bergotte do romance **A prisioneira**, o autor de **Em busca do tempo perdido** articula uma reflexão singular sobre certas figurações de natureza teórica, poética e crítica, evidenciando novas perspectivas para a escritura, vista sob enfoque da Literatura Comparada. A presente comunicação examinará esta ressimbolização da palavra proustiana mediada pela leitura simbólica de Marcel Proust visto como sujeito leitor e escritor. Pressupõe-se que esta configuração múltipla da fisionomia deste autor francês faz-se produtiva tanto para a Literatura Francesa quanto para a Literatura Brasileira, na medida em que concede à estas literaturas aproximadas a passagem da reinvenção à invenção.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 705

Sergio Pitol e a Trilogia da Memória, uma autobiografia do escritor como leitor

RAFAEL GUTIERREZ (USP)

Os últimos textos do mexicano Sergio Pitol (1933), *El arte de la fuga* (1997), *El viaje* (2000) e *El mago de Viena* (2005), apresentam uma mistura entre ensaio literário, reflexões sobre arte, anotações de diário e em alguns casos pequenos relatos ficcionais. Pitol tem se destacado desde seus inícios narrativos por uma especial concepção dos gêneros: relatos que reflexionam sobre o relato, conscientes de sua natureza textual, mas ao mesmo tempo fieis à realidade e à tradição literária. Enquanto em seus primeiros romances aparece o próprio processo criador como tema central da narrativa através de seus caracteres ficcionais, em seus últimos livros encontramos uma mistura entre diário e ensaio formando uma espécie de autobiografia literária. O próprio Pitol reconhece que, nestes livros, é ele mesmo que se torna o personagem central da narrativa. A literatura aparece como o eixo sobre o qual transita sua vida. Não há detalhe pessoal que não se relacione com a própria literatura, a través de suas leituras, na descrição das suas viagens, onde o autor procura sempre os rastros dos autores que admira, ou a través das suas relações com outros escritores amigos. Minha proposta busca analisar como estão construídos estes textos híbridos e a que tradição se vinculam, a maneira em que o autor se aproxima de outros livros e autores, seus temas prediletos e obsessões, e como se relaciona a leitura crítica do escritor com sua própria obra ficcional.

Confluências de leituras em figurações romântico-autoficcionais: Sarmiento e Whitman lidos por Borges

BRENO ANDERSON SOUZA DE MIRANDA (UFMG)

Se o que Jorge Luis Borges entendeu como romantismo foi apenas formalismo conceitual e retórico (como lhe era muito característico) sem nenhuma relação à temporalidade do romantismo que ficou conhecido como escola literária (em suas diversas facetas), qual então seria o sentido de se despendar alguma atenção a autores canônicos dessa “escola” como Sarmiento e Whitman, não como simples figurações abstratas, mas enquanto artífices dessa visão de mundo? Borges foi leitor de Sarmiento e Whitman durante um longo processo de sua escrita. Os comentários de Borges sobre esses escritores estão relativamente distantes de visualizá-los como o que ficou conhecido como “gênios” românticos. A presença marcante desses escritores em sua biblioteca “real” (que não era tão infinita mas muito seletiva e contingente) desperta interesse para discutir mais uma vez pontos ambivalentes de seus valores críticos e estéticos e de seu processo de escrita. Distante de uma apologia ao fantasmal e a algum essencialismo estético, ficcional ou literário, a rígida distinção entre os estilos clássico e romântico, mesmo que elaborada por um Borges “teórico” que pairaria sobre suas ironias e sobre as querelas acadêmicas e cotidianas, não nos dá arcabouços suficientes para interceder por uma mimesis pretensamente borgiana em seu ato de leitura, ou até mesmo a recusa de toda e qualquer mimesis em sua ficção-crítica. Sim, o “arquiteto de universos” não tivera o poder de se eximir da série literária e do mundo, entendido não apenas como materialidade. O universo borgiano atravessa e é atravessado pela mimesis moderna, segundo a entendeu Philippe Lacoue-Labarthe. Aqui mimesis não pode ser confundida como imitação do “real”, como a simples leitura de uma suposta “realidade”, mesmo que ideal, ou com alguma tentativa de se aproximar da verossimilhança. Alguma lógica da mimesis perpassaria pelo paradoxo e não pela simples reprodução ou representação do que quer que seja. Paradoxos e “dúpos” que não cessariam até mesmo no narrador borgiano de ensaios, prefácios e textos críticos (que não se situam no terreno literário propriamente dito). Assim Borges poderia ser lido como um autor-narrador-leitor de aproximações e não distanciamentos em relação ao mundo, mesmo que ficcional. O Borges “empírico” sai à procura de autoficções, de figurações de escritor em alguma intensidade crítico-romântica e utópica, ambigualmente expressiva e alusiva. A questão que nos preocupa não é a luta sem partidos ou vencedores da ficção borgiana contra os tais biografismos, seus e dos “outros” e sim a imaginação-construção de mitos autoficcionais, dentro e fora das páginas dos livros lidos e escritos. Borges disse alguma vez que queria ter sido Walt Whitman ou que era seu amigo íntimo. Já sobre Sarmiento: “antes de la historia está el mito y por ese crepúsculo andan formas que, incomprensiblemente, son otras (...). Tales monstruos pueden ser fruto de un arte combinatorio de la imaginación, (...), pero también pueden figurar la sospecha de que cada cosa es las otras y de que no hay un ser que no encierre una íntima y secreta pluralidad”.

Três tristes tigres

PALOMA VIDAL (UNIFESP)

Num texto recente sobre os quarenta anos de publicação de “O grau zero da escrita”, o argentino Martín Kohan, escritor e crítico, afirma: “Bastaría con leer a Barthes, aunque más no fuera, para advertir hasta qué punto puede un crítico literario ser él mismo el que crea, el que imagina, el que narra, el que activa otra intensidad en las palabras que usa”. Kohan resgata a proposta barthesiana do crítico como um leitor que escreve suas leituras e é a partir dela que gostaria de abordar as obras de três escritores argentinos contemporâneos - o próprio Kohan, Daniel Link e Carlos Gamerro - cujo trabalho permite pensar a dupla valência de uma escrita em que as leituras alimentam ficção e reflexão. Gostaria em particular de indagar o modo como essas duas práticas se conectam através de um modo singular de ler a história argentina.

O artista como crítico: sobre Italo Calvino ensaísta

ADRIANA IOZZI KLEIN (USP)

É certo que em seus escritos Italo Calvino sempre se colocou como escritor e como intelectual ao mesmo tempo - como a comprovar a ideia de Oscar Wilde de que em todo verdadeiro artista existe sempre o espírito crítico - e não é de se espantar que no curso da sua pesquisa formal tenha encontrado no gênero ensaístico um significativo ponto de chegada. O ensaio de Calvino, crítico e criativo, como se pretende demonstrar com o presente trabalho, assume o papel de suporte para a reflexão artística e intelectual que o escritor faz de sua época. Diante da crise da narrativa literária, induzida em grande parte pelas exigências editoriais e pelos novos mecanismos que regem a indústria cultural, Calvino mostra-se, sobretudo em seus últimos livros, perfeitamente consciente de que o ensaio pode ser uma forma vital para a literatura contemporânea.

Em que momento nosso olhar se desvia para pôr em evidência a desarmonia? Breves pausas para ler Agustina Bessa-Luís
VIVIANE VASCONCELOS (UFF)

Autora polígrafa, Agustina Bessa-Luís escreveu, além de romances, contos, crônicas, peças de teatro, biografias, textos sobre pintores, entre outros. O que pretendemos analisar são alguns fragmentos de seus escritos, tais como ensaios e conferências, reunidos em coletâneas como Alegria do Mundo I, Alegria do Mundo II ou Contemplação Carinhosa da Angústia. Parece-nos adequado afirmar que toda a sua escrita é um exercício permanente de crítica e de reflexão sobre diversos temas como arte, filosofia e literatura, percebido em livros, por exemplo, como Longos dias têm cem anos e Martha Telles: o castelo onde irás não voltarás, dedicados, respectivamente, às pintoras Vieira da Silva e Martha Telles ou, ainda, no Apocalipse de Albrecht Dürer. Intriga-nos, especialmente, a maneira com a qual a escritora tece seu pensamento acerca de algumas questões, ao que tudo indica, propositalmente, e que nos conduz a uma indagação permanente sobre a ética.

A invenção do homem interior: ética e estética nos ensaios de Robert Musil
ERICA GONÇALVES DE CASTRO (USP)

A obra de Robert Musil (1880-1942) se caracteriza pela intensa relação entre filosofia, literatura e pensamento crítico. A composição de sua principal obra poética, o romance O Homem sem Qualidades, que consumiu mais de vinte anos de trabalho e que viria a se tornar uma das obras fundamentais da literatura do século XX, foi pontuada pela preocupação ética de fundar uma nova consciência crítica num momento de crise da cultura e dos valores ocidentais. Tal preocupação se refletiria na forma do romance, com suas extensas passagens de caráter ensaístico, e de modo mais pontual, nos ensaios e anotações paralelos à produção de sua obra poética principal. A proposta desta comunicação é abordar esta parte da produção crítica de Musil, em que o autor, partindo do próprio fazer poético, reflete sobre o novo status da literatura e da arte na sociedade moderna, e sobre a tarefa que caberia aos escritores de sua geração: a de fundar, em suas palavras, uma nova “dinâmica da vida espiritual”, ou uma instância de pensamento em que as questões subjetivas não estivessem apartadas da ordem objetiva – uma tarefa, enfim, que num de seus ensaios mais contundentes, Musil definiria como a de “inventar o homem interior”. Ao abordarmos esses temas, deverá ficar claro que, para Musil, o ensaio não se restringia a um princípio formal – tratava-se, sobretudo, de um princípio crítico e construtivo, que pretendia responder a uma situação de crise da cultura e dos valores da Europa de fins do XIX e inícios do XX.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 705

Para além do literário (dois momentos: França do século XVIII e Brasil do XIX): de Sade a Pompéia
ANDRÉ LUIZ BARROS DA SILVA (UNIFESP)

Examinaremos as motivações e estratégias de escrita de autores como Restif de la Bretonne e Sade, em sua atuação em pleno Século das Luzes, no que puderam influenciar escritores de outro tempo e lugar, como o Brasil de fins do século XIX. A partir de obras como "Les contemporaines" (Restif) ou "Histoire secrète d'Isabelle de Bavière" (Sade), tentaremos localizar o dinamismo de um novo tipo de escrita. Os brasileiros novecentistas Machado de Assis e Raul Pompéia também atuaram de forma dúplice, na literatura e em crônicas, pondo em prática, a suas maneiras, estratégias herdadas daqueles contraditórios iluministas. Tentaremos refletir sobre tais tradições em relação a autores-cronistas ou ensaístas do Brasil de hoje.

Lima Barreto lê Anatole France: pacto entre narrador, autor e leitor
MILENE SUZANO DE ALMEIDA (USP)

Para Nicolau Sevcenko (2003), Lima Barreto é, no Brasil, quem melhor realiza a “ironia redentora” de Anatole France. Barreto também é incluído dentro do grupo dos anatólios, espécie de novo profissional liberal das letras, segundo Sergio Miceli (1977). Mas, como ligar os dois autores a partir de suas obras? Antes de qualquer associação mais abrangente, proporei aqui um exame de Lima Barreto leitor de Anatole France, a partir das referências encontradas na obra de Barreto com alusão ao escritor francês. Essas referências permitem vislumbrar alguns procedimentos literários comuns a ambos, quais sejam, o aspecto reflexivo do narrador em diálogo com seu tempo, a ironia como ação, o diálogo com outras obras literárias e científicas do passado e contemporâneas a ambos. As fontes vão desde crônicas, passando pelos diários, romances e sátiras de Barreto, nas quais haja uma referência direta a France, a seus personagens ou suas reflexões. Essa primeira aproximação servirá de base para a análise dos prefácios de algumas obras: *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, *La Rotissérie de la Reine Pédaque* e *Les opinions de M. Jérôme Coignard*, particularmente no que diz respeito à discussão sobre os papéis do autor, narrador e leitor. MICELI, Sergio. Poder, Sexo e Letras na República Velha (estudo clínico dos anatólios). São Paulo: Perspectiva, 1977. SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Itinerário de Pasárgada, de Manuel Bandeira: o escritor-leitor em sua oficina poética FÁTIMA CRISTINA DIAS ROCHA (UERJ)

Em suas crônicas, cartas e ensaios, o poeta Manuel Bandeira exercitou a reflexão crítica sobre o próprio ofício. Em 1954, num momento em que os escritores modernistas - já canonizados e estabelecidos como modelos críticos - escreveram relatos autobiográficos, reavaliando o caminho percorrido, Manuel Bandeira publicou o singular Itinerário de Pasárgada: balanço de uma vida dedicada à poesia, o Itinerário mescla o registro confessional, da memória autobiográfica, à discussão e exposição de uma teoria da poesia. Encarnada em sua formação como poeta, a visão teórica de Manuel Bandeira surge da leitura de si mesmo e de muitos outros poetas; da comparação e do desvendamento de influências, técnicas e tendências estéticas da poesia moderna; da análise das relações entre a arte verbal e outras artes, como a música e a pintura; da consideração de tudo o que contribuiu para a elaboração de uma concepção de poesia muito particular, que alia o improviso e a construção refletida, a inspiração e o domínio da técnica. Nosso estudo se detém nesse belo e comovido relato do escritor-leitor Manuel Bandeira - relato que se constrói com o "estilo humilde" e a simplicidade natural que constituem as marcas distintivas da poesia madura de Manuel Bandeira. No Itinerário de Pasárgada, destacaremos não apenas o processo de formação da experiência poética - forjado lentamente, desde a infância, passando pelo contato decisivo com a tradição literária e pelo convívio com a doença - mas também o papel do Itinerário como biografia de grupo, uma vez que a história da formação de Manuel Bandeira como poeta dá testemunho da história do movimento modernista no Brasil, escrevendo essa história. Confirmando ainda a afirmação de Davi Arrigucci Jr. de que a prosa do poeta funciona como um meio auxiliar na sustentação de sua poesia, percorreremos as crônicas, as cartas e os ensaios de Manuel Bandeira, neles surpreendendo as constantes referências cruzadas e os comentários paralelos acerca da concepção bandeiriana da experiência poética.

Entre a metáfora e o conceito: Guimarães Rosa, contista e teórico do conto ANTONIA MARLY MOURA DA SILVA (UERN)

É fato conhecido por aqueles que se dedicam ao estudo da obra de Guimarães Rosa que o escritor foi um legítimo criador de “estórias”, um contista de relevo, fixando determinantes do conto moderno e concedendo-lhe caminhos até então inéditos, o que garantiu a inclusão de seu nome numa geração de contistas que configuram a revolução do gênero. Rosa serviu-se de toda a técnica e engenhosidade para ressaltar características inconfundíveis do conto, destacando que o gênero busca na anedota, na fábula, na adivinha e no mito os meios para sua tessitura, o que na terminologia de André Jolles são concebidos como “formas simples”. É na prosa inovadora do escritor mineiro que encontramos situações da vida real e imaginária, numa atmosfera poética de expressiva sondagem mítica do mundo, zona fronteira entre a poesia e a prosa, saber narrativo em que se observa a universalidade, a mobilidade e fluidez do gênero, tal como o entendemos hoje. Sob tal perspectiva, com vistas a um saber metateórico, este trabalho pretende apresentar resultados de um estudo acerca do conto brasileiro, oferecendo uma reflexão sobre algumas determinantes do gênero à luz dos postulados rosianos. Para tanto, escolheu-se os prefácios de *Tutaméia: terceiras estórias* (1967), *textos em que o escritor ora vela ora revela o movimento entre a ficção e a teoria, formulando uma duplicidade discursiva que aponta um caminho possível para a compreensão do projeto ficcional do escritor e, sobretudo, do conto brasileiro contemporâneo*.

ESTUDOS SOBRE FICÇÃO HISTÓRICA: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO

Hermenegildo José de Menezes Bastos (UnB)
Eunice de Moraes (UNIANDRADE)
Naira Nascimento (UTFPR)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1111

O Conselho do Egito de Leonardo Sciascia como romance histórico
HERMENEGILDO JOSÉ DE MENEZES BASTOS (UnB)

O trabalho visa discutir a atualidade do romance histórico com base na leitura do romance de Sciascia *O Conselho do Egito*. Diferentemente do romance histórico clássico como estudado por Lukács em Sciascia não há qualquer esperança no progresso e a história é uma farsa. Isto invade a estrutura mesma do romance, trazendo consigo a pergunta: não será a literatura mesma uma farsa, como tal comprometida com a perda de sentido do mundo atual?

“Tierra que todo se da, pero com acidez”: ficção e história em *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo
DANIELE DOS SANTOS ROSA (UnB)

Um dos problemas centrais da crítica literária é a relação entre a forma literária e o processo social. Esta relação se intensifica no momento em que a estrutura literária se estabelece como escola, como manifestação coletiva da arte e passa a atuar como forma de expressão de um tempo ou época. Como nos ensina Antonio Candido, trata-se de uma relação dialeticamente íntegra entre a estrutura da obra de arte e a História. É nesse sentido, como um problema da crítica e da historiografia literária (ambas tendências que não se separam no trabalho do crítico), que pretendo nesta comunicação refletir sobre o romance *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo. Esta obra é parte de um movimento estético inovador, o Realismo Fantástico, que vai na contramão do modernismo europeu e americano. Tem-se um romance que se fundamenta na utilização das inovações formais, como a fragmentação temporal e espacial, mas mantém uma referencialidade na História do México. É portanto uma obra que enuncia em si as relações entre o fantástico e o real, trazendo à tona o debate entre ficção e realidade, ou seja, as formas do Realismo. Buscando posicionar melhor esta reflexão, é preciso nos perguntar: como a ascensão de um movimento como o Realismo Fantástico se coloca na historiografia literária, na complicada relação entre literatura e mundo, ficção e história? Tais questões parecem evidenciar na obra de Rulfo um movimento de retorno dessa necessidade de ligação entre passado e presente, manifestada por um modelo literário que não é exatamente o tipo de romance histórico, enunciado por George Lukács, mas que mantém sua referencialidade histórica de forma profunda. Um dos aspectos centrais da manutenção da historicidade e da modificação do modelo é a transferência da centralidade da obra, que deixa de ser a crença no progresso, para tornar-se a experiência da derrota. O fato de tal manifestação se concretizar na América Latina, em nações cujas condições arcaicas enunciam a impossibilidade de um futuro, demonstraria a latência dessa necessidade histórica. Esta seria a força dos romances latino-americanos que apelam ao maravilhoso para conseguir refletir sobre seus futuros contaminados por seus passados? Nesse sentido, é preciso investigar como *Pedro Páramo*, uma das obras centrais do Realismo Fantástico, ao compartilhar da renovação da forma romance, mantém em si a necessidade e a busca pelo sentido histórico. O romance, em sua inovação formal, parece captar o movimento social humano em sua estrutura mais profunda, evidenciando suas características mais essenciais; ao mesmo tempo em que transcende essa homologia, ou seja, se aproxima daquilo que Lukács chamou de “romance realista”, ou seja, a obra que capta o movimento da história. Essa discussão baseia-se na necessidade de refletir sobre o papel da obra literária no mundo atual. A obra de arte, ao buscar retomar a história no momento que todos abrem mão dela, consegue ainda demonstrar que o homem pode romper com essa rede de causa e efeito? Os murmúrios e os lamentos da obra de Rulfo parecem dizer que sim. É preciso ainda ouvi-los com atenção.

A Narrativa Híbrida de *O Rastro do Jaguar*: a representação dos índios da América do Sul revisitada no romance histórico contemporâneo CÍNTIA PAULA ANDRADE DE CARVALHO (UNIME)

Mudanças conceituais ocorridas na história e na literatura promoveram um redimensionamento nos paradigmas do romance histórico clássico e contribuíram para o aparecimento do chamado "novo romance histórico" (AÍNSA, 1991; HUTCHEON, 1991; MENTON, 1993; COSSON; SCHWANTES, 2005) no século XX, especialmente, na América Latina. Considerando que em alguns romances do gênero o grau de ruptura aos modelos do século XIX varia de autor para autor, o trabalho intenta situar *O rastro do jaguar* (vencedor do Prêmio Leya 2008), de Murilo Carvalho, como uma narrativa híbrida, que combina elementos do modelo tradicional de produção literária com características do "novo romance histórico". Dentre as características de atualização do gênero estão um projeto de escritura que tanto explora constantes deslocamentos temporais e espaciais e vários planos de narração quanto revela episódios da história dos povos indígenas da América do Sul mantidos à margem na historiografia oficial relacionada à Guerra do Paraguai.

A controversa questão do distanciamento temporal na conceituação do romance histórico e em suas versões contemporâneas DONIZETH SANTOS (USP)

Uma das grandes controvérsias que há na conceituação do romance histórico e em suas versões contemporâneas (novo romance histórico, no entender de Fernando Ainsa e Seymour Menton, e metaficção historiográfica para Linda Hutcheon) é o distanciamento temporal entre o tempo de vida do autor e a ação narrada. Para a maioria dos críticos literários é necessário que a ação do romance, ou pelo menos a maior parte dela, seja centrada num tempo anterior ao período de vida do romancista. Seymour Menton, por exemplo (1993, p. 33), acredita que a distância mais apropriada é a definida por Anderson Imbert de que a história narrada deve estar situada em “uma época anterior a do romancista”, sem, no entanto, delimitar quantos anos seriam necessários antes do nascimento do escritor. Já Avrom Fleishman exclui do rol dos romances históricos todos aqueles que não estão separados do autor em, pelo menos, duas gerações, enquanto que Leslie Stephen sugere a distância de 60 anos entre o fato histórico e a publicação do livro e Alfred Tresidder Sheppard acredita que 50 anos seja um tempo conveniente. Na contramão deles estão Davi Cowart, que propõe uma definição mais flexível e ampla, não impondo regras temporais e aceitando como romance histórico toda “ficção em que o passado figura com certa importância” (apud. MENTON, *ibid.*, p. 33); Linda Hutcheon (1991), para quem não há delimitação de tempo no romance histórico pós-moderno e tanto a ação narrada pode acontecer num passado distante quanto num passado recente; e Magdalena Perkowska (2008, p. 43) que considera o critério utilizado por Seymour Menton e Anderson Imbert, um “requisito obsoleto” diante da vivência contemporânea (e pós-moderna) da história. Isso posto, e levando-se em consideração que Georg Lukács, o primeiro teórico do romance histórico, colocou Balzac no grupo dos romancistas históricos, como um dos seguidores da técnica de Walter Scott, afirmando que o romancista francês “criou um tipo superior e até então desconhecido de romance histórico” (LUKACS, *op. cit.*, p.94) que é a representação do presente como história, esta comunicação pretende refletir sobre essa controvérsia, verificando se realmente há a necessidade de que o distanciamento temporal tenha um peso maior que o diálogo com a história e sua representação na caracterização de um romance histórico (e também no novo romance histórico e na metaficção historiográfica).

Diálogos entre história e literatura: a escrita epistolar como recurso de construção do passado VANESSA GANDRA DUTRA MARTINS (UFSC)

No âmbito da discussão das relações entre literatura e história, a questão da utilização de correspondências pessoais de personagens históricos, tanto por historiadores quanto por ficcionistas de romances históricos, surge atualmente como um ponto polêmico, necessitando, portanto, de uma rediscussão sob o olhar das novas posturas epistemológicas. Amplamente utilizada como recurso de construção do passado, a correspondência pessoal constitui uma importante ferramenta no corpus de investigação de historiadores e ficcionistas, mas perde muito de sua riqueza quando usada como um documento ou fonte documental “fechada por si”, reveladora de uma “verdade ou realidade”, no sentido positivista. Este ensaio, através da abordagem da correspondência entre D. Pedro II e a condessa de Barral, propõe a rediscussão de algumas possibilidades e limites da escrita epistolar a partir das posturas epistemológicas que diluam fronteiras e em parte, relativizem a dualidade verdade/ficção, real/não-real, ciência e arte, percebendo-a como uma narrativa autoral e subjetiva, como espaço discursivo de sujeitos que fabricam e esboçam um discur-

so ficcional sobre si e sua relação consigo aos olhos do outro, privilegiando mais as impressões do que as ações, bem como as interferências de sua alma e de seu corpo do que os acontecimentos exteriores, no sentido foucaultiano, ampliando assim a sua interpretação/utilização e contribuindo para uma maior aproximação entre história e literatura.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1111

Vivendo 1988: Intersecções entre Literatura e História como Projeto Político no Caso do Bicentenário da Austrália
EDUARDO MARKS DE MARQUES (UFPel)

O continente australiano viveu, na década de 1980, um período de intensos debates sobre o papel da história e da historiografia na construção da identidade nacional graças aos preparativos das comemorações do bicentenário da colonização europeia, a acontecer em 1988. A partir desse debate, em boa parte instigado pelo governo central de orientação trabalhista -- de volta ao poder depois de quase 30 anos -- questões referentes à exclusão histórica do discurso das minorias (étnicas, de gênero e orientação sexual) na construção da história "oficial" australiana começam a surgir em historiografias "alternativas" mas, principalmente, fomentam o surgimento de dezenas de romances históricos (alguns deles encomendados pelo governo) que questionam a formação da identidade nacional australiana atingindo, assim, o público-leitor médio daquele país e, de certa forma, democratizando o debate. O presente trabalho -- uma versão extremamente reduzida de minha tese de doutorado em AUstralian Literature and Cultural History defendida na University of Queensland, em 2007 -- almeja colocar o gênero do romance histórico sob uma perspectiva diferente: aquela de um elemento político fundamental para a discussão dos pilares formativos de uma identidade nacional que é, essencialmente, multiétnica, ainda quer o discurso oficial ignorasse tal fato, e que culminou na redefinição do que se entende como história australiana. Em outras palavras: pode o romance histórico servir como veículo político de discussão histórica? E, caso afirmativo, quais os limites de tal projeto?

Ficção Histórica em tramas e traços
EUNICE DE MORAIS (UNIANDRADE)

A produção do romance histórico contemporâneo pode ser surpreendente tanto pelos novíssimos modos e estratégias da construção discursiva, quanto pela tentativa de manutenção ou de recuperação de recursos narrativos do romance histórico do século XIX. Neste sentido, a observação sobre romances históricos *Boca do inferno*, *A última quimera* e *Dias & Dias*, de Ana Miranda, surpreende pelo pastiche estilístico de cada época representada e pelo modo de apropriação do discurso da história. Apesar da semelhança aparente entre os romances, uma análise mais aprofundada poderá nos mostrar que as obras se diferenciam enquanto realização literária, no processo de construção dos elementos ficcionais e, ao que nos parece, em cada romance há graus diversos de afastamento do modelo lukácsiano, produzido no século XIX. Estão presentes nos romances recursos narrativos como paratextos, citações e outros tipos de apropriação textual que lembram ideais do romance histórico romântico (identificado aqui com a produção de Walter Scott e definido por George Lukács em *La Novela Historica*, 1937). Estes recursos, utilizados de modo diverso, revelam-se em estratégias discursivas que têm sido frequentemente encontrados em um tipo de ficção histórica denominada pós-moderna, na qual consideramos que pressupõe um deslocamento crítico do histórico. Assim, entendemos que, pelo caráter histórico, ele aspira à verificação, mas os questionamentos que apresenta através do aspecto ficcional e dos modos de apropriação textual, levam o leitor a desconfiar do discurso da história, quando propõe que toda narrativa é construída e, portanto, organizadora de verdades possíveis. Os romances de Ana Miranda tratam da vida de personagens da história da literatura brasileira, mas focalizam, em cada período, a condição política, social e cultural do país, refletida na cidade em que se encontram os poetas biografados. Com o propósito de desvendar elementos diferenciais entre estes romances e a relação dos mesmos com o modelo do século XIX, focalizamos nossas análises na relação entre os recursos narrativos utilizados, o modo de construção enunciativa e a percepção histórica demonstrada pela voz autoral, observando a eficiência e o significado da utilização destes recursos.

A dialética da colonização no Novo Romance Histórico brasileiro: *O tetraneto Del-Rei*, de Haroldo Maranhão

EDVALDO APARECIDO BERGAMO (UnB)

O trabalho tem por objetivo refletir sobre as principais características do novo romance histórico em língua portuguesa, tais como a carnavalização dos acontecimentos, a revisão do passado, a abordagem dialógica dos fatos, a descentralização dos heróis oficiais, entre outras, tendo em vista a representação de episódios do passado, por meio de uma reescrita paródica que enriquece a composição ficcional e reequaciona o discurso histórico. Esses aspectos do subgênero em questão podem ser observados em obras como *O tetraneto del-rei* (1982), do escritor paraense Harol - do Maranhão (1927-2004), que retrata, de modo irônico e sarcástico, o processo de colonização do Brasil, sob uma perspectiva picaresca ostensiva, ao enfatizar principalmente os traços anti-heróicos de um aventureiro português, comprometido às avessas com a empresa colonial lusitana, nos primórdios da ocupação do território nacional.

Nacionalidade versus cultura nos discursos da ficção e da historiografia

CHRISTIAN SCHWARTZ (UP)

Esta comunicação propõe uma aproximação teórica entre ficção e historiografia – ambas apenas versões textualizadas da história, conforme as teorias literárias e historiográficas mais recentes. O aprofundamento do tema exige, inicialmente, uma leitura cuidadosa de Linda Hutcheon e, ainda, um mergulho nos escritos sobre história de Friedrich Nietzsche e Michel Foucault. Para este último, são as práticas discursivas das ciências humanas que, em última análise, “constroem” ou “constituem” as culturas, as sociedades, a própria História. É evidente, no entanto, que alguns desses discursos prevalecem sobre outros. Posto de outra forma, via de regra é um certo “conhecimento” – que até pouco tempo atrás exigia-se fosse “científico” – o que determinará que representação ou mimese deve prevalecer, enfim, que “olhar” sobre o mundo terá hegemonia em determinada época. De uns tempos para cá, a perspectiva dominante é, sem dúvida, a da cultura. Radicalizando ainda mais essa linha de raciocínio, o processo em si de apreensão da “realidade”, especialmente do passado, só será possível, argumenta-se, se mediado sobretudo pela linguagem. Tal perspectiva, explorada anteriormente na defesa de minha dissertação de mestrado (“Ficção, história e ideologia no romance pós-moderno: uma leitura de *O Legado da Família Winshaw*”, UFPR, 2007), e agora retomada na tese de doutorado em História Social que desenvolvo na Universidade de São Paulo, será, na presente comunicação, contrastada com outras historiografias, a partir de noções como a do “ídolo das origens” e de oposições como “causas versus condições” e “gerações versus civilizações”, conforme Marc Bloch – além de menções breves a conceitos de outros dois expoentes da Escola dos Annales: Fernand Braudel (“longa duração”) e Jacques Le Goff (“história lenta” e “sentidos da história”). O que se discute, em última análise, e constitui parte importante da tese em desenvolvimento, é a validade ou não, hoje, dos discursos de nacionalidade – pela pena tanto de ficcionistas quanto de historiadores ligados às mais diversas vertentes.

História e Modernidade em *Ninho de Cobras*, de Lêdo Ivo

ADRIANA NUNES DE SOUZA (IFAL)

O trabalho realiza uma análise da obra *Ninho de cobras*, de Lêdo Ivo, sob a perspectiva da ironia romântica, numa inter-relação com a pesquisa histórica de que o romance, abertamente, faz uso. Assim, é discutida a relação entre a memória, a história, a ficção e a representação metafórica amplamente utilizada no texto; aspectos que servem à ironia romântica e seu desvendar do ficcional no romance. Para a discussão, utilizam-se as ideias de Luís Costa Lima, Antonio Candido, Hugo Friedrich, Wolfgang Iser, Sérgio Buarque de Holanda, Shelley, Irlema Chiampi e Lélia Parreira Duarte acerca da relação entre a História e a Literatura, da associação entre memória e ficção, e da questão da modernidade literária. No texto, a crítica social será também discutida e com ela o autoritarismo e a repressão ditatorial que figuram no romance ambientado na Maceió da década de 1940 – na Era Vargas – e que mantém uma convergência de tempos com o período militar.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1111

Romanceiro da Inconfidência - estudo sobre poesia e história
ADRIANA DE FÁTIMA BARBOSA ARAÚJO (UnB)

Esta comunicação dá notícia de uma pesquisa recentemente iniciada no âmbito do Grupo de Pesquisa Literatura e Modernidade Periférica da UnB. Intenciono explorar a relação dialética entre poesia e história no *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles. Nesse caminho, exploramos uma reflexão sobre o poder de representação na poesia e sobre a maneira particular com a qual o texto se insere na história do gênero a que se filia.

Escritas místicas, Narrativas ficcionais: o caso de *Rosa Maria Egípcíaca de Vera Cruz*
GISELE THIEL DELLA CRUZ (UFPR)

Tendo como ponto de partida a trajetória de vida da personagem ficcional/histórica Rosa Maria, busca-se evidenciar similitudes e/ou cruzamentos nos discursos romanesco e historiográfico, bem como, reconstituir possíveis imagens e referências da mulher no Brasil do século XVIII. Em 1763, Rosa Maria Egípcíaca de Vera Cruz (negra e escrava) foi acusada de heresia e falsa santidade. Sua história de vida foi resgatada no trabalho do pesquisador Luiz Mott - “**Rosa Egípcíaca**: uma santa africana no Brasil” (1993). Julgada pelo Tribunal da Inquisição, sua obra, **Sagra-da Teologia do Amor Divino das Almas Peregrinas**, foi parcialmente destruída. Poucas folhas e algumas cartas recolhidas revelam traços de sua atuação como beata, conselheira espiritual e fundadora de uma congregação religiosa feminina e negra, no Brasil Colonial. A prática da leitura e da escrita por uma mulher negra abriu um universo de possibilidades de atuação em uma sociedade eminentemente analfabeta, patriarcal e escravocrata. Além disso, caracteriza um movimento importantíssimo. O lugar da fala, o poder da palavra, ultrapassa o padrão social. Na década de 1990, Heloisa Maranhão lança o romance histórico **Rosa Maria Egípcíaca de Vera Cruz** (1997), revisitando/ficcionalizando a personagem histórica. Em uma narrativa descompassada, marcada pela intervenção da personagem Rosa Maria, e pela intercessão narrador-personagem/narrador-autor, os primeiros “(des)encontros entre o mundo ficcional e o mundo “real” vão sendo construídos. Entre a narrativa do encontro e o resgate histórico, quando finalmente a história – anacronicamente estrutura – ganha espaço no texto, vão se desvelando fatos-chave e personagens da História do Brasil, assim como, ganha voz a personagem marginal, mulher - a própria Rosa Maria.

Ficção e História em *Paisagem com mulher e mar ao fundo*
DANIELA APARECIDA DA COSTA (UNESP/FCLAR)

Propõe-se um estudo das relações entre fato e ficção presentes no romance *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, de 1982, da escritora portuguesa contemporânea Teolinda Gersão. Nessa obra, fatos históricos, como a ditadura salazarista, a guerra colonial, a Revolução dos Cravos e a problemática da identidade portuguesa, juntamente com os efeitos do peso da tradição cultural, são colocados em cena ao lado de um trabalho estético singular, que põe em xeque as estruturas preestabelecidas para o gênero romanesco. O intuito da comunicação a ser desenvolvida é o de mostrar que a ficcionalização dos fatos não segue o que dita o romance histórico tradicional, mas o histórico surge como uma violação da intimidade das personagens. Não é pano de fundo no romance, mas elemento responsável pelo embate do sujeito contra o mundo. Isso será explorado por meio da análise de várias passagens do romance, mostrando essa visão interiorizada das personagens frente à matéria histórica, com a consequente desconstrução de arquétipos, tão caros ao imaginário português, trata-se de uma *paisagem* em que fundo e figura se (con)fundem. No que se refere ao embasamento teórico, o trabalho tem apoio em textos consagrados sobre a obra e a autora em questão, como *O pacto primordial entre mulher e escrita*: Teolinda Gersão e a atual prosa feminina portuguesa, de Maria Heloísa Martins Dias, *Teolinda Gersão*: o processo de uma escrita, de Inês de Sousa e *O romance da resistência*, de Álvaro Cardoso Gomes, entre outros. Além desses estudos, para a análise dos aspectos da ficcionalização da história e da composição romanesca são de grande importância obras como: *Literatura e história*: o romance revolucionário de André Malraux, de Maria Teresa de Freitas, *Mitologia da saudade e Labirinto da saudade*, do ensaísta português Eduardo Lourenço, *O universo do romance* de Roland Bourneuf e Real Ouellet, *As vozes do romance*, de Oscar Tacca, entre outras obras que contribuam para a análise proposta.

Lugares da ficção e da história: linhas de força na literatura brasileira MARTANÉZIA RODRIGUES PAGANINI (UFES)

Resumo A comunicação propõe-se a apresentar um estudo acerca da força de ficção presente nos romances Canaã de Graça Aranha e Karina de Virgínia Tamanini, verificando a transposição das fronteiras entre a história e a ficção. Nesses textos, identifica-se interseções que fazem do diálogo vivo da literatura com a memória, uma reatualização e resignificação do presente. Pretende-se demonstrar a relação entre ficção e história na perspectiva da teoria e da crítica literária, examinando as fronteiras, as vinculações entre a arte de narrar e a história real, na perspectiva da teoria e da crítica literária, analisando também a questão da linguagem e da representação. Dentro dessa ótica, o objetivo dessa comunicação é levantar algumas questões acerca do uso da memória na literatura e sua importância social; intenciona-se problematizar essas representações, verificando a ficcionalidade e, ao mesmo tempo, a afirmação de uma historicidade que se dá como registro da história. Palavras-chave: História, ficção, representação

Messianismo e ficção histórica – líderes femininas EDNA DA SILVA POLESE (FARESC)

Os romances Videiras de Cristal (1990), de Luiz Antonio de Assis Brasil, e Sete léguas de paraíso (1989), de Antonio José de Moura, tematizam a atuação de duas mulheres líderes messiânicas: Jacobina Maurer e Benedita Cipriano. O movimento liderado por Jacobina Maurer, conhecido como a revolta dos Muckers, ocorreu entre 1872 e 1874, em Padre Eterno, interior do Rio Grande do Sul, no sopé do morro do Ferrabrás, hoje pertencente ao município de Sapiranga. O movimento particulariza-se por opor-se aos dogmas do luteranismo, religião da maioria dos imigrantes alemães da época. Já o movimento conhecido como República dos Anjos, fundado por Santa Dica, nascida Benedita Cipriano, ocorreu entre 1923 e 1925. A exemplo de Canudos e do Contestado, também esses movimentos foram destruídos a manu militari. A produção literária de Luiz Antonio de Assis Brasil, autor de Videiras de Cristal, é vasta e quase todos os seus títulos revisitam temas históricos e apresentam algumas características como o primeiro plano voltado para o personagem histórico, a intertextualidade com outras modalidades discursivas e o mote da metaficção. Constituída a partir do olhar de diversos personagens, Jacobina, a líder religiosa, conhecida como o Cristo feminino, é a enigmática personagem do romance Videiras de Cristal. Sete léguas de paraíso focaliza a figura Benedita Cipriano, a Santa Dica, a partir de diferentes perspectivas, como a do discurso jornalístico que, não causando surpresa, incita as autoridades locais a destruírem o mais rápido possível o reduto, pois o exemplo de Canudos, tão próximo e tão assustador, não deixara dúvidas quanto à periculosidade desse tipo de aglomeração. Enfatiza-se a perspectiva do estudo da personagem para analisar essas obras, assim como os recursos utilizados pelos escritores para essa construção. Tais perspectivas caracterizam a ficção histórica da atualidade. Para o estudo da figura do líder, na obra ficcional, utilizaremos a teoria de Auerbach. O líder messiânico procura realizar uma ação outrora anunciada. Sua imagem está vinculada à de Cristo ou vinculada a outras personagens históricas de atuação religiosa, fato que corresponde ao que Auerbach observa sobre a interpretação figural. O Messianismo, cujas origens encontram-se no Antigo Testamento, readapta-se em terras americanas e é tema recorrente na produção da ficção histórica da atualidade. Bibliografia: AUERBACH, Erich. Figura. São Paulo: Ática, 1997. BRASIL, Luiz Antonio de Assis. Videiras de Cristal. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. FERNÁNDEZ PRIETO, Célia. Historia y novela: poética de la novela histórica. (Navarra) España: Ediciones Universidad de Navarra, 2003. GALVÃO, Walnice Nogueira. A donzela-guerreira: um estudo de gênero. São Paulo: Editora SENAC, 1998. JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? Novos Estudos. CEPRAP, São Paulo, n. 77, p. 205-220, mar. 2007. MOURA, Antônio José de. Sete léguas de paraíso. São Paulo: Global, 1989. RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007. WEINHARDT, Marilene. Ficção histórica e regionalismo: estudo sobre os romances do Sul. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1111

Tio Roseno e seu cavalo: reflexões sobre o tempo histórico NAIRA NASCIMENTO (UTFPR)

A tradição do Romance Histórico assumiu-se sobre o primado da verossimilhança. Ainda que sua prática se disperse no tempo e inclua outras modalidades de expressão, o pacto do real, do qual o gênero romanesco é devedor na sua fundamentação moderna (WATT), constitui as bases da ficção histórica. Podemos dizer que o romance histórico é coetâneo ao tempo histórico. O que parece à primeira vista uma evidência pode revelar traços conceituais mais profundos. A legitimação do subgênero ficcional encontra sua origem na valorização da mudança, da superação; concepção que se fundamenta na vivência do tempo histórico linear. Sua primeira teorização por Lukács (1937) responde a tal anseio, fixando a publicação de Warveley Novels (1814) como o início desse ciclo. Que significados, então, são postos em questionamento quando a ficção histórica deixa de utilizar o tempo cronológico como medida narrativa? É o que se pretende analisar com a leitura do romance: Meu tio Roseno, A cavalo (2000), do escritor recentemente falecido Wilson Bueno.

O diálogo entre a notícia, o mito e a história nas ficções de Tomás Eloy Martinez LIDIA BEATRIZ SELMO DE FOTI (UFPR)

Neste trabalho pretende-se analisar desde o ponto de vista teórico do romance histórico, a obra de Tomás Eloy Martínez (1934-2010), especialmente os romances "El vuelo de la reina" (2002) e "Purgatório" (2008), premio Alfaguara-2002. Martínez é autor de romances historiográficos conhecidos e traducidos mundialmente, como "Santa Evita"(1995) e "O Romance de Peron"(1985); na obra de Tomás Eloy Martínez se misturam e se nutrem mutuamente a notícia, a historia, e os mitos da cultura argentina e latino americana. Em "Purgatório", seu último romance, o autor consegue através de suas personagens ficcionais e anônima, refletir e destacar fatos da história recente da argentina. A narrativa recria o clima da realidade vivida naquele país nos anos da ditadura militar e temos a sensação de que o narrador onipresente consegue preencher os vazios deixados pelas notícias da época, de três décadas posteriores e da historia oficial. En "El vuelo de la reina" o autor narra como num espelho duas ficções gêmeas e paralelas uma é um crime acontecido no Brasil, de grande repercussão à época, e outra a dum suposto crime simultâneo na capital argentina. O autor tem o intuito de desvendar as motivações mais ocultas dos crimes, ou seja, o poder despótico e egosita que domina os assassinos, e as sociedades as quais pertencem e das que são o reflexo.

O romance de José Saramago e a sua relação com a sócio-história: um resgate da poética sociológica de Bakhtin RAQUEL TRENTIN OLIVEIRA (UFMS)

Pronponho, nesta comunicação, um resgate da poética sociológica de M. Bakhtin para ler as intersecções do romance de José Saramago com a sócio-história. Nessa leitura, há uma valorização da dimensão intersubjetiva que marca a linguagem literária e da constituição do sentido como dependente da relação autor, obra, leitor. A valorização dessa dimensão comunicativa e suas possíveis implicações para o entendimento da relação da literatura com os processos socioculturais contribuem para superar o método “formalista” de ler o texto literário. Isso porque a análise do caráter social da obra transcende a análise do material verbal em si e abarca o extraverbal como constitutivo da atividade estética.

Viagem e memória: uma revisitação dos discursos históricos GISLENE TEIXEIRA COELHO (UFJF)

A obra ficcional de José Saramago apresenta-se perpassada por questões que envolvem um constante deslocamento entre ficção e história, oscilando entre o discurso histórico e o literário. Para exemplificar essa discussão, teremos como referência as duas obras do escritor português: Memorial do Convento e Viagem a Portugal, em que Saramago revisita a nação-monumento como símbolo de construção e de rememoração histórica. A palavra arquivo ganha novas conotações a partir da leitura da obra de Saramago, discutindo os ideais de organização e unicidade que elegem a uni(vo/vera)cidade como diretrizes do exercício arquivístico. As obras convidam-nos a viajar pelas arestas do arquivo, conduzindo-nos por um labiríntico corredor de pastas não-nomeadas, esquecidas, empoeiradas e escondidas. O arquivo que se constrói na leitura da obra tem na pluri(vo/vera)cidade seu ideal de arquivamento, o que se faz através do confronto entre subjeti-

vidades distintas. Viajar pelas arestas significa perturbação, oscilação, desmonumentalização. Esse espaço de poder – o arquivo – é perturbado no confronto com a alteridade, que se apresenta como um elemento fantasmagórico que está ao mesmo tempo dentro e fora do arquivo, o que suscita um sentimento de mal-estar diante de suas fraturas e resíduos, sensação nomeada por Jacques Derrida como “mal de arquivo” em seu conhecido trabalho *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Palavras-chave: arquivo, nação-monumento, desmonumentalização, pluri(vo/vera)cidade.

IDENTIDADES, ESPAÇOS, LINGUAGENS E PROCESSOS INTERCULTURAIS I

Gilvone Furtado Miguel (UFMT)

Simone Caputo Gomes (USP)

Rosana Rodrigues da Silva (UNEMAT)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 500

“Uma ponte de afetos” entre Brasil e Cabo Verde na prosa da cabo-verdiana Fátima Bettencourt

ÉRICA ANTUNES PEREIRA (USP/FAPESP)

O diálogo entre Cabo Verde e Brasil, iniciado no século XVI, vem se intensificando e abrangendo os mais diversos setores, como o cultural, o político e o econômico. Nossa apresentação pretende mapear, do ponto de vista literário, parte dessa parceria, analisando de que forma o Brasil é retratado na prosa da cabo-verdiana Fátima Bettencourt, de quem emprestamos a expressão "uma ponte de afetos", cunhada em um texto de sua autoria justamente a respeito do diálogo literário e cultural estabelecido entre os dois países. Para tanto, usaremos como estratégias de apreensão do fenômeno a intertextualidade e a relação entre literatura e cultura cabo-verdianas com signos de brasilidade que configurem um modelo de independência política e cultural.

A tradição nas modernas literaturas caboverdiana e moçambicana: uma análise de *Sangue da avó, manchando a alcatifa* e *Filho és, pai serás*

ELISANGELA APARECIDA DA ROCHA (USP/FAPESP)

Já consagrada, uma linha de interpretação sobre a modernidade busca na posição entre tradição e modernidade o caráter fundador-constitutivo desta. No entanto, aponta-nos Sueli Saraiva da Silva (2008), os conceitos de tradicional e moderno são, muitas vezes, erroneamente pautados numa leitura dualista na qual o moderno é relacionado à Europa e o tradicional a civilizações e povos ditos primitivos, isto é, tudo que é não-europeu-ocidental. Uma abordagem mais apropriada – isto é, menos excludente e simplificadora – segundo Saraiva, deveria analisar como as esferas do tradicional e do moderno estão materializadas no contexto específico de cada sociedade. No que se refere à África, afirma, “poderíamos supor que uma 'modernidade particular' se expressaria numa chave dialética entre as crenças e costumes tradicionais e as tecnologias e modos de vida moderna, processos não mutuamente excludentes.” (p. 2) Pode parecer um truismo dizer da importância dessas discussões e seus efeitos tanto sobre o campo das literaturas comparadas, grosso modo, quanto sobre os estudos de literaturas africanas mais especificamente. No entanto, ainda hoje se faz necessário esta chamada a uma leitura não redutora. Ao estudarmos as literaturas africanas de língua portuguesa observamos que esta dita “modernidade particular”, isto é, esta articulação dialética entre tradição e modernidade – se é que podemos considerá-las, tanto tradição quanto modernidade, como manifestações unívocas – é constantemente problematizada, dando ensejo a novas interpretações-sínteses, as quais, apesar de precárias, tentam fugir a um esquema de oposições binárias. Partindo de tais reflexões, escolhemos um conto, “Filho és, pai serás” da escritora caboverdiana Dina Salústio, e a crônica “Sangue da avó, manchando a alcatifa”, do escritor moçambicano Mia Couto, sobre os quais nos deteremos mais detalhadamente. Podemos dizer que, a priori, a oposição entre os valores modernos e tradicionais, presente nas duas narrativas, parte da polarização entre pares básicos, como campo/cidade, tecnologia/retorno a cultura popular, mais velhos/mais novos etc, caminhando para a desconstrução destes. Tanto na obra de Dina Salústio quanto na de Mia Couto a tradição se pauta nos valores que se referem à família, mais necessariamente às relações familiares.

Hamina e outros contos: a poética de denúncia social em Craveirinha
 AVANI SOUZA SILVA (FFLCH/USP)

Ao desvelar o estado de sub-humanidade provocado pela violência da colonização, em que um conjunto de seres marginalizados dentre mães trabalhadoras, homens e crianças sofrerão o abandono e a exploração colonial até situações-limite de doença, abandono ou de morte, Craveirinha inscreve em sua obra um teor de denúncia social. A presença marcante de elementos identitários da cultura moçambicana no espaço ficcional como o tambor, a música e a dança, mostram na poética de Craveirinha num movimento de reafirmação identitária, de defesa da cultura frente às outras culturas que interagem nos mundos culturais. (HALL, 2006). “Hamina” e “Mamma Fanisse” são contos que enfocam a opressão da mulher e da criança como protagonistas da luta frente ao poder colonial e serão analisados à luz da resistência identitária de que fala Stuart Hall.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 500

Trilhas históricas do romance em Mato Grosso – século XX
 GILVONE FURTADO MIGUEL (UFMT)

A história cultural de uma nação, região ou localidade ganha contornos quando as pesquisas priorizam a busca pelos elementos e dados que permitem o traçado de sua construção. A história da literatura tem espaço privilegiado no campo cultural, bem como integra o conjunto das tradições nacionais. No panorama brasileiro, a história da literatura compreende, também, o espaço regional e sua respectiva produção literária. Desta perspectiva, destacamos a peculiar literatura da região matogrossense, mais especificamente em relação à produção romanesca. O romance em Mato Grosso tem sido objeto de pesquisas atuais. Conclusões preliminares tem apontado para a existência esparsa de obras narrativas longas na primeira metade do século XX, mediante a inexistência desse gênero em períodos anteriores, e registra uma produção mais densa a partir do período subsequente até a atualidade. A pesquisa que ora apresentamos objetiva traçar a trajetória do romance na região de Mato Grosso, para além da existência das obras, perquirindo elementos e aspectos que permitam uma categorização orientada por critérios lingüísticos, temáticos e estruturais. Destarte, trazemos reflexões tecidas a respeito da história literária regional e suas relações com a identidade cultural de Mato Grosso.

O rumo das águas: o rio de Rosa e o Mar de Dicke
 ADRIANA LINS PRECIOSO (UNEMAT)

Alfredo Bosi (1992) reconheceu como essencial o aspecto plural da cultura brasileira, evidenciando o caráter diversificado com que o imaginário do povo formaliza suas manifestações culturais. João Guimarães Rosa delineou o sertão mineiro e o fez ganhar contornos universais, valorizando os campos gerais, as boas pastagens para o gado e as veredas de águas límpidas que alimentam a fauna e a flora deste espaço mítico. No conto “A terceira margem do rio”, que consta na obra *Primeiras Estórias* (1962), um homem opta por viver em um espaço intermediário, abandona a família e passa a viver entre as margens rio dentro de uma pequena canoa. O processo criativo que representa o espaço rural, os costumes e crenças daquele povo são projetados no decorrer da narrativa e figurativizam o cotidiano do homem rústico do sertão mineiro. O rio faz parte desse processo e habita no seio cultural de forma simbólica e pragmática. Já o conto “A proximidade do mar” de Ricardo Guilherme Dicke, pertencente à coletânea *Na margem esquerda do rio: contos do fim do século* (2002), que narra a história de Beldroaldo Seminário, homem do sertão mato-grossense, que sonha em um dia ver o mar, há a oscilação entre a vida vivida no cotidiano e a vida sonhada junto as águas salgadas do mar como marca da tessitura do discurso narrativo. O desejo pulsante de conhecer o mar, dirige as ações de Beldroaldo que por meio de um passeio metalingüístico tenta, mergulhado no sol amazônico do interior, aproximar-se do mar através da literatura, dos sons da rádio ou da narrativa oral daqueles que já o viram. Nossa proposta é investigar o elemento água enquanto ponto de intersecção entre os dois contos, por meio do exame das vias discursivas e dos atos da linguagem que operam nas fronteiras regionais do interior do Brasil; distinguindo os diferentes sertões enquanto periferias que dinamizam as características dos sistemas culturais impressos nas identidades delineadas pelos autores.

Relato de viagem: trajetória, presença e intervenções do personagem escritor e leitor Graciliano Ramos

MICHELE GIACOMET (UNIFAN)

O presente estudo tem como escopo a análise da obra *Viagem* de Graciliano Ramos, um relato de viagem de cunho memorialista. Na referida narrativa Graciliano tece observações e comentários acerca de sua visita à União Soviética. Por isso, analisaremos o caráter do relato de viagem, gênero escolhido pelo autor para expor suas impressões sobre o local visto e sobre as pessoas conhecidas, assim como para refletir sobre eles. Salientaremos também o aspecto lacunar e ambíguo resultante da intersecção dos gêneros textuais envolvidos: as memórias e o relato de viagem. Aí, o autor reflete tanto sobre o seu fazer narrativo, quanto sobre a literatura produzida na Rússia pós-revolução e, além disso, estabelece paralelos entre as duas e reafirma, de forma incisiva, seus posicionamentos. Nessa obra, contamos com a presença de um personagem escritor e leitor politizado e especializado, o próprio autor, considerado como estratégia intratextual que deflagra o processo reflexivo que, em última instância, possibilita a reflexão do leitor virtual. Evidenciaremos, ainda, em *Viagem*, a presença de outros personagens leitores, concebidos como “Contra-Modelos”, que são modelos de leitores que correspondem às expectativas da literatura planejada e que servem ao leitor ideal Graciliano Ramos como um meio de: firmar suas convicções acerca da arte e do engajamento político; refletir sobre sua conduta de leitor e, sobretudo, de criador; e, além disso, colocar em evidência os aspectos profissionais e existenciais relacionados às referidas possibilidades de criação literária. Nesse caso, o personagem leitor Graciliano Ramos, reafirmando sua função de autor, reflete e incita à reflexão.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 500

À procura de um rosto de mulher nas colunas femininas de Clarice Lispector

APARECIDA MARIA NUNES (UNIFAL)

Tudo começou com um convite. Era o ano de 1952 e Rubem Braga, em parceria com Joel Silveira e Rafael Corrêa de Oliveira, resolvem lançar um semanário político. “Comício” teria uma página feminina e o nome de Clarice Lispector é lembrado. A escritora aceita o convite de escrever a coluna, mas com uma condição: valer-se de um pseudônimo. Surge então a colunista Tereza Quadros. E assim se dá a incursão de Clarice Lispector neste ofício de publicar narrativas em forma de conselhos, receitas e segredos para um público-alvo específico: a mulher do pós-guerra que sai de casa para o mercado de trabalho. O gosto pelo interdito, pelas entrelinhas e pelos pequenos detalhes imprescindíveis para a compreensão da literatura clariciana estão também nas quase 500 colunas que a ficcionista produziu entre as décadas de 1950 e 1960, sendo ainda a Helen Palmer do “Correio da Manhã” e a Ilka Soares do “Diário da Noite”. Essa faceta de Clarice é pouco conhecida. Mas é justamente em meio às receitas de feminilidade e de como ser mulher que vamos encontrar um delicioso painel da cultura daqueles anos dourados e dos conflitos da alma feminina, sob o texto emblemático de Bernard Shaw sobre a atriz parisiense de teatro Sarah Bernhardt, como modelo de identidade para a leitora de jornal.

A criação como performance – um estudo sobre Clarice Lispector e Mia Couto

MARCIA PEREIRA DA VEIGA BUCHEB (UNESA/UFRJ)

Trata a pesquisa de considerar, nas obras *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, e *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, a criação literária como resultado de performance da leitura. Em outras palavras, por problematizarem os limites da ficção e da realidade e da relação autor/ narrador/ leitor, os autores transpõem os procedimentos metanarrativos, consubstanciando-os em metáfora ou paródia do processo de criação e leitura literária. Assim, a análise prospectiva busca compreender a relação dos componentes do par escrita/leitura, autor/leitor, sua dissolução, permutabilidade e ressignificação, seguindo os estudos de Linda Hutcheon sobre a mudança no protocolo de leitura do texto pós-moderno.

O descaso pelo masculino presente na narrativa de Teolinda Gersão – *a Árvore das Palavras*

KATIA MARLOWA BIANCHI FERREIRA PESSOA (UNIPLAC)

Este trabalho tem como objetivo mapear o descaso pelo masculino na narrativa da escritora portuguesa Teolinda Gersão - A árvore das palavras. O descaso encontra-se presente em relação à personagem Laureano "o pacato e prestativo pai". A voz de Laureano desaparece entre as vozes femininas que se alternam na narrativa: a de Gita, a filha e a de Amélia, a esposa. A primeira separa o mundo em que vive em dois conforme seus laços afetivos e suas afinidades: "E logo ali a casa se dividia em duas, A Casa Branca e A Casa Preta. A Casa Branca era a de Amélia, A Casa Preta a de Lóia. O quintal era em redor da casa preta. Eu pertencia à Casa Preta e ao quintal." Ao fazer esta afirmação, Gita revela suas referências: a mãe branca portuguesa e a empregada negra moçambicana. O pai, apesar das duas casas e praticamente sustentá-las, quase não faz parte dessas referências em que o universo feminino se impõe.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 500

A narrativa de Tereza Albues: espaço urbano e cultural LUZIA APARECIDA OLIVA DOS SANTOS (UNEMAT)

Tereza Albues tem-se destacado entre os escritores brasileiros que produzem uma narrativa permeada pela presença da tradição, seja ela cristã ou não, atualizada nos mistérios humanos e sua condição nômade, própria da pós-modernidade. Imprime o trânsito entre diferentes culturas e a presença dos centros urbanos como locais em que acontecem as intersecções culturais. Isso a impele para a construção de uma narrativa polifônica e de movimentos rápidos, como se, de fato, observasse pela janela do ônibus ou percorresse as estações de um metrô em Nova Iorque. Assim, as personagens da obra *Buquê de Línguas* (2008) resultam dos significados emergidos dos conflitos da contemporaneidade, envolvidas nas diferentes facetas estampadas no espaço urbano, pelo qual se interseccionam diversas culturas. O propósito que permeia este exercício de leitura é de compreender como as personagens e o espaço urbano se constituem a partir dos artifícios da narrativa arquitetada por meio do olhar incisivo da narradora, que capta o cotidiano humano, individual e coletivo, tanto em espaços físicos, como parques, ônibus e metrô, quanto nos espaços íntimos revelados pelo fluxo de consciência. Do conjunto da obra, destacam-se os contos: “Buquê de línguas” e “Três instantâneos na cidade maravilhosa”, nos quais esses elementos são recorrentes, expressando as relações humanas e culturais. Ao transitar entre as fronteiras do individual e coletivo, permeadas pela cultura deslocada, a autora estabelece o vínculo com “referentes de legitimidade”, no conceito formulado por Canclini (2008); e, ao deslocar seu sentido por meio da hibridez, revitaliza o narrar pós-moderno, no qual se encontra a presença de diferentes percepções.

O Japão pós-moderno: decodificação identitária na obra de Haruki Murakami MINA ISOTANI (UFPR)

Na obra *Caçando Carneiros*, do escritor nipônico Haruki Murakami, podemos delinear a reflexão de uma nova formação identitária da sociedade japonesa pós-moderna. O indivíduo busca o seu “eu real” perdido em meio ao cotidiano de imposições globalizantes e demonstra a estafa pelas regras sociais que criam barreiras estáticas na construção do sujeito. Nesse contexto, a figura de um carneiro branco, com uma estrela negra marcada na parte inferior do corpo, representa a quebra entre o existente e o “novo”. O contato com o animal proporciona clareza de pensamento e compreensão total do mundo em que vivemos. E é nesse momento, do encontro com o “outro”, que existe a abertura para a discussão quanto à formação “estrangeirizada” do povo japonês. Assim, baseada na teoria de hibridismo e identidade de Homi K. Bhabha, a presente comunicação tem o objetivo de apresentar uma breve análise das fronteiras culturais e suas implicações na construção identitária do “ser” japonês.

***Balada da infância perdida e Um táxi para Viena d’Áustria*, identidades itinerantes na narrativa de Antonio Torres ROGÉRIO GUSTAVO GONÇALVES (UNESP)**

Os romances *Balada da infância perdida* (1986) e *Um táxi para Viena d'Áustria* (1991), de Antônio Torres, permitem perceber uma cosmovisão marcada pelo choque com o cotidiano urbano, revelada pela ânsia de evasão de seus personagens-narradores – retirantes nordestinos –, ao recorrerem constantemente à memória e à imaginação como meio de refúgio, instaurando uma antinomia entre a cidade e o sertão. Optando pela narrativa psicossociológica, o escritor faz dos aspectos físicos, sociais, econômicos, políticos e culturais da cidade, em contraste com os do sertão nordestino, matéria essencial de suas tramas, estabelecendo uma interdependência profunda entre homem e espaço. Com base, principalmente, nos estudos de Rosenfeld (1985) e Eco (1971) sobre os aspectos formais do romance contemporâneo, pretendemos focalizar as particularidades da (des)organização do tempo e do espaço – categorias que se apresentam fragmentadas ou relativizadas nas duas obras – na constituição da memória e do conteúdo criado pela imaginação dos narradores-personagens, para estabelecer uma inter-relação desses aspectos com a temática abordada. Analisaremos o fato de que os personagens, inconformados com o seu tempo e espaço atuais, insistem nas possibilidades de retorno aos recantos de conforto ligados à sua origem, evocando constantemente espaços de abrigo e proteção da sua infância, equivalentes ao que Bachelard (1988) denomina espaços de “onirismo consoante”. Porém, ao mesmo tempo, reconhecem não poderem mais renunciar ao modo de vida e às possibilidades oferecidas pela cidade grande. Assim, eles oscilam entre os sentimentos de desejo e repúdio pelo ambiente urbano, de acolhimento e não-pertencimento, resultando dessa alternância entre cidade e sertão, presente e passado, a constituição de uma identidade também fragmentada e ambígua. Para desenvolvermos as reflexões sobre essa questão, recorreremos, principalmente, ao trabalho de Hall (1999) sobre a identidade cultural na pós-modernidade. O objetivo é mostrar que as instâncias da memória e do devaneio, nesses romances, por servirem-se dos mesmos procedimentos e temas, parecem revelar uma intenção do romancista em apontar criticamente a questão da crise identitária do retirante: ao rememorar a condição de menino pobre do interior do Nordeste, os personagens rememoram a condição do grupo a que pertencem, revelando o destaque dado à situação do homem deslocado de sua terra de origem e impelido a enquadrar-se ao sistema opressivo dos grandes centros urbanos, estabelecendo-se, assim, metonimicamente, o retrato do brasileiro das regiões periféricas exilado na urbanidade.

INTERMIDIALIDADES: LITERATURA, MÍDIAS E ARTES I

André Soares Vieira (UFSM)

Brunilda T. Reichmann (UFPR/UNIANDRADE)

Solange Ribeiro de Oliveira (UFMG)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 519

O salto de Alice em transposição intersemiótica e intertextual: das ilustrações de John Tenniel à releitura de Margaret Atwood
SIGRID RENAUX (UFPR/UNIANDRADE).

A obra *Through the looking glass and what Alice found there* (1871) de Lewis Carroll não foi apenas traduzida para diversos idiomas. Como objeto estético, ela também foi e continua sendo passível de recepção em várias mídias, como atestam as ilustrações de John Tenniel, encomendadas pelo próprio Carroll e, a partir de então, transposta e/ou adaptada em versões musicais, teatrais, filmicas, além de ópera e televisão, tanto isoladamente como em conjunto com *Alice's Adventures in Wonderland* (1865). Dentro deste amplo leque de opções de leituras intersemióticas, este trabalho se limita e tem como objetivo – a partir das abordagens teóricas de Claus Clüver e Walter Moser sobre transposição intersemiótica e intermedialidade e de Gérard Genette sobre intertextualidade – fazer uma leitura intersemiótica do salto de Alice, ao ela passar do mundo da realidade para dentro do mundo do espelho, como descrito por Carroll no texto-fonte e ilustrado por Tenniel; para, em seguida, também saltando sobre todas as outras transposições da obra em diversos gêneros e mídias, analisar a releitura que Margaret Atwood faz do mesmo episódio, no capítulo II de *Negotiating with the Dead: a writer on writing* (2002) – no qual discorre sobre “a duplicidade do escritor qua escritor” e “a questão de quem faz o quê no que concerne à escrita em si”. Interpretando o salto de Alice como a passagem do lado da “vida” para o lado da “arte”, a sugestão de Atwood, ao final, de que “o ato de escrever ocorre no momento em que Alice atravessa o espelho”, acrescenta uma nova dimensão – metafórica –, à leitura que faz do salto da personagem. A contraposição dessas duas artes e visões de mundo distintas – Tenniel inserido na história social, literária e artística do século XIX e Atwood na dos séculos XX e XXI – mas ambos os artistas debruçados sobre um mesmo texto, constituirá o desafio deste trabalho a fim de comprovar, uma vez mais, a infinda politextualidade do texto-fonte, e, simultaneamente, como o ato de recepção, interpretação e reação crítica, segundo Clüver, é moldado através das respectivas convenções de recepção vigentes, de atitudes ideológicas e de interferências intertextuais.

Semiose intermídia e superinterpretação: a representação de Maria, mãe de Jesus, nas adaptações de Pasolini e Zeffirelli BERNARDO RODRIGUES ESPÍNDOLA (FAP)

Pretende-se, nesta comunicação, analisar, a partir da semiótica de Charles S. Peirce, o modo como a personagem bíblica de Maria, mãe de Jesus, é representada em duas adaptações italianas dos Evangelhos do Novo Testamento: *A Paixão Segundo São Mateus*, de Pasolini, e *Jesus de Nazaré*, de Franco Zeffirelli. Para tanto, a construção da personagem nos filmes será observada sob três aspectos da semiose intermídia, que compreendem a adaptação como um processo de recriação, repetição e intertextualização do texto original, respectivamente relacionados às categorias fenomenológicas peirceanas: primeiridade, secundidade e terceiridade.

Transposição midiática do texto de Suassuna por Elza de Andrade PAULO ROBERTO PELLISSARI (UP/FACEL)

Um texto, ao ser adaptado, sofre transformações devido às exigências do novo meio em que será veiculado, uma vez que a adaptação é um processo dialógico complexo, multidirecional, que inclui conceitos de intertextualidade, intermedialidade, interculturalidade e hipertextualidade. Em se tratando de montagem teatral com base em um texto literário, o encenador não se mantém passivo ao transpor o texto para a cena. Faz uso de outras mídias, outras linguagens, na tentativa de descobrir o verdadeiro sentido do texto e transferi-lo para uma nova linguagem e um novo veículo, o que exige criatividade e originalidade do encenador para adaptar e recriar um novo produto híbrido que se movimenta em constantes retomadas e empréstimos. Este estudo se propõe a analisar a montagem da peça *A história do amor de Romeu e Julieta* levada ao palco no Rio de Janeiro em 1999 pela Confraria da Paixão, sob a direção de Elza de Andrade, a partir de um texto de Ariano Suassuna. Pretende-se ainda evidenciar de que forma tal montagem contribui com a ressignificação do(s) texto(s)-fonte(s), considerando-se que não se deve perder de vista o caminho que um texto percorreu no cruzamento das culturas, uma vez que não é suficiente removê-lo de um universo para outro.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 519

Escritas do acaso (?), ou quando os Straub lançaram os dados de Mallarmé FERNANDO DE MENDONÇA (UFPE)

Obra de ruptura da literatura moderna, o poema *Coup de Dés* escrito por Stéphane Mallarmé (1842-1898), no final do século XIX, permanece como uma incógnita sem precedentes para o domínio da expressão poética. De sua influência junto às vanguardas proliferadas no século seguinte, vários são os questionamentos por ele levantados que ainda carecem de maior discussão e repercussão, principalmente pelo alcance de códigos que excedem o literário, abarcando outros níveis e parâmetros de representação. Na vasta fortuna crítica gerada ao seu respeito, algumas vezes foram lembrados os pontos de intersecção que o poeta simbolista nutriu para com outras artes (Foucault; Derrida), pelo revolucionário entrelaçamento de significados intrínsecos a sua própria constituição de linguagem (Barthes), assim como pela relação com linguagens que transcendem o tratamento exclusivamente literário. Nesse sentido, Leyla Perrone Moisés trata sensivelmente o poema chamando-o de “partitura literária”, onde as palavras reconfiguram seu sentido conforme o tamanho e topologia tipográfica. Em 1977, o casal de cineastas Jean-Marie Straub e Danièle Huillet filmaram *Toute Révolution est un Coup de Dés*, fazendo de Mallarmé a matéria-prima de seu experimento cinematográfico. O curta-metragem apresenta, com extrema economia de meios, um grupo de nove pessoas sentadas no gramado do cemitério Père Lachaise, em Paris, recitando o poema. Dedicado aos mortos na Comuna de Paris (1871), o filme, pela intercalação de vozes, traduz para o movimento audiovisual as possibilidades do texto, fazendo com que cada orador denote uma das manipulações literárias propostas por Mallarmé. Diante disso, nossa análise pretende apropriar-se desta combinação interartística para investigar de que maneira o literário ganha configuração cinematográfica e como, especificamente, o cinema dos Straub não apenas rompe uma tradição romanesca de adaptação, redefinindo o estatuto da linguagem cinematográfica (já que toda a obra deles é prioritariamente pautada pelo diálogo intersemiótico) e, ainda, reconfigura novas possibilidades de leitura para o original de Mallarmé. A aplicação de conceitos advindos da teoria do cinema deve nortear esta pesquisa, importando desde idéias

mais gerais, como a da configuração de um cinema moderno (Deleuze), até reflexões particulares sobre os Straub que não poderiam ser descartadas. Exemplo destas encontramos no renomado crítico Serge Daney (*Cahiers du Cinéma*), em sua “pedagogia strauberiana”, assim como no teórico Jacques Aumont, pela leitura que ele faz da “cenografia lacunar” (Bonitzer) nos Straub. Da idéia de “escrita para morte” (Blanchot) aberta por Mallarmé, observaremos de que maneira o cinema também se relaciona com o morrer; como ele, a partir de uma enunciação particular, origina este túmulo do olhar (de Daney e sua “imagem-túmulo”). Se é pela linguagem estética que a morte pode ser vivida e sobrevivida, cremos que nesta (re)apropriação de vozes subsiste o maior dos desafios ao acaso, pois um feito de arte sempre é semelhante a um lance de dados.

A comparação entre as artes revisitada: das interartes às intermídias NEURIVALDO PEDROSO JUNIOR (FAP)

A correspondência das artes é um *topos* tão antigo em nossa cultura que remonta à aurora de nossa civilização. Pretendemos, nesta comunicação, por meio de uma revisão histórica, re-traçar um percurso teórico-crítico que demonstre a maneira como ocorriam as comparações entre as diversas artes. Nesse sentido, observamos que, na arena interartística, as diferentes artes empreenderam inúmeros embates com vistas a ocupar o topo da escala hierárquica, tornando-se, dessa forma, modelo a ser seguido e copiado pelas demais. Para além da tentativa de se estabelecer uma escala hierárquica interartística, hoje encontramos-nos frente a uma situação paradoxal, pois as diferentes artes voltaram-se para elas mesmas, procurando novas técnicas, metodologias, enfim, um maior conhecimento de si. Contudo, na busca do auto-conhecimento as artes acabam por apropriar-se de forma consciente ou não de materiais teóricos, metodológicos e práticas de outras artes, confirmando, dessa forma, que o conhecimento de si passa, necessariamente, pelo conhecimento do outro. Apontamos, ainda, para uma revisão da História da Arte, com vistas a indagar sobre as comparações interartística, pois, se hoje encontramos-nos diante de uma produtiva (mas, por vezes, incansável) pesquisa intermediática, que busca estabelecer a relação, não mais entre artes distintas, mas, entre mídias/médios, tal prática não pode ser considerada nova, ou recente, pois, poetas gregos clássicos já se propunham a realizar esse trabalho. Dentro dessa perspectiva, é importante atentarmos para a ampliação, ocorrida nos últimos anos, do campo de atuação dos Estudos Interartes sofrida, principalmente, em decorrência da introdução do conceito de intermedialidade, na medida em que este se refere, não apenas àquilo que tradicionalmente designamos como “artes” (Literatura, Pintura, Música, Dança, Artes Plásticas, Cinema, Teatro, Arquitetura), mas, acaba por agregar outras mídias e seus textos. Com isso, vemos figurar, lado a lado, as mídias impressas, o Cinema, a Televisão, o Rádio, o Vídeo, além das várias mídias eletrônicas e digitais.

Francisco Varnhagen, Pedro Américo e Photoshop CS5: leituras (multi)midiáticas da história GENARO OLIVEIRA (UoA)

This paper discusses the importance of the production of Brazilian national histories as written and visual narratives in the post-independence era, focusing on the close relationship and reciprocal influences between the Imperial Academy of Fine Arts (AIBA) and the Brazilian Historical and Geographical Institute (IHGB). It argues how, besides the investment in publishing books and newspapers, the production of visual historical discourses was also central to the construction of feelings of belonging throughout 19th-century Brazil. In the first part of my paper, I compare Brazilian 19th-century historical texts and images about Brazilian independence. Specifically, I compare the work *História da Independência do Brasil*, by historian Francisco Adolfo de Varnhagen, finished in 1877 but published in 1916, and the oil painting *Independência ou Morte*, 1888, by painter Pedro Américo. In the second part, I approach the theme of Brazilian independence through a multimedia method, using computer graphics and web design tools to re-interpret Américo's iconic painting.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 519

“Quantas mídias há em Marienbad?” estudo do cine-romance de Alain Robbe-Grillet MARIA ANGÉLICA AMÂNCIO SANTOS (UFMG)

O objetivo deste estudo, que se relaciona à pesquisa desenvolvida no doutorado em Literatura Comparada junto à UFMG, é o de refletir sobre o gênero híbrido cine-romance – intermediático por natureza. Para isso, analisam-se duas obras de Alain Robbe-Grillet: "L'année dernière à Marienbad" (1961) e "C'est Gradiva qui vous appelle" (2002) em suas particularidades: a primeira, publicada como roteiro cinematográfico, efetua-se em parceria com o diretor Alain Resnais – a exemplo da realizada entre o cineasta e outro expoente do Nouveau Roman, Marguerite Duras; a segunda, publicada como ciné-roman propriamente, foi o último livro de Robbe-Grillet a ser filmado, tendo-o como diretor. Além de contrapor os dois textos, buscando verificar em cada um a aplicabilidade dos conceitos de “remediação” e “adaptação”, pretende-se pensar a referência a outras mídias – como ocorre em "C'est Gradiva qui vous appelle", que tem como protagonista um pesquisador que elabora seu livro sobre o pintor Eugène Delacroix. Espera-se, ao final do ensaio, aproximar-se de uma definição do gênero cine-romance, bem como melhor situá-lo no espaço das relações intermídia.

Marafa, 40 graus: palavra e olhar sobre o rio ARIOVALDO JOSÉ VIDAL (USP)

As relações entre literatura e cinema têm quase sempre uma motivação dada pela própria obra de partida. O caso mais claro nesse sentido é o da adaptação, cujo diálogo é explícito. Entretanto, aparecem como surpreendentes determinadas aproximações em que o universo de uma obra ecoa o de outra arbitrariamente, sem que haja na origem qualquer intenção por parte dos autores. Nesse caso, a aproximação pode ser um ganho, e exigirá que as divergências entre as obras também sejam consideradas, a fim de evitar a leitura forçada. Um caso dessa natureza pode se dar entre o romance *Marafa* (1935) de Marques Rebelo, escritor carioca situado no quadro da ficção de 30, e o filme *Rio, 40 graus* (1955) de Nelson Pereira dos Santos, cineasta paulista que, em muito, antecipa com o filme o cinema que virá na década seguinte. Como a aproximação se dá pela leitura do leitor/espectador, sem que haja qualquer presença de uma obra na outra, essa leitura deve-se justificar de algum modo, ainda que com uma liberdade maior do que, por exemplo, o caso da adaptação (não menos rigorosa). Na aproximação das obras acima, o primeiro elemento de articulação é o espaço social da capital carioca (ainda ali capital do país), que conecta os episódios e determina o destino das personagens (por isso aparece implícita ou explicitamente nos títulos). Outro ponto decisivo a considerar é o modo de articulação formal das várias linhas narrativas que cada obra estabelece, criando um diálogo com a outra. Finalmente, para falar em grandes traços, a ação dramática desenhada por filme e romance, curiosamente apresentando certas identidades que, mais do que gratuitas, são fruto do universo comum vivido pelos seres de Rebelo e Nelson. Ao lado disso, surgem divergências marcantes entre os dois autores (os registros de tons por ex.), dadas no fato de uma obra pertencer à década de 30, já vivendo o clima de autoritarismo que só se agravará pouco depois, e a outra aos anos de 50, em que o trágico parece substituído por uma possível saída, o que leva também a diferentes perspectivas de seus criadores: de um lado, o ceticismo feroz do primeiro; de outro, a visada solidária (e comunista) do segundo. Terminadas tais obras, seus autores, de certo modo descontentes com o resultado, vão em busca de outra solução, saindo do romance/filme de espaço para outro, de personagem, uma personagem que domina a ação dramática: no primeiro caso, a cantora de rádio Leniza Maier do romance *A estrela sobe* (1939) de Rebelo e, no segundo, a personagem Espírito da Luz (interpretado por Grande Otelo), o compositor de sambas do filme de Nelson, *Rio, Zona Norte* (1957). Ainda aqui, nos temas e forma, os autores se encontram.

O processo na tela: Orson Welles acompanha Josef K. diante da lei KIM AMARAL BUENO (UFRGS)

A obra de Kafka despertou as mais variadas leituras e interpretações tanto pelo seu caráter quase profético em relação às atrocidades do século passado quanto pela sua capacidade de manter-se atual e de confrontar novas questões que emergem neste novo século. Tais leituras não se restringem apenas ao campo da crítica e dos estudos literários, representando também importante elemento de transcrição a partir da obra do autor de Praga: muitos foram os artistas que se valeram das questões levantadas por Kafka em seu projeto literário e com elas travaram franco diálogo, tencionando-as e lhes conferindo novas perspectivas. Dentro deste diálogo intertextual, Orson Welles aparece como importante leitor da obra de Kafka, levando à tela o romance *O processo*, em película homônima lançada em 1962. No filme, Welles filia-se a Kafka na constituição do tempo e do espaço narrativos, transpondo para o cinema o aspecto expressionista e labiríntico arquitetados na narrativa literária. O embate do protagonista com a lei e o emaranhado burocrático que encobre seu *processo* são elementos que, transpostos por Welles em novo código narrativo, lançam luz sobre o absurdo que rege a vida de Josef K. As questões que afloram da obra de Kafka, sejam aquelas que dizem respeito à condição do homem diante dos eventos-limite do século vinte, num percurso teórico traçado por Hannah Arendt, por exemplo; ou, do sujeito aprisionado pelo biopoder e pelos novos mecanismos de controle estatais, como sugere Giorgio

Agamben, potencializam-se no écran cinematográfico. Os princípios das teorias comparatistas propostas nos últimos anos, vistas, principalmente, a partir dos avanços que o emprego da Teoria da Transtextualidade de Gérard Genette (1982) aportou aos estudos literários, bem como outras formulações teóricas, as quais, refletindo no mesmo eixo temático, aplicam o princípio teórico da intertextualidade para a produção de sentido em textos literários, como as postulações de Roland Barthes (1970, 2006) e de Julia Kristeva (1969), formam o aporte teórico que sustentam a leitura das obras, literária e cinematográfica, bem como das implicações decorrentes do movimento de apropriação temática pelo hipertexto decorrente da transcrição filmica.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 519

Entre palavras e músicas: aspectos da intermedialidade na peça *Trilhas sonoras de amor perdidas*
PARAGUASSU DE FÁTIMA ROCHA (UNIANDRADE)

Este trabalho tem por objetivo analisar os recursos intermediais responsáveis pela construção de sentido na peça *Trilhas sonoras de amor perdidas* (2011), de Felipe Hirsch. O diretor, inspirado no livro de Thurston Moore, *Mix tape: the art of cassette culture* (2005), conta uma história de amor embalada por músicas gravadas em fitas cassetes. Além da música, a peça de Hirsch reúne textos pertencentes a diferentes sistemas de signos – dança, linguagem escrita e falada, iluminação e um cenário formado por objetos que remetem à carreira do protagonista e à sua vida amorosa para, através dos avanços tecnológicos (playlists), relembrar o passado junto à mulher amada.

Arnaldo Antunes: trovador multimídia
SIMONE SILVEIRA DE ALCÂNTARA (UnB)

Este trabalho analisa o projeto poético de Arnaldo Antunes a partir dos estudos de intermedialidade e dos estudos de cultura. Para tanto, apresenta-se o DVD *Ao vivo no estúdio* como síntese da performance multimídia do poeta. Evidenciam-se, nesse projeto poético, os cruzamentos entre mídias que dão suporte às categorias artísticas utilizadas pelo trovador multimídia. As mídias, portanto, são compreendidas como instrumentos fundamentais de observação da sociedade, visto que, com elas e por meio delas, os indivíduos conhecem outras possibilidades de comunicação, ou seja, surgem novas sensibilidades proporcionadas por novas tecnologias. Nessa perspectiva, além dos teóricos da intermedialidade, são fundamentais as ideias do medievalista Paul Zumthor acerca da *vocalidade* para se refletir acerca da performance de Arnaldo Antunes no contexto da Canção Popular Brasileira.

Criação de mídias sonoras como instrumento de acessibilidade a textos literários
SÍLVIA MARIA GUERRA ANASTÁCIO (UFBA) e LUCIA TEREZINHA ZANATO TURECK (UFBA/ UNIOESTE)

O objetivo do presente trabalho é articular tradução, estudo de mídias sonoras, acessibilidade e processos de criação. Essa confluência de saberes se coloca a serviço da passagem de um texto literário em língua inglesa para o português e sua transposição para o suporte audiolivro, buscando analisar a trajetória de tais processos tradutórios. O texto fonte utilizado para análise neste artigo é o conto do escritor norte-americano Ernest Hemingway, *A clean, well-lighted place*, 1926, traduzido como *Um lugar limpo e bem iluminado*, que entra para audiolivro nas modalidades de leitura interpretada e leitura “branca”. A primeira modalidade aponta para a gravação do texto literário por atores da Escola de Teatro da UFBA e focaliza-se, nesta etapa, a importância da roteirização do texto traduzido para ser gravado como uma mídia sonora. Já a segunda modalidade de gravação aponta para a utilização de um programa do Ministério da Educação, o Mec-Daisy, que dá oportunidade às pessoas com necessidades especiais de terem acesso a um texto escrito, como o texto literário que este trabalho se propõe a analisar. Faz-se necessário compreender como, ao estudar a percepção das pessoas com deficiência visual, a linguagem verbal, bem como a ativação de todos os sentidos do sujeito desempenham uma função primordial enquanto

instrumentos de mediação. Mas é especialmente através da linguagem verbal que essas pessoas conseguem internalizar, refletir, abstrair e compreender as informações acerca do mundo que as rodeia, assim apropriando-se da cultura e dos conhecimentos produzidos historicamente. Tanto a leitura interpretada como a "branca", ambas gravadas no audiolivro em questão, são capazes de ampliar as possibilidades de fruição dos seus ouvintes e o processo de criação dessa mídia é uma construção complexa que merece ser analisada. Palavras-chave: tradução; processos de criação; audiolivro; acessibilidade.

LITERATURA, CULTURA E IDENTIDADE DA/NA AMAZÔNIA

Roberto Mibielli (UFRR - Roraima)

Luciana Marino (UFAC - Acre)

Devair Fiorotti (UERR - Roraima)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 704

Literatura e leitura: espaços e leitores acreanos

HENRIQUE SILVESTRE SOARES (UFAC)

Tomada, quase sempre, como testemunho de um tempo, a literatura de expressão acreana, tem buscado registrar esse tempo. Não obstante os debates acerca dos limites e relações estabelecidas entre a ficção e a história, parece-me que, no caso específico, essa literatura evidencia uma clara intenção de registrar momentos históricos; o que, se por um lado, poderia remeter a uma preocupação meramente histórica, ou, em melhor hipótese, a uma estética realista; por outro, ao tomar a floresta, quase sempre, como a grande protagonista da narrativa ficcional, aproxima-a a uma estética naturalista. Em ambos os casos, havemos de considerar que tanto uma quanto a outra colocam a floresta amazônica num plano paradoxal: céu e inferno. Da visão idílica e utópica dos primeiros desbravadores à vivência do arigó, a Amazônia oferece as duas visões, que se concretizam, agora, nas relações estabelecidas entre patrão e empregado. Baseada nessa antítese apontada, a literatura de expressão amazônica, em especial a acreana, busca retratar os dramas e vivências do homem, em meio a um espaço inóspito, misterioso e, por vezes, utópico. Buscarei, em dois textos produzidos por acreanos, em momentos distintos, com temáticas bastante próximas, porém, desvelar representações de práticas leitoras, objetivo deste trabalho. Considero essas duas narrativas depoimentos de determinados leitores, os dois autores, considerando, evidentemente, os distanciamentos estabelecidos entre os sujeitos marcados historicamente e aqueles ins-taurados no plano das narrativas. Assim, permito-me enxergá-los, também, como elementos representativos de um determinado tempo e de um determinado lugar. Deste modo, apresentarei considerações sobre os romances *A represa*, de Océlio de Medeiros; e *Seringal*, de Miguel Jerônimo Ferrante, no que se refere às representações de práticas leitoras que, vistas na perspectiva de Roger Chartier, possibilitam a leitura de práticas instauradoras de identidades dos sujeitos representados nas obras analisadas, quais sejam os cidadãos acreanos. Nas duas obras, encontramos personagens em situação de busca: de si e de um espaço. Entretanto, o que mais se evidencia é, em primeiro lugar, a negação do espaço em que vivem, decorrência da falta de um elemento: a escola. Nos dois, os protagonistas são tangidos, a exemplo de seus antepassados, agora não pela seca resultante da falta de chuvas, mas da ausência de um bem maior, a escola que lhes possibilitaria uma fuga “desse inferno”. A escola representa, ainda, para essas personagens a possibilidade de adquirir um bem maior: a leitura, uma vez que o livro constitui-se O objeto de desejo, porém de difícil acesso. Esse bem só lhes é trazido pelo regatão, pequeno comerciante que trafega pelos rios amazônicos, que empreende suas viagens apenas nos períodos de chuvas, determinando “uma única época de leitura”, em geral de “romances”, que, embora lhes propicie a alfabetização, não é o suficiente para a “conquista da vida”. Assim, fazendo um percurso diverso do empreendido por pais e avós, esses novos acreanos saem à procura, nos centros mais desenvolvidos – Belém, Manaus e Fortaleza, da formação escolar que, nas suas perspectivas, lhes proporcionará “vida melhor”.

Esses alunos(as) de letras...: representações da leitura e da literatura na voz dos calouros de Letras – UFRR 2011.1

MIRELLA MIRANDA DE BRITO SILVA (UFRR)

Esta comunicação tem como objetivo a apresentação de resultados preliminares de um dos subprojetos vinculados ao projeto Literatura e Ensino: o cânone e a invenção escolar na Amazônia (aprovado no último edital de Ciências Humanas do CNPq), que tem como objetivo central o mapeamento do que e como se lê literatura nas escolas de ensino médio do estado de Roraima. Trata-se, especificamente, aqui, do rastreamento da história de leitura dos alunos recém ingressados no Curso de Letras da UFRR, história que reflete, de certo modo, as práticas leitoras dos estudantes secundaristas do Estado, mas com uma especificidade: trata-se, aqui, de estudantes de graduação que escolheram o curso de Letras – um curso que tem na leitura seu foco primordial, tanto como tópico teórico (nas mais variadas áreas, a leitura é um problema a ser perseguido), quanto em termos de prática – não é preciso dizer que leitores proficientes formam leitores melhores... Assim como o projeto-base, aqui também se partiu da aplicação de um questionário semi-estruturado – adaptado do questionário da pesquisa central – em que indagamos, no primeiro dia de aula de Introdução à Teoria da Literatura, questões concernentes aos hábitos e ao gosto pela leitura, além de questões relativas aos motivos que os levaram a escolher o curso de Letras. Numa segunda etapa do trabalho analisamos, ao longo da disciplina de Introdução à Teoria da Literatura, o(s) modo(s) como as práticas leitoras destes alunos repercutem em sala de aula, especialmente no que se refere à recepção crítica do texto literário. Desse modo, foi possível perceber como a formação (ou não formação) leitora dos alunos influencia na adaptação ou inadaptção do aluno ao curso de letras – especialmente dentro da cadeira de Introdução à teoria da literatura, disciplina em que a pesquisa foi realizada. As possíveis diferenças entre os alunos aqui formados e os oriundos de outros estados (uma vez que Roraima é, ainda, um importante pólo de migração dentro a região Norte), bem como as diferenças na época em que cursaram o ensino médio (considerando que as turmas, num universo de 86 alunos divididos em duas classes, contam com alunos que tem entre 17 e 56 anos) também puderam ser dimensionadas na pesquisa em questão. *O projeto Literatura e Ensino: o cânone e a invenção escolar na Amazônia é coordenado pelo Prof. Dr. Roberto Mibielli*

O Cânone e as fronteiras da/na Amazônia: influências, confluências e turbulências do trabalho com a literatura em sala de aula em Roraima ROBERTO MIBIELLI (UFRR-PPGL)

Este trabalho tem como objetivo veicular os primeiros resultados da pesquisa “Literatura e Ensino em Roraima: o cânone e a invenção escolar da Amazônia”, financiada pelo CNPq, através do Edital Ciências Humanas e Sociais Aplicadas de 2009. Mais precisamente este trabalho tem como foco a análise de algumas das questões levadas à sala de aula das Escolas de Ensino Médio Regular de algumas cidades do Estado, dentre elas a própria capital, Boa Vista. As questões que mais especificamente abordaremos neste trabalho são cinco, de um total de trinta e duas, formuladas através de questionário semi-estruturado. De modo geral, indagavam de nossos discentes: O que lêem/ gostam de ler? Que conhecimento literário têm de autores da/na amazônia? Que influências têm tido as literaturas de outros países/etnias nos textos trabalhados em sala de aula? Que tipo de literatura se lê em nossas escolas? E que tipo de trabalho se tem desenvolvido a partir destas leituras? Inicialmente, uma vez tabuladas as respostas, buscou-se, guardadas as devidas proporções, estabelecer parâmetros de comparação entre o que respondiam os alunos das cidades fronteiriças de Bonfim (fronteira com a República Cooperativista da Guiana), de Pacaraima (fronteira com a República Bolivariana da Venezuela) e alunos de outras cidades, como Caracarái (interior do Estado), Alto Alegre (município que agrega diversas comunidades indígenas) e Boa Vista (capital do Estado), no sentido de verificar se há, principalmente, influências culturais diversas, divergências no modo de ler, no uso didático que se faz dos textos canônico-escolares brasileiros. **Palavras-chave:** Literatura e Escola, Cânone, Fronteiras, Identidades Amazônicas e Influências Culturais da/na Leitura.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 704

Polifonia da e sobre uma Amazônia mato-grossense MARIA DO SOCORRO SOUSA ARAÚJO (UNEMAT)

Esta discussão tem origem numa pesquisa que trata de investigar as várias formas de ocupação dos territórios amazônicos, especialmente numa região conhecida como Médio Araguaia, entre as décadas de 1960 e 1980. Entre vários conflitos e/ou outras maneiras violentas de ocupação, a investigação enfoca a construção e patrimônio da memória, o sentimento de pertencimento à história e a celebração dos “ganhos” político-sociais obtidos por um grupo de sertanejos-ribeirinhos da cidade de Santa Terezinha, situada no nordeste do Estado de Mato Grosso. Na polifonia dos discursos que demarcaram vivências cotidianas, há um destaque especial para “os escritos” do padre francês Francisco Jaques Jentel, considerado como o “protetor” do povo e do lugar, que durante quase duas décadas conviveu com os povos indígenas Tapirapés e os ribeirinhos.

Cartografias da mitopoética amazônica: entrelugar, heterotopia e encantaria CLAUDICELIO RODRIGUES DA SILVA (UFRJ/Colégio São Vicente de Paulo)

Território da diversidade e do multiculturalismo, a Amazônia legal é plural natural e culturalmente. Abriga uma infinidade de poéticas verbais e não-verbais, polifonia que é compreendida nas lendas dos ribeirinhos, nos mitos e ritos indígenas, nas lendas urbanas, nas histórias dos pescadores litorâneos... Essa riqueza oral tem alimentado o imaginário da literatura há cinco séculos, dos cronistas do descobrimento aos poetas e romancistas da atualidade. Mas é a noção de encantaria como um entrelugar ou, no dizer de Foucault, como um espaço heterotópico, que este trabalho pretende voltar-se. A encantaria seria um espaço outro, dentro do espaço geográfico, onde habitam os seres encantados que se configuram nas rapsódias e nos ritos amazônicos como a pajelança e o tambor de mina. Entre os seres da encantaria, destaca-se Dom Sebastião, encantado ora nas areias da Ilha de Lençóis, no Maranhão, ora numa ilha do litoral do Pará. Temas que serão desenvolvidos: A ilha como ovo-cósmico. O entrelugar. Espaços do numinoso. A encantaria amazônica e o sebastianismo: rapsódias. Representações do encantado na literatura.

Poéticas afro-amazônicas: representações das mães pretas JOSEBEL AKEL FARES (UEPA)

Esta comunicação pretende trazer algumas representações da mãe preta produzidas por autores da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica. O tema surge no Brasil colonial e as mães pretas são reconhecidas não só por cuidar e amamentar os filhos da “nobreza”, mas também pela sua habilidade de contadora de histórias, de griô. Estas personagens, recorrentes na nossa literatura, aparecem em textos orais e escritos. Apresentamos três escritores paraenses, autores de poemas, contos e romances. Em “Serões de Mãe Preta (contos para criança, adotado nas escolas primárias)”, Juvenal Tavares (Cametá-1850/Soure-1907), explica que no Pará e Amazonas, a mãe preta, tipo legendário criado na escravatura, é uma mulata velha, séria e bondosa, que tinha a grave incumbência de criar todos os meninos da Sinhará. Como forma de educar as crianças, a narradora apresenta os contos da mãe preta, um repertório de fábulas e outras formas narrativas. Em “Batuque”, livro de poemas de temas afro de Bruno de Menezes (1893-Belém / 1963- Manaus), a personagem aparece referendada e no poema Mãe Preta, uma das páginas mais líricas do poeta, ela é reconhecida como importante personalidade na formação da nação brasileira: Tua bênção, Mãe Preta! Dos dez romances do Ciclo do Extremo Norte de Dalcídio Jurandir (Vila de Ponta de Pedras/Marajó – 1909/ Rio de Janeiro 1979), a figura de Dona Amélia, aparece no núcleo pobre e negro, é a mãe preta de Alfredo, protagonista de 09 livros: "era uma pretinha de Mu-aná, neta de escrava, dançadeira de coco, de isquetes das ilhas, cortando seringa, andando pelo Bagre, perna tuíra, apanhando açaí, gapuiando, atirada ao trabalho como um homem". A luta pela vida a faz realizar seu maior sonho, e o de Alfredo também: ver o filho estudando em Belém. Esta análise se deterá especialmente nos romances “Chove nos campos de Cachoeira” e “Belém do Grão Pará” Assim, a comunicação será apresentada por meio de poemas, excertos dos textos em prosa, imagens e procurará apontar aspectos que apontem à construção de paisagens, territórios, tempos, em síntese, a cultura na Amazônia brasileira.

Entre a literatura canônica e uma narrativa tradicional indígena: Uma análise da *Lenda do Timbó*, narrada por Clemente Flores, Taurepang de Roraima DEVAIR A. FIOROTTI (UERR/UFRR-PPGL)

Este trabalho objetiva analisar a construção da narrativa oral da Lenda do Timbó, contada por Clemente Flores, índio Taurepang, da Comunidade Sorocaima I, da Terra Indígena São Marcos, Roraima, Brasil. Tal narrativa fala, de forma engenhosa, de como surgiu a planta timbó, utilizada para pescar, envenenando peixes. Mas que preocupado com o enredo, o presente estudo identifica e analisa como o narrador constrói seu imbricamento narrativo, aproximando-se de narradores canônicos da literatura nacional e universal. O método de coleta origina-se da História Oral e de análise baseia-se principalmente na Literatura Comparada e na Teoria da Narrativa. Esse trabalho inclui-se dentro do projeto de pesquisa: Narrativa Oral Indígena: registro e análise na Terra Indígena São Marcos, financiado pelo CNPQ e pela UERR, cujo coordenador é este autor.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 704

Reflexões sobre a obra de Milton Hatoum: O umbigo do Sonho e a angústia da verdade em um autor da amazônia

ALCINDO MIGUEL MARTINS FILHO (Centro Brasileiro de Educação, Saúde e Cultura)

Pretendemos com este trabalho explorar o conjunto da escrita romanesca do autor amazonense Milton Hatoum, tendo como foco para nossa leitura, seu romance de partida *Relato de um Certo Oriente*. Nosso esforço de leitura refletirá inicialmente sobre alocalização significativa deste romance dentro do conjunto de sua obra, de modo a expor um referencial organizador, que cremos estar centrado no lugar de sentido de uma figura materna relavante, e para tanto, iremos lançar mão do conceito de *função materna* conforme nos ilustra quando lê e reflete sobre Melanie Klein, Julia Kristeva, e também da definição freudiana de *umbigo do sonho*. Em um segundo momento, através de uma análise contextual que estabelece o romenca como uma escrita de natureza *eufórica*, iremos afirmar que este é propriamente amazônico, expressionista, e um foco narrativo que busca inserir, demarcar, incluir, a diversidade constitucional amazônica em uma realidade política e cultural de pátria, de Brasil, de paisagem efetivamente brasileira. Nosso esforço de leitura será organizado através de referências a Psdicanálise e autores tais como Mikhail Bakhtin, Edward Said, Dominique Mangueneau, entre outros.

Identidade híbrida tapuia em “Voluntário” (1893), de Inglês de Souza (1853-1918)

DENISE ROCHA (UNITINS)

Os tapuias, paraenses descendentes de indígenas, eram considerados periféricos no Pará e no Brasil, no entanto, eles foram lembrados para atuarem, como soldados na Guerra do Paraguai (1864-1870), o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul: embate militar entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, constituída pelo Brasil, Argentina e Uruguai. O tema do recrutamento forçado de tapuias, para o batalhão de Voluntários da Pátria, está presente no conto Voluntário (1893), de autoria de Inglês de Souza (1853-1918). O jovem Pedro foi “caçado”, embora fosse pescador e filho único de viúva e, portanto, isento do alistamento, conforme as Instruções de 1822. O escritor paraense denuncia o desrespeito à lei e, a repentina e oportunista inclusão de esquecidos, como os tapuias, no patamar de cidadãos brasileiros com direitos e deveres (identidade híbrida; Bhabha).

Cidade de floresta e papel: Rio Branco no romance *A Represa*, de Océlio de Medeiros

LUCIANA MARINO NASCIMENTO (UFAC-PPGL)

Colocando em contraposição, os discursos histórico e literário, neste trabalho, objetiva-se um estudo da representação da cidade de Rio Branco de fins da década de 30/início da década de 40, época das primeiras transformações na paisagem urbana acreana, com a decadência da atividade extrativista da borracha. Na obra, seu autor, descreve a sociedade de Rio Branco com seus vícios e destemperos, sob a alcunha de “igapó de almas”.

O escritor e/ou intelectual da mídia: a teledramaturga Glória Perez na minissérie *Amazônia: de Galvez a Chico Mendes*

MARIA DE NAZARÉ CAVALCANTE DE SOUSA (UFSC)

Frente às incertezas da sociedade contemporânea, situação em que a explosão midiática e a globalização econômica e cultural definem, virtualmente, o espaço, o tempo e a inserção humana nesse novo cenário, acadêmicos, críticos e jornalistas buscam entender a condição hoje dos intelectuais, artistas e escritores, sujeitos que, historicamente, são conhecidos como geradores e agentes de transformação social, de denúncias e de ações políticas contra injustiças. Por caber a esse sujeito público a opção de sobrevida neste cenário, o presente artigo buscará, a partir de leitura

ra de Eduardo Novaes, Julien Benda, Edward Said, Jesus Martin-Barbero e Marilena Chauí, entre outros, entender o espaço assumido, na contemporaneidade, pelo escritor e/ou intelectual, elegendo, no caso, a escritora Glória Perez, roteirista de ficção televisiva, como sujeito de reflexão dessa realidade por que passam tais atores sociais no Brasil na primeira década do século XXI, buscando pensar, além de outras criações televisivas da escritora, refletir, mais especificamente, sobre a minissérie *Amazônia: De Galvez a Chico Mendes*, o seu o processo de criação e os caminhos trilhados pela escritora na construção/reprodução do imaginário amazônico para um meio de comunicação de massa, a televisão, instrumento de grande inserção no imaginário latino-americano.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 704

O rio que eu sou: identidade e imaginá(rio) amazônico IVONE DOS SANTOS VELOSO (UFPA)

O rio está em toda parte e tem uma efetiva participação na paisagem, na história e no imaginário da Amazônia, o que justifica a relação com a identidade da região. Entretanto, não creio que a identidade amazônica, seja algo dado, a-histórico, homogêneo, uma identidade raiz única (GLISSANT:1996), constituindo-se numa essência tipicamente amazônica, nem tão pouco que a construção identitária que mantém sua relação com o rio se paute apenas na imagem do homem ribeirinho como a visão tradicional e colonialista quis firmar. Afinal, crer numa identidade exclusiva, unilateral, coerente e constante é uma ilusão, principalmente, quando se pensa isso em um contexto colonizado por diversos povos (portugueses, franceses, holandeses, africanos, italianos, japoneses) que deixaram suas marcas impressas na cultura e, por conseguinte, no homem. Assim, acredito que a própria imagem dos rios amazônicos pode estruturar outras representações que, por sua vez, podem nos dizer que a identidade amazônica é heterogênea, facetada, múltipla, uma identidade rizomática que vai ao encontro de outras raízes (GLISSANT:1996). Nesse sentido, parto da ideia que a identidade amazônica pode ser entendida como uma identidade territorial (HAESBAERT:1999), isto é, aquela cuja alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto no concreto, é um dos aspectos basilares para a sua construção, de modo que a identidade se torna uma identidade territorial quanto o referente simbólico central para a estruturação dessa identidade parte ou transpassa o território. Para discutir tais questões, na comunicação ora proposta, me reporto aos poemas *Rasuras* e *Viagem* do poeta paraense Max Martins, que, a meu ver, podem ser lidos como representações dessa relação significativa entre o rio e o sujeito amazônico.

A Amazônia em *Relato de um certo oriente*, de Milton Hatoum LINDALVA ALBUQUERQUE (UNB)

Diversos autores têm-se empenhado na análise do espaço amazônico e têm sido uniformes em registrar o predomínio de uma visão paradigmática nas representações literárias daquele espaço, também visto como um dos últimos e grandiosos refúgios do exotismo e do mistério de culturas humanas pré-históricas, de vestígios não-monumentais no país e no mundo, uma terra sem história, legada ao esquecimento. Há cerca de 20 anos, Antonio Candido já assinalava o fascínio que aquela região sempre exerceu sobre os escritores que registraram a voracidade de uma natureza rudimentar. Um dos poucos exemplos da atenção às condições de vida do homem na Amazônia registrou-se no romance *A Selva*, de Ferreira de Castro (1930), que relata a situação escrava do trabalho nos seringais acreanos, sendo, portanto, raras as obras voltadas para a realidade social daquela região. Euclides da Cunha (1995) chamou atenção para a brutalidade e marginalidade predominante no espaço em *Terra sem História* (Amazônia). Essa imagem ainda está presente na narrativa de ficção brasileira recente, como se observa na obra de Milton Hatoum que, embora venha construindo uma prosa realista que busca afastar-se do padrão literário predominante para a região – *Dois Irmãos*, *Relatos de um certo Oriente* e *Cinzas do Norte* –, paradoxalmente, preserva vestígios do exotismo, aspecto esse que, de alguma forma, tanto promove sua recepção nacional e internacional, quanto também se constituem em ponto essencial para a representação do caráter universal dessas narrativas. Buscaremos o objeto estético representativo do deslocamento das visões predominantes sobre a região, a partir da obra *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, atentos à imagem de lugar distante, de natureza selvagem, reserva de água para o planeta, área rica em minérios, enfim, de uma terra sem história sobre a qual predomina um paradigma revelador da aparente preocupação com os aspectos naturais que deixou quase esquecida a vida humana naquele lugar. Nesta obra tem-se uma representação que presentifica na literatura contemporânea o espaço amazônico, oferecendo uma mostra da diversidade cultural representada pelas personagens, os figurantes, e seus dramas pessoais, como também a criação estética de uma realidade local que é também global, universal. Além da temática e da trama, destacaremos as personagens estrangeiras - tanto na acepção dicionarizada da palavra (indivíduo de nacio-

nalidade diversa daquela onde se encontra), quanto no entendimento de pessoa diferente - em suas relações na condição de imigrantes árabes, e seus descendentes, com o homem nativo, a partir das personagens Emilie, imigrante que representa a elite brasileira, e Anastácia Socorro, a empregada doméstica, de origem índia, representante da classe social subalterna, ambas identificadas na solidão e sofrimento, pelo afastamento de seus povos o que as coloca na idêntica condição de estrangeiras.

De cidades imaginárias a cidades flutuantes: imagens de Manaus em *Relato de um certo oriente*, de Milton Hatoum
MOAMA LORENA LACERDA MARQUES (Instituto Federal do Rio Grande do Norte/UFPB)

Dentre as características que marcam a obra do autor amazonense Milton Hatoum, podemos destacar a força com que, nelas, a categoria do espaço emerge; tanto o espaço íntimo da casa familiar, quanto o de Manaus – cidade em que a narrativa hatouniana costuma ser construída. É justamente sobre a representação dessa cidade em "Relato de um certo Oriente", primeiro romance do referido autor, que nosso trabalho se debruça; uma cidade que aparece pluralizada, vista sob distintos ângulos: é a cidade imaginária da infância da narradora, a cidade fotografada pelas lentes do personagem do alemão Dorner, a cidade que enterra seus mortos, a cidade flutuante das palafitas, a cidade ora irmã da outra cidade que é a morada da narradora: São Paulo, a cidade “da solidão e da loucura”. Indo mais além, nos propomos a relacionar, sempre que possível, o espaço urbano a temáticas relativas à modernidades, como a morte - e suas variantes (detritos, dejetos, restos) - e a presença de personagens que se aproximam da figura do flâneur. Em termos de fundamentação teórica, nos pautaremos nos estudos de Walter Benjamin, Gaston Bachelard, Ricardo Guillón, entre outros.

Imaginário na literatura caribenha e na Amazônia: possíveis aproximações
MARIA HELENA VALENTIM DUCA OYAMA (UFRR)

Esta comunicação está diretamente ligada à linha de pesquisa Literatura do Caribe e imaginário, vinculada ao Grupo de Estudos Literários Comparados, Cultura e Ensino de Literatura da UFRR. Numa perspectiva bem ampla, o grupo tem como objetivo “estudar a Literatura caribenha nativa, anglófona, francófona e hispânica, tanto insular quanto continental em perspectiva cultural, histórica e do ponto de vista de sua produção teórica”. Assim, nossa comunicação pretende discutir aspectos teóricos que envolvem o imaginário caribenho a partir da noção de criouliização, elaborada pelo ensaísta, poeta e romancista martinicano Édouard Glissant. A noção de criouliização nos convida a valorizar a diversidade poética viabilizando o comparatismo literário entre o Caribe e a Amazônia brasileira, colombiana e Venezuela.

LITERATURA E DRAMATURGIA ENTRE O PALCO E A ACADEMIA

Suzi Frankl Sperber (UNICAMP)
Sandra Amélia Luna Cirne de Azevedo (UFPB)
Renato Ferracini (UNICAMP-LUME)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 404

Incesto ao volante: trauma, tradição e transgressão na dramaturgia de Paula Vogel
SANDRA AMÉLIA LUNA CIRNE DE AZEVEDO

Lições de direção. Ponto morto. Mãos treinadas na guerra percorrem delicadamente o corpo da criança sentada ao volante sobre o colo do tio neurótico. À partida, mais uma menina molestada por um patife sem escrúpulos. No drama de Paula Vogel, *How I learned to drive* (1997), um freio no senso comum para ilustrar as sutilezas e as complexidades da condição humana, o inesca-pável conflito entre o desejo e a lei, as pulsões do inconsciente, os traumas de infância, as patologias nas relações familiares, as pressões das instituições sociais, as carências de afeto e de sen-tido e a tentativa desenfreada de perder-se rumo à salvação. E o antigo tabu, em eterno retorno, passado que não quer passar, toma seu lugar ao volante, e avança, do trauma à transgressão, da culpa à auto-punição, direção para a morte. Enquanto o próprio drama reencena ousadamente a tradição, buscamos, sob perspectivas teóricas, parâmetros de construção textual que engendram essa desconstrução do sentido mesmo do tabu do incesto, o complexo processo de caracterização dos protagonistas conferindo à ação uma potência que a desvia do moralismo e da justiça poé-tica para conduzir-nos a um desfecho singularmente trágico. Beco sem saída. Fim de linha.

A dramaturgia no limiar

LUCIA VIEIRA SANDER

A partir de um breve exame da posição fronteiriça dos estudos de dramaturgia no mapa vigente das disciplinas, o trabalho aponta para os sinais de desgaste na geografia disciplinar estabelecida e para os indícios de que um remapeamento das áreas do saber pode já ter iniciado o seu curso. Considerando que este é um período de transição entre diferentes formas de fatiar o conheci-mento, o trabalho passa a examinar a posição duplamente liminar em que se encontram os estudos de dramaturgia: na interseção de disciplinas da estrutura ainda em vigor e no portal de uma redefinição das áreas do conhecimento. Tendo em vista que a liminaridade cria um espaço fértil para a experimentação e para a criação, o trabalho volta-se para a descrição de uma experiência inovadora que propõe uma alternativa para a prática da crítica da literatura e do teatro através do recurso à dramaturgia como forma de expressão. A "crítica em performance", que vem sendo testada há alguns anos, já comprovou o seu potencial para despertar ou renovar o interesse pela dramaturgia como objeto de estudo e como alternativa à escrita crítica convencional. Assim como a dramaturgia de que faz uso, a "crítica em performance" situa-se no limiar entre o teatro e a crítica, frente a um desconhecido a que só se tem acesso a partir do limiar, essa terra em trase e em trânsito, esse intervalo onde tudo pode acontecer. "Nós não temos que nos prender aos moldes que nos impõem [...] Lá fora está tudo o que não foi tocado - está a vida que espera." Susan Glaspell, *O Limiar* (1921)

Fantasmas no universo literário inglês: complexidades dramáticas e teológicas na Inglaterra do século XVI

RÉGIS AUGUSTUS BARS CLOSEL

Geralmente se relaciona muitos eventos do drama elisabetano ao período dramático precedente de maior impacto, cujo conhecimento chegou até os nossos dias, isto é, as tragédias e comédias latinas. O tragediógrafo Lucius Annaeus Sêneca é visto como o grande responsável por elementos temáticos, estilísticos e estruturais das tragédias de Thomas Kyd, Christopher Marlowe e William Shakespeare. Contudo, ao recorrer apenas à tradição trágica, todos os elementos desenvolvidos nos muitos séculos que os separam dos latinos e a própria época em que os dramas do século XVI inglês foram escritos são deixados de lado. Esta camada compõe diversas outras tradições que se mesclam para formar o drama elisabetano. Durante o século XX, esta discussão frequentemente oscilou entre a tradição trágica e a chamada "Influência de Sêneca" e a menos comum e conhecida defesa das tradições nativas que tentavam remover qualquer relação entre o dramaturgo latino e as grandes obras como *Hamlet*, *Richard III*, de Shakespeare e *The Spanish Tragedy*, de Thomas Kyd, entre outras. A leitura crítica e histórica dessas obras mediada por uma leitura das tradições populares e outras obras importantes inglesas ou traduções de outros latinos, como Virgílio e Ovídio, no século XVI, aponta mais para uma fusão de tendências, não cabendo optar por um lado ou outro da discussão. Entre os elementos geralmente levantados, encontram-se: o verso branco, a divisão em cinco atos, a esticomítia, o fantasma e o tirano. O elemento comum mais intrigante a ambas as formas, que se prestou para reconhecer ou não a influência de Sêneca nesse período, aponta para o tratamento dado ao sobrenatural, em especial ao uso de fantasmas como personagens. Tal recurso dramático encontra-se, na tradição trágica, desde Ésquilo. Na Inglaterra, a partir de obras que seguiam o estilo *De Casibus Virorum Illustrium* (1355-60), de Giovanni Boccaccio, surge uma obra coletiva, *The Mirror for Magistrates* (1559), na qual a biografia é narrada pelo seu próprio fantasma a um grupo de interlocutores que avaliam sua queda. Este tipo de leitura funde-se ao gênero trágico. Durante e depois da época em que Sêneca foi traduzido, em Londres, aparecem as primeiras tragédias inglesas, como *Gorboduc* (1561), *Gismond of Salerne* (1567-9), *Cambyyses* (1569), *Misfortunes of Arthur* (1588) e *Locrine* (1586-94?). Deste grupo reduzido, o fantasma faz parte de diversos enredos. Cronologicamen-te, seu papel dentro da tragédia desloca-se da total observação e comentário sobre a ação, passando, gradualmente, das pequenas intervenções em sonhos e aparições para os outros, até ganhar

objetividade e presença marcante como no *Hamlet*. No plano filosófico e teológico, havia, desde a Reforma Protestante, muita discussão sobre fantasmas, em especial pela falta de acordo entre Católicos e Protestantes sobre a existência do Purgatório e os muitos relatos de aparições. Há ainda o elemento popular que, antes da Reforma, o associava como um sinal de morte próxima ou um pedido por orações e doações. O ser que surge do além clamando vingança é posterior e caro à tragédia elisabetana, algo que tem em seu passado todas essas tradições mescladas e adaptadas. Instituição de Fomento: CNPQ

Teatro inglês seiscentista posterior a Shakespeare

RENATO LOPES

Ausente dos palcos e praticamente desconsiderados pelos estudos acadêmicos brasileiros, o teatro posterior a Shakespeare, jacobino e carolino, tende a permanecer à sombra do grande nome que o antecede. Nomes como John Webster, autor de *The Duchess of Malfi*, e John Ford, de *'Tis Pity She's a Whore*, são quando muito citações em referências superficiais ao teatro seiscentista. No entanto, tal teatro e autores são fontes tanto de significativos estudos quanto de celebradas encenações nos países de língua inglesa. A revalorização desse teatro, uma retomada após a sua época, se deveu inicialmente a considerações de românticos (como do literato Charles Lamb), que os identificavam como precursores da exibição de paixões impactantes. Já no início do século XX, a voz influente de T. S. Eliot analisa a obra de jacobinos e carolinos para defendê-los (em ensaios reunidos em *The Sacred Wood*) de tradicionais leituras moralistas; dedica-lhes, ainda, poemas via intertextualidade ou mesmo referências diretas (“Whispers of Immortality”: Webster was much possessed by death/ And saw the skull beneath the skin). No Brasil, uma das poucas análises feitas sobre o tópico encontra-se, como não podia deixar de ser, na História da literatura ocidental, de Otto Maria Carpeaux, onde discorre sobre “visões infernais do pessimismo cósmico”, ao caracterizar Webster e Ford, e aponta o intenso lirismo “noturno e fúnebre” de sua irregular dramaturgia (a reforçar a apreciação recorrente de críticos sobre esses representantes do teatro seiscentista, profundamente lírico e excêntrico). Relevantes aspectos líricos e cênicos, vistos como prenunciador de “modernidades” ou tipicamente “barroco”, foram revisitados por diferentes contemporâneos, românticos, new critics, pós-feministas, mas estão relegados à cultura anglo-saxônica. Pelas ricas possibilidades oferecidas por todo esse teatro, aqui representado por Webster e Ford, propõe-se a sua (re)apresentação e o levantamento de tópicos de interesse ao tema geral do simpósio.

De Oskar Kokoschka a Heiner Müller: de um expressionismo a outro

LEONARDO MUNK

Por meio de um estudo comparativo entre um texto do autor alemão Heiner Müller, *Medeamaterial*, escrito na década de 1980, e o experimento cênico *Assassino, esperança das mulheres*, do pintor e escritor austríaco Oskar Kokoschka, proponho, em um primeiro movimento, comprovar a permanência e relevância do que se poderia chamar de “sensibilidade expressionista” na obra de um dos mais relevantes dramaturgos de língua alemã da segunda metade do século XX, e, em um segundo movimento, investigar, nos âmbitos da teoria e da encenação teatral, em que medida questões levantadas pelo hoje chamado “teatro pós-dramático” já não haviam sido postas em cena anteriormente por artistas pertencentes ao expressionismo alemão. Trata-se de um olhar sobre o cenário teatral berlinense dos primeiros anos do século XX tendo como foco o caminho percorrido pelo expressionismo alemão até a imposição do realismo socialista pela então República Democrática Alemã, e como tal percurso parece ter se invertido nas últimas décadas do século passado, refletindo com isso as mudanças políticas e estéticas decorrentes do fim do socialismo real e do impacto da lógica capitalista.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 404

A dramaturgia garrettina: o presente revisto pelo passado

EDSON SANTOS SILVA

sABE-SE QUE GARRETT RENOVOU A CENA TEATRAL PORTUGUESA NO SÉCULO XIX.O FUNDADOR DO ROMANTISMO EM PORTUGAL PENSOU O TEATRO COMO MEIO CIVILIZADOR E POR MEIO DELE INTENTOU REVISITAR O PASSADO COM O FITO DE COMPREENDER O PRESENTE.NESTE DIAPASÃO A ALEGORIA SERÁ UM ELEMENTO DE SUMA IMPORTÂNCIA PARA SE ENTERDER COMO SE DÁ A RELAÇÃO ENTRE PASSADO E PASSADO NO TEATRO DE GARRETT.

A criação do teatro nacional? – Alencar, Machado e a cena dramatúrgica brasileira JORGE LUIZ MARQUES DE MORAES

O trabalho em questão reflete sobre a concepção dramatúrgica de intelectuais brasileiras capitaneada por José de Alencar e Machado de Assis, que, por volta de 1850, tencionou forjar, nos palcos nacionais, uma concepção inovadora para a dramaturgia da época, a saber, o Realismo teatral - um misto de reflexões morais e reprodução dos problemas sociais. A ascensão e queda dos "dramas de casaca", a polêmica com o teatro romântico, as soluções cênicas do teatro realista e os possíveis legados deixados por esta geração são algumas das temáticas a serem abordadas e discutidas.

Bernardo Santareno entre o trágico e o épico LUCIANE DOS SANTOS

O presente artigo, parte da ideia de que seja na forma, seja no tema, ou em qualquer outro aspecto, as diferenças na dramaturgia (teatral) vão acontecer juntamente com a mudança cultural de um povo. Transformações que ocorrem para melhor satisfazer e alcançar o objetivo dessa arte. Não diferente disso, a crise do drama moderno, ocorreu devido à necessidade de acompanhar variações sociais e/ou culturais ocorridas naquele tempo, alterações as quais, acompanham parte da atualidade teatral. Destarte, a partir do estudo do drama moderno, explicitado principalmente por Peter Szondi, tem-se o objetivo de expor esteticamente duas peças de Antônio Martinho do Rosário. Conhecido pelo pseudônimo Bernardo Santareno, dramaturgo português do século XX, militante de esquerda, membro do Conselho Diretivo da Sociedade Portuguesa de Autores e fundador do M.U.T.I. (Movimento Unitário de Trabalhadores Intelectuais), dedicou-se a reestruturar em Portugal a atividade teatral. Escritor sempre descontente e/ou insistente opositor ao regime salazarista, suas peças eram quase sempre censuradas, sendo então, proibidas as respectivas apresentações em palco. Portanto, o autor voltava-se ao leitor, - motivo de tê-las escrito com as extensas falas (dos personagens) as quais trazem longas narrativas, mais apropriadas à leitura do que à encenação. Dessa forma, o dramaturgo distingue sua obra entre as estirpes do drama “aristotélico” e do épico “brechtiniano”, apresentadas aqui, respectivamente pela obra A Promessa (1957) e Escritor, Português, 45 Anos de Idade (1974). Palavras- chaves: Bernardo Santareno; teatro trágico; teatro épico

Silva Abranches: o cativo da academia e da dramaturgia FERNANDA VERDASCA BOTTON e FLAVIO FELICIO BOTTON

No ano de 1840, ocorreu em Portugal o Primeiro Concurso do Real Conservatório de Lisboa. Tendo como objetivo ser um elo de uma cadeia de regeneração para a arte dramática em terras lusitanas, o evento premiou quatro peças, dentre elas, **O Cativo de Fez**, de Antônio Joaquim da Silva Abranches. Os palcos portugueses estavam então tomados pelos melodramas e Almeida Garrett, Inspetor-geral dos teatros e espetáculos, designava as peças desse gênero como “enfermidades francesas”. Assim como Garrett, os demais membros do júri viam os textos melodramáticos como de qualidade inferior e almejavam criar um repertório nacional composto de dramas históricos que fossem capazes de civilizar a nação. Com temática histórica, a peça de Abranches agradou a academia. Contudo, se os acadêmicos a designaram como drama, vários clichês permitem que a classifiquemos como melodrama. Construindo uma análise interpretativa de O cativo de Fez, a presente comunicação pretende não só apontar o hibridismo de gênero existente nessa peça, mas também revelar as qualidades que fizeram Abranches optar por um gênero tão discutido como o melodrama.

Aspectos da tragédia moderna na dramaturgia de Jorge Andrade ROSEMARI BENDLIN CALZAVARA

A dramaturgia de Jorge Andrade dentro da sua plenitude humana nos mostra que a arte dramática é uma criação plena de possibilidades reais e, ao mesmo tempo, é uma utopia concreta que existe no horizonte de toda a realidade. Consciente de que reis e heróis importantes já não são a melhor opção para temas históricos, da forma que anteriormente foram concebidos, e que as preocupações contemporâneas recaem mais sobre as questões sociais, o dramaturgo abordou nas peças *O Sumidouro*, *Pedreira das Almas* e *As Confrarias*, exatamente as questões políticas do Brasil colônia que, de alguma maneira, interferiram nas questões pertinentes ao homem: inclusão ou exclusão social. Nas três peças constatamos que Jorge Andrade serviu-se de aportes trágicos para mostrar uma nova sociedade. Nesta trilogia vemos a expressão do inevitável sofrimento humano, considerado à luz da tragédia moderna. Os fracassos e as tristezas entrelaçados nas relações sociais. Sua piedade será "por nosso destino comum", seu terror "gerado pelo receio de ferir o irmão ou de lhe violar a vontade", sua reconciliação - um profundo senso de comunidade e do sofrimento humano.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 404

Por uma potente dramaturgia microscópica RENATO FERRACINI

Esse texto busca propor uma dramaturgia como textura para além de uma dramaturgia como tessitura e refletir sobre uma possível microscopia da construção e opção dramaturgica enquanto força potente que gera uma certa organicidade na construção dessa textura. Busca também redefinir o conceito de materilidade não somente como o "material" objetivado exposto, mas principalmente como formas de força espaciais.

Corpo-memória, cena-palavra:dramaturgia e depoimento pessoal PATRICIA LEONARDELLI

Depoimento pessoal é uma expressão que se firmou já há alguns anos no volátil quadro de terminologias técnicas que se esforçam para definir os múltiplos mecanismos de criação do artista da cena contemporânea. Propomos uma revisão de perspectiva acerca das atribuições da memória, amparados pela filosofia pós-estruturalista e pelo pensamento bergsoniano, que interfira diretamente na dimensão original de tal conceito, e sugira possíveis interlocuções potentes para a criação dramatúrgica na condição pós-moderna/pós-dramática. No campo das artes performativas, a relação do intérprete-criador com o tempo é profundamente caótica para os padrões com os quais costumamos organizá-lo no cotidiano. Se os processos de criação não permitem uma perspectiva cronológica do tempo, também não se pode trabalhá-los como uma abstração de todo relativa aos seus operadores processuais internos, inteiramente livre das arbitrariedades do psiquismo e da consciência. No tempo da criação, o passado irrompe como a força que recupera e revela os subsídios pelos quais o sujeito se oferece aos estímulos do processo. Esses materiais são a fonte de seu depoimento pessoal, são o próprio sujeito transbordando da pele em ações, sons, palavras, e reconstruindo sua história pelas circunstâncias da ficção. Mas onde termina a suposta verdade como experiência originária e começa a fantasia da recriação do vivido? Quais processos permitem se construir um relato mais mimetizado ao real e quais outros assumem a fábula como máscara? Ou a fantasia como escudo para sublimar o irrepresentável, o traumatizado e oculto? Essa problemática, nos parece, condensa parte fundamental das questões sobre o trabalho do performer. A memória, quando trabalhada em função da construção do depoimento pessoal (a disposição dos conteúdos históricos do performer para a criação) exige um trânsito criativo, intenso e, por vezes, acelerado entre os conhecimentos apreendidos e em apreensão, a ponto de um se misturar de tal forma ao outro que já não se pode falar em núcleos fechados de experiência armazenada, mas em fluxo de contaminações. Criar vidas que não existem, construir existências paralelas, depoimentos pessoais fantásticos organizados e dispostos na forma de uma personagem tradicional, ou destruir o ego e esquizofrenicamente reparti-lo em diversas personas com depoimentos distintos, pelos quais fala, por trás e junto, o artista-criador, são maneiras diferentes de

organizar o depoimento. Ou mais. É o próprio sujeito-artista que se desfaz e se reinventa na criação e estruturação do depoimento a cada apresentação. Mais do que em qualquer outra atividade humana, é o artista da cena que se põe em devir como profissão, se dilui e se reconta infinitamente cada vez que depõe para formar sua obra. E porque não pensarmos de forma semelhante a respeito dos devires de um dramaturgo? Tomando a noção de depoimento pessoal como a história pessoal recriada e delineada pelas especificidades técnicas de cada processo de criação, podemos repensar e também provocar a problemática de produção dramatúrgica em contextos de criação mais complexos: um deslocamento de memórias do autor organizado também por condições singulares, as condições técnicas, éticas e estéticas próprias de cada processo de criação para além de suas contingências cotidianas.

Dramaturgias entre linguagens cênicas: a construção de um pensamento do corpo como processo de comunicação

ANA CLARA CABRAL AMARAL BRASIL

Este texto visa refletir acerca da questão da construção de diferentes tipos de dramaturgias presentes nas Artes Cênicas contemporâneas. Para tanto, aborda temas como as discussões atuais sobre processos cognitivos e de comunicação e desenvolve uma abordagem apoiada na questão da consciência encarnada, desenvolvida por biólogos e neurocientistas contemporâneos. Neste sentido, compreender o corpo como consequência da relação entre DNA+experiência no mundo se torna essencial para o desenvolvimento deste raciocínio, onde compreendemos que certos processos de percepção e cognição (não como momentos distintos) vão se especializando e desenhando um entendimento de mundo específico e em fluxo com o ambiente em que está inserido. Trata também de investigar a questão das linguagens da dança e do teatro como processos cognitivos e que podem, por conta própria, estabelecer certo tipo de comunicação que não dependa de outra linguagem - como a verbal - para tanto; mas pode se utilizar dela como mais um ferramenta desse processo. As descentralizações do texto nas dramaturgias presentes nas Artes Cênicas Contemporâneas abrem espaço, portanto, para uma discussão de construção de linguagem e de comunicação, como para questões como aprendizagem por experiência e compartilhamento de Sensações. Isto demarca também um território histórico e cultural, onde o corpo não é mais compreendido no sentido cartesiano (sendo mente e corpo vistos em separado), mas onde cada vez mais o papel do corpo na experiência humana é tido como parte de seu processo evolutivo como espécie, tanto de forma cognitiva, como no consequente processo de comunicação que isto acaba por definir. Este compartilhamento de Sensações são experienciadas então no sentido Deleuzeano do termo (e em forma de conhecimento), onde as trocas entre os participantes de um mesmo evento Cênico se dão muito mais no sentido de espelhamento e afetação do que em processos lógicos e racionais de entendimento de mundo.

Metáforas e preparação do ator no contexto do teatro performativo

ANA CALDAS LEWINSOHN

No âmbito atual de um teatro que se pode chamar de performativo, podemos observar um deslocamento da importância central da dramaturgia clássica, antes centrada no texto e hoje diluída cada vez mais nos diversos elementos constitutivos da cena – luz, figurino, tecnologia, atores, música, cenário etc. A inter-relação desses elementos compõem esta nova dramaturgia, na qual cada um é gerador de signos próprios ao invés de serem apenas suporte para o domínio do texto dramático, como anteriormente. Neste contexto, o ator ganha uma outra dimensão, pois na medida em que o texto perde espaço na construção de personagens clássicos, o ator passa a se comunicar também por meio da expressão do seu corpo como um todo. Esse corpo performativo exige uma presença do ator que se comunique para além das palavras, que crie, junto aos outros componentes do espetáculo, um bloco de sensações, a partir da livre associação desses elementos. A preparação deste ator, no caso específico de grupos consolidados de pesquisa teatral, se dá por práticas em sala de trabalho conduzidas por diretores ou membros desses coletivos teatrais. Acreditamos que a forma de condução de ensaios, oficinas ou treinamentos ajudam a gerar estados expressivos no trabalho do ator. Em muitos casos notamos a utilização de metáforas como comandos verbais em processos criativos e observamos que elas podem ser significativas por criarem linhas de fuga do sistema modelar de representação. Neste artigo buscaremos analisar as metáforas utilizadas nos comandos das práticas de ensino do LUME Teatro – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da Unicamp -, como auxiliadoras num processo de construção desta presença cênica. Esta pesquisa de doutorado integra o projeto temático “Memória(s) e Pequenas Percepções”, coordenado por Renato Ferracini e Suzi Sperber, e se propõe a investigar a potência das metáforas de trabalho nas práticas criativas como possíveis impulsionadoras de estados micropereceptivos no ator.

Dramaturgias em improvisação: protocolos de criação nas artes da cena

MARINA ELIAS e LIGIA LOSADA TOURINHO

Discutir dramaturgia(s) em um espaço fronteiriço diz respeito a reconhecer a pluralidade de significados e acepções de sua própria condição plural, entendendo que seus significados atuais não são sinônimos de texto dramático, mas podem também se referir a ele. As acepções contemporâneas de dramaturgia dizem respeito às estruturas artísticas que determinam a composição cênica, que podem ser definidas tanto através do texto literário escrito para ser encenado quanto através dos elementos que dizem respeito à concretude da cena, ao conjunto de presenças que definem o espetáculo enquanto matéria, às *atualidades* e *virtualidades*, estabelecendo um entendimento transdisciplinar que transpassa diversos campos do saber. O contexto pós-moderno propõe uma relação fluida, dinâmica e não excludente de possibilidades como perspectiva para pensar as relações entre o indivíduo e as coisas no mundo, nos permite o entendimento da(s) dramaturgia(s) para além da oposição entre texto e corporeidade. Não se trata de definir o espaço/ território da(s) dramaturgia(s), mas de perceber e compreender essa complexidade de aspectos e atributos em trânsito e devir. O entendimento dessa diversidade de possibilidades nos leva à hipótese de que a dramaturgia contemporânea se estrutura através de protocolos, paradigmas e parados referentes à poética de cada artista e suas obras. A palavra protocolo se refere à territorialização de convenções e procedimentos que são dispostos à criação de uma determinada atividade. As dramaturgias, os elementos fundantes e estruturais de uma obra, são protocolos de criação. As dramaturgias em improvisação, afetadas pela efemeridade e complexidade de uma apresentação que ocorre no instante da própria criação, fazem reverberar fluxos criativos que jamais se repetirão. Dramaturgias inscritas pela pluralidade das corporeidades improvisadoras, que se propõem **não** a improvisar **para** gerar dramaturgias do corpo, do texto, do espaço ou da encenação, mas que se lançam ao exercício de **improvisar dramaturgias como um fim em si**: um fluxo dramatúrgico improvisacional como linguagem cênica. Neste contexto os improvisadores são a própria linguagem através da qual a dramaturgia será inscrita. Esta escrita será menos uma composição e mais uma **decomposição coletiva de memórias, imaginações, pensamentos, movimentos, técnicas e afetos em dramaturgias. A dramaturgia improvisada se faz a partir da configuração coletiva ou singular de códigos (de movimento, ações, gestos, palavras, espaços, sons etc) que geram estruturas, que por sua vez podem desenhar narrativas e dramaturgias. Em contexto de improvisação, a dramaturgia do texto tende a se configurar mais como um lugar de comunicações sensíveis e perceptíveis do que lógicas e racionais. O sentido não é dado pela necessidade do discurso lógico e elaborado. É recorrente em espetáculos cujas dramaturgias são geradas e apresentadas em improviso, que haja um espaço para interferência direta do público nas dramaturgias da encenação, estabelecendo uma interatividade presencial na composição. O espectador sabe de antemão que tudo está sendo criado diante de seus olhos e a ele é oferecida a possibilidade de interferir direta ou diretamente no acontecimento cênico. As dramaturgias de encenações improvisadas aparecem como um potente procedimento pedagógico de criação e estruturação de composições convocando um espaço de discussão, aprofundamento e legitimidade.**

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 404

O corpo do ator (com memória, ação e movimento) – e a recepção – à luz da teoria dos neurônios-espelho
SUZI FRANKL SPERBER

A partir dos estudos de Giacomo Rizzolatti e Laila Craighero (“Mirror neuron: a neurological approach to empathy”), pretendo refletir sobre memória, ação e movimento. Diz Rizzolatti que estudos mostraram que movimentos mecânicos são influenciados por ações motoras subseqüentes, a partir de uma primeira ação motora. Tal proposição ajuda a esclarecer as concepções da arte de ator do LUME. Afora isto, Rizzolatti verificou que uma organização em cadeia de ações motoras somadas ao mecanismo de espelho (neurônio espelho), permite que o observador compreenda qual a intenção desta ação (o porque desta ação), já ao observar a primeira ação motora de uma sequência. Achados mais recentes do próprio Rizzolatti revelam que o mecanismo espelho, localizado em centros neurológicos como a *insula*, permitem que o observador compreenda as emoções de outros, abrindo-se para uma empatia mais plena e permitindo inferir até mesmo comportamentos morais (e outros...). Esta verificação do funcionamento dos neurônios-espelho esclarece o mecanismo de recepção, já que os neurônios-espelho nos permitem captar a mente dos outros não por meio do raciocínio conceitual, mas pela ação diretamente observada. Sentindo e não pensando.

O drama da retórica: poética do erotismo na *Fedra* de Sêneca
LEYLA THAYS BRITO DA SILVA

Na tragédia *Fedra* do dramaturgo e filósofo latino Sêneca (séc. I d. C), o conflito trágico se dá pela tensão entre a paixão erótica de Fedra e a castidade de seu amado Hipólito, inteiramente devoto à deusa virgem Diana e avesso ao númen de Vênus. Alijando-se aparentemente das amarras da causalidade e da necessidade, isto é, das medidas da excelência poética conforme pressupõe Aristóteles na *Poética*, o conflito erótico-trágico da *Fedra* se processa pelo elevado investimento em cenas ultrapatéticas veiculadas por um discurso poético-retórico transbordante. Os estudos da tradição dramática ocidental, diante das tragédias de Sêneca, parecem se encaminhar para uma análise reducionista do espectro dramático senequiano, uma vez que tomam como instrumental analítico uma equação rígida dos postulados da *Poética* de Aristóteles com o universo ficcional daquele dramaturgo, cuja *poiesis*, ao invés de enquadrar-se na medida de contenção aristotélica, constitui-se pelo signo dos excessos retóricos, dramáticos e patéticos. No entanto, a tessitura dramática em Sêneca parece-nos estar enleada na elaboração retórica e nas imagens poéticas, que aparentam secundarizar o eixo dramático. Portanto, para além dos rótulos formulados por uma tradição crítica que se restringe a alardear os “defeitos” do dramaturgo latino consideraremos os aspectos retóricos e poéticos da peça *Fedra* como elementos constituintes do seu entrecho dramático.

Dramaturgia: literatura, teatro e cinema ROSANA CÁSSIA KAMITA

O processo narrativo envolve o ato de contar uma história através do registro oral, escrito ou icônico. Tanto o cinema quanto o teatro e a literatura apresentam, em grande parte, o propósito de contar histórias, recorrendo à ficção para apresentar um enredo, organizado em atos, capítulos ou sequências. Neste texto serão apresentadas ideias suscitadas a partir do diálogo estabelecido entre literatura, teatro e cinema, com ênfase em dramaturgia. Ao mesmo tempo em que se trata de estabelecer uma aproximação entre as diferentes linguagens, também é possível perceber limitações e especificidades que as distinguem. Em um primeiro momento é possível aproximá-los pelo viés dramatúrgico, considerando a peça escrita e o roteiro cinematográfico, a forma como os personagens são trabalhados, a relevância dos diálogos, a construção de cenas, a realização conjunta necessária para que uma peça e um filme estreiem. Porém, suas especificidades residem em algumas questões, com destaque para aspectos básicos, como a efemeridade do espetáculo teatral versus a perenidade da imagem gravada. Como pensar o hibridismo do teatro e do cinema, sempre entre a literatura, o espetáculo e o filme? A relação mútua estabelecida entre as linguagens refreia alguns questionamentos que por vezes se impõem, dentre outros: os que se dedicam à escrita dramática estão prioritariamente inseridos em qual contexto? Etiquetar questões dessa natureza como secundárias traz em si certa recusa em discuti-las, não por sua pretensa banalidade, ao contrário, justamente por sua complexidade e incômodo provocado.

Do provérbio e das artes: a imagem como elemento apelativo e estruturante ABREU CASTELO VIEIRA DOS PAXE

O provérbio, na literatura e na cultura angolana, dificilmente é tomado como texto artístico, pois, pensamos que se ignora, por um lado, a sua estrutura de imagens e, por outro, os outros suportes em que funciona. A partir desta constatação, vamos procurar, em primeiro lugar, explicar como é que o provérbio em alguns povos de Angola, enquanto prática de manifestação popular, estabelece diálogos interartísticos, em segundo lugar, demonstrar a progressão do texto proverbial e o seu funcionamento e aproveitamento estético nas práticas artísticas modernas, determinadas por factores políticos e estéticos, e, por fim, discutir as relações de estruturas entre o provérbio e a poesia experimental, concreta e a performance. A nossa comunicação desenvolve sobretudo considerações para o questionamento geral entre, por um lado, a semiosfera da oralidade e, por outro, a das vanguardas, como forma de ampliar e aprofundar os estudos da literatura comparada, contrapondo a literatura oral à literatura escrita e aos outros sistemas semióticos que, em nosso entender, se reaproximam de práticas ancestrais, permitindo-nos, no contexto angolano e africano, atualizar as tradições ao mesmo tempo que globalizar-nos pela bitola das vanguardas.

Agreste: o paradigma da forma híbrida LUÍS CLÁUDIO MACHADO

Com base no conceito de 'narraturgia' de José Sanchis Sinisterra e escritos de M. Issacharof, uma abordagem da peça de N. Moreno, a partir das relações intergenéricas. Longe de pertencer ao teatro-narrativo ou de ser simples narração do drama, a peça conjuga uma mistura de gêneros, colocando a narração no cerne do diálogo, renovando o estatuto do personagem, o do ator e o lugar do espectador.

LITERATURA E OUTRAS ARTES (MÚSICA, PINTURA, DANÇA, CINEMA, TEATRO): RELAÇÕES INTERARTÍSTICAS I

Marly Gondim Cavalcanti Souza (UESPI)

Francisco Antonio Ferreira Tito Damazo (UNITOLEDO)

Monica Luiza Socio Fernandes (FECILCAM)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 405

Música na cabana

MARLY GONDIM CAVALCANTI SOUZA (UESPI)

Um romance, que atinge marcas de vendagem astronômicas, desperta o interesse de estudiosos os mais diversos. Esse é o nosso caso. O objetivo da presente pesquisa, portanto, é demonstrar e caracterizar a presença do código musical, traduzido em palavras e expressões do vocabulário específico do universo sonoro, inscritas no texto literário de *A cabana*, de William Paul Young. A base teórica reside na relação intersemiótica entre literatura e música, no sentido do confronto do sistema literário com outros sistemas de signos, conforme cita Yves Chevreil, no seu livro *La Littérature Comparée* (1995, p. 86), respondendo principalmente a questão: como a literatura fala de outras artes e daqueles que a fazem? Ainda este trabalho tem como base a teoria de Jean-Louis Backès, quando propõe tres categorias de obras para a realização de um estudo das relações entre literatura e música, sendo a terceira aquela na qual se enquadra o texto escolhido para análise: "obras literárias que colocam em cena músicos, ouvintes, reais ou fictícios, que descrevem concertos e outras manifestações da vida musical, que evocam obras ou as inventam". A escolha do corpus, o romance de William Paul Young, deve-se ao fato de que após uma primeira leitura já é perceptível o apelo sonoro feito no livro: em todos os capítulos, acrescidos do Prefácio e do Posfácio (realce para este dado), são encontrados itens lexicais pertencentes ao código sonoro. Esse fator foi propulsor para o desenvolvimento deste trabalho.

A moda de viola e a epopéia caipira: a música enquanto literatura dos povos iletrados

JEAN CARLO FAUSTINO (UFSCar)

A moda de viola é um estilo musical típico do universo caipira paulista. Também chamada de “moda de circunstância”, em sua forma originária e folclórica, a moda de viola fazia o registro de eventos circunstanciais do universo rural tradicional. Porém, à medida que o caipira foi migrando da área rural para o meio urbano – movimento que se acentuou em meados do século XX – a moda de viola acompanhou este êxodo sofrendo as adaptações do novo contexto social, assim como acontecia com o próprio caipira. Este trabalho objetiva, portanto, refletir sobre algumas das modas de viola deste período de transição cultural que chegaram até os dias de hoje graças à indústria do disco e sua “reproduzibilidade técnica”, mas graças também à criatividade de compositores que souberam apreender os dilemas e as tensões deste difícil processo de adaptação cultural transpondo-os em narrativas que relatavam fatos reais da realidade social mesmo quando os transpunham para a ficção. Apesar desta análise, que faz parte de uma pesquisa mais ampla de doutorado, trabalhar com diferentes perspectivas metodológicas, o enfoque deste trabalho se dará através da obra de Antonio Candido que compreende música caipira como literatura de um grupo iletrado (no caso, o caipira) com todo o significado humanístico, dado pelo autor, nesta definição. A análise mobilizará, portanto, as obras “Parceiros do Rio Bonito”, “Literatura e Sociedade”, “Direito à Literatura” e “Formação da Sociedade Brasileira” de Antonio Candido, bem como algumas das modas de viola da mais famosa dupla caipira que se notabilizou pela interpretação deste estilo musical: Tião Carreiro e Pardinho, cuja discografia corresponde, inclusive ao período de transformação definitiva da configuração demográfica a partir da qual o Brasil se tornaria um país predominantemente urbano ao mesmo tempo em que as condições materiais de existência da cultura caipira tradicional seriam desfeitas.

Tereza Batista cansada de guerra: um mito feminino cujo molde é o cordel CLARISSA LOUREIRO (Faintivisa)

Este artigo pretende discutir como Jorge Amado compõe um livro cuja estrutura assemelha-se a de um tecido de cordéis que se inter cruzam para a construção de um mito feminino, elaborado a partir das faces: Tereza favo de Mel, Tereza Boa Briga, Tereza Medo, Tereza Não Tem Medo, Tereza Virgem do Cabaço Novo, Tereza Omolu, Tereza Bexiga Negra e Tereza Batista Cansada de Guerra. Cada Tereza mítica é analisada como uma interpretação saída de um caudo de folheto. Por isso, cada capítulo é comparado a um capítulo-cordel, por possuir o formato desta literatura e a retomada de alguns de seus temas. A intenção do trabalho é se observar como cada capítulo da obra corrobora para a construção de um mito feminino, enquanto mensagem, formada a partir da interpretação de vários narradores, encontrados no livro, que se identificam com também leitores de cordel.

A sobrevivência do amor romântico nas canções poemas da pós-modernidade MANUELA CHAGAS MANHAES (UNESA)

É fato que a linguagem permeia todas as civilizações. Através dela além de nos comunicarmos podemos expor pensamentos, emoções e sensações. Ela passa a ser base para a construção da identidade de um grupo, de uma tribo, de uma classe de uma cultura, de um período histórico. Ou seja, ela traz em si especificidades, paradoxos e sinais que permeiam o tempo e ultrapassam o mesmo. Sim, por mais que o ser humano diante de diferentes contextos históricos tenha modificado a dinâmica social, não podemos deixar de perceber que suas emoções e sensações mais intrínsecas a alma ali estavam sufocadas ou refletidas sob alguma forma de expressão. O que isso para nós? Bem é isso que me incomoda e me despertou para uma reflexão sobre o amor. Ah, o amor de Camões, Shakespeare, Florbela Espanca, Maiakovsky, Pablo Neruda, Alfred Musset, Gonçalves Dias, Castro Alves, Antônio Thomas de Gonzaga com sua Marília de Dirceu, em Cecília de Meirelles, Jorge Amado, Vinicius de Moraes e tantos outros poetas que expurgaram da alma a sofreguidão, o hedonismo de poder ao menos sonhar com a entrega, renúncias e que personificaram a imagem poética da pessoa amada foram além dos paradigmas de seus tempos, foram dando voz ao anonimato que encontrara em suas expressões metafóricas o refúgio para que este amor romântico capaz de sacrifícios e renúncias o qual nos confinamos por devoção e por uma espécie de embriaguez de sentimentalidades pudessem sobreviver a rotina, a vida em preto e branco, a crueldade humana e a banalidade das relações amorosas. Sim a banalização do amor, tornou o pragmático, passou a dar o sentido de porto seguro enquanto aquele que se leva nos olhos, dentro da alma, que é incondicional as tempestades, que reflete a imagem poética e traz risos e se torna atemporal aos compromissos tornou se clichê, sobrevive apenas na fantasia e nas expressões poéticas; o amor, este amor que os nossos poetas tanto expressam ficou calado, guardado e agasalhado, algumas vezes, pela mortalha da doce vida que como expectadores sonhamos um dia ter: viver um grande amor. Mesmo que seja por esta expressão artística musical, estando nós entre ofícios e desejos, almejamos encontrá-lo. É nesta perspectiva que escolhi trabalhar entre tantas apenas com três canções poemas da modernidade: você não sabe – Roberto Carlos & Erasmo Carlos Sem você- Vinicius de Moraes & Tom Jobim e futuros amantes- Chico Buarque de Holanda. Canções estas que mesmo diante de um contexto histórico que retrai as emoções e o romantismo de outrora acabam por oxigenar a sociedade desta época com suas cargas emotivas, dando sentido à sobrevivência do amor romântico em diversas maneiras, nas quais nos deparamos com o eu poemático trovadoresco, amante da sensação que o amor provoca que derrama sentimentalidades em acordes musicais e conseqüentemente alimentando aqueles que se permitem a sensibilidade o estado hedonista, inebriante e acalentador que o amor em sua essência pode nos presentear.

Augusto de Campos e a música contemporânea do século XX: escuta e invenção MARCUS VINICIUS MARVILA DAS NEVES (UFES)

Pretende-se nesta comunicação discutir a relação do poeta Augusto de Campos (1931-) com a música contemporânea do século XX, mais precisamente aquela denominada *música de invenção*. Para tanto é preciso por em foco tanto o livro-mosaico de crítica especializada homônimo ao termo cunhado pelo autor, quanto alguns testemunhos pessoais especializados ao longo de sua carreira sobre a preferência por determinados compositores. Ainda chamaremos à baila, quando necessário, poemas que homenageiam ou citam, direta e indiretamente, essa mesma seleta de músicos que são apresentados em seus textos críticos como modo de observar os reflexos da *escuta* de Campos na sua própria produção poética. Subjacente à discussão estará a ideia do que

chamamos de *paideuma sonoro*, construído pelo poeta ao longo de sua atuação na intersecção entre as artes, aqui, especificamente entre música e poesia. Tomaremos como fortuna crítica, entre outros, Aguilar (2005), Gubernikoff (2004), Pound (1977), Caesar (2007), Nascimento (2005), Antunes (2003), Ferraz (2005), Cage (1985) além das antologias *Viva Vaia* (1979; 2001), *Despoesia* (1994), *Não* (2003) e *Música de invenção* (1998).

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 405

“Construção” de Chico Buarque e “Uma vela para Dario” de Dalton Trevisan: interrelações literárias
FRANCISCO ANTONIO FERREIRA TITO DAMAZO (UniToledo)

Neste trabalho, pretendemos demonstrar, tendo em conta as temáticas “indiferença”, “egoísmo” e “exploração”, os modos de relações possíveis entre a canção “Construção” de Chico Buarque de Holanda e o conto “Uma vela para Dario” de Dalton Trevisan. A proposta é uma análise comparativa entre os textos sob o ponto de vista estritamente literário. Como se percebe, o primeiro deles, conquanto a rigor seja uma letra de música, está inteiramente construído em forma de poema tradicional: versos, estrofes, métrica, rimas, etc., enquanto o segundo trata-se de um conto em prosa. Ambos discutem as temáticas referidas em formas distintas, todavia sob perspectiva ideológica comum. Ambos os textos elegem um indivíduo comum, anônimo e ignorado, visto tão somente como uma peça da engrenagem social em que está inserido e pela qual é absorvido. Embora a personagem de um e de outro texto seja representada envolta por certa aura enigmática, cada uma tipifica categorias sociais aparentemente distintas. Em “Construção”, o trabalhador braçal de obra de construção civil; em “Uma vela para Dario”, um indivíduo de classe média. Distintas são também as focalizações narrativas que os representam. Em “Construção” tem-se uma enunciação de caráter subjetivo em que o sujeito poético imprime suas impressões. Em “Uma vela para Dario”, o enunciador representa numa perspectiva de objetividade, deixando que as ações falem por si mesmas. Da canção nota-se que, paradoxalmente, o operário, à medida que atua na construção, vê sua vida em desconstrução por força daquela condição social a que tem de sujeitar-se. No conto, a personagem, acometida por um mal súbito, cai ao solo, correndo risco de morte e se vê não socorrida e destituída de todos os seus pertences pelos transeuntes que simulam prestar-lhe socorros.

Acordes intersemióticos: exercícios de transdução entre música, artes plásticas e poesia
PAULA MASTROBERTI (FALE/PUCRS)

A proposta que se segue deve desafiar os padrões habituais de apresentação acadêmica; contudo, arrisco-me a apresentá-la: ofereço, sob a forma de comunicação, alguns exercícios de caráter intersemiótico realizados a partir das três matrizes definidas por Lúcia Santaella, com o objetivo de sensibilizar a platéia do simpósio no qual me inscrevo para as possibilidades de inter-relacionar poesia, música e artes plásticas. Cada experiência será seguida de uma explanação com base na semiótica peirceneana, justificando o caráter transductivo decorrente da associação entre uma reprodução de obra de arte plástica, de uma peça musical e de um poema, em uma animação produzida para Power Point. As experiências propostas foram destacadas do programa de um mini-curso ministrado por mim em três universidades (Letras/PUCRS, 2009; Artes/UFRGS, 2009 e durante o I Congresso Internacional Texto-Imagem da UNIFESP/Guarulhos, 2010), cujas metodologias e cujos fundamentos teóricos desejo agora registrar, bem como alguns de seus resultados. *Observação: esse formato de comunicação requer a disponibilidade de um datashow equipado com mídia audiovisual (tela e caixas de som). A quantidade de experiências oferecidas (cerca de 1 minuto cada) dependerá do tempo destinado à comunicação.*

A rasura do eu na construção do mundo: o desassossego de Cezanne, Van Gogh e Hans Hartung
NICIA PETRECELI ZUCOLO (UFAM)

As sensações despertadas pela leitura fragmentária, intimista e soturna, de Bernardo Soares, no *Livro do desassossego*, estabelecem um contraponto à pintura de Cezanne, Van Gogh e Hans Hartung. Tanto as telas quanto os fragmentos resgatam, cada um a sua maneira, a ausência do objeto representado, através do olhar. Ver, no *Livro do desassossego*, é um modo de criar a si e

ao mundo, paradoxalmente, pelo apagamento; nas telas consideradas, a exteriorização do mundo interior dá a ver um mundo que só pode ser captado pelos sentidos: um mundo singular em que não há delimitação entre a forma e o conteúdo; um mundo que não há, realmente. A maneira de captar esses movimentos mundo-eu-visão-pensamento-manifestação é pela dinâmica olho-espírito (Merleau-Ponty), fundamental no desvelamento do fenômeno estético, reconstruído discursivamente pela análise a que esta comunicação se propõe.

O realismo sujo na literatura de Rubem Fonseca e a influência da arte pop

DANIELE RIBEIRO FORTUNA (Unigranrio)

O presente trabalho aborda a questão do realismo sujo, explicando suas características, seu surgimento e suas influências. Trata ainda da arte *pop*, principalmente no que diz respeito à busca dos artistas dessa vertente - dando ênfase à obra de Andy Warhol - por uma nova forma de se aproximar da realidade, valorizando fontes antes desprezadas, como o lixo, os detritos urbanos, os objetos comuns e os elementos da *mass media*, como anúncios e estrelas de cinema. Por fim, analisa a influência da arte *pop* no realismo sujo, notadamente na literatura de Rubem Fonseca.

Traduzindo a arte: uma leitura interdisciplinar do poema “Visitas Noturnas”, de Beatriz Viégas-Faria

ROSIENE ALMEIDA SOUZA HAETINGER e LÚCIA SÁ REBELLO (UFRGS)

Ao dizer que “quem ama a pintura bem sabe que a pintura é uma fonte de palavras, uma fonte de poemas”, o filósofo francês Gaston Bachelard (1985) traduz de forma paroxística o processo de criação de *Pampa pernambucano*: poesia, imagens, e-mails (2000), de Beatriz Viégas-Faria. A partir de obras do pintor pernambucano Gil Vicente, a gaúcha deu-se o “direito de sonhar”, o que resultou em poemas que reúnem paixão, técnica, percepção literária e memória. Como o próprio título indica, o livro é composto dos poemas produzidos pela autora, das pinturas de Gil Vicente e dos e-mails trocados entre ambos durante todo o processo de criação do livro. Desse modo, há de se considerar o caráter singular da referida obra, uma vez que se trata de uma produção de cunho intertextual, polissistêmico, de natureza indubitavelmente comparatista, uma vez que apresenta relações com outras linguagens e outros textos (intertextualidade e interdisciplinaridade), é resultado da escrita de uma tradutora literária e, ainda, o fato de Beatriz mostrar e refletir, nos e-mails, sobre o seu processo de criação, revelando os “bastidores do texto” (crítica genética). Diante desse contexto, apresentamos uma leitura do poema “Visitas noturnas”, o qual mantém uma relação de confluência com a pintura “A visita” (1998), de Gil Vicente, identificando e analisando as relações intertextuais e interartísticas, através das presenças confessas e inconfessadas, a fim de se desvelar o processo criativo da autora. Esse trabalho tem como aporte as teorias do filósofo francês Gaston Bachelard e de pressupostos relativos à Literatura Comparada. O poema (assim como o livro como um todo) tem um caráter singular por vários motivos, dentre eles poderíamos destacar sua natureza indubitavelmente comparatista e o declarado encantamento pela obra pictórica do pintor Gil Vicente, a qual constitui-se como principal elemento de confluência. A análise do poema “Visitas noturnas” pressupõe que as confluências confessadas e inconfessadas difratam, ampliam os significados para o leitor, assim como revela que a estratégia da forma de Beatriz Viégas-Faria resulta em um texto poético em que as artes plásticas e a pintura se interpõem, se misturam: é a “líquida fronteira” que enriquece o texto. Como faz a autora, podemos perguntar, a propósito do resultado do devaneio da gaúcha sobre a obra pictórica de Gil Vicente e dessa inter-relação concretizada em *Pampa pernambucano*: quem visitou quem?

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 405

Experiências oceânicas em Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade e Haroldo de Campos

STÉLIO FURLAN (UFSC)

Levo na minha bagagem de viajante aquela necessária atenção ao modus pelo qual pensamento e poesia conjugados moldam imagologias, percepções, significações, dão visibilidade à toda uma “experiência oceânica”. Ousarei tratar dessa questão enredando o capítulo “O delírio”, de Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, o poema A máquina do mundo, publicado

em *Claro Enigma*, de Carlos Drummond de Andrade, e *A máquina do mundo repensada*, de Haroldo de Campos. Uma atenção especial será dada à nova figuração da máquina do mundo por Haroldo de Campos por conta da utilização de imagens constelares do universo para complementação do sentido do seu poema.

Chico Science: a poesia e a dança

TERÊSA MARIA OTRANTO ABRANTES (FMN)

Neste artigo mostramos a origem do movimento Manguê beat, bem como o surgimento de seu mentor. Analisamos também as influências recebidas através de novos ritmos nacionais, como a embolada, a cantiga de roda e o maracatu e estrangeiros, como o soul, o rock, o funk, o Hip Hop, o reggae e o ska. Registramos também influências de novas artes, como: os quadrinhos, os estilistas, a performance, o Hip Hop (movimento cultural estruturado em cinco pilares: na música eletrônica de um DJ, no grafite, no RAP, no Break Dance e no MC) com impacto social na moda e na dança. Chico fundiu tudo isso e associou-os ainda a Josué de Castro, com sua Geografia da fome, e aos clássicos da ficção científica, para criar o movimento Manguê beat. Analisamos também o conteúdo de algumas das suas letras de músicas, bem como a performance de Chico Science ao apresentá-las.

Corpo presente: interfaces entre literatura e dança

ELIANA KEFALÁS OLIVEIRA (UFAL)

O corpo, em especial, o corpo presente parece ser um ponto de encontro entre o universo literário, a leitura literária e a dança. Na literatura, são diversas as narrativas em que personagens passam por transformações ao entrarem em contato com o mundo na relação corporal que estabelecem com ele. No conto “As Margens da Alegria”, de João Guimarães Rosa, a ser analisado neste trabalho, o protagonista se vê tocado tanto pelo cinto de segurança que usa em uma viagem de avião, quanto pelo que presencia sensorialmente na cidade em que chega. Na leitura literária, por sua vez, o corpo a corpo do leitor com texto permite uma relação sensorial com ele. Para Zumthor (2000), quando é estabelecido um vínculo com o texto, a experiência do ato de ler é presenciada no corpo, de forma que a leitura não se reduza a uma compreensão analítica, ela provoca reações, ela mobiliza o corpo. O ato de ler, para ele, é performance; o texto, no ato da leitura, dança no corpo do leitor, quando ele se coloca presente. Na dança, principalmente naquela em que não se visa exclusivamente uma destreza técnica, o trabalho corporal não está limitado ao momento de sala de aula e nem a repetições de exercícios ou a imitação de modelos (VIANNA, 2005), ele acontece na escuta do corpo. Há, na dança, um investimento que é cotidiano na observação do corpo, um corpo que se quer presente.

Danças de Ana em *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar e em *Lavourarcaica*, de Luiz Fernando Carvalho

MARIA DE LOURDES ABREU DE OLIVEIRA e FRANCIS PAULINA LOPES DA SILVA (CES/JF)

Relações e trocas entre a literatura e a mídia. Abordagem de textos de autores que tornem manifesta a experiência da dança, destacando-se o papel da civilização das imagens e a importância do olho da câmara no mundo contemporâneo. Relações e trocas entre o literário e o cinematográfico. *Zaratustra* e *Zorba, o grego*. O olhar e o olho armado na escritura literária. Técnicas cinematográficas a serviço da literatura e vice-versa. Alargamento do horizonte perceptivo do narrador: revolução visual na tessitura literária. Destaque para as personagens femininas: mulheres de papel e mulheres de celuloide. Do hipotexto ao hipertexto: *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar e *Lavourarcaica*, de Luiz Fernando Carvalho. A linguagem dionisiaca de Ana nos textos literário e cinematográfico. Confronto entre os impulsos dionisiacos e apolíneos manifestos, levando à morte da personagem.

Literatura, filosofia e performance: a performance o banquete dos heróis, pelo coletivo de performance heróis do cotidiano

GILSON MOTTA (UFRJ)

O banquete, de Platão é um dos textos capitais da filosofia ocidental. No contexto cultural grego, os banquetes apresentavam-se como uma grande festa mundana, sendo a parte final das hecatombes, onde um animal era sacrificado numa cerimônia coletiva e onde, após a refeição, os participantes bebiam juntos, discutindo temas e idéias. Platão utiliza-se desta prática cultural para construir um texto, um diálogo, onde os convivas discutem um tema central da Filosofia e, sobretudo, uma das disposições fundamentais da vida humana: o Amor. O texto mostra que o convívio e o debate apresentam-se como atividades fundamentais para a construção de novos conhecimentos, em suma, o banquete é uma das práticas onde pode brotar a atividade reflexiva chamada de Filosofia. Em novembro de 2010, o COLETIVO DE PERFORMANCE HERÓIS DO COTIDIANO apresentou na MOSTRA SESC DE ARTES SÃO PAULO 2010, a performance O BANQUETE DOS HERÓIS, a qual consiste na realização de um banquete em lugar público, onde os convivas - os transeuntes dos grandes centros urbanos - são convidados a participar, com a condição de discursarem sobre o amor, tal como ocorre no texto platônico. Tomando como base a idéia da estética relacional, formulada pelo crítico francês Nicolas Bourriaud e a idéia do ativismo poético, o Coletivo de Performance HERÓIS DO COTIDIANO retoma este texto não somente para ouvir discursos sobre o Amor proferidos por pessoas extremamente diversificadas, mas também para exercitar uma prática artística de caráter relacional, buscando instaurar um espaço de convivência, onde aspectos da intimidade venham a ser postos em espaço público, de modo a criar novas percepções e resgatar formas de sociabilidade pouco presentes na atualidade. Busca-se assim uma valorização do ócio, já que, na atualidade, as pessoas tendem a lamentar a falta de tempo para o convívio, em função do tempo dedicado ao trabalho e aos negócios. O trabalho a ser apresentado consiste na exibição de um vídeo com duração de cerca de 7 minutos produzido pelo Coletivo a partir das 3 apresentações feitas na MOSTRA SESC DE ARTES, seguido de uma reflexão teórica acerca da performance. A proposta de apresentação de trabalho revela assim afinidade com o SIMPÓSIO LITERATURA E OUTRAS ARTES não somente pelo fato de a arte da performance ser, em sua essência uma modalidade artística interdisciplinar que conjuga várias outras artes (teatro, dança, poesia, música, vídeo), como também pelo fato de a performance trazer para os dias atuais, sob a forma de uma releitura, um dos mais belos textos da Filosofia ocidental.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 405

A simultaneidade cinematográfica nas *Memórias sentimentais de João Miramar*, de Oswald de Andrade
MARCUS VINICIUS NOGUEIRA SOARES (UERJ)

O trabalho pretende investigar o impacto da linguagem cinematográfica, em seu estágio de desenvolvimento técnico nas décadas de 1910 e 1920, na produção literária do Modernismo Brasileiro, em especial nos romances de Oswald de Andrade. Trata-se de observar de que modo o autor se apropria dos mais recentes processos de organização narrativa do cinema, inclusive do ponto de vista teórico - como os novos recursos de planos cênicos e de montagem, desenvolvidos por cineastas como Griffith e Eisenstein -, reelaborando-os na construção de seus próprios romances, particularmente das *Memórias sentimentais de João Miramar*, de 1924, com o intuito de produzir, literariamente, efeitos de percepção de simultaneidade.

Campo Geral versus Mutum: algumas leituras

SALETE PAULINA MACHADO SIRINO (FAP) e RITA DAS GRAÇAS FELIX FORTES (UNIOESTE)

Este estudo aponta algumas leituras comparativas da novela Campo Geral, que integra a obra Corpo de baile (1956), de João Guimarães Rosa, bem como da transposição fílmica de Campo Geral, após cinco décadas, para o filme Mutum (2007), de Sandra Kogut. Para tanto, promove-se a práxis da leitura literária e fílmica – de Campo Geral e Mutum –, por meio da articulação destes textos à teoria de leitor de Umberto Eco. Entretanto, vale destacar que, como a linguagem cinematográfica se respalda em outros códigos de linguagem, na análise de Mutum, no que concerne à leitura do discurso fílmico, acredita-se que é fundamental que a análise seja feita por meio da decupagem clássica do cinema, de acordo com o conceito de Griffith, pois, assim como a teoria literária norteia parâmetros que evidenciam a questão da forma e conteúdos literários – que possibilitam a leitura/crítica –, o cinema também dispõe de teorias que pragmatizam a análise de sua forma e de seu conteúdo. Contudo, salienta-se que não se objetiva no presente estudo discutir teorias sobre cinema, mas estabelecer uma leitura comparativa entre os referidos textos literários e

filmicos. É notória nos romances de João Guimarães Rosa a inserção de aspectos regionais e universais na construção de suas obras. Sendo evidente que este autor, entre as décadas de 1930 a 1950, já tinha consciência de que a linguagem seria um elemento fundamental para captar o arcaico contexto social ao qual ele se reportou em sua obra como um todo. Em *Seis passeios pelos bosques da ficção* (2002) Umberto Eco define o bosque como o texto literário, caracteriza o autor-modelo e o leitor-modelo – o leitor idealizado pelo autor –, sendo que este é por ele diferenciado do leitor-empírico, o qual ele define como aquele que realiza uma leitura. Assim, não existiria uma lei que defina como um texto deva ser lido, já que um mesmo texto tende a provocar sentidos distintos em seus receptores, tendo em vista as reações de cada um em relação a esse mesmo texto. Assim como na literatura há a presença de um leitor como parte estruturante da obra, também no cinema o espectador pode ser considerado como uma estrutura do próprio texto filmico, já que cada elemento do discurso cinematográfico é construído tendo em vista a intenção de expressar o seu significado/sentido. Portanto, na análise filmica de Mutum, atuando como um leitor-modelo – de segundo nível – de Eco, se pretende, aliar as teorias sobre leitor deste autor à leitura da técnica da narrativa cinematográfica desenvolvida pelo estadunidense David Wark Griffith – enquadramentos, foco narrativo, ponto de vista, angulação e movimentação de câmera, fotografia, espaço –, tendo em vista que a escolha de cada um desses elementos filmicos está diretamente relacionada à intencionalidade que o diretor – autor-empírico – pretende em relação à interpretação do espectador – leitor-modelo.

“Um estranho cinema sem imagens”?: os artefatos cinematográficos nos romances de João Gilberto Noll, Rubem Fonseca e Edgard Telles Ribeiro BARBARA CRISTINA MARQUES (UEL)

Se o fenômeno das adaptações cinematográficas ou das transposições da literatura para os meios audiovisuais sustenta, há muito, a relação entre o cinema e literatura, surge na contemporaneidade, com vigor considerável, a prática inversa, isto é, a escrita de textos literários contaminada pela linguagem e pelos dispositivos técnicos do cinema. Assim, este trabalho tem por objetivo avaliar a relação que a narrativa brasileira contemporânea tem nutrido com a arte cinematográfica a partir de três romances que traduzem, cada um a seu modo, esse diálogo que a literatura vem mantendo com as técnicas comumente associadas ao cinema. *Bandoleiros* (1985), de João Gilberto Noll, *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* (1988), de Rubem Fonseca, e *O criado-mudo* (1991), de Edgard Telles Ribeiro são emblemáticos nesse sentido pelo modo com que a narrativa ajusta-se aos artefatos cinematográficos através de recursos como a montagem, o enquadramento, os deslocamentos de focalização, os cortes de cenas e diálogos, e o olhar do narrador como espécie de câmera. Nesse sentido, dentro de uma visão mais ampla, o que pretendemos discutir aqui são os questionamentos quanto ao fazer artístico na contemporaneidade a partir da relação entre literatura e cinema, que, uma vez demonstrado o divórcio entre o canônico e o periférico, busca novas alternativas estéticas e soluções técnicas de narração.

Quando as páginas e as cenas se misturam: interface entre o processo criativo em Balzac: A Obra Ignorada e A Bela Intrigante MARIA SUELY DE OLIVEIRA LOPES (UFPE/UESPI)

A literatura e o cinema sempre estiveram muito próximos quanto à estrutura de comunicação artística ou de manifestação cultural da sociedade moderna. Os dois, em suas dadas especificidades, constroem um universo de representações simbólicas que paira entre o criador e o espectador. Diante disso, objetivo desse trabalho é analisar as relações entre Literatura e cinema em Balzac: a obra ignorada e o filme A Bela Intrigante, adaptação feita para o cinema de autoria de Teixeira Coelho. As duas criações apresentam elementos que permitem uma análise do processo de criação com ênfase nos personagens das respectivas obras. A narrativa literária e a cinematográfica apresentam no decorrer da trama, o personagem-pintor que reflete acerca da feitura do quadro. Para evidenciarmos os elos entre Literatura e Cinema, utilizamos, em nossa análise, aportes teóricos oriundos da crítica de arte contemporânea, da literatura comparada e da teoria literária. Palavras-chave: Literatura. Cinema. Literatura Comparada. Processo Criativo.

Künstlerroman em “Pirlimpisquice”: relações entre o literário e outras artes MARIA LUIZA DE CASTRO DA SILVA (UNIPLI)

Este presente trabalho pretende refletir sobre as possibilidades de considerar o conto “Pirlimpsiquice”, de Guimarães Rosa, como um exemplar do conceito *Künstlerroman* ou romance de arte. Tal reflexão se justifica pela definição do conceito de *Künstlerroman*, ou seja, este se refere à narrativa em que o protagonista figure como artista, ou ainda, à obra que busque equivalências estilísticas calcadas nas relações entre o literário e outras artes. É o que se atesta na narrativa de “Pirlimpsiquice”, em que o personagem principal relembra o momento em que ele e os colegas do colégio são convidados a participar de uma peça teatral promovida pela escola. Pela lembrança, o protagonista, ao contar a estória, entrecruza fragmentos discursivos advindos do teatro, do cinema, da oralidade, da erudição ou do popular. Como fragmentos de vivências, o teatro e o cinema são, no conto, instâncias discursivas que se articulam para produzir, no leitor, o nível de sensações vivenciadas pelo narrador, no ato de relembra o espetáculo. Estas instâncias são mediadas pelo fluxo de memória da voz narrativa, o que as torna acontecimentos que só podem ser capturados pela visão indireta do narrador.

LITERATURA RUSSA: A CENTRALIDADE DA MARGEM

Bruno Barretto Gomide (USP)
Cláudio Ingerflom (CNRS)
Daniel Aarão Reis Filho (UFF)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 605

A crise pós-moderna: aspectos comparativistas entre as literaturas russa e brasileira
ARLETE CAVALIERE (USP)

A proposta da comunicação é surpreender características comuns e/ou contrastivas presentes em textos das literaturas russa e brasileira contemporâneas. Certamente países com especificidades histórias e culturais tão próprias e específicas, como o Brasil e a Rússia, parecem responder de maneira também única e inigualável à crise mundial de valores éticos e estéticos imposta pelo mundo contemporâneo. Verificar em que medida a literatura contemporânea desses países pode ser lida por meio de um mesmo eixo analítico, cultural e estético, constitui o foco desta reflexão.

O comparatismo entre russos e brasileiros: uma proposta teórica
CLAUDIA DRUCKER (UFSC)

A disciplina "estudos comparativos entre literatura russa e brasileira" não existe, pelo menos ainda. Vivemos um momento privilegiado, considerando a liberdade investigativa ensejada pela novidade do assunto. É preciso agora explicitar justificativas e hipóteses prévias para o comparatismo. A comunicação proposta sugere um caminho. A sua classificação como indagação de cunho metodológico ou epistemológico, porém, seria exagerada ou inadequada. Uma metodologia da comparação destas duas literaturas nacionais visaria a criação de um esquema formal que pudesse abarcar todas as obras e explicar como podem ser aproximadas. O caminho proposto aqui é mais modesto. O comparatismo entre russos e brasileiros não toma duas literaturas nacionais quaisquer, escolhidas ao acaso. Era compreensível que a literatura russa exercesse imensa influência sobre a brasileira a partir da segunda década do século passado. A grande literatura russa da segunda metade do séc. XIX é coetânea ao nascimento de uma autopercepção da intelectualidade como não plenamente ocidental. É possível que pela primeira vez a distância entre centro e periferia tenha se tornado mais do que apenas consciente: obsedante. No Brasil, desde o Modernismo, a mesma distância entre centro e periferia foi plenamente aceita e tematizada, rejeitando as propostas do século anterior: tanto o nativismo de Alencar como a ilusão de poder ser europeu, de Nabuco. Se a pergunta pela motivação para o esforço comparativo é relativamente fácil de responder, como proceder daí em diante já não é uma decisão tão clara. Uma orientação a ser adotada é que certas obras condensaram em torno de si todo este contexto histórico. São

ao mesmo tempo historicamente situadas e artisticamente privilegiadas --e talvez pelas mesmas razões. Não poderá parecer senão arbitrária, também, a escolha de Dostoiévski e Nelson Rodrigues como os autores, dentre seus pares, das obras mais capazes de dialogar com sua época, e mais consumadas como obras de arte. À escolha de Dostoiévski e Nelson Rodrigues para representar a totalidade das literaturas nacionais respectivas subjaz uma decisão prévia, ainda que provisória, sobre o que é a grande literatura. Parte-se de uma definição de grande literatura para se provar que estes dois autores a encarnam. Parte-se de uma visão do que seja responder artisticamente à sua própria época para concluir que eles o fizeram. Tal procedimento pode ser chamado essencialista e circular. De fato, abordagens fenomenológicas paradigmáticas da obra de arte já sofreram esta acusação. Contudo, talvez esta seja realmente a forma adequada de proceder, se o desafio é responder à percepção pré-teórica de um elo singular entre literatura russa e brasileira. Existe uma ciência da literatura cuja função é recolher fatos e informações sobre as obras e suas circunstâncias de produção e recepção. O que se propõe aqui já não é uma subdivisão da ciência da literatura. Ou melhor: rejeita-se a suposta incompatibilidade entre ciência empírica ("não-essencialista") e filosófica.

Vanguarda russa e modernismo brasileiro: a literatura de invenção e as massas

MARIO RAMOS FRANCISCO (USP)

Na Rússia, em 1927, já estabelecido o regime socialista, Maiakóvski compõe o poema “Incompreensível para as massas” e, um ano depois, publica o artigo “Operários e camponeses não compreendem o que você diz”. No Brasil, Oswald de Andrade proferiria: “a massa ainda comerá o biscoito fino que eu fabrico”. Esta preocupação dos dois poetas com a relação entre a arte que produzem e seu público receptor em seus contextos específicos apresenta a vanguarda russa e o modernismo brasileiro como duas correntes artísticas que, a partir de sua condição periférica em relação à Europa (tomada aqui como berço dos principais movimentos de vanguarda), buscam equacionar invenção estética e problemática histórico-social a partir da reflexão sobre as influências recebidas do velho mundo. Poetas como Vladimir Maiakóvski, Velimir Khlébnikov, Oswald de Andrade, Mário de Andrade e outros, ao repensar a criação estética assumiam a responsabilidade de discutir sob novo ponto de vista suas próprias culturas e acabaram por lançar sua criação artística para além da relação “centro/periferia”. As aproximações possíveis entre as duas literaturas mencionadas serão observadas tomando-se como base, principalmente na questão das culturas periféricas, os estudos de semiótica da cultura desenvolvidos por Iuri Lotman, seu conceito de semiosfera e, como ramificação deste, a ideia de “fronteira”.

Conforme o figurino, múltiplas figuras: Dostoiévski, Machado de Assis e os círculos concêntricos da modernidade literária

ANA CAROLINA HUGUENIN PEREIRA (UFF)

Os processos históricos de modernização envolvem transformações na atitude intelectual, nas ciências, nas relações humanas de forma geral e abrangente. Na vanguarda de um amplo movimento de redefinições, a Europa ocidental oitocentista expandiu-se e exerceu grande impacto, material e cultural, sobre a Rússia e o Brasil. Inseridos em contextos específicos, Dostoiévski e Machado de Assis testemunharam e recriaram, através da literatura, as misérias e conquistas de países que se modernizavam combinando influências estrangeiras às próprias tradições. As reflexões críticas desenvolvidas por ambos os autores diriam respeito somente às modernidade russa e brasileira enquanto “periféricas”? Ou, considerando a modernidade como processo amplo, ambivalente e múltiplo, existiriam Raskólnikovs e Bacamartes, Kirillovs e Brás Cubas – personagens que encarnam, cada qual a seu modo, dilaceramentos modernos - vagando, em colorações tão específicas quanto universais, pelo Brasil, pela Rússia e pelos grandes “centros” capitalistas europeus? Recorrendo ao exemplo de ambos os autores, pretendemos defender a hipótese de que a modernidade não guarda definições ou “centros” estáticos, mas engloba uma grande variedade humana de formas diversas em círculos “concêntricos.”

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 605

Algumas passagens do amor na vida de Dostoiévski

CAROLINA DETONI MARQUES VIEIRA (UFJF)

Essa proposta de apresentação consiste em abordar algumas passagens da vida de Dostoiévski, a fim de que seja possível compreender melhor o tema do amor, tão relevante em suas obras. Embora não seja possível afirmar em que medida a vida de um artista influencia diretamente a sua obra e nem mesmo em quais proporções a obra de arte contém a vivência do artista, acredita-se ser inegável a referência sempre presente de uma em outra. Algumas passagens biográficas parecem revelar uma possibilidade de melhor entendimento das obras dostoiévskianas em toda a sua complexidade, especialmente quando relacionadas aos seus valores e às relações que acabam por retratar certa atitude diante do mundo, se não capazes de traduzir as ideias por trás da arte, ao menos, então, capazes de indicar algo de sua inspiração. São exatamente esses dados biográficos relevantes, referentes, neste caso, à questão do amor, que essa apresentação pretende abordar.

Dostoiévski em Paris: espaço e voz nas adaptações de Robert Bresson

LUIZA BEATRIZ AMORIM MELO ALVIM (UFRJ)

Entre os treze longametragens do cineasta francês Robert Bresson, chamam a atenção duas adaptações do escritor russo Fiodor Dostoiévski - *Uma mulher doce* (1969, adaptação de *A dócil*) e *Quatro noites de um sonhador* (1971, a partir de *Noites brancas*)-, além da adaptação livre de *Crime e castigo* em *Pickpocket* (1959). Nesses filmes, Bresson transpõe a São Petersburgo do século XIX para a Paris contemporânea: são “adaptações transculturais” (STAM, 2008) da periferia (Rússia) para o centro (França), que não deixam de discutir temas do autor russo, como os dilemas morais e a relação entre humilhados e ofendidos, tal qual analisado por Mireille Le Dantec (2000). Porém, além da presença dos temas de Dostoiévski na obra de Bresson, é interessante observar como se dá a transposição do estilo polifônico do autor e seus personagens excessivamente falantes (em diálogos ou no pensamento) para a sobriedade característica do cineasta. Com esse objetivo focaremos na questão do espaço e nas formas de narração nos filmes, destacando o uso ou não de voz *over* nos filmes e o papel da música como mais uma voz na polifonia das obras cinematográficas. Nos citados livros de Dostoiévski, a paisagem urbana de São Petersburgo é fundamental. Na Paris dos filmes também são abundantes as referências dos lugares por onde passam os personagens *flâneurs*, como os barcos no Sena e placas de ruas. Na verdade, o espaço está presente em Bresson numa forma fragmentada. Não seriam esses fragmentos alguns exemplos da figura do “limiar”, identificada por Bakhtin em Dostoiévski e tão presente nos filmes de Bresson? Pois não é o limiar um fragmento de espaço que esconde um não-dito (ou um não-visto)? Em *Pickpocket*, no lugar da terceira pessoa de *Crime e castigo*, a voz *over* dá ao filme um caráter de confissão, mas pouco revela: conforme o estilo de Bresson, há uma economia de falas e muitos silêncios. Segundo Le Dantec (2000), essa opacidade seria a maneira pela qual o filme mostra as contradições expressas pelos personagens de Dostoiévski e seus comportamentos impetuosos. E para sugerir a polifonia característica do autor contribuiria a música extradiegética de Jean-Baptiste Lully, quase uma “segunda voz” do personagem. Contrariamente, em *Quatro noites de um sonhador*, se o livro é em primeira pessoa, Bresson não usa o recurso óbvio da voz *over*. Diferente do narrador sentimental de Dostoiévski, no filme impera uma atmosfera de contenção, perturbada, porém, por um erotismo latente sugerido pelas músicas diegéticas. Também em *Uma mulher doce* não há voz *over*, embora no livro de Dostoiévski a narração seja em primeira pessoa e se dê toda na consciência do marido da personagem-título. Assim, a polifonia do filme se constrói com outras vozes para além da narração não-confiável do marido: o silêncio de sua interlocutora, a empregada Anna - “o espectador no texto” (Lindley Hanlon, 1986, citando Nick Browne)- e a esposa, seja com o seu cadáver silencioso, seja com a presença dela na história contada e também com as músicas clássicas e barrocas (em oposição ao *rock* ouvido pelo marido) que ela coloca na vitrola.

A revolução de Dostoiévski na forma literária

MARIA DE FÁTIMA BIANCHI (USP)

Já em sua obra de estréia, *Gente pobre*, como se sabe, Dostoiévski promoveu, e com grande ousadia, uma inovação formal extremamente importante na literatura, que lhe permitiu colocar em questão todo o modo de representação realista, então em evidência, e, com ele, a própria posição do narrador. O objetivo deste trabalho é mostrar que um dos fatores que mais contribuíram para esta inovação foi justamente a linguagem.

A obra literária de Liev Tolstói entre ficção e não-ficção

NATALIA CRISTINA QUINTERO ERASSO (USP)

Ouve-se dizer, com frequência, que Liev Tolstói passou por uma profunda crise espiritual por cuja causa abandonou a literatura para dedicar-se a compor sermões. Harold Bloom, por exemplo, afirma que Tolstói “who moralized both abominably and magnificently, has little original to say concerning the pragmatics of literary representation. What might be called his theory of such representation is outrageous enough to be interesting” (Bloom, 1986, pag. 7) e surpreso com o aparecimento de *Khadji-Murát*, disse que, felizmente, “Tolstoy seems at moments to have found his way back to an art that never quite was, even in the remote past, and yet something in us wants it to have existed” (idem), e fica então a impressão de que Tolstói tivesse realizado sua obra literária apesar dele mesmo. Contudo, resulta interessante pensar que as obras primas da maturidade de Tolstói (como a citada *Khadji-Murát*) são fruto não da vitória do talento literário sobre o homem obcecado pela ideia, mas a expressão do “equilíbrio entre ethos e pathos” (idem), cuja busca permanente constitui a “linha de enredo” (Buchkánets, 20-?, pag. 3) da vida de Tolstói e de sua maior obra escrita: os diários. Neles, como em nenhum outro lugar, fica evidente a indivisibilidade entre vida e obra porque, como afirmou o próprio Tolstói sobre seus diários, “eles são eu” (Tolstói, 2009, pag. 193).

A composição dos protótipos das idéias de Raskólnikov em *Crime e castigo*

LUDMILA CARVALHO FONSECA (UEG)

Neste trabalho, pretende-se discutir a influência exercida pelas ideias de O único e a sua propriedade, de Max Stirner, sobre a composição da imagem das ideias do herói Raskólnikov, de *Crime e castigo*, de Fiódor Dostoiévski. Devido à influência deste filósofo sobre o contexto literário de *Crime e castigo*, faz-se necessário abordar, primeiramente, como a ideia é trabalhada nos romances dostoiévskianos e a oposição que estes apresentam ao monologismo ideológico. Bakhtin elaborou uma interpretação crítica e profunda acerca da ideologia. Ao analisar os romances dostoiévskianos, o autor mostrou que existe uma diferença considerável entre a ideologia monológica, aquela direcionada à ideia fixa, e o dialogismo, estrutura em que as ideias se inter-relacionam no âmbito da intersubjetividade humana. O herói dostoiévskiano traz consigo a característica do homem de ideia, ou seja, ele é um ideólogo, porém ele não está inserido em um universo monológico idealista, aquele definido através de uma consciência una, de uma razão absoluta abstrata e conclusa. Em contrapartida, os heróis dostoiévskianos têm suas autoconsciências inacabadas, são livres nos limites do plano artístico. Em um segundo momento, pretende-se discutir a composição dos protótipos das ideias de Raskólnikov, dando ênfase à influência de Max Stirner. O filósofo, ao desenvolver uma crítica ao homem genérico, afirma que este seria uma opressão ao homem singular, por não permitir alcançar a autonomia do indivíduo. Sua crítica influenciou decisivamente as personagens de Dostoiévski, pois têm como traço marcante a singularidade e o ato de revolta. O comportamento de Raskólnikov, caracterizado pelo individualismo, a cometida do crime, a vontade de poder e o fato de se sentir superior, singular e autoconsciente assemelham-se à filosofia desenvolvida no tratado de Max Stirner. Influenciado por essas ideias, Raskólnikov desenvolve no seu artigo uma tese, dividindo os homens em ordinários e extraordinários. A forma como a filosofia é tratada em *O único e a sua propriedade* e em *Crime e castigo* são diferentes, já que no tratado filosófico as ideias estão vinculadas, estritamente, ao plano ideológico, enquanto que no romance a filosofia apresenta-se, principalmente, como um objeto estético.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 605

Um perfil de Vissariôn G. Belínski

RENATA ESTEVES (USP)

A proposta de comunicação é apresentar um perfil do crítico literário Vissariôn G. Belínski (1811-1848), que teve uma atuação primordial na cena literária dos anos 30 e 40 na Rússia do século XIX, com os debates culturais e politizados de que foi protagonista. Encontramos na crítica do jovem Belínski a orientação romântica, moldada pelo Idealismo alemão, que vigorava no ambiente intelectual dos anos de formação do estudante universitário e do estreante no meio publicista. O cunho idealista, no entanto, não suplantou o compromisso iluminista que se manifestava na visão crítica do autor sobre a realidade russa, mas resultou numa perspectiva em que a mescla dessas heranças intelectuais ensejou os primórdios de uma crítica literária realista local. As

inovações da abordagem da literatura russa, feitas por Belinski em sua estreia, determinaram-lhe um lugar de destaque imediato no debate que se desenvolvia na sociedade russa sobre a literatura nacional. O tema da literatura nacional se estendia à questão intrincada da identidade russa por causa dos aspectos históricos e culturais implicados, fazendo com que a atividade literária ganhasse um escopo abrangente. A versatilidade da crítica de Belinski, bem como a contemporaneidade dos posicionamentos defendidos por ele na pelejas literárias recorrentes, apontam para o exercício de uma crítica que amadurece na direção do pensamento materialista como melhor expressão de seu compromisso com as transformações que defendia para seu país. Destacar e explorar as mudanças que se manifestam na trajetória de Belinski, a partir de textos representativos de sua obra, é o meio por que se propõe apresentar esse personagem da história literária russa, considerado como o responsável pela institucionalização da crítica literária na Rússia.

Um encontro com os liberais (Turguêniev e Gontcharóv)

SONIA BRANCO (UFRJ)

É com grande expectativa que os leitores do final da década de 1850 aguardam a publicação de romances de Turguêniev e Gontcharóv - obras de caráter poético-idealista a fazer frente à literatura “acusatória”, então em franca expansão. No entanto, vendo suas expectativas se frustrarem em larga medida, os leitores passam a protestar com veemência contra aqueles autores e seus heróis. Para compreender a atitude dos leitores e as obras em questão, jovens críticos analisam os procedimentos artísticos, vinculando-os à atualidade social da Rússia, e dando início, assim, ao que será um novo método de abordagem da obra de arte – a crítica realista. A reavaliação do idealismo dos “homens dos 40”, assim como a percepção do tipo de leitor existente e suas aspirações configuram o ponto inicial para as suas análises.

O russo sem calças e o alemão de calças: impressões de viagem de um satírico (Saltykov-Schedrin)

DENISE REGINA DE SALES (USP)

Em 1880 o escritor russo Mikhail Evgráfovitch Saltykóv-Schedrin viaja à Europa e, de volta à pátria, publica um conjunto de ensaios intitulado “No exterior”. Tudo o que viu nas nações europeias visitadas serviu ao escritor de motivo para falar do seu próprio país e discutir os problemas que mais o afligiam, comparando a situação russa à de seus vizinhos europeus. Além de reflexões políticas e sociais, o relato de viagem inclui a peça em dois atos “O menino de calças e o menino sem calças” – diálogo fictício entre um menino alemão bem vestido, bem alimentado e promissor e um menino russo maltrapilho, mal alimentado e sem futuro. Será que o autor considerava o grande Império Russo da segunda metade do século XIX uma nação sem calças, na periferia do mundo? Como “No exterior” foi recebido pela crítica e pelo público e em que medida Saltykóv-Schedrin, então diretor da revista “Anais da Pátria”, contribuiu para os calorosos debates da época sobre o futuro da Rússia? A análise desse texto em particular e da sua relação com a atividade literária de Saltykóv-Schedrin como um todo, desde o final da década de 1840, quando ele começou a frequentar encontros de literatos em que figuravam Vissarion Belinski e Fiódor Dostoiévski, ajuda a entender melhor a complexidade da vida cultural russa do período.

A contraposição Rússia-Occidente em “O canhoto”, de Nikolai Leskov

NOÉ SILVA (USP)

A linguagem de Leskov e as suas peculiaridades. Questões de composição e o recurso ao skaz. A situação do escritor na literatura russa da época. Eslavofilia e ocidentalismo, e a utopia da transformação do mundo pelo aperfeiçoamento individual. A aproximação de Leskov com Tolstói, no campo das idéias religiosas. A fortuna crítica do conto e a reabilitação de Leskov no período soviético.

O último Tolstói como tema da literatura contemporânea: abordagens à análise do gênero documental

ELENA VÁSSINA

Na literatura russa atual destaca-se um forte interesse pelo gênero documental, ou seja, por todos os tipos de criação literária baseada em fatos reais. Por um lado, nunca antes foram feitas tantas publicações, pesquisas e traduções do imenso corpus documental dos materiais autobiográficos de Liev Tolstói, dos diários de seus familiares, amigos e seguidores, de sua imensa correspondência e, em especial, das obras ensaísticas de Tolstói tardio, que antes, na maioria das abordagens, era visto como um tipo de “velho problemático”, o “pregador” que tinha traído seu grande talento de artista. Por outro lado, a herança documental de Tolstói inspira a criação dos autores contemporâneos. Lançado em 2010, o livro “Liév Tolstói, biégtso iz ráia” (“Liev Tolstói, a fuga do paraíso”), de Pável Bassínski liderou nas listas dos best-sellers e ganhou vários prêmios importantes. O livro de Bassínski baseia-se em cartas, diários, memórias do próprio Lev Tolstói e de seus familiares e seguidores. O escritor Igor Vólguin usa o mesmo material da herança tolstoviana para criar sua narrativa documental “Uíti ot vsek. Lev Tolstói kak rússki skitálets.” (“Fugir de todos. Liev Tolstói como peregrino russo” (2010). A análise comparativa destas duas obras revela os procedimentos específicos do gênero da literatura documental que os autores utilizam para construção da narrativa que estabelece o dialogo cativante com Lev Tolstói, o personagem principal de seus livros e um dos importantes interlocutores da nossa época.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 605

Liev Vygotski antes da psicologia: os escritos de 1915

PRISCILA NASCIMENTO MARQUES (USP)

A comunicação apresentará, em linhas gerais, o projeto de doutorado “O Vigotski incógnito: escritos de 1915 a 1923”, cujo objetivo é a realização de um levantamento da pouco conhecida produção inicial de Liev S. Vigotski (1896-1934) no período de 1915 a 1923. O corpus em questão é composto por 87 textos publicados em periódicos russos e é constituído fundamentalmente por resenhas de peças teatrais e de obras da literatura russa e mundial. Não foram encontradas traduções desses textos para línguas ocidentais, nem tampouco edições russas dos mesmos. Assim, pretende-se desenvolver parte da pesquisa em arquivos russos para a localização do material e, em seguida, traduzir uma seleção desses artigos. A tese, além de apresentar as traduções, trará um estudo do corpus que inclui: mapeamento dos temas; identificação dos caminhos percorridos por Vigotski no campo da crítica literária; verificação da relação entre esse percurso e as formulações presentes em *Psicologia da arte* (1925); identificação da presença de questionamentos psicológicos no tratamento da arte; relação da produção de Vigotski com o ambiente artístico e intelectual russo entre a “Era de Prata” e o período revolucionário.

David Vygotski: um hispano-americanista soviético

BRUNO BARRETTO GOMIDE (USP)

A trajetória de David I. Vygotski (1893-1943) é pouco conhecida na história das relações culturais entre a União Soviética e o mundo hispano-americano. Vygotski foi um brilhante ensaísta, poeta e tradutor de 14 idiomas, em especial o espanhol e o português. O objetivo desta comunicação é apresentar aspectos de sua correspondência com intelectuais latino-americanos nos anos 1920 e 1930, a partir de material inédito depositado em seu arquivo.

Contornos nabokovianos russos

GRAZIELA SCHNEIDER URSO (USP)

Apesar de amplamente reconhecido no exterior como um todo e cada vez mais redescoberto e em voga na Rússia em particular, o Nabókov russo em russo ainda é quase anônimo no Brasil. À procura do(s) nabokoviano(s), a presente comunicação intenta realçar sua face russa, ou seja, que o autor não apenas nasceu e cresceu na Rússia, consagrou-se primeiro como autor russo e escreveu por mais de 20 anos nesse idioma, mas também que esses contornos continuaram manifestos em toda a sua obra: os leitores brasileiros costumam não saber que muitos dos livros que lêem, traduzidos para o português do inglês, foram concebidos em russo e vertidos para o inglês, geralmente pelo próprio autor ou por seu filho Dmitri, sob sua supervisão. O processo de deslocamentos físicos e a mudança da língua de criação de russo para inglês compõem identidades culturais e artísticas complexas, já que escreveu em russo e inglês, mas, de forma bem marcada: depois de produzir vasta e expressiva obra em língua russa passa a escrever quase que exclusivamente em inglês. Há uma cisão quando pára de criar em russo e passa a criar em inglês, e recriar em russo, mas continua a escrever poesia em russo e a (auto)traduzir para esse idioma: a poesia e a (auto)tradução são sua conexão artístico-literária com a língua russa. Sua Terra e sua Língua continuam em sua ficção. O constante estado de impermanência, “neither here nor there” leva a intermitentes processos de re-negociação de identidade, culminando em um estilo, linguagem e escritura nabokoviano muito sui generis: nem russo, nem inglês, nem francês, mas seu russo, seu inglês, seu francês (con)fundindo-se em uma linguagem híbrida, “deslocante”, movediça, fluante, pêndula. Assim, Nabókov nos oferece substância e essência em várias esferas e camadas para nutrir e incitar que a busca pelo(s) nabokoviano(s) continue, ad infinitum, com novas (re)descobertas e perspectivas, novos aportes e (re)leituras.

Literatura e história sob as lentes de cinco cineastas russos (Eisenstein, Kozintserv, Paradjânov, Tarkóvski e Sokúrov)
NEIDE JALLAGEAS (USP)

Propõe-se apresentar e colocar em discussão procedimentos através dos quais destacados cineastas russos, de períodos distintos, encaminharam suas realizações defendendo o cinema como arte autônoma, distinta da literatura. Esta defesa pode ser observada tanto na teia de suas iniciativas teóricas quanto em suas singulares filmografias, ambas constituintes de uma pungente argumentação sobre a especificidade da linguagem cinematográfica. Serguei Eisenstein, Grigóri Kozintsev, Serguei Paradjanov, Andriêi Tarkóvski e Aleksandr Sokúrov, por caminhos diferentes, construíram, cada um, uma estética que se destaca mundialmente como exemplo de um grande cinema. E todos levaram à tela, dentre outras, produções que partiram de textos literários ou historiográficos, biográficos ou ficcionais: Ivan, o Terrível; Hamlet; Rei Lear; Don Quixote; Ashik Kerib; Sayat Nova; Andriêi Rublióv; Solaris, Stalker; Crime e Castigo; Madame Bovary. E, ainda, em grande parte, os diretores também assinam roteiros que extrapolam as fronteiras do gênero. Um bom exemplo é o roteiro de Andriêi Rublióv, de Tarkóvski, (publicado há dois anos no Brasil, com tradução direta do russo), considerado pela crítica russa uma obra-prima literária; e o Encouraçado Potiônkim, também exemplar, teria surgido, segundo Eisenstein, “de meia página do volumoso roteiro de ‘O Ano 1905’”, escrito por ele e por Nina Agadjánova. Tal passagem do texto escrito para a tela luminosa e sonora tem rendido aos cineastas russos, desde as vanguardas históricas, ao que tudo indica, um farto celeiro de reflexões sobre o imbricamento de artes distintas e se pensarmos na pintura, teatro, escultura e fotografia, então, esta discussão demonstra-se inesgotável e infundável! Por hora a questão que fomenta esta comunicação é: em que consistiria esta autonomia e esta especificidade do cinema e como elas se manifestam na filmografia destes cinco cineastas? Uma das hipóteses é que há um conceito-chave de Eisenstein concebido enquanto conjunto monístico (som, espaço e movimento cuja articulação - monística - definiria a montagem), que de formas e estilos diferentes, se manifestaria explicitamente nas realizações dos cineastas investigados, na articulação do som, espaço e movimento em suas obras. Pensadores como Viktor Chklóvski, Iúri Lotman, Jacques Aumont e Gilles Deleuze, ao lado dos próprios cineastas em questão, oferecem aporte teórico a esta discussão. (Agência de fomento: Fapesp)

LITERATURAS EM TRÂNSITO, TEORIAS PEREGRINAS I

Isabel Jasinski (UFPR)
Luis Alberto Brandão (UFMG)
Gustavo Rosas Augusto Laranja (Universidade Positivo)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 503

Mario Bellatin e a escrita nômade ISABEL JASINSKI (UFPR)

O nomadismo pode ser considerado um estado originário para a humanidade, referido ao trânsito de uma situação que nunca permanece a mesma. Como forma de apreensão do mundo, ele marca a caminhada do ser humano ao longo da sua existência. Porém, no século XX, a partir das Grandes Guerras, adquiriu-se uma consciência da “mundialidade” para além das fronteiras nacionais. Por razões políticas, econômicas, ou simplesmente por aspirações hedonistas e aventureiras, a imigração, o exílio ou a viagem configuraram narrativas dessa experiência. Algumas vezes produto da capacidade de escolha do ser humano, outras não, elas redefinem os conceitos de liberdade, de autonomia e de identidade. Enquanto potencial de compreensão e autocompreensão por meio da busca, essas narrativas despertam o interesse da reflexão literária que pensa sobre as possibilidades da representação ficcional de captar a fluidez da vida e sobre a composição de uma escrita nômade. Os personagens de Mario Bellatin vivenciam tal prática de apreensão e expressão da realidade, que evidencia o diferimento como elemento determinante para a construção de sentido nos seus textos. A escrita nômade não aspira a totalização, não para de se escrever, ela se constitui por meio dessa exploração das potencialidades da expressão, sem considerar-se presa a pressupostos de significação. Ela caracteriza um projeto estético que prioriza o vir-a-ser da palavra literária, o seu aspecto artístico, plástico, livre e lúdico, pura prática do presente. A escrita nômade de Bellatin se configura sobre uma espécie de lapso narrativo que rompe toda continuidade lógica e se efetua na elaboração dos personagens, na relação entre textos e imagens, na fragmentação narrativa.

A construção da personagem “Espírito Livre” no contexto da filosofia errante de F. Nietzsche VOLNEI EDSON DOS SANTOS (UEL)

Nos limites entre a Filosofia e a Literatura, Nietzsche concebe uma personagem, o espírito livre (Freigeist), que lhe servirá de companhia em uma época de sua vida e obra na qual ele mesmo se nomeia um fugitivus errans. As obras que serão produzidas neste contexto de errância serão denominadas, a propósito, “meus livros peregrinos”. O sentimento que se ampara tanto de autor e personagem neste fazer-se nômade se expressa a partir de um misterioso páthos da distância. Constituído nestas obras e como lugar por excelência para a compreensão deste sentimento, o espírito livre, quase um “outro” do filósofo, é concebido num mesmo movimento que aponta tanto para um distanciamento das terras da metafísica e a busca por outras terras, quanto para um retorno a si mesmo. Isto vai se traduzir na vivência do filósofo, a exemplo de Montaigne que faz de sua biblioteca o lugar de um retorno a si, em um tempo de intensa experimentação de si e de um trajeto de onde se apreende cada vez mais a respeito de uma intensa independência e liberdade do espírito. A descrição desta personagem errante, enquanto pintura de uma tela que recebe seus traços na medida em que se caminha, e da filosofia de andarilho que lhe corresponde, é a meta a ser alcançado com esta comunicação e o motivo que busca fazê-la convergir para a temática geral deste simpósio.

Escritas circulares TEREZINHA TABORDA MOREIRA (PUC-MINAS)

Vários textos da literatura moçambicana, publicados antes e depois da independência de Moçambique, retratam a situação de desenraizamento causada pelas condições sociais, políticas e econômicas do país. Nesses textos, as viagens emergem em sua condição ambígua de propiciadoras de experiências de não pertencimento e estranhamento e, ao mesmo tempo, tentativas de redesenhar lugares de pertença e identidades. É o caso dos romances *Portagem* (1965), de Orlando Mendes, *A varanda do frangipani* (1996), de Mía Couto e *As visitas do Dr. Valdez* (2004), de João Paulo Borges Coelho. No âmbito da representação estética da realidade nacional, os deslocamentos dos personagens desses romances desvelam o processo de mestiçagem permanente que marca a história de Moçambique; traduzem a permeabilidade como característica do homem moçambicano como ser transfronteiriço, cuja identidade resulta de negociações políticas entre culturas, etnias e raça, e demarcam a criação de escritas literárias que negociam, também politicamente, as transparências e as ambiguidades com as quais refiguram os temas com os quais se comprometem.

Da França ao Marrocos, da Irlanda à Itália, Barthes e Joyce em deslocamento MAURO MARCELO BERTÉ (UFPR)

Pretende-se apontar o em comum e o incomum de “Incidentes”, de Roland Barthes, e *Giacomo Joyce*, de James Joyce, enquanto expressões de literatura em trânsito. Inicialmente, as obras se assemelham em quatro aspectos: são publicações póstumas, de características reconhecidamente autobiográficas, realizadas na situação de deslocamento e que promovem a escrita fragmentária e descontínua. Barthes registrou sua passagem pelo Marrocos no final da década de 1960 em uma espécie de caderno de viagem, que resultou em uma coleção de pequenas aventuras amorosas em meio a impressões e críticas do cotidiano marroquino. Joyce, na situação de professor de inglês em Trieste, na Itália de 1912-1915, descreveu paisagens italianas e retratou de modo particular sua jovem aluna triestina, em meio a sentimentos de desejo contido. No campo da experimentação é aproximada a idéia barthesiana de incidente do conceito joyceano de epifania. A primeira entendida como a tentativa da escrita para se apossar do imediato, ou ainda um instante de interpretação das instantaneidades, muito semelhante à definição joyceana de momentos evanescentes e banais a serem registrados como súbita manifestação espiritual. Por fim, alteridades melancólicas, manifestadas em anseios amorosos não realizáveis, despontam como mais um elo, ainda que incomum, entre Barthes e Joyce: o primeiro, na solidão amorosa imposta pela construção do casal impossível, na não concretização da relação homossexual; e Joyce, no misto de acanhamento e ironia no aparente impedimento da união entre aluna e mestre.

De quimeras e viajantes: práticas do deslocamento na ficção contemporânea CLAUDETE DAFLON (UFF)

Em *Routes* (1997), James Clifford propõe “a view of human location as constituted by displacement as much as by stasis.” Para o autor, práticas de deslocamento são constitutivas dos significados culturais e, portanto, não representam simplesmente a possibilidade de difusão ou transferência de cultura. A viagem pode ser assim compreendida também como um “lugar”. A reflexão contemporânea sobre os deslocamentos, as fronteiras e a constituição do sujeito tem ocupado importante espaço na produção ficcional, seja literária ou cinematográfica. E, nesse sentido, tem contribuído para a compreensão desses deslocamentos enquanto “human location”. É o caso da obra de autores como Bernardo Carvalho. Em seu romance *O filho da mãe* (2009), definida como mistura de dois embriões, a *quimera* é percebida como monstruosidade a ser eliminada, sinal de mau-agouro. Ao encarnar a estranha condição de ser dois sem ser nenhum, tem sua condenação atrelada à sua constituição híbrida, que não cumpre a ordem natural das coisas. O filho da mãe é uma *quimera*, desterrado que é, alienado da terra e da família. Em *Teoria da viagem*, publicado originalmente em 2007, Michel Onfray discute a viagem como expiação. O errante seria, antes de tudo, um condenado: “O capitalismo atual condena do mesmo modo à errância, à ausência de domicílio ou ao desemprego os indivíduos que rejeita e amaldiçoa”. Ferindo a lógica do isto ou aquilo, a condição híbrida e errante estaria de acordo com uma “índole processual”, para usar expressão empregada por Heidrun K. Olinto. Nos sistemas binários, ainda segundo a autora, há uma relação de exclusão em que um dos pares conceituais se torna totalizante e o outro invisível. Essa, porém, também é a chave do filme *Incêndios* (Incendies, 2010), do diretor Denis Villeneuve, em que irmãos gêmeos, após a morte da mãe, encarnam a *quimera*, em que dois são um. Ao encontrarem o pai, filhos-da-mãe, descobrem o irmão. Não há a designação de uma terceira instância como alternativa, mas o investimento no múltiplo, porque também um são dois. Isso, de alguma maneira, se traduz na multiplicação de relações possíveis, dos pontos-de-vista em que se constroem os relatos e da própria forma como a narrativa é encaminhada seja no romance de Bernardo Carvalho seja no filme de Villeneuve. Múltiplos caminhos, talvez como as 300 pontes de São Petersburgo que não levam a lugar algum. Narrativa em trânsito que se reveste da dimensão trágica que a errância, enquanto “human location”, traduz em sua direta relação com a guerra, o terrorismo e a intolerância.

MODALITIES OF BEING AGAINST

Fabio Akcelrud Durão (UNICAMP)
Rachel Price (Princeton)
Paulo Moreira (Yale)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 410

Reactionary Modernism and the Future of the Past
BARBARA WILL (Dartmouth)

Conservative and reactionary modernisms have been a thorny topic for academic scholarship. On the one hand, by the time of the New Critics and beyond scholars have felt the need to justify aesthetic achievements by separating art from life, or the result in the artifact from its programmatic intention, something most authors would strongly oppose. On the other hand, more recent critics have fully integrated aesthetics and politics, only to condemn the former together with the latter. This communication is an attempt to rearticulate the problem of reactionary modernism as it relates to time. By paying attention to the different kinds of temporality at work in the texts of great and minor conservative modernists a more complete vision of the contradictions they express and embody can be obtained.

Vanguard Politics, Populist Poetics: Reflections on Avant-Garde Manifestos in Latin America
BRUNO CARVALHO (Princeton)

If the manifesto as a genre shifted from the political to the artistic sphere during the beginning of the twentieth century, both would remain intricately connected in Latin America's vanguard movements of the 1920s and 30s. Several literary figures central to the region's avant-gardes either founded or joined "radical" political parties, among them Vicente Huidobro, Pablo Neruda, Manuel Maples Arce, Mário de Andrade, Nicolás Guillén, Luís Palés Matos, Arturo Uslar Pietri, Menotti del Picchia and José Carlos Mariátegui, to name but a few. Many of these writers stood on the losing side of electoral or political disputes, not unlike many of their European counterparts. Significant portions of their artistic projects and literary works, nonetheless, were incorporated into "official" national literatures, frequently during regimes opposed by them. How then, we must ask, did Latin American avant-garde writers adapt to shifting political realities that emerged in the wake of their aesthetic innovations? And conversely, how did new political regimes appropriate practices developed by these same avant-gardes? This paper will approach this question through focus on the analysis of intersections between populist discourses, manifestos, and advertisement.

Idiots of all countries Unite! Can knowledge be more than recognition?
HENNING TESCHKE (Universität Augsburg)

Idiots of all countries Unite Can knowledge be more than recognition? Is perception different from identification? Is life more than repetition? The „idiot“ appears as a figure irreducible to the identity of the general and the particular. The idiot demands everyone to set himself free from the ruling prejudgements and clichés in order to encounter himself beyond representation. Conceptual and esthetical figure at once, the idiot constitutes a singular determination and a specific power incompatible with each social order. He wants to start with a manner of thinking that shares the nature of each individual: to be unique and irreplaceable, in other words: to be an idiot. In philosophy, theology and literature, his long history begins with Socrates, continues through Nikolaus Cusanus and hasn't come to an end with Dostojewski. The 20th century multiplies the idiotical interventions.

The Language of Flowers: A subversive code of being against
ISABEL KRANZ (Universität Erfurt)

The language of flowers is assumed to have originated in Turkish harems as a way for women to communicate with their lovers outside the walls of their secluded home. Elements of nature (flowers and their names) are used to encrypt secret messages. It is thus a rhetoric code invented to bypass official channels. Opposition to the strict social power regime is not expressed in open opposition but rather in a subversive mode. In how far can we think of the language of flowers as a rhetoric of being against? How can its antagonistic nature be reconciled with the basic units of this code – flowers, traditionally metaphors for frailty and beauty? And what is the relevance of this subversive mode for literature, film and culture in the 19th and 20th century?

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 410

Resistance in Postcommunism. A Case for the Renewal of Critical Theory OVIDIU TICHINDELEANU (Idea Arts + Society Journal)

Resistance in Postcommunism The social and cultural history of the "postcommunist transition" has been marked throughout the region of Eastern Europe by the return of two dominant phenomena of global modernity: capitalism and coloniality. The fall of the Iron Curtain meant to a significant degree the re-absorption of the socialist bloc into larger and long-durée structures of world history. I will present on certain modes of resistance in the everyday life of transition that stemmed from this unique combination of socialist past and capitalist present, making the argument for a renewal of critical theory at the intersection of epistemic materialism and decolonial theory.

The weapons of criticism DANIEL PUGLIA (USP)

In his book *The Meaning of Life* (2007), Terry Eagleton analyses questions concerning the role of theoretical thinking and its capacity to solve some of the more pressing problems of our times. His essay is a vigorous synthesis of philosophy, history and aesthetics in an objective, clear prose where humour plays a leading role allowing for unexpected connections. Under the guise of apparent formal simplicity, the author, once again, uses the critique of political economy as a basic tool to challenge contemporary consensus. The consequences and developments of this critical approach shall be the topic of this presentation.

O traidor como figura antagonista GRACIELA ESTRADA VARGAS (UNAM)

Proposta para o simpósio: 32 - MODALITIES OF BEING AGAINST Título do Trabalho: O traidor como figura antagonista. El simposio propone reflexionar sobre las formas contemporáneas de oposición, de ser antagonista. A propósito de la palabra « traicionar », Kundera escribe en *L'Art du roman* (1986) “Traicionar es salirse de la fila y partir hacia lo desconocido”. En su novela *L'Insoutenable légèreté de l'être* (1984) el personaje de Sabina es a la vez « amie érotique » de Tomas y amante de Franz, un hombre casado. El narrador hace referencia a ella como una traidora/ “traîtresse” y después toma posición a favor de la traición, a la que ve como una forma de libertad. A través del personaje de Sabina, conductas humanas estigmatizadas socialmente como la traición y el libertinaje, se sitúan en un espacio ajeno al juicio moral o, en todo caso, no son condenadas. De esta suerte, Sabina se presenta como antagonista de los preceptos morales. Otro personaje identificado como “traidor” en el mundo narrativo de Kundera es Zavis Kalandra (*Le Livre du rire et de l'oubli* de 1978); condenado por el Estado comunista y por Paul Éluard como traidor a la patria. Igual que Sabina, este personaje salió de la fila, se “soltó de la trayectoria circular”, de la ronda en la que danzan los simpatizantes del comunismo. Zavis Kalandra es la figura que se opone a la postura política dominante. En la novela *Cambio de piel* (1967) de Carlos Fuentes, el traidor es el novelista: « Toda novela es una traición [...] un acto de mala fe, un abuso de confianza » pues « La mentira literaria traiciona a la verdad ». El mismo personaje se cuestiona sobre otra traidora, la Malinche « madre traidora que se dejó fornicar para que tú y yo pudiéramos ». El novelista hace la apología de esta mujer y de todas las otras mujeres indígenas que se “dejaron hacer” y terminaron con el dominio azteca: “[¿] hubiera sido mejor derrotar a

los españoles y continuar sometidos al fascismo azteca? [...] Más sabias [...] las mujeres indígenas se dejaron hacer” (Cambio de piel). Por consiguiente, según estas perspectivas los traidores son antagonistas de todo lo que atente contra la sabiduría, la creatividad (del novelista) y la desenajenación (« salir(se) de la fila »). Proponemos una reflexión sobre la figura del traidor en distintas obras narrativas del siglo XX, identificando las formas en que realizan su oposición.

Antagonizing Fathers: writing against and through patriarchy in Antonio Olavo Pereira's *Marcoré* REX NIELSON (BYU)

Proposta: O pai exerce um papel fundamental na cultura brasileira em termos reais e simbólicos. Sua posição na família atinge a identidade de todos os seus membros e sua influência estende-se muito além dos limites da casa, moldando as hierarquias de poder e as dinâmicas de gênero, classe e raça. Dado ao seu poder na cultura, talvez seja inevitável as muitas e várias ansiedades paternas expressas na produção literária. Durante os períodos das ditaduras, por exemplo, a figura do pai na produção literária não pôde deixar de ser identificada com o governo autoritário e paternal. Metaforicamente, o pai patriarcal virou a autoridade contra a qual muitos escritores desenvolveram projetos de resistência e revolução para promover os direitos de mulheres, gays, negros, pobres e outros grupos marginalizados. Progresso social tem sido caracterizado como uma derrota do pai e seus antigos valores. O objetivo deste trabalho é analisar a figura do pai e a masculinidade heterossexual na obra de Antonio Olavo Pereira. Se o pai é uma mera metáfora de autoridade, o que resta para o homem heterossexual? Está ele condenado à metáfora autoritária e patriarcal? Ou será que existem espaços e outras formas de identidade masculina heterossexual? É neste âmbito que este trabalho propõe-se a considerar a construção da masculinidade heterossexual no romance *Marcoré* de Antonio Olavo Pereira.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 410

Roland Barthes et la querelle de la critique brésilienne LAURA TADDEI BRANDINI (UEL/USP)

Dans les années 1960, en France, la discussion entre le critique Raymond Picard et l'écrivain Roland Barthes s'est fondée sur leurs œuvres *Sur Racine* (1962), *Nouvelle Critique ou nouvelle imposture* (1965) et *Critique et vérité* (1966), instituant la querelle de la critique française, les critiques traditionnels s'en prenant aux nouveaux critiques. Ces groupes se sont aussi disputés au Brésil, mais avant, dans les années 1950, et leurs débats ont formalisé la querelle de la critique brésilienne, dans laquelle Barthes a pris part sans le savoir. La querelle brésilienne naturellement avait ses particularités : même si, comme la querelle française, elle opposait des conceptions critiques, celles-ci étaient représentées au Brésil par une critique traditionnelle encore très attachée à des valeurs romantiques et symbolistes, et par la critique universitaire alors naissante, qui s'imprégnait des nouvelles théories en vogue, issues des domaines différents du savoir – telles la psychanalyse, l'ethnologie, la sociologie, la linguistique, etc. –, et qui produisait un discours non seulement étranger dans ses conceptions, mais surtout dans son langage. Les combats entre les deux critiques a eu lieu dans les journaux et a compris la réception de l'œuvre de Barthes. Dans cette communication je mettrai en relief comment la querelle de la critique brésilienne s'est aussi produite dans le domaine du langage : comment certains critiques traditionnels, par leurs attaques à Barthes, avaient pour but d'atteindre la critique universitaire et comment pour ce faire ils employaient un lexique particulier. Autrement dit, comment les idées et les œuvres de Barthes ont été des prétextes pour que la critique traditionnelle se manifestait contre l'écrivain français, mais surtout contre les concepts et les valeurs de la critique universitaire véhiculés par le moyen d'un jargon qui lui était propre. Ce travail intègre ma recherche de doctorat sur la réception de l'œuvre de Roland Barthes au Brésil, développée en cotutelle dans les universités de São Paulo et de Genève, sous la direction des Professeurs Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto et Patrizia Lombardo.

Contradictions of the culture industry: genre hybridization as its own antagonist CHARLES PONTE (UERN/UNICAMP)

Promises of novelty permeate the discourse of the culture industry in everyday life; the advertisement for a new pop band, TV show or film brings along a taunting of consumer tardiness, as if the biggest crime to be committed in a capitalist society were the buying deficit. However, more often than not, such promises turn out to be the reworking of old formulas, either by masking repetition through the technological dazzling of the audience, or merely blending elements from older artifacts, which includes the hybridization of genres, and ultimately results in the elimination of genre characteristics. Thus, dialectically, on the one hand, there could, indeed, be a potentiality for the new in such changes, when considering only one artifact, on the other, once all genres start copying this process, the hybridization as a means of procuring new forms of expression tends to backfire. To illustrate that double movement, this paper takes the *Scream* trilogy (1996; 1998; 2000), acclaimed as a *new* form of slasher movie, as an example of such hybridization trend in the last decades, and decomposes the films' structure to identify what genres it blended especially in terms of decoupage and editing, then comparing it to other genres from the same decade, such as the teenager comedy and the thriller. In this case, the apparent innovation becomes a bane for the intended effect, since the old genres, reasonably standardized and differentiable, now overlap, approximating one another and eliminating the few stylistic traits they might have had. Drawing mainly from Adorno and Horkheimer's concept of culture industry (1985) as well as Adorno's further elaborations on the same topic (2001), one can easily perceive that, even if the hybridization springs out from the search for different cultural formats (what cannot be actually asserted from the few modifications implemented), in the long run, this modification ends up in blending all genres into one, therefore rendering the attempt to produce difference its own antagonist.

Culture industry, intoxication and naturalization: the taming of Naked Lunch

Culture industry, intoxication and naturalization: the taming of Naked Lunch

JOSÉ CARLOS FELIX (UNEB/UNICAMP)

The notoriety of Burroughs' *Naked Lunch* (1959) can be accounted both on its content and form: a) the book's shocking depiction of all sorts of obscenity and abjection; b) its experimentalism by an extensively use of a vigorous technique of rupture, known as the cut-up method, with formal and cohesive text syntax immediately associated with modernist transgressive writing. This paper intends to discuss Cronenberg's *Naked Lunch* (1991) film version by investigating a series of cinematic devices that favors an attainable meaning, promptly denied by Burroughs' book, but fundamental to guarantee the circulation of any cultural product. The argument seeks to demonstrate that whereas Burroughs' oeuvre is epitomized by the motto "nothing is true: everything is permitted", Cronenberg's film version departs from the author's defense of intoxication in order to achieve a truly creative literary process, as a means to antagonize to all kinds of preconceived narrative forms (including film genres), which eventually engenders a narrative structure that inverts the conventional opposition valences between the categories of hallucination and soberness. The result then is a tension of two opposing realms in which the protagonist's hallucinative state is framed by a narrative procedure akin to mainstream film formulas such as noir and conspiracy genres. Then, a detailed reading of the film's structural components evinces that the realm of hallucination strives to forge a cohesive narrative pattern, creating "a sense of reality" (both in the protagonist and viewers alike), only to be destabilized by minor interferences that can be taken as technical flaws, which operate disguisedly against such structure. Finally, the paper concludes that the film's hallucinative narrative structure effaces the book's vanguardist potentiality for being against literary conventions and produces a coercive naturalization of images and film aesthetics analogous to the procedures of homogenization of reality perception pointed out in the critique of culture industry.

Controversy between imperial centers and their subjects: representations of the Spanish and the Ottoman empires in the Colombian and the modern Greek novel
MARIA KALANTZOPOULOU (CUNY/USP)

Nineteenth-century novel has been widely viewed as a place of consolidation of the national discourse. Nation has often been seen as an imagined community whose internal ties are enforced by its opposition to other entities. Contemporary theory has underlined the controversy between colonizers and colonized, and novels have been increasingly studied from a postcolonial perspective. This paper proposes a comparative study of the modalities of being against in two novels that deal with the encounter of a European and a non-European imperial center with their re-

spective subjects. The purpose of the paper is to observe how the Spanish and the Ottoman empires are represented in literature of their subjects who came to gain their independence at the beginning of the nineteenth century, namely in the Colombian and the modern Greek novel. *Yngermína* (1844) by Colombian author Eugenio Díaz, depicts the foundation of the Colombian port of Cartagena in the sixteenth century, the novel focusing on the civilizing character of the conquistadors' interests when dealing with the indigenous peoples. The latter are represented by the author by means of the rousseauian conception of an idealized savage, and the emphasis is put on the civilizing project launched by the Spanish. In *Ali-Hourshid Bey* (1882), by Greek author Vasileios Nikolaidis, the main character is a Greek young child given as a gift to the Ottoman pasha during the Greek war of independence. Brought up in the environment of the powerful pasha, the child embraces Ottoman culture, and manifests his aversion to Greeks. When, some years later, he is recovered by his mother, he aggressively resists the teaching of Greek values. After a tough process of hellenization, the protagonist finally accepts Greek culture, and asserts, from the mature author's point of view, the superiority of the Greek over the Ottoman culture. The two novels are representative of the overall tendencies of Colombian and Greek literatures, as far as the encounter between the empire and the local peoples is concerned: Colombian literature features a high amount of novels which focus on, and stress the importance of, the conquest, while liberation from the Spanish empire appears in only one novel; on the contrary, Greek literature features various novels which are interested in the war of independence, and no novel dealing with the relations with the Ottomans in the pre-independence times. These characteristics suggest, I argue, that, for reasons which have to do with the different history and character of the two empires, Colombian literature articulates a national project based on the encounter with the Spanish, while Greek literature proposes one that seeks its origins in the ancient past, while rejecting the Ottoman imperial factor.

Historiografia/Teratologia: a irredutível oposicionalidade da crítica NABIL ARAÚJO (UFMG)

Em "Writing the history of criticism now?" (1985), Dominick LaCapra responde a uma tal pergunta com uma outra, como se reconhecesse aí um obstáculo aparentemente intransponível: "como alguém escreve uma história de um 'objeto' radicalmente heterogêneo e internamente dialógico?" Uma tal visão das coisas, ele a avalizava por meio da citação de um trecho de *On deconstruction* (1982), de Jonathan Culler, no qual se fala da "confusão" da teoria literária contemporânea e da crítica como um campo constituído por "atividades aparentemente incompatíveis". O curioso é que no livro de Culler a heterogeneidade e a dialogicidade da crítica que tanto impactarão a LaCapra surgem como plenamente subsumíveis a um novo "gênero" de produção discursiva denominado "Theory", do qual Culler se esforçará por fornecer, a partir de então, a teoria: já num texto de 1987, ele nos oferece a narrativa da gênese, do desenvolvimento e da progressiva institucionalização da "Theory" na universidade norte-americana; uma década depois, publica o manual que coroará a institucionalização definitiva do referido gênero discursivo como prática teórico-crítica hegemônica no mundo de língua inglesa: *Literary theory: a very short introduction* (1997). Mas se já em *On deconstruction* a "Theory" é apresentada como um gênero essencialmente heterogêneo, dialógico e transdisciplinar (que abarcaria em si, portanto, as oposições de superfície no campo da crítica), a percepção, expressa por LaCapra em 1985, da crítica como uma "arena" onde disputam entre si "diversas práticas discursivas" não poderia ser remetida a um mero desconhecimento da boa nova pacificadora anunciada por Culler em seu livro, mas a algo como um recuo reversivo em relação àquilo mesmo que, nela, e justamente em nome de um certo ecletismo em matéria de crítica, inevitavelmente recalca uma heterogeneidade/dialogicidade de base que, como tal, permaneceria irredutível ao referido ecletismo. Nesse recuo, que se confunde com um desrecalcamento do irredutivelmente heterogêneo/dialógico da crítica, é uma certa operação historiográfica que se deixaria, então, entrever: não arquivadora e institucionalizante, como a historiografia convencional, mas desarquivadora, reveladora do subsolo de oposições indecíveis no próprio alicerce das práticas teórico-críticas institucionalizadas (incluindo a "Theory"), e no qual reside, em última instância, sua própria historicidade. Em outras palavras, o horizonte heterogêneo/dialógico divisado por LaCapra revelar-se-ia não como um ponto de partida mas como um ponto de chegada de uma certa historiografia da crítica. A natureza dessa atividade historiográfica e do horizonte por ela revelado, bem como suas possíveis consequências para os estudos literários, isso é o que eu gostaria de abordar em minha comunicação, tomando por base um iluminador texto de Jacques Derrida, publicado em 1990, em que ele se ocupa criticamente da situação da "Theory" e da desconstrução nos EUA.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 410

On the dialectics of scandal in the last São Paulo Biennale
FABIO AKCELRUD DURÃO (UNICAMP)

This presentation investigates two scandals of the last São Paulo Biennale, those of Nuno Ramos' installation, which featured vultures in loco, and Gil Vicente's drawings of himself on the verge of killing politicians and notorieties. The underlying hypothesis is that here the antagonism of scandal reconfigures these works from the inside, turning what would be problematical artifacts into successful objects from which knowledge can be derived.

Waldemar Cordeiro: O homem que não é B.B.

RACHEL PRICE (Princeton)

This proposed presentation examines Brazilian landscape architect, concretista and pioneer of computer art Waldemar Cordeiro's notions of virtuality, situating his early digital work--done on an IBM at USP--in the context of his prior experiments in landscape, concrete art and poetics, as well as the conflicts of his moment. The reflection is approached through Cordeiro's seminal work 'A mulher que não é B.B.' How does Cordeiro's notion of a digitalized (virtual, non-"concrete") transformation of an iconic anti-Vietnam war image of a woman who was most definitely not B.B.--Brigitte Bardot--respond to a medium that emerged out of cybernetics' and early computation's links to military intelligence?

Deep Undercurrents: Forms of Antagonism in Latin American and National Identities

PAULO MOREIRA (Yale)

The more one consistently focuses the gaze on the idea of Latin America, the more it becomes elusive, hovering tenuously above and beyond (or below and before) ethnic, national and linguistic allegiances. This slippery identity has furthermore been put to question from the inside as well as from the outside. From within, Latin Americans themselves have managed to discredit it several times; not only those who wish to identify themselves primarily with centers of prestige in Western culture, but also those who have insisted on the grand and empty rhetoric of continental solidarity. From outside observers there is sometimes the temptation to turn Latin America into a perfunctory, Hollywood-inflected smorgasbord, piling up enticing clichés to amuse tourists in the globalized cultural supermarket. Whether pejorative or patronizing representations, whether malicious fabrications or innocent misunderstandings, this accumulation of stereotypes points to lazy, parochial oversimplifications that tend to smooth over diversity and overlook an obvious but important fact: we are first and foremost Argentines, Brazilians, Cubans, Mexicans, Peruvians, etc who also happen to be Latin Americans, the result of a long, sustained investment in national identity as cultural hegemony. Fugitive and vague when approached as a homogeneous, stable identity; marred by post-colonial inferiority complexes and modern political hypocrisies; rejected as a colorful label used for opportunistic commercial purposes, the idea of Latin America nevertheless holds together as an interesting form of cultural antagonism. It looms behind sedimented ethnic, regional and national identities and endures even in the linguistic divide that sets Brazil apart from the many nations that comprise the Spanish-speaking Latin America, as a vital, deep cultural undercurrent.

A afirmação de um teatro desagradável: Nelson Rodrigues, dramaturgo

ROBERTO FERREIRA DA ROCHA (UFRJ)

“Mulher sem Pecado” agradou Manuel Bandeira. “Vestido de Noiva” foi um marco que inaugurou o teatro moderno brasileiro. “Álbum de Família” é barrado pela Censura, transformando o dramaturgo em autor maldito. A busca desenfreada pelo apoio dos intelectuais ao seu trabalho, as polêmicas violentas quando esse lhe faltava, o cabotinismo desenfreado e assumido são características que ajudaram a formar a imagem de autor de Nelson Rodrigues. Porém elas também criaram o modo como suas peças passaram a ser lidas e encenadas. Um teatro desagradável, cafofo, canastrão, ofensivo, que choca e atrai seu público, por explodir suas expectativas e obrigá-lo a uma relação menos passiva e essencialmente politizada com o espetáculo cênico. Os contemporâneos de Nelson reagiam violentamente ao solapar impetrado por seus textos de seus valores e ideais. Estaria hoje a radicalidade do teatro de Nelson Rodrigues contida pela própria mitologia criada em torno do autor?

Carolina de Jesus, Juan Francisco Manzano e Vik Muniz: subtextos e subversões
LÚCIA BETTENCOURT (UFF)

Observando a obra do artista plástico Vik Muniz, cuja proposta de resgate de objetos descartados no lixo tanto tem encantado o mundo das artes, lembramos dos esforços da catadora de lixo Carolina Maria de Jesus cujo livro, *Quarto de Despejo*, nos idos de 1962 ocupou corações e mentes pelo mundo. Ajudada por Audálio Dantas, jornalista, seu diário, escrito em papéis descartados, em pedaços de papelão e caixas reaproveitadas foi trabalhado e editado para chegar ao livro que foi traduzido para 12 idiomas. Assim como ela, no século anterior o escravo Juan Francisco Manzano foi encarregado, por um poeta abolicionista, Del Monte, a escrever suas memórias. Seu texto, *Autobiografia de un esclavo*, editado por Domingos Del Monte, também foi um sucesso e comoveu a opinião pública. No entanto, os dois autores, uma vez que seus editores já não se interessaram mais por suas (sub)versões, perderam a oportunidade de auto-expressão. Foram silenciados e descartados, após terem sido oferecidos em espetáculo pelo mundo. Pretendemos refletir sobre as narrativas dos “afônicos” (“Os pobres têm que ser afônicos” – Carolina, 1986, p. 201) e procurar aquilo que foi silenciado dentro de seus textos. E ensaiaremos mostrar como esses silêncios permitem a construção de uma obra que, ao mesmo tempo, desconstrói aqueles que tentam se constituir como sujeitos.

MONTEIRO LOBATO TEXTO E CONTEXTO

Milena Ribeiro Martins (UFPR)
Eliane Santana Dias Debus (UFSC)
Cilza Carla Bignotto (UFOP)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP1 (3º andar)

Caçadas de Pedrinho, de Monteiro Lobato e o Parecer do CNE: reflexões
ELIANE SANTANA DIAS DEBUS (UFSC)

Nosso foco de reflexão nesta comunicação tem como centelha a matéria do jornal O Globo, “Conselho de Educação quer banir livro de Monteiro Lobato das Escolas”, publicada em 29/10/2010 que teve como mote o Parecer do Conselho Nacional de Educação /CEB nº 15/2010, referente ao recurso de Antônio Gomes da Costa Neto sobre a utilização de *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, em escola do sistema de ensino particular do Distrito Federal. O recurso, o Parecer e a Matéria jornalística por certo trouxeram à tona uma polêmica sempre acesa quando se aborda a temática racial na literatura de Monteiro Lobato (1882 e 1948). As primeiras labaredas provocadas pelo recurso e o parecer resultaram na matéria que crepitou a fogueira. A produção literária de Lobato não recebeu aprovação unânime e sempre foi cercada de polêmica; no entanto, censurá-la e proibi-la seria desconsiderar a história que a cerca. E o parecer do CNE não cita o banimento. Cabe-nos neste trabalho não aquietar o fogo, mas por certo apresentar o contexto da produção lobatiana, o contexto contemporâneo de recepção de seus títulos infantis, bem como as discussões pertinentes promovidas pela Lei 10.639/2003.

Paratextos e contextos da obra infantil lobatiana: tia Nastácia em *Caçadas de Pedrinho* (1924, 1933, 2008)
MARISA LAJOLO (UPM)

Paratextos constituem acréscimos que – sobrepostos ao texto autoral- dialogam com ele e com o leitor, formatando de diferentes maneiras a leitura deste último. Em edições voltadas para crianças e jovens – sobretudo edições que almejam circulação escolar- , para-textos parecem cumprir diferentes funções, a maior parte das vezes inspiradas em uma presumida dificuldade do leitor de construir significados adequados para o texto que lê. Polêmicas recentes sobre aspectos éticos de "Caçadas de Pedrinho", de Monteiro Lobato tornam instigantes reflexões que focalizem: a) trajetória e participação de personagens negras na ficção lobatiana; b) presença e função de paratextos nesta trajetória; c) paratextos e efeitos de sentido em "Caçadas de Pedrinho" .

Monteiro Lobato e a escola nas décadas de 1930 e 40

RAQUEL AFONSO DA SILVA (Faculdades Integradas Asmec)

A presente comunicação pretende apresentar uma abordagem das relações de Monteiro Lobato com a Instituição Escolar, nas décadas de 1930 e 40, auge de sua produção infantil. Nesse período, o autor travou contato direto com seus leitores, sobretudo por meio de troca de cartas, muitas das quais eram oriundas de escolas (tal correspondência encontra-se resguardada no acervo Raul de Andrada e Silva, do arquivo do IEB/USP). A correspondência de Lobato com seus leitores mirins registra, portanto, a circulação dos livros do escritor nos acervos escolares do período, apesar de diversas restrições à ideologia de suas obras, conforme nos relata Edgard Cavalheiro em "Monteiro Lobato: vida e obra". Frente à recente polêmica em torno da obra de Lobato, que redundou em pedido do CNE para a exclusão de livros do escritor dos acervos escolares destinados a escolas públicas, parece pertinente uma retomada das raízes históricas das relações de Lobato com a instituição escolar, valendo-me, para tanto, principalmente da correspondência dos leitores infantis do autor, procurando compreender a razão do incentivo a essa correspondência, não obstante a censura sofrida pelo criador do sítio do Picapau Amarelo, censura que parece ressurgir à luz dos novos paradigmas da atualidade.

A obra infantil de Monteiro Lobato na formação do professor do ensino básico: resultados de um estudo de caso com professores de uma escola pública no município de Marabá-PA

PATRÍCIA APARECIDA BERALDO ROMANO (UFPA)

Parece fundamental, depois de tantos estudos que têm sido realizados sobre Monteiro Lobato, a partir da década de 90 do século XX, que suas obras estejam presentes na formação dos discentes. Para isso, é necessário que o professor também seja um leitor de Lobato, já que cabe a ele, profissional da educação, levar o texto para a sala de aula e apresentá-lo como leitura a ser feita e discutida. O que se tem percebido, conforme afirmou Marisa Lajolo, em mesa-redonda realizada no último Cole (Congresso de Leitura), em julho de 2009, é que, quando a escola possui as obras de Monteiro Lobato, o professor costuma levá-las à sala de aula. A expectativa é a de que a fala da autora possa se comprovar no estudo de caso em questão em uma escola do ensino público de Marabá, no sudeste do Pará. Busca-se, assim, nessa comunicação, apresentar os resultados, até o presente momento, de projeto financiado pelo PROINT, oferecido a uma escola desse município paraense. A idéia básica é a de fornecer curso de formação de professores-mediadores de leitura a partir da obra infantil de Monteiro Lobato. O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), implantado oficialmente em agosto de 2006, tem clamado por uma política de formação de professores-mediadores de leitura e percebe-se, nesse documento, a necessidade de que isso seja uma preocupação federal, estadual e municipal. O subprojeto intitulado “Literatura infantojuvenil e a recepção da obra infantil de Monteiro Lobato na formação do professor-mediador de leitura na Educação Básica” faz parte do projeto-geral PROINT 2010-2011 “Diálogos entre língua e literatura: integrando saberes nas práticas da educação básica”. Ressalta-se, em primeira instância, o desejo de apresentar (ou reapresentar) algumas obras infantis de Monteiro Lobato para o professor e mostrar-lhe como podem ser lidas e desenvolvidas em sala de aula de forma a contribuir para que o profissional de língua materna ajude o aluno a encontrar prazer por ler textos literários, especificamente os infantis de Monteiro Lobato. Além disso, o próprio professor poderá também desfrutar desse prazer por ler esses textos (se não os leu quando criança ou estudante) ou relê-los. O projeto se sustenta, portanto, nessa necessidade de se formar educadores-mediadores de leitura. Faz-se, todavia, um recorte especial para a obra infantil de Monteiro Lobato, já que se vê na saga da Turma do Sítio do Picapau Amarelo um rico material de ensino-aprendizagem que vai ao encontro daquilo que deve ser fundamental em um texto de qualidade na literatura infantil: textos que não se apresentem cheios de moralidades e aprendizagens forçadas ou com histórias pedagógicas disfarçadas em literatura, mas sim artisticamente elaborados e que cativem pequenos e "grandes" leitores.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP1 (3º andar)

Ler correspondência: (um) modo de fazer
EMERSON TIN (FACAMP)

A correspondência de escritores tem sido lida, por exemplo, ora como laboratório de criação, ora como fonte de dados biográficos que corroboram ou contradizem hipóteses formuladas a respeito de seu autor. Na maioria das vezes, contudo, afastam-se ou ignoram-se fatores fundamentais para a compreensão do gênero epistolar, como a inscrição de sua produção no tempo, elemento determinante para sua configuração. Esse fator, inclusive, é responsável por uma certa instabilidade característica da carta, escrito efêmero por natureza. O objetivo desta comunicação, nesse sentido, é apresentar, a partir da análise de trechos selecionados da correspondência de Monteiro Lobato, uma possibilidade de leitura de exemplares do gênero epistolar que leve em conta alguns desses fatores, de modo a redimensionar algumas das conclusões a que se chega quando não se consideram esses requisitos.

As cartas infantis para Lobato: uma relação inspiradora
CELIA MARIA ESCANFELLA (SENAC-SP) e ANA LUCIA REBOLEDO SANCHES (SENAC-SP)

Este artigo tem por objetivo discutir a correspondência passiva enviada por crianças para o autor brasileiro de literatura infantil Monteiro Lobato, como parte de projeto mais amplo e transdisciplinar em andamento. Para tanto foram analisadas 30 cartas de crianças de um universo de 245 cartas, enviadas entre 1932 a 1946, disponíveis no arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP). Observa-se, com base nas análises preliminares, a capacidade crítica e reflexiva das crianças quanto às histórias e seus personagens, quanto à materialidade do livro (ilustração, erros e formato dos livros), quanto a assuntos polêmicos abordados nas obras, posição política e ideológica e perspectiva educativa adotada pelo autor. Evidencia-se que essa correspondência instigava Lobato a considerar as sugestões e pedidos infantis, pois a ação discursiva das crianças expressa o desejo de interferir e participar de sua produção. Revela-se, assim, na interação com o autor, a ação protagonista das crianças e a relação inspiradora para sua obra.

Ao Amigo Frankie, do seu Lobato
KÁTIA CHIARADIA (UNICAMP)

Uma das facetas de Lobato é o “Lobato escritor” da/na questão petrolífera da década de 1930. Data também desse importantíssimo recorte temporal (1934-1937) o estreitamento de relações entre Lobato e o suíço Charles Frankie, engenheiro do petróleo, imigrado em junho de 1920. Lobato e Frankie trocaram nesse período mais de cem missivas além de alguns documentos técnicos relacionados à exploração do petróleo brasileiro. Nelas, Lobato mostra-se aprendiz de termos técnicos-geológicos da exploração petrolífera e, sobretudo, levanta críticas contundentes ao Código de Minas e ao “atraso brasileiro”. Nesse sentido, sustenta-se a hipótese de que a correspondência mantida com Frankie foi de extrema importância para a elaboração d'O escândalo do petróleo, que viria a ser publicado em 1936. O objetivo desta comunicação é, desse modo, apresentar, por meio do cotejo de trechos da correspondência e d'O escândalo, o processo de criação do livro a partir da correspondência mantida entre o escritor taubateano e o engenheiro suíço.

Censura e eugenia em *História do mundo para as crianças*
TÂMARA MARIA C. S. N. ABREU (Pesquisador Independente)

História do Mundo para as crianças foi um livro concebido por Monteiro Lobato quando ele ainda estava nos Estados Unidos (1927-1931), embora só tenha sido publicada no Brasil em 1933. Construída de maneira incomum, a obra é costurada entre discursos do próprio autor, tradução e adaptação do texto original, além de ilustrações oriundas de diferentes fontes. O resultado a

que chega com tal empreitada é, no mínimo, curioso: *História do Mundo* é censurado e proibido em escolas, queimado em praça pública, e reeditado seis vezes em pouco menos de cinco anos (1933-1938), alcançando a maior tiragem que um livro infantil de Lobato já teve – exceto no caso da versão escolar de *Narizinho Arrebitado* (1921). Escrito e inscrito em um contexto fortemente marcado por idéias eugenistas, o livro chama a atenção ainda pelo uso de alguns termos (sobretudo da biologia) e pela recorrência da palavra "raça" na fala das personagens, registros que aproximam esta obra das recentes discussões sobre o racismo em Lobato.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP1 (3º andar)

O editor Monteiro Lobato e o pagamento de direitos autorais
CILZA BIGNOTTO (UFOP)

Monteiro Lobato costuma ser considerado um editor revolucionário porque teria adotado práticas inovadoras para o mercado livreiro nacional do início do século XX, como o pagamento de direitos autorais generosos aos escritores que publicou. Porém, o único documento mencionado para justificar essa prática, tanto em histórias do livro brasileiro como em biografias lobatianas, é um contrato firmado com o escritor Lima Barreto em 1919. A proposta desta comunicação é apresentar e examinar contratos descobertos recentemente, firmados entre as várias editoras mantidas por Lobato entre 1918 e 1925 e autores de obras literárias, científicas e didáticas que vieram a figurar em seus catálogos. Esses documentos indicam que as editoras praticaram várias modalidades de negociação de direitos autorais, nem sempre remunerados. Os contratos revelam, ainda, alguns aspectos do trabalho do editor, como sugestão de novos títulos e exigência do uso da ortografia corrente nas publicações literárias.

Monteiro Lobato e a produção de livros escolares em São Paulo nos anos 20
MARCIA RAZZINI (UNICAMP)

Apoiada em pressupostos teórico-metodológicos da história sociocultural, da história do livro e da leitura e da história da educação, a proposta de comunicação focaliza a participação de Monteiro Lobato no mercado de livros escolares, como autor e como editor, analisando não só as condições de produção, mas também o processo de validação e autorização de tais produtos culturais, face à expansão da escola pública elementar em São Paulo, nas primeiras décadas do século XX. O texto parte de resultados de pesquisas de pós-doutorado (2005 e 2007), que relacionaram a expansão da escola pública elementar no Estado de São Paulo e o considerável aumento da produção de livros didáticos de três empresas instaladas na capital, no final do século XIX e início do século XX: a Livraria Francisco Alves, a Tipografia Siqueira e a Companhia Melhoramentos de São Paulo. Em fins de 1920, Lobato publicou *A Menina do Narizinho Arrebitado*, marco da literatura infantil brasileira, livro que daria origem, no ano seguinte, a uma versão escolar, intitulada *Narizinho Arrebitado*, segundo livro de leitura para uso das escolas primárias, publicado em formato menor, porém com muitas páginas a mais, para poder abrigar as outras histórias acrescentadas. A alta tiragem de 50 mil exemplares do seu didático de estréia, mesmo para um livro de leitura, sugere que Monteiro Lobato confiava nas possibilidades de autorização e adoção oficial do seu produto, posição que era reforçada pela rede de relações profissionais e pessoais que ele mantinha com homens de letras e com autoridades, inclusive as de ensino, como apontaram pesquisas sobre sua produção editorial (Bignotto, 2007). Matizar tais relações e a produção inicial de obras escolares patrocinadas por Monteiro Lobato é o objetivo deste trabalho.

Monteiro Lobato na escola: uma análise da presença do autor e de sua obra no PNLD – 2007
JULIANA CARLI MOREIRA DE ANDRADE (UNICAMP)

Entendendo que a escola é uma instituição que busca formar indivíduos leitores e que para tanto adota o livro didático de língua portuguesa (doravante LDLP), como um meio legítimo de circulação da literatura e entendendo que no modo de organização do LDLP reverbera valores ou critérios de literariedade estabelecidos pela crítica literária determinando os modos de compreen-

são do literário. Essa comunicação tem por finalidade analisar a presença de Monteiro Lobato e de sua obra no PNLD – Programa Nacional do Livro Didático do ano de 2007. Apresentamos um panorama da inserção do autor e de sua obra em todos os livros de ensino fundamental ciclos I e II avaliados pelo programa no ano de 2007. Em seguida, analisamos duas situações de aprendizagem nas quais são apresentadas a biografia do autor e uma de suas obras. Como estofo teórico nos utilizamos de alguns conceitos presentes na Teoria Enunciativa-discursiva do Círculo Bakhtiniano, na História da Leitura de Roger Chartier e na Crítica Literária. Os dados do PNLD analisados foram extraídos dos resultados do projeto *O Livro Didático de Língua Portuguesa: Produção, Perfil e Circulação* realizado a partir de uma parceria entre o Instituto de Estudos da Linguagem – IEL / Unicamp e o CEALE – Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – UFMG / Universidade Federal de Minas Gerais que organizou os dados do Programa Nacional do Livro Didático realizados entre os anos de 1997 e 2007, referentes ao LDLP.

Saci no meio da mata, da rua, do redemoinho: Monteiro Lobato, a expressão de regionalismos e o projeto de nação na obra O Saci
LUCIANE MARIA WAGNER RAUPP (FACCAT)

A obra "O Saci", de Monteiro Lobato, é fruto de uma obra anterior, destinada ao público adulto intitulada O Saci-Pererê: resultado de um inquérito. Por meio das expressões regionais do Sudeste do país encontradas nas duas obras, revelam-se traços do projeto de nação de Lobato. Nesse projeto, os conceitos de regionalismo, nacionalismo e globalismo imbricam-se, sendo a expressão de elementos regionais uma forma de resistência contra as formas de globalização e de apagamento de traços identitários nacionais.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP1 (3º andar)

Little Blue Books nº 733. *Brazilian Short Stories* (1925). A relação entre o crítico norte americano Isaac Goldberg e o escritor brasileiro Monteiro Lobato
ROSEMARY PAULA LEITE CARTER (UPM/UNIP)

O escritor Monteiro Lobato teve três de seus contos publicados em inglês no mercado livreiro norte-americano, em 1925, pela editora Haldeman-Julius 9(Girard, Kansas,) numa Série conhecida como *Little Blue Books* nº 733. Os contos publicados foram respectivamente “Suplicio Moderno” (“Modern Torture”); “O engraçado arrependido” (“The Penitent Wag”) e “O comprador de fazendas” (“The plantation buyer”). A Introdução desses contos foi feita pelo poliglota, escritor e crítico de literatura, o norte-americano Isaac Goldberg. Goldberg foi um estudioso de literatura hispânica e brasileira. Teve seu nome e artigos mencionados na *Revista do Brasil*. Foi um admirador confesso da obra de Lobato. Algumas particularidade do relacionamento intelectual entre Lobato e Goldberg serão discutidas pela importância deste seu trabalho pioneiro.

Censura na *América*
MILENA RIBEIRO MARTINS (UFPR)

A tentativa -- movida por diferentes instituições da sociedade americana -- de impor limites ao desenvolvimento das ciências, de estabelecer regras e impor limites ao ensino, de impedir certos temas no cinema (mas não igualmente no teatro), são elementos da sociedade americana discutidos ficcionalmente pelos personagens de *América* (1932). Nesta comunicação, analisaremos o ponto de vista dos personagens a respeito desse tema e os colocaremos em diálogo com textos que circularam nos Estados Unidos na virada dos anos 1920/30. O objetivo, além de propor uma análise da obra *América*, é trazer à tona alguns dos argumentos que o escritor mobilizou na sua obra para fecundar outras discussões a respeito da censura.

Monteiro Lobato em milhares de pixels: literatura infantil e adaptações para a TV

JOÃO LUÍS CECCANTINI (UNESP)

O trabalho aborda alguns aspectos gerais sobre as relações entre a obra escrita de Monteiro Lobato e as adaptações que dela foram realizadas para a TV brasileira, desde seus primórdios. Parte da ideia de que, na contemporaneidade, as práticas de leitura das novas gerações (desde que garantidas condições materiais mínimas de acesso aos diversos produtos culturais) não são excluídas no que diz respeito à literatura e às novas tecnologias. São, na visão dos jovens leitores, profundamente complementares, já que eles percebem os dois pólos quase que como um único fenômeno cultural.

O espaço da infância no Sítio de Lobato e nos musseques de Luandino

VILMA APARECIDA GALHEGO (PUC-SP)

A presente comunicação tem como objetivo demonstrar, comparativamente, o espaço da infância em "O Minotauro", de Monteiro Lobato, destinado ao público infanto-juvenil, e no conto "A Estória da galinha e do ovo", presente no livro "Luuanda" de Luandino Vieira, que tem o adulto como público-leitor. O objetivo central é apreender a maneira como cada autor elabora esteticamente esse espaço. Cada autor, Lobato e Luandino, embora pertencentes a culturas distintas, elabora esse espaço, particularmente, gerando, portanto, duas questões distintas a serem tratadas: a primeira refere-se à inscrição da infância nessas obras, já que são destinadas a leitores diferenciados; a segunda questiona a interação desses leitores com o espaço em destinação diversa: ora para o adulto, ora para a criança.

Monteiro Lobato tradutor de Mark Twain

ADRIANA SILENE VIEIRA (Faculdade Sumaré)

A obra infantil de Monteiro Lobato apresenta pontos em comum com a de Mark Twain. Há, inclusive, características semelhantes entre a personagem Pedrinho, de Lobato e a personagem Tom Sawyer de Twain. Tendo por base esta premissa e também o fato de Lobato ter traduzido a obra Tom Sawyer, nossa comunicação tem por objetivo analisar as escolhas lexicais do escritor brasileiro em sua tradução desta obra e as diferenças e semelhanças na caracterização de Tom Sawyer no texto original e na tradução lobatiana.

POIESIS: O PROJETO LITERÁRIO DE OSMAN LINS

Elizabeth de Andrade Lima Hazin (UnB)

Leny da Silva Gomes (UniRitter)

Odalice de Castro Silva (UFC)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP2 (3º andar)

Poiesis e techne: o vigor do projeto literário osmaniano

LENY DA SILVA GOMES (UniRitter)

Como desentranhar do texto ficcional o projeto literário do escritor/filósofo Osman Lins? As abordagens críticas já realizadas sobre as inovações na instância narrativa focalizam aspectos formais, composicionais, técnicos. A representação de diferentes artes - visuais, musicais, arquitetônicas - na linguagem verbal é vista pela ótica da intertextualidade e da incorporação das suas linguagens particulares no tecido narrativo. Sem descurar desses aspectos, como ver no Osman Lins escritor também o filósofo, o pensador do fazer artístico? Como é enxertado no texto literário esse pensamento? A obra de Osman Lins, de forma muito evidente em *Avalovara*, caracteriza-se por uma permanente e dramática busca de algo inominado, algo a ser desencoberto. A própria construção do romance mimetiza o processo de abertura para o desvelamento, para a instalação de uma verdade, de um mundo. *Poiesis, techne e aletheia* mantêm uma intrincada relação conceitual que estimula a reflexão sobre arte, linguagem e criação. Neste trabalho, amparado na leitura dos textos de Heidegger ([1954] 2010 e [1977] 2010) sobre *poiesis e techne*, investiga-se, no romance *Avalovara*, o discurso do personagem/narrador Abel, apresentado como “homem das letras e dos livros. Filósofo”, juntamente com os de outras vozes narrativas, projetando-os como inscrição programática do fazer literário do autor Osman Lins.

Uma visibilidade particular – *Avalovara*, *Alice* e a representação simbólica

MARIA ARACY BONFIM (UFMA)

Análise comparativa das obras *Avalovara*, de Osman Lins e *Aventuras de Alice no país das maravilhas* e *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, de Lewis Carroll a partir dos símbolos como indícios imprescindíveis para a criação e arquitetura peculiar das narrativas que, por sua vez, apresentam na representação simbólica cenários e épocas distintas [portanto, ideologias] ainda que tais símbolos sejam tomados em acepções díspares nas obras. Não se trata de especular possíveis influências das obras inglesas na brasileira necessariamente, mas “atravessá-las” e chegar assim à escolha dos autores pelo uso de símbolos, comuns às três, como mote para aprofundar a análise do engendro literário, em busca de reflexos contundentes oriundos dessa travessia – a criação, o reflexo social de suas épocas e países, a palavra e as impressões.

O relógio de Julius Heckethorn e a sonata de Scarlatti

MARTHA COSTA GUTERRES PAZ (UFRGS)

Uma leitura sob a perspectiva da música de *Avalovara* desnuda o fazer do autor em relação à construção desse romance. Não se configuram como meramente fortuitas as referências do autor a peças musicais, mas elas se apresentam organizadas de forma similar a estrutura da obra com seus movimentos temáticos. A concepção construtiva do relógio do personagem Julius Heckethorn, a partir da fragmentação em treze trechos da introdução da *sonata K 462* de Scarlatti, agrupados em três sistemas principais e a relação dessa ordenação com a espiral superposta ao Palíndromo de Loreius, demonstra a intenção do autor em construir um projeto artístico que envolve literatura e música. Este trabalho mostra as relações musicais presentes em *Avalovara*, tendo como referência os pequenos trechos do fracionamento da peça de Scarlatti, os encadeamentos harmônicos que identificam tais trechos e o complexo ordenamento numérico ao qual se submetem os sistemas musicais e que possibilitam a marcação do tempo no relógio concebido pelo personagem de Osman Lins. É notório o apreço do autor pelos números tendo sido Matyla Ghyska apontado por ele como inspirador no que concerne às suas elucidações acerca dos significados dos números sob a ótica dos pitagóricos. As relações com a música e com os números desvelam uma estruturação do romance que o projetam no sentido da ordem cosmogônica. Palavras-chave: Sonata. *Avalovara* (Osman Lins). Relógio.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP2 (3º andar)

Osman Lins: tantas leituras, quantas poéticas

ODALICE DE CASTRO SILVA (UFC)

A preocupação com a pesquisa estética, oriunda especialmente dos modernismos das primeiras décadas do século XX, marcou a produção literária de muitos escritores que iniciaram sua trajetória de fazedores de ficção por volta dos anos 1950 e se afirmaram no cenário artístico nas décadas seguintes, com uma escrita de nítida vocação reflexiva. Osman Lins (1924 – 1978) está en-

tre estes escritores. A poética construída por um labor consciente não se exime de nomear as leituras que imprimiram notas indeléveis à sua escritura. Este trabalho pretende ouvir o autor implícito, cuja escuta, insinuada entre os interstícios da composição, apresenta os seus livros preferidos, com o objetivo de revelar aos seus leitores, os caminhos de seu próprio fazer. Separamos, para esta reflexão, páginas do diário de Júlia Marquês Enone, a autora de *A Rainha dos cárceres da Grécia*, a fim de apreendermos os elementos destacados por Osman Lins, aqueles que se estendem, alguns bem visíveis, outros velados pelos fios da trama, diante do leitor, para que este labore o sentido da obra. Estas considerações sobre a poética osmaniana partem do olhar do próprio escritor sobre outros escritores, e tomam o sentido da Literatura e do fazer poético como o motivo e a justificativa de sua persistência nos embates e nas disputas pelos espaços da palavra e de seus receptores, num momento em que a visibilidade das imagens e a virtualidade dos signos parecem triunfar.

Alcances da subordinação da vida à obra em *A rainha dos Cárceres da Grécia*, de Osman Lins CAROLINA DUARTE DAMASCENO FERREIRA (UNICAMP)

Já nas primeiras páginas de *A rainha dos cárceres da Grécia*, o narrador desse instigante livro de Osman Lins volta-se contra a concepção de uma obra gerada somente pela linguagem, questionando os excessos das correntes teóricas que desconsideram a figura do autor. Seu posicionamento, marcado por certa afirmação da autoria, pode sugerir que, ao interpretar o romance de Julia, ele lança mão da crítica biográfica. A tentação ao biografismo, entretanto, embora irrompa em algumas passagens, é rechaçada pelo professor de Ciências Naturais, que evidencia o quanto a vida da escritora é subordinada à sua obra, e não o contrário. O propósito deste trabalho é mapear os alcances dessa subordinação, em duas etapas distintas. Inicialmente, será mostrado como a ênfase na obra leva o narrador a estabelecer uma relação especular entre Julia e seu romance, transformando-a em uma figura ficcional. Em um segundo momento, a proposta será sugerir alguns efeitos que essa ficcionalização da autora pode ter sobre a interpretação do texto literário.

As costuras invisíveis de *A rainha dos cárceres da Grécia* FRANCISMAR RAMÍREZ BARRETO (UnB)

Personagem problemática, o narrador do romance *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976) -de Osman Lins- é ao mesmo tempo o ator de uma história e um teórico que reflete sobre as costuras invisíveis da ficção. Colocadas de forma obscura (por vezes como críticas) e em princípio longe da história central, algumas discussões em torno a aspectos próprios da literatura emergem também na trama oficialmente protagonizada por Maria de França. Tentar compreender a criação ao invés do autor (entrada de 12.06.74), ensaiar o entendimento dos conceitos levantados nas próprias obras (entrada de 15.07.74), desenhar uma interpretação para o sentido menos visível deste outro lado do romance, será o objetivo composto deste trabalho. Com esse exercício diluído (compreensível na leitura alegórica), o romancista pernambucano procurava refutar, desmontar e contravir certas convenções literárias. As observações levantadas nesta comunicação podem contribuir a entender algumas das preocupações conceituais (dos dilemas e das soluções particulares) do escritor em questão.

Osman Lins: o leitor e o escritor INARA RIBEIRO GOMES (UFPE)

Muitas das observações de Osman Lins sobre a crítica universitária e sobre o ensino da literatura permanecem atuais. Além de serem temas de artigos e ensaios, essas questões aparecem tratadas diretamente em sua ficção, em *A rainha dos cárceres da Grécia*. *Aí, o espaço ficcional mais amplo desenha as fronteiras de uma poética da comunicação literária, enquanto que de um espaço menor contido naquele, o do texto analisado, emerge uma poética do romance. Nesse sentido, esse livro avança em relação a Avalovara por ampliar o campo da invenção literária fazendo-a incorporar a leitura e associando essa ao ato da escrita. Tanto nele quanto em Guerra sem testemunhas, Osman Lins percorre toda uma constelação de temas que interessam às teorias da interpretação do texto literário: os métodos de análise, a experiência da leitura, a função autoral, a atividade escritural, as relações entre o escritor e seu contexto. Nesta comunicação, pretendemos explorar alguns desses temas, vazados quer em linguagem ficcional, quer em linguagem não-ficcional, de modo a contribuir para a compreensão da poiesis que dá forma a um projeto literário singular no panorama da literatura brasileira.*

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP2 (3º andar)

A conjugação de fragmentos dispersos em Osman Lins: afinidades morfológicas entre *Avalovara* e o *Dicionário de Símbolos*
ELIZABETH HAZIN (UnB)

Em *Guerra sem testemunhas*, Osman Lins distingue duas espécies de escritos: os *cursivos*, que seguem caminho já conhecido para quem os escreve e os *de bordejar*, “aqueles dos quais bem pouco sabe o escritor ao empreendê-los e ao longo dos quais, arduamente, avança e descobre”. No segundo fragmento da linha temática **S** do romance *Avalovara*, o Narrador deixa reverberar essa idéia quando se refere ao fato de que pouco sabe do invento o inventor, antes de o desvendar com seu esforço. Considerando o lugar de importância que ocupa no processo de criação “a prévia convivência do autor com a matéria que, devidamente ordenada, virá a constituir um livro”, este trabalho é a tentativa de pôr de pé algumas idéias a respeito do significado daquilo que será aqui chamado de afinidades morfológicas entre *Avalovara* e o *Dicionário de Símbolos*, de Chevalier e Gheerbrant. Osman Lins absorveu – dos verbetes dispostos nas quase mil páginas do dicionário – elementos que o ajudaram a tecer o texto, não somente no nível lexical ou para reforçar contextos simbólicos, mas também para ajudá-lo na tarefa que ele próprio denominou “desvendamento” dos personagens e dos eventos do romance.

O livro como forma - Matrizes e marginália da estrutura de *Avalovara*
EDER RODRIGUES PEREIRA (USP)

Pensando na ideia de que o ato de escrever é antecedido por uma leitura e por uma pesquisa este trabalho apresenta algumas hipóteses de como Osman Lins compôs a base estrutural de *Avalovara* a partir de alguns conceitos da obra inacabada *Le Livre de Stéphane Mallarmé*. Para visualizar esta relação, o estudo mostra um diálogo existente em cartas, depoimentos, matrizes, notas de planejamento e, principalmente, na marginália contida em *Obra Aberta* de Umberto Eco. Desse modo, é possível estabelecer como tais leituras foram assimiladas e transfiguradas na estruturação do romance bem como colaboram para a compreensão da poética de *Avalovara*. Com isso, as matrizes e a marginália apresentadas nos conduzirá, por força da intertextualidade e da dimensão documentária, à tentativa de reconstruir certas instâncias do ato criador enquanto conjugação de leitura e escritura; permitindo ainda analisar as operações de absorção e transfiguração que contribuem para a visualização de um momento da gênese.

Matemática e Poesia, caminhos cruzados em *Avalovara*
LEONARDO MONTEIRO TROTTA (Unicarioca)

Este trabalho é um estudo de caso do livro *Avalovara* de Osman Lins. Parto de uma questão que emerge do texto: a dolorosa separação do saber ocidental, ainda na Grécia, em dois campos, a *máthema* e a *poiesis*. Este livro toca a questão porque o autor-engenheiro Osman Lins não esconde do leitor o sistema que rege o romance. Uma espiral e um quadrado são as formas geométricas que estruturam a história de Abel e seus três amores. Ao mesmo tempo, a poesia permanece em vigília na travessia. Ao colocar o esqueleto matemático para fora o autor nos remete a pergunta: Qual a possibilidade de *máthema* e *poiesis* se manifestarem juntas, tecendo como as irmãs Hermelinda e Hermenilda, o destino de nossa personagem? Partindo das experiências de Leibniz, apoiado em filósofos como Heidegger e Agamben, tento encontrar uma direção. Não há, sem dúvida, garantia de êxito. Ao contrário de Abel, não existe uma cisterna para presenciar o destino. Parto rumo ao nada.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP2 (3º andar)

Do escaravelho aos olhos de vidro: A realidade sensorial em *O noivado*, de Osman Lins

CACIO JOSÉ FERREIRA (UnB)

*Sabe-se que o verbo egípcio kleper possui como um de seus significados: “vir à existência tomando uma determinada forma”. Destarte, assim como na narrativa O noivado, há construções de realidades variáveis que ilustram o real dando a ele contornos que extrapolam a realidade sensorial comum, originando outras formas de mutação no homem moderno. Portanto, o presente trabalho propõe uma leitura da mencionada narrativa osmaniana, tendo como base as conjunturas e o modo do autor de pensar e sentir o texto na visão de um personagem perdido entre a burocracia do seu próprio espaço – tal como as reflexões de Walter Benjamin acerca das angústias do indivíduo em meio à modernização enlaçadas em um futuro impessoal e fragmentado. Nos tempos entrecortados da narrativa os dois personagens expõem suas dores um diante do outro, mas encobertos por olhos de vidro que os distanciam. O noivado, assim, traz inquietações de realidades sensoriais diferentes de enxergar o real. **Palavras-chave:** Osman Lins, literatura brasileira, realidade sensorial, modernização.*

Osman Lins: da tripartição ao rizoma, ou; a montagem infinita
JOÃO GUILHERME DAYRELL MAGALHÃES SANTOS (UFMG)

A comunicação visa estabelecer uma leitura da obra de Osman Lins partindo do texto “Conto Barroco ou Unidade Tripartida”, atentando para os seguintes aspectos: a constante interrupção da história, que faz emergir os gestos, como destacava Walter Benjamin. O gesto, na leitura de Giorgio Agamben, produz o destaque da linguagem enquanto tal, o que faz a narrativa abrir como meio sem fim. De tal forma, o texto de Osman Lins se espacia como uma rede, desenrolando dobras sobre dobras, ou seja, virtualidades: as histórias possíveis sobre a saga do bandido pernambucano para assassinar por encomenda, em Minas Gerais, sua vítima. Destarte, temos temporalidades diversas – como as três cidades mineiras destacadas, confluindo no dispêndio da linguagem excessiva que cita e ex-cita o barroco na modernidade – coadunadas em um mesmo espaço que nos propõe uma leitura por montagem, como coloca Georges Didi-Huberman. No conto, presenciamos não só a profanação da tripartição religiosa como a suspensão da tripartição temporal: passado, presente e futuro se tornam indiscerníveis, e a narrativa adquire a imagem de um rizoma. As personagens, de tal forma, se tornam espectadoras, dessubjetivadas por esta máquina, como a protagonista de Avalovara, que “percebe os lentos e solenes movimentos do mundo, a montagem da máquina.” No entanto, a expropriação aqui se abre como possibilidades, sugerindo uma passagem pelos dispositivos, tornando-os inoperantes pela montagem infinita, como a que o texto de Nove Novena nos permite. As personagens, portanto, se nos apresentam como um traço, uma imagem indistinta, carregadas de potência: a ambiguidade do comportamento da prostituta, cujo ex-amante é procurado pelo jagunço. Osman Lins nos coloca defronte com um tempo imensurável, que se desdobra, por fim, na leitura da história brasileira através de uma ótica pós-autônoma; de tal maneira, como dizia José Lezama Lima, experimentamos uma “expressão americana em devir”, singular.

Dos *Cárcees da Grécia* a outros cárceres
SEBASTIANA LIMA RIBEIRO (UnB)

Este trabalho propõe uma aproximação entre Ana da Grécia e Maria de França, personagens de *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976), de Osman Lins, por representarem a espoliação em sentido alegórico - quando se trata representar o mundo como um a metáfora de algo quase impenetrável -, mas também em sentido estrito – quando se trata de mostrar os labirintos do mundo burocrático (Instituto Nacional de Previdência Social – INPS, hoje INSS, Manicômios e Advocacia) em que se perde Maria de França, e as diversas prisões pelas quais passa Ana da Grécia. “Representar a espoliação fere mais fundo do que representar a resistência”, palavras do professor de Ciências Naturais que ecoam para além de seu projeto ensaio-diarístico acerca do romance de Julia Enone, e reverberam no cotidiano da pesquisadora, também dependente do INSS e do sistema manicomial brasileiro, fazendo-a refletir sobre a importância da literatura para se lidar com tal situação cabe ainda citar Osman em entrevista a Gilberto Mansur em Evangelho na Taba, p.323 “A literatura é mais necessária do que nunca. Porque quanto mais bruto é o mundo, mais necessária é a poesia, mais necessário é o escritor”.

Construção das personagens femininas no romance Avalovara

HELENA FRIEDRICH (UniRitter)

O romance *Avalovara*, de Osman Lins, considerado inovador na década de 1970, quando de sua publicação, ainda hoje instiga o leitor a reflexões sobre os significados de sua peculiar elaboração. Entre os vários aspectos anti-convencionais desta obra, encontra-se a construção das personagens femininas. Abel, o protagonista, movimenta-se em vários espaços e passa por diversas transformações com vistas à maturidade e ao domínio da linguagem literária. Três representações de mulheres, construídas de modo peculiar, participam desse processo de formação e aprendizagem: configuram-se elas de forma híbrida, com elementos de *referencialização*, porém predominando a *desreferencialização*. A originalidade marca a construção dessas personagens e a relação estabelecida entre elas e o protagonista. À parte de determinadas características referenciais apresentadas, no transcorrer do tema A, *Roos e as cidades*, com cenário na Europa, Abel divisa inúmeras cidades europeias no corpo de Anneliese Roos. No tema T, *Cecília entre os leões*, Abel vive, em Recife, uma história de amor com Cecília, e novamente elementos insólitos fazem parte da descrição da personagem feminina. O seu corpo compreende multidões de pessoas humildes e desamparadas, introduzindo-se, desta maneira, através da construção desta personagem, a temática social e da cultura popular brasileira nordestina. Nos temas R, O, E e N deparamo-nos com a relação amorosa de Abel com **O**, cujo corpo compõe-se de letras, sons e palavras, e com a morte de ambos, assassinados pelo marido traído. Neste tema O, salienta-se a recorrência de cenas descrevendo em detalhes o ato de amor do casal. Explicam-se elas devido às características peculiares da personagem **O**, constituída por palavras, ou seja, representação da linguagem. Podem ser interpretadas, pois, tais cenas como alegorias da criação literária, do objeto da constante busca que Abel empreende durante sua vida. Assim, a concretização do amor entre ambos representa a posse da linguagem literária pelo escritor. Estamos, dessa forma, diante da proposta de Osman Lins: o ato de criação literária mostra-se longo e repleto de detalhes, assim como o amor entre Abel e **O**.

REENDEREÇAMENTOS, ADAPTAÇÕES E RELEITURAS DE CLÁSSICOS DIÁLOGOS COM A PRODUÇÃO DE MACHADO DE ASSIS

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (FEMA/UNESP/CRELIT)

Ricardo Magalhães Bulhões (UFMS/CRELIT)

Vanderléia da Silva Oliveira (UENP-CCP/CRELIT)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 706

Callado e o jogo do(s) texto(s): variações e ressonâncias de *Dom Casmurro* em “A missa do galo”

JULIANA CRISTINA SALVADORI (PUC/ Minas)

O presente artigo originou-se de uma das disciplinas de teorias críticas oferecidas pelo programa de pós-graduação em Letras, da PUC Minas, com foco em estética da recepção. Como trabalho final foi-nos proposto que escolhêssemos, da obra *Missa do galo* – variações sobre o mesmo tema (1977), organizada por Osman Lins, o conto que recriava o original de Machado de Assis de modo que mais nos parecia efetivo em termos de estratégias textuais, tendo como base teórica o ensaio de Iser (2002) “O jogo do texto”. O desafio estava em tentar apontar no fazer ficcional de um leitor privilegiado – a saber, qualquer um dos autores que concordaram com a proposta de Lins de homenagear Machado reescrevendo o conto – questões relativas à recepção e ressonância da literatura em suas próprias obras, como em um sofisticado jogo de espelhos no qual um leitor, digamos, comum, alegremente se perde, mas no qual um bom leitor, um leitor privilegiado, um leitor-autor na concepção barthesiana, efetivamente toma parte e constantemente (re)ajusta os reflexos e espelhamentos entre o seu mundo do “como se” e o desafiante “como se” machadiano. Após a leitura dos contos, chamou-me a atenção a recriação feita por Antônio Callado, pois pude lê-lo a partir de *Dom Casmurro*, isto é, tendo o romance como a estratégia textoficcional central adotada por Callado em sua recriação. Voltemos, então, à base teórica proposta. Talvez o grande achado, digamos assim, do texto de Iser seja o deslocamento do conceito de mimesis aristotélico enfatizando sua função performativa em detrimento da até então destacada função representativa. Esse deslocamento produz o “espaço” para sua proposta radical: o duplo movimento que o jogo textual efetua, um na direção do significado que, uma vez tido como certo, acaba por terminar o próprio jogo, e outro em favor da preservação do movimento, do jogo, pelo diferimento do sentido. E, se assim o é, o jogo admite diferentes desempenhos por parte de diferentes leitores no ato da recepção: pode-se tanto jogar para se obter a “vitória” (significado) ou pelo próprio prazer do jogo, mantendo assim, o jogo livre e o significado em aberto (p. 108). Callado, como bom jogador, adota estratégias que visam a manter o jogo livre, isto é, a manter o texto em movimento. Dito de outro modo, ao invés de sucumbir ao que Harold Bloom (2002) denomina como angústia da influência e acabar por tentar “completar” a obra do precursor, o

grande Outro da literatura brasileira que é Machado de Assis e, desse modo, “fechar o texto”, Callado adota a estratégia de apelar para Dom Casmurro (2009) de modo a continuar o movimento ambíguo e duplo dessa empreitada ambígua e dupla que é a de ler/escrever A Missa do Galo: em outras palavras, a ambiguidade textualmente inscrita em Dom Casmurro (2009) ressoa e amplia a ambiguidade de A Missa do Galo (1977), abrindo desse modo a possibilidade do jogo livre, isto é, as possibilidades de significação.

O Menino e o Bruxo: Machado de Assis para Principiantes
CATIA TOLEDO MENDONÇA (PUC/ Curitiba)

Pretende-se analisar a obra O menino e o Bruxo, de Moacyr Scliar, publicada pela Ática, comparando-a com Dom Casmurro, de Machado de Assis, de modo a estabelecer relações entre as duas obras, em especial pelo aspecto metaficcional do texto contemporâneo. Pretende-se, também, identificar os mecanismos utilizados em sua composição, que o aproximam do leitor juvenil, utilizando para isso os conceitos da Estética da Recepção, como os de contexto de recepção e de produção e, em especial, os de leitor-modelo e leitor empírico, defendidos por Umberto Eco.

Dom Casmurro (Machado de Assis) x *Dona Casmurra e Seu Tigrão* (Ivan Jaf): entre a Aparência e a Essência
SILVANA RODRIGUES QUINTILHANO e MARILU MARTENS OLIVEIRA (UEL – Londrina e UTFPR – Cornélio Procopio)

Para recriar, dentro do contexto contemporâneo, o enigma mais famoso da Literatura Brasileira, Ivan Jaf (2008) escreve a obra *Dona Casmurra e seu Tigrão*, releitura de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (1996), incorporada à série Descobrindo os Clássicos, da Editora Ática. Destinada a um público adolescente, a finalidade da obra de Jaf é facilitar a leitura do texto machadiano e estimular o jovem para que leia os escritos do bruxo do Cosme Velho. Portanto, este artigo tem como objetivo analisar as mudanças que ocorrem com os aspectos temáticos nessas adaptações, em relação à obra original, bem como sua contribuição para o ensino de literatura entre os adolescentes do ensino fundamental.

O cânone reendereço: uma análise do texto “Conto de escola”, de Machado de Assis, Ilustrado por Nelson Cruz
ELIANE APARECIDA GALVÃO RIBEIRO FERREIRA e RICARDO MAGALHÃES BULHÕES (FEMA/UNESP – Assis e UFMS – Campo Grande)

Objetiva-se apresentar uma possibilidade de leitura do texto Conto de escola, de Machado de Assis, ilustrado por Nelson Cruz, na qual se considera o papel do leitor deste texto ilustrado, com posto pela junção dos discursos: verbal e não verbal. Para a consecução do objetivo, pretende-se apresentar uma reflexão fundamentada pela estética da recepção acerca do que propicia o prazer na leitura e quais elementos determinam o papel do leitor implícito. Constrói-se, neste texto, a hipótese de que a estratégia do ilustrador de resgatar um texto canônico e ilustrá-lo, tanto permite ao leitor contato com um texto atraente e lúdico, quanto lhe faculta a ampliação de conhecimentos e de conceitos prévios, por meio do emprego da memória e da interação com a linguagem visual. Norteia a análise desse texto, a concepção de que a leitura literária pode atuar como fator de valorização da identidade do leitor, pois por meio dela, ele é capaz de elevar sua autoestima, pois se reconhece como herdeiro de um patrimônio cultural. Parte-se do pressuposto de que a estratégia adotada por Nelson Cruz, por meio do emprego da ilustração, produziu um reendereço no conto de Machado, ou seja, mudou-se o receptor do texto, que passou a ser o infantil e juvenil.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 706

O Almada, de Machado de Assis: leitura e crítica
JOSÉ BATISTA DE SALES (UFMS-Três Lagoas)

O poema narrativo é uma modalidade clássica de composição literária que sofreu as mais radicais transformações. A comunicação aborda os aspectos formais e estruturais do poema narrativo O ALMADA, de Machado de Assis no contexto da prática do gênero, suas transformações no decurso da história literária e a expectativa de sua recepção por leitores jovens contemporâneos.

Recriando Memórias

LIA CUPERTINO DUARTE ALBINO (FATEC-Ourinhos)

Segundo Italo Calvino (2007, p.10), “dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los.” Tendo isso em vista, o presente texto tem por objetivo verificar se a adaptação literária de *Memórias póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, realizada por José Louzeiro propicia essas “melhores condições” ao público leitor infanto-juvenil. Para tanto, o texto apresenta algumas reflexões sobre o processo de adaptação literária para crianças e jovens no âmbito teórico-crítico dos estudos literários, coadunando-as à análise imanente da obra em questão. Desse modo, pretende-se verificar de que maneira, em que extensão e profundidade, a adaptação literária de José Louzeiro pode ser utilizada no trabalho com a literatura em sala de aula para estimular a leitura da obra original, escrita por Machado de Assis. Por fim, são apresentadas aos professores de Língua Portuguesa e Literatura, principais mediadores de leitura na escola, algumas sugestões metodológicas para o trabalho com a adaptação literária de *Memórias póstumas de Brás Cubas* em sala de aula.

Balões, desenhos e onomatopéias: Machado de Assis em Quadrinhos

ALCIONI GALDINO VIEIRA e FERNANDO TEIXEIRA LUIZ (PUC-SP/FEMA-Assis e UNESP-Assis)

Este trabalho aborda a adaptação do conto O Enfermeiro, de Machado de Assis, para a linguagem iconográfica dos quadrinhos. Servem de base à análise as recentes teorias do texto, que contemplam a escritura em seus contornos horizontais e verticais, e também consideram o leitor como um agente ativo na atribuição de sentidos aos produtos culturais. São considerados, ainda, os aspectos semióticos da hibridização entre as linguagens verbal e visual, com o objetivo de evidenciar o potencial de persuasão à leitura que os recursos de design e planejamento gráfico oferecem.

Brás Cubas em versos: adaptação para o Cordel

VANDERLEIA DA SILVA OLIVEIRA e THIAGO ALVES VALENTE (UENP-Cornélio Procopio)

Como texto a ser veiculado na escola, o cordel justifica-se tanto pelas marcas das práticas sociais de letramento que carrega, quanto por permitir aos leitores de outras regiões brasileiras conhecer outro gênero no qual também possam se reconhecer. No caso de Machado de Assis, o assunto é pertinente ao cordel, afinal, ainda que sua obra não seja lida pela maioria da população brasileira, é fato que a representação do escritor como “homem das letras” e sua importância para a cultura nacional atingiu todas as camadas da população. Nesse sentido, a transposição de um clássico como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para o cordel pode encontrar leitores não só entre jovens iniciantes, mas também entre cidadãos pouco escolarizados ou pouco afeitos à leitura literária, uma possibilidade que se abre a favor do letramento e da leitura literária em geral. Sob este aspecto, analisa-se a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em cordel, adaptação do poeta Varneci Nascimento (1978-), publicada em 2008, abordando o processo de adaptação textual.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 706

“Ao Vencedor as Batatas”: uma Parábola?

MARCO ANTÔNIO SANT'ANNA (UNESP-Assis)

Partindo da definição por nós estabelecida em *O Gênero da parábola* (2010) de que essa modalidade constitui uma metanarrativa curta, amimética – na categoria dos personagens, do tempo e do espaço – e alegórica, e, partindo ainda, do consenso geral de críticos literários de que a estória contada por Quincas Borba, no romance homônimo, a Rubião, conhecida como “Ao vencedor as batatas”, pretendemos analisar a estrutura narrativa desse corpus, a fim de comprovarmos em que medida se trata de uma parábola típica.

Topoanálise das obras machadianas *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*

JORGE LEITE DE OLIVEIRA (UnB)

Bachelard, em *A poética do espaço*, criou o neologismo “topoanálise” com o significado de “estudo psicológico e sistemático dos locais da vida íntima”, que Borges Filho (2007) amplia para uma análise da construção do espaço, na obra literária, de modo mais amplo possível, observando estrutura e conteúdo do texto a ser analisado. Enfocaremos, neste artigo, três aspectos gerais da topoanálise, tanto quanto possível detalhados, dos romances *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*, de Machado de Assis. São eles: 1) a topografia literária; 2) as funções do espaço; e 3) o espaço e o enredo. Neste último aspecto, acrescentaremos comentários sobre como os escritores contemporâneos Bruno Zeni, Moacyr Scliar e Lourenço Mutarelli reelaboram textos machadianos.

“O alienista” e “El alienista”: uma análise comparativa do conto de Machado de Assis e de sua versão em língua espanhola

MÁRCIA VALÉRIA SERÓDIO CARBONE (FEMA-Assis)

Em *O alienista*, conto de Machado de Assis, o médico Simão Bacamarte pretende investigar e curar a todos os moradores de uma pequena cidade, aos quais considera desequilibrados emocionais. Isso nos faz refletir sobre a nossa própria condição humana e sobre como reagimos às situações que diariamente vivenciamos. Mais do que isso: com extrema maestria, Machado coloca em cena a temática da própria loucura humana, ou seja, as sutilezas que separam a sensatez da insensatez. Por meio desse tema, Machado acaba, assim, por aproximar os homens de todos os lugares e épocas. Sabe-se que a loucura (ou a ausência dela) é assunto recorrente na obra do fundador da Academia Brasileira de Letras. Por meio da análise de *O alienista* e de sua tradução espanhola, *El alienista* (2000), de responsabilidade de José Luis Sánchez, pretende-se, com esta comunicação, traçar um paralelo entre ambas as versões, sobretudo no sentido de investigar até que ponto a versão espanhola consegue, de fato, se equiparar à versão original brasileira, sem perder de vista o tão característico estilo machadiano, descontínuo e pontilhado de vazios, e formando novos leitores/apreciadores do legado machadiano à humanidade.

“The Fortune-Teller”: Influências das traduções nos contos de Machado de Assis

ELIANE SEGATI RIOS REGISTRO (UENP – CP/FA -UEL– Londrina)

É inegável a contribuição de Machado de Assis para a literatura mundial. Dentre vários fatores, tal fato também é decorrente do processo de tradução de suas obras para outras linguagens, extrapolando as fronteiras da leitura. Com isso, a partir da publicação das obras de Machado de Assis no contexto brasileiro, surgem, no início das décadas de vinte, traduções de seus contos em língua inglesa tanto nos Estados Unidos quanto no Reino Unido. A partir do exposto, o estudo em tela tem por objetivo traçar um paralelo entre as versões de língua portuguesa e inglesa do conto *The fortune-teller*, de Machado de Assis, a partir da perspectiva teórico-metodológica do interacionismo sociodiscursivo (BRONCKART; 1999/2004/2009), corrente esta proveniente da psicologia da linguagem e que abarca conceitos transdisciplinares de análises. Dessa forma, levamos em conta as influências tanto de contexto de produção quanto de linguagem da referida obra buscando investigar até que ponto o processo de tradução pode influenciar o estilo machadiano de escrita. Nossas análises revelam que a mudança de contexto de leitura do texto literário bem como a sua adaptação em outra língua podem influenciar no modo como a obra foi reescrita, uma vez que ocorrem intervenções por parte dos tradutores provenientes de outra cultura literária.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 706

No caldeirão do Bruxo, (auto)biografia, autoria e interdiscursividade: releituras da crítica machadiana
ANDRÉ LUIS MITIDIERI PEREIRA (UESC-Rodovia Ilhéus-Itabuna)

A presente comunicação dispõe-se primeiramente a situar o "mito autobiográfico", lançado por Mário de Alencar logo após o falecimento de Machado de Assis. Seguida tanto por críticos quanto por biógrafos, o lançamento dessa ideia de que o escritor se projetaria em suas personagens perduram até o silenciamento que lhe fora imposto pela crítica modernista. Rever, entre outros, os trabalhos de Augusto Meyer e Lúcia Miguel-Pereira, elaborados nos anos de 1930, permitem demonstrar que a reabilitação da perspectiva biográfica desempenha importante papel na futura difusão da obra machadiana. Até a década de 1960, embora revigorado por visões filosóficas-existencialistas e sob vigilância da nova crítica exercida nas universidades, o ângulo biográfico não deixa de marcar uma das dimensões de análise da produção de Machado - a leitura cognitiva, existencial ou expressiva. A essa, vem somar-se, a partir de finais dos anos 60 do século XX, a leitura mimética, representativa ou sociológica. Por sua vez, a leitura construtiva ou formal, marcada por abordagens interdiscursivas do discurso narrativo e inaugurada com o influxo dos aportes pós-estruturalistas no Brasil, vai conviver com uma nova dimensão para estudos do ficcionista carioca - a transitiva ou relacional, focada na crítica e na recepção da obra junto ao leitor. Os dois últimos tipos de leitura mencionados permitem indicar, nos romances de Machado, uma presença nada gratuita de gêneros (auto)biográficos reconhecidos como tais, seja como procedimento dialógico e/ou interdiscursivo, seja como pilar estruturante dos textos ficcionais.

Diálogos entre Machado de Assis e Clarice Lispector: o processo de Desrealização no Romance Moderno CLÁUDIO MELLO (UNICENTRO-Guarapuava)

A literatura contemporânea oferece uma certa dificuldade de leitura aos jovens leitores, tendo em vista uma criação que inaugura formas, funde e reinventa temas e aspectos estéticos. Esse estranhamento acontece de maneira menos visível quando se trata sobretudo da literatura produzida até fins do Século XIX e início do XX, tendo em vista a proximidade desta a convenções poéticas (romantismo, realismo, naturalismo) mais conhecidas, principalmente pelo público em fase escolar. Com o objetivo de contribuir para a equalização do binômio cognição e fruição no ato da leitura literária, este trabalho apresenta análise literária do conto "A causa secreta", de Machado de Assis, e mostra de que modo o paradigma estético utilizado nele pelo autor sofreu o processo denominado por Anatol Rosenfeld de desrealização, mediante análise do conto "A fuga", de Clarice Lispector. Resultados de experiências em cursos de literatura evidenciam que tal procedimento, situado no âmbito da Teoria da Literatura, beneficia a recepção de obras contemporâneas, na medida em que o leitor pode, por meio da compreensão de recursos estéticos, alcançar a fruição da obra.

Milton Hatoum em diálogo com Machado de Assis: novos contos e dramas perenes
ANA LÚCIA TREVISAN (UPM – São Paulo)

O presente estudo propõe a análise do diálogo existente entre os contos "A causa secreta" e "Terpsicore" de Machado de Assis e "Encontros na península" e "Dançarinos na última noite" de Milton Hatoum. Observando a construção da narrativa machadiana, destaca-se a criação gradativa da tensão e a perspectiva do narrador, que revela e ao mesmo tempo oculta as eminências do desfecho. Na comparação com os contos de Milton Hatoum busca-se perceber a maneira pela qual o escritor contemporâneo retoma, não apenas a temática explícita dos referidos contos de Machado de Assis, mas também os seus mecanismos de construção da narrativa. Desta forma, os temas, o estilo e os diferentes contextos históricos dialogam, corroborando para uma releitura estética, profícua e pertinente.

A representação da loucura em Machado e em Lima Barreto
ALICE ATSUKO MATSUDA (GP-CRELIT/UENP-CP)

A loucura é um tema instigante abordado por vários escritores desde a antiguidade. Machado de Assis, o maior escritor da literatura brasileira e um dos maiores da literatura universal, tratou também desse tema em um de seus contos mais famosos – O Alienista – publicada no volume Papéis Avulsos, em 1882, período em que o autor tinha alcançado genialidade, fama e prestígio. A história trata de um médico cientista, Simão Bacamarte, que dedica sua vida à ciência. A sua especialidade é pesquisar sobre a sanidade mental humana. Machado, empregando a sua fina ironia, ao narrar essa história, satiriza o cientificismo aplicado ao estudo da loucura, além de criticar o desejo exacerbado pelo poder que o ser humano possui. O tema da loucura foi preocupação do escritor em outras obras: Quincas Borba (1891) e Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881). Nas duas obras, as personagens têm conduta fora do padrão considerado normal do ser humano. Em O Alienista vamos presenciar a procura incessante do médico cientista em descobrir o que é um ser normal. Da mesma forma, Lima Barreto, outro escritor brasileiro, tão importante quanto Machado na nossa literatura, abordou também o tema, além de vivenciar a loucura do pai e ter sido taxado de louco. Em sua obra Cemitério dos vivos (1953) relata sua experiência, quando foi internado em um hospício – casarão da Praia Vermelha. Na obra, Lima Barreto reflete reiterativamente acerca da loucura. Assim, a presente Comunicação objetiva verificar como a loucura está representada pelos dois escritores em suas obras: O alienista e Cemitério dos vivos.

TEOLOGIA E LITERATURA I

Salma Ferraz de Azevedo de Oliveira (UFSC)
Antonio Carlos de Melo Magalhães (UEPB)
João Cesário Leonel Ferreira (Mackenzie)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 504

Literatura e Teologia – Gênero Literário e Texto Bíblico
JOÃO CESÁRIO LEONEL FERREIRA (MACKENZIE)

Esta comunicação propõe uma inversão na temática do simpósio, estabelecendo como primeiro elemento a literatura para, em seguida e como decorrência, apresentar a teologia. Para tanto, analisa a relação entre gênero literário e a composição do texto bíblico, mais particularmente do evangelho de Mateus. A tese proposta é que o gênero da biografia greco-romana delimita e organiza os conteúdos do evangelho canônico. O gênero é apresentado em uma perspectiva contextual e literária de modo a salientar sua importância e uso no contexto da literatura anterior e contemporânea à literatura neotestamentária. Aspectos definidores da biografia greco-romana como a seleção de dados para a construção da biografia, o caráter do biografado como modelo a ser seguido, e a identificação do biografado por intermédio de suas palavras e atos são determinantes para a escrita do evangelho de Mateus. Por fim, propõe-se uma interpretação da função sócio-religiosa do evangelho, enquanto biografia, junto a seus primeiros leitores.

Interrelações pessoas divinizadas em Alberto Caeiro e Jorge Amado
EDILIANE LEITE DE FIGUEIREDO (UEPB)

Assim como a literatura, a religião envolve, seduz, fascina e leva a reflexões sobre as ambivalências e ambiguidades da vida. Religião e literatura instigam a busca de respostas para inquietudes, mistérios, conflitos existenciais, e lançam teias discursivas na tentativa de elucidar tudo aquilo que transcende. As manifestações divinas são múltiplas e férteis na literatura, elas surgem através de símbolos, imagens, ritos, doutrinas, relato de experiência interna e intensa. Nesta singra, o presente artigo busca analisar a visão humano-divina do Menino Jesus no poema VIII da obra, o Guardador de rebanhos, de Alberto Caeiro, e no capítulo Deus sorri como um negrinho na obra, Capitães da Areia, de Jorge Amado.

A desconstrução e reconstrução humana no romance *Ensaio sobre a Cegueira*

LUCIA MARIA SOUZA (USP)

A luz da reflexão sobre o estado de cegueira social retratado no enredo de *Ensaio sobre a cegueira* no faz conjecturar acerca da cegueira apresentada no texto bíblico, que pode ocorrer de duas formas: por falta do órgão da visão ou pela falta de consciência, em ambos os casos trata-se de possível desestruturação humana e espaço-temporal, até a quase nulidade da existência. No entanto, através de resquícios de esperança e de rituais de purificação, executados em *Ensaio sobre a cegueira* pela mulher do médico e no texto bíblico pela figura de Jesus Cristo, os sinais de desconstrução são convertidos em sinais de reconstrução humana e espaço-temporal. Dessa forma, propomos uma reflexão do estado de cegueira, suas causas e consequências para as personagens e a reconstrução da tríade através de atitudes que revelam características não só humanizadas, mas misericordiosas, em ambas análises reflectivas. Os sinais que nos indicam a desconstrução e reconstrução humana e espaço-temporal presentes na trama do romance saramaguiano nos aproxima de uma possível leitura do Livro dos Sinais da Bíblia Cristã, o movimento apreendido nos dois textos em questão leva-nos a refletir de formas aproximadas que o tema da cegueira, não pertence a era moderna, ou cristã, mas como algo inerente a existência humana.

“Reza é que sara loucura”: sobre a importância da religião como tema teológico-literário central em GSV

HUGO FONSECA ALONSO JUNIOR (UMESP)

Os temas Deus e Diabo na obra rosiana são recorrentes em ensaios, dissertações, teses e livros de crítica dos mais variados. Riobaldo, protagonista-narrador do romance, fala sobre a transitoriedade de suas experiências religiosas. Percebe-se, por meio da narrativa memorial riobaldiana, que Guimarães Rosa redimensiona a experiência da vida sertaneja em sua luta por sobrevivência, lançando mão de ponderações metafísicas e suspeitas acerca de Deus e do Diabo, do Bem e do Mal, do Céu e do Inferno, e da herança religiosa que reverbera no drama existencial do ser humano. Tais temas remetem às reflexões teológicas, mas também às obras literárias mundiais. Esse redimensionamento é explicitado através da linguagem rosiana, que não se limita ao ensimesmado regionalismo pitoresco e nem às aspirações, por vezes escapistas, dos espiritualistas. Rosa, no entanto, lança mão de ambas as fontes ampliando-as em direção ao que se denominou, posteriormente, regionalismo universal. Sobre a dimensão religiosa desse modo rosiano de escrever (regionalismo universal), pode-se dizer que é uma expressão literária influenciada pelos místicos (de distintas religiões), pela sabedoria proverbial da religiosidade popular e pela crítica aos dogmatismos. Nosso intento é analisar teológica e literariamente a religião como elemento central da estética rosiana em GSV.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 504

O Diabo em *De Morte*

SALMA FERRAZ DE AZEVEDO DE OLIVEIRA (UFSC)

Na presente comunicação pretendemos analisar a presença a atuação do Diabo no Livro De Morte de Angela Lago, dentro daquilo que denominamos contos de enganação do Diabo na literatura infantil e juvenil brasileira. O estudo de estenderá para a questão da ilustração do referido livro, as relações entre Morte e o Diabo.

Desejo e finitude na poética mística de Adélia Prado

JOSIAS COSTA JUNIOR (IMB)

Objetivamos aqui tratar de um assunto que é, a um só tempo, apaixonante e provocante. O desafio é falar sobre o tema Desejo e finitude na poética mística de Adélia Prado, que se insere nos esquadros dos Estudos de Literatura e de Teologia. Com o binômio desejo e finitude, inúmeras possibilidades de reflexão sobre importantes aspectos da existência humana estão abertas. A obra de Adélia Prado apresenta-se, para a surpresa de muitos, como uma poética mística, em que os dois elementos (desejo e finitude) emergem inseparáveis no universo ficcional por ela criado. Adélia Prado não estabelece um diálogo ingênuo com a religião, assim como também não é simplesmente catequética, mas problematiza criticamente aspectos caros à teologia cristã. O universo ficcional adeliiano é pleno de uma aura de mistério, de tal maneira que toda experiência de vida equivale a uma experiência de Deus, como se almejasse juntar os pedaços da existência em um todo orgânico, pois para Adélia Prado a poesia é como um portal que possibilita o acesso ao sagrado, à redenção, à transcendência. Trata-se de um modo de fazer poesia que usa uma forma singular de linguagem, que não se divorcia do cotidiano e, ao mesmo tempo, é inseparável do sagrado. Nossa abordagem recolherá contribuições da teoria literária, filosofia, teologia, em busca do desafio de considerar o tema proposto, a partir da obra de Adélia Prado como matéria de reflexão

A retórica do não-saber

CLEIDE MARIA DE OLIVEIRA (UFRJ)

A comunicação busca perceber as convergências entre mística e poesia na articulação de um certo modo de pensar marcado pela negatividade, pensamento que é caracterizado pela tradição místico-apofática como não-saber. Sendo parte de um work in progress, desenvolvo a hipótese que mística e poesia sejam linguagens que se empenham no próprio fracasso pois, ainda que regidas pelos princípios da discursividade (do mundo do trabalho, dirá Bataille), se aproximam na exata medida em que intentam inserir dentro da descontinuidade do discurso o máximo de continuidade (de sacralidade) que nossa linguagem possa suportar. Assim, a impossibilidade do nome de Deus que é inerente à tradição apofática torna-se metáfora para se refletir sobre as potências de um pensamento negativo cujos fundamentos sejam o esvaziamento da linguagem, que se vê despojada de sua capacidade de dizer o mundo, e o aprendizado do não-saber. Palavras-chave Linguagem poética; mística apofática; não-saber.

Uma proposta de releitura do sagrado na Literatura Infantil e Juvenil

CRISTIANO CAMILO LOPES (USP)

Esta comunicação tem por objetivo fazer uma releitura do sagrado na curvatura do tempo. Partindo-se de uma concepção dialética (BENJAMIN, 1999), entende-se que a combinação entre os movimentos de circularidade e retilinidade promove a incorporação e o desenvolvimento do sagrado ao longo da história. A literatura, como disseminadora do poder da palavra, articula a esperança “sabedora e concreta” que, por sua vez, apresenta um novo paradigma sob o qual a vida se faz. Como ressalta Papes (2009), nos efeitos decorrentes da desumanização, o homem se vê impelido a buscar um propósito de vida para superar as crises afetivas e identitárias. Nessa busca, o sagrado se apresenta como uma alternativa para o homem. Portanto, como uma ‘aventura espiritual’, a literatura revela, em diversas de suas produções, uma experiência sobrenatural, uma manifestação do sagrado, que não está vinculada estritamente com questões religiosas, mas volta-se para o homem e sua vivência. Assim, propõe-se investigar como as marcas do sagrado se fazem presentes na obra Escritura de Bartolomeu de Campos Queirós, a fim de discutir-se o papel da literatura na construção da identidade do homem.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 504

Crítica da Religião em *José e seus Irmãos*, de Thomas Mann

ANTONIO CARLOS DE MELO MAGALHÃES (UEPB)

O tema da religião é decisivo em diferentes obras de Thomas Mann, tais como os *Der Zauberberg* (1924), *Doktor Faustus* (1947), *Der Erwählte* (1951) e na última obra do autor, *Die Bekenntnisse des Hochstaplers Felix Krull. Der Memoiren erster Teil* (1954). Além, claro, da obra *José e seus irmãos*, cujo título já estabelece diferentes níveis de relação com a narrativa bíblica. Apesar da centralidade do tema, os estudos no Brasil têm se reportado somente de forma alusiva ao tema da religião na obra desse autor. A proposta da comunicação é apresentar aspectos constitutivos da obra *José e seus irmãos*, interpretar os principais aspectos da crítica da religião no decorrer da obra e refletir sobre as intertextualidades e interdiscursividades entre a obra de Mann e o texto bíblico.

Poesia e Sagrado: Deus como representação da ausência em Hilda Hilst

ANNA GIOVANNA ROCHA BEZERRA (UEPB)

Uma das grandes questões que atravessaram o pensamento humano e que se sedimentam na contemporaneidade diz respeito à busca do homem por elementos que estabeleçam uma explicável relação entre o âmbito divino e o plano terreno. O presente artigo tem por finalidade realizar uma leitura de cinco poemas do livro “Poemas Malditos Gozosos e Devotos” da escritora brasileira Hilda Hilst, tomando como ponto central a influência do filósofo grego Nikos Kazantzakis no pensamento hilstiano e a temática erótico-sagrada, amplamente discutida por Octávio Paz, que desponta pelo todo poético da obra. Considerando que o erótico e o divino são manifestações da natureza humana, procuraremos, ao longo da nossa exposição, mostrar como a poeta, ao questionar a existência de Deus através de sua poesia, parece querer buscá-lo ansiosamente. É através da antropomorfização da figura do Divino que a autora tenta colocar-se em um nível de igualdade em relação a Deus, não apenas enquanto mulher, sobretudo, como ser humano.

O domínio do espiritual na literatura pós-colonial indiana de Amitav Ghosh

GISELE CARDOSO DE LEMOS (PUC-Rio)

A crítica pós-colonial implica em uma revisão de todas as esferas da sociedade. Inclui o próprio termo "teologia" deve ser repensado e ampliado para abarcar as tradições que não possuem uma teologia no sentido tradicional do termo, mas uma filosofia, para que as religiões indígenas, africanas e asiáticas possam ser inseridas no diálogo entre literatura e "teologia" em pé de igualdade com a tradição judaico-cristã. A partir da perspectiva pós-colonial, Partha Chatterjee, um dos fundadores do grupo *Subaltern Studies*, na Índia, cunha seus dois conceitos-chave: "domínio espiritual" e "domínio material", buscando a instrumentalização do estereótipo indiano de espiritualidade criado pelo orientalismo europeu como recurso para, dentre outras coisas, criar uma arte moderna sem ser ocidental. Assim, este trabalho busca verificar a aplicação dessa teoria na prática literária do escritor e intelectual indiano Amitav Ghosh, como uma arte espiritualizada.

À Sua Semelhança: William Blake e Po(ética) do Reencenamento

ANDREI SUAREZ DILLON SOARES (MEC)

O trabalho explorará um tema fascinante: a labiríntica teologia de William Blake. Mais especificamente, explorará a analogia que esse heterodoxo romântico inglês estabelece em seus poemas e gravuras entre o seu próprio impulso criativo e o gênio criador divino. Recorrendo a autores como Agamben, Derrida e Kierkegaard, o trabalho abordará a forma pela qual Blake radicaliza oposições constitutivas do Cristianismo (monismo vs dualismo, matéria vs intelecto, divino vs diabólico, criador vs criatura) até colapsar as relações de diferença que as fundamentam. O resultado, argumentar-se-á, é uma radical resignificação dos termos constitutivos dessas mesmas oposições – resignificação que, em um giro final do labirinto blakeano, é retratada como se dando no próprio universo mítico (e resultando do próprio fazer poético) do autor.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 504

Proteção, desamparo, não-proteção e não-desamparo? Uma análise semiótica bíblica

FLÁVIA MELVILLE PAIVA

O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise semiótica da construção do sentido do texto bíblico "Salmos 23" com a isotopia da "Proteção" quando o crente está na presença/conjunção de sua divindade apontando os princípios da teoria semiótica discursiva proposta pelo semioticista Algirdas Julien Greimas, apresentando os três níveis de análise: Fundamental, Narrativo e Discursivo. Conforme Malanga (2008), sobre o texto bíblico, "Para grande parte dos povos do Ocidente, ele representa uma obra sagrada, ligada às suas religiões. Para outros, trata-se apenas de uma obra antiga, ligada às raízes da nossa cultura", e que existem várias formas de ver e estudar a Bíblia, "como literatura, como registro histórico e social de uma época, sob o ponto de vista da ética e tantos outros aspectos". Assim, sugerimos uma análise científica semiótica pela apresentação de como o tema "Proteção quando na presença divina" foi construído no Salmo 23 (que em algumas edições bíblicas é denominado Salmo 22), apresentando outras três passagens bíblicas como marcando o cerne isotópico como a Proteção na vida presente do crente com a consiguiente Salvação futura (na vida eterna, após a morte carnal). Propomos então uma análise do percurso gerativo que é construído sobre abstrações que o leitor pode fazer sobre o texto Salmo 23, mas que apresenta as marcas sintáticas e semânticas em três níveis de profundidade para análise, sendo possível a análise dos semi-símbolos usados sem a visão dogmática da religião e sim sob o ponto de vista científico. Os três níveis de profundidade sugeridos por Algirdas Julien Greimas (Fundamental, Discursivo e Narrativo) foram analisados em relação ao Salmo 23 e com exemplificação de sua existência nos outros textos utilizados como apoio intertextual. Pela cronologia bíblica, escolhemos os quatro textos abaixo, representando um período de 1000 e 500 a.C, outra referente à época da vida de Cristo, com um de seus apóstolos, e após sua morte, para verificar como o tema Proteção foi tratado por escritores em fases diferentes da história da humanidade tratada pela coletânea religiosa: • Salmos 23 – remetendo ao ano 1000 a.C • Malaquias, capítulos 3 – remetendo ao ano 500 a.C • João, capítulo 16 - remetendo à época da vida de Cristo. • Romanos, capítulo 4 – remetendo ao ano 56 d.C A religião normalmente apresenta a busca de uma vida pautada em princípios doutrinários que estabelecem a paz e comunhão entre os seres humanos como forma de alcançar a vida eterna. Algumas religiões salientam a necessidade de dor, provações e muita disposição para o sacrifício, outras, por entender o homem como imperfeito, apenas imagem e semelhança do deus que crêem, não o próprio deus, o fato de estarem em comunhão acreditando na existência divina já garante a vida eterna, e a Bíblia aponta em diversas passagens que tribulações podem e vão ocorrer, assim como tentações, manipulações, provas da competência, mas cabe ao fiel manter-se forte e corajoso, esperançoso que o deus em crença será a fortaleza e apoio no presente, a "Proteção" possível e vivificadora que propomos apontar neste trabalho.

O Bem e o Mal em *A Vida e a outra vida de Roberto do Diabo*

CARLA DAMASCENO DE MORAIS (IFSC)

As representações do bem e do mal serão analisadas a partir da obra "A vida e a outra vida de Roberto do Diabo", conto de Ricardo Azevedo. Nesse conto, a batalha do bem e do mal ocorre no íntimo do personagem Roberto do Diabo, que, insatisfeito com suas atitudes, percorre caminhos de expiação para readquirir seu lugar no mundo como Roberto. Para retomar à condição do eterno amor e abandonar o caminho do eterno ódio, o personagem percorre um longo caminho de expiação e resignação. O bem e o mal se apresentam em diversas situações e são representados nas cores, na vestimenta, nos fenômenos da natureza, nos sentimentos de amor ou de ódio, nas ações de carinho ou de violência, e na mulher, ora como sacerdotisa do mal, ora como sacerdotisa do bem. Para sua redenção, Roberto aceitou viver como um demente e alimentar-se como um cão. A disposição do conto, ao mesmo tempo que propõe o trágico, propõe a sua supressão. E, se os estados e os incidentes do conto não são aleatórios, toda a narrativa conduz o leitor a crer em uma reviravolta trazida por um acontecimento ético e justo. Ao final, Roberto do Diabo reconquista seu lugar no mundo como Roberto.

Salmos pela vida amazônica

AURICLÉIA OLIVEIRA DAS NEVES (UNINORTE)

Com o título da comunicação "Salmos pela vida amazônica" pretendemos demonstrar o diálogo entre a literatura e a teologia na obra de Max Carphentier, escritor amazônico, que se utiliza dessa inter-relação no seu fazer poético. Com vinte e um salmos de louvor e de súplica, o artista expressa seus sentimentos diante da realidade da vida amazônica, continuamente ameaçada pela destruição de seus recursos naturais. Diante dessas circunstâncias, o Criador é conclamado a se aliar, como afirma o poeta, aos “bem-aventurados que lastimam e que combatem” o processo de desertificação da planície amazônica e com esses construir um mundo diferente. Dessa forma, os salmos propostos para análise nos convidam a voltarmos nossa atenção para o além de nós, isto é, para a história do que estamos construindo na sociedade. A partir dos poemas carphentianos, poderemos descobrir o Senhor sempre presente e disposto a se juntar aos homens de boa-vontade, “porque o Reino será desses, daqueles que cumprirem o destino de Deus neste transido mundo que nos suporta enquanto temos”, segundo afirma o poeta. Em um diálogo vivo e atual a literatura, a teologia e a ecologia se fazem presentes no objeto da comunicação neste simpósio, sendo Max Carphentier um modelo de profeta do século XXI, na medida em que é porta-voz deste diálogo interdisciplinar, tão necessário e atual.

O Paraíso de Dante e o Paraíso dos Apócrifos SILVANA DE GASPARI (UFSC)

Este é um trabalho de pesquisa que perpassa a literatura sacra, a literatura profana, a literatura italiana e a análise de textos críticos italianos e estrangeiros, que giram em torno do poema de Dante Alighieri, buscando estimular a leitura de suas obras entre nós brasileiros. Para tal, o que se evidenciou foi buscar e analisar textos que tratassem de viagens ao mundo extraterreno, no âmbito das narrativas anteriores à elaboração da Divina Comédia. A relevância desta pesquisa se dá também pelo fato de que Dante Alighieri, por meio de sua obra, tem sido lido ao longo dos séculos e tem sido considerado um dos maiores autores da literatura universal. Além de ser conhecido como o “criador da literatura italiana” e “criador da língua italiana”, foi na literatura ocidental quem, em primeiro lugar, produziu uma obra onde o divino, o profano e o terreno se encontraram em aspectos ligados à moral, à política, às crenças e à sabedoria de seu tempo. Aqui também serão apresentadas as visões literárias do céu, expressas por Enoque e Isaías, nos Evangelhos apócrifos, em comparação com a visão celestial de Dante Alighieri.

TEORIA, POESIA, CRÍTICA I

Daniel Link (Universidad de Buenos Aires)
Italo Moriconi (UERJ)
Susana Scramim (UFSC)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 505

Pasolini-Marechal: Mimesis, poesía y sobrevivencia en dos reescrituras dantescas
DIEGO BENTIVEGNA (UBA)

De Pound a Borges, de Beckett a Mandelstam, de Levi a Celan, el corpus dantesco, y sobre todo el Infierno, constituye una de lugares más visitados, y más reescritos, de la literatura del siglo XX. En nuestra ponencia planteamos una lectura contrastiva de dos de esas reescrituras del viaje dantesco, inscriptas ambas en momentos y en contextos nacionales diferenciados. Nos referiremos, por un lado, a la reescritura que el escritor italiano Pier Paolo Pasolini lleva a cabo en La Divina Mimesis, publicada poco después de su asesinato, en el año 1975. Consideraremos, en conexión con este texto pasoliniano, la reelaboración del viaje infernal que propone en la Argentina Leopoldo Marechal en la última sección (titulada “Viaje a la oscura ciudad de Cacodelphia”) de uno de los textos claves del canon literario argentino: el Adán Buenosayres, publicado por primera vez en 1948. Como la Comedia, tanto el texto de Marechal como el de Pasolini hibridan lo poético-literario, lo crítico (en especial, en relación con diferentes concepciones de poesía, estilo y representación) y lo político (como reacciones a los procesos de modernización y de auto-

nomización de lo literario. Interrogaremos pues ambos textos teniendo en cuenta su condición de producciones que plantean una toma de posición en relación con el lugar, (y las condiciones misma de posibilidad) de la poesía. Nos centraremos, en nuestro trabajo comparativo, en los diferentes modos en que cada uno de los textos elabora esas problemáticas sobre la base de la apropiación de la noción de mimesis como punto de articulación histórica, de raigambre platónica y aristotélica, entre poesía y teoría. Asimismo, contrastaremos ambos textos considerando las implicancias biopolíticas que pueden desprenderse de ellos a partir de la percepción que proponen de las relaciones entre escritura, alteridad (tanto uno como otro se presentan como texto de un otro) y sobrevivencia (en la medida en que ambos textos funcionan como lo que resta luego de la muerte de aquel que los ha escrito).

Da carroça ao bonde não há uma linha reta: Imagem e Sutura no poema “Tu” de Pauliceia Desvairada BAIRON OSWALDO VELEZ ESCALLON (UFSC)

Mario de Andrade inventou uma fórmula sofisticada e teoricamente eficaz para interpretar o Brasil, a sua modernidade e as suas manifestações artísticas. A matéria-prima dessa chave de leitura se compõe de duas operações: 1) A clausura do passado -um passado alienado-, dos seus fundamentos e fins; 2) A complementar substituição desse passado por um presente que marcha conscientemente até a sua realização final. Dessa perspectiva, largamente difundida e repetida até hoje, a tarefa da modernização da cultura brasileira só seria possível pela intervenção de uma gradativa tomada de consciência, do progressivo esvaziamento de tudo que fosse imposição de modelos das metrópoles dos países chamados “adiantados”, ou, melhor, da sua assimilação crítica numa “dimensão organizada e cumulativa” que acabaria por constituir uma identidade. Qualquer outra opção corresponderia imediatamente a um arranjo de “idéias fora de lugar”, isto é, a uma modernização imperfeita, em que a precariedade intelectual ambiente seria propícia a uma ufanista consciência do atraso, a uma assimilação do modelo que o conserva como forma, mas o destrói como força de transformação: uma “modernidade seqüestrada”, segundo um muito recorrente chavão. Um exemplo recente dessa leitura é o artigo “A carroça o bonde e o poeta modernista” (1989), em que Roberto Schwarz aproxima o poema “Pobre alimária” (1925), de Oswald de Andrade, da ideologia e da estética da classe cafeeira emergente nos primórdios do Século XX. Nesse trabalho, o crítico pretende mostrar como o poeta modernista “auratiza o mito do país não-oficial” ao suprimir o antagonismo de classe entre os “símbolos” da carroça (pré-burguesa) e o bonde (moderno-burguês). Mediante a justaposição desses símbolos, o Modernismo elevaria “o produto à dignidade de alegoria do país” (1989, p.12). Essa elevação, segundo Schwarz, contribuiria a manter as prerrogativas da oligarquia emergente e se integraria facilmente ao discurso da modernização conservadora, impedindo de vez uma autêntica modernidade brasileira. Entretanto, se pensarmos o poema a partir da dialética da imagem e já não mais sob uma dialética do progresso (que acaba sempre sintetizando as oposições), veremos que não há como “sintetizá-lo” absolutamente na história, que a sua força não cessa de ter acontecimento, que a identidade e/ou a consciência de si não esgotam o sentido. Na comunicação projetada tentarei mostrar como isso que antes chamei de “fórmula” se desenvolve em alguns dos textos críticos e teóricos de Mário de Andrade e o confrontarei com o poema “Tu” (muito próximo do “Pobre alimária”), lido “a contrapelo” dessa concepção narrativa ou teleológica. Palavras-chave: Poesia modernista, crítica literária, teoria literária, historiografia literária.

Inicios poéticos. Escritura, silencio y muerte en Hilda Hilst y Amelia Biagioni LAURA CABEZAS (UBA)

Los poemas que componen los primeros libros de la brasileña Hilda Hilst y la argentina Amelia Biagioni se sostienen sobre un imposible: el silencio como lugar privilegiado desde donde conformar una voz que se enfrente al lenguaje, no para renunciar a él sino para explorarlo en busca de todas sus potencialidades. A su vez, en esos poemas se encarna una experiencia límite: la muerte como fuente de vitalidad y de amor. Lejos de participar de un clima optimista –social o vanguardístico– la poesía de Hilst y Biagioni en los años cincuenta hace del anacronismo su principio fundante: silencio y muerte traen la extrañeza de otro tiempo, alejado del ritmo moderno, ambos conforman la promesa mística de restaurar una espiritualidad o un sentido ya perdido. Por eso la escritura se propone como un canto que permita captar el mundo y conformar una comunidad basada en la soledad, la ausencia, la desilusión y la pérdida. De esta manera, si *Préssagio* (1950), *Balada de Alzira* (1951) y *Balada do festival* (1955) de Hilda Hilst se cargan del tono sentimental y melancólico propio de las baladas medievales, *Sonata de soledad* (1954) de Amelia Biagioni se configura como una pieza musical completa (con separatas denominadas “Alegro”, “Adagio”, “Rondó”, entre otras) que en consonancia con la sonata barroca convive el lamento con el júbilo, la alegría con la desesperanza. No obstante, este universo musical recreado será interrumpido por la reflexión moderna acerca del trabajo poético que se torna espera desesperada en el caso de Hilst e impulso de supervivencia en Biagioni.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 505

Para brincar de sério: jogo de/em Ana Cristina Cesar
LUIZA RIBAS (UFSC)

O presente trabalho pretende movimentar a escritura de Ana Cristina Cesar colocando-a em contato/atrito com a poética de Carlos Drummond de Andrade. De maneira mais específica, a intenção é pensar as marcas deixadas por Ana C. nas margens do poema Elegia de Drummond numa tentativa de leitura dos processos, das aberturas, das lacunas, do inacabamento próprio deste sem-fim que é um poema. Tem-se por objetivo ler a potencialidade do impossível-fim através de uma lógica do jogo em que o lance e o recolhimento (dos dados?) da/na escritura caracterizam um jogador sempre instigado a iniciar uma nova partida. Atravessando as escrituras de Ana e Drummond com textualidades críticas mais contemporâneas, se quer ainda, estabelecer outras possibilidades combinatórias que não as já instituídas no imperativo das regras da (seríssima) brincadeira.

Sistemas poéticos de inquérito: a ideia de policial entre a poesia e a prosa de Roberto Bolaño
TIAGO GUILHERME PINHEIRO (USP)

Esta comunicação se propõe a investigar a relação tensa e particular existente entre a ideia de prosa e de poesia na obra do escritor chileno Roberto Bolaño. Essa tensão se verifica em três níveis: 1) ao longo da carreira do autor, que abandona a produção poética a partir de 1994 (ainda que haja poemas retrabalhados até 1998) para dedicar-se exclusivamente à prosa; 2) no próprio modo de produção do autor, já que muitos dos seus poemas (“Iceberg”, “Lupe”, “El gusano”, a série “Detectives”, etc.) serão retomados como material para seus romances e contos posteriores; 3) no interior de seus textos em prosa, em especial, em *La Literatura Nazi en América* e *Los Detectives Salvajes*, nos quais não só a produção poética é tematizada e dramatizada extensivamente (ainda que versos citados expressamente sejam muito raros), como também as possibilidades de uso e as formas de relações (entre autor-obra, entre obra-leitor, entre leitores, etc.) possíveis de serem travadas a partir delas. Além de delimitar como cada um desses níveis aparecem e se relacionam entre si nos textos de Bolaño, gostaria de retomar nessa chave, um dos textos radiais tanto para a poesia como para a prosa modernas: a “Filosofia da composição” de Edgar Allan Poe. Esse ensaio possui uma larga história de leituras no interior da literatura latino-americana que inclui autores como Horácio Quiroga, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Ricardo Piglia, entre outros. Em especial, pretendo recuperar o modo como tal escrito foi lido a partir da ideia de “policial” (mesmo sendo um texto sobre a produção de um poema, fato central para a discussão que queremos travar aqui), designação que foi atribuída por Bolaño tanto aos seus romances, como também, e isso é mais incomum, a um certo conjunto de seus poemas. De Poe, pretendo retomar três conceitos importantes: a) o procedimento de cálculo; b) a questão do efeito; c) a relação entre extensão, memória e tempo de leitura. Dessa forma, não só poderemos nos aproximar dos diversos mecanismos que Bolaño põe em funcionamento a partir das relações entre poesia e prosa, mas também entender esses mecanismos como um modo estratégico de estabelecer um campo de problemas relacionados aos lugares de enunciação, de distribuição e de uso do discurso literário (editoras, ateliês, universidades, movimentos literários, etc.), pensando-os desde e em relação a regimes ditatoriais e estados dito democráticos. Tal movimento retoma e reformula a questão concernente à ideia de policial, tal como a utiliza Bolaño (e aqui podemos retomar a discussão de Jacques Rancière em *O Desentendimento*). Com isso, esperamos entender melhor uma afirmação como “Literatura Nazi é meu único livro sobre poesia... *Detetives Selvagens* é um livro sobre uma comunidade”. Bibliografia mínima BOLAÑO, Roberto. *Los Detectives Salvajes*. Barcelona: Anagrama, 2001. _____. *La Literatura Nazi en América*. Barcelona: Seix Barral, 1998. _____. *Los Perros Románticos*. San Sebastián: Kutxa Fundazioa/Fundación Kutxa, 1995. _____. *La Universidad Desconocida*. Barcelona: Anagrama, 2007. POE, Edgar Allan. *The Portable Edgar Allan Poe*. New York: Penguin Group, 2001. RANCIÈRE, Jacques. *La Mésentente: Politique et Philosophie*. Paris: Galilée, 1995.

Considerações sobre compromisso e solidariedade entre literatura e artes visuais no quadro da biopolítica
ROGÉRIO DE MELO FRANCO (UNICAMP)

O artista só pode sê-lo como origem da arte – que é justamente aquilo que o faz ser artista. Antes de Heidegger, desde o romantismo, persiste uma problematização especial em torno da dupla *ars* e *artifex*. Partiremos das reflexões românticas a esse respeito para abordar as relações entre as artes visual e literária sob as noções de corpo e vida. Apresentaremos algumas reflexões sobre crítica de arte e crítica literária ancoradas nas contribuições de pensadores como Giorgio Agamben, Walter Benjamin e Michel Foucault, entre outros. Nossas considerações implicam a convicção de que o corpo seria um lugar privilegiado no trânsito crítico e tradutório, por assim dizer, do verbal e do visual. Essa situação se daria não apenas porque a vida seja uma condição humana necessária que lhes seria comum, mas também porque a corporalidade pode ser tanto o campo de batalha como o objeto em disputa na tensão entre o poder/violência (*Gewalt*) de gerência sobre a vida e a resistência a seus aparelhos. Sendo assim, situamos nossa comunicação na encruzilhada entre disciplinas. Intuímos que pensar problemáticas dessa ordem pode ser também oportuna para questionar a atividade intelectual relativamente à ideia de pureza – seja disciplinar, artística ou sistemática e doutrinária.

O ideário poético de Paul Valéry

BRUTUS ABEL FRATUCE PIMENTEL (Instituto Tecnológico da Aeronáutica)

O objetivo desta comunicação é apresentar e discutir a poética do poeta e pensador francês Paul Valéry (1871-1945), isto é, suas concepções de poesia, do que deve ser o poema e o fazer poético, presentes, sobretudo, nesta obra de teoria, crítica e memórias literárias, as Variedades, e nesta obra de fragmentos filosóficos e epistemológicos, os Cadernos. Em parte herdeira do Classicismo e do Simbolismo, das concepções de seu mestre Stéphane Mallarmé, mas sobretudo resultante de sua própria prática como poeta, a poética de Valéry principia criticando a noção de “inspiração”, considerando que o poema não deve ser o resultado de um “sonho”, mas de uma “vigília”, não deve ser o resultado de um processo irracional e inconsciente, improvisado e automático, mas de um processo racional e consciente, planejado e reflexivo, um processo de construção intelectual. Uma construção intelectual cujo ideal é a realização do que Valéry denomina de “poesia pura”. Essa expressão designa não meramente uma poesia religiosa e mística, mas o estado de poesia absoluta do poema que é um todo simbólico coeso, sem excessos e sem carências, no qual cada palavra é justificável, não passível de ser resumido ou traduzido em prosa narrativa, mas passível de ser interpretado continuamente. Todavia, esse poema permanecerá sempre irrealizado; sua função é ser um ideal, a meta à qual deverá tender todos os esforços, todos os poemas reais e necessariamente incompletos do poeta. A poética de Valéry, sobretudo a partir do conceito-limite de “poesia pura”, torna-se, por conseguinte, uma reflexão sobre a própria língua. A língua, primordialmente considerada como uma invenção coletiva de uso prático, compõe-se de palavras cujos significados e usos variam de acordo com os contextos; num poema, num contexto poético, isso frequentemente se radicaliza: as palavras adquirem outros significados e usos, muito mais diversos e inusitados do que supõe o senso-comum e a mentalidade filosófica tradicional na busca por delimitar rigidamente os conceitos, por formular definições perfeitas e absolutas. A partir dessa perspectiva, Valéry, semelhante a Ludwig Wittgenstein e parte da Filosofia Analítica, conclui que vários dos problemas filosóficos e existenciais não são verdadeiramente problemas, mas contra-sensos, resultados de uma má compreensão da lógica ou dinâmica da língua, de “automatismo verbal”. O seu ideário poético revela, portanto, um outro propósito: o fazer poético, a prática que almeja realizar a “poesia pura”, também deve conduzir, na consciência do poeta, à eliminação desses contra-sensos filosóficos e existenciais. Para Valéry, o “automatismo verbal” deve ser superado.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 505

Francisco Alvim e o corpo fora, o ato de deixar falar

LAÍSE RIBAS BASTOS (UFSC)

A proposta deste trabalho é investigar o procedimento poético de Francisco Alvim, com um olhar mais atento para o livro *O corpo fora*, de 1988. O objetivo é entender a ideia, a concepção de poesia evidenciada nos poemas. Um primeiro olhar sobre o texto de Alvim parece apontar uma necessidade de o sujeito retirar-se e deixar falar o texto, como em um ato de *ab-negação*, para pensar com Derrida, isto é, uma linguagem que denuncia ao mesmo tempo em que renuncia, impondo uma ordem de ir aonde não se pode ir, de apresentar, portanto, uma outra faceta poética. Esse lugar é onde o sujeito se disfarça, se retira, torna-se outro. Um corpo ausente, em fuga – o sujeito – e um espaçamento – o poema –, que podem ser constituídos e construídos nas reticências sugeridas ao fim do poema, nos parênteses, nos silêncios e nos intervalos da fala deixados no ato poético. A análise dos poemas de Alvim evidencia, ainda, uma ideia de poesia atenta para

as necessidades do leitor e para o efeito de leitura, como uma maneira de aproximar-se e talvez dar conta das condições e das relações entre tempo, sociedade e leitor. Um fato que denota um processo crítico sutil realizado no próprio procedimento poético.

A estória em *Tutaméia* como projeto político-literário MARYLLU DE OLIVEIRA CAIXETA (UNESP)

Os fragmentos do jovem Schlegel inauguram o estatuto da literatura moderna aproximando-a da poesia e distinguindo-a da abrangente concepção retórico-humanista herdada do Renascimento. A literatura continua indefinida e seu estudo foi subordinado ao da história desde então até boa parte do século XX. Os primeiros românticos alemães principiaram a tematização da literatura e desdobraram o postulado kantiano da autonomia da experiência estética, embora as vertentes românticas que fundam a concepção de literatura no sujeito individual, como expressão, tenham obtido maior ressonância entre leitores e críticos. A noção de autonomia da arte pressupõe um sujeito não integrado à comunidade e a crescente inoperância da ordem metafísica com o desmembramento do sensível e do inteligível pela eleição da razão analítica como direcionamento. O homem consciente de si como sujeito da história dessacralizada também experimentou o desamparo que desde então estimula a nostalgia romântica que a modernidade atualizou em propostas estéticas. Considerando a inauguração romântica da literatura moderna e seu caráter crítico na linha dos fragmentos do jovem Schlegel, propomos o estudo comparado de aspectos do projeto literário de Guimarães Rosa, especificamente do modo como esse autor apresenta e discute a forma estória na última obra que editou em vida. *Tutaméia - terceiras estórias* é composta por quarenta minicontos e quatro prefácios agrupados como estórias no índice inicial da obra. O autor começa o primeiro prefácio de *Tutaméia*, “Aletria e hermenêutica”, apresentando a forma estória por seu modo de ser diferente da história (gênero narrativo) por vontade e da História (processo social) por dever. “*A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História. A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota*”. A definição quase totalmente negativa do modo de ser da estória alude à hierarquização aristotélica entre a poesia e a história, depois apresenta a anedota de abstração como dispositivo mínimo para análise “*nos tratos da poesia e da transcendência*”. O prefaciador retoma e confunde os critérios aristotélicos da inteligibilidade e superioridade filosófica da poesia ao inventar a categoria “anedota de abstração” que inclui não-sensos como os dos sofistas cujos pressupostos éticos preocupavam Aristóteles. Os limites da forma literária são problematizados na aproximação da estória com formas narrativas comunitárias comparadas à anedota de abstração: o Koan, a adivinha e o provérbio. Guimarães Rosa define a estória como ser e paradoxalmente trata-a como constructo ficcional, ou seja, eleva a invenção à condição moderna de mecanismo produtor de supra-senso tradicionalmente atribuído à ordem metafísica com que a modernidade rompeu. A definição quase totalmente negativa da estória a inclui no heterogêneo terreno do literário e a intenção de comunicar é reiterada por quatro prefácios e na contribuição de formas narrativas comunitárias e orais. O projeto político-literário de Rosa aconselha outras leituras e paciência. Conforme declarou em entrevista a G. Lorenz, como reacionário da língua cultivava a idéia antiga mas sempre moderna de que o som e o sentido se pertencem e a missão do escritor depende do postulado antigo da poesia como reativação do caráter motivado do signo.

Eu Não Sou Daqui: A Poesia de JPG MARILIA LIBRANDI-ROCHA (Stanford University)

O que acontece se ao invés de interpretar uma obra existente, o trabalho crítico colaborar na elaboração de uma obra que ainda não é reconhecida como tal? O que acontece se, ao invés de falar de um autor morto, debater-se com o escritor vivo, incorporando no corpus, as presenças em diálogo do leitor e do escritor? E se, ao invés de escolher-se um escritor maior ou marginal, escolher um escritor que não é considerado poeta e nem se apresenta como tal? Ocorre, em primeiro lugar, o questionamento das noções de autor, obra, e leitura, assim como das práticas de inclusão ou exclusão, de ordem (ou desordem) dos discursos e do papel da crítica, que, aqui, arrisca: mais que uma análise, um relacionamento, mais que uma interpretação, uma experimentação. Sartre e a defesa dos contemporâneos. Foucault, Barthes, Blanchot e a questão autoral. Lyotard e a configuração evasiva. Shoshana Felman e a questão do endereçamento na poesia pós II Guerra Mundial. Jacob Pinheiro Goldberg, nascido em Juiz de Fora em 1933, filho de pais judeus poloneses imigrantes, não era apenas um escritor fora do cânone, mas um escritor que não podia fazer parte do cânone. A indefinição nos seus textos, que propõem uma poética do nem (nem poema, nem prosa, mas um espaço entre, pequeno intervalo hipotético), e a crítica do sem a que deu lugar (escritor sem obra, textos sem autoria), abalaram as definições do que é ou não poesia, questionando as fronteiras entre o literário e o não-literário, e entre aquilo que a academia permite que se pense e o impensável. Proponho que se trata de uma escrita de si, próxima do gênero da carta, do bilhete e do diário, sem assinatura de autor, como diz em um de seus textos: Ja-

cob, qual é o seu nome? Iankele, ídiche; Goldberg, judeu; Pinheiro, cristão-novo; um anônimo: JPG. O resultado é um experimento crítico-literário em que leitor e escritor trabalham juntos na construção de uma obra em progresso contínuo de mudança. Nosso horizonte crítico se produz então na fronteira, defendendo tanto a experimentação poética quanto a experimentação crítica, criando-se um texto-entre, no meio do caminho da leitura crítica e da invenção de um espaço fora dentro da literatura.

TRADUÇÃO DOS CLÁSSICOS

Marie-Hélène Catherine Torres (UFSC)

Luana Ferreira de Freitas (UFC)

Júlio Cesar Neves Monteiro (UnB)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 703

Blanchot relendo clássicos e modernos: Por uma tradução como ato de criação literária

ECLAIR ANTONIO ALMEIDA FILHO (UnB)

Em seu ensaio "Traduit de...", presente em *La part du feu* (1949), a partir de um contraste e de uma aproximação entre escritores/tradutores clássicos e modernos, Blanchot propõe que a tradução é um ato equivalente ao de criação literária, pois envolve estranhamento, inovação, certa suspeição em relação à língua para a qual se traduz. Nossa comunicação discutirá como essa perspectiva blanchotiana se volta para uma teoria da tradução do texto poético e literário.

“The awful German language” ou: Será que ‘Die geistige Entwicklung’ é “O desenvolvimento mental”?

HANS THEO HARDEN (UnB)

A questão central desta contribuição é: até que ponto as obras de filósofos foram reinventados e reescritos por tradutores e pelas traduções? O meu objetivo é dar uma tentativa de resposta, e, para tanto, vou me concentrar em um conceito chave do Idealismo Alemão: a noção de GEIST. Com o exame de traduções para diferentes línguas e mediante a determinação e análise do campo semântico de GEIST, é possível mostrar que o tradutor – independentemente de seu posicionamento teórico (fidelidade ao texto ou fidelidade ao público alvo) – está forçado a se afastar consideravelmente das mensagens contidas no original. A partir do título da obra mais conhecida de Wilhelm von Humboldt, *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaus und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*, que em si já suscita várias questões a respeito de ‘equivalência’ (cf. e.g. as contribuições de Nida, Hermans, Vermeer, Reiss e Snell-Hornby, entre muitas outras), passarei à análise das obras de Hegel. A respeito desse autor, existem muitos comentários depreciativos. Diz-se, por exemplo, que ele era um corruptor da língua alemã e que suas obras são inteligíveis apenas em traduções para línguas românicas, pois só através desses meios seria possível desambiguar seus textos. Baseado na minha experiência com a tradução *Filosofia da História*, de Hegel, para o português, vou examinar alguns pontos críticos da obra nos quais o tradutor se vê obrigado a tomar decisões de consequências consideráveis para a continuação do texto. Gostaria de enfatizar que os dois filósofos receberam críticas severas pela falta de transparência linguística em suas obras, até por parte de filósofos contemporâneos. Mas o que exatamente constitui essa obscuridade? GEIST, por exemplo, não é um termo muito preciso, e a tradução sugerida no título desta contribuição deixa o conceito muito mais transparente. Mesmo assim, a questão permanece: trata-se de uma tradução ou de uma reinvenção? Referências bibliográficas Hegel, G.W.F. (1986), *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*. Frankfurt: Suhrkamp. — (1993), *Filosofia da história*. Brasília: Editora da UnB. Hermans, T. (ed) (1985), *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. London: Croom Helm. Humboldt, W. von (1907), *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaus und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts* in: Leitzmann, A. (ed), Vol. 7, Berlin: 1-344. — (1999), *On Language. On the Diversity of Human Language Construction and Its Influence on the Mental Development of the Human Species*, Cambridge: Cambridge University Press. Nida, E. (2001), *Contexts in Translating*. Amsterdam: Benjamins. Reiss, K./Vermeer, H. (1984), *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer. Snell-Hornby, M. (2006), *The turns of translation studies: new paradigms of shifting viewpoints*. Amsterdam: Benjamins.

O coreógrafo da dança das linguagens: Haroldo de Campos, tradutor do Eclesiastes IZABELA GUIMARÃES GUERRA LEAL (UFPA)

Em um texto recentemente publicado, Haroldo de Campos comenta a sua tradução do Eclesiastes, enunciando alguns dos processos por ele realizados com o intuito de revelar a ‘função poética’ da linguagem presente no texto bíblico. Para levar a cabo o seu projeto, Haroldo lança mão de diversos procedimentos, como a escuta da gravação de uma professora de hebraico, o que lhe permitiria reencontrar a musicalidade do texto original. Não pretendo aqui discutir a questão da fidelidade/traição do texto traduzido em relação à obra original, mas sim entender, a partir do diálogo com outros teóricos da tradução e, sobretudo, a partir do incontornável ensaio de Walter Benjamin sobre “A tarefa do tradutor”, quais são os princípios que Haroldo de Campos valoriza em uma tradução.

Traduções brasileiras de *A Morte em Veneza*, de Thomas Mann: tentativas de manter o ideal estético TITO LÍVIO CRUZ ROMÃO (UFC)

Ao escrever a novela *A Morte em Veneza*, Thomas Mann trouxe à luz um de seus escritos mais densos. Para compor seus personagens e fazê-los revelar suas possíveis facetas, ainda que não por inteiro, o autor recorre, em geral, a uma linguagem classicista, justamente porque visa a um ideal clássico de estética, permeado pelo visível embate entre o apolíneo e o dionisíaco. Como bem acentua Georg Lukács, Thomas Mann aborda em sua obra, vista em sua totalidade, a Alemanha burguesa da primeira metade do século XX e, para tanto, utiliza um estilo bastante depurado. É inegável que, em *A Morte em Veneza*, o autor brinda seus leitores com um conteúdo intenso redigido num vocabulário erudito, além de fazer alusões, direta ou indiretamente, a diferentes áreas do conhecimento. Trasladar os contextos linguístico-culturais contidos nessa novela certamente não consiste em tarefa livre de percalços. Nesta comunicação, serão comentadas as soluções encontradas por tradutores brasileiros, enfocando-se não apenas as situações mais dignas de críticas, mas também as soluções com que bem lograram recriar a riqueza vocabular e manter o estilo do autor. Quando necessário, serão feitas menções a traduções da mesma obra para o espanhol, o francês, o inglês, o italiano e o português europeu, buscando-se possíveis paradigmas de soluções.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 703

Conversação nos salões literários do século 18 MARIE HELENE CATHERINE TORRES (UFSC)

Nossa intervenção nos leva até o século 18 – o grand siècle como dizia Michelet – e mais precisamente até os salões literários franceses. Conversarei, em primeiro lugar, sobre o que fazia a essência de um salão literário, principalmente no século das Luzes. Em segundo lugar, apresentarei um panorama canônico das escritoras da época – esses clássicos esquecidos – e finalmente, um panorama das traduções dos clássicos franceses, incluindo o século 18, no Brasil.

Traduzindo a literatura árabe clássica: dificuldades e desafios MAMEDE MUSTAFA JAROUCHE (USP)

Dentre as línguas ocidentais, o português é certamente aquela com menor tradição no quesito tradução de línguas de orientais, em especial o árabe. Ao contrário de línguas como o francês, o inglês, o alemão, o espanhol e o italiano, ao longo de sua história a tradução de literatura árabe jamais foi considerada, sob nenhum aspecto, uma atividade relevante. Por isso, a falta de trabalhos nessa linha, com as consequentes reflexões sobre seu impacto cultural e político, acaba consistindo num óbice a mais para quem se abalança a verter os clássicos do árabe à nossa língua.

Nesse sentido, a tradução de clássicos da língua árabe, bem como de sua literatura moderna - atividades que vêm sendo levadas a cabo no Brasil especialmente em âmbito universitário - coloca os tradutores diante de uma espécie de "terreno ignoto", fato esse que, de um lado, diminui o número de referência de seu trabalho, mas, de outro, lhe abre um campo com possibilidades insuspeitas. A partir das experiências do tradutor, pessoais e compartilhadas, a explanação buscará discutir essas questões e refletir sobre elas.

Les Fleurs du Mal no Brasil: flinando pela história da recepção e da tradução dos poemas de Charles Baudelaire

RICARDO MEIRELLES (Centro Universitário Anhanguera)

Este trabalho parte da reunião das traduções dos poemas do livro *Les Fleurs du mal*, do poeta francês Charles Baudelaire, publicadas no Brasil em meio impresso – livros e periódicos – e procura refletir tanto sobre a relevância e o diálogo dessas traduções dentro da História da Literatura Brasileira, quanto sobre qual é o seu posicionamento em relação a esse clássico universal da literatura francesa. Primeiro, em minha dissertação, *Entre brumas e chuvas: tradução e influência literária* (2003), e depois, em minha tese, *Les Fleurs du mal no Brasil: traduções* (2010), discuti e considerei o papel da tradução poética dentro da História da Literatura Brasileira e a sua influência estética, observando específica e atentamente a recepção desses poemas escritos por Baudelaire; ao longo desses estudos, procurei questionar os métodos e as teorias da tradução poética, observando principalmente os brasileiros, e buscar respostas junto a algumas teorias da tradução em discussão, comparando as traduções de vários tradutores ao longo do tempo, sempre levando em conta aspectos lingüísticos, históricos e culturais que poderiam se depreender de cada texto. Os poemas do livro escolhido – publicado primeiro em Paris, em 1857, verdadeiro marco da literatura ocidental, sendo que ainda recebeu mais duas importantes edições aumentadas, em 1861, pelo próprio poeta, e em 1868, já póstuma – foram traduzidos por mais de sessenta poetas brasileiros – alguns traduzindo apenas um poema, outros, o livro todo – que contém cerca de cento e sessenta poemas, dependendo da edição – sendo a tradução brasileira publicada em livro mais antiga datada de 1872. Ao rastrear as diversas traduções publicadas, perseguindo listas bibliográficas apresentadas acompanhando ora diversos estudos sobre a influência da poesia e da estética de Baudelaire no Brasil, ora as traduções propriamente ditas, foi possível coletar um grande número de poemas, cerca de dois mil, o que acabou resultando em uma interessante e profícua “baudelaireana brasileira”, capaz de suscitar e diversificar em muito as visões futuras sobre essa obra francesa dentro da Literatura Brasileira. Um possível resultado dessa baudelaireana seria uma “história do livro *Les Fleurs du mal* no Brasil”, da qual trata especificamente este trabalho. Além do resgate historiográfico promovido, recuperando algumas importantes e significativas leituras dessa obra francesa, comparando suas traduções com outras produzidas ao longo do tempo, vislumbro não uma evolução, mas sim uma diferenciação entre as abordagens tradutórias, construídas sempre dentro de seu momento estético, histórico e ideológico, que está nelas refletido, inevitavelmente. Essa diferenciação chama a atenção não só para novas possíveis leituras do clássico francês proporcionadas pelas traduções publicadas ao longo do tempo, mas também para novas perspectivas sobre os métodos e teorias da tradução poética, privilegiando agora uma leitura historiográfica desse conjunto.

Nathalie Sarraute: a era da suspeita e a delimitação de um novo cânone e de sua tradução

GERMANA HENRIQUES PEREIRA DE SOUSA (UnB)

Nathalie Sarraute, autora francesa de origem russa, começou a escrever em 1928, mas fica conhecida apenas depois da Segunda Guerra Mundial, graças ao apoio de intelectuais como Sarte. Em 1956, no ensaio *L'ère du soupçon*, Sarraute proclama a era da suspeita, servindo-se da famosa expressão de Sthendal e esboça uma nova delimitação do cânone do romance. No final do século passado, aos 96 anos Sarraute vê sua obra ser consagrada na publicação de toda sua produção na prestigiada coleção Pléiade, cuja organização e seleção foi feita pelo crítico Jean-Yves Tadié. Neste trabalho, busca-se o objetivo de estudar as relações entre as coleções e edições e a definição do cânone, a transferência de técnicas narrativas por meio da tradução, assim como as relações entre a tradução e a disseminação da forma literária e dos novos paradigmas de gosto, definidores do cânone. Trata-se ainda de estudar as traduções da obra de Sarraute no Brasil.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 703

Venuti: tradutor de Tarchetti

LUANA FERREIRA DE FREITAS (UFC)

Na comunicação que apresento, analiso Lawrence Venuti como tradutor do italiano para o inglês. O tradutólogo Venuti teve um impacto importante para os Estudos da Tradução desde as últimas décadas do século XX e tem contribuído de forma sistemática para a questão autoral do tradutor. Para esse simpósio, faço uma análise do Venuti tradutor de Tarchetti, um dos expoentes da Scapigliatura, contrastando tradutor e tradutólogo.

O Zibaldone em português: o clássico leopardiano no sistema literário brasileiro

ANDRÉIA GUERINI (UFSC)

Esta comunicação tem por objetivo trazer à luz o projeto da tradução brasileira de uma das mais importantes obras do século XIX italiano: o Zibaldone di Pensieri (1817-1832), de Giacomo Leopardi. A tradução desta obra nasce na esteira do projeto “Leopardi nel mondo”, lançado pelo Centro Nazionale di Studi Leopardiani (CNSL), mas também segue uma tendência atual da crítica leopardiana em explorar esse importante texto leopardiano que, por muito tempo, foi relegado à margem. Assim, em 2004 foi publicada a tradução francesa do Zibaldone e a tradução inglesa está prevista para ser lançada em 2012. Podemos dizer que o interesse na tradução desta obra está ancorado na modernidade dos assuntos ali tratados. Não por acaso, a crítica tem, cada vez mais, feito aproximações do Zibaldone com a obra de autores como Nietzsche, Heidegger, Benjamin, Foucault e Derrida.

Tradução e tradutores dos clássicos na Itália entre os séculos XVIII e XIX: experiências e interfaces de Cesarotti, Monti e Foscolo

KARINE SIMONI (UFSC)

A presente comunicação insere-se nos estudos da história da tradução na Itália, e tem como objetivo apresentar e discutir as disparidades e as similaridades nas reflexões sobre o processo tradutório realizadas pelos autores Cesarotti, Monti e Foscolo que, entre os séculos XVIII e XIX, idealizaram e desenvolveram traduções de clássicos gregos e latinos. Por meio da análise das obras críticas, das traduções e do epistolário dos autores, serão destacadas as relações entre o projeto de tradução dos clássicos e o desejo de renovação da literatura italiana; a conexão entre tradução e aspectos estéticos do texto literário, a discussão sobre as maneiras de se traduzir e os aspectos inerentes à publicação e divulgação das obras traduzidas.

Marcel Schwob, tradutor e falsário

CLAUDIA BORGES DE FAVERI (UFSC)

Os escritores do fim do século XIX, entre eles Marcel Schwob (1867-1905), são assombrados pela consciência de que séculos de criação literária os precedem e sentem como se as fontes da criação humana tivessem secado para eles. Leitores hipnotizados de uma biblioteca universal inesgotável, resta-lhes apenas parodiar, imitar, reescrever. Schwob rompe com o mito da originalidade, para ele “a literatura é feita de literatura, ela toma emprestado, ela imita” (JOURDE, 2000, p. 29). Ele anuncia pela boca de seu personagem alter-ego Monelle: “toda construção é feita de restos, e nada é novo neste mundo afora as formas” (SCHWOB, 2002, p. 319). Nesta comunicação vamos explorar as várias facetas de um Schwob leitor e reescritor dos clássicos, o Schwob tradutor de Catulo, de Shakespeare e Stevenson, mas também aquele, que através de um universo de reminiscências literárias e de sua erudição lendária, faz de sua obra constante releitura, experimentação e recriação.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 703

Os Sertões em tradução para o espanhol JULIO CESAR NEVES MONTEIRO (UnB)

Esta comunicação tem como objetivo discutir a tradução para o espanhol de um clássico da literatura brasileira, a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. A primeira tradução de *Os Sertões* para o espanhol é do argentino Benjamin de Garay e data de 1938. A essa tradução pioneira somam-se outras duas no correr do século XX. O “livro vingador”, pela importância para as letras brasileiras, por sua construção singular, pela temática complexa e pela multiplicidade de abordagens que recebeu (aí incluídas suas traduções) constitui material valioso para a reflexão sobre a tradução dos clássicos. Entendo a tradução de clássicos e a reflexão sobre seus processos de produção, distribuição e consumo como ações que ajudam a lançar luz sobre a posição da obra no cânone de origem e o papel que essa obra desempenha ou pode vir a desempenhar no sistema literário de chegada. Pretendo abordar, como elementos de minha reflexão, a questão da retradução como reafirmação do valor da obra, a apropriação e reconfiguração de elementos de *Os Sertões* por autores estrangeiros (Vargas Llosa em espanhol e, no contraponto, Cunnninghame Graham em inglês) e a recepção das traduções no mundo de língua espanhola.

Aspirações irrealizadas: Influências Literárias e Extraliterárias na Tradução “Falhada” de *Grande sertão: veredas* JAMES KRAUSE (Brigham Young University)

Quando João Guimarães Rosa publicou *Grande sertão: veredas* (1956), foi aclamado pelos críticos brasileiros como uma obra prima de prosa modernista. Apesar dos esforços consideráveis do editor americano Alfred Knopf, a tradução inglesa, *The Devil to Pay in the Backlands* (1963), não recebeu a mesma atenção crítica nos Estados Unidos. Esta situação, portanto, tem contribuído à relativa obscuridade de Rosa no florescente campo de estudos interamericanos. Eu considero *The Devil to Pay in the Backlands* como uma tradução “falhada” porque distorce e interpreta mal o texto original de uma forma consistente—um conceito baseado nas teorias de Steiner, Benjamin, Venuti e Rabassa, além das teorias contemporâneas de Armstrong, Rostagno, Lowe e Fitz. Este “fracasso” é devido tanto às influências literárias quanto às extraliterárias, segundo os conceitos de Lefevere a respeito de poder, ideologia, instituição e manipulação. Nesta palestra, eu demonstrarei como estes elementos resultaram na pobre recepção de *Grande sertão: veredas* nos Estados Unidos, uma realidade que tem impedido a presença e influência de Rosa dentro do cânone de literatura interamericana. (Esta apresentação também é oportuna porque parece que há duas novas traduções ao inglês encarregadas: uma feita por David Treece e outra por Elizabeth Lowe e Earl Fitz.)

Retraduzir os clássicos: quando e para quê? MARLOVA GONSALES ASEFF (UFSC)

O que é, afinal, um “clássico” da literatura? O que o define como tal? Uma das muitas respostas possíveis seria: clássica é uma obra que se mantém no centro do cânone durante muitas gerações. Disso, advém uma segunda proposição: para alcançar e se manter nessa posição, o clássico é um texto que necessariamente passou pela “prova” da tradução em vários idiomas e repetidas vezes. Portanto, não há texto considerado clássico que não tenha sido alvo de inúmeras retraduições. Mas, quando é hora de se propor uma nova tradução? Quais são os objetivos possíveis de um projeto de retradução? Nesta comunicação, reflito sobre essas questões combinando o acúmulo teórico com a análise de alguns projetos tradutórios de textos clássicos no Brasil, tomando como base paratextos escritos pelos seus editores e/ou tradutores.

Os clássicos uruguaios no Brasil WALTER CARLOS COSTA (UFSC)

Apesar de ser um país pequeno e de pequena população, o Uruguai, como a Irlanda, pode ser considerado uma potência literária. Sua literatura é mais conhecida na vizinha Argentina, para onde emigram frequentemente muitos de seus autores (de modo que alguns deles, como Horacio Quiroga, são reivindicados também pela história literária argentina) e na França, país com o qual mantém uma relação íntima (três dos mais importantes poetas franceses da modernidade, Jules Laforgue, Lautréamont e Jules Supervielle nasceram em seu território). No Brasil, durante décadas o Rio Grande do Sul manteve relações culturais constantes com o Uruguai através do consumo de seus autores em espanhol mas o resto do país conhece da literatura uruguaia sobretudo o que é traduzido para o português, o que tem acontecido de forma errática ao longo dos séculos XX e XXI. A presente comunicação trata desses clássicos ignorados, ou semiconhecidos, pelo sistema literário brasileiro, de sua importância para a literatura mundial e, portanto, da necessidade de sua tradução para o português.

QUESTÕES EM TORNO DE TRADUÇÃO, ÉTICA, HISTÓRIA E SUBJETIVIDADE

Cristina Carneiro Rodrigues (UNESP – São José do Rio Preto)

Lenita Esteves (USP)

Márcia Pietroluongo (UFRJ)

Maria Clara Castellões de Oliveira (UFJF)

Maria Viviane do Amaral Veras (UNICAMP)

Paula Godoi Arbex (UFU)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 603

O tradutor em cena

MÁRCIA ATÁLLA PIETROLUONGO (UFRJ)

Reflexões preliminares, fundamentadas nas obras de Michel Pêcheux e Michel Foucault, sobre um certo lugar tradutor cuja posição subjetiva instaura uma cena pública de saber e de poder. Entre o público e o privado, este lugar assinado de verdade e fê atribui a cada documento o caráter de um monumento, produzindo efeitos singulares de sentido e delineando um espaço próprio de constituição de identidade.

O intérprete como testemunha do que (h)ouve entre línguas

MARIA VIVIANE DO AMARAL VERAS (UNICAMP)

Você não deve se envolver. Esse mandamento foi invocado para todos os intérpretes que traduziram os relatos das vítimas e os depoimentos dos torturadores durante os trabalhos (de julho de 1995 a agosto de 1997) da Comissão Verdade e Reconciliação (CVR) na África do Sul. O intérprete é uma figura em geral apagada nas teorias do testemunho, há poucos estudos sobre seu trabalho e, menos ainda, estudos que discutam a diferença de estar ali, de corpo presente, mas discreto, separado, apartado da cena de que, no entanto, participa. No contexto da CVR, proponho duas questões: é possível pensar o intérprete tradutor como parte, como testemunha, sublinhando o fato de que a língua da Comissão, o inglês, é uma língua de tradução, e essa não é a língua das vítimas nem de boa parte dos torturadores? Como *não se envolver* se o intérprete não escapa à contingência do que é ouvido, disso que, estando além da neutralidade ideal, joga com sua impotência e vai além do domínio perfeito das línguas que traduz?

Iluminação ou entendimento: alguns apontamentos sobre a tradução de textos religiosos LENITA MARIA RIMOLI ESTEVES (USP)

Qual será o melhor caminho, para aquele que crê num ser superior e nutre uma vida espiritual, para se aprofundar nas espiritualidade e chegar mais perto desse ser? Este trabalho é uma tentativa de incursão numa área que já há algum tempo tem sido classificada como ?sensível? [sensitive] - a da tradução de textos religiosos. Sem pretensões de especialista, mas buscando pensar como a questão da tradução do texto religioso se organiza dentro dos estudos da tradução, o trabalho vai sugerir que existem pelo menos duas estratégias bastante distintas para abordar esse tipo de texto: a primeira é nutrida por uma ênfase na iluminação, na revelação, numa clarividência que não necessariamente passa pelo raciocínio, mas que pode ser proporcionada pela transmissão de características da língua que não pertencem ao campo dos sentidos: a letra, o ritmo, as assonâncias. A segunda estratégia, que difere da primeira, busca dar acesso ao leitor em termos de entendimento, aproximando o texto religioso da cultura para a qual ele está sendo traduzido. As duas estratégias, numa primeira análise, parecem não só se opor diametralmente, mas também reforçar uma dicotomia talvez tão ou mais antiga que os próprios textos em estudo: aquela que opõe espírito (ou conteúdo) a letra (forma). No entanto, como já poderíamos suspeitar, as coisas não são tão simples assim... O trabalho apresentará algumas manifestações dessas duas tendências ao longo da história, problematizando a dicotomia e buscando delimitar que éticas informaram cada esforço de tradução.

“Falar de tradução, hoje, com o coração”: cenas da língua, do corpo e da memória MARIA ANGÉLICA DEÂNGELI (IBILCE/UNESP)

Siscar (2005), num ensaio intitulado “O coração transtornado”, propõe uma leitura do pensamento derridiano a partir da problemática do coração. Numa espécie de endereçamento direto a Derrida, ele diz: “Como ter coragem de falar a Derrida, de falar sobre ele diante dele, mais uma vez, correndo inevitavelmente o risco de ousadia e ingratidão? Como ter coragem de reaprender a lê-lo, de renomear o outro diante dele e, assim fazendo, nomeá-lo outro para ele? Em sua própria língua ou na minha, o percurso é sempre aquele traçado pela tradução. Mas os desejos e arrebochos da tradução são, também, um aspecto importante da leitura de Derrida. Como falar de Derrida, hoje, senão com o coração?” (Siscar 2005: 135, grifos meus). Parafraseando Siscar e seguindo o percurso traçado por essa leitura, a pergunta aqui nomeada seria de outra ordem, ou seja, caberia, talvez, perguntar-nos em nossa língua e na língua do outro: “Como falar de tradução, hoje, senão com o coração?” No cerne da questão, a instância do corpo como corpus tradutório irrompe de maneira inevitável, pois, naquilo que se nomeia tradução, vários corpos estão em jogo: o da língua, o do tradutor, o do texto, o da memória, enfim, trata-se de uma operação engajada no corpo daquilo/daquele que (se) traduz. A partir dessa visada teórica, na entrelinhas do corpo e/ou do coração, objetivamos então investigar na obra do escritor, poeta e tradutor marroquino Abdelkebir Khatibi, mais especificamente, em seu livro *Amour Bilingue* (1983), como todas essas presenças (da língua, do outro, do tradutor) comparecem em cena no ato e como ato de tradução, ou ainda, como todos esses outros não se apagam nunca da cena e do corpus da tradução, reiterando para sempre a alteridade constitutiva do/no ato de traduzir.

Quarta-feira , 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 603

A Revista do Globo e um certo projeto editorial para a tradução literária PAULA GODOI ARBEX (UFU)

Planejada para ser um periódico de cultura e de vida social, a Revista do Globo foi publicada pela Livraria do Globo entre 1929 e 1967, totalizando 942 fascículos. Seu conteúdo mesclava páginas literárias – que incluíam contos, crônicas, poemas, resenhas, críticas literárias e artigos de autores brasileiros e também traduzidos – e variedades, como acontecimentos sociais de Porto Alegre e do interior do estado, noticiário político e até, eventualmente, páginas culinárias. A parte literária da Revista do Globo dividia-se em seções e/ou subseções dentre as quais figuravam algumas especificamente voltadas à tradução, assim denominadas: “Traduções: livros a sair”, “Tradutores e Traduções”, “Traduções e reedições”, “O livro que eu traduzi” ou “O que se traduziu”. Desta forma, as páginas literárias da revista serviam quase sempre como uma espécie de vitrine da própria Globo, ao divulgar lançamentos da editora, livros em produção, perfis de tradu-

tores, dentre outros aspectos ligados às atividades editoriais da casa. Com ênfase nas décadas de 1930 e 1940, período em que a revista contou, inclusive, com a direção de Erico Verissimo (1931-1936) e teve entre seus tradutores várias figuras literárias de então, pretende-se, com este trabalho, examinar de que maneira as seções dedicadas à tradução, presentes no periódico, deitam entrever estratégias tradutórias, sob as perspectivas da igualdade ou da diferença, bem como revelam traços do projeto editorial da Globo na “época de ouro” da tradução no Brasil.

A escrita de Toni Morrison em tradução no Brasil: questões sobre ética em foco LUCIANA DE MESQUITA SILVA (PUC-RIO)

A literatura de Toni Morrison, escritora negra, natural dos Estados Unidos, é marcada por seu engajamento na luta pela visibilidade dos afro-americanos através de uma linguagem repleta de especificidades lexicais, sintáticas e estilísticas que desafiam a variante padrão da língua inglesa. Diante desse cenário, o presente trabalho tem como objetivo suscitar reflexões em torno da ética na tradução de romances de Morrison no contexto brasileiro. Para tanto, serão abordadas as obras *O Olho Mais Azul* (2003) e *Jazz* (1992/2009), traduções de *The Bluest Eye* (1970) e *Jazz* (1992) respectivamente, focalizando-se elementos textuais e paratextuais. A partir disso, pretende-se verificar a relação das éticas concernentes às produções mencionadas com as representações da autora, de sua escrita e da própria literatura afro-americana como um todo no polissistema em questão. O arcabouço teórico utilizado para o desenvolvimento desse estudo será constituído por Itamar Even-Zohar (1997), Antoine Berman (2002), Lawrence Venuti (2002), Maria Tymoczko (2010), entre outros.

Por uma teoria do paratexto do livro traduzido: caso das traduções de obras literárias francesas no Brasil TERESA DIAS CARNEIRO (PUC-RIO)

Pesquisa de doutorado em andamento na PUC-Rio, área de Estudos da Tradução, sob a orientação da Prof. Marcia Martins, para estudo e posterior formulação de uma teoria do paratexto do livro traduzido com base em observações e descobertas surgidas da leitura e análise de paratextos de traduções de obras literárias francesas de autores canônicos no Brasil. O enfoque da análise é proeminentemente historiográfico, lançando mão da História dos Conceitos e das Mentalidades.

O papel ético do tradutor enquanto intermediador cultural: a construção paratextual em Paulo e Virginia de 1986 GIOVANA BLEYER FERREIRA DOS SANTOS e MARIE-HÉLÈNE CATHERINE TORRES (UFSC)

Antoine Berman (2007) nos fala que a tradução é um processo de comunicação e de certa forma, de “introdução” (p.65), visto que ela possibilita que o leitor de chegada tenha contato com um texto que ele não poderia conhecer em outras circunstâncias. Este processo é realizado pela figura do tradutor que, tendo conhecimento da língua de partida e da língua de chegada, bem como do contexto de criação de determinada obra e do lugar que ela poderá ocupar no sistema receptor, se torna um “mediador cultural”, assumindo assim uma responsabilidade pelo produto final a que os leitores de chegada terão acesso: o texto traduzido. Essa responsabilidade do tradutor tem gerado discussões em torno de uma ética do traduzir que, nas palavras de Berman (2007), pode ser marcada pelo desejo de “abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua”. Ou seja, de “reconhecer e receber o Outro enquanto Outro [...] acolher o Outro, o Estrangeiro, em vez de rejeitá-lo ou de tentar dominá-lo” (p.69). Para que isto ocorra, contudo, é necessário que haja ainda outro reconhecimento, o da visibilidade do tradutor, fato bastante discutido pelo teórico americano Lawrence Venuti. Venuti (2002) em sua postura ética advoga que “as traduções sejam escritas, lidas e avaliadas com maior respeito em relação às diferenças linguísticas e culturais” (idem, p.20), pois em uma tradução, essas diferenças devem ser negociadas. Ele menciona por exemplo que, se depararmos com um texto “transparente”, que apresenta uma leitura “fluida”, podemos na maioria dos casos verificar que há também a invisibilidade do tradutor. Isto porque um texto traduzido que não cause um estranhamento no leitor de chegada pode esconder a diferença linguístico-cultural existente entre os textos e entre os respectivos leitores. É claro que não desconsideramos que o próprio Venuti (2002) comenta que “as traduções [...] inevitavelmente realizam um trabalho de domesticação” (p.17). Contudo o que é importante mencionarmos aqui é que esta visão do autor não o impede de considerar que um trabalho de domesticação que deixe o discurso “transparente” pode ocasionar a destruição da letra. Desta maneira, e aqui entra em jogo a proposta deste trabalho, consideramos que a escritura de paratex-

tos pode tanto viabilizar a manutenção da estranheiridade do texto evitando a destruição da letra, quanto reforçar o importante papel que o tradutor possui como intermediador cultural, oferecendo, portanto, um caminho para que a tradução textual aconteça de forma mais ética. Como forma de ilustrar o que foi dito, propomos uma leitura dos paratextos que acompanham a tradução de 1986 do romance francês *Paul et Virginie* de Bernardin de Saint-Pierre. Estes paratextos, como poderemos verificar, materializam a função que lhes é dada por Gérard Genette (2009), eles cercam e prolongam o texto literário para “apresentá-lo, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para torná-lo presente, para garantir sua presença no mundo, sua recepção” (p. 9).

A construção das éticas de tradução de textos literários a partir da experiência: a interação entre a academia e a sociedade

MARIA CLARA CASTELLÕES DE OLIVEIRA (UFJF)

Este trabalho pretende discutir a necessária interação entre a academia e a mídia, o mercado editorial em geral, tradutores sem formação específica na área e leitores não-profissionais, tendo por propósito contribuir para a ampliação da consciência não apenas da existência de duas éticas da tradução de textos literários – a da diferença e a da igualdade, nos termos de Antoine Berman e de Lawrence Venuti – como também das consequências do privilégio de qualquer uma delas sobre a outra. Será estabelecido um diálogo com trabalho apresentado por Christina Schäffner, no 6º. Congresso da Sociedade Europeia dos Estudos da Tradução, ocorrido em setembro de 2010, em Leuven, na Bélgica, no qual foi discutida a percepção que se tem da tradução por parte da mídia anglo-saxônica, e com textos de intelectuais para quem, tal como preconizou Aristóteles, a construção de posturas éticas se pauta na experiência. A fim de corroborar e de ilustrar as posturas defendidas, serão apresentadas estratégias de ensino adotadas pela autora do trabalho em disciplinas que leciona no Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês da UFJF e conclusões de monografias produzidas por alunos do referido curso.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 603

A tradução no Império Português no fim do séc. XVIII: o exemplo da Arco do Cego

ALESSANDRA RAMOS DE OLIVEIRA HARDEN (UnB)

Esta comunicação tem por objetivo discutir algumas questões referentes às traduções publicadas pela Casa Literária do Arco do Cego, estabelecimento fundado em 1799 em Lisboa que tinha como um de seus fins específicos a publicação de traduções de textos estrangeiros em língua portuguesa. Considerando a profícua atividade dessa editora/tipografia (foram identificadas 83 obras publicadas entre 1799 e 1801, das quais pelo menos 45 são traduções), o estudo das publicações da Arco do Cego pode ser visto como forma de responder às seguintes perguntas: Que tipo de produção textual era tido como tradução? Quais eram os objetivos e os públicos dos textos traduzidos? É possível identificar uma agenda ético-política que orientava as decisões dos agentes textuais? Qual era o papel do tradutor nesse contexto? As reflexões acerca desses tópicos devem levar em conta a realidade do Império Lusitano nas últimas décadas do século XVIII. Esse período da história lusa foi marcado, no que diz respeito à produção intelectual, por fatores que influenciaram sobremaneira a prática da tradução: a presença ativa dos órgãos de censura; a não diferenciação entre textos literários e não literários; e o não reconhecimento dos direitos autorais. Subjacente a esta comunicação e aos trabalhos de pesquisa que a originou está a crença na relevância das questões mencionadas acima para o debate acerca da ética tradutória inserida em uma perspectiva diacrônica, debate esse que se faz essencial para o avanço dos estudos de tradução de forma geral.

Direitos autorais e tradução no Brasil do oitocentos

VALÉRIA AUGUSTI (UFPA)

No Brasil, a diferenciação entre o estatuto do autor e do tradutor ocorreu em fins do século XIX, em meio às disputas pelo estabelecimento de uma legislação dedicada aos direitos autorais. Enquanto isso não ocorreu, textos traduzidos, literários ou não, eram publicados por editores e periódicos sem que os autores recebessem remuneração por eles. Tendo isto em vista, a presente comunicação pretende inserir a problemática da tradução no interior do debate das práticas de contrafação correntes naquele século.

Éticas na tradução de relatos de viagem

CRISTINA CARNEIRO RODRIGUES (UNESP – São José do Rio Preto)

Traduções literárias de diversas épocas têm sido analisadas para investigar se os tradutores aderiram a uma ética da diferença, comprometendo-se com a alteridade do texto estrangeiro, ou a uma ética da igualdade, pautando-se na domesticação do outro. Neste trabalho pretendo trilhar caminhos paralelos, enfocando relatos de estrangeiros de suas viagens pelo Brasil. Parto do pressuposto de que o viajar e o traduzir relacionam-se à experiência com a alteridade pela linguagem, e ambas as atividades esbarram na impossibilidade de reprodução do original em sua totalidade. Assim, da mesma forma que o tradutor, o viajante tanto pode evidenciar a diferença do lugar visitado em relação ao que é conhecido por seu público, quanto pode aproximar o Brasil daquilo a que o leitor está acostumado. O objetivo desta apresentação é verificar como os tradutores de textos publicados na Coleção Brasileira, da Companhia Editora Nacional, entre os anos 1930 e 1950, marcam, por um lado, a brasilidade do texto estrangeiro, ou, por outro lado, como evidenciam sua domesticação, pelo autor, para as expectativas de seus conterrâneos. Paratextos dos tradutores, especialmente seus prefácios e notas, numerosas nas edições da Coleção Brasileira, são analisados, pois neles se delineiam os projetos tradutórios e explicitam-se as estratégias tradutivas. Os objetivos da análise são duplos: em primeiro lugar, evidenciar que os projetos tradutórios não estão relacionados diretamente a uma política editorial da Companhia Editora Nacional, pois os tradutores, intelectuais da época, optam por diferentes estratégias tradutivas; em segundo lugar, problematizar a demarcação de limites nítidos entre uma ética da diferença e uma ética da igualdade, na medida em que, nos textos analisados, ambas acontecem.

Perfil e perspectivas da literatura francesa traduzida no Brasil

JOSELY BOGO MACHADO SONCELLA (UEL)

A literatura traduzida ainda recebe pouco ou quase nenhum destaque na história da literatura brasileira, apesar de compor quase 30% do que é publicado atualmente pelo mercado editorial. Semelhante invisibilidade se dá também ao tradutor, ainda que este seja capaz de influir na constituição e no renovo da literatura do país. A língua a partir da qual mais se traduz é, obviamente, o inglês, com cerca de 70%, seguida do francês, com apenas 10% desse mercado. A teórica Pascale Casanova (2002) afirma que determinadas culturas são mais abertas a outras e por isso importam mais textos literários, fato que pode também atestar a posição central ou periférica do país. Segundo esse pensamento, no Brasil, a importação de livros seria mais frequente. Contrariamente, países centrais importariam menos e exportariam mais, como acontece com os Estados Unidos e a Inglaterra. Entretanto, isso não acontece com a Alemanha e com a França, países que não obstante sua condição central preservam sua abertura a culturas estrangeiras. A estudiosa aponta a existência de uma “república mundial das letras”, ou seja, um campo literário internacional regido por suas próprias leis, bastante distinto do mapa político internacional. Paris, espécie de capital literária de tal república, é o lugar que concentra grande crédito e prestígio literários, ou seja, espaço a partir do qual se pode ou não consagrar a literatura de determinado país. O tradutor é, portanto, um criador de capital literário para seu país, pois é responsável pelo intercâmbio cultural entre as nações, cada qual com seu capital literário próprio, mas todas desejando participar e se destacar dentro da tal república. Nem sempre, como vimos, essas trocas se estabelecem de forma equilibrada. O Brasil, apesar de todo um sistema literário estabelecido e a despeito de sua Literatura consagrada nacionalmente, situa-se na periferia desse campo literário internacional, assim como outros países da América Latina, pois não possui o capital literário acumulado que possa lhe trazer o reconhecimento internacional, reconhecimento esse que segue regras tais como antiguidade, volume, crédito do autor ou do tradutor, status da língua, entre outras. Na presente comunicação, parte de nossa pesquisa de doutoramento, buscamos realizar um levantamento da literatura francesa traduzida no Brasil nos últimos dez anos, a fim de refletir sobre as relações de troca entre esses dois países, tendo em vista aspectos histórico-culturais, sem esquecer das forças econômicas do âmbito nacional e internacional que regem esse intercâmbio.

Clarice Lispector tradutora, traduzida e pensadora da tradução, do Estado Novo ao Governo Geisel: (re)pensando a(s) ética(s) tradutológica(s) JEAN-CLAUDE MIROIR (UnB)

A atividade tradutória de Clarice Lispector inspirou uma linha de pesquisa bastante recente nos estudos claricianos. Dois pesquisadores brasileiros distinguem-se nessa área: o professor André Luis Gomes da Universidade de Brasília (UnB) e o professor Edgar Cêzar Nolasco da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Assim, o presente trabalho, com base nesses autores, apresenta uma análise tradutológica aplicada à prática de tradução de Clarice Lispector de um ponto de vista diacrônico, ou seja, de 1945 – sua primeira (auto)tradução para o italiano de *Perto do coração selvagem* (1943), em colaboração com o poeta italiano Ungaretti – até a data da morte da Escritora-tradutora 1977, no fim da linha dura da ditadura e no início da abertura política no Brasil. Dentro dos limites desse estudo analisaremos: (1) o discurso de Clarice Lispector sobre sua própria prática de tradução de peças de teatro, com sua co-tradutora Tati de Moraes, e as relações de poder que se estabelecem entre elas e os diretores das peças traduzidas; (2) o discurso de Clarice sobre as traduções de suas próprias obras, uma delas norte-americana considerada “boa” (ética) e a outra, francesa vista como “ruim” (anti-ética), segundo ela; (3) os conceitos de hospitalidade, de estrangeiro, de perdas e de ganhos, na tradução dos nomes próprios (antropônimo, topônimo) da tradução do francês para o português de *A Rendeira* de Pascal Lainé, realizada por Clarice Lispector em 1975. Esses três aspectos da análise tradutológica aplicada à prática de tradução, analisados no meio acadêmico, evidenciam três processos cognitivos duplos e distintos da escritora-tradutora, como ler/interpretar, criticar/refletir, traduzir/escrever, associados a vários tipos de economias, como teoria vs prática, traduzível vs intraduzível, autor vs tradutor, tradução vs imitação, nacional vs estrangeiro. De que maneira essas inteligências pragmáticas se articulam nas éticas tradutológicas: acerca da “ética da tradução (paciente)” bermaniana (2002) ou da “ética do tradutor (agente)” na perspectiva de Anthony Pym (1997)? **Palavras-chave:** Clarice Lispector, Antoine Berman, Anthony Pym, tradutologia aplicada, éticas tradutológicas.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 603

O fantasma de Strawberry Hill: pseudotradução e a proposta estética de Horace Walpole (a partir de uma leitura dos prefácios de *O Castelo de Otranto*) DIRCILENE FERNANDES GONÇALVES (USP – FFLCH)

Em meados do século XVIII, quando o romance inglês estava em plena formação, veio a público, na véspera de natal de 1764, a primeira edição de *O Castelo de Otranto*. A narrativa, repleta de acontecimentos sobrenaturais e inexplicáveis pela razão, ia de encontro à racionalidade moderna que se impunha na época, a qual pretendia estabelecer para o romance nascente um caráter educativo e exemplar. A recepção da crítica oscilou entre o elogio a um texto bem escrito e o desagrado com a temática que remontava a um tempo obscuro, em que o homem vivia mergulhado na ignorância. No entanto, o fato de o texto ter sido apresentado como uma tradução de um original italiano do século XVI abrandou a reação da crítica, que admitiu ser a antiguidade do original uma justificativa aceitável para o desatino de seus elementos. A segunda edição, publicada em abril de 1765, trouxe no novo prefácio a revelação de que o texto não era uma tradução, mas uma narrativa original escrita por Horace Walpole, figura proeminente da sociedade inglesa do século XVIII. As explicações de Walpole para tal “ficção tradutória” causaram reações diversas no público e na crítica, levando a acaloradas discussões estéticas e éticas em torno da farsa engendrada pelo autor e que acabaram por conferir à obra, até hoje, o status de fundadora do romance gótico. Palavras chave: romance inglês, Horace Walpole, tradução, ficção tradutória, estética, ética

O papel do horizonte histórico na percepção da forma poética: silenciamentos formais em traduções do verso de Dante, e suas implicações teóricas ARTUR ALMEIDA DE ATAÍDE (UFPE)

Para além da variabilidade das acepções que um vocábulo possa ter, ou das ambivalências inadvertidas que a sintaxe de um texto possa esconder, dados esses que por si só já parecem relativizar grandemente qualquer pretensão univocidade da página impressa, há ainda, sempre à espreita de qualquer leitura, atenta ou não a elementos estruturais, a possibilidade de se dar o que alguns chamariam uma *superinterpretação* do texto. Na leitura, diz enfim Barthes, “a estrutura se descontrola”. Com base num caso concreto – as traduções do decassílabo de Dante para o português, e eventualmente para outras línguas –, o nosso trabalho visa a demonstrar de que modo mesmo a percepção do padrão acentual de uma cadeia de vocábulos – a percepção do *material* linguísti-

co, diriam os formalistas – pode estar também sujeita, no momento da leitura, a um condicionamento segundo códigos contingenciais e históricos, formadores do olhar que lê. A neutralização sistemática – inclusive por tradutores contemporâneos atentos à composição formal, como Augusto de Campos ou Décio Pignatari – de variações métricas não apenas típicas da época de Dante, mas defensavelmente utilizadas, segundo nossa análise, com fins expressivos, pode ser o resultado de uma sedimentação, em nossos modos de ouvir, escrever e traduzir o decassílabo, de costumes métricos que se tornaram hegemônicos na tradição de língua portuguesa ainda à época do Renascimento. Tais costumes – basicamente, a acentuação par introduzida na península por Sá de Miranda – não comportariam a totalidade das cadências do *corpus* dantesco, dois séculos mais antigo. A partir da confrontação e da discussão de trechos da *Lírica* de Dante e de suas traduções, é então possível trazer-se à tona um exemplo do jogo dinâmico entre desvendamento e simultânea *constituição* da alteridade – indecível claro-escuro – que se dá quando uma cultura, uma época ou um sujeito se volta sobre um(a) outro(a). Problematicar a pretensão de imediatez perceptual da forma, ou a forma *pura* e meta-histórica, longe de pôr em cheque a concepção do poema como palco de uma experiência também sensorial, vem apenas atualizá-la, tornando-a (essa concepção) permeável a questionamentos que já se dão há tempo na teoria: questionamentos acerca da objetividade de elementos do texto ou da interpretação, e, por extensão, acerca do ideal de neutralidade – semântica ou *métrica* – do tradutor.

Literatura e tradução: as imagens e o imaginário

ANDRÉA COUTINHO (UCB)

Pensar na tradução do texto literário é pensar, ou por aproximações ou por afastamentos em duas "criações". Segundo Walter Benjamin - “A tradução é uma forma. Para compreendê-la como tal, é preciso retornar ao original. Pois nele reside a lei dessa forma, enquanto encerrada em sua traduzibilidade”. Sendo assim, haveria uma "criação-primeira", o texto original, e uma "criação-segunda", o texto traduzido. No entanto, o que está sempre ausente das análises sobre o processo de tradução na literatura, é o princípio de transformação que rege a consciência de duas estéticas diferentes que, movidas pela percepção de imagens, criam imaginários muitas vezes distintos. Nessa perspectiva, a literatura, sobretudo a de ficção científica, num tempo tecnológico, é fonte de análise para a tradução a partir do estudo da criação de diversas personagens. Caracterizadas e adjetivadas essas personagens transformam-se em imagens não inertes como, por exemplo, Victor Frankenstein, Frankenstein, de Mary Shelley, e o Dr. Jekyll, O Médico e o Monstro, de Robert Louis Stevenson, pois suas diversas traduções provocam rupturas que estabelecem diferenças que fazem aparecer algo novo. Assim, o objetivo deste trabalho é estudar como, surgidas na literatura, muitas personagens tomaram formas dessemelhantes a partir de um processo de tradução, que perpassa para outras mídias, provocando nova caracterização e adjetivação de imagens. Busca-se, então, não o encontro da diversidade, muito menos o da unidade, mas o da multiplicidade. Como afirma Mikhail Bakhtin, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, “aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o “fundo perceptivo”, é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. A palavra vai à palavra”

Acordes estrangeiros: representação e confrontos linguísticos na música brasileira

MARLY D'AMARO BLASQUES TOOGE (USP)

Em 2003, Maria Tymoczko propôs, pela primeira vez, que os tradutores tivessem uma compreensão mais flexível e profunda do conceito de tradução (p.3), com a consequente abertura do campo de estudos para uma maior diversidade de textos e a expansão de seu objeto de trabalho (p. 17-19). Tal asserção foi o que inspirou esta pesquisa. Assim como a autora, interessa-nos pensar a tradução não apenas como transferência, mas também “como representação”, como construção e exibição de imagens, reconhecendo a necessidade de pensar os aspectos ideológicos envolvidos nesse processo. Também nos importa refletir sobre a tradução como “transculturalização”, ou seja, como transmissão de características culturais de um grupo cultural a outro, indo, no entanto, além da transferência de materiais verbais, e incluindo a transferência de ideias sobre religião, governo, divulgação de formas artísticas e materiais de mídia (p. 21-24). Insere-se aí a disseminação de formas artísticas como a música e as artes visuais (p.23). Tal inserção da atividade musical nos Estudos da Tradução nos é de especial interesse. Neste trabalho, buscamos estudar a representação como construção da “imagem nacional” ou, ainda, a “representação cultural da nação” na contemporaneidade, através dos textos produzidos dentro do contexto da música brasileira. Queremos demonstrar que tais textos, no formato de canções, montam também um corpus de estudo que pode revelar diferentes usos das línguas para articular a relação com o “outro estrangeiro”. Desde o início do século XX a música brasileira tem sido palco de discussões e negociações sobre a identidade nacional. Em diferentes momentos históricos, tensões ideológicas e projetos identitários produziram usos variados dos idiomas português e inglês, refletindo correntes de nacionalismo acirrado e outras vezes de abertura à influência estrangeira. Ao longo

do século XX, a “música popular” tornou-se uma das mais importantes manifestações artísticas brasileiras no mundo e um instrumento de difusão de língua e cultura. Focamos aqui nas agências de construção da “brasilidade” dentro do cenário musical brasileiro e nos usos do par de idiomas português-inglês através de “estratégias de confronto linguístico”, que fizeram parte da construção da atual “ideia de Brasil”. Nesse processo de comunicação intercultural, desenvolvido, em especial, por atores outrora em exílio ou em constante trânsito entre o Brasil e outros países, e que acabaram por tornar-se “homens traduzidos” ou ainda “tradutores/mediadores culturais”, deparamo-nos com questões da ética da representação, intercultural e de tradução. Buscamos, assim, mostrar alguns momentos dessa construção de imagens e da representação do Brasil através dos textos produzidos no contexto da música popular. Palavras chave: tradução, representação, identidade, música, línguas.

VERTENTES DO INSÓLITO FICCIONAL I

Flavio García (UERJ/ UNISUAM)
Marisa Gama-Khalil (UFU)
Karin Volobuef (UNESP – Araraquara)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 600

Fantástico: a manifestação do insólito ficcional entre modo discursivo e gênero literário – literaturas comparadas de língua portuguesa em diálogo com as tradições teórica, crítica e ficcional

FLAVIO GARCÍA (UERJ / UNISUAM)

O Fantástico, entendido como gênero ou modo discursivo, e sua conseqüente leitura literária, condicionada por mecanismos instrucionais presentes no texto, baseando-se nas estratégias de construção narrativa adotadas pelo autor e veiculadas, no plano textual, pelo narrador, concretização da voz do autor-modelo, e pelo narratário, concretização da audição do leitor-modelo. Tem-se especialmente em conta a manifestação do insólito no plano narrativo para a efetiva leitura crítico-interpretativa do construto ficcional apresentado. Os instrumentais teóricos advêm da Teoria Literária, da Teoria dos Gêneros Literários, dos Estudos da Narrativa (Narratologia), da Semiologia Literária, contribuindo, mais diretamente, as reflexões crítico-teórico-metodológicas de Tzvetan Todorov, Filipe Furtado, Irène Bessièrre, Irlomar Chiampi, Carlos Reis, e Umberto Eco. O corpus ficcional eleito transita entre obras paradigmáticas da literatura fantástica, em sentido lato, com destaque para a produção do escritor brasileiro Murilo Rubião, do português Mário de Carvalho e do moçambicano Mia Couto, sem perder de vista as referências necessárias a Edgar Allan Poe, Guy de Maupassant e Gabriel García-Márquez, para ilustrar as vertentes do Estranho, do Fantástico (como gênero) e do Real Maravilhoso.

Peregrinação e Insólito num Conto Infantil de Saramago

ELOÍSA PORTO CORRÊA (USS)

Este trabalho abordará como o narrador saramaguiano enfoca o insólito e refletirá sobre a peregrinação empreendida pelo personagem principal de "A Maior Flor do Mundo", o "herói menino", que descobre e engrandece uma "flor murcha", descobrindo-se e engrandecendo a si mesmo também ao longo do percurso. Além disso, analisaremos como o narrador contesta o senso comum no conto, levando o leitor a se inquietar e repensar suas "verdades".

Dissincronias e o insólito: o tempo em desalinho

DANIELA GIANNA CLAUDIA BECCACCIA VERSIANI (PUC-Rio)

Neste trabalho, discutirei a noção de tempo e o efeito insólito que experiências temporais dissíncronas podem causar, buscando exemplos em narrativas ficcionais. O principal fundamento para tais reflexões está ancorado na expressão "dissincronias do sincrônico", tal como utilizada por teóricos contemporâneos, sobretudo Gerard Hoffmann e Hans Ulrich Gumbrecht. O trabalho buscará, também, construir uma escrita acadêmico-experimental, que seja ela própria um experimento discursivo provocador de efeitos insólitos exatamente por não corresponder às expectativas que leitores especializados têm em relação a textos teóricos.

Passeando pelos labirintos do conto moçambicano: a representação do fantástico em *O último aviso do corvo falador*, de Mia Couto
AMILTON QUEIROZ e SIMONE LIMA (UFAC)

O trabalho trata da representação do fantástico na literatura africana de língua portuguesa, trazendo como proposta de comunicação examinar os labirintos de Vozes Anoitecidas, de Mia Couto. Para tanto, nossa viagem por esse terreno ficcional dá-se através do trânsito pelas palavras e ambiência insólitas de *O último aviso do corvo voador*, narrativa emblemática que virtualiza o processo de formação do imaginário das representações literárias sobre o fantástico na cultura moçambicana. Noutras palavras, procuramos descamar os efeitos de sentidos representados no universo fantástico deste porto flutuante onde coexiste o mundo natural e o sobrenatural, possibilitando ainda uma reflexão dos caminhos pelos quais o texto literário captura e coloca o leitor em contato com o desconhecido e o inexplicável. Para subsidiar o debate e análise sobre a narrativa fantástica, tomamos como perspectiva de base as pressuposições teóricas de Tzvetan Todorov, Remo Ceserani e Alejo Carpentier. A partir da conjugação desse constelado crítico, o presente exercício de leitura, que apresentamos ao Vertentes do Insólito Ficcional, concebe, aqui, as categorias narrativas – tempo, espaço, narrador e personagens – como labirintos através dos quais o inusitado, o medo, a felicidade, a astúcia e a linguagem se apresentam na perspectiva de vãos simbólicos pelas paragens literárias contemporâneas. Em suma, são lugares da memória a partir dos quais os olhares heterotópicos, fluidos, movediços marcam sua presença entre as experiências do sentimento de deslocamento e a tradução das formas de manifestação do fantástico na literatura moçambicana. Palavras-chave: História, Ficção, Labirinto, Fantástico.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 600

Fury and Fall: Rushdie, Derrida, and Milton
LUIZ FERNANDO FERREIRA SÁ (UFMG)

Malik Solanka, historian of ideas and world-famous doll maker, steps out of his life, abandons his family in London, and flees for New York. There's a fury within him, and he fears he has become dangerous to those he loves. With this overall plot in mind, this article articulates this ex-centric and unusual fury in relation to John Milton's *Paradise Lost* with a view to discussing Jacques Derrida's notion of "destinerrance" as a possible alternative to literary influence. The article also examines what sorts of religious, literary, philosophical, and/or mythical references that appear throughout the novel and that resonate to the epic poem. Rushdie writes, "Life is fury. Fury—sexual, Oedipal, political, magical, brutal—drives us to our finest heights and coarsest depths." In brief, this fury can and ought to be related to the Fall and its outcomes.

Shenipabu Miyui: literatura escrita indígena como expressão de um legado mítico
ÉRIKA BERGAMASCO GUESSE (UNESP-Araraquara)

A Constituição de 1988 garantiu o direito à educação indígena bilíngue no Brasil e esse fato incentivou um grupo considerável de indígenas a se tornarem escritores. Portanto, pode-se dizer que, hoje, o índio escreve sobre os índios – e também sobre os brancos – para que, principalmente, outros índios leiam; está em processo de configuração, em nosso país, uma *literatura* indígena. São os professores índios das escolas diferenciadas os principais responsáveis pela escrita – tanto em língua portuguesa como em suas línguas nativas – de narrativas que antes eram transmitidas de geração para geração apenas através da oralidade. Esses textos têm como público-alvo principalmente os alunos das escolas indígenas, mas pode-se observar que um grande número dessas produções tem deixado o limite das aldeias e alcançado leitores diversos, mesmo que ainda em pequena escala. Os índios dividem o tempo em *antes* e *depois*, e essa divisão determina duas categorias básicas para a classificação das suas histórias: as *histórias de hoje* são narrativas de histórias acontecidas, baseadas num contexto historiográfico; já as *histórias de antigamente* são as narrativas de origem mítica, que compõem a maior parte das escrituras de autoria indígena. Diante desse contexto, a presente comunicação pretende apresentar um breve panorama dessa “recente” literatura divulgada mediante a escrita e realizar uma reflexão acerca dos mitos – enquanto narrativas que explicam o mundo, os seres, os valores, integrando o real/cotidiano com o supracotidiano, mágico, fabuloso, divino – que, além de serem contados oralmente, estão sendo escritos em forma de livros, adquirindo o estatuto de produção literária escrita. Para exemplificar essa reflexão acerca da compreensão e escrita dos mitos indígenas, será apresentada a obra de autoria coletiva dos índios Kaxinawá, *Shenipabu Miyui*, constituída por 12 *histórias de antigamente*, tornando evidente o processo da literatura escrita indígena como expressão de um legado mítico.

O insólito na arte sequencial (histórias em quadrinhos) ambientada no sertão ROBERTO HENRIQUE SEIDEL (UEFS)

O assim chamado “sertão” brasileiro, desde a sua emergência enquanto imagem/conceito descritivo de uma região/geografia/local na obra “Os sertões”, de Euclides da Cunha, tem gerado vasta produção artístico-cultural. Mitos, lendas, contos populares; histórias de cangaceiros e de assassinos sanguinários; histórias de assombrações, de horrores e de misticismos de toda ordem povoam o imaginário do ser “sertanejo” e proporcionam subsídios para a criação e recriação de obras simbólicas. A hipótese de trabalho que orienta o presente trabalho é que, o próprio sertão sendo plural — considerado, portanto, de uma forma não-essencialista —, pode ser encarado na atualidade como espaço de disputa sócio-simbólico, ensejado por um imaginário social resultado de processos híbridos e transculturadores de várias matrizes culturais (tais como o armorial-medieval, o indígena, o afro-americano), bem como eminentemente caracterizado por temporalidades sobrepostas e imbricadas de forma complexa. Tais temporalidades sobrepostas geram conflitos entre o velho e o novo; o antigo e o moderno; práticas sociais obscurantistas e aquelas ditas iluministas; conflitos estes de ordem simbólica, que se plasman nas narrativas (visto que o conflito modernizador é um conflito de linguagem), sendo ainda uma das marcas do insólito encontrado nas narrativas fantásticas tradicionais, elas mesmas parte de uma tradição literariamente marginal. O próprio “real” então se dará neste “nó” — do tipo borromeano lacaniano, em que o imaginário, o simbólico e o real se encontram —, aparecendo nas representações ficcionais com a característica da duplicidade e da ambiguidade, ao tempo em que se problematiza a emergência do sintomático (o quarto termo no nó) em termos sócio-simbólicos. Do ponto de vista esboçado, ancora-se no lastro teórico dos estudos culturais, da psicanálise e da teoria literária — especialmente de interesse são a narratologia e a teoria dos gêneros —, rumo ao exercício da crítica cultural. O projeto dedica-se ao estudo de obras em que o elemento do insólito surja como relevante para o contexto, na literatura, na arte sequencial e no cinema. A presente comunicação, por seu turno, dedica-se à análise dos aspectos do insólito na arte sequencial — em histórias em quadrinhos ambientadas no sertão. Tem-se por base publicações dos anos 80 do século passado, década que foi especialmente produtiva no cenário dos quadrinhos nacionais. Os resultados aqui apresentados dizem respeito tanto à forma como o insólito é trabalhado tecnicamente nestas histórias quanto ao tipo de imaginário social mobilizado; elucida-se ainda outros aspectos mais propriamente da sociologia da recepção, tais como, público leitor/consumidor, formas de distribuição, etc. A presente pesquisa está atrelada à linha “Poéticas da modernidade” do PPG em Literatura e Diversidade Cultural da UEFS e à linha “Margens da literatura”, do PPG em Crítica Cultural da UNEB II.

A desarticulação entre o corpo e o meio circundante: configurações do insólito na escritura de Márcio Souza ATAIDE JOSÉ MESCOLIN VELOSO (UNESA)

O hiperespaço pós-moderno conseguiu transcender a capacidade do corpo humano individual de se localizar, de organizar o que está diante de si mesmo de forma perceptiva, e de mapear cognitivamente sua posição num mundo externo possível de ser mapeado. Esse ponto de desarticulação entre o corpo e o seu meio construído pode ser considerado um símbolo do dilema ainda mais agudo, que é a falta de capacidade apresentada por nossa mente de mapear a imensa rede global multinacional e descentralizada de comunicações na qual todos nós nos vemos inseridos.

A cidade grande tem como elementos vitais os estilos e os sistemas de comunicação rápida convencionais. No momento em que tais sistemas começam a entrar em colapso e nós deixamos de dominar a gramática da vida urbana, a violência passa a assumir o controle. A metáfora do teatro pode ser empregada para se referir à cidade. Isso significa que existe a oportunidade de vilões se introduzirem em seu núcleo, contribuindo, assim, para que o insólito se configure. Nos contos de A caligrafia de Deus, o escritor amazonense Márcio Souza revisita o espaço de Manaus, mostrando o contraste entre a cidade do presente e a capital de um passado remoto. A cidade, que outrora possuía calçadas, largos passeios em mármore e árvores que distribuíam sombra aos transeuntes, transformou-se em uma terra de ninguém, na qual todos os moradores são obrigados a caminhar entre o esgoto a céu aberto e a pista de trânsito.

O mito em Guimarães Rosa: travessias insólitas ELIANE BATISTA (UEM/PG-UEL)

“O mito é o nada que é tudo”. Disse Fernando Pessoa, em "Mensagem", já antecipando, pela antítese, a problemática que se instaura diante da complexidade do termo. A relação intrínseca entre mito e literatura advém desde a Antiguidade, uma vez que o "mythos" é entendido por Aristóteles como a gênese do enredo, o embrião temático da narrativa ficcional. Para Carvalho (2008), “o mito, no seu sentido clássico, esconde – enquanto narra, enreda – enquanto explica, confunde, – enquanto esclarece a respeito de anseios e receios eternos na alma humana”. A presença conflitante do mito na literatura nos leva ao encontro com o desconhecido, com o inusitado, com o impactante, com o insólito, sendo este entendido como uma manifestação da narrativa ficcional que provoca no leitor uma ruptura com os padrões estabelecidos. A nosso ver, essa relação torna-se ainda mais estreita quando nos deparamos com a narrativa de Guimarães Rosa, uma vez que para compreendê-la, segundo Turchi (2003), é preciso penetrar nas esferas do poético e do mítico, intimamente ligadas, uma vez que o princípio fundamental da linguagem poética é o pensamento analógico, que é o pensamento mítico. As personagens de Guimarães Rosa são retratadas, na maioria das vezes, imersas em situações insólitas, principalmente, no que se refere à existência de uma travessia altamente simbólica a qual praticamente todas estão fadadas, à travessia da existência humana. Dessa maneira, o presente trabalho tem como objetivo verificar a presença do mito como elemento gerador do insólito, especificamente no que se refere ao tema da travessia, em alguns contos de Guimarães Rosa presentes em "Primeiras Histórias" e "Sagarana".

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 600

O insólito em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto: resistência e configuração do nacional SIMONE NACAGUMA (FACAMP)

Esta comunicação tem como objetivo analisar o insólito no romance *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, como estratégia de reelaboração e de superação da violência da guerra colonial. Acreditamos que a mitopoética (SECCO, 2006:73) que caracteriza a escrita poético-narrativa de Couto, singulariza este romance na medida em que parece sugerir, a nosso ver, uma proposta de configuração de uma ideia de nacional que teria como instrumento operador a sua poiesis que, ao mesmo tempo em que resgata e reafirma um saber ancestral, presentificando-o, projeta-o também para um além a ser buscado, reelaborado e reconstruído por meio da ficcionalização, ou da "poiesização", do real. Segundo Mia Couto, a literatura é uma "inverdade" por meio da qual é possível intervir na realidade, uma vez que a literatura é uma "mentira que não mente" (COUTO, 2005:59).

Ânsia eterna: desdobramentos do insólito na narrativa de Júlia Lopes de Almeida VIVIANE ARENA FIGUEIREDO (UFF)

O final do século XIX foi pontuado por narrativas que procuraram expressar o lado imaginário, englobando elementos que, por vezes procuraram fugir do sentido de realidade presentes nos trabalhos ficcionais considerados "tradicionais". Seguindo essa linha encontra-se Júlia Lopes de Almeida, escritora de grande sucesso na virada dos séculos XIX e XX, sendo considerada uma

das primeiras ficcionistas a viver da arte literária, em uma época na qual o meio acadêmico, essencialmente masculino, dava pouquíssima atenção aos trabalhos literários de autoria feminina. Na maioria de suas narrativas, Júlia procura fugir do lugar comum, incorporando elementos que beiram o suspense, mesmo que apresentados de uma forma sutil, por meio de realizações imagéticas. Porém, em *Ânsia eterna* (1914), livro que reúne vários contos, a autora procura delinear perspectivas ficcionais que englobam não só o suspense mas, principalmente, o grotesco, pontuando sua arte com elementos intrinsecamente ligados às questões trágicas que acabam por invadir o senso de realidade. Apesar de criticado na época em que foi publicado, a coletânea de contos *Ânsia eterna*, mostra um lado mais ousado da escrita produzida por Júlia Lopes de Almeida, sem desviar o foco, entretanto, das questões sociais e morais sempre presentes em grande parte de sua obra. Convém ressaltar que alguns dos contos apresentados nesse livro, tais quais "Os porcos" e "A caolha" são até hoje lembrados no meio acadêmico, não somente por mostram um viés diferenciado da narrativa produzida por Júlia Lopes mas também por ser considerado um dos primeiros livros de contos que insere a questão do suspense aliados a elementos do insólito dentro da Literatura Brasileira.

A incrível narrativa de *O homem duplicado*, de José Saramago DANILO LUIZ CARLOS MICALI (FATEC ITU)

Em *O homem duplicado* (2005), de José Saramago, o **insólito ficcional** se manifesta no momento em que o principal personagem, ao ver um filme alugado, na televisão, descobre que tem um sócio; ou melhor, uma cópia perfeita de si, com rosto, corpo e voz absolutamente iguais. Isto provoca certo desconforto no protagonista, cuja profissão é lecionar e não atuar, e uma sensação incômoda no leitor, pois o homem duplicado e sua cópia diferem apenas nos quesitos nome, profissão e companheira. É algo totalmente inesperado que surge na rotina diária do pacato professor de História, e que lhe muda radicalmente a vida, pois a narrativa tem um final imprevisível e surpreendente. Em clima de suspense, através da inserção do elemento insólito, a trama urdida pelo autor debate a questão da identidade, numa sociedade que tanto cultiva a individualidade do sujeito, quanto estabelece padrões rígidos de aparência e conduta. Com o foco na figura do narrador, pretendo abordar a presença do insólito nesse romance, a partir do pressuposto de que essa vertente literária, por desestabilizar a ordem do real existente, constitui-se em potencial recurso para a revisão de valores e paradigmas. A par disso, cabe observar certos aspectos que caracterizam o estilo saramaguiano de produzir ficção, considerando as funções da literatura nesse romance.

O insólito na ficção brasileira MARIA CRISTINA BATALHA BATALHA (UERJ)

Exame de algumas manifestações do insólito na literatura brasileira apontando vertentes comuns, tendências e caminhos da estética do insólito abafados por outras estéticas consideradas canônicas. Nosso estudo pretende cobrir, diacronicamente, desde as primeiras manifestações, com Álvares de Azevedo e o viés gótico até a retomada desse modelo de ficção na literatura de Flávio Carneiro e Rubens Figueiredo na contemporaneidade.

Rastros do insólito nas literaturas de língua portuguesa REGINA DA COSTA DA SILVEIRA (Uniritter)

O presente ensaio insere-se na pesquisa “Imagens e mitologias afro-brasileiras na construção de identidades: literaturas de língua portuguesa” e analisa três contos de países diferentes de língua portuguesa, a saber, “Nós matamos o Cão-Tinhoso”, de Luís Bernardo Honwana, “Nós chorámos o Cão-Tinhoso”, de Onjaki, e “Desforra”, de José Saramago. Para compreender o processo identitário na formação do sujeito, busca-se interpretar a imagem insólita do cão no imaginário popular, de acordo com Chevalier e Luís da Câmara Cascudo. Com especial atenção para as relações ambivalentes entre o pavor e a frialdade da morte, e o despertar para o amor e para a sensualidade, serão examinados os sentimentos que se instauram entre as personagens na passagem da infância para a puberdade no primeiro, e o sentimento de compaixão, o choro que irrompe entre os alunos ao lerem em aula o conto sobre o Cão-Tinhoso, situação que vem narrada por On-

jaki. Para isso, a teoria freudiana será oportuna. Na mesma direção, o conto de Saramago em muito contribui para análise dessa passagem para a puberdade, ao desvendar-se a presença de aníma, em sua simbologia e em sua representação mitológica, no percurso de ir e de voltar ao rio, empreendido pelo protagonista.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 600

Trilogia fronteiras do universo: uma insólita viagem por um universo sem fronteiras **CLARICE LOTTERMANN (UNIOESTE)**

Considerando-se que a literatura infantojuvenil é, por excelência, marcada por incursões ao universo do realismo maravilhoso, que as fronteiras entre realidade e fantasia são tênues e que a literatura contemporânea tem dialogado de forma expressiva com os contos de fadas e mitos tradicionais (veja-se o caso Harry Potter, os contos de Marina Colasanti, as inúmeras releituras do universo feérico presentes nas obras de Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Pedro Bandeira, Sylvia Orthoff, Ziraldo, dentre outros), nos quais a recorrência a seres e situações fantásticas é bastante evidente, esta comunicação pretende evidenciar como são recuperados elementos do maravilhoso/fantástico na trilogia Fronteiras do Universo - “A bússola de ouro”, “A faca sutil” e “A luneta âmbar” – de Philip Pullman. Se o fantástico é uma zona fronteira, a meio caminho do real e do irreal, do sonho e da realidade; se as narrativas fantásticas provocam hesitação, estranhamento, desconforto e obrigam o leitor a olhar o mundo a partir de uma perspectiva inusitada e provocadora, então, pode-se afirmar que a trilogia supracitada está plenamente inserida nesta insólita atmosfera.

O coração da floresta: o motivo da viagem e o insólito ficcional **CLEIDE ANTONIA RAPUCCI (UNESP-Assis)**

Este trabalho apresenta uma leitura do conto “Penetrating to the heart of the forest”, da escritora inglesa Angela Carter, no qual o insólito ficcional é trabalhado no motivo da viagem das personagens principais ao interior da floresta. Os irmãos Madeline e Emile aprofundam-se no coração da floresta e ali encontram o inusitado, vêm “muito mais do que o pai jamais vira”. Esse afastamento do Pai e o encontro do insólito são fundamentais para que as personagens adquiram consciência de sua identidade, numa série de ritos de passagem trabalhados no texto, que pode ser visto como uma releitura do mito de Adão e Eva.

O insólito do real em Washington Cucurto: o infame e o bizarro diante da modernidade periférica porteña **PAULA SANTANA (UFPE)**

Procurando inspiração na metáfora “entre voz e letra”, proposta por Padilha (2005), busco pensar possíveis aproximações entre a sociologia e a literatura. Assim como o limite aparentemente intransponível entre a voz de quem grita (fugida e difusa) e a letra escrita (documentada e fixa) pode ser convertido em ação política, o distanciamento entre literatura e sociedade também pode ser alterado. Entendo que as interpretações sociais atualmente têm muito a aprender com as artes e, do mesmo modo, as narrativas estudadas ganham sentido ao compreendermos os espaços sociais e as temporalidades históricas que as atravessam. Sendo assim, teço considerações sobre os ecos de uma modernidade periférica na Argentina, percorrendo a narrativa literária contemporânea do escritor Washington Cucurto, sem, contudo, escapar de uma abordagem também estética. Diante disto, articulo a noção de insólito, dentro do universo diegético de Cucurto, junto aos filamentos de modernidade periférica que pairam sobre Argentina hoje, uma vez que pensar tais tensões significa, numa via de mão dupla, dar conta das mudanças que se deram tanto no texto literário quanto no contexto social. Abre-se, assim, caminho para a reflexão acerca de uma realidade social contra-hegemônica, repleta de particularidades e linhas fronteiriças. O insólito na literatura de Cucurto traz à tona eventos narrativos que desestabilizam o cotidiano, que rompem censuras e lançam o leitor num redemoinho de sensorialidades. O texto de Cucurto se circunscreve numa senda de modernidade pós-vanguarda, em que a relação do novo com o tradicional e o insólito torna-se uma importante estratégia de narrar. Cucurto personifica o desejo de

“no dejar morir” (Cucurto, 2003), bem como os dilemas, as angústias e as alegrias efêmeras de migrantes paraguaios, bolivianos ou dominicanos, das “ticks” e dos cantores de cumbia villeira que vivem em bairros de periferia que mais parecem microcosmos, completamente apartados da realidade ordinária de Buenos Aires. Todavia, tais personagens não são construídas a partir de uma realidade naturalista. Cucurto as apresenta como monstruosidades, criaturas infames, bizarras e “supernaturais” em busca de uma identidade perdida. Em suas múltiplas dimensões, a construção insólita dessa diegese bizarra e infame representa também uma categoria política, o “outro” da civilização, o choque do diferente. Suas personagens representam o subalterno, o reprimido pela cultura dominante, que assume ser “o outro”, ser o monstro, ser o infame como maneira de dessacralizar o “politicamente correto”, e fazer visível (e risível) a intolerância da sociedade sólita diante do diferente. Neste sentido, o presente artigo visa articular um duplo objetivo: o primeiro é analisar a prosa de Cucurto, a fim de apreender as trilhas percorridas por suas narrativas em meio aos impasses e dilemas que a complexa realidade contemporânea argentina vai sugerindo. Diante deste objetivo mais geral, procuro dar conta de uma análise das incidências do insólito ficcional na tessitura de Cucurto, perspectiva esta que se conforma como fundamental, pois possibilita uma mirada mais detalhada sobre os ares modernos que pairam sobre a Argentina na contemporaneidade.

O insólito ficcional e a função poética da linguagem

RAFAEL CAMPOS QUEVEDO (FAMA)

A emergência do insólito do seio de uma situação ficcional reconhecida como representação de "um mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos" (Todorov, 2008, p. 30) é deflagradora da inevitável perplexidade a que é conduzido o leitor que passa a ter seu horizonte de expectativa posto em xeque e, a partir de então, encontra-se na zona de hesitação quanto à natureza do elemento desagregador surgido na narrativa. Esse tipo de experiência, que é própria do fantástico segundo Todorov, embora pressuponha o “estranhamento” ao nível da natureza dos eventos ficcionais (que contrasta com as convenções da lógica e da realidade) não tem como requisito o estranhamento ao nível do significante. Em outras palavras, pouca relação parece ter sido feita entre o fato de que a hesitação decorre, sobretudo, de um tipo de configuração que é dada à mensagem e que, por esse motivo, a função poética (Jakobson) mantém com o efeito do fantástico uma relação de cumplicidade que merece ser deslindada. Tendo como corpus excertos da obra de Franz Kafka e de alguns filmes de Federico Fellini serão analisadas as relações entre função poética da linguagem e emergência do insólito tendo em vista não o sentido estrito contido na noção de Todorov acerca do fantástico, mas sim uma noção mais ampla que contempla um tipo de experiência estética desagregadora e “desconfortante” e que, a nosso ver, é própria da obra dos dois autores mencionados.

LEITURA, CULTURA E FORMAÇÃO DO LEITOR I

Patrícia Kátia da Costa Pina (UNEB)
Diógenes Buenos Aires de Carvalho (UEMA)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 507

Leitura e formação docente

PATRÍCIA KÁTIA DA COSTA PINA (UNEB)

Esta Comunicação pretende discutir a Leitura como atividade interdisciplinar, capaz de pôr em interação diferentes campos de saberes, descentralizando-os. Nessa perspectiva, a Leitura surge como relevante instrumento de formação docente e, por consequência, discente, tanto no âmbito escolar e universitário, como nas diferentes sociabilidades que estruturam a contemporaneidade. Para tanto, serão comparados variados conceitos de Leitura (Iser, Zilberman, Lajolo, Yunes, Aguiar, Morais da Costa, Theodoro da Silva, Canclini), de forma a que se perceba que o deslocamento do âmbito conceitual imanentista viabiliza a percepção da Leitura num sentido amplo e interdisciplinar, o que constrói um espaço simbólico riquíssimo de interseção de conhecimentos. Pretende-se destacar que o professor leitor, de qualquer textualidade disponível, Literatura, Matemática, Biologia, História etc., forma uma Escola e uma Universidade leitora e, em decor-

rência, forma grupos sociais críticos. Esta proposta se justifica por propor esse deslocamento das discussões sobre leitura, sempre atreladas às Letras e, principalmente à Literatura, colocando o tema como uma alternativa para se pensar a ação docente hoje.

A formação continuada para a abordagem transdisciplinar da leitura

OSVALDO BARRETO OLIVEIRA JÚNIOR e EDNA MARIA DE OLIVEIRA FERREIRA (IFECT- BA)

Este artigo discute a leitura como atividade transdisciplinar de construção do conhecimento, que perpassa as diversas áreas do saber numa sociedade letrada. Para isso, põe em evidência as posições apresentadas no projeto de formação em abordagem transdisciplinar da leitura, que foi elaborado pelos professores Edna Maria de Oliveira Ferreira e Osvaldo Barreto Oliveira Júnior e foi apresentado pela Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional do IF Baiano ao MEC, como proposta de formação continuada para professores do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Nessa perspectiva, adota uma concepção de leitura fundada nos estudos sociointeracionistas da linguagem humana, para refletir sobre o papel do professor na formação de leitores críticos e ativos na construção de sentidos mediados pelos textos lidos. Metodologicamente, este texto encontra-se dividido em duas partes: na primeira, busca dialogar com estudiosos que se interessam pelo processo da leitura, como Freire (1987), Kleiman (1993), dentre outros, além de Bakhtin (1992, 2000), devido às postulações desse último sobre o processo de interação verbal; na segunda parte, apresenta, de forma sucinta, a metodologia proposta no projeto de formação em abordagem transdisciplinar da leitura supracitado. Com isso, pretende-se argumentar que a leitura constitui ação polivalente de construção de efeitos de sentido, articulada através da relação de elementos diversos: a linguagem, o produto materializado na forma de texto, os contextos de interação, os conhecimentos e saberes dos interlocutores etc., já que o texto, ou melhor, o intertexto, é espaço de múltiplas convivências, e a leitura, a atividade que as faz aflorar. Nessa perspectiva, assume-se o caráter dialógico da leitura, que, como produto de linguagem, constitui-se na interação com o outro.

Leitura literária como estratégia para estudo de textos argumentativos

MARA CONCEIÇÃO VIEIRA DE OLIVEIRA (UNESA)

Trata-se de uma pesquisa que reflete sobre a relevância da leitura literária para a formação do leitor universitário. De que modo a literatura influi na formação do leitor, hoje, num mundo contemporâneo, em diálogo com múltiplas linguagens? Aponta-se como hipótese a ideia de que a natureza insólita do texto literário, que organiza o mundo infantil, poderia, ainda, orientar a interação textual na fase acadêmica. Como recorte para esta orientação, serão focalizados processos discursivos argumentativos literários como metodologia para o processo ensino-aprendizagem das estratégias argumentativas nos cursos superiores. Esta pesquisa se caracteriza como bibliográfica e experimental, compreendendo a leitura a partir dos sentidos preconizados por Eliana Yunes e Paulo Freire, no que tange ao papel social da escola na formação de leitores. A fim de legitimar o papel do leitor no contexto literário, a pesquisa endossa as teorias da estética da recepção com Wolfgang Iser.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 507

Representações da leitura e da cultura caetiteense na escrita epistolar de Anísio Teixeira

LUCIETE C. SOUZA LIMA BASTOS (UNEB)

A sociedade letrada de Caetité, embora distante geograficamente dos grandes centros de discussões, mantinha-se informada não apenas dos acontecimentos e ideias que fervilhavam nas capitais do país, mas também daquelas em ebulição na Europa e América do Norte. Entre as décadas de 1930 e 1950, a terra natal de Anísio Teixeira passava por um processo de transformação econômica e social, sobre o qual o educador refletia nas conversas com amigos. Esta proposta de comunicação discute parte da pesquisa em desenvolvimento que investiga as correspondências pessoais trocadas entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato, no período compreendido entre 1928 e 1947 e publicadas no livro: “Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio

Teixeira e Monteiro Lobato”, organizado por Aurélio Vianna e Priscila Fraiz, buscando compreender, a partir dessas missivas analisadas, de que forma a escrita epistolar constitui uma importante prática por ele utilizada para estabelecer e manter uma rede de relações pessoais, sociais e intelectuais. As imagens construídas podem se constituir em processos formadores, por fazerem parte das vivências que foram significativas para seus interlocutores naquele momento determinado, tornando-se campo empírico, no sentido da apropriação e exame dos relatos sobre o vivido. Penso que as cartas, além de constituírem importante instrumento de difusão de ideias, podem revelar o universo singular que envolvia emissor e destinatário, as cidades dos envolvidos, as preocupações que os afligiam, as ideias que partilhavam e aquelas sobre as quais discordavam, independentemente das distâncias geográficas que os separavam. Desse novo olhar sobre elementos culturais representativos de uma sociedade elitista, suponho ter derivado o processo de constituição de uma identidade caetiteense marcada pelas práticas culturais letradas. Algumas questões mobilizam este estudo: Sobre o que refletia e discutia Anísio Teixeira? Quais os problemas o afligiam? Quais as principais reivindicações do educador? Como se explica o vigor e a atualidade do pensamento anisiano? Pretende-se com esta pesquisa compreender, num sentido mais amplo, como o pensamento anisiano, plasmado nas cartas em questão, viabilizou a Caetité de hoje, uma cidade de livros, leitura e leitores. Para tanto, serão levantados, na correspondência citada, os elementos representativos da cultura letrada e a preocupação de Anísio Teixeira com a forma como esses elementos transitavam pela sociedade, criando cisões e exclusões quase irremediáveis. Balizam esta pesquisa os teóricos FREIRE (1979), GINZBURG (1990), BOURDIEU (1996), ARTIÈRES (1998), AZEVEDO(2000), NUNES (2000), GOMES (2004-2008), SALLES (2008) E TANNO (2008). Embora cada um desses personagens missivistas já tenha sido objeto de vários estudos acadêmicos, considero que ainda persistem certas lacunas a preencher, especialmente no que diz respeito a Anísio Teixeira. Palavras-chave: Anísio Teixeira. Correspondências. Leitura. Cultura.

A biblioteca móvel Anísio Teixeira em Caetité-BA: leituras e leitores rurais ZÉLIA MALHEIRO MARQUES (UNEB)

Este texto relaciona-se às leituras de leitores rurais acompanhadas pela Biblioteca Móvel Anísio Teixeira, em Caetité, alto sertão baiano, e produzidas através de encontros de leitura realizados, no período de janeiro a abril de 2008, através da pesquisa intitulada “Entre viagens, leituras e leitores: a itinerância da Biblioteca Anísio Teixeira”, a qual se vincula ao GRAFHO/PPGEduC/UNEB (Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade). Tendo como objetivo compreender como as práticas de leitura desenvolvidas por essa Biblioteca têm ou não constituído leitores, a investigação focalizou leituras e leitores dos espaços culturais como a Escola Janir Aguiar, antiga escola rural multisseriada e a Casa Anísio Teixeira, na sede de Caetité. Assim, entre espaços urbanos e rurais, as narrativas produzidas serviram para pensar as leituras imbricadas entre os dois ambientes, tanto o urbano, quanto o rural. Dessas narrativas pessoais e sociais do leitor, o diário, como registro dos trabalhos desenvolvidos, constituíram estratégias que possibilitaram discussões sobre a constituição leitora. Do ponto de vista teórico, a pesquisa foi ancorada em estudos de autores que discutem a formação e a leitura, a partir da abordagem (auto) biográfica. De natureza qualitativa, a pesquisa apontou as práticas de leitura da Biblioteca Móvel Anísio Teixeira como atividades que procuram desenvolver leitores não somente a partir dos impressos, mas em diálogo com as leituras culturais oriundas da oralidade local. Grupos sociais como a família e a escola aparecem como espaços entrelaçados, sendo a família, uma espécie de guardiã das histórias pela possibilidade de haver trocas de experiências entre si. Do espaço rural em que parte dos encontros foram realizados, fez-se possível constatar as ausências dos mínimos benefícios públicos, mas também pôde-se falar em presenças ao observar leituras e leitores pelo viés da linguagem poética, seja pelas brincadeiras e apresentações teatrais, seja pela produção textual em que as leituras culturais parecem querer ocupar o espaço vazio identificado. Alguns leitores deixam visível a ideia de leitura pela idealização. Ao identificar, no entanto, ações comunitárias, como a iniciativa de criação de espaço de cultura no lugar em que funcionou a escola multisseriada, faz-se possível perceber o interesse dos leitores por uma leitura não somente para a utilidade, mas também como pertencimento e lazer; uma leitura que busca novas ações nesse sentido de expressão e de valorização da vida.

O interesse pela leitura de textos do gênero poesia no contexto da sala de aula universitária DILCÉLIA ALMEIDA SAMPAIO (UNEB)

Em uma sociedade mediatizada e redesenhada, a leitura não se limita aos livros e requer leitores eficientes e capazes de compreender as múltiplas linguagens que surgem, inseridas nos diversos gêneros textuais em circulação social. Nesse contexto, esta comunicação apresenta uma reflexão sobre os gêneros textuais (BAKHTIN, 1997) e (MARCUSCHI, 2007), ao tempo em que mostra os resultados de oficinas de leitura, cujo objetivo fora testar o interesse de estudantes de graduação de cursos diversos e de estudantes de curso de especialização em Leitura e compreensão textual, pela leitura do gênero poesia em "competição" com outros gêneros textuais.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 507

Textos literários em materialidades diversas: práticas de leitura para jovens leitores

GIRLENE MARQUES FORMIGA (IFPB – Campus João Pessoa) e FRANCILDA ARAÚJO INÁCIO (IFPB – Campus Campina Grande)

O resultado do programa Internacional de Avaliação de Alunos – PISA –, realizado em 2009, com ênfase em leitura, comprova que o Brasil apresenta um melhor desempenho em relação à primeira edição, em 2000. Resultados da última pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, divulgada em 2008, mostram que houve crescimento do índice de leitura entre os brasileiros. Somados esses dados acerca do crescimento do índice de leitura entre os brasileiros ao crescimento do mercado editorial brasileiro nas últimas décadas, verifica-se o conflito dessas informações quando comparadas com os dois resultados: a) o do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), cujos dados revelam que os estudantes brasileiros concluem essa etapa de sua formação escolar com baixo desempenho de leitura; b) o da pesquisa “Determinantes do abandono do Ensino Médio pelos jovens do estado de Minas Gerais”, em 2009, que revela as razões por que os alunos abandonam essa fase da formação escolar, entre as quais é apontada a dificuldade de entender o conteúdo, o que incluiria a competência da leitura. É objetivo deste trabalho discutir práticas de Leitura no Ensino Médio, bem como analisar os resultados dessas pesquisas relativas ao estado de Leitura e Leitores no universo escolar brasileiro, cujos resultados apresentam parâmetros que constituem referencial através do qual podemos sugerir ações – especificamente voltadas à Leitura por meio de textos literários sob suportes diversos –, capazes de promover práticas significantes de leitura entre o público juvenil, e, consequentemente, minimizar a evasão escolar na etapa final da educação básica.

Leitura e formação de leitores em espaços multiculturais

JOSÉ NICOLAU GREGORIN FILHO (USP)

O presente trabalho tem como objetivo discutir a formação de leitores e os possíveis espaços oferecidos para as atividades de contato com a leitura literária em ambientes escolares caracterizados pela diversidade cultural. Pretende-se, para isso, traçar um breve percurso histórico da formação de leitores no Brasil, Angola e Moçambique, principalmente no que se refere ao início desses processos de ensino-aprendizagem de leitura: a visão hegemônica do eurocentrismo que instaurou posturas de imitação de seus padrões estéticos. Propõe-se essa discussão em virtude da percepção de, tanto no Brasil como em outros países de língua portuguesa como Angola e Moçambique, a formação de leitores (professores e alunos) atravessou um longo período de dominação ideológica ocasionado por processos de colonização a que foram submetidas essas nações. Na contemporaneidade, esses países procuram a formação de leitores mais plurais no que se refere à leitura de suas próprias sociedades, já que a literatura destinada à infância e à juventude encontra mais autonomia e cria novos padrões estéticos para representar a peculiaridade desses universos sócio-culturais.

Estratégias de mediação: em busca de um leitor literário

EBE MARIA DE LIMA SIQUEIRA (UFG)

A presente comunicação pretende discutir o papel da mediação na formação de um leitor literário, diante dos desafios da “multiculturalidade” presente na contemporaneidade. Uma vez que os leitores transformam-se conforme mudam-se os modos de ler ao longo da história, entendemos ser de fundamental importância a investigação em torno dos diferentes papéis de mediação, que estão postos em cena quando se pretende atingir a formação de um leitor literário. Partindo da premissa de que o acesso à literatura deve ser um direito incompressível, como a saúde, a alimentação, a moradia, como assevera Antonio Candido (1995) e que o ato de ler não suporta o imperativo, como levar crianças e jovens ao ato da leitura se não se pode fazê-lo por decreto? Esta e outras perguntas é o que nos propomos a alinhar nesta comunicação ao levantarmos algumas premissas que discutem as várias instâncias de mediação, a partir da família, como primeira instância responsável pela formação da criança; passando pela escola, instituição que, no Brasil, na maioria das vezes é a primeira a apresentar à criança o objeto livro; chegando ao mercado e sua relação com autores e editores que, de alguma forma, exercem papel de mediação e interferem no processo de formação de leitores. Para fundamentar nossas reflexões face à formação do leitor

literário dialogaremos com Candido (1972), Eco (1972), Calvino (1991), Jolibert (1994), Colomer (2003), Bloom (2005), Petit (2008), Penac (2009), Cancline (1997), Barbero (2009), entre outros.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 507

Práticas leitoras multimídiais e formação de leitores: a leitura como ato criativo, participativo e dialógico
GABRIELA FERNANDA CÉ LUFT (UFRGS)

Resultados divulgados por diferentes instrumentos de avaliação têm atestado o despreparo dos estudantes brasileiros quanto às capacidades leitoras. Entre setembro de 2007 e maio de 2008, por iniciativa do Instituto Pró-Livro, realizou-se a pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil", cujo objetivo era diagnosticar e medir o comportamento leitor da população, por meio da aplicação de 5000 questionários a sujeitos acima de cinco anos de idade, em 311 cidades de todos os Estados do Brasil. Os resultados da pesquisa revelam que a escola ainda não age eficientemente com relação à formação de leitores. Contudo, em um período em que a comunicação e a informação digital são fatores fundamentais nas novas formas de relacionamento humano, em um momento em que a tecnologia da tela fortemente se introduz nos procedimentos sociais, a leitura deve ser observada em conceitos e contextos mais amplos. Impõe-se, pois, a constituição de mediadores entre o texto e o leitor, seja no contexto da escola, seja no contexto da família ou, mesmo, do exercício profissional. Há a necessidade de se repensar a forma de envolver todas as camadas da população - sejam crianças, jovens, adultos, idosos ou neoleitores - no universo das leituras, a fim de aproximá-los dos inúmeros textos que compõem a vida e que formam o mundo. É imprescindível ouvir, observar, refletir, para que sejam reelaboradas condições propícias à formação de leitores críticos, com competências para interagirem com múltiplas linguagens, nos mais diversos suportes, sejam eles fundados na tradição, sejam introduzidos pelas novidades da tecnologia. É nesse sentido que propomos, neste trabalho, a partir das atividades desenvolvidas há mais de quinze anos no Centro de Referência de Literatura e Multimeios ("Mundo da Leitura") da Universidade de Passo Fundo (RS) e das ações adotadas no curso de extensão "Mediadores de Leitura na Bibliodiversidade", oferecido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), alternativas para a formação de leitores e metodologias para a abordagem de textos literários e não-literários. Para tanto, sugerimos a aplicação do que denominamos práticas leitoras multimídiais, as quais priorizam a interdisciplinaridade e a intertextualidade, aliadas às novas tecnologias de suporte textual, para reconstituir a leitura como um ato criativo, participativo e, essencialmente, dialógico, em que a figura do mediador como fomentador do diálogo entre o autor e o leitor através dos textos é fundamental.

Um olhar sensível e político diante do pequeno leitor: estudo de caso a partir do literatário
ANA PAULA DO PRADO (UNISINOS)

O presente estudo pretendeu verificar se a experiência do Literatário (Chapecó-SC) vem oportunizando o gosto pela literatura entre as crianças que o frequentam e também analisar os efeitos que as professoras reconheceram na sala de aula após visitas ao Literatário. Investigar mais detalhadamente o espaço denominado Literatário, permitiu verificar limites e possibilidades na constituição de leitores de tal proposta, busquei saber se, efetivamente, sua existência tem feito diferença entre seus usuários, em especial entre as crianças que o frequentam. Nesse sentido perceber o avanço dessa política de leitura para com a comunidade estendendo as fronteiras do livro e o leitor dentro de um projeto de extensão, sendo assim, um projeto que pode ser prestigiado e chamado de Literatário, ou, laboratório de leitura. Para tanto, reconhece-se o Literatário como um espaço de leitura que oportuniza o pequeno leitor estar inserido em um contexto que consegue contextualizar as diversas linguagens literárias e seus diferentes diálogos

A literatura brasileira sob a ótica do livro didático
OTON MAGNO SANTANA DOS SANTOS (UNEB)

Investigação sobre as concepções de literatura apresentadas pelo livro didático brasileiro e como este influencia a formação de um suposto leitor literário. Pretende-se, portanto, entender como se estabelecem as relações entre o leitor e as representações literárias contidas nos manuais didáticos. A representação de processos de leitura oferece um leque de possibilidades de apropriação, como forma de exercício para associar e entender o que se lê ao que se vê, isto é, o mundo ficcional ao mundo representado pelo leitor. Por outro lado, vivenciamos uma educação na qual, os recursos disponibilizados para fazer a mediação entre o leitor e o referido mundo ficcional, atendem a práticas institucionalizadas, as quais não contemplam a gama de leitores de realidades heterogêneas, que se pretende formar. Por isso, discutimos as concepções de leitura literária apresentadas pelo livro didático a partir das estratégias editoriais como recortes, fragmentos, figuras, tipo de letra, material impresso, dentre outras, as quais contribuem para legitimar um discurso. Pesquisadores como Magda Soares, Márcia Abreu, Maria José Coracini, Marisa Lajolo, Regina Zilberman e Roger Chartier fundamentam este estudo. Palavras-chave: Leitor literário. Livro didático. Estratégias Editoriais.

NOVAS PERSPECTIVAS PARA A LITERATURA PORTUGUESA, AQUEM E ALÉM MAR

Antonio Augusto Nery (UFPR)

Carla Carvalho Alves (UniABC/Faculdade Sumaré)

Claudia Pastore (UNIP/UNIANHANGUERA)

Cristina Marques (UNIP)

Jairo Luna (UPE/FACETEG)

Rosemary Granja (UNESA/CLAM-UERJ)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP4 (3º andar)

A heterodoxia religiosa em Eça de Queirós

RONALDO VENTURA SOUZA (USP)

A “morte de Deus” é um tema em voga no século XIX e que acaba resultando, entre outras coisas, no surgimento de diversas releituras heterodoxas de textos bíblicos e da história que cerca as origens da religião cristã. Assim, no poema de cinco partes de Gérard de Nerval, “Le Christ aux Oliviers”, é o próprio Cristo quem se torna o arauto da inexistência de Deus: “Et se prit à crier: ‘Non, Dieu n’existe pas’”. Tal fenômeno também se faz presente na Literatura Portuguesa entre os autores da chamada “Geração de 70”, entre os quais, Eça de Queiroz. O conto incompleto “A morte de Jesus” e o romance *A Relíquia* são bons exemplos disso. Nos dois casos, Jesus, enquanto personagem, aparece desprovido de sua natureza divina, sendo caracterizado apenas como um ser humano: “justo e bom”, na visão do narrador do conto, que se identifica como capitão da polícia do Templo, ou como um fanático religioso, como ocorre no sonho de Teodorico em *A Relíquia*. O objetivo dessa comunicação é justamente a análise dessas releituras da principal figura do Cristianismo, que acaba sendo despido completamente de seu status de divindade.

Lenda dos santos – São Cristóvão pelos críticos

REGINA CLÁUDIA KAWAMURA (USP)

O estudo da crítica queirosiana veio apenas reafirmar que, inegavelmente, Eça de Queirós é um dos maiores escritores portugueses. O que chama atenção é a forma dicotômica como a crítica se apresenta. Para uns, Eça é retratado como um escritor ideológico que reafirma os valores burgueses em seus romances, outros o vêem apenas como um estilista da forma. Parte da crítica, entre os quais Machado de Assis, atribui ao romancista pouca criatividade, tanto na construção das personagens, como na falta de originalidade em seus enredos. No entanto, paralelo a isso não faltam elogios a sua obra. O estudo dessa crítica sob uma perspectiva histórica se fez imprescindível para que, através de uma visão linear de mais de um século, fosse possível constatar que a

leitura da obra do escritor oitocentista assume posturas diferentes. A presente comunicação se propõe contrapor as idéias contidas nos textos críticos acerca da obra de Eça de Queirós, a partir da leitura do conjunto de novelas intitulada Lenda de Santos, parte do volume Últimas Páginas, em que o autor português narra a vida de São Cristóvão, Santo Onofre e São Frei Gil. Tal escolha se deu pela riqueza de contrastes apontados pelos críticos acerca do mesmo texto. O ponto de partida se deu com a leitura do ensaio de Jaime Cortesão “Eça de Queirós e a Questão Social”, cuja temática recai numa abordagem social e principalmente religiosa da obra final de Eça de Queirós. O crítico se propõe a analisar principalmente os últimos escritos do realista, sobretudo a vida de São Cristóvão. Alia a sua crítica à idéia de que Eça, ao final de sua vida, sofre influência do triplo credo idealista, franciscanista e social-cristão, quando se apropria da tradição franciscana portuguesa para dar expressão literária a sua fé, direcionando assim seus escritos para um caminho religioso e místico como uma mensagem a ser transmitida aos leitores.

A figuração do diabo em *A relíquia* e *São Cristóvão* (Eça de Queirós)

ANTONIO AUGUSTO NERY (UFPR)

O diabo é uma personagem secundária frequente nas obras de Eça de Queirós. Neste trabalho pretendemos analisar duas figurações do diabo que podem ser tidas como representativas do sentido que o “anjo decaído” também terá em outras ficções do escritor. A primeira figuração desenvolve-se no segundo capítulo de *A relíquia* (1887) no qual temos o interessante diálogo entre o protagonista/narrador Teodorico Raposo e o diabo. A segunda desenvolve-se no capítulo XII de *São Cristóvão* (uma das Vidas dos santos, escritas entre 1891 e 1897 e publicadas postumamente em 1912), no qual acontece um ritual em que “satanistas” invocam o diabo para auxiliá-los em suas agruras. Finalizando o estudo realizaremos uma análise comparativa das duas ficções com o intuito de compreendermos as nuances da crítica desenvolvida por Eça de Queirós que estarão presentes em outras aparições de Satanás ao longo da produção do autor.

Os mouros na literatura portuguesa oitocentista

CARLA CARVALHO ALVES (UNIABC/FACULDADE SUMARÉ)

Percebendo a grande importância do elemento mouro na literatura portuguesa oitocentista e destacando, ainda, a significância de se introduzir essa alteridade cultural e religiosa para se refletir sobre a imanência cultural portuguesa, buscaremos, nesse trabalho, analisar algumas figurações dos mouros em obras literárias do período, ressaltando, principalmente, as Lendas e Narrativas de Alexandre Herculano.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP4 (3º andar)

Resgatando *best-sellers* oitocentistas: uma releitura de *A moreninha* e *Amor de perdição*

LUCIENE MARIE PAVANELO (USP)

Joaquim Manuel de Macedo e Camilo Castelo Branco foram dois dos escritores mais lidos durante o século XIX. Apesar de terem publicado uma vasta obra que abrange quase quatro décadas de produção, ambos ficaram marcados na historiografia literária pelos seus maiores *best-sellers*: *A Moreninha* e *Amor de Perdição*. Devido ao teor sentimental desses romances, a imagem dos autores acabou se cristalizando em torno de um suposto melodramatismo açucarado e alienado, que não é encontrado em grande parte de suas obras. É nosso objetivo, contudo, demonstrar que, mesmo em *Amor de Perdição* e *A Moreninha*, o sentimentalismo exacerbado é questionado na própria construção desses romances, que revelam ainda um senso arguto da realidade social do período. Dessa forma, propomos uma releitura dos *best-sellers* camiliano e macediano, a fim de quebrar certos paradigmas que ainda envolvem os seus nomes.

A roupa nova do homem moderno: expressão da indumentária em *a queda de um anjo* de Camilo Castelo Branco
ROSEMARY DA SILVA GRANJA (UNESA/CLAM-UERJ)

Segundo Richard Sennett, no século XIX, o indivíduo se sobrepôs ao homem público confundindo as estruturas do Antigo Regime. A ascensão da burguesia embaralha papéis sociais ao proporcionar a sensação de uma aparente igualdade social que a industrialização promovia pelo acesso a bens de consumo – notadamente a indumentária. Como bem demonstram os estudos de Thorsten Veblen, Georg Simmel, Gilda Melo e Souza e Valéria Brandini, pensar as mudanças nas relações sociais e de gênero ocorridas nesse momento é também pensar a moda e os movimentos de sua difusão. Assim, fomos levados a investigar o personagem camiliano à luz da moda oitocentista com suas excentricidades e formalidades na maneira de vestir. Paradigmático, Camilo Castelo Branco, de *A queda de um anjo*, se transforma no autodenominado português do século XIX principalmente através dos hábitos adquiridos pela convivência com a brasileira Efigênia. Sua elegância contrasta flagrantemente com a equivocada exuberância da vestes de outros personagens como os brasileiros torna-viagem.

Camilo Castelo Branco: um autor em meio ao mercado editorial oitocentista
ANA LUÍSA PATRÍCIO CAMPOS DE OLIVEIRA (USP)

Como sabemos, Camilo Castelo Branco foi o primeiro autor português a viver dos frutos pecuniários de seus escritos e muitas de suas obras possuem marcas contundentes desta estreita relação entre romance, mercado editorial e anseios do público leitor. No presente artigo, trataremos de dois romances camilianos sequenciais, ambos de 1856, *Onde está a Felicidade* e *Um Homem de Brios*, a partir dos quais podemos analisar detidamente os efeitos narratológicos e diegéticos desta aproximação comercial. Em resumo, nelas encontramos uma profunda análise crítica da sociedade portuguesa oitocentista a propósito de personagens que têm nas relações monetárias sua verdadeira força motriz. Entretanto, ainda que possuam o mesmo enredo e o mesmo típico narrador camiliano, instância responsável por um implacável olhar crítico social, esses romances não terminam de forma análoga. Uma traz um desfecho, indubitavelmente, não passional e coerente com o desenvolvimento da trama e a outra um desenlace, à primeira vista, passional e não condizente com o desenrolar do romance. Assim posto, neste estudo, buscaremos considerar ambas as obras, intencionando trazer à tona os motivos mercadológicos pelos quais o narrador camiliano é levado, por vezes, a optar ou não por uma solução de cunho, aparentemente, passional em seus romances e quais as implicações que tal escolha acarreta para as obras.

As multifaces do sujeito lírico e a desconstrução do sublime: Manoel de Barros e Daniel Faria
ROSIDELMA PEREIRA FRAGA SOARES (UFG)

Este artigo tem como premissa fulcral investigar as configurações e multifaces do sujeito lírico na poética do brasileiro Manoel de Barros (2010) e do português Daniel Faria (1998). Metodologicamente, asseveramos que o corpus será mais teórico que analítico-crítico e os textos poéticos serão arregimentados aos questionamentos propostos nas linhas iniciais do trabalho. De Manoel de Barros, selecionamos poemas de algumas obras reeditados em *Poesia completa* (2010). De Daniel Faria, escolhemos poemas de *Explicação das árvores e de outros animais* (1998) e *Homens que são lugares mal situados* (1998). A partir das convergências de imagens e temas, discutiremos as novas construções do sublime na linguagem poética. Para averiguarmos o sujeito lírico, utilizaremos os pressupostos teóricos, a saber: Hegel (1997-2007), Dominique Combe (1999), Michael Collot (2004), Wladimir Kryszinski (2007), Michael Hamburger (2007) e Octavio Paz (1990), a fim de pensarmos nas incidências multifacetadas do eu-lírico no texto poético. Ainda com objetivo de ponderarmos as configurações imagéticas do elevado e do baixo, basear-nos-emos na obra *História da feiúra como desdobramento da História da beleza*, de Umberto Eco (2007), nas concepções sobre a estética do feio adotadas por Hugo Friedrich (1991) em *Estrutura da lírica moderna e na dicção pura/impura do sublime* que José Guilherme Merquior (1980) defende no ensaio *Musa morena moça*. Nesta mesma estética de ressublimação, elucidaremos o capítulo “Emocionalidade e poesia contemporânea”, da obra *Lira e antilira*, de Luiz Costa Lima (1968), verificando como o sujeito moderno deixa de ser o porta-voz na sociedade, aproximando das ideias de Theodor Adorno (1993) em *Lírica e sociedade*. Relacionaremos a obra de Daniel Faria com a discussão proposta por Gastão Cruz (2003) em “Nova poesia portuguesa” e com “Anos noventa: breve roteiro da novíssima poesia portuguesa”, de Rosa Maria Martelo (1999).

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP4 (3º andar)

Melancolia em flor e anjos: a representação da melancolia na poesia de Florbela Espanca e Augusto dos Anjos

EDILANE RODRIGUES BENTO MOREIRA (UFPE)

Considerando que a literatura capta o real transmutando-o, e que, pelo fato de ela não ter uma temática específica, nela podemos encontrar vários aspectos dessa realidade, entre os quais os aspectos da existência humana e de suas relações socioculturais, no presente trabalho, busca-se realizar uma leitura comparativa da melancolia mimetizada no texto poético de Augusto dos Anjos e Florbela Espanca, à luz da filosofia existencial de Sören A. Kierkegaard. A escolha desses dois poetas de culturas distintas se presta ao objetivo de estudar a universalidade do tema através da análise intercultural. Nesse sentido, observa-se, entre outros fatores, as aproximações e distinções no que se refere à questão estética e discursiva dos poemas selecionados, a universalidade do tema e o poder da poesia em traduzi-la.

Entre códigos e sentidos - duas poéticas femininas contemporâneas: Martha Medeiros e Inês Lourenço

CLAUDIA PASTORE (UNIP/UNIANHANGUERA - Osasco)

O presente trabalho tem como objeto as escrituras da brasileira Martha Medeiros (1961-), natural de Porto Alegre e Inês Lourenço, portuguesa, ambas autoras da contemporaneidade. Buscamos realizar uma apreciação crítica de ambas, no que tange aos dois planos escriturais; o do conteúdo e o da expressão, ou seja, o estético e o extra-estético. Far-se-á também, uma comparação estética entre as duas, percorrendo as teorias do erotismo à luz de George Bataille, assim como visualizando e relacionando o aspecto da influência contextual, na esteira de Antonio Cândido. Daremos, contudo maior ênfase à escritura poética, foco de nossa pesquisa, particularmente, à poética feminina.

O Orfeu desolado de Murilo Mendes e a figura de Orfeu no modernismo português

CRISTINA MARQUES (UNIP)

O Orfeu Desolado de Murilo Mendes e a figura de Orfeu no Modernismo Português. resumo: Buscamos fazer uma leitura do poema Orfeu Desolado, de Murilo Mendes, e compara-lo com sua ocorrência na poesia de Fernando Pessoa e heterônimos, bem como na significação simbólica do mito que serviu inclusive para a escolha do nome da revista que representava o grupo de poetas portugueses do modernismo. Orfeu, pela sua tragicidade e seu heroísmo problemático é apresentando tanto em Murilo, quando nos poetas de Orfeu, como o símbolo da ressignificação do papel da poesia no mundo contemporâneo. Apresentamos além da leitura do poema de Murilo Mendes, uma comparação com a ocorrência do mito nos poetas portugueses do Modernismo, com desta que para Fernando Pessoa. Apresentamos um conceito de ressignificação e sua importância para a compreensão dos dilemas e das ansiedades do poeta moderno.

A ressignificação da poética da ingenuidade de Almada Negreiros nas letras de Arnaldo Antunes

JAIRO LUNA (UPE/FACETEG)

Este trabalho busca apresentar uma leitura das letras de canções de Arnaldo Antunes, compositor e músico brasileiro, sob a ótica da Poética da Ingenuidade de Almada Negreiros, poeta do modernismo português. Notamos em muitas canções de Arnaldo Antunes um processo de busca de ressignificação da palavra, num processo próximo da linguagem ingênua, quer da criança, quer do simples, aproximando-se assim da poética defendida por Almada Negreiros. Apresentamos o conceito de Poética da Ingenuidade de Almada Negreiros, observamos sua ocorrência na própria poesia almadiana, a seguir, comparamos com letras de canções de Arnaldo Antunes. Concluímos com o conceito de ressignificação - este, extraído do Neo-estruturalismo Semiótico -

para demonstrar como nas canções de Arnaldo Antunes existe um eu-lírico dotado da capacidade de observação da realidade segundo os princípios da poética da Ingenuidade.

IDENTIDADE CULTURAL NEGRA NA LITERATURA DAS AMÉRICAS: HIBRIDISMO, DISCURSO, PERFORMANCE

Antonio Tillis (Dartmouth College)

Maria Aparecida Andrade Salgueiro (UERJ/FAPERJ)

Jose de Paiva dos Santos (UFMG)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1112

Traduzindo poemas de Conceição Evaristo: uma contribuição a questões de Tradução Intercultural

MARIA APARECIDA ANDRADE SALGUEIRO (UERJ/FAPERJ) e ANTONIO TILLIS (Dartmouth College, EUA)

O presente trabalho apresenta contribuições com base em teoria pertinente aos Estudos de Tradução Intercultural, a partir de trabalho dos Autores ao traduzir obra de poemas de Conceição Evaristo. Mostra casos concretos e retoma o foco do Simpósio proposto pelos Autores, se concentrando na discussão da identidade negra das Américas, com particular referência a hibridismo, discurso e performance.

Popular forms of linguistic coding (oral performance) used by Africa-descendants in Cuba and the US

ANTONIO TILLIS (Dartmouth College, EUA)

This paper proposes to explore the use of popular forms of linguistic coding (oral performance) by groups of Africa-descended people in the Americas for the purpose of demonstrating the use of, or manipulation of linguistic variance as cultural representations of ethnic/racial identity in literature. Particularly, hybridized-oral language forms in their written manifestation will be examined as semiotic markers of performing identity for Blacks in the United States and in Cuba. In contestation are the official and popular languages and linguistic structures as Blacks in certain geographical spaces in the African Diaspora exert through oral performance an ethnic identity that is tied to in-group communicative forms. With regard to modalities for this critical examination, excerpts from classical works of African-American and Afro-Hispanic literature will be used in order to illustrate the linguistic “play” that has marked, grouped or come to identify Blacks in the African Diaspora. Specifically, the poem “Búcate plata” by Cuban national poet Nicolás Guillén and excerpts from Zora Neal Hurston’s *Their Eyes Were Watching God*, first published in 1937, will demonstrate how oral language, through literary manipulation in contested spaces, has created a hybridized space for the celebration of a Black-cultural identity in the Americas. The contested spaces about which I make reference are specifically Florida and Havana. For Hurston, it is the cultural fabric of an early to mid-20th century United States of North America, the South no less, that gives birth to linguistic signifiers that represent geographical space and the people who inhabit that space, Black North Americans in the region of the Florida everglades. For Guillén, Havana, becomes the crucible for the testing of linguistic variances that define people and place. The theoretical paradigms presented in this paper are postulations regarding performance theory, post-coloniality and language, cultural hybridization, and post-colonial identity as presented by scholars, the like of Homi Bhabha, Helen Tiffin, Frantz Fanon, and other cultural and post-colonial theorists.

Uprising Textualities, Hybridism and Resistance in the Americas: Slavery and contemporary Afro-Latin American Religious Practice in Luz Argentina
Chiriboga, Dahlma Llanos Figueroa and Conceicao Evaristo

LESLEY FERACHO (University of Georgia/Gilbert Hall Athens Georgia, EUA)

Drawing on Carole Boyce Davies' definition of uprising textualities I will explore how contemporary Afro-Latin American authors Luz Argentina Chiriboga from Ecuador, Dahlma Llanos Figueroa from Puerto Rico and Conceição Evaristo use representations of ritual observances and religious practices, particularly by women, tracing back to slavery, in their contemporary works as sites of hybrid cultural practice that help them navigate discourses of oppression and more importantly develop strategies of cultural identification and resistance. By specifically looking at Afro-Latin American women's performance and navigation of hybrid religious and ritual practices –with roots in slavery–in their respective novels, *Jonatás y Manuela*, *Daughters of the Stone* and *Poncia Vicêncio* I will demonstrate their contribution to the identification of important cultural hybrid counter discourses in the African Diaspora in the Hispanophone and Luso-
phone Americas.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1112

Antropologías Carpenterianas: El reino de este mundo partiendo de la Négritude hacia la Antillanité
SARAH QUESADA (Stanford University, EUA)

Partiendo de un análisis textual y teorías sostenidas por Edouard Glissant, Benítez-Rojo y Jacques Derrida, propongo que se analice a Alejo Carpentier bajo una lente etnográfica al considerar su obra *El reino de este mundo* (1949). Sugiero, como consecuencia que los elementos antropológicos que se pueden identificar en la novela se conceptualizan dentro de las construcciones de la Antillanité, propuesta por Glissant. Estos elementos que pretendo analizar dentro de la novela son la transformación fluida y constante de los personajes en relación con su ambiente, como primer elemento; y la mezcla entre literatura e historia, como segundo fenómeno en la obra. Tales factores revelan la importancia de una novela como *El reino*, que se divorcia de la dicotomía blanco/negro, civilización/barbarie y usa a Haití, no solo para denunciar la esclavitud y glorificar al Negrismo que se daría en Cuba como se ha anteriormente propuesto, sino para demostrar una realidad humana que – consciente o inconscientemente – establece conceptos de Antillanité, antes de que la esta corriente existiese. Al mismo tiempo, establezco que *El reino*, reinterpreta los hechos y entrelaza literatura e historia. Por consecuencia, planteo que con ésta obra, Carpentier se establece como visionario que inserta particularidades de hibridación en *El reino* mucho antes de que tales fueran identificadas como corrientes. El resultado es una compleja reinterpretación antropológica y humanista del poder de la revolución y los espacios místicos que se ocupan mientras estas batallas se desarrollan y se transforman.

From Underworld to Avant-garde: Art and Criminology in Cuba and Brazil
RODRIGO LOPES DE BARROS (University of Texas at Austin, EUA)

As Paul Gilroy posits in "Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness", the African diaspora has created a culture that can be understood beyond nationalities, ethnicities and even races. In two cases, the body of knowledge that emerged from that phenomenon is almost a reflected image of each other: Cuba and Brazil. In those nations, the intellectual elites were studying black culture from the end of the nineteenth century (focusing mainly on musical and religious manifestations) and at the same time exchanging their writings with the most advanced thinkers of Europe. First, the Italian founders of the anthropological criminology were their correspondents: Lombroso was amazed by the research of authors such as Fernando Ortiz and Nina Rodrigues. However, some years later Surrealists, Dadaists, and members of other artistic movements from the 20s and 30s became deeply interested in the findings of Cuban and Brazilian intellectuals. Alejo Carpentier and Fernando Ortiz, and later Gustavo Barroso and Pierre Verger (French-born but based in Brazil), to name a few, constantly sent collected data about black marginal culture to the Old Continent and this data were incorporated into the new European aesthetics. Alejo Carpentier and Fernando Ortiz started then to abandon the realms of criminology to join the new field of modern anthropology led by Franz Boas, while the Brazilians began to explore the utopian possibilities that African-originated rituals could provide to modernity. The new European aesthetics, by its turn, faced the crises of dimensionality. First, the African mask was the key to radically change the grounds of Western sculpture and painting (as said by the German critic Carl Einstein): starting with Cubism and reaching its pinnacle with the primitive art of the Cuban Wifredo Lam. But also the African Diaspora performance gave those continental artists new weapons to rethink their own traditional: the seminal book by George Bataille, "Eroticism", is based on photographs of a Candomblé ritual which were took by Pierre Verger in Bahia. This book is the culmination of its whole literary project, which began in the late 20s with "Histoire de l'oeil". Moreover, written by Alfred Métraux, "Le Vaudou Haïtien" is persistently questioning the dramatic and theatrical elements of ritual possession and, although concerned mainly with the island of Hispaniola, relies on the production of the same photographer, Verger. In

sum, this article aims to study how black culture was the basis to create the field of anthropology in Cuba and Brazil and how this knowledge was used to forge the avant-garde movements in art and literature a few years later, not only in such very countries but also in France by means of the works of authors such as Alfred Métraux, Roger Caillois and George Bataille. Thus, we seek to show the way this black Atlantic culture were part of the construction of the idea of modernity even when it appears unveiled in the work of European intellectuals.

Tambores e Orixás. A diáspora africana e a infância tornada possível: *El re es verde*, de Inés María Martiatu e *Dublê de Ogum*, de Cidinha da Silva
SUSANA CARNEIRO FUENTES (UERJ/FAPERJ)

A partir do conto "Dublê de Ogum", da autora afro-brasileira Cidinha da Silva, e do conto "El re es verde", da autora afro-cubana Inés María Martiatu, procurarei analisar a infância na diáspora africana em sua tensão entre culturas, em espaços que se negociam e onde é possível à criança o processo de tomada de consciência de sua origem, em seus interesses e íntimas aspirações. Em "Dublê de Ogum", veremos a construção de identidade de uma criança alimentada pelos heróis da TV, estes inseridos em uma cultura branca ocidental. E, no entanto, a sua não alienação à esta cultura na resposta surpreendente: seus heróis são desconstruídos e surgem em novo contexto, sob o contorno das religiões de matrizes africanas. Na narrativa, a criança, um menino, entra em negociação com a realidade através do jogo, to play, to enact, to perform, e através da escuta atenta de um outro que restitui ao menino o elo com a cultura de origem e os orixás. No conto "El re es verde", a protagonista é uma menina que experimenta em sua vida e educação o conflito entre a palheta musical da cultura europeia e as cores de suas raízes da cultura afro-cubana. Acompanharei como, uma vez seu desejo colocado em movimento, ela reinventa a escala ocidental em ritmos e timbres da cultura popular. Assim, em cada conto é possível perceber a força da invenção de si mesmo, a transformação do lugar do indivíduo no contexto social a partir da apropriação/recriação de imagens. E, na infância, o encontro com a dignidade a partir da compreensão de uma origem em comum. O resgate da memória a partir de uma escuta que é também escavação: uma arqueologia das imagens ainda latentes mas que permeiam o sujeito e o fazem coincidir com a prática cultural de uma identidade negra nas Américas em permanente diálogo com a contemporaneidade.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1112

Espiritualidade e identidade afro-descendente em *Brown Girl in the Ring*, de Nalo Hopkinson, e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo
FERNANDA CARVALHO (UFMG)

Este trabalho propõe uma leitura comparativa entre os romances *Brown Girl in the Ring*, de Nalo Hopkinson, e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Embora apresentando perspectivas e contextos histórico-culturais diferentes (no romance de Hopkinson, as personagens afro-descendentes são imigrantes jamaicanas em um Canadá decadente no futuro, enquanto no de Evaristo são afro-brasileiras no período pós-abolição), ambas as obras usam elementos culturais africanos na construção de uma identidade para suas personagens. Esses elementos estão relacionados à espiritualidade das religiões de origem africana, que apesar de receber nomes diferentes e ter configurações específicas em cada país da América Latina, representam uma mesma conexão com os antepassados vindos da África. Essa espiritualidade é o que ajuda as personagens, mas especificamente as protagonistas, a encontrar sua identidade e a assumir um papel dentro de uma sociedade opressora. No início, a espiritualidade africana é vista como marca da diferença, motivo de confusão identitária e, por isso, indesejada. Ao longo do romance, porém, ela se mostra mais e mais como uma forma de conexão com os antepassados africanos que leva ao entendimento de uma história de vida comum e, conseqüentemente, à construção de uma identidade. Dessa forma, a espiritualidade africana permite a essas personagens não apenas uma sobrevivência individual, mas também a possibilidade de contribuir para a continuidade de uma cultura africana na comunidade diaspórica à qual pertencem.

As variáveis (re)construções do “outro” através da tradução: negritude em foco
MARCELA IOCHEM VALENTE (PUC-Rio)

Nas últimas décadas, a tradução de textos de culturas não hegemônicas tem recebido considerável atenção. Grande parte desses textos deixa transparecer mecanismos de dominação cultural e ideológica que acabam provocando uma rediscussão de valores assim como do cânone, pois, como afirma Boyce Davies (1994), a literatura é um espaço para o subalterno mostrar resistência e lutar contra o excludente discurso colonial e suas múltiplas opressões. As obras de escritoras afro-descendentes, por exemplo, trazem inúmeros desafios para seus tradutores tendo em vista que através delas muitas autoras expressam a realidade vivida pelo seu povo e para isso utilizam, diversas vezes, uma linguagem específica de determinada comunidade, com marcas culturais peculiares de uma determinada região. Ao traduzir esse tipo de produção, há a necessidade de se considerar não apenas o texto em si, mas todas as questões sociais, culturais, políticas e ideológicas envolvidas além dos diferentes pressupostos sobre literatura afro-descendente e negritude nas culturas de origem e recepção. Este trabalho parte do pressuposto de que a tradução não é apenas um processo interlingual, como já se acreditou, e sim um processo inserido em sistemas políticos e culturais responsável por variáveis reconstruções do ‘outro’. Partindo das obras *A Raisin in the Sun*, da escritora afro-americana Lorraine Hansberry, e Ponciá Vicêncio, da afro-brasileira Conceição Evaristo, pretende-se suscitar reflexões a respeito das dificuldades encontradas ao se tentar traduzir a negritude em diferentes espaços geográficos, neste caso Estados Unidos e Brasil, atentando para os desafios que essa reconstrução do ‘outro’ apresenta para o tradutor. O arcabouço teórico utilizado para o desenvolvimento desse estudo será constituído por Maria Tymoczko, Susan Bassnett, Gayatri Spivak, Carole Boyce Davies, dentre outros.

O contexto religioso na literatura de Maya Angelou e Mãe Beata de Yemonjá FELIPE FANUEL XAVIER RODRIGUES (UERJ)

As literaturas afro-americana e afro-brasileira podem ser entendidas como diferentes variações de um mesmo gênero que, marcado por uma singularidade discursiva em torno de uma temática étnica, possui fortes vínculos culturais com as situações sociais de cada contexto histórico de que emerge. O gênero pode ser visto, assim, como uma marca de resistência cultural por meio da literatura. O trabalho de arqueologia literária empreendido por Henry Louis Gates Jr. (1993, 1989a, 1989b) revela o quanto tal resistência é significativa historicamente. Em termos numéricos, *exempli gratia*, Gates tornou pública, na década de 90, uma coleção de escritos afro-americanos, produzidos entre 1829 e 1940, que alcançam a marca de 12000 contos, 18000 poemas e 42000 resenhas e artigos. Desse modo, a própria América seria o nascedouro da cultura afro-americana. No caso brasileiro, ainda não há estudos conclusivos de arqueologia literária que indiquem a importância histórica da literatura enquanto veículo de resistência cultural, desde os tempos coloniais. Todavia, outra forma de arte, como a música, desempenha este papel, sobretudo por meio de um gênero musical como o samba, que tem se caracterizado por guardar memórias de um tempo difícil. No passado, a dura realidade de escravos baianos tematizou a cor de um ritmo que hoje é marca da identidade nacional. Como já cantava Vinicius de Moraes: “Porque o samba é a tristeza que balança / E a tristeza tem sempre uma esperança / A tristeza tem sempre uma esperança / De um dia não ser mais triste não.” (“Samba da Bênção”) É preciso dizer que a literatura afro-brasileira não goza do mesmo prestígio que a literatura afro-americana possui dentro de seu próprio país, apesar de autoras afro-brasileiras serem reconhecidas por pesquisadores estrangeiros (Salgueiro, 2004). A ausência de reconhecimento, no entanto, não tem impedido a existência de uma literatura que, enquanto arte, produzida majoritariamente por mulheres, tem contribuído para a discussão de questões culturais relativas aos afro-descendentes no Brasil. De modo amplo, as culturas afro-americana e afro-brasileira fazem parte de uma discussão maior sobre Diáspora Africana, entendida na academia como relacionada a localidades geográficas, para onde pessoas oriundas da África, em algum momento, imigraram, de modo forçado na maioria das vezes, e contribuíram para a formação de culturas nacionais. (Tillis, 2009) Neste aspecto, tanto o Brasil como os Estados Unidos, ao longo de sua história, foram influenciados pelas tradições culturais africanas. Esta influência forjou novas manifestações culturais, frutos, em sua maioria, de um novo contexto formado pelo choque entre diferentes culturas. Da situação colonial foram herdados problemas sociais que não seriam apagados da literatura contemporânea de ambos os países. Apesar das idiossincrasias do ambiente de produção textual das literaturas afro-americana e afro-brasileira, uma característica comum entre elas merece destaque, a saber: a importância da religião como elemento simbólico em um contexto de resistência. A autobiografia seria um fator que explicaria essa característica nesse gênero. É possível observar o quanto o contexto religioso está presente no universo simbólico de duas autoras literárias, das localizações geográficas em discussão, Maya Angelou e Mãe Beata de Yemonjá.

Opressão e resistência em *Passing* de Nella Larsen e *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus RENATA THIAGO PONTES (UERJ)

O Objetivo deste trabalho é analisar a questão da construção da identidade afro-descendente nas obras &Passing; de Nella Larsen e &Quarto de despejo; de Carolina Maria de Jesus e assinalar e interpretar os distintos modos de pensar a relação opressor/oprimido, colonizador/colonizado em cada obra. O tema da resistência, o qual se encontra, aberta ou veladamente, na maioria dos textos pós-coloniais, revela não somente o revide do sujeito colonizado ou do oprimido, mas também a ambigüidade e a fragmentação do colonizador ou opressor. A resistência, em todas as formas, dá ao sujeito pós-colonial a percepção crítica da sua condição e o meio para recuperar a subjetividade. A ideologia referente à repressão das sociedades pós-coloniais e dos sujeitos coloniais pertence a uma categoria em que o oprimido é fixado pela superioridade do dominado. Essa relação dialética se intensifica quando os estudos versam sobre gênero e abordam a condição feminina e a dupla colonização da mulher nas sociedades póscoloniais. As obras &Passing; de Nella Larsen e &Quarto de despejo; de Carolina Maria de Jesus são aqui encaradas como tentativas de destruir visões estereotipadas das mulheres negras e de como os sujeitos podem encontrar diferentes maneiras de resistir à opressão. Analisar tais obras, sua recepção pelo mercado brasileiro e estrangeiro e como os processos de resistência e opressão ocorrem nelas é de suma importância para os estudos sobre a alteridade e para os estudos comparados.

LITERATURA E TESTEMUNHO: TEORIAS, LIMITES, EXEMPLOS I

Marcelo Paiva de Souza (UFPR)
Rosana Kohl Bines (PUC-Rio)
Wilberth Salgueiro (UFES)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 409

Pela voz de um menino

ROSANA KOHL BINES (PUC-Rio)

No livro *Historia do Pranto: um testemunho*, do escritor Alan Pauls, um menino relata o que não viveu, aproximando-se da história da ditadura argentina dos anos 70 de um lugar acentuadamente deslocado. O presente trabalho explora este deslocamento radical do eixo da verdade, quando o testemunho se dá escorado pela ficção onde fala uma terceira pessoa. Trata-se de avaliar a força estética desta passagem pronominal da primeira a terceira pessoa, plasmada por uma voz infantil, que chega atrasada à experiência ditatorial, mas dela presta testemunho contundente por meio de uma língua efusiva, torrencial e inconstante, a contrapelo do ritmo sincronizado e mecânico que rege a marcha dos militares “tão em uníssono que seu andar parece ensaiado”. A hipótese central do trabalho é a de que, nesta obra de Pauls, o testemunho não está vinculado à autoridade da voz narrativa, mas à sua renúncia, de que decorre uma ampliação sensível do campo da experiência da língua.

Encruzilhada narrativa: o testemunho e a possibilidade de (re)articulação dos sujeitos pós-traumáticos no Cone Sul

SILVIA KARINA NICACIO CÁCERES (UFRJ)

O recente passado de violência ditatorial no Cone Sul latino-americano fissurou os sujeitos e grandes projetos coletivos nessas sociedades. A possibilidade de narrar e transpassar esse passado rearticulando os sujeitos que atravessam o trauma é elemento central à constituição de redes intelectuais vinculadas aos Estudos Culturais de vertente britânica na região. Autores como Beatriz Sarlo, Nelly Richard e Idelber Avelar compõem esta rede intelectual e têm trabalhado com o debate sobre testemunho e rearticulação dos sujeitos em ao menos três grandes chaves de leitura: as mutações das produções culturais e literárias, as mutações da cena urbana e suas apropriações públicas e privadas e as mutações da intelectualidade e da auto-imagem desse grupo social. Nossa intenção no presente trabalho é mapear esses três lugares de anúncio de discursos sobre o testemunho na tentativa de compreender como os mesmos parecem compor de forma conjunta, possibilidades de rearticulação dos sujeitos fissurados pelas ditaduras dentro da rede/ projeto intelectual aqui referido.

Testemunho e “falso testemunho” na canção de Chico Buarque de Hollanda: leitura de “Não sonho mais”, “Fado tropical”, “Uma canção desnaturada” e “Brejo da cruz”

LUCIANA FERNANDES UCELLI RAMOS (UFES)

Certo cancioneiro de Chico Buarque expressa, com rara lucidez e sensibilidade, bastante das experiências dos indivíduos que viveram a ditadura militar brasileira. Muitas de suas canções mostram as angústias, dores e perdas durante esse período. O compositor se presta ao trabalho de transmitir, ora como personagem, ora como observador externo, uma impressão do que foi ser um brasileiro sob a égide militar. Há, ainda, na canção de Chico, registros das tentativas de reação – disfarçadas, mas não tímidas; infelizes, mas por vezes bem-humoradas – então compreendidas. O engenho de tais composições, que aqui tomamos como testemunhais, ainda hoje é capaz de nos deslocar do posto de espectador estático da História ao posto de solidário e ativo sujeito, mobilizado por uma vontade crítica de transformação do estado das coisas. A obra de Chico é marcada ainda por episódios que não viveu literalmente e nem sequer testemunhou, mas que se constituem como retratos de vidas e situações que a História não nos possibilita visualizar. É por essa via que o “falso testemunho” – porque francamente inventado e, portanto, composto de objetos francamente estéticos – possibilita a aproximação com o universo íntimo do malandro, com a angústia dum feminino que, como bom observador, ele pinta, com a ousadia doutro feminino que ainda não existe, mas que, como bom criador, ele inventa. No artilho de Chico Buarque, a dançarina de cabaré e a prostituta ganham vida íntima, digna de alguma consideração; e o moleque favelado alcança visibilidade; e as violentas estatísticas da miséria brasileira ganham individuação e provocam pasmo, personificadas nas crianças que se alimentam de luz. No testemunho direto e no “falso testemunho”, a canção de Chico Buarque fala da experiência da dor, dor que a mera estatística não alcança. Para analisar canções como “Não sonho mais” (1980), “Fado tropical” (1972) e “Brejo da Cruz” (1984), buscarei um diálogo com ideias de, entre outros autores e obras, Foucault (em *A ordem do discurso*) e Freud (em *O mal-estar na civilização*).

A traição da memória na *Autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*

MIRIAN SUMICA CARNEIRO REIS (UFRJ)

O artigo proposto pretende pôr em discussão as possibilidades da literatura para, senão responder, problematizar questões do tipo: como elaborar a experiência traumática em que as perdas vão do âmbito material ao simbólico para transformá-la em narrativa? Como tornar esse luto, cujo trabalho de superação ainda é necessário, em relato transmissível? A estrutura autobiográfica foi a opção feita por muitos dos sobreviventes de estados de exceção como o holocausto ou as ditaduras, porém, nesses textos, a ideia de constituição de um eu que se subjetiva através da fala é extrapolada. Nessas narrativas, o sujeito que se apresenta, diz eu e reivindica uma voz, o faz exatamente porque a estrutura fragmentária e descentralizada do texto autobiográfico é a única possível para expressar relatos pautados na memória. Por isso é que narrativas como “Paisagens da memória - autobiografia de uma sobrevivente do holocausto”, de Ruth Klüger parte da negação do aparente esquecimento ocidental e de sua fáustica pretensão de progresso para questionar a história dos vencedores e dar voz à experiência dos oprimidos. Para tanto, a autora conta sua experiência de criança em Viena antes da guerra e depois, nos campos de concentração, extermínio e trabalho, respectivamente, Theresienstadt, Auschwitz-Birkenau e Christianstadt. Das lacunas e vazios da memória individual, Klüger resgata as lembranças de menina para analisar a realidade da guerra. Para isso ela assume o compromisso ético de reconhecer que o olhar lançado para a história não se isenta de suas vivências posteriores de mulher, adulta, mãe, professora universitária, austríaca naturalizada americana. No espelho da memória refletem-se as vivências passadas e as máscaras do presente e a perspectiva escolhida para elaborar tudo isso é da traição.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 409

Por que não dancei, de Esmeralda Ortiz: testemunho da violência de gênero e raça

ANA PAULA COSTA DE OLIVEIRA KAMIZI (UFSC)

O trabalho analisa a narrativa de vida de Esmeralda Ortiz, "Por que não dancei" como texto testemunhal, já que é constituída por diversos elementos desse "gênero". Esmeralda é uma ex-meni-na de rua, negra, favelada, ex-viciada em crack. Ela narra sua vida aos vinte anos, quando recuperada de seu vício, descreve sua trajetória e de outras meninas de rua, incluindo passagens pela FEBEM, abuso sexual e preconceito racial, entre outros. Sua narrativa testemunhal denuncia o descaso dos governantes brasileiros com a pobreza, o abandono das crianças, a fragilidade das instituições que deveriam atendê-las e a violência a que estão submetidas constantemente. A análise do testemunho de Esmeralda, com base nas teorias feministas e pós-estruturalistas, passa por questões como a relação entre discurso e identidade (HALL, 2009), a experiência visceral (Stone-Mediatore, 1999), a (im)possibilidade de fala do subalterno (Spivak, 2010) e a performance do gênero como resistência (Butler, 2003). Ainda que o enfoque da análise seja predominantemente ético-político, a leitura também coloca em evidência os recursos estéticos e as estratégias literárias adotadas pela autora no testemunho.

Mulheres do mundo: gênero e testemunho em três narrativas (*Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, *As boas mulheres da China*, de Xinran e *Infel*, de Ayaan Hirsi Ali)

MARIA AMÉLIA DALVI (UFES)

Partindo-se do princípio de que caracterizariam o testemunho “registro em primeira pessoa; compromisso com a verdade; desejo de justiça; vontade de resistência; valor ético sobre o valor estético; representação de um evento coletivo; forte presença do trauma; sintomas de ressentimento; vínculo estreito com a história e a condição de minoridade”, abordam-se três narrativas longas: *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, *As boas mulheres da China*, de Xinran, e *Infel*, de Ayaan Hirsi Ali. A primeira dessas narrativas é um romance histórico em primeira pessoa que recria o que teria sido um manuscrito localizado na Ilha de Itaparica-BA, assinado por Kehinde, uma mulher negra nascida na República do Daomé (atualmente, Benin), trazida para o Brasil como escrava, ainda criança, no início do século XIX (GONÇALVES, 2006). A segunda narrativa, de uma jornalista nascida na China e atualmente exilada na Inglaterra, cujo pseudônimo é Xinran, é construída pela sucessão de depoimentos de mulheres chinesas com as quais a autora teria tomado contato a partir de um programa que manteve em uma rádio estatal em Nanquim, nos anos de 1980, na maioria das vezes por meio de cartas entregues de madrugada ou de mensagens gravadas em uma secretária eletrônica (XINRAN, 2007 [2002]). Por fim, a terceira das narrativas consideradas é a autobiografia de Ayaan Hirsi Ali, que, tendo nascido na Somália e crescido na Arábia Saudita, na Etiópia e no Quênia, vivendo sempre no islamismo mais radical – sendo submetida a violências como a clitorectomia, o casamento à própria revelia e os espancamentos constantes –, fugiu da África, chegou à Holanda e vive atualmente exilada nos Estados Unidos (ALI, 2007 [2006]). A leitura desses três relatos em que a questão ética prevaleceria sobre a estética, segundo o “paradigma testemunhal”, não se ocupa da noção de “graus de testemunho”, uma vez que ela encerraria, ainda que problematizadas, noções como legitimidade, origem e verdade em seu âmago; ocupa-se da encenação historicamente situada da (dú)vida de mulheres dispersas pelo mundo, em torno da possibilidade de dizer de sua condição de gênero.

Morar dentro do tema – experiência marginal e testemunho na escrita da literatura marginal de São Paulo

INGRID HAPKE (UHH, Alemanha)

O termo literatura marginal ou periférica denomina uma produção literária multifacetada e variada de autores, manifestando-se desde o final dos anos 90, que provêm das periferias, majoritariamente de São Paulo, e que se autodefinem como um movimento social e cultural. Precisa-se repensar, neste contexto, a categoria do “autor” tradicional, tendo em vista que o autor é, ao mesmo tempo, objeto e sujeito da escrita, testemunha de uma experiência pessoal e coletiva, “autoridade” de uma realidade e uma experiência marginalizada. Para poder discutir a literatura periférica como literatura de testemunho é necessário de ir além do texto e abranger as dinâmicas do movimento no qual ele se insere, partindo da prática dos autores que estão além do texto impresso e se constitui em distintos espaços de enunciação, como em saraus e também em plataformas eletrônicas, como blogs e mídias assim chamadas sociais, como facebook e twitter. Tem-se como hipótese que os saraus e as plataformas eletrônicas são também meios de transportar o seu testemunho (literário) de uma experiência individual para uma coletiva. Experiência esta que é transformada por causa da “presentificação” (Resende 2008) da memória e da história e atua no sentido de dar a contra-perspectiva no momento da sua gênese. A pretensão de transformação social,

ética e moral que o autor como testemunha e ator histórico persegue com a sua escrita, tanto como “ser o tema , morar dentro do tema” (Ferréz 2010) se manifesta na estética da escrita da literatura marginal e será o objetivo desta comunicação, que tem como ponto de partida a obra literária de Ferréz e Sérgio Vaz inserido no contexto comunicativo acima referido.

Cuando la muerte se compromete con la vida: *No hay silencio que no termine*, de Ingrid Betancourt
JEFFREY CEDEÑO (PUJ, Colômbia)

A partir de una investigación histórica y formal sobre el testimonio, y desde un análisis discursivo, la presente ponencia tiene como objetivo determinar la definición y el lugar de la vida en *No hay silencio que no termine* de Ingrid Betancourt. La vida surge al punto desde un ejercicio de responsabilidad, es decir, Betancourt erige una “respuesta”, un saber, cuyas fuentes no son otras que la muerte, la vulnerabilidad, la pérdida de la referencia y la fractura del sentido, el sufrimiento y la ausencia de cualquier relación y correspondencia con el mundo. Serán éstas, precisamente, las aristas que, en tenso diálogo, centrarán la presente reflexión crítica sobre una vida singular y, más allá, sobre el significado del testimonio en la Colombia de los últimos años.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 409

O visto, o dito e o contradito: dos registros médicos de Lima Barreto ao seu testemunho literário sobre o hospício
DANIELA BIRMAN (UNICAMP)

Neste trabalho, estabeleceremos um confronto entre a documentação médica de Lima Barreto e o testemunho literário do escritor sobre as suas internações psiquiátricas. A análise se centrará, por um lado, em dois registros do antigo Pavilhão de Observação do Hospital Nacional de Alienados, datados de 1914 e 1919. Por outro, ela será focalizada no “Diário do Hospício”, redigido pelo autor durante seu segundo confinamento no citado hospital, e no romance inacabado *O cemitério dos vivos*, escrito a partir do material do diário. Como se sabe, estes dois textos de Lima são irremediavelmente imbricados, não obedecendo à separação entre documento e ficção. Assim, não apenas *O cemitério dos vivos* tem caráter autobiográfico, mas também o diário sobre o manicômio é atravessado pela imaginação e pela fantasia. Ao partirmos em nosso exame do cotejo de duas fotografias do interno Lima Barreto no antigo hospício, buscaremos analisar historicamente as duas imagens, assim como as molduras documentais nas quais elas estão inseridas. Esforçaremos-nos, nessa leitura, para descolar evidências e interpretar ditos e escritos em função do arquivo que eles integram. Prosseguindo por esse caminho, pretendemos avançar na identificação de clivagens entre as duas internações do escritor e no exame dos seus embates com diversos dos elementos que compõem seu retrato - incluindo as suas molduras documentais. Nesses embates, Lima se empenha em romper com as imagens (e o ditos sobre ela) que lhe são impostas. Porém por vezes, como era de se esperar, permanece enredado no enquadramento do saber-poder psiquiátrico da época.

Ressonâncias do trauma: considerações sobre identidade nas “Máscaras” de *Maus*, de Art Spiegelman
FELIPE PARADIZZO (UFES)

O romance gráfico de Art Spiegelman, *Maus*, alcançou entre o público e a crítica o reconhecimento que Will Eisner e outros importantes escritores de narrativa sequencial buscaram por algumas décadas. Este reconhecimento parece estar diretamente ligado a forma como Spiegelman aborda em um romance gráfico a memória de seu pai, sobrevivente de Auschwitz, as ressonâncias do trauma na geração que sucedeu o Holocausto e a complexidade afetiva e ética de se abordar tais questões. Esse trabalho pretende observar a partir do elemento “máscara” a relação entre estes temas de central importância em *Maus* e as estratégias éticas e políticas ativadas por Spiegelman ao revisitar a memória e o trauma de Vladek Spiegelman e as questões de identidade que as atravessam.

Trauma e narrativa: vozes silenciadas da tortura num conto de Veríssimo
TERESA CRISTINA DA COSTA NEVES (UFJF)

Vista sob o prisma da categoria psicanalítica do trauma, a tortura vivenciada durante os anos de ditadura militar no Brasil revela-se como desafio para a representação literária. Modalidade de sofrimento extremo, exige a expressão de um horror inexprimível e, concomitantemente, não admite banalizações que amenizem seu impacto ou familiarizem sua estranheza. Por outro lado, se a narrativa fragmentada e reticente do trauma não raro recorre à imaginação de modo a dotar o testemunho de nexos e contexto, a escrita imaginativa devotada à expressão simbólica de experiências históricas traumáticas pode ser distinguida por seu teor testemunhal. Afinal, como produto da cultura, a obra literária é capaz de revelar, no sentido psicanalítico, traços do real culturalmente compartilhado. No conto *A mancha*, Luis Fernando Verissimo coloca em cena o diálogo entre História e Literatura, dando vida a Rogério, um ex-prisioneiro do regime militar que, ao reencontrar o lugar em que foi torturado, se vê diante de uma dupla e paradoxal necessidade: lembrar os acontecimentos que marcaram aquele período e abandoná-los no passado para não inviabilizar a vida presente. O autor promove uma conexão entre o problema psicanalítico individual do trauma e o mal-estar coletivo do qual padecem sociedades que rejeitam a memória e abandonam projetos de reparação de injustiças passadas. Compõe, assim, uma alegoria do Brasil, país no qual o regime ditatorial deixou máculas que ainda hoje afetam nossas condições de vida, nossos planos, nossa identidade. A narrativa de Verissimo, enfim, dá voz ao desconfortável pacto de silêncio sob o qual nosso violento passado tem sido mantido historicamente sepultado nas memórias individuais. Instituição de fomento: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (PPG Letras/UFJF)

O léxico do cárcere: literatura, testemunho e resistência em Graciliano Ramos
LUIZ CARLOS GONÇALVES LOPES (UFMG)

Nos últimos anos cresceu o interesse que pesquisadores da área de Letras têm nas relações que se podem estabelecer entre o discurso literário e o discurso histórico, em especial, daquelas que envolvem o testemunho de catástrofes tais como a Segunda Guerra Mundial. No cone sul da América, esse interesse está quase sempre relacionado às ditaduras militares, que tiveram lugar a partir da década de 1960 do século passado ou a eventos similares, que remontam a primeira metade do século 20. No Brasil há inúmeras obras literárias que permitem esse diálogo entre o discurso literário e a história. Com relação ao testemunho existe uma obra emblemática escrita a partir de 1936 por um dos maiores escritores do país. Trata-se do testemunho *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, livro que se situa num lugar intercalar que coloca em tensão os discursos literário, testemunhal e histórico. O presente texto pretende discutir essa obra de Graciliano Ramos a partir da reflexão sobre como esses discursos se configuram na escrita do autor, abrindo espaço para um texto que se situa num local entre prática estética, política e testemunhal. Num primeiro momento pretendo analisar a obra do escritor alagoano tomando como conceitos operacionais o testemunho e o discurso literário, em seguida, discuto a encenação da violência que o texto coloca em primeiro plano para relacionar a escrita do testemunho a um ritual de resistência, que a meu ver se encontra como um vetor da escrita de *Memórias do cárcere*.

FALAR POR, FALAR DE, FALAR COM: QUESTÕES DE AUTO-REPRESENTAÇÃO NOS DISCURSOS E PRÁTICAS DISCURSIVAS DA AMÉRICA LATINA I

Rita de Cássia Miranda Diogo (UERJ)
Gesine Müller (Universidade de Potsdam)
Horst Nitschack (Universidade do Chile)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1009

As crianças de Macondo: a representação da infância latino-americana em sete personagens do romance *Cien Años de Soledad*, de Gabriel García Márquez

SOCORRO EDITE OLIVEIRA ACIOLI MARTINS (UFF)

Mais de quarenta anos depois da publicação do emblemático romance "Cien Años de Soledad", de Gabriel García Márquez, a fortuna crítica ocupada em debruçar-se sobre essa obra multiplica-se em todas as línguas por onde a família Buendía passou com seus numerosos descendentes. Um dos pontos de vista recorrentes e até repetitivos defendidos por parte dessa crítica à qual tivemos acesso (com destaque para ensaios de Mario Vargas Llosa, Carlos Fuentes, Claudio Guillén, dentre outros) enxerga a saga de Macondo como uma metáfora da história da América Latina, onde os lugares, personagens e eventos são representações da história da colonização, da identidade do continente e, especialmente, das pessoas e grupos que foram e são agentes dessa história. É sabido que Gabriel García Márquez, bem como a maioria dos autores latino-americanos de sua geração, construiu um projeto literário fortemente comprometido em transferir aspectos do processo histórico para a ficção, como pode ser constatado em seu discurso (ao mesmo tempo ensaio e manifesto) "La soledad de América Latina", proferido por ocasião do recebimento do Prêmio Nobel de Literatura, em 1982. Partindo da hipótese de que o romance por inteiro pode ser lido como uma metáfora ou representação literária da história do continente, consideramos, assim, que "Cien años de soledad" é um caso de prática discursiva onde o artista assume a voz do "outro". No caso da nossa análise, o "outro" em destaque é a criança latino-americana, representada na obra por personagens que têm importância crucial na narrativa. Pretendemos analisar a infância de sete personagens dentre as sete gerações dos Buendía: Rebeca, José Arcadio e Coronel Aureliano, da segunda geração; Aureliano José, da terceira; Remedios, la bella, da quarta; Meme, da quinta; e Aureliano, o último dos Buendía. Entendemos a infância em Macondo como um Entre-lugar dentro do Entre-lugar, utilizando o conceito de Silviano Santiago. Percebemos ainda que a chegada ou nascimento de cada criança representa uma mudança drástica no enredo. Os personagens infantis de "Cien años de soledad" são mestiços, possuidores de uma herança e de um discurso transculturado (segundo o conceito de Angel Rama) e principais testemunhas do passado e do porvir. É a partir da voz desses sete personagens que pretendemos analisar a representação da infância latino-americana em "Cien Años de Soledad", uma de suas principais obras.

En el nombre de los Derechos del Niño: Penalización de los niños e imaginarios de niñez en Chile y Argentina

RODRIGO SEPULVEDA (UdCh)

En América Latina, en el contexto del término de las dictaduras militares, la ratificación de la Convención de los Derechos del Niño fue adherida con mayor entusiasmo que en otras regiones. Sin embargo, nos encontramos al mismo tiempo con una serie de reformas institucionales y jurídicas, que implican la entrada en acción de políticas de control penal y policial hacia los niños y niñas. El discurso público plantearía el surgimiento de nuevas necesidades de control, marcadas por la urgencia de generar herramientas eficaces para la implementación de políticas criminales ante una aparente demanda social de mayor penalización de los niños y jóvenes. Esto plantea la generación de nuevas formas de nombrar lo que es violento en los niños acorde a un nuevo imaginario de niñez. A través del análisis de discurso, realizamos un contrapunto entre el discurso legislativo que propone penalizar a los niños y dos ejemplos de la literatura sobre el niño criminal en Chile y Argentina. El discurso legislativo se expresa en nuevas formas de penalización que se implementan a partir de 2007 en Chile y que actualmente se encuentra en trámite parlamentario en la Argentina. Por otra parte, en ambos países hay textos literarios donde se pone en juego un relato del imaginario del niño criminal. Los textos literarios ("El niño proletario" de Osvaldo Lamborghini y "Criminal" de Jaime Pinos) se seleccionaron por su relación con el niño como criminal de una manera superlativa. Hablan de una niñez monstruosa o del orden del horror. En nuestro análisis observamos que en las nuevas propuestas de sistemas penales se invoca la Convención de los Derechos del Niño para hablar de ellos en tanto sujetos de derechos. Sin embargo en esta operación se vacía el concepto de niño, que pasa a ser una categoría abstracta, una suerte de sujeto que desaparece al ser nombrado. Por su parte la literatura nos entrega una aproximación a la figura fantasmática que el discurso jurídico enuncia, pese al enmascaramiento que genera la invocación a los derechos universales. Se trata del niño como sujeto criminal, destructor de la imagen sacralizada de infancia, cuando la literatura habla de él como figura ominosa. Hablar de los niños criminales - hablar de y por ellos - permite paradójicamente desmascarar que se habla contra ellos. En este punto la literatura permite anticipar un imaginario instituyente, donde la niñez pierde las diferenciaciones clásicas respecto al mundo adulto. La niñez criminal constituiría lo no dicho del sistema penal supuestamente garantista. Queda en evidencia que la Convención de los Derechos del Niño, encubre hegemonías ideológicas, manifiestas en las interpretaciones jurídicas y legislativas. Al mismo tiempo hablar del niño criminal enuncia un malestar sintomático.

Cem anos de solidão e Viver para contar, de Gabriel García Márquez: expressões de identidade sociocultural latino-americana
MARCELO PESSOA DE OLIVEIRA (UEMG)

Nosso trabalho investiga categorias do pós-colonialismo nas obras *Cem Anos de Solidão* e *Viver para Contar*. Os pilares de nossa busca são as imagens ficcionais e as biográficas constituintes das obras em questão. Tais referências são enfocadas como expressões socioculturais do povo latino-americano. O nosso interesse pela obra *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez, prende-se ao fato de que esta produção literária representa fortes elementos da atualidade contextual latino-americana. Igualmente, percebemos que o autor, na manifestação literária de signos da latinidade, vale-se de elementos condizentes à aculturação, à qual o povo latino-americano se submeteu, como podemos entrever na sua obra biográfica *Viver para Contar*. Em *Viver para Contar*, o relato de experiência revela que a singularidade latino-americana é focalizada na interface com o “outro” europeu ou norte-americano. Desses dois paradigmas emergem a figura alegórica do neo-colonizador, dando-se destaque às maneiras distintas pelas quais as singularidades se entreviam no mundo e a partir das quais passaram a interagir e a se metamorfosear reciprocamente. Finalmente, vê-se que essas conexões, dentre outras coisas, traz à tona o perfil de latino-americanos que acreditamos ter e / ou ser.

José Ignacio Roquette y Manuel Antonio Carreño: construcción de sujeto y ciudadanía en los manuales de urbanidad y buenas maneras del siglo XIX
NATALIA LÓPEZ (UdCh)

Uno de los pilares de la formación y consolidación de los modernos estados nación fue la construcción de sujetos civilizados y ciudadanos acordes al orden legal y jurídico que los nuevos marcos constitucionales imponían. Para alentar esta construcción, se recurrió a la educación en valores, normas y buenas conductas que se difundieron a través de los manuales de urbanidad y buenas maneras, publicados profusamente a lo largo de todo el siglo XIX en las diversas naciones latinoamericanas. A través de ellos se pretendió normar no sólo al sujeto social y colectivo si no también al sujeto individual y su intimidad. Nos detendremos en el análisis de dos casos ejemplares: el manual del portugués, José Ignacio Roquette, quien a través de la publicación de su *Código do bom tom* pretendió orientar y pautar la conducta de los nuevos ciudadanos del imperio brasileño, y el manual de Manuel Antonio Carreño, venezolano que adquirió fama por su *Manual de urbanidad y buenas maneras*, publicado en todas las naciones latinoamericanas de habla hispana, y que desde su primera aparición, en 1854, no ha dejado de reeditarse hasta el día de hoy. Analizaremos en estas dos obras representativas los mecanismos a los que apela el discurso de los manuales para erigir la construcción e imposición de ciudadanía, el cual, a través de la homogeneización de los modales, el destierro de la barbarie y la búsqueda de la impronta civilizatoria y moderna como marca para las nuevas subjetividades nacionales, también se erigió como un discurso de la exclusión.

POESIA E IMAGINÁRIO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Ana Maria Lisboa de Mello (PUC-RS/UFRGS)
Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro (UFU)
Enivalda Nunes Freitas e Souza (UFU)

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1009

A edificação do poema em Dora Ferreira da Silva: das traduções de Jung e de poetas místicos
ENIVALDA NUNES FREITAS E SOUZA (UFU)

A proposta desse trabalho é observar os influxos das traduções de Dora Ferreira da Silva em sua poesia. Além de poeta premiada, Dora Ferreira da Silva também consagrou-se como tradutora de poetas de expressão da literatura universal, com destaque para Rainer Maria Rilke, poeta com o qual sua obra se estreita. Autora de uma poesia permeada pelo sentido do sagrado, a poeta lança mão tanto das tradições religiosas pagãs quanto das judaico-cristãs, fator que também está intimamente ligado à profissão de tradutora, haja vista suas traduções dos poetas místicos San Juan de la Cruz, Angelus Silesius e Johannes Tauler, e do psicólogo das profundezas Carl Gustav Jung. Em 1986, a poeta escreve em parceria com o teólogo Hubert Lepargneur, com quem já havia trabalhado sobre a poesia de San Juan de la Cruz, a obra Angelus Silesius, a mediação do nada. Nesse mesmo campo místico, em 1997, os dois ainda haveriam de escrever Tauler e Jung, o caminho para o centro. Angelus Silesius viveu na Alemanha do século XVII e causou embaraço no meio religioso com sua obra de inspiração religiosa Viajante querubínico. Pelos paradoxos de suas imagens, na tentativa de captar a Imago Dei no homem, o livro fere a leitura canônica tanto protestante quanto católica, deixando um legado de beleza poética e numinosidade humana que, à feição da obra de Tauler (1300-1361), se irmana ao pensamento de Jung. A união dos opostos, a alma deificada, o homem-Cristo, a hierofania de Deus na pedra, na flor e no animal caracterizam a poesia desses místicos e constituem a matéria do poema de Dora Ferreira da Silva. Da poesia dos místicos, a poeta ainda se vale de alguns procedimentos técnicos.

Waly Salomão: edênico e apocalíptico ELZIMAR FERNANDA NUNES RIBEIRO (UFU)

Em 1972, Waly Salomão (então se apresentando como Waly Sailormoon) publicou *Me segura qu'eu vou dar um troço*, considerado como uma das mais fundamentais obras do momento pós-tropicália. A obra trazia consigo a angústia de uma jovem geração de artistas que viu seu anseio vigoroso de provocar de mudanças significativas no panorama sócio-cultural brasileiro barrado pela coerção exercida pelo totalitarismo conservador do Regime de 1964; trazia também as marcas da experiência brutal do encarceramento do autor no presídio do Carandiru. Dilaceramento, agressividade, espírito catastrófico, iconoclastia são algumas das características que configuram a estética transgressora do livro, numa experiência radical, em que o escritor força insistentemente os limites da criação poética. Entretanto, o alto nível de inventividade e quebra de padrões não implica em recusa da tradição, pelo contrário, o imaginário judaico-cristão é ativado como fonte de toda uma simbólica que expõe o desejo de transcendência do poeta, que busca na experimentação artística uma liberdade não vivida fora dela. Este trabalho estuda a presença dos mitos bíblicos no poema que abre o livro, intitulado “Profecia do Nosso Demo”, observando como a mítica edênica (com sua visão da criação de um mundo novo e original) e a mítica apocalíptica (com sua noção de destruição, catástrofe final e julgamento definitivo) se unem numa oposição complementar que sintetiza uma vontade extrema de purificação e recriação do mundo.

A mitopoética de Paes Loureiro: representações míticas e arquetípicas da serpente em *Cantares amazônicos* MARIA GORETTI RIBEIRO (UEPB)

O processo de remitologização na literatura modernista brasileira, sob a égide temática do primitivismo, teve significativa expressão nas obras dos escritores Mario de Andrade, Cassiano Ricardo e Raul Bopp, visto que eles se utilizaram de mitos e lendas nacionais para construir, respectivamente, *Macunaíma*, *Martiam Cererê* e *Cobra Norato*, cujas narrativas ensejam uma releitura de mitos e lendas muito antigas. O poeta paraense contemporâneo João de Jesus Paes Loureiro também pode ser considerado um remitologizador porque se apropria de mitos clássicos greco-latinos e de lendas da Região Norte para cantar, em versos livres, o Amazonas e o Pará. Com base na mitocrática proposta por Gilbert Durand e na crítica junguiana da cultura, este trabalho se debruça sobre *Cantares amazônicos*, em cuja trilogia se faz uma análise das representações do imaginário da natureza amazônica como o locus amoeno corrompido pelo homem, ressaltando as imagens arquetípicas da lendária Cobra-Grande com o intuito de estabelecer uma analogia com os mitos clássicos da Serpente e demonstrar o fundamento mítico da lírica de Paes Loureiro, em cuja criação se realiza o eterno diálogo entre mito e literatura.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1009

O mito de Hermes na poesia de Manoel de Barros

SUELI MARIA OLIVEIRA REGINO (UFG)

Entre o século I e II, muitos livros atribuídos a Hermes Trismegisto foram reunidos sob o título geral de *Corpus Hermeticum*. O hermetista do século II buscava nesses livros a confirmação de verdades desconhecidas, esperando que os conceitos ali contidos pudessem se confirmar mutuamente. Essa expectativa fez com que um dos princípios da Lógica clássica, o “terceiro excluído”, entrasse em crise, pois, nesse processo, percebeu-se que diferentes conceitos poderiam se mostrar verdadeiros, ainda que parecessem contraditórios. Sob essas condições, parecia assentado que os livros continham códigos misteriosos e que também poderiam esconder outros significados, diversos daqueles que se mostravam aparentes. Herdeiro do hermetismo do século II, o pensamento hermético moderno se desenvolveu como forma de reação ao modelo lógico ocidental, firmemente estruturado sobre os conceitos de identidade e não contradição. Na concepção hermética de mundo, os pares de opostos se apresentam interpenetrados, vinculados por uma similitude interna que os torna coesos. Gilbert Durand (1993) propõe uma atualização da metodologia hermética, pretendendo, à luz da hermenêutica simbólica, uma interpretação totalizadora da realidade. Para Durand, Hermes, mediador e iniciador exemplar, é uma divindade da problemática da alteridade. Seu mito, ligado à alquimia, se estrutura em torno de temas como a potência do ínfimo, a harmonização dos contrários e a condução das almas. De acordo com Durand, o mito de Hermes emergiu no século XX, opondo-se aos modelos mecanicistas do positivismo e oferecendo ao homem moderno a oportunidade de recuperar o primitivo pensamento simbólico como objeto de percepção interna, escapando das imposições do modelo lógico. O objetivo deste trabalho é analisar sob a perspectiva da mitocrítica de Gilbert Durant, a recorrência de mitemas que sugerem a presença do mito de Hermes na produção poética de Manoel de Barros entre 1937 a 1989, período abarcado em *Gramática expositiva do chão: (Poesia quase toda)* (1996). Além do jogo da ocultação e do desvendamento, da harmonização dos contrários e da valorização do ínfimo, também podem se configurar como mitemas a multiplicidade do ser e a metamorfose contínua, ligados ao caráter múltiplo do Hermes alquímico e intimamente relacionados aos processos iniciáticos. Sob os auspícios de Hermes, o mediador, deus ligado à Obra alquímica, aos mistérios das letras e aos ritos iniciáticos, Barros posiciona-se entre o leitor e a linguagem de uma poesia crítica, que se dobra sobre si mesma, buscando sentido no interior de seu próprio espaço vital. Palavras-chave: Poesia contemporânea; Manoel de Barros; Mitocrítica; Hermes Trismegisto, Gilbert Durand.

As representações do feminino na poesia de Adélia Prado

MICHELLE VASCONCELOS OLIVEIRA DO NASCIMENTO (UFRN/FURG)

Nas últimas décadas do século XX a poesia feminina tem emergido no Brasil. O número de mulheres que passou a produzir cresceu e a poesia adquiriu um novo caráter, abandonando velhos temas, desvinculando-se das “novidades” apresentadas pelos antigos centros culturais e da produção masculina. A poesia feminina contemporânea precisou-se, dentre outras questões, do próprio feminino, dos papéis sociais, culturais e históricos da mulher e das questões inerentes a sua sexualidade. Dentre as poetisas brasileiras contemporâneas que exploram tais questões, encontramos o nome de Adélia Prado como um dos principais expoentes, em cuja poesia o feminino aparece sob múltiplas faces que o representam na sociedade. Ao realizarmos uma análise dos símbolos e das representações femininas em sua poesia, o que encontramos são imagens que nos remetem a dois mitos da mulher na cultura judaico-cristã, o de Lilith e o de Eva. Esta comunicação tem a proposta de discutir como essas imagens míticas concernentes à mulher aparecem na poesia de Adélia Prado, e apresentam o transgressor, a Lilithiana, e a resignação, a Eva, arquétipos da desobediência e obediência, os quais representam o paradoxo da condição feminina na sociedade contemporânea e expressam os dilemas porque passam as mulheres, que tentam manifestar-se enquanto sujeitos ativos e sexualizados, dotados de voz e corpo, e não como apêndice social do homem, como são tratadas há mais de dois mil anos na nossa cultura.

O tema de Narciso na lírica moderna: espelho e inquietação

ANA MARIA LISBOA DE MELLO (PUC/UFRGS)

A criação lírica tem profunda afinidade com o mito. Os poetas, em diferentes épocas, fazem renascer ou regenerar, através de sua imaginação, símbolos arquetípicos, próprios dos mitos. De acordo com Cassirer, a linguagem e a arte se desprendem do pensar mítico e, na criação artística, a palavra conserva o “poder figurador original” do mito, ao mesmo tempo que o renova. Aberta a uma liberdade imprevisível no jogo das significações e na experimentação da linguagem, a lírica moderna reapropria-se desse passado, mantendo o diálogo com um “patrimônio poético, mítico e arcaico” da humanidade, conforme observa Hugo Friedrich. A presença do mito na poesia acusa-se através da retomada de imagens arquetípicas cujas forças continuam a aludir a um estado anímico, uma idéia ou um sentimento do mundo, a exemplo do emprego do “mar” ou da “noite” para referir-se a uma força, a um mistério impenetrável, a uma origem ou estado anterior.

or à criação. No nível do tema, expressão particular de um motivo, segundo Raymond Trousson, a lírica recupera, dos relatos da mitologia clássica, personagens (tal como Narciso) e suas situações dramáticas, para dar lugar a reflexões associadas àquilo que elas podem simbolizar em um determinado imaginário cultural. O mito de Narciso corresponde a imagem do Poeta que contempla, que transforma o que vê em símbolo (Natureza é “uma floresta de símbolos”, segundo versos de Baudelaire), expressando a perplexidade, a angústia e a inquietude que advém do ato de reflexão, motivo por que continua a ser uma figura presente, em constante metamorfose, na produção poética moderna.

**Programação dos Simpósios
TARDE – 14h30-16h30**

A FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA E O PROCESSO DE MUNDIALIZAÇÃO II

Eleonora Ziller Camenietzki (UFRJ)
Homero Vizeu de Araújo (UFRGS)
Irenísia Torres de Oliveira (UFC)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1100

Sociedade e forma na crítica literária de Lukács, Candido e Schwarz
IRENÍSIA TORRES DE OLIVEIRA (UFC)

N'*A teoria do romance*, de Lukács, o romancista é um criador de formas. Ele deve ser capaz de, pelas virtudes da forma, engendrar a totalidade a partir dos elementos de um mundo fragmentado. A Educação sentimental, de Flaubert, com seus “fragmentos duros, sem atmosfera ou comentário”, pode ainda preencher esse requisito. A partir dos ensaios dos anos 30, Lukács muda de visão. As formas aceitas para o romance agora são dadas pelas forças sociais em jogo e por seus conflitos, de cuja riqueza o gênero pouco formalizado havia tirado opções de travejamento e unidade. Balzac, que tinha uma posição secundária n'*A Teoria do romance*, é agora o grande modelo de realismo, mas isso não trará boas consequências para os estudos do crítico. Quando este faz coincidir diretamente as formas do romance com as da sociedade em Balzac, pouco resta a suas análises além da paráfrase dos conteúdos, do que reclama Theodor Adorno, em ensaio sobre o crítico, e Antonio Candido, mais tarde, em análise sobre estudos de literatura e sociedade. A dimensão da forma literária permanece, nesses ensaios, imóvel e intocada, refletindo, por sua vez, uma visão um tanto esquemática da própria sociedade burguesa na França, convertida também em modelo. O mesmo não acontece, por exemplo, nos ensaios sobre Dostoiévski ou Gottfried Keller, em que a forma se movimenta e aparece. Como, para Lukács, as sociedades representadas nessas obras não são “modelarmente” burguesas, ele precisa apostar na objetividade e historicidade da forma e buscá-la fora dos esquemas. A proposta do presente trabalho é discutir essas questões em relação a Lukács e se os desafios de pensar a sociedade brasileira, em sua especificidade, propiciaram a críticos brasileiros como Antonio Candido e Roberto Schwarz uma noção de forma literária, a um só tempo, mais particularmente histórica e mais autônoma.

“Desvario embora, lá tem seu método”! Ou *Quincas Borba*, o outro lado da seriedade burguesa
CARLA CRISTIANE MARTINS VIANNA (UFRGS)

No intuito de investigar algumas questões ainda nebulosas na crítica de *Quincas Borba*, o presente trabalho inspirou-se na leitura da tradição romanesca do século XIX realizada por Franco Moretti, crítico que, na esteira de Auerbach, leu a seriedade característica do capitalismo racional-burocrático inscrita na narrativa de autores como Balzac e Flaubert. Assim, conforme a leitura morettiana, os anos do Oitocentos representaram o “século sério” na vida e na arte da sociedade de então, pois tanto uma quanto a outra refletem um compromisso com a regularidade e a racionalização burguesas, critérios definidores de romances como *Robinson Crusóe*, por exemplo. Tal lógica também é explicativa dos traços contidos e sóbrios de romances como *As ilusões perdidas* e *Madame Bovary*, tendo em vista que a forma do gênero romanesco mimetizava a seriedade como confiabilidade e método. O acerto de contas com a realidade encarado como um valor pela sociedade oitocentista foi problematizado por Moretti especificamente nas literaturas da França, da Grã-Bretanha e da Alemanha. Por essa razão, o movimento argumentativo do nosso estudo realizará um deslocamento dialético do exposto por Moretti, contrapondo as teses acerca do século sério refletido na literatura oitocentista desses locais com uma leitura crítica do romance de outras nacionalidades, ou melhor, cotejando o tratamento dado à seriedade burguesa por Balzac e, posteriormente, por Eça de Queirós com aquele que é configurado na literatura de Machado de Assis, especialmente no *Quincas Borba*. Tal metodologia se orienta por uma questão específica: a seriedade burguesa como estilo (ou cultura) teve vez em literaturas periféricas ou, adotando a metáfora de Antonio Candido, em galhos secundários de arbustos de segunda ordem no jardim das Musas? Em outras palavras: qual o lugar do romance de Eça de Queirós e de Ma-

chado de Assis no panorama de um século percebido como o do auge da seriedade burguesa? No esforço para responder a essa pergunta, analisaremos até que ponto houve a tal seriedade burguesa como um estilo cultuado na literatura queiroziana, bem como investigaremos o contraponto brasileiro representado pelo romance machadiano.

Desenvolvimentismo e desfecho autoritário no Brasil (1945-80): heróis do povo, criaturas condenadas e outras tensões na forma literária HOMERO JOSÉ VIZEU DE ARAÚJO (UFRGS)

Aqui se defende que o desenvolvimentismo estabelece um vetor histórico a ser refratado e reelaborado pela forma literária a ponto de configurar, em parte, o narrador de Grande Sertão: Verdades e os temas e procedimentos de Primeiras Estórias, assim como estabelecer a trajetória dos heróis do povo de Ariano Suassuna, Guarnieri e Chico Buarque, em contraste com as abjeções a que são submetidas as criaturas de Nelson Rodrigues. As ambivalências e impasses da celebração tropicalista seriam também melhor estudadas enquanto sinal da formação nacional pífia, na medida em que as promessas do desenvolvimentismo encontraram o desenlace autoritário nos anos 60.

Há algo de positivo no atraso? Consequências da chegada tardia da imprensa para a formação de um sistema literário no Brasil BRUNO GUIMARÃES MARTINS (UFMG)

Adotar uma perspectiva sistêmica significa revelar a importância do medium para a delimitação de um sistema literário que se constitui em face à sociedade. Desta forma, a consolidação de um sistema literário próprio implica uma diferenciação com uma série de práticas que emergem, por contraste ao literário, como orais, ou como “não-literárias”. Temos então que o próprio processo de formação e fortalecimento do sistema literário se constitui como lugar privilegiado para se observar o que o caracteriza. Quaisquer discursos que participam de uma noção de “atraso” tem como base uma projeção histórica linear, onde três séculos e meio distanciam o aparecimento da imprensa no ocidente de sua chegada ao Império do Brasil. Não se trata de negar tal linearidade, mas de questionar a noção evolutiva implícita em tal raciocínio, que não só nos destina, eternamente, a uma posição irrelevante, mas encobre particularidades da nossa própria história que não se encaixam nesta forma de ordenação. Se concordamos que certas prescrições normativas parecem perder suas forças na medida em que se afastam dos centros de onde são produzidas, talvez haja um certo privilégio em se observar a margem. Se estar à margem implica em flexibilizar, adaptar, modificar, distorcer modelos, ao se observá-la é necessário juntar à atividade auto-reflexiva os mesmos movimentos. Foi justamente o “atraso”, ou seja, a constituição de um sistema secundário, o que proporcionou uma espécie de liberdade para que se formasse um sistema literário próprio no Brasil. A compreensão “positiva” do atraso implicaria no seguinte encadeamento de hipóteses, que pretendemos demonstrar neste artigo: a) O atraso na instalação da imprensa proporciona uma situação particular onde o medium impresso sofre dificuldades de “naturalização”, estas dificuldades se devem não só ao atraso histórico, mas à forte presença de uma cultura oral; b) Instaura-se, no seio do sistema letrado em formação, um espaço de conflito com um vigoroso sistema oral, fazendo surgir uma lógica paradoxal e ambígua que passa a caracterizar o sistema literário; c) A função de esclarecimento implícita na ordem escrita tem sua eficácia suspensa, para se ativar esta função é necessária a auto-consciência de sua lógica paradoxal e das ambigüidades dela decorrente. Além da análise da historiografia e da crítica literária, elegemos o “primeiro editor digno deste nome entre nós”, Francisco de Paula Brito, como personagem central para exemplificar as hipóteses que acabamos de descrever, ou seja, como resultado “positivo” do atraso. Atuando de 1831 a 1860, Paula Brito e sua “Sociedade Petalógica” são uma importante peça para se compreender algumas características do sistema literário Brasileiro. As atividades das diversas tipografias que possuiu no período, além da auto-reflexão bem-humorada formulada pela “Petalógica”, podem esclarecer particularidades da nossa história obscurecidas pela interpretação negativa que o atraso teima em nos impor.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1100

José de Alencar e a concepção do papel da literatura na sociedade brasileira JOSÉ DINO COSTA CAVALCANTE (UFMA)

José de Alencar sempre refletiu – seja no início de sua trajetória como romancista ou nos anos finais de sua vida (anos de 1870) – o papel do escritor na sociedade brasileira. Quando da publicação de *A confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, o autor de *Iracema* lançou uma série de artigos no jornal *Diário do Rio de Janeiro* em que expunha suas ideias sobre o valor da obra e sobre o papel do ficcionista. Na década seguinte, já com a publicação de vários romances, como *O guarani*, *A viuvinha*, entre outros, e com a representação de várias obras teatrais, passa a discutir, na imprensa, os objetivos da arte literária. Discute, por exemplo, com o crítico português Pinheiro Chagas, afirmando que a língua deve ser entendida como "a nacionalidade do pensamento" assim como a pátria deve ser vista como a nacionalidade do povo. Estava claro para o autor cearense, já nessa época, que o escritor nacional deveria criar condições para que a língua usada nos textos literários pudesse abarcar a então crescente sociedade brasileira – o que será amplamente debatido nos textos dos modernistas de São Paulo. Em 1875, em polémica com Joaquim Nabuco, Alencar, em longos e frequentes artigos, no jornal *O Globo*, volta a refletir sobre o papel do escritor nacional, afirmando que as condições encontradas por sua geração determinaram um diálogo com a literatura francesa, uma vez que a pátria de Alexandre Dumas Filho apresentava-se mais desenvolvida no aspecto cultural. Para ele, o grande legado seu era ter sido um dos primeiros obreiros da "futura literatura nacional". Esta comunicação pretende discutir o papel que o romancista José de Alencar teve na formação da literatura brasileira: suas relações com a imprensa, o debate com outros grupos de autores, a proposta de abarcar um cenário amplo do Brasil, com o chamado romance regionalista, o resgate da história, o papel do índio da constituição da sociedade brasileira, a presença do negro, como no drama *Mãe*; enfim, de que maneira o romancista pensa a literatura nacional, inclusive dentro do chamado processo de intercâmbio internacional, já que muitas obras publicadas no Rio de Janeiro, então Corte do império brasileiro, alcançavam um significativo (pelo menos para a época) número de leitores em outros países, como Portugal, por exemplo. Para tanto, as ideias de Antonio Candido servirão para entender o cenário sócio-histórico da época e o legado do autor de *Lucíola*, dito de outro modo: contribuirão para entendimento da confluência sociedade e literatura.

Machado de Assis cronista
 MARIANA DA SILVA LIMA (UFRJ)

A comunicação irá apresentar as conclusões parciais obtidas na pesquisa de tese de doutorado intitulada "Machado de Assis, um cronista na Primeira República - Visões do país na série 'A Semana'", que tem por objeto a última série de crônicas publicadas pelo autor (entre 1892 e 1897 na *Gazeta de Notícias*). O estudo comparativo entre a série "A Semana" e as séries anteriores, além de três outros textos de 1859, propiciou um novo eixo de análise e sugeriu algumas hipóteses relativas à influência do mecanismo editorial sobre o conteúdo e a forma das crônicas machadianas em momentos-chave do processo histórico brasileiro no final do século XIX. Em dois artigos de 1859, Machado louva os avanços da indústria e, em particular, o jornal como "grande veículo do espírito moderno". Tanto em "O jornal e o livro" quanto em "A reforma pelo jornal", o escritor argumenta que o jornal representaria "um sintoma de democracia", uma vez que, constituindo-se como espaço propício ao debate público, possibilitaria o questionamento do *status quo* e a derrota das monarquias. O argumento liberal, contudo, é relativizado em outro texto do mesmo ano – "O folhetinista", que indica a existência de um problema de transposição da crônica do solo europeu para o brasileiro. Em 1876, outra crônica já aponta uma clara mudança em relação àquela primeira percepção, muito influenciada pela ideologia liberal, que via no jornal "o germen de uma revolução" não apenas literária, mas também social e econômica. Este novo texto, em que o cronista comenta o recenseamento do Império – "do qual se conclui que 70% da população não sabe ler" –, aponta claramente o obstáculo que o analfabetismo representava para a democracia. Essa consciência mais aguda da realidade brasileira vai gradualmente penetrando seus textos e se intensifica na década de 1870, de modo que *esse conteúdo social se sedimenta na forma literária* (Adorno). Assim, o período compreendido entre as séries "Badaladas" e "Bons dias!" mostra que Machado foi desenvolvendo literariamente formas de expressar o nó ideológico (na expressão de Roberto Schwarz) que representava o liberalismo no país. Quando finalmente chegamos à série "A semana", é possível perceber a maestria do autor no trato com a forma literária, e a exposição daquela tensão por meio de recursos complexos e variados. Sintomaticamente, o final da série coincide com uma grande encruzilhada na história brasileira: a campanha de Canudos. As sete crônicas que abordaram esse assunto (dispersas entre 1893 e 1897) parecem revelar uma nova visão por parte de Machado quanto ao papel da imprensa na modernidade e aos limites da posição dos intelectuais. Nota-se uma oscilação de posições contra e a favor dos canudenses, o que expressaria uma dificuldade do autor de assumir uma postura diferente daquela defendida não só pela *Gazeta de Notícias* como também pela imprensa como um todo. Se a hipótese estiver correta, isso significa que Machado teria chegado a uma percepção segundo a qual a imprensa não só pode ignorar as desigualdades sociais, mas ainda pode ajudar a aprofundá-las. Instituição de fomento: FAPERJ

Uma cidade e uma literatura em formação: o romance *A afilhada* e a Fortaleza do final do século XIX
 TIAGO COUTINHO PARENTE (UFC)

A cidade de Fortaleza, no final do Século XIX, passou por um processo de urbanização e de mudanças sociais. Os jornais e as revistas tornaram-se os principais veículos dessa geração para expor seus pensamentos políticos e sua produção literária. Para garantir a existência desses periódicos, intelectuais organizavam-se por meio de confrarias, sociedades, clubes, academias. O crescimento urbano de Fortaleza acontece em paralelo com a expansão de agremiações e clubes de leitura. Surgem também as primeiras narrativas em formato de romance que tentam (d)escrever Fortaleza. Os exemplos mais sintomáticos são *A Normalista*, de Adolfo Caminha e *A Afilhada*, de Oliveira Paiva. Este artigo analisa como Fortaleza foi construída no texto *A Afilhada*, escrito por Oliveira Paiva, em 1889, nos rodapés do jornal *Libertador*. Oliveira Paiva, participante do Clube Literário, agremiação responsável pela publicação da revista *A Quinzena*, iniciou os debates, no Ceará, acerca da literatura naturalista que pretendia contar com embasamento científico para a sua composição estético-literária. Um ano antes de escrever *A Afilhada*, Paiva publicou, em *A Quinzena*, dois artigos com os títulos: *Naturalismo* e *O que vem a ser uma obra naturalista?*. Com essa escola literária, ele acreditava ser o começo de acabar com o provincianismo brasileiro. Em suas elucubrações sobre o Naturalismo, ele questionava o verdadeiro significado de copiar a natureza e chega à conclusão de que a imitação não pode ser mera reprodutora, mas também criadora da realidade. A criação, no entanto, estava submetida aos procedimentos e rigores das leis naturais. Para Oliveira Paiva, o método das ciências naturais deveria guiar o sentido de sua preocupação com o mundo no qual se vive. Consciente da necessidade de captar e criar a realidade, ele tenta demonstrar, em sua escrita, as transformações urbanas por qual Fortaleza passava. Porém, como lembra Antonio Candido, os escritores naturalistas eram contrários à idealização romântica, mas possuíam um posicionamento intelectual ambíguo. Sendo o naturalismo uma transposição direta da realidade, os escritores não encontravam elementos que justificassem o orgulho nacional. Permanecia o sentimento de colonização, com uma redução para elementos científicos, voltados para a animalidade ou para a construção de homem concebido como síntese das funções orgânicas. Oliveira Paiva, logo no segundo parágrafo do romance, mostrava Fortaleza como uma cidade “florescente”, um “organismo em formação”. Ele descreve os hábitos citadinos existentes em Fortaleza, e demonstra, a partir da trajetória de vida de duas personagens femininas, a existência de duas realidades distintas na cidade. Na Fortaleza de Oliveira Paiva, políticos, intelectuais e uma elite esclarecida sonham com progresso e contribuem para a expansão e consolidação do capitalismo no projeto urbano. Mas entre suas ruelas e becos, há ex-escravos e miseráveis que não conseguem acompanhar o projeto proposto pelas elites. O mundo iletrado se assusta com o apito do trem, morre esmagado pela tecnologia, ameaça o lazer da elite no sereno dos bailes. A cidade quer ser grande, mas a população iletrada torna-se um obstáculo. O artigo conta com o amparo teórico de Antonio Candido, Walter Benjamin, Angel Rama, Elisa Cevalco, Robert Schwarz.

Memórias do cárcere, de Graciliano Ramos: relações entre a posição do intelectual e a forma literária

MARCIO FONSECA PEREIRA (UFRJ)

Uma das discussões que historicamente se desenvolveu em torno de Graciliano Ramos tem como ponto central a determinação do peso de suas convicções políticas na feitura de suas obras. Em *Memórias do cárcere*, onde segundo Antonio Candido a “necessidade de criar” dá lugar à “necessidade de depor”, a forma autobiográfica (já experimentada em *Infância*) aparece com o viés político bastante acentuado, na medida em que Graciliano, mesmo quando se concentra no pequeno fato, visa sempre representar o quadro mais amplo da realidade brasileira às vésperas do Estado Novo. Graciliano – sempre crítico de certas posições conservadoras da intelectualidade brasileira – não deixa de reconhecer suas próprias contradições enquanto oriundo de uma classe social decadente. Nesse sentido, o reconhecimento dos problemas próprios à sua condição de intelectual de nação periférica – que já aparece em *Angústia* por meio de Luís da Silva – ressurgem numa obra que revela sua vontade de deixar um documento literário e político de desagravo aos que foram oprimidos pelo arbítrio do governo Vargas. Se em termos extraliterários o desejo de participação política mais efetiva se dá pela atuação no Partido Comunista – em que pesem as contrariedades que teve de enfrentar devido a aspectos dogmáticos do partido – nas *Memórias* ele ocorre pelo autoquestionamento constante e pela construção heterodoxa, cujos traços de ficção podemos atribuir não só ao fato de o romance ser o gênero no qual o escritor melhor se expressou, mas também pela própria necessidade de aproximação cuidadosa, às vezes de viés, a uma realidade obscura, própria ao regime de exceção. Nossa investigação das *Memórias* busca, portanto, os traços que marcam na escrita a expressão da subjetividade do intelectual, dando riqueza à obra e que, no encontro de documento e ficção, representam a tentativa de reescrever a história sob um ponto de vista crítico em que o individual e o coletivo se entrecruzam em constante dialética.

Dulce Veiga e Castana Beatriz: fantasmas de uma geração,

JULIANE VARGAS WELTER (UFRGS)

A partir da discussão do texto de Ridenti (2000), *Em busca do povo brasileiro*, discute-se a ideia de *romantismo revolucionário*, conceito de Michael Löwy e Robert Sayre, nas obras *Onde andar* *Dulce Veiga* (1990), de Caio Fernando Abreu e *Benjamim* (1995), de Chico Buarque. Se a utopia romântica e revolucionária dos anos 60 e 70 tinha como eixo a figura do homem do povo como agente de transformação da História, cabe aqui compreender a presença deste enfoque e desta retomada da ditadura militar na literatura brasileira contemporânea. Os romances revelam uma série de referências ao período ditatorial, onde esse *romantismo revolucionário* se fez presente na música popular, no cinema, no teatro, nas artes plásticas e também na literatura. Por serem escritas no final do século XX, a leitura destas obras exige uma reflexão sobre a forma pela qual estes autores, já consagrados pela literatura ou pela música, absorvem a ideia de utopia romântica ou revelam o seu esvaziamento no final do século.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1100

Destroços e fragmentos: dilaceramento subjetivo em “Boi morto”, de Manuel Bandeira
WILSON JOSÉ FLORES JR. (UFRJ)

“Boi morto” é um dos poemas de Manuel Bandeira que costumam ser considerados como herméticos, por alguns leitores e críticos. Bastante diverso da fluidez e da expressão aparentemente cristalina de alguns dos poemas mais conhecidos do autor, em torno dos quais se consolidaram leituras baseadas em categorias como *simplicidade e humildade*, o poema de *Opus 10* convida à exploração de outras dimensões da obra de Bandeira, em que a precisão que caracteriza sua linguagem poética combina-se com certo mergulho no “inefável” a partir de remissões, associações e sugestões musicais herdadas do Simbolismo e de uma percepção lírica constitutivamente dilemática e tensionada.

A cidade e o discurso literário sobre o urbano, em uma narrativa de Moacyr Scliar
BELMIRA MAGALHÃES (UFAL)

Esta comunicação tem como objetivo analisar a relação da cidade com a representação literária que Moacyr Scliar realiza no conto História porto-alegrense, da década de setenta do século passado, assinalando o papel da arte na relação entre a realidade e a constituição das subjetividades modernas, tendo como pressuposto o referencial teórico de Georg Lukács sobre a relação sujeito/objeto em arte. A cidade e a representação da cidade na literatura sempre caminharam paralelamente. Com o início da modernidade, as cidades adquirem uma importância fundamental para o entendimento das sociedades ocidentais. O conto apresenta duas temáticas principais entrecruzadas – as relações de classe e de gênero –, mas efetivamente revela como as relações entre aqueles que dominam o espaço urbano e os pobres são o fundamento da configuração do espaço urbano. Evidentemente esse não é o único fator que define o mapa da cidade, por isso o romancista agrega a essa base fundante outras categorias que explicam a ocupação e a desocupação de bairros, a especulação econômica, a retirada de populações de determinados lugares, como Baudelaire havia feito no século XIX, sobre Paris, no conto Os olhos dos pobres (Baudelaire, 1995). A violência é o tema dos dois contos, e o narrador alerta para as consequências da lógica do sistema capitalista sobre a individualidade, que usa o ser humano como coisa, deslocando-o sempre que necessário para a manutenção do lucro e do prazer da classe que domina, e não permitindo ao homem/mulher se perceber como centro de sua própria vida. O indivíduo perde a capacidade de se ver como gênero humano, passando a sobreviver no emaranhado de sua cotidianidade. No conto de Scliar, perpassando essa relação está a cidade que, com sua fisionomia, cria uma paisagem de naturalidade entre pobres e ricos, a fim de que as consciências de seus habitantes se acalmem. A narradora de Scliar (uma mulher, uma cidade, um país) cala-se diante de toda a violência sofrida, aceitando-a como natural à condição de oprimida e internalizando-a. No entanto, há no conto também a possibilidade de que as opressões sejam combatidas.

Estudo sobre *Ópera dos Vivos* da Companhia do Latão
PRISCILA SAEMI MATSUNAGA (UFRJ)

Em sua recente montagem, “Ópera dos vivos”, o grupo teatral paulistano Companhia do Latão propõe uma reflexão crítica da produção cultural brasileira dos últimos 50 anos, produzindo um espetáculo construído a partir de 4 atos, cada um versando sobre uma manifestação artística específica: o Ato I – Teatro, a Sociedade Mortuária: uma peça camponesa, apresenta uma reflexão sobre a produção teatral a partir da apresentação de um grupo de teatro ensaiando uma peça sobre a questão agrária brasileira e a formação das Ligas Camponesas; o Ato II – Cinema, Tempo Morto: um filme sobre o golpe, é literalmente um filme média-metragem que dialoga com a produção do Cinema Novo, em especial com “Terra em transe” de Glauber Rocha; o Ato III – Música popular, privilégio dos mortos, dialoga com o tropicalismo, os artistas e a música produzida após o golpe de 64, e o Ato IV – Televisão, Morrer de Pé, acentua a reflexão sobre o modo de produção do artista contemporâneo, a fragmentação e especialização exigida para a manutenção da indústria cultural, em especial, a produção televisiva. Em seu conjunto a montagem, de aproximadamente 4 horas, é um convite à reflexão sobre a cultura brasileira e seus meios de produção, incidindo, em especial, sua crítica às condições de trabalho dos artistas em diferentes períodos. O presente trabalho contempla uma reflexão sobre o Ato I – Teatro, buscando a compreensão dos aspectos dramaturgicos e cênicos apresentados pelo grupo. O viés adotado nessas observações busca compreender como “Ópera dos vivos” se constitui como um espetáculo que, deliberadamente, compete com as atuais formas de representação no teatro brasileiro, ao propor uma montagem que se desdobra em questões que, pela visão de muitos, estão ultrapassadas: a luta de classes, a ditadura, o trabalho (também presentes em outras montagens); temas precipitados pela produção épico-formal da cena, o que delinea a disputa pela *convenção para a produção do teatro brasileiro. Provisoriamente indico que, por convenção, busco dar conta da estrutura de sentimento emergente em “Ópera dos vivos” e na produção do Latão. A estrutura de sentimento, conceito utilizado por Raymond Williams, segundo Cevasco (2010) procura dar conta de uma área da experiência que é social e material, mas ainda não completamente articulada...O central dessa noção é o esforço de incorporar à análise da cultura noções que fazem parte da nossa experiência de obras de arte, mas que ficam normalmente relegadas para a área difusa, mal-explicada e pouco rigorosa das impressões, sensações e ... sentimentos. Isso tudo em prejuízo do fato de que todos eles, impressões, sensações e sentimentos, fazem parte da experiência do vivido e são motores da fruição da arte. O Latão, a partir de uma operacionalização particular do efeito de estranhamento proposto por Brecht, disputa com a hegemonia teatral brasileira contemporânea a própria convenção teatral. Re-significa o “estranhamento técnico-propagandístico” e imprime na cena teatral contemporânea o debate sobre a função da arte.*

Brecht no interior do Paraná: a atualidade do teatro épico-dialético longe da metrópole

ALEXANDRE VILLIBOR FLORY (UEM)

A proposta deste Simpósio, calcada na boa tradição crítica materialista, cria espaço para contribuições das mais diversas áreas. O teatro, embora não mencionado explicitamente, constitui uma delas, a se lembrar da crítica do teatro épico-dialético de Brecht e sua influência no pensamento estético benjaminiano. Sua rica recepção e atualidade no Brasil formam um campo de interesse para autores como Roberto Schwarz e Sérgio de Carvalho, entre muitos outros. Além disso, o papel do teatro para a história da literatura brasileira é muito significativo, a despeito de seu apagamento e desprezo acadêmicos. Essa quase extinção faz ecoar a asserção de Benjamin que afirma ser todo documento da cultura um documento da barbárie. A leitura de nossa história literária ‘a contrapelo’ exige, portanto, a remissão ao teatro. Pontuando apenas dois momentos decisivos do teatro nacional, remetemos ao surgimento e importância do teatro de Arena no final dos anos 50, bem como o teatro volante do CPC da UNE, num clima efervescente que envolvia os terrenos político, econômico e artístico, processo estrangulado pelo golpe de 1964 e pelo endurecimento de 1968. Outro momento decisivo e atual ocorre com o fortalecimento, a estruturação e a disseminação do teatro de grupo, a partir dos anos 1990. Essa formação é marcada por grupos relativamente estáveis, com repertório idem, pesquisa teatral, formação de um público crítico-reflexivo, com experimentações artísticas que expressam questões de relevo social, buscando a mediação entre forma literária e processo social, contra o primado do espetáculo isolado. A formação de um público dialético aponta para o nervo central dessa nova configuração, pois se apresenta como uma possibilidade de crítica da totalização negativa preconizada e realizada pela arte como indústria cultural. Nesta comunicação, pretendo discutir a formação e importância do trabalho de grupo do Teatro Universitário de Maringá (TUM), iniciando em 1987 com uma montagem conceituada de A exceção e a regra, de Brecht, desde então discutindo questões como a da autonomia da arte em uma cidade média e sem tradição teatral forte, com resultados notáveis. Sua última encenação brechtiana, Medidas contra a violência (2006), é uma montagem de poemas, cenas de peças e textos teóricos de Brecht, em especial suas Histórias do Sr. Keuner, momento-chave de consolidação do pensamento dialético na obra do dramaturgo alemão. A comunicação se centrará no estudo dessa montagem – como forma e como encenação –, que sintetiza a história do grupo, sua relação com outros centros e linguagens, e sua dinâmica com um público ainda receoso, mas receptivo. A encenação é marcada pelo off narrativo, pela fragmentação técnica e psicológica e pela dialética profunda em torno do conceito de violência, sendo a pior e mais cruel aquela da normalidade e naturalização da suposta paz burguesa – o que contradiz as expectativas suscitadas pelo título, que alude às lições de um manual de auto-ajuda. Além disso, não há personagens que possam criar identificação, o que, associado à falta de enredo, causa um impacto no público que vem à tona no debate pós-peça, exigido pela montagem, que continua nesta comunicação.

Roma-Eros e sua civilização, Ginger e Fred no espelho, Marcello-Mandrake vai à Amerika: Federico Fellini e suas narrativas em tensão
ANNA PAULA SOARES LEMOS (UFRJ)

Com *Ginger e Fred* (1984), o cineasta Federico Fellini coloca a TV no foco da câmera do cinema como um circo de fragilidades e caricaturas. O estúdio de televisão é a metáfora de uma sociedade onde tudo se tornou mercadoria, imitação. Fellini narra a artificialidade codificada pela televisão italiana e faz do filme um capítulo complementar ao *Roma* (1972) – Eros e Civilização, impulso e regra - e um capítulo que introduz *Intervista* (1987). A proposta desta comunicação é identificar, em três cenas específicas de *Roma*, *Ginger e Fred* e *Intervista*, a perspectiva *felliniana* caricatural e crítica que exacerba as fragilidades tanto do rosto do cinema quanto do rosto da televisão. Memória e montagem estruturam narrativas que transparecem as tensões cinema-televisão, Cinecittà-Hollywood, centro-periferia, artesanato-indústria, Eros-civilização.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1100

Catulo, Donga, Sinhô e Noel: o processo de formação da canção popular urbana no Brasil
CARLOS AUGUSTO BONIFÁCIO LEITE (UFRGS)

Este trabalho visa, inspirado na obra-prima de Antonio Candido, **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos, 1750-1880, a traçar um arco da formação da canção popular urbana no Brasil, sempre considerando as instâncias do autor, do público e da obra como indícios de um sistema cancionístico. Escolhi como balizas, para investigar a existência e a força desses indícios, as obras de quatro importantes cancionistas, quais sejam, Catulo da Paixão Cearense, Donga, Sinhô e Noel Rosa. Para tal, reuni dados de seus contextos, para compreender como se comportava a noção de autor no campo da canção popular, perscrutei as formas de divulgação e as tecnologias existentes à época, para mensurar a quantidade de público que estaria no horizonte de suas criações, e, por meio do modelo de análise e das proposições de Luiz Tatit, examinei se a linguagem da canção popular urbana já estava estabilizada e poderia servir de moeda comum e liame entre autores e público.

Representações sociais da leitura, do livro e da biblioteca em obras de Raul Pompéia, Machado de Assis e Lima Barreto
MAGALI LIPPERT DA SILVA (IFRS/UFRGS)

O trabalho trata das representações sociais da leitura, do livro e da biblioteca nos personagens dos romances: “O Ateneu” de Raul Pompéia, “Casa Velha” e “Esaú e Jacó” de Machado de Assis e “Triste fim de Policarpo Quaresma” de Lima Barreto. O foco em personagens idealizados por Raul Pompéia, Lima Barreto e Machado de Assis dá-se pelo fato de serem esses autores grandes expoentes da Literatura Brasileira do fim do século XIX e início do século XX e por terem, os três, trabalhado com personagens com íntima relação com a leitura, com os livros e com as bibliotecas. Através dos “personagens leitores” criados pelos autores citados, é possível perceber rupturas de pensamentos, reelaborações de símbolos, criações de novas imagens em contraposição com antigas. É possível perceber o enraizamento de crenças e a destruição de ideologias. A formação e evolução do leitor, de sua relação com os livros e com as bibliotecas através do estudo das representações sociais nas obras literárias ajudará a elucidar os motivos que levam o indivíduo a buscar o livro e, através da leitura, as possibilidades de perceber novos significados para os objetos, novas formas de representar velhas imagens e de perceber o mundo que o cerca. O estudo visa suprir uma deficiência nos estudos representacionais biblioteconômicos, que, até então, não incluíram estudos literários como uma forma de entender a percepção de intelectuais (nesse caso, escritores) sobre assuntos relacionados ao livro, à leitura e à biblioteca. Também contribui para o enriquecimento da pesquisa em Literatura que, apesar de estudar exaustivamente autores e obras, não possui em seus repositórios trabalhos que abordem as representações sociais dos autores através de seus personagens, sobre, justamente, o que é subsídio e fruto de criação: leituras, livros e bibliotecas.

A correspondência passiva de Guimarães Rosa e o sistema literário brasileiro: reflexões sobre a circulação da obra literária MARIA DO ROSÁRIO ABREU E SOUSA (UPM/ Mackpesquisa)

Esta comunicação tem por objetivo discutir a circulação da obra rosiana a partir de nove cartas de leitores para Guimarães Rosa relatando impressões de leitura de seu livro de estreia, *Sagarana*, lançado em 04 de abril de 1946. Nas linhas e entrelinhas das cartas registram-se verdadeiros testemunhos dos mecanismos de circulação da obra ao longo do período recoberto pelas cartas: quatro de 1946, uma de 1951, duas de 1953, outra de 1954 e uma de 1967. Fundamentam a pesquisa aqui apresentada estudos relativos ao discurso epistolar - subgênero carta de leitores a escritores - e teorias que tratam da recepção. A análise das nove cartas, relacionando-as aos mecanismos e agentes envolvidos na circulação da literatura no Brasil daquele tempo, permitiu que se esboçasse um capítulo da “história da circulação de Sagarana” ao longo de três décadas. Esse capítulo aponta: A)- o crescimento e amadurecimento do mercado cultural brasileiro. B)- a importância nesse mercado tanto do Estado quanto das práticas informais. C)- o longo tempo de maturação e concretização de projetos, anunciados nas cartas, de expansão da circulação de Sagarana. D)- a profissionalização ainda precária tanto do escritor como dos agentes envolvidos na circulação da obra literária. E)- projetos de traduções (para línguas estrangeiras), e de adaptações (para outros códigos intersemióticos), tanto como estratégias de consagração, quanto como propulsores da popularização do escritor e sua obra

Aproximações biográficas, históricas e literárias entre Dyonelio Machado e Juan Carlos Onetti KARINA DE CASTILHOS LUCENA (UFRGS)

O objetivo deste trabalho é aproximar Dyonelio Machado (1895 – 1985) e Juan Carlos Onetti (1909 – 1994) tendo como hipótese que há características biográficas, históricas e literárias que permitem a leitura em paralelo de seus textos. Essa aproximação propõe que a literatura dos autores seja analisada em uma perspectiva mais ampla que a nacional, embora sem prescindir desta. A proximidade geográfica entre Rio Grande do Sul e Uruguai, a formação histórica semelhante, a condição periférica dessas regiões em relação a uma metrópole vizinha (São Paulo e Rio para o RS; Argentina para o Uruguai) sugerem que esses autores participam de uma comarca (para utilizar o conceito de Ángel Rama) que é “geradora” de uma matéria própria permitindo a análise entre as literaturas de Dyonelio e Onetti. Quanto às características literárias que permitem a aproximação de Dyonelio e Onetti, ambos têm obra vasta, circulando pelo conto, romance e ensaio. Independentemente do gênero, seus textos apresentam uma regularidade formal e temática: narrativa urbana, personagens que se repetem em livros diferentes e que geralmente vêm das camadas mais baixas da sociedade, ambientação em uma cidade específica (a real Porto Alegre para Dyonelio, a imaginária Santa María para Onetti), além de, mais uma coincidência, serem editados no Brasil pela Planeta. No que diz respeito às biografias de Dyonelio e Onetti há algumas coincidências. Eles vêm de origem humilde, tiveram que trabalhar cedo e deslocar-se para uma metrópole para estudar ou trabalhar. Dyonelio nasceu em Quaraí, na fronteira com o Uruguai, mudou-se para Porto Alegre e depois passou uma temporada no Rio de Janeiro, onde concluiu o curso de Psiquiatria. Onetti nasceu em Montevidéu (por uma dessas coincidências, a mãe de Onetti nasceu na mesma cidade de Dyonelio, Quaraí), mudou-se para Buenos Aires e depois para a Espanha. Tanto Dyonelio quanto Onetti sofreram perseguições da ditadura militar de seus países, sendo presos e exilados. Sobre as características históricas que fundamentam esta relação, é possível considerar que as fronteiras nacionais entre Brasil, Argentina e Uruguai como são conhecidas hoje escondem a formação histórica comum das terras mais ao sul do continente sul-americano. Para entender a literatura gaúcha e a literatura uruguaia, é importante considerar que eventos históricos como o Tratado de Tordesilhas (1494), Tratado de Madri (1750), Santo Ildefonso (1777), Guerra da Cisplatina (1811 – 1828), Guerra dos Farrapos (1835 – 1845), Intervenção brasileira no Uruguai (1851), Guerra do Paraguai (1864 – 1870), entre outros sugerem uma fronteira em movimento (KÜHN, 2007) nessa comarca do pampa. É provável que a maior contribuição deste estudo seja a retomada daquele debate dos anos 1970, a integração latino-americana. É claro que atualmente não cabe mais uma leitura homogênea da literatura do continente, muito arraigada às ideologias da esquerda da época. Mas o estudo baseado em regiões literárias, comarcas, pode esclarecer temas que as histórias da literatura calcadas na nacionalidade não conseguiram resolver.

AFRO-RIZOMAS LITERATURAS AFRO-BRASILEIRA E AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA II

Jesiel Ferreira de Oliveira Filho (UFS)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1000

Des-re-territorialização em *O vendedor de passados* de José Eduardo Agualusa: uma leitura sobre espaço e poder
STELLA MONTALVÃO (UnB)

A literatura africana contemporânea enfrenta grandes desafios resultantes da associação do processo de globalização ao fenômeno do pós-colonialismo. Esse contexto em suas diversas fronteiras resultou em uma realidade social, política, econômica e cultural problemática no que se refere à identidade, principalmente à chamada “identidade nacional”. A apropriação de um espaço, que antes delimitava o território nacional e servia de base para a construção dessa “identidade nacional”, sofreu grandes transformações e estabelece-se atualmente a partir de novas conformações. O que antes se via como “território”, definido e mantido por meio de um poder estatal, vem sendo flexibilizado e alargado pela mobilidade própria do processo de globalização. Dessa forma, o homem de hoje se vê na condição de alguém que precisa “reterritorializar-se” a cada novo processo de “desterritorialização” por que passa nas relações de poder a que está submetido, conforme destaca Haesbaert em *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. A partir dessas considerações, esse trabalho se propõe desvelar a forma como José Eduardo Agualusa, escritor angolano, problematiza essas questões essencialmente contemporâneas em seu romance *O vendedor de passados*. O foco desse trabalho será a análise das trajetórias das principais personagens em seus processos de construção de um espaço próprio, de um território, na concepção desenvolvida por Haesbaert, frente às relações de poder inseridas no romance.

Trânsitos culturais: (re)invenção nacional e experiência diaspórica em *Nação crioula* de José Eduardo Agualusa
WESLEY BARBOSA CORREIA (CEAO-UFBA)

Nação crioula: a correspondência (secreta) de Fradique Mendes figura-se como espaço de observação da articulação de elementos identitários no que concerne à “invenção da nação” bem como da manifestação de planos ideológicos distintos assim representados através da linguagem. Não obstante, o escritor angolano José Eduardo Agualusa revela a natureza de uma profunda malha relacional construída cultural e historicamente entre Angola e Brasil, a partir da política do Estado Colonial Europeu comum aos dois países. Para isso, duas estratégias discursivas se evidenciam no decorrer da narrativa epistolar: a primeira delas está relacionada à necessidade peremptória de resguardar e analisar aspectos etno-raciológicos no fenômeno do “(trans)nacionalismo” – para se pensar a problemática em termos diaspóricos – e a segunda, uma espécie de revisão dos registros históricos oficiais bastante disposta a reconfigurar os espaços geopolíticos dessas colônias no contexto da pós-modernidade. A razão pela qual Agualusa reconstrói o personagem Carlos Fradique Mendes, originalmente criado por Eça de Queirós para representar as novas idéias e as mais importantes correntes do pensamento europeu do final do século XIX, “um homem de idéias determinante para o movimento intelectual do seu tempo” segundo o escritor português, é de que reside aí a possibilidade real de apropriar-se do discurso assimilado como hierarquicamente superior a fim de evidenciar-lhe as incongruências, mobilizando-o e tornando-lhe públicas as vacuidades, ou ainda para destituir-lhe a sacralidade unilateralmente legitimada. Ao fazê-lo, Agualusa acaba por estabelecer novos focos de análise das relações sociais em Angola oriundas do colonialismo europeu e do trânsito que se tornou possível via Atlântico Sul entre Europa, África e Brasil. Assim, é possível identificar o Fradique Mendes em Nação crioula como um sujeito desterritorializado a quem o espírito cosmopolita e as experiências acumuladas através das viagens conferiram uma identidade multifacetada, nacionalmente heterogênea e polissêmica. Neste processo, torna-se inevitável o diálogo, quando não o confronto, entre as teorias que subsidiam o próprio conceito de nação, arquivo, memória, hibridismo cultural, considerando dentre outros os estudos de Benedict Anderson, Homi Bhabha, Stuart Hall e Paul Gilroy.

Ruas numeradas, fantasmas portugueses, cidadãos moçambicanos - a ficcionalização do passado histórico no romance *Crónica da rua 513.2*, de João Paulo Borges Coelho

ANA BEATRIZ MATTE BRAUN (UFPR)

O objetivo da comunicação é debater as possíveis formas de ficcionalização do passado histórico no romance *Crónica da rua 513.2*, publicado em 2006, fruto da recente mas produtiva carreira literária do moçambicano João Paulo Borges Coelho. Partindo do conceito de historicidade, entendido como conjunto de acontecimentos que afetam uma comunidade e continuam condicionando seus caminhos (WEINHARDT, 2008), pretende-se analisar as estratégias desenvolvidas pelo romance para problematizar as noções de verdade histórica, acessibilidade aos relatos e a dialética velho e novo, tradição e modernidade. Assim como a crônica da rua 513.2 não é uma crônica, e sim um romance, as ruas de Maputo não mais ostentam nomes de heróis e nobres portugueses. Elas agora têm nomes de personalidades africanas, ou simplesmente números - uma vantagem, segundo o narrador, já que números "permanecem iguais e idênticos nos dois lados da barricada: não há quatros revolucionários nem cinco coloniais" (COELHO, 2006). Também as casas da rua, antes habitadas por portugueses, agora são residência de cidadãos moçambicanos que devem lidar com a nova realidade trazida pela independência. No plano da vida pública, há a vigilância constante dos representantes da FRELIMO, o desemprego, a estagnação econômica e quebra de vários aparelhos estatais por falta de mão de obra qualificada, a nova política anti-corrupção e os campos de reeducação para os que infringem a lei. Dentro de casa, na esfera privada, há os fantasmas do tempo colonial, a memória de um tempo que não será facilmente esquecido pelos moçambicanos. A rua 513.2 situa-se, deste modo, em um entre-lugar, morada de vivos e mortos, ou ainda na definição de Lúhacs, "um microcosmo que generaliza e concentra" (apud HUTCHEON, 1999). Assim, a narrativa explicita como as relações de poder e exploração, que, antes encenadas por colonizadores e colonizados, agora tornam-se lutas entre forças sociais nativas, contradições internas e fontes de desestabilização no interior da própria sociedade moçambicana (HALL, 2003).

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1000

Dois contos africanos de expressão portuguesa: “Cais-do-Sodré”, de Orlanda Amarilis e “Mestre Tamoda”, de Uanhenga Xitu

ANDERSON POSSANI GONGORA (UEL)

O trabalho consiste na leitura atenta dos contos Cais-do-Sodré, de Orlanda Amarilis e “Mestre” Tamoda, de Uanhenga Xitu. Em ambos, são evidentes a ambiguidade dos personagens e o descentramento dos mesmos quanto ao processo de assimilação cultural. Procura-se nele não voltar o olhar para a Literatura Africana de Língua Portuguesa unicamente pelo viés da perspectiva revolucionária. Se assim fosse, talvez, seria reduzir o seu devido valor, criatividade dos autores e menosprezar o trabalho estético em relação à própria riqueza da Língua Portuguesa. No entanto, temas complexos como os de emigração e identidade, típicos de países que sofreram com o processo de colonização, também são abordados.

No mistério do sem-fim equilibra-se um planeta

DANIEL CONTE (FEEVALE)

Em época de descrença e de fragmentação e de diluição de referências e, ainda, paradoxalmente, de demarcação de fronteiras com a ostentação bélica, a construção das relações há de estar cada vez mais pautada no diálogo. E a palavra - instância primeira do dialogismo – ergue-nos soberanos, estejamos onde estivermos, sejamos quem formos. A redenção do sujeito vem pela constituição e pela leitura do mosaico sógnico do imaginário, pelo signo absoluto e pleno de pluralidade, pela escrita. E não há outra possibilidade, generalizando a afirmação, de estabelecermos uma relação de construção se não for com o Outro e desde o Outro, porque o arame que nos limita geograficamente não é capaz de obstar nosso devaneio de permeabilidade alheia, nosso devaneio de estarmos contidos no Outro que nos refrata. É a partir dessa perspectiva que esta pesquisa se constrói, partindo de uma sistematização de signos culturais que compõem o imaginário de nações tão distantes, e tão próximas, (Brasil e Angola), representados na produção literária de Pepetela. É a partir dessa sistemática que o desejo sobrepõe-se ao receio e erguemo-nos plenos do Outro, sedimentando vozes outras que agora se desenham autônomas, independentemente da vontade da História. Faz-se bem, e de bom tom, dizer que signo é tudo aquilo que signi-

fica ou produz significação. Contudo, é importante salientar que a significação não é “dada” ou “decalcada” sobre imagens específicas, o que acontece é que as relações dialógicas estabelecem a funcionalidade da produção de sentido que está sempre em nós, desde o Outro e no Outro desde nós. O Outro que nos alicerça como nós o sedimentamos, num eterno ir e vir de percepções próprias-alheias, que passam a nos orbitar e tornam-se referenciais. É certo que temos referências particulares e únicas, mas é certo também que qualquer que seja o sujeito social, em qualquer esfera, é e está sempre em relação de complementariedade com seu Outro que lhe serve de espelho, num jogo de identificação imaginária. Assim, o Eu, o Outro e um Outro-eu-meu, que se vai formar a partir das relações estabelecidas e que se vai fixar como o ponto de colmatação, estão relacionados, de forma tão ampla e tão intrínseca, que passam a existir quase que completamente, devido à existência dessa acentuada relação de alteridade. Os resultados parciais desta pesquisa, que tem em seu corpus teórico Gaston Bachelard, Mikhail Bakhtin, Octavio Paz, Wolfgang Iser, Ernest Cassirer, Stuart Hall e Hommi Bhabha, evidenciam muito bem essa relação de respeito pela singularidade e consciência de que esta singularidade é plena, múltipla e altera. Evidenciam esplendidamente que cada um de nós, no lugar onde se encontra, só tem um horizonte e está na fronteira do mundo em que vive, e só o Outro com sua cultura pode nos oferecer aquilo que desditosamente falta ao nosso olhar: a ressignificação de nós mesmos.

Dramas do imaginário na literatura bissau-guineense SEBASTIÃO MARQUES CARDOSO (UFRN)

Em consonância com os pressupostos teóricos do simpósio “Afro-rizomas: literaturas afro-brasileira e africanas de língua portuguesa”, iremos, nesta comunicação, abordar “A última tragédia” (1995), romance de Abdulai Sila, escritor de Guiné-Bissau. Nosso maior interesse consistirá em refletir sobre duas formações tensas do imaginário, que percorrem a narrativa do princípio ao fim. São elas: a imagem da presença do sujeito local, negro e nativo, e a representação da força estrangeira, inscrita na postura do homem branco e de suas instituições. Avaliaremos, assim, como essa relação dicotômica se estabelece e se expande na narrativa, contribuindo para um desenlace trágico, que evidencia a crueza da empresa colonizadora sobre uma população de diferentes matizes étnicos. Ao final, indagaremos se a forma narrativa empregada, o romance, foi, para o escritor, o melhor caminho para a exposição do passado da colonização e até que ponto a narrativa figura uma forma de testemunho válido e de signo para a ultrapassagem da experiência vivida.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1000

Literatura afro-brasileira e políticas públicas antirracismo na educação MARIA NAZARETH LIMA (UNEB)

A comunicação discute a inserção da literatura afro-brasileira nas práticas pedagógicas, considerando a Lei 10.639/03, que altera a LDB, estabelecendo a obrigatoriedade da inclusão da cultura afro-brasileira no currículo da escola básica. Busca-se trazer à tona o estágio atual de implementação da referida Lei, assim como os principais desafios para este fim, sobretudo no que tange à formação inicial e continuada dos professores/as. Serão apontadas as responsabilidades por parte do Estado e da sociedade civil, de modo que as identidades negras sejam visibilizadas na escola, com repercussão no desempenho de estudantes do Ensino Médio.

Dos ítans a “Epé Laiyé Terra Viva”: reverberações do léxico e da cultura de terreiro na educação das crianças do Opô Afonjá LISE MARY ARRUDA DOURADO (UNEB)

Em *Epé Layé Terra Viva* (SANTOS, 2009), obra literária infanto-juvenil de circulação nacional, que compõe o acervo da biblioteca da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, vinculada ao Ilê Axé Opô Afonjá, Mãe Stella de Oxóssi presenteia todos os leitores com uma narrativa inspirada na tradição dos ítans. Nestes, há muito, contam-se histórias, transmitindo oralmente traços significativos da cultura de terreiro, vicejando seus princípios civilizatórios: a cosmogonia de origem nagô; o sentido da vida comunitária; a compreensão de vários aspectos da prática religiosa; sua linguagem própria. No livro, no entanto, a iconografia e a linguagem simples, aliadas às palavras de origem yorubana, envolvem as crianças numa atmosfera de encantamento: Exu; Oxalá; Yemanjá; Oxum; Oiá; Euá; Ossãe; Oxóssi; Ogun; Xangô; Okô; Oxumarê; Omolu; etc. Há pouco, era impensável o acesso das crianças ao repertório lexical do povo-de-santo em uma

produção literária orientada pela escrita. Neste artigo, objetiva-se evidenciar como o léxico de terreiro, herdado da oralidade ancestral e recentemente presentificado na literatura infanto-juvenil, mobiliza valores afro-rizomáticos que engendram o combate às ideologias de recalque e denegação cultural, procurando desconstruir um modelo de linguagem européia, ainda predominante na maioria das escolas oficiais brasileiras. Considerando que seja o léxico de um povo o seu mais valioso espólio cultural e partindo do referido estudo de caso, a pesquisa justifica-se pela necessidade de discutir e divulgar o redimensionamento da importância do léxico de origem africana na educação brasileira, contribuindo para o cumprimento da Lei 10.639/03. Para pensar o ensino do léxico numa perspectiva descolonizadora, lança-se mão dos construtos de Mignolo (2003), Bhabha (1998), Hall (2003), Luz (2002), entre outros. No tocante ao estudo do léxico de terreiro, põem-se em diálogo: Cacciatore (1935), Castro (2001), Lody (2003). A escrita deste artigo ancora-se ainda no desejo de Mãe Ondina de "ver, um dia, o currículo da escola oficial e/ou seu cotidiano aderindo, incorporando e legitimando os valores originais da comunidade-terreiro".

Na cadência das águas do Velho Chico: o samba de roda e a construção de novos espaços simbólicos na cultura ribeirinha NERIVALDO ALVES ARAÚJO (UNEB)

Neste trabalho, busca-se trazer à pauta, uma discussão sobre o samba de roda das margens do Velho Chico, na região de Xique-Xique, Estado da Bahia. O samba de roda constitui-se numa manifestação cultural de grande expressividade para os povos ribeirinhos desta região. Por meio de manifestações como estas, os registros de conhecimento de mundo, os valores, as crenças, as histórias de vida, enfim, a sua cultura vem se perpetuando entre as diversas gerações, sobrevivendo dentro de uma memória coletiva que tem buscado a construção de novos espaços simbólicos para a afirmação da afrodescendência e reversão da condição de inferioridade imposta pela escravização. Dessa forma, através de pesquisa e estudo de referencial teórico, bem como de análise e observação do samba de roda ribeirinho, traz-se uma abordagem sobre este samba de roda e suas marcas identitárias, considerando todo um simbolismo de uma ancestralidade que na maioria das vezes tem resistido ao preconceito étnico-racial e se impõe enquanto memória e história na formação das identidades culturais do lugar, para além dos estereótipos. Tal estudo no conduz a uma reflexão sobre a construção das identidades de grupos cuja cultura aparece, muitas vezes, marginalizada no decorrer da história da nação brasileira. Também, pretende-se demonstrar de que maneira a linguagem e a musicalidade do samba, como expressão da cultura ribeirinha, propicia a ressignificação de elementos da tradição africana que aparecem misturados aos de outras culturas, ocasionando o surgimento de suas variações regionais atuais.

A LITERATURA CONTEMPORÂNEA EM MOVIMENTO II

Laura Izarra (USP)
Divanize Carbonieri (UFMT)
Michela Di Candia (UFRJ)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 900

Duas mulheres nigerianas enquanto a guerra lá fora...
ANDERSON BASTOS MARTINS (UFSJ)

Diversos autores, seja de ficção, seja de teoria e crítica literária ou cultural, analisaram, nas últimas décadas, a emergência de novas identidades sociais e culturais. Nos trabalhos destes pensadores, estudou-se tanto a consolidação discursiva destas novas identidades quanto suas formas de reivindicação de espaço e voz na configuração das coletividades contemporâneas, ora mais, ora menos resistentes ao estabelecimento de tais atores sociais. Neste processo, formou-se a crítica feminista, bem como as várias militâncias de gênero, as religiões minoritárias, entre outros, e fortaleceu-se a penetração das demandas culturais e políticas das agendas étnico-raciais. Todavia, um efeito posterior desta recente convergência de forças liberadoras foi o surgimento de novos – ou o fomento de velhos – discursos segregacionistas e neonacionalistas ou neosexistas baseados, paradoxalmente, em argumentos comuns aos dois lados destes importantes movimentos políticos e culturais. A detecção de um aumento na incidência de casos de homofobia nas ruas e de racismos nos estádios esportivos são exemplos de numerosos outros tipos de manifestações

análogas de violência física e moral/discursiva. Em minha apresentação, discuto o conto “A private experience” (Uma experiência pessoal), de autoria da jovem escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Em minha análise, procuro demonstrar como a narrativa faz do relato um espaço – uma heterotopia, talvez – para a conversação – na acepção cosmopolita conferida ao termo por Kwame Anthony Appiah – entre membros de universos culturais não apenas diferentes como também extremamente antagônicos.

Passageiros em trânsito: o entrelugar do gênero em *Desonra* de J.M. Coetzee GRACIA REGINA GOLÇALVES (UFV)

Na esteira do pensamento pós-estruturalista, os estudos de gênero vieram questionar a construção da subjetividade relativamente aos papéis desempenhados pelo indivíduo dentro de seu código social. Este fenômeno tem implicado uma hierarquia que, ao estabelecer privilégios, por exemplo, no caso do masculino, por outro lado, solidificava deveres; ou ao imputar deveres, tais como a maternidade, mascarava-os em mito. Paralelamente, a literatura contemporânea tem acompanhado, ou mesmo antecipado, uma crise na identificação destes papéis, que se tornam constitutivos da personagem-homem ou mulher. No processo de deslizamento que caracteriza o sujeito, não se pode desconsiderar o seu contexto sócio-cultural, no qual o poder dita e/ou segue regras ao longo do tempo. Neste trabalho, pretendo focalizar a reversão de papéis de gênero na constituição das personagens de *Desonra* (1999) de J.M. Coetzee. Acredito que a obra suscite uma reflexão profunda sobre as noções de masculino e feminino, uma vez enquadrados numa sociedade nuclear pós-colonial da África do Sul, levantando a banalização destas categorias, fator cada vez mais disseminado no século atual, bem com suas imbricações com os estatutos das diferenças no campo racial. Estudos de Judith Butler, Michel Foucault, Homi Bhabha e Michael Pollak, entre outros, compõem o aparato teórico desta reflexão.

Fragmentação, linearidade e fluidez em *Summertime* de JM Coetzee MARILIA FATIMA BANDEIRA (USP)

Em meio às transformações do mundo contemporâneo *Summertime*, ou Verão, do autor sul africano JM Coetzee, mescla ficção e autobiografia numa narrativa ao mesmo tempo linear, fragmentada, e fluida, em que o autor se recria como personagem defunto. A voz da personagem JM Coetzee surge somente nas anotações de um diário e em comentários “soltos”, sendo, nos demais capítulos do romance, construída por meio do olhar de terceiros. A narrativa assume na forma a fragmentação da sociedade moderna possuindo, no entanto, traços da fluidez das sociedades contemporâneas, marcadas, segundo Z. Bauman em seu livro *Sociedades Líquidas*, por uma instabilidade acentuada cujo resultado é a capacidade – tanto das sociedades quanto dos sujeitos – de assumirem variadas formas com muita rapidez, sendo difícil descrevê-las, cercá-las ou segurá-las, pois estão mais ligadas à noção de fluxo e movimento do que de totalidade ou fragmento. Essa fluidez – ou liquidez – tornou imperativo o surgimento de formas de representação que reflitam o processo sempre inacabado de construção da identidade contemporânea, marcada por conflitos, contestações e dúvidas. A fluidez da qual fala Bauman é resultado desta nossa época regida por embates conflituosos, fluxos migratórios, financeiros, e comunicacionais, estando todos nós, enquanto sujeitos, em constante construção, e sob o signo de mudanças contextuais destabilizadoras da identidade, exigindo novas dinâmicas de representação. Pretendemos neste trabalho refletir sobre a construção do eu da personagem JM Coetzee de *Summertime*, que contém segundo nossa análise, traços marcantes de ambas as épocas, modernidade e contemporaneidade, sendo ao mesmo tempo fluida (de difícil nomeação e descrição) e fragmentada (no sentido de não linear) enquanto que, em sua totalidade, é linear, pois ao terminar a leitura do romance o leitor tem uma história com começo, meio e fim do período da vida do autor que se propôs narrar.

A compensação da imobilidade nos cronotopos oníricos: uma leitura da trilogia *Blood in the sun* DIVANIZE CARBONIERI (UFMT)

Os romances *Maps*, *Gifts* e *Secrets*, pertencentes à trilogia *Blood in the sun* do escritor somali Nuruddin Farah, apresentam duas camadas narrativas em suas composições: uma dada pelos eventos ficcionais que ocorrem quando os personagens estão despertos e a outra pelos inúmeros sonhos inseridos neles. No espaço da vida de vigília, os protagonistas dessas obras experimentam uma grande imobilidade, estando impossibilitados de alterar a realidade política de seu país, a Somália, e de efetivamente transformar suas próprias vidas. O objetivo deste trabalho é demonstrar que a experiência onírica proporciona, então, uma compensação para a inatividade a que estão condenados. Os sonhos são considerados como lugares especiais de experiência, como

cronotopos diferenciados que contestam e invertem o que os personagens vivenciam no mundo dito real. As narrativas oníricas presentes nesses romances operam em dissonância em relação ao restante do que é narrado, oferecendo soluções ficcionais que ainda não parecem possíveis nas outras partes da narração. Dessa forma, o foco da análise se volta para o estudo da estrutura dessas narrativas oníricas, concomitantemente com o procedimento de conferir aos seus signos significados que condigam com o contexto cultural, social e político em que vivem os seus personagens.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 900

Narrando a vida: Richard Wright em *Black Boy*, um relato autobiográfico
MICHELA DI CANDIA (UFRJ)

O presente trabalho busca investigar o relato autobiográfico, *Black Boy*- infância e juventude de um negro americano, do escritor Richard Wright (1908-1960). Ao escrever sobre os episódios de sua vida desde sua infância até a idade adulta, Wright busca re/construir suas identidade(s) e também denunciar as mazelas do racismo e da opressão social. Parto do princípio de que as identidades estão sempre em movimento constante, sendo formadas e reformuladas na interação entre os sujeitos e os lugares. Em termos mais precisos, interessa-me abordar as maneiras pelas quais os eventos, incidentes e memórias do passado são lembrados e, por conseguinte, re-inventados por aquele que fala/escreve. O trabalho em questão tem como apoio teórico os estudos propostos por bell hooks, James Olney e Stuart Hall, entre outros

“Você disse imaginário?” Metaficção historiográfica e gênero na literatura norte-americana contemporânea
CRISTINA MARIA TEIXEIRA STEVENS (UnB)

A partir das contribuições dos feminismos e da metaficção historiográfica, analisamos romances contemporâneos que desenvolvem uma criativa dialética entre a historicidade do texto e a textualidade da história. Através da voz autoral feminina que cria a personagens capazes de contar sua própria história, esses romances (re)constróem a contribuição de mulheres que foram praticamente esquecidas e/ou representadas de forma distorcida no processo de construção da historiografia patriarcal, como por exemplo, Maria Madalena, a papiza Joana, a esposa de Shakespeare, Lady Macbeth, Tereza de Ávila, a Venus de Hottentot, personagens mítico-religiosas como a esposa de Noé, uma esposa de Maomé, Sapho, entre outras; ênfase nas obras *The Passion of Artemisia* (Susan Vreeland) e *Artemisia* (Alexandra Lapierre).

A história compartilhada na literatura contemporânea
MARCELA DE ARAUJO PINTO (UNESP)

Esta comunicação objetiva analisar de modo comparativo os romances *Paradise*, da autora norte-americana Toni Morrison (1997), e *Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz* (1997), da autora brasileira Heloisa Maranhão (1997), como leituras da humanidade em movimento, indo ao encontro, portanto, do aspecto proposto pelo simpósio “A literatura contemporânea em movimento”. Os dois romances revisam o conceito histórico de nação ao focalizarem personagens híbridas, que empreendem jornadas em busca de um lugar para morar, em espaços inconstantes e escopos temporais seculares. Embora engendrem uma mesma categoria de revisão histórica, os textos elaboram-na de maneira diversa. *Paradise* apresenta, em um mosaico de pontos de vista de várias personagens, um grupo de afro-americanos, na década de 1970, vivendo em cidade exclusivamente composta por negros, em Oklahoma, esforçando-se por manter padrões de convivência social que eles sentem ameaçados por um grupo de mulheres habitantes das proximidades da cidade. Em *Rosa Maria*, a vida de uma figura histórica brasileira do século XVIII coloca-se em relação direta com a de uma personagem-escritora, quando esta, no século XX, desenvolve um texto literário para narrar a vida da (ex)escrava e (quase) santa Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz. Da análise entre essas duas narrativas delinea-se um conceito de “história compartilhada”. “História compartilhada” é a expressão utilizada por Toni Morrison em uma entrevista citada por Ashraf Rushdy (1999, p.45), em “*Daughters Signifyin(g) History*”. Morrison declarou o seguinte nesta entrevista: “as raízes são menos uma questão geográfica do que um sentimento de histó-

ria compartilhada; estão menos relacionadas com um lugar do que com o interior das pessoas”. A referida expressão sugere uma ideia que esta comunicação aspira desenvolver como um conceito de crítica literária. A história compartilhada avulta-se na literatura: nas metáforas elaboradas pela linguagem; na narrativa que constrói subversões de tempo cronológico e espaço fixo nos cronotopos; na problemática da referência da linguagem ao “passado histórico” e ao “real” como discussão filosófica; em processos de hibridação transformativos do campo do imaginário da sociedade contemporânea. A metaforicidade da história compartilhada cria imagens cronotópicas “líquidas” para representar o interior das pessoas. O percurso teórico para o desenvolvimento do conceito de “história compartilhada” abrange, principalmente, reflexões de Roland Barthes, em *Como viver junto* (2003), de Paul Ricoeur, em *A metáfora viva* (2005), de Mikhail Bakhtin, sobre o cronotopo (2002), de Linda Hutcheon, sobre metaficção historiográfica (1988; 1993), de Lucia Santaella, em *Linguagens líquidas na era da mobilidade* (2007), de Tania Carvalhal, em *O próprio e o alheio* (2003).

“Depois de agosto”: a vivência pessoal na constituição da ficção ANDRÉ LUIZ GOMES DE JESUS (UNESP)

A presente comunicação tem por objetivo analisar o conto “Depois de agosto”, de Caio Fernando Abreu, inserido no livro *Ovelhas negras* (1995). No conto, pode-se perceber uma relação entre a narrativa e certos traços autobiográficos do próprio escritor. Tais traços são articulados à narrativa por meio de um processo de desreferencialização, de modo a apagar os elementos referenciais capazes de ligar explicitamente a história narrada à vivência particular de Abreu. Desse modo, o vivido é trabalhado de maneira que a ficção se sobreponha aos elementos factuais. Nesse sentido, o que se busca, na presente comunicação, é demonstrar as estratégias que Abreu utiliza para a constituição de seu texto, buscando, sempre, mesmo quando se “projeta” como personagem de seu texto, a valorização de elementos ficcionais, ou seja, literários. Podemos afirmar de antemão que a estratégia de Abreu se aproxima, respectivamente, dos conceitos de autobiografia como representação ficcional do vivido no plano real (GUSDORF, 2006) e do contemporâneo conceito de autoficção (COLONNA, 2004), que entende a escrita autobiográfica com uma espécie de deslizamento da personagem que representa o autor para o universo ficcional. Por meio da leitura do conto e do cotejo entre as duas perspectivas teóricas, tocaremos em aspectos importantes e atuais para a Teoria Literária contemporânea.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 900

Transculturalidade entre fronteiras no continente norte-americano CRISTIANE MONTARROYOS SANTOS UMBELINO (UFPE)

A representação da fronteira entre Canadá, Estados Unidos e México, nos romances *The Tortilla Curtain*, de T. C. Boyle, e *Volkswagen Blues*, de Jacques Poulin, constitui o cerne da análise literária deste trabalho. Boyle e Poulin fazem recortes diferentes do espaço fronteiro contemporâneo: em *The Tortilla Curtain*, a fronteira entre os Estados Unidos e o México é caracterizada por uma dualidade que une e separa personagens mexicanos e estadunidenses; em *Volkswagen Blues*, o deslocamento dos personagens, do Canadá (Quebec) até os Estados Unidos (São Francisco), aproxima grupos étnicos como, por exemplo, Jack, personagem quebequense, e Pitsémine, nascida no Quebec, mas de origem indígena. Assim, por estar entre o Canadá e o México e, apesar de ainda não estar recuperado da crise financeira recente, ser um dos lugares que melhor representa o consumismo capitalista, os Estados Unidos atraem pessoas de vários lugares do mundo, inclusive dos países vizinhos. Diante disso, muitos mexicanos, como retratado no romance de Boyle, veem nesse país uma oportunidade de ascender economicamente, pois impulsionados pelo *American Dream*, ele “acabam por acreditar na ‘mensagem’ do consumismo global e se mudam para os locais de onde vêm os ‘bens’ e onde as chances de sobrevivência são maiores”. (HALL, 2006, p. 81). Em contrapartida, no romance de Poulin, os personagens não desejam nem necessitam emigrar para os Estados Unidos, eles buscam redescobrir a América: por um lado, idealizada por Jack e, por outro, desmitificada por Pitsémine. Portanto, em virtude desse retrato sociocultural e histórico, este estudo contribui com a atual discussão literária dentro dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais no que diz respeito à migração e seus efeitos sobre as fronteiras políticas e culturais, às identidades transmigratórias e, concomitantemente, à questão do multiculturalismo e da transculturação.

A arte da palavra escrita no emaranhado das cidades atuais NILDECY MIRANDA NASCIMENTO (FAT/UFBA)

No mundo atual, as metrópoles se tornaram cenários de uma imensa diversidade cultural. Elas presenciam incessantemente o surgimento de novas formas estéticas, engendradas em valores e em modos de viver que resultam do embaralhamento entre aspectos da cultura global e da cultura local, não raro com ofuscamento da última pela primeira. O reconhecimento do fenômeno multicultural, reorganizado pelas conveniências do mercado e agenciado pela publicidade, ganha força no diálogo intercultural que se lança por cima do controle das nações, permitindo a globalização de expressões culturais e literárias produzidas a partir das periferias econômicas, no âmbito internacional, e das periferias urbanas, no âmbito das cidades. Esse fenômeno é cada vez mais facilitado pelas novas modalidades de comunicação, como as redes sociais. Iluminados por reflexões de teóricos como Silviano Santiago (2004) e Stuart Hall (2006) e, ao mesmo tempo, revisitando posturas mais tradicionalistas como a de Michel Hamburger (2008), interessa-nos interrogar o lugar da literatura contemporânea na complexa rede de relações em que a humanidade se movimenta e em que os valores culturais se revezam, alterando-se os papéis e as noções de hegemonia e de tradição. Para tanto, refletiremos sobre como o intelectual contemporâneo poderá lançar o saber que domina, qual a função e o valor da literatura dentro do lugar movediço em que as identidades se re/configuram, que estratégias textuais podem interessar às gerações contemporâneas e por que motivações.

Laundry basket de Lee Maracle: visões prática e pragmática da arte de narrar ALVANY GUANAES (USP)

A aclamada escritora Salish-Cree Lee Maracle em *First Wives Club – Coast Salish Style* (2010) narra em dez contos suas mais variadas experiências como autora, professora, ativista e mãe com humor e sensualidade. A mescla de gêneros narrativos – ficção, não-ficção, autobiografia e mitos - funde-se à diversidade de temas contemporâneos que repensam a mulher aborígene nos espaços da atualidade. Lee Maracle demonstra novas formas do fazer literário que transgridem sistemas cristalizados de formas estéticas e portanto propõe novos fazeres e novos saberes que compõem o dinamismo artístico e o poder criativo que trazem a mulher como signo de transformação e possibilidade atualista. Nesse trabalho, propomos a análise do conto *Laundry Basket* à luz do aporte teórico provido por escritoras aborígenes do Canadá tais como Maria Campbell, Jeanette Armstrong, Doreen Jensen e a própria Lee Maracle entre outras, sobre o conceito de arte e suas abordagens sobre produção cultural. Suas reflexões nos dão subsídios para articular a análise do conto escolhido à luz de questões culturais, sociais e literárias cujas raízes calcadas em um passado longínquo têm o poder de se presentificar e se reespecializar no dinamismo contemporâneo.

Tropic of orange e a polissemia de trânsitos sociais e narrativos RICARDO MARIA DOS SANTOS (UNESP)

No romance *Tropic of Orange*, da escritora norte-americana Karen Tei Yamashita, publicado em 1997, personagens de origens étnicas e nacionais variadas se encontram e desencontram na cidade de Los Angeles, configurada como uma metrópole à beira do colapso em termos humanos, sociais e físicos. A narrativa põe em ação um panorama polifônico das agruras, conquistas e perplexidades de sujeitos vivendo em um mundo caracterizado pelo movimento contínuo de populações e de sentidos que surgem em consequência da globalização de mercados, econômica e midiaticamente sem fronteiras. Ao colocar em cena os embates de imigrantes e de populações à margem da sociedade capitalista triunfante, a romancista nipo-americana cria um plano de conexões entre as personagens, a que chama de *HyperContexts*, ao longo de uma semana completa, em que a segunda-feira é tematizada pelo “solstício de verão”, a terça-feira pela “via de diamante”, a quarta-feira pela “diversidade Cultural”, a quinta-feira pelo “frenesi eterno”, a sexta-feira pela “inteligência artificial”, o sábado pela “rainha dos anjos” (trocadilho com Los Angeles) e, finalmente, pela “a orla do Pacífico”. Através da mimetização do registro verbal de Gabriel, repórter em Los Angeles com o sonho de construir um refúgio no México; sua namorada Emi, produtora de TV; Buzzworm, um “assistente social” das ruas e guetos; Rafaela e Bobby, um casal de imigrantes vindos de culturas dispares e que se (des)encontram na metrópole norte-americana; Manzanar, médico que abandona tudo para reger a música do tráfego caótico das autovias, e de Arcangel, artista popular de origem indígena, Karen Tei Yamashita problematiza experiências de personagens que cruzam fronteiras físicas, mentais e até supra-reais. Nesse último caso, o uso de elementos de realismo mágico auxilia a configuração de discursos multifacetados,

enunciados por habitantes dos grandes centros urbanos de uma sociedade pós-industrial e multicultural, em constante questionamento de identidades, tradições e influências a que todos estão infensos. Ao utilizarmos o arcabouço teórico de Bakhtin, especialmente do dialogismo, de Baudrillard e de Homi Bhabha, pretendemos demonstrar como a escritura da romancista logra executar um caleidoscópio narrativo-cultural, vocalizando as o esfacelamento da experiência contemporânea, ao mesmo tempo em que potencializa as combinações e transformações híbridas de identidade(s) sendo negociadas e do confronto entre concepções hegemônicas de Primeiro Mundo e de Terceiro Mundo, no que esses dois termos têm de mais problemático. Nesse universo ficcional em que “trânsito” percorre todo um espectro polissemântico, cabe ao olhar crítico e arguto de escritores como Karen a delicada tarefa de dar um corpo e voz temático-narrativos a tais múltiplos deslocamentos, que se entrecruzam e multiplicam.

AS REVERBERAÇÕES ÉTICAS E ESTÉTICAS NO DECURSO DA DESCENTRALIZAÇÃO DA ESCRITURA II

Joel Cardoso (UFPA)

Julia Scamparini Ferreira (UFRJ)

Maria Aparecida Donato de Matos (ISERJ)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 800

A fala da resistência: reverberações estéticas nos textos dos sambas de enredo da cidade do Rio de Janeiro

FERNANDA CARNEIRO DONATO (SEEDUCRJ)

Se no princípio foram considerados somente como música para embalar o desfile das escolas de samba, os sambas de enredo, ao longo dos tempos, têm se destacado por sua característica multi-facetada: expressam o tema; descrevem o espetáculo visual das alegorias e adereços estabelecendo um elo desses com os participantes do desfile, além de provocar, nesse diálogo, semioses infindas no universo das linguagens que manifestam. Não obstante, apresentam signos provenientes de uma herança cultural africana, ao mesmo tempo em que podem discursar em nome da sociedade que representam. O presente estudo tenciona realizar uma leitura semiológica dos sambas de enredo da cidade do Rio de Janeiro na década de 80, buscando identificar as raízes simbólicas da cultura afro-brasileira nas entrelinhas de suas composições e suas reverberações éticas e estéticas na cultura. Palavras-chave: Texto. Sambas de enredo. Signo. Estética. Cultura

Borges como personagem na crônica de Luis Fernando Veríssimo

TATIANA DA SILVA CAVERDE (UFRR)

Observa-se em diferentes obras a transformação de autores em personagens. Na maioria dos casos as obras possuem cunho biográfico ou autobiográfico, porém em outros os autores estão presentes na ficção como veículo de conteúdo, funcionando como hiperlink. Em função de serem nomes clássicos e consagrados, acabam por facilitar a conexão a conceitos e pré-conceitos pertencentes a memória coletiva e a um campo conceitual de circulação universal. O presente trabalho pretende mostrar este fenômeno na crônica intitulada Jorge e Benny, publicada no livro Banquetes com os deuses: cinema, literatura, música e outras artes (2003) de Luis Fernando Veríssimo, que se utiliza da ficcionalização do autor argentino Jorge Luis Borges como uma forma de incorporar a dimensão metafictional na obra. A presença do personagem Borges no texto veio a funcionar como um link entre a trama de Veríssimo e os conceitos cunhados por Borges, entre o leitor do século XXI e a obra de um autor clássico, entre a literatura latino-americana contemporânea e sua tradição através de novos mecanismos metafictionais sob influência das ferramentas hipertextuais. Será entendido como metaficção a possibilidade da ficção tratar da própria ficcionalidade (GASS, 1971; LODGE, 1992), observando nas obras o uso de figuras como labirinto e morte como metáfora da criação e da leitura da obra artística.

Os vasos comunicantes: escritura e psiquismo na poética surrealista

GISELE NERY DE ANDRADE (UFF)

OS VASOS COMUNICANTES: ESCRITURA E PSIQUISMO NA POÉTICA SURREALISTA Os desdobramentos da teoria psicanalítica no que concerne ao retorno do recaiado pela via do sonho encontram no Surrealismo um campo especialíssimo de realização – seja no âmbito teórico, seja na criação ficcional e artística. Os artistas surrealistas pretendiam atingir um estado psíquico semelhante ao que permite que sonhemos. O fazer artístico surrealista partia da premissa de que a obra deveria representar um “estado de sonho”, isto é, estar livre de qualquer amarra lógica ou racional. Para auxiliar a liberação desse fluxo criativo do inconsciente sem interferência do racional, os artistas se valiam de recursos como escrita automática, *colagens*, *frottage*, *assemblage*, *grattage*, *fumage*, composição fotográfica, *dripping*, associações livres, hipnoses etc. O universo do sonho, dessa forma, era fonte de inspiração para a criação artística e também paradigma estético desse novo movimento. Dessa forma, sem as amarras da censura do ego, esses artistas buscavam simular o estado onírico, criando obras que desafiavam o entendimento lógico que pauta a consciência. Elegemos a obra “*Les vases communicants*”, de 1932, como corpus de análise. Especificamente nesse texto, Breton apresenta as especificidades da relação entre sonho e estado de vigília e suas implicações filosóficas, poéticas, psíquicas e sociais valendo-se de predominantemente do entrecruzamento de gêneros – uma narração pretensamente autobiográfica entremeadada de notações teóricas e passagens poéticas. Pretendemos demonstrar como os recursos que viabilizam uma tradução – seja ela literária ou intersemiótica – são análogos aos movimentos engendrados por nosso psiquismo tanto na decodificação e no arquivamento das impressões recebidas do mundo exterior quanto em sua devolução à consciência após a atuação do recalçamento. Em outras palavras, pretendemos mostrar que a atuação dos dispositivos tradutórios é análoga tanto na transcrição de um texto literário quanto na transcrição de um substrato psíquico, tendo o discurso do sonho como via régia do retorno do recalçado. A partir da reflexão teórica proposta por Freud em “A Interpretação dos Sonhos” (1900), ao mesmo tempo crítica, articulatória e complexificadora dos conceitos, modelos e saberes, visamos rastrear as interfaces e as pontes que a leitura propõe com as questões de traduzibilidade e representação literária e artística no Surrealismo. A tentativa de recriação de uma obra ou de transcodificação de um gênero para o outro também pode ser classificada como tradução, uma vez que envolve verbos como representar, simbolizar, alegorizar, desviar, romper, revelar. A principal relevância deste trabalho é recuperar a discussão do retorno do recalçado na narrativa onírica e seus desdobramentos e suas teorizações posteriores, culminando na intervenção definitiva do movimento surrealista por meio da obra de André Breton, em especial “*Les vases communicants*”.

O olhar oblíquo da memória: uma economia do traço RODRIGO SILVA IELPO (UFRJ)

Em seu livro *Memórias Inventadas*, Manoel de Barros nos fala de uma mulher que “via de maneira errada”. Segundo o poeta, ao olhar o mundo dessa maneira ela “despraticava as normas”, consequência do seu olhar oblíquo. Trata-se do mesmo olhar do qual nos fala o escritor francês Georges Perec, olhar que desestabiliza a ordem habitual das coisas. Na obra desses escritores, essa “obliquidade” do olhar aparece como parte integrante do processo de nomeação do mundo, apontando para uma contaminação entre homens e coisas que se revela sob a forma de uma imagem-escritura. Esta surge assim como uma espécie de encontro a partir do qual o sujeito fabrica sua escritura ao mesmo tempo em que é fabricado por ela. Como Manuel de Barros nos diz na epígrafe de suas memórias, “Tudo o que não invento é falso”, até mesmo as memórias. Interessa-me aqui estudar esse deslocamento de uma memória como simples resgate do passado para uma criação do presente na forma de uma economia do “traço”, estabelecendo para isso um diálogo com as reflexões dessa noção em autores como Jacques Derrida e Walter Benjamin.

Medo na casa de vidro: Zillah, paranóia e as cartas para o presidente VANESSA CIANCONI VIANNA NOGUEIRA

Considerada a mais Brechtiana de todas as peças de Tony Kushner, *A Bright Room Called Day* – inspirada em Terror e miséria do Terceiro Reich de Bertolt Brecht - é supostamente sobre a morbidez e o misticismo em face da maldade política. Mas é, em grande medida, uma manifestação do tipo de reação que ela busca descrever – uma ligação entre o passado e o presente. A peça é um sinal de incêndio, como uma forma de entender o presente usando o passado, muitas vezes sombrio, como exemplo para evitar o que é iminente, fazendo o que Benjamin já não mais acreditava que seria possível. O que enerva Zillah Katz é a alienação do povo estadunidense, é a falta de conhecimento que leva a falta de esperança: se não há compreensão não pode existir comprometimento. Será que a maldade perpetrada pelo governo norte-americano já está tão banalizada que o povo considera que não vale a pena se rebelar? Ou simplesmente sentem medo? Mas, medo de que? O objetivo deste ensaio é elucidar a política de paranóia contida nas cartas de Zillah imbuída na indústria do consentimento de Noam Chomsky, mostrando como a propaganda transforma o ataque terrorista em um perigo iminente incutido nas mentes do estadunidense.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 800

Do corpo-cíbrido ao corpo-sensorial: as reverberações éticas e estéticas nas cartografias do corpo-arte no contexto da cibercultura
MARIA APARECIDA DONATO DE MATOS (ISERJ- FAETEC)

O mundo nos é particularmente nosso, porque o mundo que apreendemos é aquele que nos chega pelos sentidos. Cada elemento que participa do conjunto de coisas com as quais convivemos são sintagmas com os quais estruturamos as sentenças que nos possibilitam o sentido gestaltico dessa coisa que chamamos “mundo”, a partir da complexa estrutura da qual nos servimos para a nossa existência: o corpo. Esse enigma, em constante devir, vem sendo observado, estudado, explorado e questionado desde os tempos mais remotos. Há um legado de registros, que data desde o Paleolítico, que nos permite pensar que há anos os seres humanos já se ocupavam do entendimento da nossa natureza, fosse com os aspectos objetivos ou com os aspectos subjetivos. Essa investigação com o passar do tempo e com as transformações ocorridas na capacidade da inteligência estendeu-se para outros domínios — físicos, metafísicos e psicológicos —, adquiriu um sopro, um ânimo (Psyché), e desdobrou-se em duas esferas distintas, porém complementares: a imanência e a transcendência. Tantas formulações dotaram o corpo dos conceitos de identidade e singularidade, individualidade e sujeitabilidade e o compreenderam enquanto agente ativo e passivo, abrindo espaços para que os diferentes campos epistemológicos adotassem visões específicas, as quais trouxeram ao debate científico os fatores da percepção, sensação, cognição, emoção, ética e estética, conjugando-os ou distinguindo-os, ampliando as possibilidades de compreensão do humano no interior da relação corpo-tempo-espaço. As implicações das vozes dessas ciências variaram entre o satisfatório e o insatisfatório no sentido de que muitas vezes os discursos autoritários e maniqueístas negaram a esse corpo o direito do seu estatuto e o reconduziram para patamares aquém da sua natureza, anulando ou suprimindo muitas de suas potencialidades, subjugando-o aos modelos éticos e aos padrões estéticos vigentes. Outras vezes, no entanto, potencializaram esse corpo para além da sua condição física e psíquica naturais, possibilitando-o avançar e ocupar espaços impensáveis, considerando-se a sua condição meramente humana. Essas observações foram registradas pelas diferentes esferas do conhecimento — arte, ciência, religião —, e nos permite um estudo sobre as escrituras desse corpo, e de seu sentido de mundo, em cada tempo, nas dimensões da poiesis e da aisthesis, ratificando e fortalecendo a idéia de que essa leitura acontece à medida que se conecta com os fatores que o envolvem e estabelece com esses uma relação de identificação e de reciprocidade. Esse universo de coisas percebidas, apreendidas e compreendidas institui um corpus sensório-particular, imprimindo-se em suas grafias ao mesmo tempo que se cartografa no espaço. Neste sentido, os sensores que delimitam os fusos e meridianos da relação homem-contorno existencial são o ponto de partida para o fenômeno, onde se conjugam o ético, estético e o poético. Este trabalho busca um estudo cuja proposta está na discussão estética acerca do corpo no contexto da cibercultura, numa compreensão corpo sob diferentes aspectos, num pensamento que seja capaz de colocar em diálogo os distintos vetores que o potencializam, o limitam e o delimitam, privilegiando os fenômenos da imaginação e da percepção, entrelaçando o debate noas cartografias do corpo contemporâneo.

Do texto árvore ao texto rizoma: questões em torno da fixação de textos
MARIO CESAR NEWMAN DE QUEIROZ (UFRRJ)

A tradição filológica da crítica textual, da fixação de textos tem um norteamto egóico claro no tratamento de textos modernos, ela propõe reconstituir a obra literária o mais próximo possível daquela produzida pela vontade autoral, “a intenção final expressa pelo autor” (SPAGGIARI, PERUGI, 2004, p.181) . Ou ainda uma clara ortopedia da idéia de original no tratamento de textos antigos, anteriores à imprensa, reconstituir um texto que se aproxime “o mais possível do original perdido” (SPAGGIARI, PERUGI, 2004, p.32). Persegue dois fantasmas, portanto. Mas esses dois fantasmas, a intenção autoral e o original perdido, sustentam um mundo de representações, a forma “natural” das coisas serem, o modo “natural” de pensarmos questões de arte e de texto. Conforme nos apresenta Félix Guattari o mundo moderno sofre de um mal cartesiano de querer colar a idéia de subjetividade consciente à idéia de indivíduo, e mais, pensamos a subjetividade como se ela fosse construída aos moldes da individuação biológica (GUATTARI, 2010, p.40). Logo nada mais correto do que pensarmos os textos de um autor como frutos dessa imagem de consciência individualizada. Contrariamente a isto, interessa-nos pensar a imagem de autor como função do texto, tal como enunciada por Foucault. Para Foucault o que hoje nomeamos de autor se articula com os discursos de um modo que nem sempre foi assim, e falar do fim do autor adquire o caráter projetivo de que não será para sempre como existe hoje, e talvez seja “na orla do mar, um rosto de areia” (FOUCAULT, 1987, p.404). Repetindo literalmente Foucault, “trata-se de retirar ao sujeito (ou ao seu substituto) o papel de fundamento originário e de o analisar como uma função variável e complexa do discurso” (FOUCAULT, 1992, p.70). O autor, longe de ser uma entidade pacificada, resolvida em torno da figura física de uma existência pessoal, é uma figura conceitual, uma função. No entanto, ao pensarmos assim a idéia de sujeito autoral, pomos em xeque a própria noção tradicional de texto como unidade pacificada ou pacificável por

um esforço disciplinado de crítica filológica. A árvore estemática com que o filólogo busca apontar para a lição definitiva ou melhor, deve ser repensada em função de um rizoma textual construído com os desejos de diversos agentes, leitores, editores, copistas, resenhadores, filólogos. Para bem longe de uma crítica textual prescritiva, consideramos importante o trabalho filológico do levantamento das variantes e diferentes edições para flagrarmos os textos literários em sua riqueza rizomática.

Narrativas transmídias e novos esquemas cognitivos: evolução e adaptação nos sistemas da escritura GLAUCIO ARANHA BARROS (OCC)

A sociedade contemporânea tem sido marcada por processos acelerados de mudanças e rupturas de fronteiras que, durante a modernidade, foram excessivamente valorizadas. Tais fronteiras, muitas vezes, turvavam a percepção para a complexidade dos mais diversos fenômenos, dentre os quais o literário. Henry Jenkins destaca o crescente processo de convergência dos saberes em nosso atual estágio sócio-econômico-cultural, o qual configura o que ele denomina de *sociedade de convergência*. Este processo seria impulsionado, principalmente, pelas transformações tecnológicas, que afetam múltiplas instâncias, dentre as quais os sistemas da escritura. A emergência das narrativas transmídias dá relevo a um novo estatuto da produção textual, que se ajusta às próprias transformações do ser humano na contemporaneidade, ou seja, aos novos esquemas cognitivos que hoje atravessam o pensar e o sentir. Em face da importância de se estabelecer uma reflexão interdisciplinar acerca da emergência das novas formas de escritura, elege-se no presente trabalho as chamadas *narrativas transmídias* como recorte e ponto de partida face sua iminente descentralização. Parte-se da premissa de que as rupturas e transformações das formas estão inextrincavelmente relacionadas com o processo de adaptação cognitiva humana e com a evolução da linguagem. Neste sentido, é proposta aqui uma análise acerca do sistema de escritura daquelas narrativas, partindo do campo da Literatura rumo a um diálogo com as ciências cognitivas, em especial as neurociências. Atento ao fato de que os campos de saber são permeáveis, serão aqui articulados conceitos e princípios da Teoria Literária, a percepção de Brian Boyd sobre a narrativa como ferramenta cognitiva de adaptação e evolução humana e, por fim, os estudos de Semir Zeki e de V. S. Ramachandran que propõem a aproximação destes campos, sob a perspectiva de uma *neuroestética*. Assim, a presente proposta está alinhada com perspectivas como a de Jonathan Gilmore que destaca a necessidade de construir pontes que diminuam o abismo entre as artes (dentre as quais a Literatura) e as neurociências. Orientação esta também partilhada por Robert Irwin que sugere a aproximação dos campos como necessidade para o enriquecimento do diálogo entre o “mundo sensível” e o “mundo cognitivo”. Busca-se, deste modo, entender a formação de novos sistemas de escrituras como processos de adaptação e de evolução humana. Vista de tal modo, sugere-se uma abordagem da escritura como componente inserido no corpo e na mente. Trata-se, portanto, de perceber o texto como parte inseparável da condição humana e as metamorfoses da escritura como parte do seu desenvolvimento, da experiência de *humanidade ciente de*, como aspecto fundamental para a constituição do saber diante de um mundo em constante mutação. Assim, a escritura e as adaptações dos esquemas cognitivos se complementam como espelhos convexos refletindo e amplificando um ao outro.

Poéticas Tecnológicas

SONIA MELCHIORI GALVÃO (FASB)

As poéticas contemporâneas fundamentam-se ora no processo de auto-reflexividade, ora na referencialidade, o que pressupõe a discussão em torno das inter-relações entre o interno e o externo, o mesmo e o outro. Na tentativa de integração dessa dupla posição - a identidade metapoética e a auteridade -, a produção contemporânea estabelece-se como potência criativa de certa “desterritorialização”, proporcionando a intensificação verbal associada aos mecanismos de interação de uma subjetividade lírica com o mundo. A contemporaneidade funda-se em um movimento babélico em que as diversas linguagens interagem, de forma que se torna impossível o centramento narcísico nas formas estéticas. Há um fluxo estético híbrido de linguagens interagentes que produz um novo objeto estético imprevisível. Neste campo, as artes produzem campos hipertextuais ad infinitum. A poética contemporânea não foge deste processo, apontando para uma escritura porosa com intersecção entre as artes visuais, a música e as mídias, configurando, assim, um novo referencial estético. O surgimento de uma nova poética, cujo projeto é justamente o descentramento, coloca em cheque o projeto moderno de construção, apontando para uma reordenação do corpo estético que rejeita a unidade. A proposta aqui apresentada encaminha-se para o estudo das poéticas produzidas por meios tecnológicos, quaisquer que sejam - a infopoesia, a poesia holográfica, a tecnopoesia -, quanto aos processos de construção mediados por uma perspectiva labiríntica própria do pensamento contemporâneo.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 800

Caminhos éticos e estéticos do cinema felliniano

JULIA SCAMPARINI (UFRJ)

As discussões sobre o estético e o ético encontram solo na cinematografia italiana do pós-guerra, quando filmes engajados eram orientados por um olhar que unia arte e política, e novas poéticas autorais se estabeleciam como arte e se integravam à indústria cinematográfica. Federico Fellini, desenhista, caricaturista e humorista em sua juventude, em início de carreira rejeitou a estética do neorrealismo, bem como sua temática abertamente crítica e, ao tratar dos assuntos que lhe interessavam, não datados ou localizados como os do grupo neorrealista, inventou, com o passar dos anos, sua linguagem, chegando a motivar um novo adjetivo: ainda hoje fala-se de imagens, referências, inspirações *fellinianas*. Procuraremos demonstrar que, ainda que tenha rompido com os padrões textuais da época e negue uma veia política, Fellini, através de sua forma única de construir textos visuais – descritivos, simbólicos, oníricos – retomou objetos tradicionais da identidade italiana, tema tão caro aos colegas neorrealistas. O que nos fundamenta é a concepção foucaultiana de discurso, a qual, neste trabalho, organiza um campo de dizeres identificados em material escrito que, segundo nossas hipóteses, é retomado em material fílmico felliniano. O cineasta elabora novos enunciados, torna-se universal, cria uma poética, encaixa-se na estética que aproxima autoria e indústria – à primeira vista uma antítese – mas, ainda assim, dialoga com discursos da tradição quando aborda, ainda que nas entrelinhas, o assunto Itália.

Memória, mitos e crenças: a práxis cotidiana na série Brown Angel Mysteries, de Lucha Corpi

CARLA FIGUEIREDO PORTILHO (UFF)

As práticas cotidianas – em especial os mitos e crenças herdados da tradição mexicana – marcam presença na série policial Brown Angel Mysteries, da escritora chicana Lucha Corpi, objeto de estudo deste trabalho. Tomando como base para argumentação a teoria de Michel de Certeau sobre a práxis cotidiana, desenvolvida em *A invenção do cotidiano*, busca-se discutir de que modo os usos e fazeres do dia-a-dia representam um meio de opôr resistência às práticas sócio-culturais dominantes, além do seu papel político como uma tática por meio da qual as comunidades marginalizadas representadas buscam se (re)apropriar de um espaço cultural, político e sócio-econômico, adquirindo novos significados no espaço de confronto entre o centro de poder e a periferia. Por meio da caracterização da protagonista da série, Gloria Damasco, Lucha Corpi abre o gênero policial à diversidade cultural, oferecendo uma percepção não-eurocêntrica da realidade, que aceita como real o conhecimento que vem de fontes intangíveis como os sonhos, as visões, a intuição e a percepção extra-sensorial. Essas experiências não-rationais se entrelaçam à presença de um mito fundamental para a cultura e memória chicanas – La Malinche – para apresentar um enredo policial que subverte a lógica cartesiana da ficção detetivesca tradicional.

Debates em torno da arte e da técnica: as primeiras visitas de três homens de letras ao cinematógrafo (1894-1903)

DANIELLE CREPALDI CARVALHO (UNICAMP)

O desenvolvimento técnico ocorrido até o final do século XIX alterou o estatuto da produção artística. A imprensa passou a absorver cada vez mais homens de letras, tornando possível a profissionalização do ofício. Porém, escritores igualmente precisaram atender aos anseios de um novo público, acostumado a um cotidiano cada vez mais cercado por estímulos visuais: fotografias, propagandas, vistas cinematográficas etc. Esta tensão é percebida na leitura das crônicas a respeito do cinematógrafo publicadas em jornais do período por três literatos de destaque na cena cultural carioca: Olavo Bilac, Arthur Azevedo e Figueiredo Coimbra. Nelas, a empolgação com o invento não raras vezes dá lugar ao temor de que as “imagens em movimento” ocupem na sociedade o espaço antes reservado à literatura. Isso começa a se desenhar em 1894 – um ano antes de os irmãos Lumière realizarem, na França, a primeira sessão paga do cinematógrafo – quando Olavo Bilac, após assistir a fitas do recém-inventado kinetoscópio de Edison, se diz horrorizado ante a possibilidade de a máquina registrar “ad eternum” os gestos da mulher amada. A evocação nostálgica possibilitada pela memória – e traduzida pela arte – é, segundo o escritor, suplantada pela realidade fria tomada pela máquina e impressa em celuloide, o que torna o inventor um “criminoso de lesa-poesia”. Os lamentos de Bilac convivem, na imprensa, com discursos mais simpáticos ao medium. Um deles é de Arthur Azevedo, que, por ser um dinâmico autor de teatro cômico-musicado, consegue dialogar melhor com o variado espetáculo cinematográfico (que misturava fitas documentais, cômicas e fantásticas; em branco e preto ou coloridas). No entanto, tal diálogo não é isento de tensões, especialmente quando o afã do escritor de agradar as plateias chocava-se com sua luta por um teatro que a educasse esteticamente – nesses casos, o cinematógrafo recebe as mesmas críticas negativas voltadas ao teatro que visava unicamente ao entretenimento. Um contraponto é Figueiredo Coimbra – como Azevedo, autor de teatro popular e cronista de prestígio – que, numa perspicácia pouco comum à época, ensaia uma reflexão sobre a técnica que tornava possível a realidade apresentada pelo cinematógrafo, o que o ajuda a compreender porque o invento se tornava tão popular. Nesta comunicação, pretendo analisar os textos cronísticos a respeito do cinematógrafo publicados por esses três homens de letras entre

1894 e 1903, buscando compreender de que modo o invento concorreu para o questionamento, a redefinição e/ou a manutenção dos lugares que ocupavam na sociedade. Pesquisa Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de S.P. (FAPESP)

Nos limites: a experiência do tempo na literatura e no cinema de Clarice Lispector y Lucrecia Martel

HERNÁN RODOLFO ULM (UFF)

Neste trabalho tentamos dar conta dos modos da experiência da temporalidade na literatura e no cinema contemporâneos, dado que tal experiência é privilegiada na hora de se pensar os modos de produção da subjetividade no mundo atual. Neste sentido, as artes constituem uma “sintomatologia da cultura” que visa atingir e diagnosticar os modos de constituirmos em nosso próprio horizonte cultural. Desse modo, as artes fazem a crítica das maneiras estereotipadas da construção do sentido: se, de um lado, as palavras e as imagens dos meios massivos de comunicação procuram estabelecer um modo de nos fixar numa identidade sempre repetida, de um outro lado a literatura e o cinema buscam atingir as fronteiras nos que [nas quais] as palavras e as imagens podem, finalmente, alcançar os seus próprios limites expressivos. Há algo que as palavras não podem dizer. Há alguma coisa que as imagens não podem fazer visível. Neste sentido, a literatura e o cinema mostram o irrepresentável nas palavras e nas imagens. Partindo da análise das obras de Clarice Lispector (na literatura) e Lucrecia Martel (no cinema) procuraremos mostrar as formas em que a temporalidade é questionada e assumida nas suas obras, na tentativa de dar uma imagem do tempo que não responde às características tradicionais do “aqui” e do “agora” com que o pensamento organizava a experiência. Essa forma da experiência da temporalidade questiona as formas tradicionais da narratividade (estruturadas na fórmula aristotélica de princípio, meio, fim) tanto como as formas da construção ética da subjetividade. O que é que é fazer uma experiência do Eu no mundo contemporâneo? Há ainda espaço para uma experiência desse jeito? Ou temos de nos abrir a novos modos de subjetivação? Há ainda possibilidades para a narratividade? Seguindo algumas indicações, por um lado, da crítica literária (Barthes, Blanchot, Deleuze) que mostram a necessidade de ir para além das teorias estruturalistas do signo na hora de dar conta da experiência literária e, por outro, da crítica cinematográfica e dos estudos audiovisuais (Rancière, Deleuze, Didi Huberman, Comolli, Bellour) que assinalam as peculiaridades das imagens como meio de expressar estas transformações, tentaremos assinalar os limites em as palavras e as imagens se encontram e sua pertinência na hora de dar conta da experiência da temporalidade contemporânea, e também as consequências que tais experiências revelam para a possibilidade de uma ética. Assim o objetivo deste trabalho é, finalmente, sugerir algumas idéias pelas quais a experiência do tempo é apresentada nas obras das autoras trabalhadas dando lugar a um modo peculiar de construção da subjetividade.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 800

A literatura na era digital

ANTÔNIO CARLOS BRAGA SILVA (FAAM)

A literatura, qualquer que seja o espaço em que ocorra, viabiliza-se através de um sistema semiótico (ou intersemiótico) perpassando por diversos níveis sógnicos (quer sejam eles visuais, sonoros, verbais etc.). O advento da informática e a utilização do espaço virtual nos propiciaram novas (senão irrestritas) possibilidades quanto à capacidade e disponibilidade de circulação de todas as modalidades textuais, desde as mais convencionais até os textos mais sofisticados e artisticamente elaborados. Paralelamente, a chamada escrita eletrônica fez emergir inusitadas formas de conceber, produzir, veicular, validar, processar, receber e ler o texto literário, dando ao receptor concretas possibilidades de interagir com o texto, não raro, em um processo mesmo de criação ou até de co-autoria. O leitor, nesse novo campo de ação e circulação, através de um simples clic, com o uso do mouse, estabelece variadas e múltiplas associações e interações, propiciando, criando, modificando imagens, palavras e sons. Como resultado desse advento na literatura, defrontamo-nos com um amplo leque de modalidades textuais que, lançando mão de recursos e técnicas próprias, incitam não só o receptor, mas também, ao artista da contemporaneidade, que leve em consideração as possibilidades do que podemos chamar de “imaterilização dos conteúdos”. Vivenciamos, de modo agora irreversível - e reconhecemos a dimensão do problema, já que não há opções para um possível retrocesso -, um momento ímpar da história da arte e da criação. As novas mídias, num incontestável apelo à modernização e à criatividade, mudaram a nossa forma de ser e estar no mundo e nos impelem ininterruptamente a rever e a reconsiderar os *modus operandi* quanto ao nosso relacionamento com os símbolos, com os signos, em suma, com o sistema de comunicação mediatizado pelas diversas linguagens comunicacionais e artísticas. Em pauta, nesse nosso trabalho, a linguagem literária. Segundo Posner (1997), a sociedade é usuária de signos e a cultura existe como um sistema de signos reconhecíveis pelos mem-

bro que a integram. Para Pierre Lévy (1997) Assim, mais que um instrumento para agilizar a produção de textos clássicos, as novas tecnologias, como por exemplo o hipertexto e outros suportes informatizados, são um “novo universo de criação e de leitura dos signos”. Partimos do pressuposto de que os textos eletrônicos apresentam natureza distinta dos textos impressos, e se não estamos diante de um novo gênero da literatura. Partiremos desses pontos para analisarmos o que já foi produzido na literatura brasileira no espaço virtual e qual a relação do leitor com essa modalidade. Palavras-Chave: Literatura. Era digital. Hipertexto.

A estrutura narrativa em *Eram seis assinalados* de Lindanor Celina ROSA HELENA SOUSA DE OLIVEIRA OLIVEIRA (UFPA)

Eram seis assinalados é uma narrativa da escritora paraense Lindanor Celina. A presente comunicação objetiva apresentar uma leitura do ponto de vista narratológico do terceiro romance que compõe a trilogia contruída por essa autora. Menina que vem de Itaiara e Estradas do tempo foi são os romances iniciais que apresentam a personagem Irene na infância e na adolescência, respectivamente. Em *Eram seis assinalados* a referida personagem estréia no mundo dos adultos com os desejos, emoções e decepções que a vida lhe oferece. Para estabelecer diálogos com a leitura dessa obra nos aproximamos de teóricos e críticos como Roland Barthes, Benedito Nunes, Paul Ricoeur, Gaston Bachelard, Walter Benjamin, Antonio Candido, Todorov e outros autores que possibilitam o diálogo com as questões estruturais da narrativa.

Traços da mineiridade na tríade ficcional de Oswaldo França Júnior MARIA JOSÉ LADEIRA GARCIA GARCIA (UNEC)

Procura-se estudar as tendências relativas à representação da mineiridade e compreender a identidade mineira. Para isso é importante se conscientizar de que as sociedades capitalistas são lugares da desigualdade referente à etnia, sexo, gerações, classes e cultura; como consequência, torna-se o local onde se estabelecem e contestam tais distinções, porque os grupos subordinados fazem frente à imposição de significados que sustentam os interesses dos grupos mais poderosos. A identidade é o que diferencia o sujeito como pessoa, e o sujeito é o indivíduo que firma sua identidade pela capacidade de criar um discurso em que se reconhece como a autêntica expressão de seu eu. Tanto a identidade subjetiva como a nacional (e acrescenta-se a mineira) se formam e se transformam no âmbito da representação, porque a nação não é apenas uma identidade política, mas um sistema de representação cultural. A questão da identidade envolve uma tentativa de definição do sujeito, pois interage na personalidade do sujeito, porque sem o sentimento de identificação nacional e regional, o sujeito experimentaria um profundo sentimento de perda subjetiva. Sabe-se que o sujeito não é autônomo e autossuficiente por ser formado em contato com outras pessoas que lhe medeiam os valores e símbolos- a cultura da mineiridade por exemplo, apresenta características muito peculiares. As propostas de globalização, de desterritorialização e de desconstrução do conceito de nação fizeram emergir duas posturas distintas: a proliferação de novas posições de identidade, destacadas por valores cosmopolitas ou internacionais e um *revival do nacionalismo, visando à manutenção das comunidades imaginadas ou nações. Pensar a representação da identidade nos romances Aqui e em outros lugares, publicado em 1980, 'A procura dos motivos, em 1982, e No fundo das águas, em 1987 implica rever a configuração das posições de sujeito em relação com a cidade, pois a pós-modernidade, ao diluir fronteiras em movimentos de interdependência transnacional, nacional e regional, paradoxalmente, permite o desabrochar dos processo de afirmação de identidades locais frente ao conceito de nação e de identidade nacional em crise. A história da mineiridade surge com adereços regionalizadores de que o mineiro, devido ao clima, geografia e cerceamento das montanhas, não tem pressa, porque o tempo não conta. Todo é feito para durar e não para revelar aparência; portanto possui mais o espírito do eterno do que o do moderno. A forma particular de como vive o tempo fornece o eixo em torno do qual todas as categorias se harmonizam na montagem de sua visão de mundo. Fiel à sua própria natureza em qualquer estágio do progresso, é vocação de eternidade no que se refere à intemporalidade, à permanência, enquanto a mentalidade moderna é por natureza temporal. Ao priorizar a categoria espaço em relação à do tempo, constata-se a presença do homem rural dentro do cidadão urbanizado; por isso o sentido da vida estaria segurado pela manutenção da tradição e desconfiança em relação a mudanças. Toda sociologia mineira é dominada pela continuidade, fidelidade e temperância em relação ao passado, por isso Minas torna-se o equilíbrio para pode enxergar mais longe.*

Um amor de Swann de Marcel Proust: quando sentimento e arte se entrelaçam
MARIA CRISTINA VIANNA KUNTZ (PUC-SP)

Antoine Compagnon afirma que no romance *Um amor de Swann* de Marcel Proust, a relação entre o protagonista Swann e sua amante, Odette baseia-se em um quadro de Botticelli e na “Pequena Frase” da sonata de Vinteuil (COMPAGNON, 1989). Assim, além da “palavra”, do “canto” proustiano a fascinação deste romance repousa nas relações que o autor estabelece entre as artes e os sentimentos de Swann, o protagonista. Este cria uma imagem ideal: ele vê Odette no quadro renascentista, identifica seu amor à « Pequena Frase» de uma sonata. Nasce, assim, um sentimento muito forte que se constrói a partir dessas obras de arte. Os conceitos de imanência e transcendência (GENETTE, 1994), de certa forma, nos permitem compreender o sentimento do protagonista que se ampliará e fortalecerá de tal maneira a não admitir as evidências de traição de sua amante. Entretanto um dia, o encontro com a realidade será inevitável e então o que restará de seu amor será apenas a « memória», a lembrança dos primeiros tempos que finalmente ele terá que esquecer. Mas a arte transcende o tempo e o amor; e de sua desilusão restará apenas a beleza da arte que Swann guardará em seu coração. Assim, vemos que pathos e ethos se entrelaçam e formam o cerne deste romance construindo uma obra singular, cujo fluxo contínuo entre as artes formará a tessitura da palavra. Um amor de Swann é, pois, muito mais que uma narrativa de intriga amorosa, é um texto “produtivo”, que exige a participação do leitor para a construção do significado. É uma escrita que se constrói a partir da imaginação do protagonista relacionando-a com a arte. Mesmo ante a descoberta da realidade no final do romance, ele estabelecerá laços com a pintura e com a música. Portanto veremos que, anunciando a modernidade do século XX, a significância (BARTHES, 1980) desse romance residirá no cruzamento da pintura, da música e da Literatura (KRISTEVA, 1981). Nesta comunicação pretendemos examinar os laços que unem os sentimentos do protagonista e as obras de arte pictórica e musical e o alcance dessa construção literária. Palavras-chave: Literatura Francesa; Literatura do século XX; Literatura e arte; Intertextualidade

CÂNONE E ANTICÂNONE A HEGEMONIA DA DIFERENÇA II

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos (UFGD)
Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFU)
Mário Cezar Silva Leite (UFMT)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 700

The autobiographical genre and the contact zone—the challenge of no telephone to heaven
MÁRCIA AGUSTINI (UFSC)

Filha de pais miscigenados, Clare se depara com narrativas divergentes: o racismo americano a classifica como negra, seu pai a ensina a ser branca, e a sociedade jamaicana pós-colonial (de onde emigrou na adolescência) despejou sobre ela narrativas nas quais um cidadão jamaicano seria parte da comunidade inglesa. Essas informações provocam em Clare conflitos internos que a fazem comparar sua trajetória com aquela de dois personagens do romance *Jane Eyre* de Charlotte Brontë. Clare primeiramente reflete sobre a própria *Jane Eyre* e logo após Bertha, uma personagem secundária no romance. Através de suas reflexões, o Eu racional e estável das autobiografias se apresenta como fragmentado e instável. Desta forma, a trajetória desta heroína desafia o estilo clássico destas narrativas propondo ao mesmo tempo uma revisão de conceitos estilísticos e identitários.

Correspondência incompleta: uma leitura intertextual e interdisciplinar de Ana Cristina César
ILVA MARIA BONIATTI (UCS)

Este ensaio pretende discorrer sobre a literatura marginal, como gênero desestabilizador na literatura contemporânea, uma vez que a mesma contraria o cânone literário, questionando a própria definição de literatura. Para tanto, propõe-se, também, a refletir sobre as estratégias ficcionais presentes na epistolografia de uma figura emblemática da poesia brasileira contemporânea, a poetisa, tradutora, professora de literatura, e excelente missivista, Ana Cristina César, frisando a pertinência do estudo de sua obra para a Literatura Comparada, pois seu fazer literário contribui para o enriquecimento da literatura brasileira e para a literatura mundial. Sendo as cartas, registros da intimidade revelados ao leitor, através de um jogo de imagens de conteúdo e de forma, contidas em espaços privados e públicos que se abrem e fecham nesses textos, escolheu-se a obra Correspondência Incompleta de Ana Cristina Cesar como fonte deste estudo. Palavras-chave: epistola – literatura marginal – intertextualidade – interdisciplinaridade

A poética de Bernadette Lyra em sua gênese: O conto – Do jardim das delícias ao parque das felicidades DENEVAL SIQUEIRA DE AZEVEDO FILHO (UFES)

Ao falar de Bernadette Lyra, Francisco Aurélio Ribeiro (1990, p. 41) afirma ser a escritora “um nome ímpar na literatura capixaba contemporânea.” Concordo. A gênese da sua alta literatura está no livro de contos, *As contas no canto* (1981), premiado no Concurso Fernando Chinaglia, que apresenta como marcas principais a extrema capacidade de síntese (contos com cerca de dez linhas), um gênero muito caro à autora, e lirismo aliados à acidez, à ironia e uma postura cética diante da vida, das mazelas da burguesia e do barroquismo humano – contradições, paradoxos e ambiguidades. É uma autora que “persegue o sublime por vias avessas, sempre na tentativa de violá-lo, por meio de uma clara e intensa excitação dos narradores pelo perverso e insólito” (Azevedo Filho, 2006, p. 23) originados em sua força imaginativa. O texto de Bernadette é caracterizado, vigorosamente, desde seus primeiros contos, pela transgressão, aquela que alfineta tabus. Rompe com o cânone ao convidar o leitor a “olhar” os clássicos de modo a (des)construí-los e pastichá-los, sempre que nos propõe uma aproximação para (re)pensar as convenções e a ordem estabelecida, sempre reinventando o regional para lhe dar voz. Assim, sua poética assume o culto do (re)novo, do (re)lido, do dialogismo e da farra intertextual para estabelecer uma contemporaneidade que tenta romper com a tradição, apesar de sempre se justapor a ela quando a revisita. Exemplo mais concreto é o esplendoroso conto “Branca de Neve e um Anão” (AZEVEDO FILHO, 2006, p. 21). Neste trabalho, analiso os livros *As contas no canto*, *O Jardim das Delícias* e *O Parque das Felicidades* Palavras-chave: Poética do conto, Subversão do cânone, Bernadette Lyra

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 700

Literatura de Fronteira: ecos da guerra do Paraguai NORMA WIMMER (IBILCE/UNESP)

Encerrada a campanha do Mato Grosso durante a primeira fase da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, A. E. Taunay retorna ao Rio de Janeiro onde publica, em 1871, uma primeira versão oficial de *La Retraite de Laguna*, “episódio de guerra”. Em seu texto, Taunay representa a figura do guia Lopes fazendo alusão, também, a sua família retida prisioneira no Paraguai. Dona Senhorinha, apenas mencionada no texto de Taunay, passa a ser a protagonista do romance português de Eduardo Noronha, *O guia do Mago Grosso* (1909). Sob uma perspectiva europeia e como resultado de um processo de transformação de gênero literário, o resgate do “episódio de guerra” conduz a reflexões acerca dos conceitos de regional e de nacional, por exemplo, bem como aos conceitos de nação, nacionalidade, raça, cultura, identidade. Finalmente, Samuel X. Medeiros, sob outra perspectiva ainda, leva-nos a refletir acerca de sua narrativa *Senhorinha Barbosa Lopes* (2007) e de seu caráter de texto de fronteira, de lugar de encontro entre identidades, entre liguagens e entre gêneros literários.

O saber da Lagoinha na narrativa de Wander Piroli MARCELINO RODRIGUES DA SILVA (UFMG)

O livro "Lagoinha", de Wander Piroli, foi lançado pela editora Conceito em 2003, como parte da coleção "BH: a cidade de cada um", constituída por pequenos volumes dedicados à memória dos lugares, histórias e personagens da capital mineira. Conforme o texto de apresentação, a obra é composta por "crônicas", algumas inéditas, outras publicadas em jornais ou lidas em transmissões radiofônicas, nas quais o autor conta suas lembranças do bairro onde viveu durante grande parte de sua vida: a Lagoinha, conhecida como a mais tradicional zona boêmia da cidade, cujo centro vital (a praça Vaz de Melo) foi destruído em 1984, para dar lugar à reforma de um complexo de túneis e viadutos. Reunidos confortavelmente sob essa rubrica elástica - a crônica -, esses textos deslizam sutilmente por diferentes convenções genéricas e seus respectivos pactos de leitura: do depoimento sobre experiências pessoais, que se aproxima da autobiografia, com seu apoio na referencialidade do tema e na identificação entre autor e narrador; passando pelo relato memorialístico, que resgata personagens marcantes e casos curiosos do passado, erigindo lugares da memória e articulando lembranças individuais e coletivas; até chegar a textos que funcionam como pequenos contos, assumindo abertamente um certo caráter ficcional e construindo uma visão mítica do universo boêmio que animava a localidade em seus "bons tempos". Por meio desse progressivo deslocamento, Wander Piroli reinventa a Lagoinha, impregnando-a com sua memória afetiva e produzindo, sobre o bairro, a cidade e o processo de modernização vivido por esses lugares, um tipo de reflexão e saber que somente é possível pelo recurso à ficcionalidade. Local e global, particular e universal, tradicional e moderno, referencial e ficcional são, portanto, algumas das categorias que a leitura dessa obra coloca em pauta, levando o analista a rever sua pertinência para o estudo e a compreensão da produção literária e cultural realizada em contextos urbanos e periféricos, como a cidade de Belo Horizonte.

Martín Fierro: o anti-herói gauchesco da literatura do Prata LISANA TERESINHA BERTUSSI (UCS)

Muito se tem enfatizado a importância de considerar a literatura gauchesca como uma produção literária de três pátrias: Brasil (especificamente Rio Grande do Sul), Argentina e Uruguai. De fato, há muita semelhança na cultura desses três países cuja economia é baseada fundamentalmente na atividade pastoral, que gera um tipo regional semelhante e uma literatura similar, pois poetas como o uruguaio Bartolomé Hidalgo, o argentino José Hernández ou o gaúcho Ramiro Barcelos enfocam um universo comum: o pampa. Também já se chamou a atenção para o fator que foi determinante na grande produção e recepção dessa literatura, ou seja, o fato de ela estar muito vinculada às lutas políticas desses países. O argentino José Hernández, escritor regionalista mais importante do Prata, com sua obra *Martín Fierro*, considerada símbolo da nacionalidade argentina, ao configurar seu pretense herói, acaba por desvelar as misérias do gaúcho pampeano pobre, recrutado para uma luta que não é sua de defesa das fronteiras para os grandes estancieiros. E nessa configuração, partindo da referência regional, alcança a universalidade, desconstruindo o mito do gaúcho heroico e mostrando a opressão e miséria social. Essa a perspectiva temática dessa reflexão.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 700

História, memória e constituição de identidades em *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* e *When I Was Puerto Rican* GISÉLE MANGANELLI FERNANDES (UNESP)

O trabalho apresenta uma análise comparativa das obras *Borderlands: La Frontera: The New Mestiza* (1987), de Gloria Anzaldúa, e *When I Was Puerto Rican: A Memoir* (1993), de Esmeralda Santiago, a fim de examinar questões históricas, de memória e de identidade abordadas nos textos. A escritora Chicana Gloria Anzaldúa discute a História da colonização do México, a Guerra entre o México e os Estados Unidos, a situação da fronteira entre os dois países, os problemas de identidade dos imigrantes mexicanos e latinos em geral nos EUA, além de trazer à baila relevantes aspectos linguísticos originados dessa imigração. Revelando sua rebeldia contra estruturas pré-estabelecidas, Anzaldúa ocupa-se de mostrar a força da mulher, nesse caso, da "nova mestiça" que, por estar entre as duas culturas, tem condições de reagir e assumir uma postura de não-subserviência ao status quo. Esmeralda Santiago, por sua vez, aborda a presença americana em Porto Rico, o papel da mulher e a mudança de sua família para New York, tornando-a uma cidadã com uma nova identidade. Esse processo de constituição de identidade é feito por meio da imagem de uma goiaba. Tudo o que ela tinha aprendido quando criança em Porto Rico sobre como comer uma goiaba livremente do pé da fruta havia se modificado em New York, onde ela podia obter goiabas somente comprando cada uma a \$1.59 no mercado. Portanto, as goiabas trazem em si toda a alteração de vida, de valores, de costumes. No último capítulo do livro, a autora, naquele momento, uma estudante bolsista em Harvard, relata sua visita à escola na qual se graduou em Performing Arts e viu sua vida mudar de modo significativo. Assim, Anzaldúa e Santiago mostram suas perspectivas sobre a complexidade da constituição das suas identidades híbridas nos Estados Unidos, com textos que apontam para a reavaliação da História e rupturas de

fronteiras geográficas e culturais na sociedade contemporânea. A relação ficção/História será discutida pelos conceitos de “metaficção historiográfica” (Hutcheon, 1988) e de “representância” (Ricoeur, 2007), questões de identidade terão por base teórica textos de Mignolo (2000), Canclini (2003), Silva (2000), e o debate acerca de memória e fronteiras será fundamentado em teorias de Le Goff (2003), Achugar (2006), Moreiras (2001), Yúdice (2004).

Acesso-global-Linhas-locais: Globalização, Regionalismos e Identidades do/no interior do Brasil

MÁRIO CEZAR SILVA LEITE (UFMT);

Os processos de globalização impetrados nas últimas décadas envolvem "tanto a homogeneização como a diversificação, da mesma maneira que a integração e a fragmentação" (IANNI, Octavio. Capitalismo, Violência e Terrorismo. 2004, p. 62). Numa espécie de contra-mão interna da uniformização global (homogeneização-integração), reacendem-se as manifestações, nem sempre pacíficas, dos nacionalismos, regionalismos, identidades, xenofobias e fundamentalismos (diversificação-fragmentação). Além das esferas econômica, social e política, estas perspectivas de posição no mundo, inserem-se forte e decisivamente no plano da cultura e das artes. Não há muita novidade em refletir sobre os nacionalismos, regionalismos e identidades. No entanto, o que este trabalho propõe é a observação de um grupo sócio-cultural específico - o intelectual-do-interior do Brasil - e como, em suas reflexões e críticas culturais e literárias dialogam com os fluxos globalizadores e uniformizantes. Fecham-se na defesa da "identidade local"? Problematicam a avalanche global à luz de novas perspectivas de diálogo e conexões? Abrem-se aos acesos globais e ignoram a produção e reflexão local? Refletem globalmente com "olhares locais"? Decidem o que, do local, se pode globalizar? Tratam o nacionalismo como um passo para a globalidade?

Quadros da vida selvagem: *Y-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, na versão de um gaúcho

MARIA EUNICE MOREIRA (PUC-RS)

No insuportável dezembro de 1869, a atriz Antonina Manquelou, da Companhia de Almeida Cabral, subiu ao palco do Grande Cosmorama Mecânico e Fantástico, instalado no centro de Porto Alegre, para mais uma apresentação que deixaria os habitantes da pacata capital rio-grandense absolutamente fascinados por sua atuação. Desejoso de homenageá-la, José Bernardino dos Santos, membro da Sociedade Partenon Literário, que acabara de ser fundada para difundir a literatura do Rio Grande, nos moldes do Romantismo vigente, escreve o drama "Y-Juca Pirama", vertendo o poema de Gonçalves Dias para o teatro. A discussão que se apresenta, nesta comunicação, centra-se na repercussão da obra gonçalvina em solo gaúcho e, ao mesmo tempo, enfoca a criação de José B. dos Santos como uma expressão singular das letras rio-grandenses no século XIX. Discute-se igualmente o lugar dessa composição na história da literatura regional e sua relação com os preceitos românticos, articulando-se, portanto, com a proposta do Simpósio "Cânone e anticânone: a hegemonia da diferença".

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 700

A Manifestação Popular do “Toro Candil”: aspectos da condição mestiça da cultura sul-mato-grossense

GICELMA DA FONSECA CHACAROSQUI TORCHI (UFGD)

O pensamento da mestiçagem é um pensamento da mediação que se exerce nos intervalos, nos interstícios, nas fronteiras a partir dos cruzamentos e das trocas. A mestiçagem pertence ao território do ato e procede ao deslocamento do que se tinha como categorial colocando, assim, em questões princípios, nomeadamente o princípio da Identidade. Este paper tem como escopo abordar a rica e estratificada cultura traduzida em significativas produções artísticas sul-mato-grossenses (música, dança, literatura, teatro, pintura, escultura, cinema), verificando particularmente as festividades do “Toro Candil” como fator de mestiçagem e interculturalidade nas culturas de fronteira Brasil-Paraguai, resultante de uma identidade ibérica, ameríndia. A “brincadeira” fol-

clórica do “Toro Candil” realiza-se regularmente nas cidades fronteiriças de Porto Murtinho, Amambai, alusivas ao Dia de Reis e festas natalinas com conotações de mestiçagem por sua atividade de tecelegam e urdidura cultural ininterruptas.

Literatura de cordel do Brasil: modos de resistência ao hegemônico

MARIA ISAURA RODRIGUES PINTO (UERJ/UNIPLI)

A presente comunicação tem por objetivo refletir sobre processos relacionais entre a literatura de cordel do Brasil e a de Portugal. Busca-se chamar atenção para as perspectivas monoculturais definidoras dos enfoques comparativos entre essas duas práticas literárias e, com isso, tomando um caminho reverso, lançar um olhar questionador para as invisibilidades e para os lugares de ausência que protagonizam o vínculo a normas legitimadoras de regimes do discurso hegemônico. O estabelecimento desse ponto de vista implica adotar uma atitude crítica de caráter revisor que consiste em pensar os fatores de interação entre o cordel do Brasil e o de Portugal fora do âmbito da razão dualista do Mesmo e do Outro própria da tradição ocidental, por meio da qual eles têm sido considerados, de maneira mais ou menos detida, para, dando lugar a outra ótica, observar as experiências de deslocamento caracterizadoras do percurso diferenciado da produção de cordel brasileira e portuguesa, as quais trouxeram em sua esteira elementos articuladores de cumplidades e conflitos responsáveis por hibridismos culturais.

O Sancho tem chance: vinde a nós as muitas formas de ler, dizer e cantar

MARIA AUXILIADORA CUNHA GROSSI (UFU)

Para o medievalista Paul Zumthor, o que produz a concretização de um texto dotado de carga poética está ligado aos seus efeitos semânticos. São transformações percebidas, em geral, como emoção pura, mas que manifestam uma "vibração fisiológica". O leitor, então, empenha sua própria palavra às energias vitais que a mantêm, sendo "orgânicas" suas relações com o poético. Nesse sentido, os elementos técnicos de análise de um poema, de uma canção, com rimas, ritmo, versificações não seriam suficientes para expressar de forma mais ampla a plenitude poética do texto. Sensibilidades que envolvem o olho, mas também o ouvido, o corpo como um todo influenciam e alteram a percepção do poético. Que tipos de leitura e/ou que elementos para sua realização poderão ser aplicados em leituras de poemas e canções, de maneira a reforçar os significados suplementares do signo poético? Em que medida estas leituras podem desempenhar funções que facilitem a compreensão do fato literário? Esta comunicação pretende apresentar e trazer para análise produtos e culturas não canônicas que acontecem entre camadas de produção imagi-nária do mundo urbano. Poemas, textos em cena e performances realizadas no "Slam Poésie" francês e brasileiro; diferentes formas de dizer e cantar palavras poéticas; “Cobra Norato” em cenário voco-musical; "mots et musiques du monde" em "Récits du Sertão" de João Guimarães Rosa.

A fé como estratégia cultural libertador

LEONÉ ASTRIDE BARZOTTO (UFGD)

Este estudo visa analisar, sob uma ótica pós-colonial, os aspectos culturais das manifestações religiosas que estruturam o romance "A ilha sob o mar" (2010), de Isabel Allende. Tal investigação busca explicitar que a fé proveniente da zona de contato, independentemente da crença a qual é depositada, manifesta-se como uma potente estratégia de resistência ao sistema opressor imposto à grande maioria dos países latino-americanos, sobretudo no período das dependências econômicas europeias e das lutas locais por libertação. Dessa forma, as manifestações religiosas da obra supracitada serão investigadas pela premissa da fé como um estratégia cultural libertador. Assim, a narrativa selecionada passa a ser um micro cosmo de representação metonímica a outras instâncias cujas experiências de domínio versus libertação se aproximam no entorno da América Latina como um todo. Portanto, dar-se-á um enfoque maior à Zarité Sedella, personagem central que - na condição subalternizada pelo sistema por ser mulher, negra, escrava, trabalhadora, mãe bastarda e voduísta – só consegue alcançar a tão desejada liberdade por meio das crenças que a sustentam e a fazem perseverar, mesmo diante das maiores atrocidades. Palavras-chave: Fé; Crenças; Cultura; Liberdade; Isabel Allende.

CINEMA E TRÂNSITO

Antonio João Teixeira (UEPG)
Alessandra Soares Brandão (UNISUL)
Anelise Reich Corseuil (UFSC)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 708

Poliglossia e heteroglossia em *Dollars and White Pipes*
JOSÉ GATTI (UTP, UFSC)

O cinema sul-africano se caracteriza por uma história muito diferente de outras cinematografias. Foi marcado, durante noventa anos de apartheid, pela segregação de públicos, elencos e meios de produção, resultando num cinema fragmentado, algo que ainda se mantém apesar dos esforços visíveis dos últimos anos de democratização. Além disso, o país sofre as consequências de reunir uma população multilíngue (são onze as línguas oficiais), em que nem mesmo o inglês serve de fator de unificação. "Dollars and White Pipes" (2005), além de tratar de temas contundentes como diferenças de classe, racismo, consumo e tráfico de drogas, é um desses filmes que se engaja nesse esforço, fazendo uso de convenções inusitadas e mesmo cômicas (como a inserção de verbetes de dicionário ou enciclopédia), no sentido de superar barreiras que geralmente têm consequências trágicas no cotidiano sul-africano. Palavras-Chave: Cinema sul-africano -- Racismo -- Comédia.

Narradores de Javé e a desterritorialização cultural: as palavras deslizam do valor de distinção e as imagens fazem as vezes de vida
DILMA BEATRIZ ROCHA JULIANO (UNISUL)

Esta comunicação recai sobre a história narrada, a dramaticidade da encenação e sobre o roteiro do filme *Narradores de Javé*, lançado em 2003, dirigido por Eliane Caffê, que também assina o roteiro juntamente com Luis Alberto de Abreu. No filme, o processo de desterritorialização aparece tanto no que se refere à materialidade do conceito, ou seja, no deslocamento geográfico, territorial da comunidade de Javé, quanto no sentido simbólico, do desenraizamento cultural vivido por aqueles que compartilham uma história e que, portanto, moldam suas identidades a partir das experiências. A proposta aqui é a de aproximar o filme aos conceitos de narrador, em Walter Benjamin (1994), e ao de desterritorialização, em Nestor Canelini (1997) e Stuart Hall (2009). O filme compõe-se de, pelo menos, três camadas narrativas, das quais o filme - casca mais exterior - vai, no seu descascar, mostrando as demais camadas, numa analogia com os processos de transmissão da cultura. A segunda camada é a da história contada, através do personagem Zaqueu, sobre o fim de Javé, dando lugar a uma hidroelétrica. Relato este que se desdobra em várias pequenas histórias que vão sendo contadas pelos moradores-personagens do vilarejo sobre a fundação da cidade, constituindo-se na terceira camada narrativa do filme. Trata-se de um cinema que lê os efeitos da modernização, e os tematiza ao apontar o desligamento dos vínculos históricos que efetivavam o sentido de pertencimento, de coletividade dos indivíduos pelo partilhamento cultural. A palavra, no filme, desliza de seu valor antigo de ilustração/distinção para o valor imagético contemporâneo como registro filmico da história, sem deixar, com isto, de fazer com que a palavra pulse como referente passado, mas não ultrapassado, na sua tarefa de resistência ao avanço do progresso do capital. O que mobiliza a crítica ao filme é a evidência da passagem da cultura de um tempo a outro, em que as narrativas como relatos do vivido passam ao relato do visto, do ouvido, do lido – “vidas” de segunda mão.

Identidades em trânsito – o indígena no cinema brasileiro contemporâneo
ANTONIO JOÃO TEIXEIRA (UEPG)

Esta proposta visa discutir a questão do hibridismo cultural em três filmes brasileiros contemporâneos – *Mato Eles?*, *Árido Movie* e *Serras da Desordem* – focalizando a trajetória de seus personagens indígenas. A noção de porosidade, de indefinição de fronteiras, está embutida no conceito de hibridismo, que não é aqui visto como uma fusão de elementos distintos que vêm a constituir algo novo e nem como uma mistura de elementos que mantêm suas características intrínsecas inalteradas; ele é visto como a mistura de tudo aquilo que, por si, já está misturado. O propósito específico desta comunicação é investigar como se manifestam as identidades desses sujeitos no trânsito entre o urbano e o selvagem e se os filmes também constroem um espaço híbrido, levando-se em conta a vinculação existente entre a cultura e o poder, relação que os processos de hibridismo podem revelar.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 708

Road movies no mundo: trânsito em transe

REGINA R. FELIX (UNCW)

Muito se celebra, sob o cunho da perspectiva pós-moderna, o fim das hegemonias, das instituições (religiosas e racionalistas); celebra-se o esfacelamento da modernidade prenhe de abstrações totalizantes cujas certezas aprisionaram realidades e conhecimentos em poucos termos – o homem, a liberdade, o progresso. Sob novo escrutínio, revelaram-se experiências mais variadas e descontínuas; práticas múltiplas entre sexos, etnias, posições e desejos em movimentos plurais. Este ponto de vista pós-moderno se evidencia como uma supramodernidade que angaria consideráveis ganhos sociopolíticos. É a supramodernidade que tende a superar e transpor, antes discursivamente, toda forma de autoridade que se impôs através das convicções, principalmente científicas e organizacionais, da modernidade. Assinala, assim, a boa morte do convencional, como o atesta a visão pós-estrutural de Nietzsche, passando por Derrida e Foucault chegando a Lyotard, entre outros. Há, porém, perspectivas pós-modernas que se afiguram como uma mega-modernidade ao exacerbarem os efeitos funestos da modernidade, a saber, o racionamento e a com-partimentalização próprios da produção e reprodução industrial e da sociedade de massa (e de consumo) com seus efeitos danosos, em detrimento de laços comunitários. A mega-modernidade se espalha predatoriamente através da multiplicação de aparatos tecnológicos que, tanto incitam o desejo de consumo renovado por objetos, como criam consumidores atomizados e desconectados de suas redes sociais concretas. Se alguns desses aparatos possibilitam uma bem-vinda sensibilidade e convivência em rede virtual, mais perniciosamente, como resultado de engenharias sociais e de produção, encenam uma aceleração espaciotemporal que enfatiza o ultra-individualismo na descontínua e episódica experiência do processo social. A morte maléfica do convencional. Aqui a crítica cujo horizonte sugere uma justiça socioeconômica, se estende ao capitalismo global, ou capitalismo tardio, como discutem Harvey, Jameson e Bauman. O presente trabalho procura mostrar que tudo o que nos leva a crer na possibilidade de livres trânsitos e fluxos, quebra de barreiras, e potencial ubiquidade – nem lá, nem cá, muito pelo contrário; obviamente uma “síndrome de virtualidade adquirida” – ou seja, aquilo que é culturalmente variado, múltiplo e socialmente enredado, para surpresa dos indivíduos que pretendem transitar e exercer suas liberdades, se revela descontínuo, simulado e isolado. Não são as pessoas, mas os aparatos tecnológicos, materiais e virtuais, são aqueles que têm livres trânsito e fluxo, se beneficiam da quebra de barreiras, e rigozizam-se na sua própria ubiquidade. Analiso quatro road movies – *Road, Movie* (Índia, 2009), *Laila's Birthday* (Palestina, 2008), *Cidade Baixa* (Brasil, 2005) e *Ten* (Iran, 2002). Neles, aquela qualidade típica desse gênero fílmico, qual seja, a liberdade das vias abertas contra “a opressão das normas hegemônicas” (Steven Cohan e Ina Rae Hark, 1997) se choca com as realidades da pós-modernidade material. Ou seja, como o cinema internacional paralelo mostra o choque entre a supramodernidade e a mega-modernidade, como definidas acima, é o que este trabalho procurará mostrar.

Olhares em movimento: o estrangeiro em *Vicky Cristina Barcelona*

FABIANA CRISPINO (PUC-RIO)

A sociedade ocidental contemporânea é marcada pela configuração cada vez mais diversificada dos mercados, das técnicas de produção e reprodução de imagens e dos fluxos comunicacionais. Com o aumento dos processos de globalização e as discussões decorrentes da ampliação e da complexificação da interação entre os povos, bem como a circulação otimizada de informações e de bens comerciais e culturais, cresce também a problematização da convivência simultânea entre civilizações e tradições distintas. Esta proximidade traz à tona a questão do olhar e do diálogo com o outro como alguns dos expoentes fundamentais no delineamento das identidades dentro de um contexto pluralizado de diversidade e de multiplicidade, potencializado pela interferência das novas tecnologias e dos meios de comunicação massivos, não só pelo questionamento das fronteiras espaciais e temporais, mas também pelo estímulo ao contato facilitado através dos pro-

cessos de interação trazidos com o advento da era digital. Pensando neste sentido, o objetivo desta reflexão é analisar certos deslizamentos das noções de identidade e de alteridade, tendo em vista especialmente as complexidades próprias do conceito de estrangeiro, através de uma leitura do filme *Vicky Cristina Barcelona* (2008), dirigido por Woody Allen.

Passagens de um passaporte húngaro ALESSANDRA SOARES BRANDÃO (UNISUL)

Um Passaporte Húngaro (2001), de Sandra Kogut, explora a trajetória da diretora brasileira em busca de um passaporte que lhe garanta a nacionalidade dos avós húngaros, expatriados que vieram ao Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, insere-se com relevância nos debates sobre processos de globalização, marcado pela intensa circulação de imagens, bens e pessoas, sem aderir a uma percepção anódina do trânsito nesse contexto. O filme é marcado pela mobilidade da diretora - Kogut se encontra em Paris no início do filme - e sua viagem em busca do passaporte faz também viajar a memória/história da família que se confunde com a memória/história do mundo, construindo o que Consuelo Lins chamou de uma “memória-mundo”. Mas essa mobilidade no espaço-tempo da história colide no aspecto estático da burocracia em relação à emissão do passaporte. No filme, o retrato de Kogut se dá no próprio trânsito, nas passagens que o filme e nas simultaneidades de passado e presente, memória e história, mobilidade e imobilidade. Este trabalho propõe, pois, ler o filme como um (auto)retrato da diretora que se dá como movimento, como processo, nos moldes de um ensaio, a realçar o percurso, a imprevisibilidade dos resultados e de uma, nas palavras de Lins, “realidade que vai sendo criada no ato de filmar, em função justamente da filmagem”. Ao problematizar a noção de identidade como algo fixo, o filme também nutre a ideia do retrato no documentário como algo dinâmico, inconcluso, um devir.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 708

Cidade, periferia, campo: deslocamentos entre centro e margem em dois filmes de Ozualdo Candeias
RODRIGO CAZES (PUC-RIO)

Em duas narrativas filmicas de Ozualdo Candeias que lidam fortemente com a questão do trânsito físico, pode-se observar um exame da condição de existência das classes populares brasileiras em meio ao processo de modernização (conservadora) ocorrido no Brasil nos anos 1960-1970. Em *A margem*, os quatro personagens principais, marginalizados em meio à megalópole que São Paulo se tornava, se deslocam dentro da periferia da cidade, assim como do centro da cidade para a periferia, sem objetivos definidos. Em *Zézero*, o protagonista, um caipira típico, migra do campo para a cidade de São Paulo em busca do sonho de riqueza, em meio ao ambiente político-econômico do milagre brasileiro. Nas narrativas filmicas objeto deste trabalho o deslocamento dos personagens é tanto um procedimento libertário (em *A margem*) quanto um procedimento a serviço de um processo conservador (em *Zézero*). Através de tal diferença, pretendo investigar o papel dramático que a questão do trânsito pode ter no cinema, especialmente no cinema brasileiro moderno.

Reconfigurações do espaço Nordeste na literatura e no cinema contemporâneo MANOELA FALCON SILVEIRA (IF Baiano, UFBA)

Trata-se de um estudo sobre a representação do Espaço Nordeste na literatura e no cinema contemporâneo, tendo como objeto a análise das narrativas filmicas em *Árido Movie*, do diretor Lírio Ferreira, do documentário *2000 Nordestes*, dos diretores Vicente Amorim e David França Mendes, e da trilogia literária do escritor Antônio Torres. A reconfiguração de um nordeste brasileiro marcado pelo trânsito livre de acesso às novas tecnologias tem deslocado o significado deste espaço tão marcado por um imaginário de precariedades construído tanto pela literatura modernista quanto pelo cinema novo. Um olhar desconstrutor sobre a atual paisagem nordestina possibilita outras maneiras de apreender os modos de vida e organização social desta população, assim como as formas de pertencimento habitadas na subjetividade dos indivíduos pertencentes a este espaço. Agência de fomento: CAPES/CNPq

A construção do espaço cinematográfico: do bidimensional ao híbrido contemporâneo ANGELICA COUTINHO (ANCINE)

Vários pensadores e literatos refletiram e tematizaram o espaço urbano. De Michel de Certeau a Marc Augé, passando por Lima Barreto, João do Rio e Walter Benjamin. O cinema também tem o espaço como tema e base de sua própria construção desde os primórdios. Esta comunicação objetiva pensar essa trajetória e refletir sobre o espaço contemporâneo que submete os antigos conceitos de limites e fronteiras e sobre eles constrói um território fluido marcado por espaços permeáveis no qual o próprio conceito de identidade deixa de fazer sentido. “O invasor”, de Beto Brant, “Contra todos”, de Roberto Moreira e “Latitude Zero”, de Toni Venturi serão alguns dos filmes que servirão como base para a reflexão. A partir daí, defenderemos a existência de um espaço híbrido, ainda que em um campo restrito do cinema contemporâneo brasileiro, no qual a autoria deixa de ser uma unidade de referência, assim como o lugar, entendido em seu conceito geográfico ou antropológico, perde sua unidade. Os procedimentos técnicos ganham novos contornos, e o espectador compartilha experiências com narrador e personagens.

Narrativas em trânsito: a América Latina em *Tráfico* e *The Fourth World War* ANELISE CORSEUIL (UFSC)

Em documentários e filmes ficcionais recentes observa-se a ênfase nos processos de hibridização cultural, a transposição de fronteiras geográficas e culturais e a conseqüente aproximação de audiências de primeiro e terceiro mundo, seja por questões temáticas, estéticas e/ou de produção. Neste contexto este trabalho analisa dois filmes recentes, *The Fourth World War* (2004) e *Tráfico* (2000), cujas narrativas atravessam as fronteiras do nacional para problematizar a fluidez do capital e a confluência de identidades culturais em diferentes cenários geográficos. Em filmes como *The Fourth World War* tem-se uma narrativa que aproxima conflitos regionais e nacionalistas de países tão díspares como México, Argentina e Coréia, através de uma narrativa transnacional, que ao mesmo tempo afirma e resiste aos discursos neoliberais. Em *Tráfico* ocorre também uma transposição de fronteiras do nacional, autorizada a partir da fluidez do capital do narcotráfico, e que reforça o apagamento de identidades culturais diferenciadas. Estes filmes não apenas apresentam um tom denunciatório de políticas neoliberais, mas também uma tentativa estética e retórica de aproximar audiências do primeiro-mundo dos problemas econômicos, históricos e políticos de países do chamado terceiro mundo. Indo além de questões nacionais, os filmes estabelecem um problemático elo de ligação econômico, histórico, social e cultural entre comunidades globalizadas.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 708

Paisagens afetivas em *Viajo porque preciso, volto porque te amo* ADALBERTO MULLER (UFF)

As emoções, os afetos e os sentimentos sempre fizeram parte da representações estéticas: da tragédia grega aos melodramas, passando pela grande tradição literária e pela pintura, que fixou e codificou a alegria, a compaixão, o medo, o rancor ou a melancolia em palavras, gestos e olhares. Nos últimos anos, porém, vemos proliferar uma série de discursos e teorias sobre os afetos e as emoções em diversas áreas do conhecimento (neurologia, psicologia, sociologia, filosofia, artes), que discutem as diferentes condicionantes e expressões dos afetos e das emoções, além dos incontáveis livros de auto-ajuda sobre o tema. No cinema dos anos 90/2000, cada vez mais o núcleo familiar e as relações afetivas, a vida íntima e cotidiana ganham proeminência. E não apenas no mainstream, que sempre explorou as formas e gêneros afetivos (sobretudo o através do melodrama) e as estratégias de controle dos afetos e emoções do espectador, mas no próprio cinema autoral. Por outro lado, os afetos e as emoções tem habitado o discurso dos estudos cinematográficos: da imagem-afeto de Deleuze aos “post cinematic affects” de Steven Shaviro, e nos estudos voltados para a questão do melodrama. É sobretudo a partir dessa última vertente que me interessa discutir um filme de viagem como “Viajo porque preciso, volto porque te amo”, buscando entender o papel que neles desempenham emoções e afetos. Segundo Ismail Xavier, filmes como “Central do Brasil” começaram a deslocar o terreno da discussão política do público para o familiar, saindo da esfera do Estado e das relações de poder, para a esfera privada dos afetos. Para Xavier esse deslocamento de boa parte da nossa produção cinematográfica ficcional

para questões afetivas – e sobretudo para o melodrama, enquanto “sedução moral negociada”, e para filmes em que se apresentam as “figuras do ressentimento” – ainda aponta para um “diagnóstico nacional”, ou seja, uma nova forma de alegoria. No entanto, será que não poderíamos pensar que se trata menos de um diagnóstico do que de um sintoma? Trata-se aqui de reconhecer esse território em que as emoções e os afetos escapam às formas de controle (político, estético), de mapear essa paisagem afetiva que se apresenta no cinema brasileiro recente. De que modo a paisagem do sertão, uma paisagem marcada (desde “Os sertões”) por uma tradição politizada, que discutia o espaço do sertão como dilema da modernização, é vista hoje por um olhar afetivo e emocional em um documentário (?) lírico-experimental como “Viajo porque preciso, volto porque te amo”, que mostra imagens do sertão enquanto entrelaça considerações geológicas a dilemas íntimos e amorosos do narrador? Para responder a perguntas como essa, não basta colocar teoricamente a questão dos afetos e das emoções, é preciso entrar no terreno sensível da análise, da leitura entendendo o entrelaçamento da voz narrativa (em forma de diário) e do fluxo de imagens de caráter poético-documental.

Do trânsito estético ao transe político: tempo e espaço em simultaneidade e dilatação na narrativa de *Manhã Cinzenta* CLAUDIO CLEDSON NOVAES (UEFS, FAPERJ)

Nesta comunicação analisamos *Manhã Cinzenta* (1969), de Olney São Paulo, discutindo o trânsito entre a linguagem do conto e da adaptação audiovisual no média-metragem que faria parte do filme idealizado por cineastas da primeira geração do cinema moderno brasileiro. O deslizamento estético do filme apresenta personagens deslocados entre o contexto histórico e linhas de fuga imaginárias de narrativa alegórica em moldes da ficção científica, provocando reflexões sobre as imagens-rizomas nacionais em contraponto ao discurso global do cinema. O filme mescla personagens imaginários do conto homônimo com as cenas reais captadas dos movimentos políticos do Rio de Janeiro no período de enfrentamento ao regime militar. A película transita entre o documentário e a ficção, constituindo um gênero em trânsito do “documento real” à mise en scène do “cine vérité”. A leitura a contrapelo também é instigante para a percepção do deslocamento estético entre a linguagem do filme e a reconstituição da narrativa do conto *Manhã Cinzenta* (1966). No texto literário, observamos o movimento do discurso cinematográfico potencializando a escritura que transita por espaços e tempos urbanos fragmentários num exercício do imaginário visual transcrito para o verbal. O trânsito estético interlinguagem e intermediário do conto ao filme, e vice-versa, potencializa a reversão crítica do cenário político brasileiro representado em *Manhã Cinzenta*. O filme e o diretor são envolvidos no transe da censura do regime militar, tornando-se ambos personagens de enredo kafkiano. A narrativa do conto escrito em 1966 já apresenta esteticamente elementos éticos que são retomados na narrativa audiovisual do filme rodado em 1969, e este trânsito entre o contexto inicial do regime autoritário e o período de intensificação dos atos repressivos instaura o transe político sem precedentes na cultura brasileira, que é a censura total de uma obra de arte. O filme *Manhã Cinzenta* foi apreendido, assim como seu diretor foi preso e respondeu processos militares. Estes acontecimentos fragilizaram a saúde do cineasta e contribuíram para a morte prematura de Olney, excluindo autor e obra da cena cultural, o que os tornam emblemáticos no trânsito estético e no transe político do Brasil, como declara Glauber Rocha ao instituir Olney São Paulo como “martyr” da política-cultural brasileira. A obra literária e a cinematográfica, consciente ou inconscientemente, atuou sobre o imaginário cultural e político do país nesta tensão que permanece submersa e dilatada até hoje, como um choque político único na arte nacional. Só recentemente o filme *Manhã Cinzenta* foi reencontrado e recuperado para exibição; da mesma forma, o conto homônimo voltou a circular entre novos leitores, através do livro publicado em 1969, que é o corpus do projeto de pesquisa que coordenamos na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, Bahia, e que já se desdobrou em teses de Pós-Doutorado, na UFRJ, e em dissertações de mestrado e planos de iniciação científica em universidades baianas.

Marcas das passagens e(m) *A Falta que me faz* RAMAYANA LIRA (UNISUL)

O documentário *A falta que me faz* (2009), de Marília Rocha, retrata um grupo de meninas moradoras da localidade de Curralinho, um enclave na Cordilheira do Espinhaço (que avança pelo norte do estado de Minas Gerais), vivendo o fim da adolescência, negociando um romantismo impossível que deixa marcas em seus corpos e na paisagem a seu redor. A passagem para a vida adulta mostra-se marcada pela incerteza e embebida em um universo onde as marcas na pele das garotas remetem à ausência do homem e acabam representando uma forma de conter a sua passagem, a fuga do parceiro. O filme se organiza, assim, a partir das tensões que surgem entre a imobilidade física das personagens e seus voos em um imaginário impossível. Essa parece ser uma das principais forças expressivas do filme – e que se torna objeto principal dessa proposta: o jogo presença/ausência e mobilidade/imobilidade, que tão bem caracteriza a noção de retrato (e que já está sugerido no próprio título do filme). Através da imersão no mundo restrito de suas protagonistas, o documentário opera de forma marcante o que, para o filósofo francês Jean-Luc

Nancy é uma das funções da arte: “tornar intensa a presença de uma ausência, enquanto ausência”. A noção de retrato aparece aqui como motivo (no sentido musical) para a análise: o que a presença na imagem solicita de ausência. Nesse sentido, proponho analisar a forma como o filme de Marília Rocha retrata a vontade de se marcar - de fazer da marca uma evidência do vivido, um souvenir da ausência - em inteligentes jogos de extracampo e som.

CRIMES, PECADOS E MONSTRUOSIDADES II

Julio César Jeha (UFMG)
Josalba Fabiana dos Santos (UFS)
Daniel Serravalle de Sá (UFSC)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 600

As relações entre “monstruosidade” e “medo artístico”: anotações para uma ontologia dos monstros na narrativa ficcional brasileira
JULIO CESAR FRANÇA PEREIRA (UERJ)

A partir do conceito de monstruosidade desenvolvido pelo filósofo Noël Carroll em *The Philosophy of Horror or Paradoxes of the Heart*, o presente trabalho procurará refletir, no âmbito da Literatura Brasileira, sobre o **medo artístico**, uma peculiar emoção estética produzida por criações ficcionais. Nosso objetivo específico será o de refletir sobre as relações entre “Medo Artístico” e “Monstruosidade” no que chamamos, em caráter provisório, de **literatura do medo** no Brasil, analisando os diversos modos de produção desse efeito estético, através das representações dos “monstros” em nossa literatura – sejam aquelas cujas fontes se encontram em causas “realistas”, como a violência e a crueldade humanas, ou na força incontrolável da Natureza, sejam as que são produzidas por causas “fantásticas”, como ocorrem nas diversas manifestações de crenças e eventos sobrenaturais em nossa ficção. O trabalho a ser apresentado é parte de uma pesquisa em curso que procura, na ausência de uma tradição crítica nacional voltada para a categoria estética do horror, entender as peculiaridades das manifestações do medo em nossa literatura, a fim de estabelecer as condições para a elaboração de uma teoria do horror na narrativa ficcional brasileira.

O canto da sereia em terra brasileira: o caso de *A ilha maldita*, de Bernardo Guimarães
MAURÍCIO CESAR MENON (UTFPR)

Publicado em 1879 pela casa Garnier, o romance *A Ilha Maldita*, de Bernardo Guimarães parece não ter encontrado grande ressonância entre os leitores da época, o que levou a editora a produzir essa única edição da obra. Uma nova edição do romance só veio a público em 1930, pelo *Jornal do Brasil*. O fato é que esse romance, tão parco em edições, apresenta em sua composição uma espécie de personagem que raramente desfilou pelas páginas da narrativa oitocentista brasileira – a sereia ou a ondina. Excetuando-se as lendas regionais ou crenças africanas que apresentavam algumas variações em torno do tema, constata-se que, no século XIX, as aparições desse monstro-fêmea se dão de maneira esparsa e, por vezes, mais sugestiva que factual. Bernardo Guimarães desenvolve uma história de teor maravilhoso, compondo uma personagem feminina envolta em diversos mistérios, bem ao gosto do romantismo que ainda figurava por essa época. Este trabalho pretende analisar a composição dessa personagem enquadrando-a na categoria de monstro, levados em conta não apenas suas características físicas, mas também seu caráter transgressor.

Os tentáculos do poder: a tessitura da monstruosa (e nostálgica) Amazônia

SIMONE SOUZA LIMA (UFAC)

OS TENTÁCULOS DO PODER - A TESSITURA DA MONSTRUOSA (E NOSTÁLGICA) AMAZÔNIA O presente trabalho tem por objetivo discutir algumas estratégias nostálgicas da fundação do mito das Amazonas, que acabou por dar identidade à complexa e rica região internacional (Pan-Amazônia), retrato da desmedida do poder colonial nessa parte dos trópicos. Procuraremos responder questões como: em que momento histórico/social a mente colonizadora espanhola efetua a transgressão de um suposto código natural, isto é, transforma nativos em resíduos arqueológicos monstruosos, as lendárias mulheres Amazonas? Em que consistiu a tentativa de homogeneização dos corpos e das culturas nativas? Fundada por corpos femininos jamais re-encontrados nas espacialidades amazônicas, nossa identidade seria, nesse sentido, da ordem do discurso, mais especificamente da ordem do desconcertante mal-estar diante da alteridade desconhecida que, inclusive, historicamente, tem representado papel significativo na cultura popular amazônica. Com efeito, outros seres monstruosos foram tecidos à imagem e semelhança dos códigos bizarros europeus, descortinando-se as Iaras, os mapinguaris, curupiras, botos, cobra grande, mboitatá, mãe da mata, dentre outros entes lendários encantados que habitam o cotidiano dos amazônidas. Forja-se, desse modo, a Amazônia como lugar do exótico e do excesso no cenário mundial. No nome – o encantamento do feminino in absentia – geografia representada como utopias, não-lugares cujo ponto de estabilidade são as representações ficcionais, isto é, as mentes ou as memórias daqueles que orquestraram ideologicamente a região e o país a partir do século 16. Palavras-Chave: Relato de Viagem, Amazônia, Monstros, Transgressão.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 600

“No such thing as monsters”: monstro e monstruosidade na sociedade do espetáculo

ANGELA RODRIGUES (UEL)

Tomando como base a figura do monstro frankensteiniano, monstro cujos predicados espelham as contradições do capitalismo industrial, os excessos da ciência e a psique do indivíduo fraturado pela modernidade, este trabalho propõe analisar a personagem do monstro em *No Such Thing* (2001), do diretor americano Hal Hartley. O artigo foca-se, particularmente, na discussão, surgida no filme, sobre o lugar do monstro num momento histórico em que a mídia, o espetáculo e o consumo deixam pouco espaço para uma figura idealizada e potencializada pela imaginação humana, que traduz, em última instância, os desejos, as ansiedades e os medos de dada sociedade. O monstro tradicional, que mata e aterroriza o ser humano, revela-se aqui como fruto da imaginação do homem, imaginação artística que expurga os males da alma, ao passo que a hipocrisia, o utilitarismo e a racionalidade científica figuram, na obra, como as verdadeiras monstruosidades que assolam a humanidade num mundo dito pós-moderno. Assim, o monstro em *No Such Thing*, personagem imortal atrelado aos valores modernos, é menos monstruoso que a sociedade contemporânea ultra-capitalista na qual sobrevive e da qual é vítima imperdoável.

“Traigo en mis brazos este trofeo para que se cuelgue en tu palacio”. Ágave y la manía filicida

MARIA CECILIA COLOMBANI (UM)

El proyecto de la presente comunicación consiste en pensar el papel de Ágave en el episodio final de *Bacantes*, a partir de su peculiar conducta que parece territorializarla al registro de una filicida. Procuraremos relevar el desplazamiento de la trama del tejido, como actividad paradigmática de la mujer, a las delicias del omophagos, experiencia donde aparecen todas las marcas de un ritual que desterritorializa a las mujeres de sus topoi habituales, al tiempo que la manía cobra un estatuto fundacional en el nuevo modelo de subjetividad femenina. En este enclave pretendemos analizar la conducta de la hija de Cadmo y su perfil filicida desde una dimensión antropológica, para situar a Ágave en la línea de un linaje tenebroso que su conducta parece representar. Se nos impone entonces partir del episodio IV y ver cómo Penteo camina hacia su triste final, de la mano de un Dioniso, que, como sabemos, ha llegado a la tierra cadmea para vengarse ejemplarmente de Penteo, quien ha desconocido su rango divino, cometiendo con su desconocimiento la afrenta más alta que dios alguno pueda soportar. El momento álgido de la manía, plasmado en gesto filicida, anuncia el punto de mayor transformación ontológica. Ser bacante implica dejar de ser mujer para convertirse en otra cosa, para alcanzar una foránea otredad que ubica a las mujeres en el extremo mismo de la experiencia del ser. El menadismo constituye un definitivo pasaporte hacia una extrañeza que roza lo más íntimo del ser. Es desde esa radical alteridad ontológica que recorreremos la conducta de Ágave como madre filicida. La transformación ontológica no se hace esperar; de aquél viejo momento “ocupando sus manos en trabajos agradables” a éste, que marca el inicio de la furia asesina, las mujeres sufren la más radical transformación; agregan desplazamiento ontológico al ya operado en su propia condición de bacantes. La primera

transformación se puede leer en el punto cero de la tragedia cuando abandonan sus casas y su estatuto ordinario de mujeres-esposas tebanas; la oreibasía así lo demuestra; el ascenso al Citerón implica la consumación de una primera transformación en el orden del ser. Pero, sin duda, aquí está la segunda y la más extra-ordinaria. El ser en otro es la lógica que domina la escena. Han dejado de ser definitivamente ellas mismas para devenir otras, extrañas, extranjeras ontológicamente y así poder consumir el más aborrecible crimen, el que mancha las líneas más directas de parentesco porque hiere la relación más íntima, la más directa y cercana, la de una madre con su hijo, devenido un extraño, un no reconocido. El análisis se centrará en el par reconocimiento-no reconocimiento como diada en la que se juegan estatutos de saber-poder diferenciados, llegando al extremo mismo de la Otridad en el no reconocimiento del propio hijo.

Barroco e monstrosidade

RODRIGO LABRIOLA (UFF)

O artigo estuda os vínculos teóricos entre a estética barroca e a monstrosidade a partir do fato da palavra barroco (como objeto de pesquisa etimológica) estar enquadrada entre as definições enciclopedistas de Rousseau e Diderot (por um lado) e a conceituação histórica de Jakob Burckhardt (por outro). Isso não significa, porém, que não exista uma positividade no conceito de barroco (quando consideradas as múltiplas teorias que tentam dar conta da arte do século XVII), mas talvez que nelas deveria de ser igualmente considerada uma paulatina invenção modernista desse conceito, que acabou passando por uma verdadeira inflação nas ciências humanas da Europa e da América desde finais do século XIX, chegando inclusive até hoje. Ao contrário do que geralmente se pensa, o Barroco e o Iluminismo são de certa maneira complementários e, inclusive, inseparáveis. A racionalidade moderna se inaugura durante o Barroco, enquanto a objetividade moderna se entroniza com o Iluminismo; o que interessa, porém, do nosso ponto de vista, é que essa conjunção de razão e objetividade modernas está embasada numa operação de conceituação daquilo prévio e difuso (até esse momento) que o Iluminismo precisamente não era, ou não queria ser. Isso equivale a dizer que, pelo menos numa grande medida, o Iluminismo foi construindo a si próprio como acontecimento histórico a partir da construção simultânea daquilo que rejeitava. “O sonho da razão produz monstros”, escreveu o pintor espanhol Goya numa das suas gravuras. Como sabemos, a utilização da palavra “barroco” no sentido estético, aplicada às artes, está datada só a partir da segunda metade do século XVIII. Mas foi em 1611 que o lexicógrafo espanhol Covarrubias definiu pela primeira vez *barrueco* como substantivo, no *Tesoro de la lengua castellana*: “*Barrueco*, entre las perlas llaman barruecos unas que son desiguales, y dixeronse assi, quase berruecas, por la semejança que tienen a las berrugas que salen a la cara.” Nota-se aqui a proximidade metonímica que se estabelece desde o início entre as pérolas e o rosto devido à comparação das berruecas com as berrugas (verrugas). As pinturas *Mulher pesando pérolas* e, sobretudo, *Moça com turbante*, realizadas por Jan Vermeer entre 1660 e 1666, vinculam também as pérolas ao rosto e indicam que esta associação semântica poderia ter sido comum no século XVII. Não é difícil derivar disso as relações estreitas entre o monstruoso, ou o que é deforme no rosto, e o barroco, como sugere Raúl Antelo. Pela sua vez, Guillermo Giucci descreverá o antecedente desta metamorfose bi-direcional (usada para definir o barroco) da beleza em monstrosidade e da monstrosidade em beleza, a partir de sua leitura dos cronistas das Índias, lembrando que “bizarro” e “fetiche” compartilham uma mesma longínqua e misteriosa origem etimológica. Andando o tempo, a “deformidade” o “excesso” e o “desvio da norma” no rosto das representações de cristos e santos, nas igrejas das colônias americanas, será um dos elementos básicos para determinar — por comparação aos rostos europeus — a mestiçagem como núcleo significativo das concepções americanas do neo-barroco.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 600

Horror cósmico em *Independence Day*

DANIEL SERRAVALLE DE SÁ (UFSC)

A noção de 'horror cósmico', proposta por H.P. Lovecraft, sustenta que a pior forma de medo reside nos aspectos insondáveis da experiência humana. De acordo com o autor, os acontecimentos inexplicáveis e sobrenaturais seriam mais assustadores do que os horrores banais provocados pela ameaça física de destruição corporal. À luz do conceito de Lovecraft pretende-se discutir o filme de ficção-científica *Independence Day* (1996) enquanto um exemplo de 'horror cósmico', no qual uma invasão alienígena na terra sugere a possibilidade de aniquilamento de espécie humana e reflete a questão do Mal na forma de abandono cósmico.

Encenando o mal: *Electra*, *Filoctetes* e *Édipo em Colono*, de Sófocles
 ORLANDO LUIZ DE ARAÚJO (UFC)

Nas tragédias de Sófocles, mormente nas sete peças que chegaram à contemporaneidade, o mal pode ser imputado à malícia dos deuses ou dos homens, ou, muitas vezes, dos dois, como podemos observar, como exemplificação, nos discursos das personagens Antígona e Édipo, no *Édipo em Colono*. Em suas tragédias, Sófocles apresenta um herói que se põe entre o divino e o humano. Tal distinção define a condição humana, apresentando-a como fundamentalmente diferente da divina, visto que é imperfeita e sujeita a erro. É, pois, o erro do herói que o arrastará para o mal, o sofrimento e até mesmo a morte. Nosso estudo visa a analisar em que consiste o mal e como Sófocles o apresenta nas tragédias *Electra*, *Filoctetes* e *Édipo em Colono*.

Filicídio e incesto como atos monstruosos, em *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar
 PAULO ROBERTO CAETANO (UFMG)

O romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, é um rico objeto para se pensar o caráter referencial dos personagens. A figura paterna, encarnando uma tradição que valoriza o trabalho, o comendado como valores essenciais à vida, encontra forte resistência nos filhos Ana e André. Assim sendo, o embate que se delineia reflete um clássico confronto entre tradição e liberdade. Tal disputa é fruto (e estopim) para atos tidos como monstruosos: o incesto e o filicídio. Indo além do procedimento da caracterização dos personagens como recurso de análise do romance, esta dissertação se ocupa em discutir a prática de ações capazes de “monstrificar” os personagens. Destarte, a investigação menciona peculiaridades que fazem com que um ser seja visto como ente horrífico. A pesquisa se ocupa também com a noção de concatenação de situações-limite como elemento construtor das idiosincrasias. Com isso, o modo como as pessoas dessa família se tratam, como tratam o tempo e algumas leis fornece subsídios para que eles sejam vistos como “ameaças morais”. O lugar do incesto e do filicídio fulgura, portanto, como elemento fundamental na análise desses personagens.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 600

Push: entre a experiência e a representação da violência sexual
 MARINA BARBOSA DE ALMEIDA (UFSC)

Este trabalho examina o potencial do texto literário em causar choque, ou segundo Marco Abel (2007) a arte como um evento violento. Neste encontro, segundo Abel, há uma suspensão do julgamento, uma pausa momentânea que evita a transformação da *experiência* da violência em uma *representação* da violência. Desta forma, o texto se torna um espaço de desconforto onde o leitor poderá questionar suas interpretações e julgamentos morais. Aqui um texto é entendido como violento não apenas devido ao seu conteúdo e narrativa, mas também devido à experiência estética proporcionada ao leitor. Tal característica é presente em *Push* de Sapphire (1996): a violência doméstica, o abuso sexual, e o estupro são abordados pela personagem Claireece Precious Jones em toda sua complexidade e trauma, mas sem oferecer ao leitor uma resolução fácil. Os significados de amor, sexualidade e prazer forjados por Precious desafiam noções de normalidade e sanidade quando estupro e incesto não possuem apenas os significados aceitos pelo discurso moral e ético americano. Sua experiência sexual – de abuso, violência e dissociação – constroem um conhecimento complicado por sensações físicas. As sensações de Precious se misturam com seu medo, ódio e incompreensão – a violência atua como choque e não como representação. De forma significativa, quanto mais Precious tenta descrever sua história de violência e o sofrimento, mais difícil fica para o leitor alcançar o significado. O leitor acompanha a trajetória de Precious ao mesmo tempo em que constrói novos significados para ela e para si próprio. O encontro violento com o texto literário subverte valores e oferece a possibilidade de sentirmos novas sensações e criamos novos significados.

Dorotéia: a maldição do amor e a desumanização feminina JULIANA PASSOS (UFPR)

Dorotéia, escrita por Nelson Rodrigues em 1949, é destoante não apenas dentro da obra de Nelson Rodrigues, mas, ainda hoje, como parte do teatro brasileiro. Dentro da obra teatral rodriguesiana, ao mesmo tempo em que se identificam inúmeros paralelos com outras peças, especialmente pela recorrência de temas e personagens (como a prostituta e a prostituição, a moral e a perversão da moral sexual dominante, a religiosidade e as celibatárias históricas), esteticamente, inserida no plano do onírico e do absurdo, Dorotéia diverge da proposta realista presente na maior parte da obra do autor. Na peça, acompanhamos a sina de Dorotéia e das outras mulheres da família, condenadas a desumanização e a negação do corpo, dos sentimentos e da sexualidade como expiação do pecado da avó, que amou um homem e casou-se com outro. Dorotéia, linda e amorosa, nega seu destino e entrega-se aos prazeres carnavais. Este é seu crime, e por este pagará com a vida do próprio filho. Buscando a sua remissão, Dorotéia procura as primas celibatárias e deformadas e terminam aceitando o destino das mulheres da família: apodrecer juntas. Neste trabalho, pretende-se analisar a representação feminina e a condenação do corpo e da alma da mulher a partir dos discursos – especialmente o discurso médico e religioso – presentes na história brasileira, sobretudo nos registros históricos do Brasil colonial organizados por Mary Del Priore, e que permearam a formação do imaginário nacional acerca do feminino.

O monstro e o pecador justificado em James Hogg ARACELY MEHL GONÇALVES (FAFIT-FACIC)

A literatura tem mostrado um grande interesse pela questão do duplo ao tentar descrever ou analisar as ações dos homens e suas vidas. O duplo é um outro de si mesmo e acompanha a humanidade desde os tempos primordiais. Dois casos clássicos do duplo na literatura ocorrem em “O médico e o monstro”, de Robert Louis Stevenson e “Memórias e confissões íntimas de um pecador justificado”, do escritor escocês James Hogg. Alguns estudiosos acreditam que existe uma ligação entre estas obras da literatura gótica, promulgando que a primeira foi fortemente influenciada pela segunda. “Memórias e confissões íntimas de um pecador justificado” foi anonimamente publicada em 1824 e só reconhecida literariamente pelo público em 1895. É um livro perturbador e também uma leitura interessante e desafiadora devido a vários fatores, mas principalmente por trazer a vida dois tipos humanos radicalmente diferentes, que são representados pelos irmãos Wringham e Colman. Wringham acredita ser um dos eleitos por Deus, predestinado à salvação, enquanto que as outras pessoas, assim como seu irmão, que gosta de festas, bebidas e mulheres, e até mesmo seu pai, um pastor Calvinista, estão amaldiçoados. Em nome desta predestinação, Wringham comete assassinatos sob a influência de seu duplo, Gil Martin, com a prerrogativa de estarem agindo em nome de Deus para purificar o mundo e acreditando que ao matar os pecadores poderão esperar uma recompensa no céu como um dos justificados. Este estudo tem como objetivos interpretar a ideologia que permeia o texto no que se refere a “predestinação”, sem esquecer de observar o papel do duplo diabólico no contexto dos crimes praticados em nome de Deus, relacionando o mesmo ao “duplo” como uma sombra reprimida do “self”, ou aquele de possessão demoníaca.

CONFIGURAÇÕES ESTÉTICAS E PROCESSOS SOCIAIS: A LÓGICA CENTRO-PERIFERIA NO BRASIL DO SÉCULO XX

Derivaldo dos Santos (UFRN)

José Luiz Ferreira (UFERSA/UERN)

Maria Suely da Costa (UEPB)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 707

Velha Totonha e Dadade: o papel das narradoras orais e a representação do personagem iletrado nos romances *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, e *A menina morta*, de Cornélio Penna

ANTÔNIO CÉZAR NASCIMENTO DE BRITO (UNB)

Este trabalho centra-se em questões relacionadas ao modo como a representação do personagem iletrado se configura na narrativa de José Lins do Rego e de Cornélio Penna, especialmente nas personagens Velha Totonha, em "Menino de engenho", de José Lins do Rego e Dadade, em "A menina morta", de Cornélio Penna. Esses dois romances foram publicados em momentos decisivos para a literatura brasileira, quando os romancistas das décadas de 1930, 1940 e 1950 elaboraram uma nova representação do país, oriunda da constatação do subdesenvolvimento, problematizando as contradições da formação histórica do Brasil. Entre os limites com os quais se depararam os intelectuais, a representação do outro de classe, especialmente o personagem iletrado, aparece como constante na maioria dos romances publicados nesses períodos. Pretende-se neste trabalho abordar essa problemática, discutindo o papel que as narradoras orais assumem na narrativa de "Menino de engenho" e "A menina morta" como modelos utilizados pelos narradores desses romances e como isso pode ser relacionado com a internalização das contradições históricas na forma literária. Interessa também discutir a relação contraditória entre os conceitos Projeto Estético versus Projeto Ideológico, que orientou a produção literária das décadas citadas, originando um debate entre o que se costuma nomear pela crítica literária brasileira como Romance Social e Romance Intimista. Procuramos mostrar que em determinados momentos, esses dois conceitos, aparentemente contraditórios, podem se aproximar, internalizando na estrutura da narrativa o seu oposto.

Adeus aos engenhos

AFONSO HENRIQUE FÁVERO (UFS)

Banguê (1934), de José Lins do Rego, situa-se numa quadra em que o Brasil conhece mudanças de toda ordem. Na base de tais alterações, está a derrocada do mundo rural ao lado de uma acentuada expansão urbana, matéria cara ao nosso romance de 30. O livro de José Lins do Rego aponta para o momento em que o proprietário da terra é defenestrado de seu mundo e enviado para uma cidade qualquer, onde cumprirá o papel de "fazendeiro do ar". Discute-se aqui a perspectiva do narrador-personagem, o bacharel Carlos de Melo, face às razões que desencadearam semelhante processo.

“Marginalia” e “Bagatelas”: tensões entre o ético e o estético nas crônicas de Lima Barreto

DIRLENVALDER DO NASCIMENTO LOYOLLA (UnB)

As obras *Marginália* e *Bagatelas* reúnem crônicas escritas pelo escritor pré-modernista Lima Barreto entre 1914 e 1922. O primeiro título corresponde, tão somente, às anotações que são feitas sobre as margens de um texto durante uma leitura crítica. Entretanto, faz-se importante notar que a *marginália* operada pela verve crítica e violenta de Lima Barreto desenvolve-se, com efeito, também a partir de seu ponto de vista "marginal" quanto a tudo o que escolhe para analisar. O volume *Bagatelas*, por sua vez, recebeu esse título devido ao fato de que a maioria dos textos aí reunidos tenha saído, originalmente, em periódicos modestos, de pouca circulação. Tendo preferência declarada pela pequena imprensa, devido à sua liberdade de expressão, o cronista batiza sua obra justamente com uma expressão-título que sugere algo de pouco valor ou importância; mas ocorre que o termo "bagatelas" também pode estar sugerindo um tipo de discurso que se encontre alinhado, a rigor, sempre do lado dos menos favorecidos, dos que não são importantes aos olhos do Poder. Intelectual mulato e suburbano, Barreto sempre esteve atento às mudanças sociais do início do século XX. Utilizou-se, nesse sentido, do espaço jornalístico para expor suas críticas e ideias, sempre preocupando-se com questões caras à cultura nacional. Sendo assim, entre suas grandes preocupações enquanto cronista de seu tempo, faz-se possível perceber certo discurso apaixonado acerca das relações entre a Arte e a Sociedade. Considerações sobre a Ética e a Estética, desse modo, ocupam muitas das páginas dos volumes ora analisados.

Estética da violência urbana: o Rio de Janeiro na ficção joãoantoniana

CAMILA MARCELINA PASQUAL (UFSC)

O texto discute a questão da violência na cidade do Rio de Janeiro do universo literário de João Antônio como efeito do processo de urbanização que, invariavelmente, privilegia o centro e os bairros nobres em detrimento dos bairros periféricos. A modernização age dessa forma para atender aos anseios das elites cariocas por uma vizinhança homogênea que se adeque mais aos preconceitos e preconceitos dessa classe dominante. Este processo de características segregadoras provoca, em muitos casos, reações enérgicas dos personagens moradores dos subúrbios representados na ficção de João Antônio, descontentes com as precárias condições de infraestrutura e as gritantes diferenças sociais do Rio de Janeiro. Este comportamento tendencioso das autoridades governamentais leva os personagens suburbanos a encarar o centro urbano como um mundo hostil e inimigo, o que gera conflitos e aumenta ainda mais a separação entre estes dois espaços urbanos. Por fim, conclui-se que a modernidade como um todo se revela contrária e mesmo inimiga das tradições do passado da cidade, isolando cada vez mais o ser humano, mesmo quando este se encontra em meio a uma multidão. Exilados no subúrbio degradado, os personagens percebem que ninguém realmente é feliz naquele lugar, que se configura, cada vez mais, como o refúgio dos infelizes. Palavras-chave: Modernidade; Segregação Social; Subúrbio; Urbanização; Violência.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 707

Nas entrelinhas do prefácio: uma leitura da apreciação cascudiana sobre a produção literária no Rio Grande do Norte

MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA DANTAS MONTEIRO (UERN)

É inegável a relevância de Luís da Câmara Cascudo para as letras brasileiras. A sua contribuição foi dada nas mais diferentes áreas do conhecimento: antropologia, historiografia, etnografia, entre outras. Na literatura atuou como ensaísta, cronista, contista, romancista, poeta e crítico literário. Mas a função que ele desempenhou e que se destaca neste trabalho é a de prefaciador de obras literárias. O prefácio, cuja função é antecipar informações sobre a obra que será lida a posteriori, e muitas vezes é considerado um texto marginal, tem sua origem no latim praefatio e no grego prólogos (Cf. MOISÉS, 1999, p. 416/418). O objetivo é apresentar a leitura de prefácios escritos por Luís da Câmara Cascudo a obras literárias ao longo da década de 20. Para nortear esse estudo consideram-se os seguintes questionamentos: que fatores contribuem para Cascudo ser o prefaciador mais solicitado do Rio Grande do Norte? Por que Cascudo tinha a preocupação de prefaciar tantas obras? Que perfil de Cascudo pode se construir a partir dos prefácios escritos por ele? Que posição era assumida pelo prefaciador? Qual o conteúdo desses documentos, o que revelam? O ponto de partida da análise é a proposição de que a leitura dos prefácios viabiliza uma melhor compreensão da história da literatura, da memória cultural e da literatura produzida especificamente no Rio Grande do Norte. Nesse sentido, Antonio Candido (2002, p. 87), sugere que quando se trata do literário, o dado local “se vai modificando e adaptando, superando as formas mais grosseiras até dar a impressão de que se dissolveu na generalidade dos temas universais”. Isso nos mostra que na visão do crítico, local e universal devem se harmonizar no contexto da obra literária. Partindo do princípio de que “monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação” (LE GOFF, 1994, p. 535), os prefácios analisados nesse trabalho podem ser vistos como exemplos de “monumentos”, tendo em vista sua relação com o passado (tempo no qual foram escritos) e o presente (período em que serão estudados). Tais textos podem ser considerados, portanto, como “um legado à memória coletiva” (LE GOFF, 1994, p. 536). Nesta perspectiva, a cultura local deve ser considerada elemento importante tanto quanto os outros, na medida em que contribui para a relativização e compreensão de questões mais globais. Palavras-chaves: Câmara Cascudo. Prefácios. Literatura produzida no Rio Grande do Norte

Meu nome não é ninguém: os excluídos em *Cidade de Deus*

MARTHA SERTÃ PADILHA (UERJ)

A exclusão é um dos assuntos recorrentes entre nossos escritores contemporâneos. Esse tema não é, aliás, novo para a literatura. O título mesmo desse trabalho evoca a célebre passagem da *Odisseia*, em que Ulisses sobrevive e salva seus companheiros de um inimigo mortífero exatamente, ao omitir sua identidade, anulando-se como pessoa. Bem diferente é a situação dos excluídos da vida real, que reivindicam o reconhecimento de sua identidade e exigem ser vistos como gente. Hoje a fala dos excluídos se superpõe à de Ulisses: “Meu nome não é ninguém”. Podem ser citados inúmeros exemplos de autores que, sensíveis a esta realidade, retrataram a figura de excluídos, desde o século XIX e atravessando o século XX. Porém, na atualidade mais recente, percebe-se uma forma diferente daquela tratada no final do século XIX, ou ao longo do século XX, que mostrava pessoas e ambientes de forma mais velada, com certo pudor que a ficção sabe camuflar e a dignidade humana merece. Agora, as portas do submundo foram escancaradas, com narrativas como *Cidade de Deus* (Paulo Lins: 1997), *Estação Carandiru* (Dráuzio Varella: 1999), *Meu nome não é Johnny* (Guilherme Fiúza: 2002) e *Falcão: meninos do tráfico* (MV Bill e Celso Athaydel: 2006). A noite e seus encantos, os becos, o submundo, a

criminalidade abrem suas portas e apresentam-se assim como são, sem meias-palavras. Esse trabalho pretende estudar o processo de exclusão no romance *Cidade de Deus*, que se passa na favela, na periferia de uma grande cidade. O contraste, a tensão é visível desde a localização geográfica até os temas que perpassam a obra: a imundície, a pobreza, a penúria de bens simbólicos, a ausência do poder público e da legalidade, o vício, a droga, o tráfico de drogas, a ilegalidade, a contravenção, o crime organizado, a corrupção policial, a violência, a barbárie e a pornografia. Pretendo analisar a obra sob o prisma dos filósofos idealistas do século XIX, sobretudo em relação às suas abordagens sobre o sentimento trágico, que, além estar presente nas relações, sentimentos e inquietudes do homem moderno, se agudiza na realidade dos excluídos. Nesse sentido, procurarei os vestígios de tragicidade que podem ser verificados nas situações descritas e nas relações entre os personagens. Por se tratar de um romance escrito no final do século XX, esses traços não poderiam deixar de estar presentes, caso contrário, não representaria a realidade de seu tempo. Tanto os bandidos de *Cidade de Deus* quanto seus trabalhadores vivem numa tensão nervosa, maximizada, momento após momento. O ambiente é tenso, as situações são tensas, assim como as relações entre os personagens. Enfim, tensão, descarga emocional, expectativa, medo dominam a narrativa. Em alguns momentos, no entanto, percebemos uma suspensão na narrativa, em que não mais predomina a intensidade dos fatos, a tragédia, mas o sentimento da gravidade e medo, a densidade trágica, o trágico. São esses momentos que pretendo captar, a partir do pensamento de alguns teóricos alemães do século XIX, analisando a passagem do estudo da tragédia para a filosofia do trágico.

Experiência e representação social: o menino em “As margens da alegria” (*Primeiras estórias*) e o “Menino da Doida” em *As filhas do arco-íris*, de Ualício Farias de Lacerda
 ELDIO PINTO DA SILVA (UERN)

Na concepção de Adorno: “O sujeito literário, quando se declara livre das convenções da representação do objeto, reconhece ao mesmo tempo a própria impotência, a supremacia do mundo das coisas, que reaparece em meio ao monólogo.” (ADORNO, 2003, p. 62). A tentativa de compreender o papel da experiência e da representação social da personagem “menino” enquanto sujeito literário faz pensar como isso influencia na formação da sociedade. Portanto, neste trabalho relatar-se-á sobre o Menino em “As margens da alegria” (*Primeiras Estórias*, Guimarães Rosa, 1962) e o Menino da doida em *As Filhas do Arco-Íris* (Eulício Farias de Lacerda, 1980). *Primeiras Estórias* traz pontos de discussão em temáticas que o leitor vai descobrindo cada vez que viaja pela obra para encontrar seus segredos e mistérios. Ressalte-se que livro de Guimarães Rosa traz uma áurea peculiar, com segredos que fascinam como o caso da modernização em “As margens da alegria” para a construção da “grande cidade” (centro). Em “As margens da alegria”, o Menino, sempre sem nome específico, que representa a personificação da infância, vai de encontro com um mundo de descobertas e experiências. A forma de narrar embala a leitura com o jogo do imaginário da “viagem inventada no feliz” e a construção da “grande cidade”. Assim, se expressa a construção de uma cidade como grande centro, uma referência histórica a Brasília. A experiência vivenciada pelo narrador retoma os desejos da infância, as alegrias de ver novos lugares e se vislumbrar com a perfeição da natureza, da diversidade e com as características de um animal. Para o Menino, o momento é de aprendizagem, pois vivencia diversas experiências: o reconhecimento do avião, o voo, as paisagens, tudo mostra a aquisição de conhecimento. O menino retratado em “As margens da alegria” tem características de: ingênuo, inteligente, necessita de atenção, convive com um espaço a ser descoberto, é um representante social que não precisa de nome específico para participar da comunidade, é socialmente aceito pelos seus familiares e por membros sociais. Já em *As Filhas do Arco-Íris* há um menino narrando sua infância sofrida e alegre no meio da comunidade de Gurinhatá (RN-PB) (interior/periferia). Ao mesmo tempo em que conta a história da vila até a chegada da modernização convive e brinca com o cego, o bêbado e o doido, e aprende a narrar com as estórias do velho Pai Estevão. Esse menino não revela, até certo ponto da narrativa, o seu nome. Na comunidade é conhecido como menino da doida, referindo-se a sua tia maluca. Mas às vezes convive com seus tios num sítio próximo da vila, lá é chamado de Sobrinho. É uma personagem órfã e, enquanto sujeito literário, muitas vezes convive com um ambiente de abandono ou solidão, nele há uma constante busca de realização pessoal. Nos dois casos vê-se um percurso de amadurecimento, aspecto que se relaciona com reflexões pertinentes à Teoria da Narrativa, sobretudo com posicionamentos de Walter Benjamin e Adorno.

A obra de Bernardo Élis entre o centro e a periferia do Brasil: a questão da nação brasileira
 LEILA BORGES DIAS SANTOS (UFG)

A obra de Élis mostrou ao país parte da realidade social de Goiás, estado considerado periférico cultural e economicamente. Em seu universo ficcional está presente não a sociedade que o autor almeja, mas a que não aceita, com sua hierarquia e semi-escravidão, o que remete a uma realidade social degradada que teve início no período colonial. A obra de Bernardo Élis se situa no regionalismo realista do modernismo, apresentando a chamada verticalização da consciência do autor em sua narração, pois ao revelar maior proximidade com seus personagens não se situa

como narrador institucionalizado e de fala erudita. É o que Candido denomina de universalização necessária sobre uma realidade ficcional. Por meio dessa proximidade com a linguagem do homem degradado da pequena cidade subsumida ao mundo rural do interior de Goiás, Élis enaltece a cultura local revelando seu apelo universal em meio ao drama humano tecido em sua narrativa. Élis se situa no que Afrânio Coutinho denominou Regionalismo central, no caso, goiano, e observa sua inserção na consciência nacional introspectiva inaugurada pelos românticos e valorizadora das realidades locais e de sua peculiaridade política e cultural. A presente discussão destaca como a obra de Élis descortina a realidade social e cultural de pequenas cidades do interior goiano, cenário típico do que Freyre denominou “rurbanidade”, tendo como pano de fundo o coronelismo, reminiscência do patriarcalismo colonial, em meio à chamada decadência do ciclo do gado. Élis auxilia na inserção do estado de Goiás na vida literária nacional, interferindo na auto-representação dos goianos e contribuindo para o desenvolvimento da literatura nacional com a confecção de uma obra oriunda do regionalismo realista moderno de cunho etnográfico e documental. Élis, diante da tragédia humana de seus personagens, busca atingir na realidade, por meio do seu recurso literário, a emancipação prometida pelo Iluminismo, mesmo que ausente na sua ficção. A degradação humana e o desespero presentes em sua ficção têm a função de constituir uma crítica social organizada por meio de sua sensibilidade criativa, dando voz a uma parcela da população que, do contrário, não seria percebida. É isso o que confere à sua obra, a universalidade literária que rompe com as construções imaginárias regional-nacional, centro-periferia. Nesse sentido, sua obra emancipa, pois universaliza ao fazer reconhecer o humano no outro coisificado pela herança escravista-hierárquica da colonização rural-patriarcal portuguesa, localizada no interior brasileiro, distante dos centros urbanos considerados nacionais e circunscrita a cultura, economia e geografia periféricas. O objetivo desse estudo é analisar a obra de Élis sob a perspectiva de uma desconstrução da relação centro-periferia existente na produção literária brasileira. Um resultado possível remeteria não a uma dissolução identitária das fronteiras estéticas, lingüísticas, etnográficas e sócio-culturais do país, mas sim, a uma desconstrução do status diferenciado entre interior e litoral, de maneira a não existir mais uma hierarquia entre as várias regiões com relação à representação nacional, o que potencializaria a concretização de uma democracia e de uma emancipação social ainda por se realizar, no que Candice Vidal denomina de dissonâncias de um único tom: a nação brasileira.

Um caeté de pluma na mão: os embates de uma produção cultural periférica FERNANDO ROCHA (MIDD)

À época da escrita de seu primeiro romance, Graciliano Ramos ainda vivia em Palmeira dos Índios, cidade no sertão alagoano, distante dos pólos de produção cultural, seja em seu próprio estado, seja a nível nacional. Em diversos aspectos de Graciliano escritor refletem-se este deslocamento geográfico e consequente distanciamento das redes de relações sociais nas quais se assentavam a produção cultural nas Alagoas e no Brasil dos anos 30. Era avesso, como se sabe, ao Modernismo que irradiara de São Paulo; tinha uma relação ambivalente com a escrita, pois, se investia num esmero literário, revisando minuciosamente seus textos, também apontava para os limites e até mesmo repressão advindos da escrita; e, acima de tudo, transpunha os embates de uma produção cultural periférica para os seus romances. Nos três primeiros, Caetés, São Bernardo e Angústia, figuram personagens que aspiram ser escritores, mas que invariavelmente se deparam com as contradições de um intento de produção cultural a partir das margens. Como escrever sem um capital cultural adequado ou sem uma familiaridade com os pontos de vista dominantes no campo literário brasileiro de então? Como fazer circular toda uma produção literária sem o capital social necessário? Estas perguntas emergem nos três romances de Graciliano Ramos, tomando feições específicas a cada cenário e atores. Esta comunicação se concentra no primeiro romance, Caetés, buscando elucidar as seguintes questões: a) a relação de um sujeito subalterno com a história e com a recuperação do passado, já que o protagonista João Valério deseja escrever um romance histórico, tomando como modelos Gonçalves Dias e José de Alencar; b) a implícita negociação entre este sujeito deslocado, vivendo em Palmeira dos Índios, e as novas apropriações do passado indígena brasileiro propostas pelo Modernismo, baseadas na ideia de uma nova “modernidade” do primitivo; c) uma possível apropriação do produtor periférico da arte popular, que aparece de esguicha no romance, mas constitui foco de diversos ensaios recolhidos em *Viventes das Alagoas*, principalmente em relação à literatura de cordel. É na confluência e contradições destas diferentes questões que podemos situar o produtor periférico que Graciliano traça em seu primeiro romance.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 707

Correspondência entre Mário de Andrade e Ascenso Ferreira: configurações estéticas e processos sociais no século XX
EDNA MARIA RANGEL DE SÁ (UFRN)

Escrever cartas era uma atividade essencial à maioria dos intelectuais brasileiros até a segunda metade do século XX, quando ainda não era tão evidente o domínio da tecnologia informacional computadorizada nas comunicações interpessoais. Vista como uma memória cultural documentada, a produção epistolar pode se caracterizar também como um registro de dimensão não-institucional, no contexto do espaço material, simbólico e funcional construído e gerido pela intelectualidade que historicamente se organiza em torno do poder. Nesse contexto, os indivíduos e instituições implicados nas questões tratadas pelos autores das cartas podem ser vistos como agentes culturais que dão forma a universos de interesses distintos, revelando tensões implicadas nas relações sociais. Esses agentes culturais constituem, via de regra, uma elite cultural da sociedade, aspecto que interessa a uma pesquisa que analise as formas de filtragem das dominantes culturais de determinados períodos. A presente pesquisa intenta discutir de que forma de configura a estética do modernismo através das cartas trocadas entre o poeta pernambucano Ascenso Ferreira e o escritor paulista, Mário de Andrade. Ascenso Ferreira foi um poeta que permaneceu “à margem da grande festa literária” e dos prestígios dos quais usufruíram os escritores que ganharam destaque. Contudo, trata-se de um poeta com um extremo compromisso com a realidade do Nordeste, expresso numa linguagem coloquial e bem ao gosto modernista, com seus falares brasileiros. Mário, poeta paulista já consagrado, regente do movimento que tem seu estopim na capital paulista, se espalhando por todo o país através de publicações em revistas, jornais e, principalmente, através da vasta correspondência de Mário de Andrade com escritores e intelectuais de todo o país. A leitura dessa correspondência revela nuances dessa amizade literária sugerindo as influências do escritor paulista na obra de Ascenso Ferreira, assim como as muitas contribuições, como o envio de modinhas, partituras e de outras pesquisas em música, para Mário de Andrade.

O corpo e a carta: uma leitura da correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira CARLOS EDUARDO GALVÃO BRAGA (UFRN)

Na Fenomenologia da percepção, Merleau-Ponty observa que "há, para o corpo, diversas maneiras de ser corpo, assim como, para a consciência, diversas maneiras de ser consciência". Tendo em vista essa disponibilidade primordial do corpo, que lhe confere sua plasticidade, podemos aventar a hipótese de que existe um corpo, distinto dos demais por sua maneira de ser, cuja configuração específica preside, na escrita da carta íntima – de amor ou de amizade –, à elaboração do dispositivo que dá origem à carta como realização textual. Com esta comunicação, queremos mostrar, de um ponto de vista fenomenológico, como se dá, nas cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira no período de 1922 a 1944, a "montagem" do corpo de cada uma dessas "singularidades individuais". Esse processo é marcado, sob o aspecto da interlocução íntima que o materializa, pela confiança recíproca que logo se estabelece entre os dois correspondentes, mas sobretudo pelo empenho reflexivo comum e pelo desejo de construir, a duas vozes, uma dissidência crítica na qual, sem prejuízo das divergências, ambos possam vir a se reconhecer. Assim, acreditamos – é esta a nossa segunda hipótese – que a observação atenta desse processo possa iluminar, em nova perspectiva, a própria constituição do espaço literário nesse período crucial de sua formação.

Universos intelectuais distintos e complementares no processo de configuração estético-modernista MARIA SUELY DA COSTA (UEPB)

As primeiras décadas do século XX pontuam, na história cultural brasileira, a efetivação do processo renovador que traçaria novos rumos à experiência intelectual nacional. Momento em que acentuadas diferenças de mentalidades proporcionaram acirradas polêmicas frente às propostas de vanguardas advindas com a modernidade cultural. A historiografia literária mostra uma série de exemplos de conflitos gerados em torno da intelectualidade de então, de modo que, nas primeiras décadas deste século, por ser uma fase de “busca de definições”, ocorreu a formação de grupos de intelectuais que se dividiram ideologicamente. Nesse contexto, manifestos e revistas, de duração efêmera, surgiram como instrumentos de divulgação de ideais. Relacionados às vezes dentro de uma forte tensão, tais instrumentos conjugavam duas faces complementares: um “projeto estético”, referente às inovações na linguagem; e um “projeto ideológico”, ligado ao pensamento da época. De forma que, dentro da proposta de concretização do projeto estético/ideológico do modernismo brasileiro, é visível a articulação de pelo menos dois grandes eixos: o Centro-Sul, correspondendo ao Sudeste do Brasil, e o Nordeste, os quais defendiam tendências que ora se interpenetravam, ora se chocavam de forma complexa. No caso da experiência nordestino-grandense, pode-se verificar um projeto estético capaz de compactuar com a proposta de construção de um referencial literário de âmbito nacional, distinto da ótica regionalista defendida em Pernambuco por Gilberto Freyre. Em outras palavras, isso significaria empregar ao objeto artístico as constâncias sintáticas de expressão nacional, da terra e da sua realidade, sem o ranço do tom “característico”, de forma que as diferenças regionais estivessem dentro de um projeto de nação.

A tradição e os elementos regionais na pregação modernista JOSÉ LUIZ FERREIRA (UFERSA/UERN)

A partir da leitura dos textos esparsos publicados por Luís da Câmara Cascudo, nos jornais natalenses *A Imprensa* e *A República*, ao longo dos anos 1920, bem como através da ação intelectual que ele manteve durante esse período, seja por intermédio da divulgação dos trabalhos de escritores estrangeiros, nacionais e locais ou pela correspondência que manteve com os nomes mais significativos do cenário cultural brasileiro daquele período, a exemplo do escritor paulista Mário de Andrade, podemos encontrar os elementos que indicam as posições assumidas pelo escritor frente aos dois principais acontecimentos culturais e literários que agitaram o cenário cultural da região Nordeste naquele momento, os quais, por extensão, tiveram seus reflexos no Rio Grande do Norte, especificamente na capital do estado: o modernismo e o regionalismo. Nesse sentido, o processo de modernização da cidade do Natal, os aspectos que caracterizavam o lado mais tradicional da cidade, e os traços da cultura sertaneja são alguns dos assuntos que compõe o conjunto de textos pesquisados. Importa saber que a partir desses posicionamentos Câmara Cascudo figurou, na capital potiguar dos anos 20, como um dos principais articuladores do ambiente intelectual que foi capaz de discutir as ideias culturais e literárias em voga naquele momento no país, fato que habilitou tanto a intelectualidade e a produção literária local ao processo de discussão da moderna literatura brasileira.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 707

Retratos de Brasília em João Cabral, Guimarães Rosa e Vinicius de Moraes RONIERE MENEZES (CEFET-MG)

Quando foi inaugurada, a cidade de Brasília visava, com sua monumentalidade, a marcar um espaço de convergência do Brasi em torno de um ponto situado em seu interior. A cidade, ícone maior do projeto desenvolvimentista de JK, trazia a imagem do arrojo técnico, da vanguarda, do progresso brasileiro. Acreditamos ser próprio do trabalho intelectual trazer à discussão elementos que tornam o espaço não tão tranquilizador. Propiciam-se, a partir daí, novos olhares, novas formas de pensamento sobre uma certa época, sobre um certo contexto político-social. João Cabral de Melo Neto, João Guimarães Rosa e Vinicius de Moraes registraram, em cartas, crônicas, poemas, narrativas literárias e peças musicais, impressões relativas à nova capital federal. Suas criações contribuem para questionar, a partir de imagens heterotópicas, valores relativos ao "mito" unidade nacional. Por outro lado, apostam na modernidade, sobretudo estética, como modo de superar estruturas arcaicas. Os textos dos autores ampliam as percepções sobre o Brasil, sobre o homem brasileiro e sobre a própria configuração artístico-literária.

Lírica e sismos sociais na poesia de Augusto dos Anjos DERIVALDO SANTOS (UFRN)

Sob o ponto de vista da tradição poética, a lírica sempre esteve resguardada da vida social e histórica, considerada como expressão absoluta da subjetividade individual do poeta, por isso mesmo oposta à sociedade, como se o teor lírico derivasse tão somente do poético do poético. No entanto, sem deixar de ser mediada pela norma estética, a poesia moderna torna-se crítica da sociedade, e sua abertura ao social não reduz a especificidade de sua linguagem, antes a eleva a um esforço de interpretação do mundo (Merquior). Partindo de tais considerações, o trabalho ora proposto toma como orientação de leitura a relação entre literatura e vida social sob a perspectiva de Antonio Candido e do ensaio *Palestra sobre lírica e sociedade*, de Adorno, a fim de analisar as representações sociais na poesia brasileira de início do século XX, no seu particular a poesia de Augusto dos Anjos. O interesse é concentrar-se nas tensões visíveis na obra do poeta paraibano, examinando como o seu teor lírico, em sua forma singular de estar no mundo, expressa a voz de uma humanidade oprimida, na medida em que o poeta, tomando a sociedade e seu tempo histórico como um todo em si mesmo contraditório, é capaz de revelar o que a ideologia esconde (Adorno). Sob essa perspectiva, a expressão lírica de Augusto dos Anjos, desvencilhada da aspereza científica que percorre a quase totalidade de sua obra poética, evoca a imagem de desvalidos – doentes, negro - a sugerir livres do sistema social opressor. A atitude reflexiva de sua lírica despenha um papel decisivo no contraste com a ordem social, política e cultural de seu tempo, e a ultrapassa. O estudo parte do pressuposto de que todo processo artístico é mediado por

uma relação inextrincável entre autor, obra e público, e nessa relação os fatores sociais não podem ser pensados como matéria morta, já que a arte literária, sendo uma comunicação expressiva, conforme pensa Candido, situa-se para além das noções e conceitos, ao expressar uma realidade profundamente radicada no artista.

O silêncio da campina: a configuração do meio rural na poesia de Zila Mamede

CARLOS ANDRÉ PINHEIRO (UFRN)

Zila da Costa Mamede (1928 – 1985) é um dos nomes mais representativos da literatura do Rio Grande do Norte. Os lugares e os hábitos da sociedade potiguar são temas recorrentes em sua poesia. A representação do espaço, contudo, merece especial atenção, pois é através dessa temática que a poetisa apresenta toda a estrutura de uma sociedade. Para este trabalho, pretendemos analisar apenas as representações do meio rural, voltando-se mais especificamente para o estudo de sua natureza estrutural e simbólica. Primeiramente, o campo aparece como uma espécie de antídoto contra as hostilidades do mundo moderno. Dessa forma, o meio rural só adquire um sentido papável na medida em que for relacionado com as experiências desencadeadas na cidade. É através do espaço, pois, que Zila Mamede sintetiza a natureza de dois mundos distintos: um marcado pelo desequilíbrio (a cidade) e outro assinalado pela harmonia (o campo). Pode-se dizer que a caracterização da realidade rural adquire contornos idílicos no decorrer da obra de Zila Mamede. De certo modo, a visão agregadora lançada sobre as matérias campestres acaba superestimando os eventos desencadeados no campo. Com efeito, na lírica mamediana, o campo desempenha a função de oferecer um fundamento sólido e ordenado para o sujeito. Mais do que isso, o campo reestrutura a personalidade de um indivíduo afetado pela experiência reificante das grandes cidades. É por esse motivo que, na maioria dos casos, o meio rural é captado pelo prisma da lembrança, que retorna a uma época em que o eu-lírico mantinha uma relação mais afetiva com a sociedade. À primeira vista, tem-se a impressão de que o meio rural está imune a todo tipo de conflito e drama social, mas algumas passagens da obra de Zila Mamede evidenciam os aspectos negativos desse espaço – como a seca, a fome e a tortura sofrida pelos animais. Trata-se, portanto, de um trabalho que procura relacionar aspectos de uma região periférica (o campo) com a representação do centro urbano. De certa forma, esse diálogo constitui a base das relações sociais instituídas no país. Tomando o princípio da redução estrutural (proposto por Antonio Candido) como veio condutor da pesquisa, as análises procuram evidenciar o modo como a realidade do campo se transforma em componente de uma estrutura poética. Nesse sentido, a configuração rítmica desempenha importante função no processo da criação literária, pois é através desse percurso estrutural que Zila Mamede também procura reproduzir a serenidade do campo.

De Baudelaire a Drummond, em meio às flores do sertão, temos poesia: uma leitura dos poetas da Geração 70, de Feira de Santana, frente à lógica centro periferia

LUIZ ANTONIO DE CARVALHO VALVERDE (UNEB)

Faremos um estudo de alguns dos expoentes do chamado Grupo Hera, geração de poetas que lideraram um importante movimento cultural na cidade de Feira de Santana, Bahia, a partir de 1972, e que reverberou por três décadas, período em que foram publicados 20 números da Revista Hera, além de outras publicações sob o selo Edições Cordel, abrangendo revistas e jornais literários, assim como livros individuais. Tomaremos como ponto de investigação e discussão as relações entre o local, o nacional e o universal, tendo como ponto de partida as idéias de Antonio Candido, no que se refere às relações do artista com o seu meio e público; os pressupostos discutidos por Roberto Schwarz, em relação ao diálogo entre cultura popular e a ilustrada; os agenciamentos discursivos e maquinações corpóreas, segundo Deleuze e Guattari; as idéias de ensimesmamento e alteração, discutidas por Ortega y Gasset. Observaremos o movimento daqueles jovens poetas em interação com o horizonte de expectativas da cultura brasileira e local, no que tange aos processos de agregação, segregação e contraposição às estéticas vigentes, seja da cultura popular, seja da cultura erudita produzida no Brasil, ou pelo mundo.

O lirismo e a poesia modernistas de Mário de Andrade

REGINA LÚCIA DE FARIA (UFRRJ)

Em ensaio comemorativo aos cinquenta anos da Semana de Arte Moderna, Francisco Iglésias observa que as grandes datas impõem um balanço, um exame de consciência. Essa exigência se dá tanto “na vida dos indivíduos como na dos povos e sociedades” (IGLESIAS, 1975). No plano pessoal, o historiador cita o aniversário, a data da morte de um ente querido, o Natal, a passagem do ano como dias importantes, já que levam o indivíduo a fazer uma avaliação de sua vida. No plano coletivo, determinados anos são marcantes, pois representam um acontecimento especial na história de um povo, como a Independência, a mudança de uma ordem econômica ou política. Os anos de 89 sempre significarão muito para a França e, num nível mais amplo, para o Ocidente. Já os anos de 22, 88, 89 serão expressivos para o Brasil, sugerindo a toda uma geração “o exame de consciência, o balanço de realizações com a verificação dos desvios, do que se deixou de fazer e o consequente levantamento de projetos” (IGLESIAS, 1975). Nesse sentido, Francisco Iglésias assinala que não foi casual a realização da Semana de Arte Moderna, em 1922. No centenário da Independência, a Semana representou um acontecimento de renovação radical que, afetando sobretudo as artes, manchou “com violência os costumes sociais e políticos do país”, no dizer de Mário de Andrade (1974). Em vias de serem celebrados os 90 anos da Semana de 1922, o presente ensaio tem como objetivo examinar o conceito de lirismo em Mário de Andrade e verificar como tal conceito, ao rasurar as estéticas oitocentistas, se atualiza em sua poesia modernista, se transforma em legado para as gerações futuras. Para realizar tal tarefa focaremos sua produção poética e textos programáticos, tais como “Prefácio interessantíssimo” (1921), “A escrava que não é Isaura” (1924) e “O movimento modernista”, conferência pronunciada em 1942 no Itamarati. Nos textos programáticos, procuraremos configurar a concepção modernista de lirismo plasmada pelo poeta, rastreando certa dicção oscilante entre “blague” e “seriedade”, “sinceridade” e intencionalismo, “lirismo” e “crítica”.

ESCRITAS E ESCRITORES MARGINAIS

Alexandre Graça Faria (UFJF)

João Camillo Penna (UFRJ)

Paulo Roberto Tonani do Patrocínio (PUC-RIO)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 406

A escrita marginal brasileira no cenário cultural do capitalismo tardio

LUCIANA PAIVA CORONEL (UFRG)

Surgida nos anos 60 a partir da eclosão da contracultura, a escrita marginal tem autores representativos no cenário brasileiro desde então, como Carolina Maria de Jesus. Precursora de uma forma ficcional que apenas nos anos 90 ganha terreno no contexto da cultura nacional, Carolina pode ser aproximada de Paulo Lins e Férrez, cujas vozes periféricas abriram brechas de inclusão no terreno seletivo dos autores de literatura no país. O trabalho pretende abordar as diferentes formas de negociação, no sentido definido por Stuart Hall em seus estudos sobre a cultura contemporânea, travadas por estes autores em relação ao sistema hegemônico da cultura de massa, que os absorve e tende a homogeneizar e pasteurizar sua dicção afiada. De que forma cada um dos autores, a partir de sua escrita, procurou inserir-se no mercado editorial e em que condições, em termos de concessões a um padrão esperado, foi possível viabilizar esta inserção. Uma vez que, conforme Fredric Jameson, a cultura torna-se parte do mundo dos negócios no período contemporâneo do capitalismo tardio, cabe avaliar em cada caso como se deu o processo de difusão das vozes marginais dentro do sistema editorial estabelecido no país nas diferentes épocas em que permitiu-se às mesmas expor ao público sua dicção dissonante.

O que há de positivo em ser marginal?

PAULO ROBERTO TONANI DO PATROCÍNIO (PUC-RIO)

O presente trabalho busca discutir o uso do termo marginal para designar parte da produção literária contemporânea, sobretudo para a produzida por autores vinculados a bairros periféricos dos grandes centros urbanos do Brasil. Parte-se da constatação de que a adoção por parte destes autores do termo marginal passa a adquirir um caráter identitário que busca construir uma espécie de movimento literário que se baseia em critérios sociais para sua delimitação. Importante destacar que tal empreendimento, que é revestido por um posicionamento político, resultou em um importante debate acerca dos limites dos estudos literários frente a este objeto. Neste sentido, ao cobrar para si um exame fundado em estruturas sociais, expressando como principal diferenciação a origem periférica de seus produtores discursivos, o grupos de autores que se agrupam sob o título de marginal não utilizam como primeiro elemento catalisador um pacto estético. Dessa forma, é proposto um exame das múltiplas leituras que o termo marginal recebe no âmbito dos estudos literários, estabelecendo as possíveis aproximações e os distanciamentos entre o uso que os autores de periferia fazem do termo marginal e a teorização que esta noção recebeu no âmbito dos estudos literários.

(im)Possíveis margens ou: "a virtude é a mãe do vício conforme se sabe"

ANDRÉ MONTEIRO GUIMARÃES DIAS PIRES (UFJF)

Ao se falar de marginalidade, corre-se sempre um risco: ao invés de se dar voz à diferença, fazer falar, mais uma vez, a voz do “mesmo”, a voz do “centro”. Como dizia Nietzsche, “não basta matar deus, se não se mata o lugar de deus”. Não basta trocarmos a cultura dominante por uma cultura possivelmente alternativa, ou periférica, se continuarmos a pensar dicotomicamente, ou seja, a partir de uma pureza dualista e identitária própria do logocentrismo ocidental. O objetivo de nosso trabalho é dinamizar as noções de margem, buscando problematizar suas (im)possíveis diferenças dentro do jogo de relações variáveis que as colocam em uma tensão permanente com culturas possivelmente dominantes. A partir de algumas manifestações culturais específicas, como o tropicalismo dos anos 60, a poesia marginal dos anos 70 e a chamada literatura marginal e/ou periférica surgida por volta de 2000, buscaremos compreender de que modo as bandeiras das margens vem sendo utilizadas como táticas, e/ou estratégias, nos campos de força da cultura brasileira contemporânea.

Das escritões às escrituras indígenas: exercícios de inestética

SUZANE LIMA COSTA (UFBA)

Desde o início do processo de retomada das suas terras na Bahia, os povos indígenas produzem uma série de narrativas autoficcionais inscritas sem o registro de um único nome autoral, mas sob as rubricas da identidade coletiva de cada povo, de cada língua, de cada discurso de tradição. Literatura nativa, literatura indígena, literatura ameríndia, literatura oral, literatura marginal, que tipo de nome poderia ser dado às escrituras produzidas através da memória dos mais velhos, da performance do corpo do orador, dos mitos, dos causos e das canções que, segundo o povo Pankararé, é da autoria dos encantados? Interessa-me, nesta comunicação, pensar as artes de fazer desses grupos étnicos como exercício de uma inestética, tomando a noção de autoria dos encantados como um operador, para discutir o conceito de ‘margem’ inscrito nos moldes das escrituras coletivas dos povos Pataxó, Pankararé, Kiriri e Tupinambá.

Prognósticos de *bien-vivre*: uma cartomancia de deleites nas mãos do *flâneur-profeta*

TATIANE MILENE TORRES (USP)

Tendo em vista o cotejo entre o Almanaque Brasileiro Garnier e o Almanach Hachette, propomos um estudo comparativo que visa ratificar a construção de cidades ideais em um universo místico que garante, com seus prognósticos, signos, santos e calendários, receitas de felicidade. É importante ressaltar que este universo simbólico inscrito em uma literatura dita popular, sendo em sua origem difundida pelos caixeiros viajantes, ou seja, pessoas que facilitavam o acesso a este tipo de literatura, os colporteurs na França e os mascates no Brasil, possui a modéstia do material de impressão como marca registrada, tendo a expressão Bibliothèque Bleue como um tipo de coleção de livros populares, referindo-se à cor do papel que era utilizado para embalar pães doces. Deploravelmente esta literatura nomeada popular é ainda considerada como paraliteratura ou literatura menor em relação ao cânon, sendo classificada sempre que possível como repre-

sentativa das classes iletradas. Neste universo onírico, o leitor-agente se alimenta de prenúncios de ventura, tendo garantido o controle de seu destino por meio de toda uma simbologia que o afasta dos maus agouros cotidianos. Isso lhe permite tanto o controle da vida quanto do tempo, posto que os santos destinados para cada dia, os astros que o livra das intempéries diárias e os presságios de regozijo, os coloca em um tempo outro, capaz de retê-lo de seu decurso, como uma espécie de aprisionamento em seus vários calendários, garantindo uma rêverie que oblitera os males da existência.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 406

Performances de vozes marginais na literatura brasileira contemporânea

ALEXANDRE GRAÇA FARIA (UFJF)

O trabalho consiste na investigação das conexões entre certo imaginário transgressivo e marginal associado ou não ao crime, no final dos anos 60 e início dos 70, com a produção literária mais recente oriunda das periferias urbanas brasileiras e nomeada, de modo genérico, "literatura marginal". A leitura enfoca, comparativamente, o discurso ficcional, produzido por artistas e intelectuais, que procurou dar voz aos grupos marginalizados social e economicamente, e aquele produzido mais recentemente desde e sobre as periferias urbanas. O primeiro grupo encontra diversos e variados tipos de representação na literatura do período, como o teatro de Plínio Marcos, e a prosa de João Antônio, José Louzeiro, Rubem Fonseca ou, entre os mais recentes, Patrícia Melo, Marçal de Aquino, Marcelino Freire. O segundo grupo reflete mais a diversidade social, com autores oriundos das periferias urbanas brasileiras, como Paulo Lins, Ferréz, Sacolinha, Sergio Vaz ou Allan da Rosa. A comparação busca entender em que medida as noções de ficção e performance interagem com as de depoimento e biografia, em ambos os momentos.

Catatonias em movimento: a escrita de Maura Lopes Cançado em diálogo com a dança contemporânea

MARIANA PATRÍCIO FERNANDES (PUC-RIO)

A vida e a escrita da mineira Maura Lopes Cançado estiveram sempre situadas em uma linha de fronteira - experiência limite que ela reconhece como um muro em seu diário *Hospício é Deus*. Esse muro separa, ao mesmo tempo, o hospício (onde esteve internada boa parte de sua vida) e o chamado mundo dos normais, a realidade e a ficção. Sem se sentir pertencente a nenhum dos espaços delimitados por esse muro, a escrita de Maura é marcada pela experiência radical de distanciamento que a transforma em observadora meticulosa de sua própria vida e da vida dos personagens reais que a cercam. Sua maior fascinação são as pacientes catatônicas dos hospitais psiquiátricos, cujos corpos blindados parecem, estranhamente, resistir tanto à violência disciplinadora dos agentes do hospício, quanto a qualquer investida de significação ou de inserção no tempo e no espaço. O conto *No quadrado de Joana* descreve as tentativas de uma interna para criar uma nova linguagem desancorada do mundo ameaçador à sua volta. O presente trabalho pretende estabelecer um diálogo entre a experiência biográfico-ficcional da autora e o debate atual nos estudos da dança contemporânea. As frequentes aproximações das criações coreográficas com outras artes, como a performance, o teatro, e as artes visuais, e a utilização do texto e da palavra, como na obra da portuguesa Vera Mantero, questionam o paradigma da dança centrado na busca do puro movimento &(Louppe, 2000&), livres das amarras da significação que seriam exteriores ao corpo.

Uma estratégia: Plínio Marcos marginal

LIA DUARTE MOTA (PUC-RIO)

Ao vestir-se com roupas rasgadas e chinelo em suas aparições públicas, Plínio Marcos pretendia chocar, subverter os lugares. Nascido em 1935, escreve sua primeira peça teatral *Barrela* aos 24 anos (1959). A única apresentação realizada em um período de 20 anos impressiona pela linguagem e assunto tratado, pela precisão do diálogo, pelo domínio da estrutura dramática. Os quarenta anos que se seguem são de produção ininterrupta, garantindo ao autor reconhecimento na dramaturgia brasileira e no contexto cultural de seu tempo. Amparado por tais alicerces, Plínio Marcos apresentava-se em entrevistas ou pelas ruas de São Paulo vestindo-se como marginal. O objetivo deste trabalho é pensar o que pretendia com a vestimenta e, sobretudo, com esta postura, discutir possíveis variáveis que tangem a questão do marginal, tais como uma postura ideológica, política, artística, como uma forma de choque e subversão – uma rebeldia – e como uma experiência estética. Encenar o marginal, não mais ou não apenas em suas peças teatrais, mas fora dos palcos, em seu próprio corpo e vida, seria, portanto, uma estratégia e não um ato gratuito e desinteressado.

Dramaturgias e dramaturgos marginais: contrapontos entre Plínio Marcos e Mário Bortolotto

SONIA APARECIDA VIDO PASCOLATI (UEL)

A afirmação seguinte pode soar paradoxal, mas a marginalidade de Plínio Marcos, de suas criaturas e do universo dramático por ele criado já pode ser considerada canônica, no sentido de configurar uma das tendências do teatro moderno brasileiro. A galeria das personagens plinianas ilustra faces diversas da marginalidade, como os catadores de papel de *Homens de papel*, as prostitutas de *Abajur lilás* e as presidiárias contaminadas pela Aids em *A mancha roxa* ou os excluídos do sistema produtivo, como as personagens de *Dois perdidos numa noite suja* ou de *Quando as máquinas param*; apesar da diversidade de perspectivas, essas faces podem ser agrupadas sob o signo da marginalidade social. De modo um tanto diverso e ainda um pouco distante de figurar no cânone, a obra do londrinense Mário Bortolotto pode ser compreendida também a partir do signo da marginalidade, mas, diferentemente de Plínio, trata-se de uma reflexão cujo ponto de partida é a visada estética, que prepondera sobre o aspecto político sem, todavia, deixá-lo de lado. Bortolotto constrói mais de uma personagem artista – músico, escritor, artística plástico – com um mesmo ponto em comum: a recusa dos padrões estéticos valorizados tanto pela cultura de massa quanto pelo universo Cult; por isso, compreendemos a marginalidade, nesse contexto, como uma opção estética dessas figuras de ficção. A proposta deste trabalho é verificar como elementos políticos e estéticos se entrecruzam na dramaturgia de ambos os autores, tendo como viés analítico a presença da marginalidade.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 406

De jagunços falsos, “verdadeiros” e bandidos: guerra e literatura

JOÃO CAMILLO PENNA (UFRJ)

Para além da tipificação cultural do malandro, ou moral-policia do criminoso, há quem sabe uma outra figura, que subsume as duas, e que nos permitiria talvez um olhar enviesado para historicizar a criminalização do malandro na cultura brasileira recente. Esta figura é o "inimigo". País considerado pacífico, a história do Brasil é, no entanto, pontuada por guerras fundadoras, cujos nomes—Paraguai, Condestado, Canudos, para citar apenas alguns—contra inimigos internos ou externos, assombram ao mesmo tempo que estruturam a nação. Nesta comunicação examinarei brevemente três livros centrais da literatura brasileira, os três centrados na guerra. São eles: "Os sertões" de Euclides da Cunha (1901); "Grande Sertão: veredas" de João Guimarães Rosa (1956); e "Cidade de Deus" de Paulo Lins (1997). Guerras sem dúvida diferentes, contra inimigos diferentes, diferentemente ficcionalizadas a partir de guerras históricas. O que teriam em comum as sucessivas campanhas armadas do governo contra a “Tróia de taipa” habitada por religiosos no interior da Bahia, as guerras entre grupos armados chefiados por senhores locais no interior de Minas Gerais, e a guerra entre facções do narcotráfico no conjunto habitacional da zona oeste do Rio de Janeiro? A figura do inimigo interno: jagunço, ou bandido, isto, é “banido”. As analogias vão muito além do conhecido binômio da pobreza brasileira: sertão-favela, mas seria preciso começar por ela, ou mais precisamente por uma história dos nomes. É sem dúvida uma grande ironia histórica o deslocamento onomástico que fez com que a “favela”, que nomeava o morro nas imediações do arraial de Canudos, e suas 5.200 casas arrasadas, passasse a denominar as comunidades pobres em periferias urbanas brasileiras, na proliferação conhecida em larga escala, do “planeta favela”. Ou então, a falsificação onomástica de Euclides ao nomear “jagunço” os crentes de Antônio Conselheiro, criminalizando-os, mesmo que seja para, ao final, denunciar essa criminalização, e o extermínio que caracterizou o seu tratamento pelo estado brasileiro. Falsificação corrigida anos depois por Guimarães Rosa, ao colocar no centro de seu livro a formação dos bandos armados de “jagunços” de fato, e a guerra entre “clãs rurais”, para usar a

expressão de Oliveira Vianna. Ou a guerra entre "bandidos" donos de boca na favela produzida pela política de remoção de favelas situadas na zona Sul do Rio de Janeiro durante o regime militar brasileiro.

O Rio e a marginalidade: a construção de três personagens glamourosos e polêmicos

RÔSSI ALVES GONÇALVES (UFF)

A cidade do Rio de Janeiro, com sua tendência à rebeldia e com a imensa dificuldade de conter o crime, sempre foi espaço propício ao surgimento de ícones de uma cultura, às vezes, romântica, simpática, glamourosa e, muitas vezes, criminoso, também. Em tempos diversos, mídia, literatura, cinema, a arte em geral ajudou a construir certa aura sobre estes personagens, o que corrobora a perpetuação dos mesmos na memória carioca. Este estudo propõe-se a iluminar três figuras: o malandro, do início do século XX; o bandido “bom”, que teve seu auge durante os anos 60/70, através de figuras como Cara de Cavalo e Mineirinho; o traficante de drogas, que dominou algumas áreas da cidade durante as décadas de 80/90. Para isso, serão utilizados discursos plurais, como jornais, textos literários, música etc, a fim de verificar como foram construídos à imagem e semelhança de heróis.

Representação da violência e melancolia em um episódio de *Cidade de Deus*, de Paulo Lins

RICARDO PINTO DE SOUZA (UFRJ)

Tentaremos demonstrar, através do episódio da morte dos bandidos de Pelé e Pará em *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, a maneira que a representação do ciclo de violência urbana suscita uma reflexão sobre o significado da experiência do banditismo e da subalternidade de um modo geral, reflexão cujo corolário é a caracterização desta experiência como uma forma de melancolia. Gostaríamos de entender a representação do banditismo essencialmente como representação de uma experiência alienada, em que a opressão e as formas de poder que geram o ciclo de violência são interiorizadas e reproduzidas. Trata-se de entender como as estruturas de reprodução de relações de poder predatórias são interiorizadas e refletidas na representação da vida bandida, e a partir daí criticadas.

Representações da marginalidade na cultura contemporânea: diálogos em torno da personagem Zé Pequeno, em *Cidade de Deus*

VALQUIRIA LIMA DA SILVA (UFBA)

O momento histórico atual nos apresenta obras literárias diferentes, agressivas, que compõem mosaicos para tematizar, radiografar e ressignificar a realidade capitalista, considerada cruel. Entre estas, está o romance *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins. Sua narrativa já traz em si a marca da rapidez, assim, requer novos olhares sobre o literário, que o entrecruzem com o cinematográfico e com a história. O filme, com o mesmo nome, dirigido por Fernando Meirelles e lançado em 2002, provocou grande repercussão no cenário nacional e internacional, pela realidade ficcionada e mediada por imagens fortes, que ora conseguia apresentar ao leitor/ espectador. Entre estes dois textos um dilema se apresenta: a representação do personagem Zé Pequeno, que aparece sob dois olhares, um trazido pela imagem e outro pelo texto literário, configurando leituras que se integram e repelem, contraditoriamente. Buscando entender este contexto, bem como suas possíveis contradições; e partindo dos estudos e conceitos sobre Dialética da Marginalidade elaborados pelo crítico João Cezar de Castro Rocha, pretende-se aqui analisar as representações dadas ao personagem Zé Pequeno nos dois textos, levando em conta os meios, o momento histórico-cultural e as concepções que se organizam em torno do ‘marginal’ na cultura contemporânea.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 406

Isaías Caminha: desilusões de um mulato-instruído na imprensa ELAINE BRITO SOUZA (UERJ)

Até hoje a imprensa conta com profissionais divididos entre o jornalismo e a literatura, perpetuando o velho dilema entre sobrevivência e vocação, traço marcante da vida intelectual, sobretudo na sua forma literária. O fenômeno tem se tornado objeto de estudo de várias áreas do conhecimento, mas é preciso verificar como a própria literatura tem representado e problematizado questões relativas ao fazer jornalístico-literário. Neste trabalho, serão analisadas duas obras consideradas fundamentais sobre o tema: *ILUSÕES PERDIDAS*, de Honoré de Balzac, do início do século XIX, e *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA*, de Lima Barreto, publicado em 1909. Os dois autores são exemplos de escritores que sempre mantiveram atividades relacionadas à imprensa, o pano de fundo dos dois romances. O tema do jovem provinciano que parte para a capital em busca de ascensão social constitui o eixo narrativo das duas obras. Lucien de Rubempré e Isaías Caminha são jovens idealistas que acabam por alugar seu talento aos jornais em troca de sustento e visibilidade. Enquanto Lucien enxerga no jornalismo uma luxuosa porta de entrada para a vida literária, Isaías espera obter o devido acolhimento pelos meios ilustrados. Porém, ambos os personagens encerram sua escalada profissional mergulhados em profunda melancolia. No caso de Lucien, cujo desejo de profissionalizar-se como escritor esbarra nos interesses da indústria editorial, teríamos a prova de que até mesmo a literatura sucumbe diante do avanço das relações capitalistas. Por esse motivo, Georg Lukács afirma que, com *ILUSÕES PERDIDAS*, Balzac cria os *ROMANCES DA DESILUSÃO*, assim denominados porque, neles, os inescrupulosos, identificados com os valores do capitalismo, sempre triunfam sobre os honestos. Em *RECORDAÇÕES*, é o poder que se sobrepõe ao mérito verdadeiro. Apesar da instrução a tanto custo acumulada, Isaías, o mulato-instruído, tem consciência de que só alcança um posto de prestígio na sociedade depois de tornar-se um dos protegidos pelo dono do jornal onde trabalha. Portanto, enquanto a desilusão de Lucien associa-se à falência dos valores burgueses, a de Isaías se dá em relação aos ideais da República recém-proclamada. Embalado pelo discurso pretensamente progressista do novo regime, baseado na democratização de oportunidades, Isaías acaba por sentir-se um brinquedo nas mãos dos figurões da imprensa. Como podemos ver, Lima Barreto compõe seu romance de estreia em amplo diálogo com a obra de Balzac, o que torna *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA* um romance da desilusão à brasileira. O objetivo deste trabalho consiste em demonstrar que o sentido da desilusão no romance Lima Barreto é mais complexo do que aquele que encontramos em Balzac, pois Isaías vive uma desilusão não só como *PERSONAGEM*, mas também como *NARRADOR*. O narrador-personagem não se desilude apenas com o saber, a imprensa ou o mundo letrado, mas também com o *MODO DE NARRAR*. Apesar de ter aprendido com os grandes escritores, Isaías constata que, para contar sua história, é preciso livrar-se das amarras da narrativa tradicional, motivo que talvez tenha levado a uma recepção muito tímida por parte da crítica de seu tempo, ainda norteadas por princípios muito conservadores em matéria de romance.

Diálogos marginais: as identidades periféricas em João Antônio e Lima Barreto IDEMBURGO FRAZÃO FÉLIX (UNIGRANDRIO)

Em um momento em que a fluidez marca o ritmo da vida contemporânea (a vida líquida, para lembrar dos estudos de Zygmunt Bauman), o lixo surge como símbolo de uma época repleta de figuras da marginalidade. Obras como *Cemitério dos vivos*, de Lima Barreto e *Cemitério dos elefantes*, de Dalton Trevisan - para citar textos de períodos diferentes da literatura brasileira, que apresentam como características semelhantes, a exclusão social -, fornecem elementos para que se discuta a problemática das "identidades periféricas" em algumas de suas instâncias. O presente artigo intenta refletir acerca dessas identidades, a partir da temática da marginalidade, interpretando algumas narrativas de João Antônio e Lima Barreto. O primeiro autor, no início do século XX e o segundo, no final desse mesmo século, trataram da temática da exclusão de maneiras diversas, entretanto, como jornalistas que eram, baseavam-se na crônica de grandes cidades, como o Rio de Janeiro e São Paulo. Esses escritores foram cronistas de seu tempo, tornando suas narrativas testemunho de situações de marginalidade. Se João Antônio convivia propositadamente com atores periféricos para criar sua ficção, Lima vivia e via o mundo por um prisma marginal. A periferia e o centro dialogam nas figuras da marginalidade. As identidades periféricas são marcadas por essa relação de exclusão-inclusão inerente à vida nas grandes cidades.

Marginal ao marginal: facetas da marginalidade na escrita ambiental/experimental de Hélio Oiticica PATRICIA GUIMARÃES (UERJ)

A comunicação pretende examinar aspectos do tema da marginalidade na poética dita Ambiental e/ou Experimental de Hélio Oiticica focalizando sua prática de escrita. O caráter experimental dessa prática presume a crítica da noção tradicional de autoria e obra acabada, assim como a recusa da disciplina técnica, das convenções de gênero e de toda circunscrição institucional. Trata-se de uma escrita, a um só tempo autônoma e inseparável de sua produção de pintura, objetos, ambientes, cinema e performances, a qual, ora invade as estruturas físicas de seus trabalhos, ora toma a forma de diário, ensaio, carta, conto, poema, manifesto, relato de experiências poéticas, texto crítico sobre outros artistas, etc. Auto-intitulada "escrita do dia à dia", situa-se à margem de todos os gêneros discursivos mas, permanece em trânsito entre tais 'domínios', sempre procedendo por apropriação e mistura de diferentes dicções e linguagens autorais. Para Oiticica, sua prática de escrita inscreve-se no Ambiente comum da linguagem, no interior do qual pretende conjugar tradição e invenção sempre no sentido de uma "retomada" crítica. Deseja, pois, inscrever-se na linhagem da literatura moderna que reúne Mallarmé, Joyce, Pound, Cummings e os poetas concretos Haroldo e Augusto de Campos, tomando a palavra como entidade "verbivocovisual". Dialoga com o modernismo antropofágico de Oswald de Andrade, com a chamada poesia marginal brasileira e/ou com os textos de Nietzsche, Heidegger, McLuhan, Marcuse, etc. Filia-se igualmente àquela tradição de 'escrita de artista' estabelecida por representantes das vanguardas modernas (Kandinsky, Malevich, Duchamp, etc.) e retomada por tantos artistas experimentadores nos anos 1960-70. Seu universo de referências porém, não se limita ao erudito, abrangendo desde a escola de samba carioca à performance pop-rock, passando pela cultura das drogas, substâncias por ele transfiguradas em tema e matéria prima de invenção poética. Associando experimento formal e reflexividade crítica, a escrita de HO evoca uma "quase arte" na acepção dada por Mallarmé, sempre porém, implicada com práticas de vida. Seu criticismo radical recomenda tomar posição "marginal ao marginal", assumindo o deslizamento contínuo de posturas e pontos de vista. A propósito, a inscrição-poema *Seja Marginal, Seja Herói* (1966), posta por Oiticica numa bandeira junto a foto do bandido morto Cara de Cavalo, faz referência a Baudelaire em seu elogio da ação criminosa equiparada à atitude do artista moderno. A tarefa do artista baudelaireano consistiria em atacar violentamente a hegemonia da economia produtiva, o hábito de comportamento e linguagem padrão, visando apenas à felicidade. Em vista dessa ambição desmedida, o tema da marginalidade, para Hélio, diz respeito ao processo da poesia enquanto invenção de corpos e de ambientes simbólicos e concretos sempre provisórios.

Sob o sol do meio dia: um diálogo entre Hélio Oiticica e a literatura marginal de seu tempo FREDERICO COELHO (PUC-Rio)

Entre 1971 e 1978 Hélio Oiticica viveu em Manhattan e planejou a publicação de um livro que se intitulava *Newyorkaises*. O livro, longamente produzido e editado, não foi lançado pelo artista. Mesmo assim, seu projeto fez com que Oiticica se interessasse pelo mercado editorial brasileiro e norte-americano, principalmente pelos livros voltados para o legado das vanguardas modernas, do construtivismo e seus desdobramentos ou da contracultura nacional e internacional. O objetivo desta comunicação é trabalhar, a partir dessa leitura interessada (a feitura de um livro próprio) e da participação ativa de Oiticica (que publicou diversos textos nesse período), diversos aspectos de algumas das principais publicações literárias ligadas à cultura marginal brasileira do período. Livros como *Me segura que eu vou dar um troço* (1972), de Waly Salomão e *Os últimos dias de Pauperia* (1972), com textos de Torquato Neto e organização de Waly Salomão e Ana Araújo, ou revistas como *Navilouca* (1974) e *Pólem* (1974) serão trabalhadas como espaços privilegiados para uma análise sobre temas como o mercado editorial brasileiro, a produção de textos como ação colaborativa, o papel decisivo dos recursos técnicos ou a reivindicação de autonomia criativa por parte de um novo grupo de autores frente ao campo da nossa literatura. Através das cartas, textos e apontamentos pessoais do "estrangeiro" Oiticica, proponho uma reflexão crítica sobre o que hoje se configurou chamar quase de forma canônica de "literatura marginal" e os desdobramentos históricos do termo.

Alma sobre gelo: correspondências nunca trocadas entre as celas de Luiz Alberto Mendes e Eldridge Cleaver DENISE CARRASCOSA (UFBA)

O texto que emerge a partir de uma situação de encarceramento, seja ele qual for – um bilhete, uma carta, um poema, um livro de memórias – historicamente, tem-se mostrado sintomático de uma demanda de escrita de si (no sentido foucaultiano) que supera as necessidades de auto-organização subjetiva ordinárias em relação a sua contemporaneidade. Em articulação com essa leitura, entendo que a sujeição à experiência moderna de encarceramento, especialmente aquele prolongado e torturador do corpo, pode funcionar como uma tecnologia de marginalização identitária e subjetiva, na medida não somente de uma colocação do indivíduo em posição discursiva socialmente marginal, além de sua remissão a uma situação ontológica de rasura nos sentidos de sua existência, portanto "marginal" em um registro filosófico derridiano, por exemplo. É em conexão com o desdobramento dessas formulações que procuro pensar, comparativamente, dois

conjuntos de textos: Memórias de um sobrevivente, do escritor brasileiro Luiz Alberto Mendes e *Soul on Ice* (Alma sobre gelo), do norte-americano Eldridge Cleaver, na medida de seus encontros e desencontros históricos e na intersecção de questões como: produção de subjetividades marginais, escrita de si e do conceito que formulo, a partir daí, de “política de si”.

ESTRANHAMENTO HOJE

Myriam Corrêa de Araújo Ávila (UFMG)
Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros (UFSC)
Caetano Waldrigues Galindo (UFPR)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 705

Homens estranhos e as mulheres que os evitam
MYRIAM CORRÊA DE ARAÚJO ÁVILA (UFMG)

Kuame Appiah lembra, em *Na casa do meu pai*, que "a oposição entre a cultura refinada e a cultura de massa só existe em campos em que há um corpo significativo de instrução ocidental formal." Embora se refira à África, podemos trazer essa reflexão para a produção cultural brasileira. Nas áreas de menor tradição erudita, como a das artes plásticas e a da música (mencionadas também explicitamente por Appiah), essa indefinição fica mais evidente se não tentarmos isolar o popular em uma suposta pureza "de raiz", mas voltarmos-nos para o que de fato se produz na rua, para o contemporâneo. Entretanto, seria possível perceber uma dissolução em andamento entre o popular e o erudito em um campo muito mais regulado em termos de trocas simbólicas como é o do literário? Esta comunicação examina a questão a partir de uma parte da produção poética mais recente e toma como mote o verso de uma canção intitulada "Mercado Central", da banda belorizontina pexbaA.

O corpo grotesco em Marcel Proust e Pedro Nava
LISA VASCONCELLOS (USP)

Em seus escritos, tanto Marcel Proust como Pedro Nava têm por hábito usar metáforas e comparações grotescas, calcadas na fisiologia humana ou animal, para falar do que, a princípio, seriam tradicionais temas literários. Conceitos e imagens retirados do universo científico, mais especificamente do campo médico, área com a qual ambos tiveram estreito contato (Pedro Nava por conta de seus quarenta anos de prática como reumatologista, e Proust devido às suas conexões familiares e também à sua própria experiência de doente), são comuns na obra de ambos. Assim, na saga de "Em busca do tempo perdido" e também na coletânea memorialística de Nava, doenças, germes ou insetos são associados, por exemplo, aos motivos do desencontro amoroso, das decepções, da inveja ou da concorrência entre indivíduos. Essa inusitada estratégia literária cria um efeito de estranhamento pleno de sentidos, na medida em que, através de associações semânticas inesperadas e dos ecos por elas provocados, propõe novos olhares sobre aquilo que se considera os limites do humano. O presente trabalho visa justamente investigar esse fenômeno utilizando-se do conceito de estranhamento proposto por Chklovski, no artigo de 1917, "A arte como procedimento".

Entre o devaneio e a compulsão à repetição da (memória da) morte: o inominável e o estranho n' *A morte sem nome*, de Santiago Nazarian
WELLINGTON FURTADO RAMOS (UFMS)

Proponho uma articulação entre Literatura e Psicanálise para promover a leitura do romance *A morte sem nome* (2004), de Santiago Nazarian, por meio das noções de devaneio, compulsão à repetição e pulsão de morte, advindas do empreendimento teórico freudiano, aliadas à questão da verossimilhança em Antonio Cândido (2009) e à questão da (im)possibilidade da palavra em *O Inominável* (2009), de Samuel Beckett. Em *Além do princípio do prazer* (1920), Freud redefinirá o estatuto da pulsão na teoria psicanalítica, ao estabelecer a pulsão de morte. Para tanto, ele revisará a compulsão à repetição como manifestação do sintoma, por meio de exemplos de cenas observadas, bem como pela busca de aspectos teóricos que pudessem dar conta desse acontecimento. Antes disso, em *O estranho* (1919), Freud verifica a existência de um eterno retorno do mesmo como uma das manifestações do estranho, sobretudo aquele relacionado à fatalidade e que se aproxima da compulsão à repetição. Segundo Santos, “o que causa estranheza não é propriamente o que é novo, mas algo que retorna. O que deveria permanecer oculto é o recalado. A sensação do estranho é provocada pelo que há de familiar mas não reconhecido (SANTOS, 2002, p. 89). Ao considerar as formas mais comuns de manifestação do estranho, por meio da análise do conto “O homem de areia”, de Hoffman, Freud extraiu os elementos que causam a sensação de estranho no leitor, inserindo suas considerações no campo da Estética. Essa leitura é profícua para análise do romance *A morte sem nome*, como se pode confirmar por meio da observação de Santos (2002), ao comentar a análise de Freud sobre o estranho: “muitos dos fenômenos que causam estranheza estão relacionados ao retorno dos mortos, espíritos e fantasmas” (SANTOS, 2002, p. 91), na medida em que Lorena, uma suicida-serial que cria um inventário com as memórias de sua morte, narra os acontecimentos por meio da repetição como *modus operandi*: no plano de conteúdo – por meio da repetição da morte – e no plano de expressão – pelo uso de reiterações, anáforas e repetições de unidades lexicais e construções frasais – construindo, dessa forma, o estranhamento do romance que escreve com o seu próprio sangue, desde as escolhas temáticas até a forma da narrativa. **Referências:** BECKETT, Samuel. *O Inominável*. Trad. Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 2009. CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio [et al.]. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009. FREUD, Sigmund (1919). *O estranho*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVII) FREUD, Sigmund (1920). *Além do princípio do prazer*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XVIII) NAZARIAN, Santiago. *A morte sem nome*. São Paulo: Editora Planeta, 2004. SANTOS, Lúcia Grossi. *O conceito de repetição em Freud*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 2002.

Formas do estranho e do estrangeiro em romances brasileiros e hispano-americanos

HAYDÉE RIBEIRO COELHO (UFMG)

O texto tem como objetivo refletir sobre as formas do estranho e do estrangeiro nos romances brasileiro e hispano-americanos. Para isso, tem como base o discurso da confissão na obra de Darcy Ribeiro, autor que mistura fontes eruditas e populares, dessacralizando o mundo da seriedade. Em seguida, discute o olhar, o estranhamento e o espaço urbano em *Recordações do escrivo Isaias Caminha* (Lima Barreto) e *Os sete loucos* (Roberto Arlt). Finalmente, aborda o estranho em *Ciro Alegria* (Grande e estranho é o mundo). A escolha destes textos não é aleatória, abrindo possibilidades para o estudo contemporâneo da estranheza da civilização que nos foi imposta.

O estranho na fluência mítica de *Leite derramado*

ALEXSANDRA LOIOLA SARMENTO (Unimontes-FAPEMIG)

O estranho na fluência mítica de *Leite Derramado* Utilizado como estratégia de composição estética, o estranhamento possui um significado maior na criação literária na medida em que aciona a reflexão e o imaginário do leitor. Sob essa perspectiva, procura-se analisar alguns excertos da obra *Leite Derramado*, de Chico Buarque de Holanda. Nesse romance, o leitor é lançado nas encruzilhadas do estranho e vê-se curiosamente chamado a decifrar seus enigmas míticos. Decifrações que se tornam portadoras de significados do conflito natureza/cultura, um dos temas sobre o qual se debruça a obra. Identificar a configuração do estranho e demonstrar seus possíveis efeitos de sentido, de maneira a ampliar o entendimento da gênese mítica do romance, constitui o propósito desta comunicação. Palavras-chave: Leite derramado-estranho-mito-natureza-cultura Órgão de fomento: FAPEMIG

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 705

O estranhamento em Mallarmé SANDRA MARA STROPARO (UFPR)

A fortuna crítica gerada pela obra de Mallarmé desenvolveu-se em várias direções, alternando-se entre a defesa da "dificuldade" como inerente a seu estilo e a tentativa de demonstração de que a dificuldade não existe, mas sim o que ele próprio defendia em seu poema a E. A. Poe: "Donner un sens plus pur aux mots de la tribu", um novo e mais puro sentido dado às palavras, numa defesa radical do que mais tarde os formalistas explicariam como o "estranhamento" da linguagem literária. A crítica, portanto, tentou dar conta dessa radicalidade de várias maneiras, mas provavelmente tenha sido o próprio discurso do autor em sua correspondência, publicada entre 1959 e 1985, o principal responsável pela aceitação do estranhamento nessa obra e o consequente reconhecimento de sua importância para a poesia do século XX. Este trabalho pretende levantar parcialmente esse trajeto crítico, mostrando como a própria correspondência não se afasta, em termos de linguagem de exceção, do restante da obra do autor.

Poesia e humor minimalista: o olhar zen ELIZABETH LEITE (Unicamp)

Poesia e humor minimalista: o olhar zen RESUMO O gênero lírico é comumente associado ao elevado sentimento do sublime, que se distancia do humor terreno e do grotesco. Entretanto, ao aproximar poesia e humor, observo que o primado da emoção sobre a razão e a sensação não é o que caracteriza a essência do poético. Nos jogos de linguagem guiados pela lógica da invenção e da descoberta, há sempre o elemento surpresa, o momento do fiat que define a originalidade do processo criativo. A tradição literária ocidental tem expressões como “wit” e “mot d’esprit” para designar as formas de humor inteligente e instigante, que seguem uma retórica baseada no questionamento do sentido. Por sua vez, a tradição literária oriental mostra outros caminhos lúdicos de criação poética: o haikai e o senryu são composições que exigem do poeta o olhar zen, a percepção sensorial e imagética do instante que transcende os limites da racionalidade. O interesse pelo estudo e pela criação de poemas que utilizam esse formato minimalista fez surgir uma geração de autores que, embora não formem oficialmente um movimento literário, expressam esse tipo específico de sensibilidade. Minha investigação terá como foco a produção pós-moderna de autores que compartilham essa visão de mundo. Para esclarecer esse fenômeno, seguirei percursos da filosofia da linguagem de Wittgenstein e da filosofia da diferença de Deleuze, que propiciam o diálogo entre o oriente e o ocidente e fornecem parâmetros para as análises textuais. Autores em foco: Paulo Leminski, Millôr Fernandes e poetas da Haiku Society of America e da British Haiku Society. Palavras-chave: humor, zen, sentido

A metáfora e o estranhamento JUCIMARA TARRICONE (USP)

Uma das contribuições possíveis ao debate acerca do estranhamento é o revisitar das reflexões teóricas de Paul Ricoeur sobre a leitura e a compreensão de um texto. Na hermenêutica desse pensador francês, o tema da distanciação merece uma nota à parte. Tal atividade crítica permite o embate dialético entre a proximidade e a distância no interior da interpretação. Neste processo de leitura, a oferta do mundo exposta pelo texto é apropriada pelo leitor para fazer, daquilo que lhe é estranho, o seu próprio mundo. É por meio da distanciação, porém, que este reconfigura suas convicções e lança-se às variações imaginativas propostas pela poesia e pela ficção. Compreender um texto, portanto, é postar-se perante o mundo da obra para entendê-lo e, por extensão, entender a si mesmo. A leitura é assim, para Ricoeur, *pharmakon*, “remédio”, por meio do qual o leitor busca a significação ao tentar superar o estranhamento do texto em uma nova proximidade; proximidade esta que elimina, mas ao mesmo tempo resguarda, a “distância cultural” e tenta incorporar a alteridade textual na ipseidade ontológica do leitor. Esse ponto de encontro entre o mundo do texto e o do leitor pode se iniciar por meio da metáfora, criadora de uma nova referencialidade. Discutir a referência e o metafórico aí inscrito como desencadeador de uma ação interpretativa é um dos objetivos propostos em meus comentários, bem como ressaltar como a prática da crítica literária procede em relação a essa dinâmica de leitura.

O estranhamento dos clássicos em *The Waste Land*, de T.S. Eliot

ANDRÉ CECHINEL (UNESC)

Em seu célebre ensaio intitulado "Tradição e Talento Individual" (1919), T. S. Eliot afirma que a apreciação de qualquer artista deve significar, também, a apreciação de sua relação com os poetas e artistas do passado. A rede alusiva de **The Waste Land**, poema datado de 1922, é constantemente utilizada para fins explicativos, ou seja, tal rede funcionaria como ponto de chegada interpretativo para os versos de Eliot. No entanto, muito embora Eliot a princípio incentive, inclusive nas "Notas sobre **The Waste Land**", o contraste com os "artistas do passado", esse paralelismo, levado a cabo, somente revela a sua insuficiência. Em outras palavras, estamos diante de um poema que, ao mesmo tempo, recorda e viola os clássicos, e qualquer conforto oferecido pela familiaridade com o passado é rapidamente absorvido pela reconfiguração, ou melhor, pelo estranhamento com que a tradição é reapresentada no poema. Pretendo, nessa discussão, abordar a desordem explicativa, o estranhamento inevitável que resulta da presença de figuras familiares, tais como Tirésias, Filomela, Tereu etc, nos versos de 1922.

O estranho que hoje não se diz: mostra-se?

HELENA FRANCO MARTINS (PUC-Rio)

Este trabalho responde à proposta do simpósio *Estranhamento hoje* explorando a vitalidade contemporânea de duas enfáticas vozes do século XX: Ludwig Wittgenstein e Samuel Beckett. Tomam-se como contrassignos as seguintes "divisas" amiúde associadas aos autores: de Wittgenstein, "nada está oculto" (*Investigações*, 435); de Beckett, "nada a expressar" (*Três diálogos com George Duthuit*, I). O dito de Wittgenstein é muitas vezes tomado como marca de renúncia à distinção, por ele antes sustentada, entre aquilo que se pode dizer e aquilo que, inefável, apenas se mostra (*Tractatus*, Prefácio, 6.522). O dito de Beckett, por sua vez, é frequentemente visto como indício de uma visão cética da linguagem, que a condena a uma espécie de maldição da autorreferência. Vou argumentar contra alguns aspectos dessas duas respeitáveis leituras, sustentando que, de forma a meu ver um pouco debilitante, elas tendem a ignorar, ou talvez a apaziguar, um *estranho* que insiste em se mostrar, sem se dizer, na prosa poética dos dois autores. (Trabalho desenvolvido no âmbito de projeto de pesquisa financiado pelo CNPq)

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 705

A voz de David Foster Wallace em seu "Octeto" ou: como ser sincero pode ter de passar por artifícios

CAETANO WALDRIGUES GALINDO (UFPR)

O escritor norte-americano David Foster Wallace é constantemente identificado com um "movimento" algo vago que por vezes se chama Nova Sinceridade. Um grupo de autores, músicos, cineastas que, de certa forma desencantados com o mundo irônico e mesmo pós-irônico de modernismos e pós-modernismos, decide tentar o que a princípio pode até parecer retrógrado e anti-moderno, seguindo em busca de um contato direto, menos refratado, com seu público. Queira isso dizer o que por isso se entenda em cada caso. Mesmo descontada essa descrição de um "movimento", Wallace, ele próprio, deixou registrado em vários momentos e em diversos registros (entrevistas, ensaios e mesmo nas famosas notas de rodapé de sua ficção) seu descontentamento com uma linguagem (uma estética e uma língua) que parecia ser condicionada por uma imposição cada vez mais violenta e cada vez mais tematizada de máscaras, personas, afetações. Este trabalho pretende investigar o quanto essa paradoxal busca por verdade na ficção (e essa busca não é necessariamente temática: não se trata de abandonar a "ficção") pode se articular com um questionamento dos moldes meta-textuais pós-modernos e com a criação de um idioma narrativo que se aproveita talvez da única fronteira ainda disponível no fim do século xx para criar um estranhamento no uso da linguagem e, assim, produzir no leitor um distanciamento em relação ao texto e ao contexto que, de novo paradoxalmente, possa gerar verdade na arte, pela arte. Centrando-se em uma análise mais detida do "conto" *Octet* da coletânea *Brief Interviews with Hideous Men*, o trabalho tentará demonstrar os mecanismos empregados por Wallace (no nível da estrutura narrativa, do pacto discursivo-enunciativo da ficção, assim como no nível da superfície, da trama linguística do texto final) para criar um "ruído" que possa chamar a atenção do leitor para o que ele pretende, diretamente, dizer. Como ser "sincero" e "direto" em um mundo que condena o autor de ficção a apenas se referir entre aspas a essas "qualidades". Como tentar driblar a ironia dentro de seu próprio jogo, com suas próprias regras. Como usar o "estranhamento" para falar do que deveria ser "familiar".

Macedonio Fernández: literatura e estranhamento (*unheimlich*)
DAVIDSON DE OLIVEIRA DINIZ (FALE/UFMG)

A relação entre Macedonio Fernández e a literatura, processo de produção e transformação social da escritura, pautou-se pela ambiguidade. Assim o escritor estabeleceu uma particular compreensão do objeto literário mediante duas direções: por um lado, a extravagante ansiedade de encontro com o leitor, fazendo deste uma “distinção topológica”, região intersticial de apropriações e de tensão indecíveis mediante diálogo textualizado na escritura; por outro, a suposta e agônica refutação do ato de publicação, marcada por tamanha postergação da escritura a ponto de situá-la à beira da anulação digressiva. A ambivalência do projeto literário macedoniano designa solução para o incomodo cotidiano, um “estranhamento familiar” com que o escritor se apresenta ao ambiente literário através de anúncios e adiamentos da Obra. Compõe-se, assim, a peculiar relação entre escritura e espaços de publicação, descrevendo a interrupção do processo de transformação social do objeto literário. Daí decorrem procedimentos constitutivos de uma narrativa que se faz, também, ao noticiar a sua publicação em revistas e suplementos literários. Questionando os estereótipos editoriais, os auspícios de profissionalização do escritor, e, sobretudo, a figura clássica do autor ilustrado, do romance de formação decimonônico, Macedonio sobreescreve o desaprovamento em relação às posturas decorrentes do conhecimento público do objeto literário. A escritura macedoniana, indecisa entre o público e o privado, passa a intaurar-se como uma dimensão de potencialidade, de porvir manifesto na essência da letra não exibida. Por tudo isso, o “estranhamento cotidiano” do ambiente literário faz com que Macedonio pense a literatura como instância de valoração do inédito, espessura virtual da linguagem cuja atualização está em devir. Isso se manifesta em sua particular arte de escrever prólogos: anúncio abrupto do que está sempre por chegar e nunca chega, pois atualiza aquilo que precisamente só virá após. Tanto a busca topológica por um leitor ideal, o distinto “lector salteado” macedoniano, quanto a postergação da publicação literária designam impasse, desconforto a propósito dos meios de publicação. E produz, então, a ambivalência do gesto que noticiar a publicação e, imediatamente, inscrevê-la na postergação da escritura enquanto ato de omitir, de preterir a sua dimensão literária. Entendida como suplementária ao ato que faz com que o texto seja difundido publicamente, como uma ausência de revelação desde a origem, a escritura macedoniana busca a dimensão do inédito, a atualização porvir do estranhamento presencial que a impede de se efetivar em objeto de publicação. E, dessa maneira, acata e ataca os espaços de veiculação pública de maneira a armar um dispositivo de adiamento implavável da produção literária em direção à Obra. Tal particularidade, portanto, faz com que Macedonio vislumbre uma dimensão não revelada do texto literário, estranha e, ainda, não neutralizada pelo cotidiano, manifestando uma espessura de inédito, de até aqui não revelado. Macedonio logrou a prescrição dessa ordem de aspectos através de uma noção de escritura que se manifesta fundamentalmente mediante “Prólogos”, algo cuja tessitura implica o gesto de estranhamento em relação à concepção de literatura com que este escritor não esteve familiarizado. Eis aí o que farei discutir ao longo desta comunicação.

O ponto de vista do outro em “Axolotl”, de Julio Cortázar
ANA CAROLINA CERNICCHIARO (UFSC)

Este trabalho propõe pensar o “Axolotl”, de Julio Cortázar, como um conto sobre o ponto de vista do outro, um absolutamente outro tão estranho quanto pode ser a larva de uma salamandra e, ao mesmo tempo, tão próximo que se torna um duplo do narrador. Inevitável não lembrar do *unheimlich* de Freud, para quem o duplo representa uma espécie de consciência do *self*. Dando um novo sentido a esta idéia, podemos pensar que essa “consciência” se forma justamente porque é ao outro que cabe a pergunta sobre o eu. É no embate com o outro que chegamos a uma consciência de nós mesmos. Conforme ensina a lição levinasiana, é somente neste encontro ético que se forma uma subjetividade. Neste sentido, ao introduzir este corpo estranhamente familiar, mais do que produzir estranhamento (consequência tanto da monstruosidade do axolotl quanto da transformação inumana do narrador), o texto cortazariano se revela um trabalho de performance que dá boas-vindas ao outro inumano, apresentando o eu como um devir entre multiplicidades e ressaltando a impossibilidade de demarcar o eu e o outro, o sujeito e o objeto. Mais que isso, aliás, aponta para o fato de que é pelo ponto de vista desta alteridade absoluta, tão estranha e tão próxima a mim, que posso me perceber como um ser incompleto, um ser que só existe com o outro, um ser no mundo, com o mundo e para o mundo.

Horror e epifania: a imperfeição reveladora em *Anticristo* e *Cisne negro*
SHEILA PELEGRI DE SÁ (UNICEP)

O processo de desvelamento motivado pelo contato com o grotesco não é um tema inédito. Ainda assim, é matéria inesgotada em nosso tempo, e resulta numa produção artística rica em novas possibilidades ficcionais – tanto na literatura quanto em outras manifestações discursivas, como é o caso do cinema. Interessa, aqui, em especial, propor um olhar para o percurso epifânico e/ou transformador percorrido por personagens cinematográficas por meio de sua imersão em um universo incômodo, perturbador, grotesco e – no limite – horrível. Para tanto, propõe-se aliar ao Unheimlich freudiano, que conduz à noção do estranhamente familiar, a abordagem da imperfeição sugerida por Greimas, segundo a qual é a fratura no cotidiano a responsável pelas escapatórias na apreensão estética. O estudo que ora se propõe investiga o processo de imperfeição reveladora nas obras **Anticristo (2009)**, de Lars Von Trier e **Cisne Negro (2010)**, de Darren Aronofsky.

O estranho porvir de Veronica Stigger
FLÁVIA CERA (UFSC)

O texto pretende abordar alguns contos de Veronica Stigger tendo em vista o tema do estranhamento. Os contos, geralmente muito breves, trazem aspectos que beiram ao fantástico ou absurdo. No entanto, Stigger é sempre certa quando abordada sobre esses chamados “absurdos”: em suas entrevistas, encontraremos declarações de que as pequenas doses de crueldade por ela narradas acontecem corriqueiramente. Ou seja, seus contos não são apenas de denúncias da violência ou do predomínio do espetáculo em nossas vidas, porque está tudo dito e ao alcance dos nossos olhos; tampouco tratam de constatar uma anestesia da sociedade contemporânea que assiste esses episódios todos os dias e está congelada diante da catástrofe. Sem moralismos ou tentativas de conscientização, e sem ingenuidade, Stigger transita entre o real e o imaginário, entre o acontecimento e a fantasia com uma proposta radical, e não complacente, de articulação do corpo que produz e recebe excesso. Todas as cenas de seus contos são cotidianas, porém há sempre um elemento que causa estranhamento: um apartamento pequeno em que os moradores resolvem morar em caixas e depois no ânus de um amigo; uma menina que gostava tanto do próprio umbigo a ponto de entrar nele e habitar o próprio corpo; ou ainda, em uma doceria, um casal de anões, por demorar na fila ao escolher seus doces, é espancado violentamente até que seus restos possam ser varridos para trás do balcão. Violência, escatologia, obsessões anais, corpos que se esticam e se despedaçam, em suma, o esvaziamento das imagens cotidianas, são uma marca na literatura de Stigger. Veronica, assim, assume o papel da “escritora má” cujo texto estranho leva às últimas consequências algo que poderia ter passado despercebido. Um dos aspectos interessantes que nos defrontamos ao ler os contos é que eles têm mesma conformação de um sonho: fragmentos do inconsciente esvaziados de sentido, ou ainda montagens do que se expressa como “imaginação pública”, para usarmos um termo de Josefina Ludmer. Stigger constata que é de corpo inteiro que estamos imersos (e a arte não escapa dessa situação) em uma gigantesca rede espetacular. Guy Debord na década de 1960 asseverava a plenos pulmões que suas teses valeriam por longos anos; Stigger arremata a consolidação dessas teses, como se pode ver nos aplausos que sucedem a queda dos atores coadjuvantes no conto “Teleférico”, ou na sobrevivência baseada no turismo em “Des cannibales”. Mas de maneira bem diferente do teórico situacionista, Veronica não tenta reatar com a experiência perdida, nem lamenta sua perda. Não existe um mundo que tenha que ser salvo, uma volta pré-histórica que nos mostre como devemos agir para sairmos desse enlace espetacular tão bem montado. A proposta é de uma nova forma de experiência que traz para perto a familiaridade do cotidiano e que impõe o estranhamento como uma prática do pensamento ou, como queria Walter Benjamin, como uma “nova barbárie”. Não se trata de reconstruir um mundo perdido, ao contrário, trata-se de ensaiar (em todos os sentidos do termo) um mundo por vir.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 705

Como mostrar uma paisagem para as colheres: do épico *Popol Vuh* à dança *Butoh*
SÉRGIO LUIZ RODRIGUES MEDEIROS (UFSC)

No poema maia “Popol Vuh”, que data do século XVI (refiro-me à versão escrita que conhecemos hoje), a relação dos primeiros homens com os objetos é crucial, e quando, por insensibilidade humana, essa convivência social entre seres animados e inanimados é interrompida, uma revolução muda para sempre a história do mundo. Essa questão reaparece na origem da dança butoh, já em meados do século XX, conforme se depreende de um discurso de Tatsumi Hijikata, um dos pais dessa arte, no qual ele menciona um dos gestos fundadores da sua coreografia, ocorrido na infância: levar uma colher de sopa para apreciar a paisagem. Neste fato, ou seja, nessa capacidade infantil de amar os objetos como seu próprio corpo, afirma o artista japonês, “há um grande segredo para a origem do butoh”. Também no “Popol Vuh” o grande segredo cosmogônico está no manuseio dos objetos.

Há de se estranhar o apodrecimento do corpo? EDUARDO JORGE DE OLIVEIRA (UFMG)

“Na história como na natureza o apodrecimento é o laboratório da vida”. O trecho de Karl Marx era uma epígrafe cara à Georges Bataille. Para esta comunicação, uma aproximação a se ensaiar seria a da íntima relação entre a decomposição (e os procedimentos formais que dela derivam) e aquilo que pode ser considerado estranho ou inquietante (Unheimlich). Assim, as apresentações do corpo, em sua composição material, dentro do campo literário, talvez pertençam a uma rede de metamorfoses que nos permite perguntar: até quando existe um corpo? Ou ainda de modo mais preciso: quando se esvai a humanidade de um corpo? Se o corpo está morto, ele seria, de fato, uma “coisa inconsciente” (Kojève)? Entre a “coisa inconsciente” e aquilo que não é “nem sujeito, nem objeto” (Kristeva), existe a noção de informe (Bataille). Ler a questão do corpo, a partir do informe, nos faz pensar a súbita vizinhança entre informe, abjeto, Unheimlich para ler nos sinais do corpo nuances entre pathos, erotismo, animalidade. É nesse contexto que se propõe ler Bataille para tentar entender, com Georges Didi-Huberman, “como a aporia se converte em sintoma” quando o texto se converte em corpo.

Uma análise da palavra como agente parasitário na literatura de William Burroughs ALEXSANDRE ADIR DE SOUZA (UFSC)

A procura por palavras despidas de contaminações e impurezas, de palavras singulares, novas a cada repetição, limpas, isoladas e esterilizadas é, talvez, uma das maiores obsessões do escritor estadunidense William Burroughs, que utilizava a técnica *cut-up* para dilacerar e recombinar textos de outros autores com sua própria produção. Se as palavras são artefatos, objetos que têm o seu correspondente no plano físico ou mesmo entidades autônomas que buscam hospedeiros para habitar, manipular e se auto-replicar, devem ser domesticadas, estilhaçadas, recombinadas e subordinadas aos desejos desse hospedeiro que almejam controlar. Aparentemente inofensivas, para Burroughs elas podem levar seu hospedeiro a cometer atrocidades de composição em um ciclo invisível e sutil, mas transbordando de esporos virulentos, de devires tendenciosos, ressonâncias, repetições e bloqueios. Com sua ação performática, Burroughs consegue suplantar a repetição dos textos apropriados, alcançando um sistema singular com a ajuda do *cut-up*.

O ovo revolucionário: a poética do estranhamento em Clarice Lispector e sua potencialidade política REBECCA PEDROSO MONTEIRO (FACISA-BH)

Nosso estudo busca mostrar como a escrita de Clarice Lispector, ao provocar a interrupção de processos lingüísticos (e interpretativos) automáticos, abre espaço para a temporalidade do estranhamento, cuja poética disruptiva pode ser observada como potencialmente política em sua provocação de um repentino “aparecimento” do outro: o outro lingüístico, o outro do texto, o outro do mundo. O encontro com a alteridade permite colocar o mundo (e seus sentidos) em suspenso – e em estado de suspeição. Com Clarice, o momento presente de escrita-leitura deixa de ser um momento de repetição viciosa e automática para ser um instante ativo de invenção – de tradução. Invenção inclusive do já existente, como acontece em contos como *O ovo e a galinha*. O ovo, por ser tão óbvio, é “revolucionário”. Por estar tão “protegido” por palavras, é invisível e supervisível – “Só as máquinas vêem o ovo”. É impossível entender o ovo. Mas é possível inventá-lo. Fazê-lo outro. A literatura de Clarice nos mostra que é preciso des-entender, des-confiar dos sentidos habituais, questionar nosso repertório de interpretações e modos de ser no mundo para transformar seus contornos. Ou transfigurar seus limites.

A poética e os xamanismos: Ted Hughes SÉRGIO ALCIDES PEREIRA DO AMARAL (UFMG)

Ted Hughes (1930-1998) declarou em entrevista que a arte “talvez seja o componente psíquico do sistema imunológico”. Para o artista, ela atua como cura; para os outros, como remédio. “Daí nossa enorme e insaciável sede por ela”. No cerne da poética de Hughes está uma radicalizada concepção de poesia como terapia, assim pensada em via de mão dupla, seja na escrita (ou na oralização), seja na leitura (ou na audição). Tal idéia tem uma longa história. Giorgio Agamben relembra em *Stanze* que os médicos antigos prescreviam a música ou a recitação de versos para os que sofriam das desordens amorosas, em busca de uma “cura espiritual” superior. M. H. Abrams retrçou as fontes principais de um debate sobre a poesia como catarse, no período moderno. Na própria tradição inglesa, o ideal de cura pelo discurso se aproxima da poesia em antecedentes do porte de Shakespeare (“Give sorrow words”, diz o conselho de Malcolm contra a “dor que não fala”, em *Macbeth*) e de Keats (para quem o poeta é aquele que “passa o bálsamo no mundo”). Hughes, porém, sem se desprender dessa tradição, representa dentro dela um ponto de ruptura com o legado intelectualizante do humanismo europeu, visto por ele como estéril. Num contexto de declínio da modernidade e do ideal civilizatório que a Europa representou até a Segunda Guerra Mundial, Hughes ergueu uma poética radicalmente aberta a contaminações heterodoxas, dentre as quais se destaca o seu interesse fundamental pelos xamanismos, sobretudo no que diz respeito à cura e ao enfrentamento dos tormentos psíquicos e espirituais. O estranhamento, então, torna-se constitutivo da poesia também num sentido cultural – tão contrastante a ponto de exigir do sujeito, antes de mais nada, estranhar-se de si mesmo e dos limites do individualismo ocidental. A poesia passa a ser concebida e vivida como a violenta transformação psíquica trazida por uma “morte mágica”: “Os resultados, quando o xamã retorna ao mundo dos vivos, são a manifestação de algum poder de cura, ou uma mostra de informação clarividente”.

ÉTICA E ESTÉTICA NA LITERATURA JUDAICA

Lyslei Nascimento (UFMG)
Nancy Rozenchan (USP)
Saul Kirschbaum (UNICAMP)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1111

Não apresentarás um falso testemunho contra o teu próximo: aproximações ao *Decálogo*, de Krzysztof Kieslowski
LEONARDO FRANCISCO SOARES (UFU)

Estudo da narrativa fílmica "Decálogo", dirigida por Krzysztof Kieslowski e co-escrita com Krzysztof Piesiewicz, considerando as noções de ética e estética, em perspectiva conceitual fundamentada no pensamento e diálogo entre Maurice Blanchot, Michel Foucault e Gilles Deleuze. Realizado em 1988, para a televisão polonesa, "Decálogo" – série em dez filmes ou grande filme em dez partes? –, como o próprio título denuncia, é inspirado nos Dez Mandamentos. Dez tramas narrativas alinhavadas por um senso de unidade precioso retratam, na perspectiva contemporânea – antes da queda “dos muros” –, os resíduos dos princípios dos mandamentos bíblicos: amor, ódio, culpa, solidão, ética, ódio, responsabilidade, inocência, medo... A aproximação que aqui se pretende efetivar é construída a partir de algumas questões advindas das leituras de Blanchot, Foucault e Deleuze: qual é a nossa ética? Quais são os nossos processos de subjetivação, irreduzíveis a nossos códigos morais? Em que lugares e como se produzem novas subjetividades? Existe algo a esperar dos eternos ideais da humanidade? Tais questões podem servir como referência para pensar as relações tensas entre ética e estética no cinema de Kieslowski.

Auto-ironia na obra de Sayed Kashua: o tradicional “humor judaico” reaparece em solo israelense
JULIANA PORTENOY SCHLESINGER (USP)

Essa comunicação consiste numa análise do ambiente cultural, religioso e político que permitiu que o tradicional humor judaico, expressado principalmente por meio da auto-ironia, se desenvolvesse. Com o estabelecimento do Estado de Israel, a relação do judeu com a sua auto-representação transformou-se de maneira drástica e esse humor encontrou-se limitado. Contudo, na

obra do romancista e jornalista árabe israelense Sayed Kashua, essa auto-ironia tão típica do humor judaico diaspórico viu espaço para florescer. O contexto israelense no qual vivem os árabes israelenses que possibilitou esse reaparecimento será investigado e trechos da obra de Kashua serão apresentados e analisados sob esse enfoque.

Algumas questões éticas da *Bíblia* Hebraica MANU MARCOS HUBNER (USP)

A ética e a moral são definidas de forma relativa, dependendo da convenção de cada comunidade, segundo a definição de Bertrand Russell. Mas a Bíblia Hebraica acredita na existência de um modelo absoluto e universal. Existem diversas passagens dentro da literatura bíblica que levantam questões de cunho ético, como por exemplo a discussão entre Deus e Abraão sobre a sobrevivência ou não das cidades de Sodoma e Gomorra. Discussão esta que não é repetida pelo patriarca Abraão quando Deus lhe ordena a execução de seu próprio filho. Muitas outras questões pertinentes podem e devem ser levantadas, não só para melhor compreensão do texto bíblico, mas também para o desenvolvimento do pensamento humano em geral.

Golens contemporâneos: *Johnny Golem*, de Samuel Rawet LEO AGAPEJEV DE ANDRADE (USP)

No conto “Johnny Golem” de Samuel Rawet (in *O terreno de uma polegada quadrada*, 1969), dá-se um diálogo entre a figura do golem – o autômato criado a partir do barro – e a humanidade como produtora de golens contemporâneos. Johnny Golem, um paciente judeu vindo “do bairro pobre”, é o objeto de uma pesquisa em psicologia comportamental que acaba por enlouquecer seu “criador”. A história de Johnny G. parte e termina em náusea provocada “pelas possibilidades infinitas da estupidez humana”. Assim, a partir de um tipo social – o “idiota de aldeia” – presente nas narrativas vindas do universo cultural judaico da Europa oriental, Rawet ensaia um mergulho, por uma abertura feita pela náusea, na atemporal estupidez humana e seu lugar na sociedade. Esse mergulho, no entanto, é apenas apontado como questionamento ético com base na história de um pária social, Johnny Golem. É pelas margens dos valores sociais que Rawet repensa (desconstruindo) os lugares-comuns e exerce a liberdade imaginativa de que se vale para tal, por meio de aberturas da consciência ética para o inaudito, ou seja, para possibilidades não-previstas pelo lugar-comum, ainda que (de alguma forma) latentes nele. “Johnny Golem” aponta para a estupidez como lugar-comum que se mostra necessário problematizar. Para tanto, proponho a análise da figura do golem como emblema da personificação/vítima dessa estupidez humana atemporal e os descaminhos da humanidade embasada em tal lugar-comum.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1111

O patriotismo à espreita e a loucura da perseguição: algumas reflexões sobre *Nós, os judeus poloneses*, de Julian Tuwim MARTA TOPEL (USP)

O objetivo do trabalho é analisar a superposição de identidades de Julian Tuwim, poeta judeu-polonês, antes da Segunda Guerra e depois dela, isto é, num contexto e numa época em que as identidades hifenizadas eram vistas como marca de deslealdade e falta de patriotismo. Narrador, poeta e humorista, Tuwim escreveu sua obra em polonês porque pertencia ao pequeno grupo de intelectuais judeus poloneses assimilados, a exemplo de Januz Korcak e Bruno Schulz. Através da análise do ensaio “Nós, os judeus poloneses” se indagará na complexa relação de identidades aparentemente contraditórias, mas defendidas pelo autor, no massacre da judiaria polonesa pelos nazistas e na reflexão que outro escritor polonês, Stanislaw Lem, desenvolveu sobre a especificidade da morte dos judeus nos campos de extermínio.

O poema satírico: traço de união entre as três culturas?

SAUL KIRSCHBAUM (USP)

Muito se tem pesquisado sobre os sete séculos em que muçulmanos, cristãos e judeus habitaram a península ibérica, desde sua conquista pelas tropas árabes em 711 até o decreto de expulsão em 1492. Muito se tem escrito sobre a *convivência*, sobre a *Idade de Ouro do judaísmo ibérico*, sobre as trocas culturais e influências recíprocas entre as etnias. Meu objetivo aqui é focalizar o apreço das três etnias pelo gênero da poesia satírica, verificando como foi praticada pelos poetas de cada grupo. Entre os judeus, a sátira foi praticada desde tempos bíblicos. Entre os árabes, o gênero da maqama permitiu o surgimento de poetas do nível de al-Hariri. Entre os cristãos, uma das principais correntes da poesia galego-portuguesa foi representada pelas cantigas de escárnio e maldizer. Na apresentação, tentarei levantar hipóteses sobre a ocorrência de eventuais influências, principalmente de e sobre judeus. Para isso, me deterei em dois poetas judeus que se notabilizaram por suas composições satíricas, Yehuda al-Harizi e Todros Abulafia.

Ética e estética dos filhos: a literatura da Geração da Terra

LEOPOLDO OSÓRIO CARVALHO DE OLIVEIRA (UFRJ)

Ao fazer referência em seu título à Ética dos Pais, coletânea mishnaica de ditos e anedotas dos primeiros rabinos de Israel, esta comunicação tenciona analisar as opções, atitudes e dilemas éticos dos primeiros escritores falantes nativos de hebraico da moderna literatura israelense frente à longa tradição literária judaica da diáspora e em relação ao ambiente sócio-político efervescente da Palestina do Mandato Britânico e dos primeiros anos da fundação do Estado de Israel. Neste sentido, procurar-se-á analisar em que medida e de que modos sua atuação literária e política, na condição de intelectuais e artistas, impactou a tessitura estética de suas obras.

David Vogel: o judaísmo exílico entre a ética e a estética

LUIS KRAUSZ (USP)

O escritor de língua hebraica David Vogel (1899-1944) ocupa um lugar singular no panorama da literatura judaica por ter escrito, em hebraico, e em Viena, o romance "Chai Nissuim". Obra profundamente influenciada pela estética do expressionismo austro-alemão e ambientada na capital da república austríaca, no período entre-guerras, este romance apresenta um complexo panorama da sociedade vienense durante o período de desorientação que marca a transição entre a queda da Monarquia Habsburga e a incorporação da Áustria pelo III Reich. Povoadas por judeus recém-chegados das aldeias judaicas nas províncias do Leste (como o próprio Vogel, que nasceu na Polônia russa), por aristocratas arruinados e marcado pelo antissemitismo crescente das décadas de 1920 e 1930, a obra está centrada em torno da relação patológica entre Thea, filha de um aristocrata arruinado que encarna a depravação decorrente da falência de todos os ideais éticos desencadeada pela derrocada da monarquia, e Gurdweill, um intelectual judeu pobre, igualmente desorientado pela perda de seus referenciais culturais na metrópole. Para além da triste situação criada pelas circunstâncias, o romance discute as consequências da substituição da ética pela estética do decadentismo, própria do período histórico em questão. O objetivo de minha apresentação é iluminar os contrapontos entre os resquícios da ética e as ilusões estéticas, que me parece um dos eixos sobre os quais esta narrativa está constituída.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1111

As “Boas almas” e o outro lado da história

NANCY ROZENCHAN (USP)

Para o filósofo israelense Avishai Margalit, que escreve sobre a Shoá, há uma ética da memória e a obrigatoriedade de lembrar pessoas e eventos do passado. Para quem a Shoá representa, além do mais, uma referência pessoal, o dever de, ao menos, lembrar, é mais do que óbvio. Mesmo ante o dilema formulado por Adorno, se é possível escrever a respeito, a literatura hebraica vem se desincumbindo desta questão de forma cada vez mais intensa e esmerada. Estilos, escolhas de materiais e de enfoques do assunto são ilimitados. Não há barreiras estéticas ou éticas que impeçam o confronto com o tema que parece desafiar a nossa capacidade de dar conta do passado. Anashim tovim [tradução livre: “Boas almas”], de Nir Baram [Am Oved, Tel Aviv, 2010], romance que será analisado nesta comunicação, é um dos modelos literários mais recentes e ousados relacionados com a escritura que tem a catástrofe como pano de fundo. Focalizado na Alemanha da II Guerra Mundial, por trás dos eventos da Shoá, o livro abrange igualmente em seu universo ficcional expurgos e perseguições soviéticas, conjugação válida por tratar dos dilemas morais gerados por eventos quase concomitantes. Com arrojo, o romance, que se centra fora de Israel e não tem como base temática judaica ou israelense, focaliza, em suas duas tramas paralelas, personagens que, para poder sobreviver em universos em derrocada, ainda que não possam ser classificadas a priori como representantes extremas do mal radical ou como totalmente desvinculadas de conceitos de moralidade, se deixam levar como partícipes pelos instrumentos e políticas de repressão dos respectivos países e regimes. A condução do romance indica que sobre estas personagens paira o reconhecimento de que cada qual é responsável por suas ações e vida, mesmo ante circunstâncias para as quais não há outras saídas. Serão analisadas questões éticas e estéticas sugeridas pela abordagem literária destes temas.

As benevolentes, de Jonathan Littell: o cruzamento entre ética e estética, na representação do Holocausto
EMÍLIA AMARAL (USP)

Com data de publicação recente, 2006, o romance *As Benevolentes* tem recebido elogios e críticas, inserindo-se na polêmica da complexidade que envolve as possibilidades de representação do Holocausto: o paradigma do conjunto de violências que transformou o século XX no palco do desencanto em relação às grandes utopias do mundo ocidental. Meu propósito, neste trabalho, é discutir como as escolhas estéticas em que o romance se ancora envolvem questões éticas, e em que medida o cruzamento dessas instâncias contribui para uma análise da obra que resista a leituras reducionistas e tendenciosas, aquelas que desconsideram a especificidade, a singularidade de um texto literário, por mais que ele esteja tão ligado ao referente que quase se confunda com um relato historiográfico. Se é possível classificar o texto em questão como um ramo do romance histórico, em sua vertente pós-modernista, de metaficção historiográfica, sem dúvida ele não se esgota nessa classificação, já que desafia o leitor a decifrar outros elementos nos quais se alicerça, para, de acordo com palavras do autor, “examinar o mal desde dentro”. A inversão do foco narrativo — uso da primeira pessoa, figuração do carrasco nazista por um escritor judeu — constitui a escolha estética fundante no sentido de esbarrar num problema ético: por que se colocar no lugar do perpetrador em detrimento daquele reservado às vítimas? Esta consideração, bastante presente na polêmica em torno da obra, se desdobra no uso de dois dos inúmeros repertórios culturais que a estruturam: a Tragédia grega, relida pelo viés da psicanálise, e a erotização de cenas de morte por enforcamento, dentre outras, marcadas pelo binômio sexualidade/crueldade. A remissão à Tragédia traz à tona o problema da *hýbris*, da desmedida, que pode ser interpretada à luz da reflexão de Freud, em *O mal estar da cultura*, como o “resto”, o que se recalca em nome da hipertrofia racionalista, e assim caracterizar Maximilian Aue, o protagonista de *As Benevolentes*, como uma alegoria da Alemanha nazista, em sua queda paradoxalmente apoiada na mais fina vivência cultural e artística. Como se trata de obra pós-modernista, não há problema em conjugar essa abordagem com aquela mais moderna, pertencente à linhagem de autores como Sade e Bataille, este último traduzido por Jonathan Littell, cuja fixação pela sexualização das cenas de crueldade não deixa de estar ligada à figura principal do romance: seu narrador, dividido, como o autor, entre duas necessidades essenciais: a de procurar uma explicação para o inexplicável e a de recolocar as cenas de barbárie, a partir de alguém que fez parte delas e que sistematicamente provoca o leitor a reconhecer-se dentro, e de forma incômoda, porque como possível perpetrador e não como vítima, do inferno. A obra, assim, me parece um conjunto coeso, em que a questão ética está indissolúvelmente ligada às escolhas estéticas do autor, não podendo, portanto, ser lida à revelia dessas escolhas, que me parecem mais preocupadas em problematizar o mal que parece estar se perpetuando ao longo do século XXI a espetacularizar o sofrimento dos judeus durante a Shoá.

Estética da fratura e ética da memória: intraduzibilidade e representação testemunhal da Shoá na poética de *Logocausto*, de Leandro Sarmatz
FERNANDO OLIVEIRA SANTANA JÚNIOR (UFPE)

O objetivo deste trabalho é analisar a temática da Shoáh em Logocausto, obra do poeta, jornalista, dramaturgo e escritor Leandro Sarmatz (1973-), de 2009, e que se insere na literatura brasileira contemporânea de expressão judaica. Nossa análise dessa temática se deterá nos poemas que têm ligação com a Shoáh, com reflexões sobre a estética da fratura, a ética da memória, o testemunho. Por estética da fratura entendemos, no caso da poética de Sarmatz, o modo pelo qual o trauma implode as estruturas miméticas de uma concepção tradicional de poesia lírica, pois a representação testemunhal da Shoáh se esbarra num evento bárbaro que pôs em xeque os conceitos tradicionais de representação tanto na teoria literária quanto na historiografia. O aspecto estético é afetado pela preservação e pela transgressão do real, bipolaridade que no caso da Shoáh ocasiona, devido ao excesso de realidade do Lager, uma fissura entre o real e o irreal, exemplificado por Primo Levi, em A trégua, e também presente em Logocausto. A (des)estruturação fragmentária do poema Logocausto, por exemplo, eclode uma poetização instável da realidade rasurada pelo trauma da Shoáh, pois a linguagem desse poema e de outros redefine o real como o fundo lugar no qual nem mais o fundo é divisado, como diz o poeta no poema A forma de uma ideia. Essa linguagem poética se configura no que Maurice Blanchot chama de L'écriture du désastre; escrita das cinzas da barbárie, Logocausto é uma poética do desastre, desastre que, segundo Blanchot, é a força da écriture du désastre, caracterizado pelo excesso marcado por uma perda impura, e cujo limite é o que escapa à absoluta experiência. A ética da memória, em Logocausto, é o dever do testemunho segundo a concepção de Elie Wiesel, em Por que escrevo?: o de não dever nada a ninguém e tudo aos mortos da Shoáh, escrevendo-os para não serem engolidos pelo esquecimento e para ajudá-los a derrotar a morte, ou, como atesta Roney Cytrynowicz, em Memória da barbárie, para que a Shoáh não se inscreva como mais um mero fato passado na memória da Humanidade. Assim, a memória da Shoáh se coloca como força-motriz da tradução do passado, numa reescritura aberta, que labora a partir do trauma da recordação patológica dos sobreviventes, para que eles, o “outro/ ‘resto’”, no dizer de Seligmann-Silva, reivindiquem sua voz de uma maneira não anteriormente realizada. Nesse sentido, mesmo distante da geração da Shoáh, o poeta-neto verseja em Logocausto uma poética do testemunho; o zeugnis, dentro da concepção psicanalítica do trauma, conforme Seligmann-Silva, e ao mesmo tempo dentro de uma conceituação a partir do hebraico, que proporemos: “edút, um testemunho-memória para as gerações do povo judeu. Diante do exposto, Logocausto condiz com a reflexão de Sidra De-Koven Ezrahi: uma nova ética e uma nova estética da representação que estão sendo moldadas tendo a Shoáh como fundamental ponto de referência. Consequentemente pensamos Logocausto como interpenetração poética entre o estético e o ético, mantendo a tensão entre a (im)possibilidade e a necessidade da tradução testemunhal da Shoáh.

O crime na escrita: a ética e o sagrado em *Anagramas de Varsóvia*, de Richard Zimler

LYSLEI NASCIMENTO (UFMG)

Uma série de assassinatos brutais de crianças perpassa o romance "Os anagramas de Varsóvia", de Richard Zimler. Ao encenar esses crimes no gueto judaico em meio à Segunda Guerra, o escritor potencializa o mal, que se propaga fora dos seus limites. Dentro ou fora, ou, como numa caixa chinesa, a violência é descortinada, milimetricamente, como em um espelho. A narrativa policial com os seus elementos tradicionais permeados pela segregação dos judeus no gueto constitui uma estratégia narrativa que põe o leitor diante de uma estrutura labiríntica, em abismo. Diante do mal, representado pelo Nazismo, sua crueldade estampada na tortura, no assassinato sumário e na violação de todos os direitos do indivíduo, a série de crimes contra crianças reafirma a quase onipotência, a materialidade trágica da condição dos judeus. Zimler, ao potencializar esse mal, fazendo do gueto uma ratoeira, uma caixa de torturas, um labirinto de crueldades, faz, sem dúvida, um inventário do sofrimento. Longe de confortar o leitor, ao recriar o espaço confinado do gueto e, dentro desse espaço, a emergência do mal, o escritor reafirma, ainda, seu compromisso com vozes que foram silenciadas pelos desmandos da História, do poder, dos vencedores. “Apesar de todas as tentativas dos alemães para refazer o mundo, as leis naturais continuam a existir.” Assim, apesar de todas as tentativas revisionistas e negacionistas, a História tem o seu pendor na ficção. Espera-se, nesta comunicação, analisar a representação do crime e do mal no romance e avaliar até que ponto uma noção ética se aproxima do sentido religioso que a escrita possa “usar as partes dos corpos para fazer alguma coisa que não é humana”. Para o narrador, todos os templos são metáforas do corpo humano, logo, seria o corpo que daria origem ao conceito de sagrado. O crime e o assassinato seriam, portanto, vistos como uma forma de tirar do mundo tudo o que nele haveria de sagrado.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1111

A submissão do indivíduo ao projeto nacional israelense nos contos de Izhar Smilansky

GABRIEL STEINBERG (USP)

Izhar Smilansky nascido à época do início da colonização judaica na Terra de Israel, é um dos mais destacados escritores da chamada “Geração da Terra” ou “Geração da Guerra da Independência”, educados e moldados numa cultura hebraica que valorizava o trabalho agrícola, a justiça social, a ética, a vida em comunidade e o esforço individual em prol do coletivismo, com o intuito de erguer um Estado e mudar o destino de todo um povo. Os jovens sabras de então engajaram-se em comunas ligadas ao trabalho na terra e em organizações militares clandestinas. Esses jovens eram retratados nas obras literárias ficcionais como um modelo a ser seguido e imitado pelos judeus que abandonavam a diáspora e se engajavam na construção da pátria judaica. Na literatura, esses jovens eram apresentados como seres ativos, possuidores de uma auto-estima elevada e cientes de serem os portadores de uma nova ideologia, transformados em heróis aos quais cabia carregar nos ombros a tarefa de redenção do povo judeu em sua totalidade. Izhar Smilansky ou mais conhecido como S. Izhar, inaugura as obras literárias desta geração de escritores ao publicar em 1938 o conto Efraim volta para a Alfafa, um exemplo de abnegação e renúncia, onde Efraim mesmo querendo ter uma trajetória própria, se dobra diante da ideologia da época. Izhar prossegue nesta trajetória com a publicação em maio de 1949 do conto Caravana da Meia Noite, onde em plena Guerra da Independência e com as incertezas em relação ao futuro, ele faz uma exaltação fervorosa dos jovens que estavam dispostos a dar a própria vida pela redenção territorial de um povo.

Elementos do trágico: os coros de Nelly Sachs FILIPE MENEZES (UFMG)

Sobre a extensa obra da poetisa alemã radicada na Suécia Nelly Sachs, fundada na sua herança e tradição judaica, paira a sombra da Shoah. As fortes impressões acerca da grande catástrofe e sua irrepresentável monstruosidade são temas de um conjunto de doze poemas intitulados “Coros depois da meia-noite”. Nesses poemas, diversos personagens são dotados de voz e têm o espaço para expressarem seus terrores. Sobreviventes, vagabundos, órfãos, sombras, pedras, árvores e, até mesmo, aqueles que ainda não nasceram clamam por um sentimento de justiça e moral, demonstrando como a Morte, enquanto entidade, estava presente e pronta para transformar seus ossos em flautas e tendões em arcos. A presente comunicação pretende, assim, estudar os elementos do trágico na poética de Sachs em especial nesses poemas-coros, e, desta forma, abrir para o debate entre a responsabilidade ética e a liberdade estética no tratamento da experiência extrema da Shoah.

A polifonia – ética e estética em *Uma certa paz*, de Amós Oz BERTA WALDMAN (USP)

Publicado originalmente em Israel, em 1982, *Menuhá Nehoná*, e lançado no Brasil apenas em 2010 com o título *Uma certa paz*, o livro do consagrado escritor Amós Oz concentra-se no intervalo entre os anos 1965 e 1967, período imediatamente anterior à Guerra dos Seis Dias, que transformou o Estado de Israel de maneira radical. Passados cerca de 18 anos da Fundação do Estado, o hiato entre os ideais fundadores e a realidade cotidiana vai se tornando paulatinamente mais perceptível para os habitantes do kibutz, espaço escolhido para sediar o romance. Foi depois dessa guerra que Israel desenvolveu a ambição pelos territórios ocupados e começou a utilizar a força militar como meio de conquistá-los. Os limites entre o bem e o mal não são absolutos e são múltiplas as posições políticas expressas neste romance. A violência e o confronto das personagens entre si e com a sociedade propicia questionamentos éticos que extrapolam o plano temático, marcando presença em estratégias de construção do romance, que culminam na **polifonia**, que transparece mais bem elaborada e de forma radical em outro romance de Amós Oz - *A caixa preta*.

IDENTIDADES, ESPAÇOS, LINGUAGENS E PROCESSOS INTERCULTURAIS II

Gilvone Furtado Miguel (UFMT)
Simone Caputo Gomes (USP)
Rosana Rodrigues da Silva (UNEMAT)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 500

Tradição e Transgressão em *Ualalapi*, de Ungulani Ba Ka Khosa
ANA LÚCIA GOMES DA SILVA RABECCHI (UNEMAT)

Através da subversão histórica, examinamos a obra *Ualalapi*, de Ungulani Ba Ka Khosa, nas suas várias narrativas, evidenciando a dinâmica de fronteira e ambiguidade que modela a técnica de Khosa ao recuperar os valores culturais moçambicanos. Com ironia transgride a noção do "herói" através de uma tessitura que opera entre tradição e modernidade. Nesse sentido, este trabalho constitui-se com um espaço de reflexão acerca das formas de poder e resistência que operam na escrita a contrapelo do monumento oficial.

Diálogos: um olhar sobre *Os Dois Irmãos* de Germano Almeida e *Dois Irmãos* de Milton Hatoum
ANTONIO APARECIDO MANTOVANI (UNEMAT)

O diálogo entre a literatura brasileira e a cabo-verdiana não se esgota nas décadas de 30 e 40. Este pode ser observado até a atualidade e com extensão para outras regiões brasileiras, além do Nordeste. A partir desta reflexão, este estudo tem como objetivo investigar, dentro do macrossistema literário de língua portuguesa e no âmbito das relações literárias contemporâneas entre Brasil e Cabo Verde, alguns contatos entre os romances *Os dois irmãos*, de Germano Almeida, e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. Estas obras se aproximam numa abordagem comparativa, por alguns fatores como a hibridez cultural em virtude da imigração, o drama familiar causado pelo adultério, a coerção imposta pelos valores da sociedade, a casa que se desfaz associada à ruína das personagens e, a presença do mito da rivalidade entre irmãos.

Eugénio Tavares: prosa a serviço da cabo-verdianidade
GENIVALDO RODRIGUES SOBRINHO (UNEMAT)

Esta comunicação tem por objetivo mostrar em que medida Eugénio Tavares manifesta suas preocupações acerca de Cabo Verde e seu povo em textos jornalísticos e cronísticos publicados nos mais variados periódicos do arquipélago e do exterior. Para que o estudo obtenha o resultado almejado e cumpra o tempo estabelecido, fazemos um recorte em que buscamos destacar alguns dos textos mais significativos, nos quais o autor procurou representar Cabo Verde. Pode-se dizer que em sua prosa o escritor bravense consegue delinear um retrato moral, político e social da última década do século XIX e das décadas iniciais do século XX, tornando-se, com efeito, um dos precursores da cabo-verdianidade.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 500

A lírica de Delasnieve Daspét
HELENICE MARIA REIS ROCHA (UFMG)

A Lírica de Delasnieve Daspét. Pretendo, neste estudo, discutir a linguagem de massas, midiática e digital pensadas contemporaneamente por Benjamin, Adorno e culturalistas. Detenho-me, neste estudo, na poesia de Delasnieve Daspét e na sua dicção lírica contemporânea. Tomando por eixo de reflexão o estudo multidisciplinar que une dialeticamente a linguagem de massas e a reflexão teórica de Bhabha, Canclini e Hall, no intuito de explicitar a interlocução entre lírica e linguagem de massas.

A identidade cultural nordestina e o diálogo com a globalização: o antropofágico e o intersemiótico na poética do *Manguebeat* pernambucano SÍLVIO SÉRGIO OLIVEIRA RODRIGUES (IFPB)

O movimento poético-musical denominado Manguebeat apresenta-se como um dos principais fenômenos poético-musicais da contemporaneidade. Assim, visto como um movimento contracultural, abre espaço para os estudos intersemióticos e interdiscursivos surgidos a partir da relação entre a cultura de massa e midiológica global com os elementos regionais nordestinos, numa fusão híbrido-antropofágica entre tradições mestiças e operações musicais que se imbricam nesse projeto musical. A partir do diálogo com as técnicas contemporâneas ligadas ao processo de globalização, o movimento manguebeat acaba por se configurar como poesia de massa ao atingir uma paridade através do diálogo com o tecnológico, criando assim uma reafirmação das práticas discursivas simbólicas da cultura nordestina reforçando a identidade local, sem preterir o Outro, é claro. Nesse sentido, o projeto poético-cultural em questão acaba por desconstruir o processo de colonialização imposta pelo logocentrismo ocidental, ao ressemantizar a concepção de arte, inserindo uma nova "poiesis" que questiona imanência da "literatura literária". A partir dessas constatações, observaremos como o Manguebeat ajuda a pensar a respeito do papel da poesia na instituição literária potencializando, a partir da música, a construção de um olhar pluralizador em torno do cânone poético-musical, ao criar a entrada de novas formas poéticas no rol daquilo que chamamos literatura. Assim, a poesia volta a ser condição da fala, colocando a obra em um universo sócio-histórico explorando a amplitude do discurso e acercando-se de elementos vários, tais como, o cenário, o figurino, a coreografia, a guitarra elétrica, o batoque, a poesia. Meios, signos e performances são utilizados como recursos pelo Manguebeat como forma de dialogismo, a ponto de criar uma linguagem intersemiótica, que queremos chamar de poesia. PA-LAVRAS-CHAVE: poesia de massa-atropofagia cultural-intersemiose-identidade-música

Cordel e *bush ballads*: representações da autoridade na poesia popular do Brasil e da Austrália DÉBORA SCHEIDT (UEPG)

Brasil e Austrália compartilham de uma importante característica em comum: no coração de seus territórios encontram-se o sertão e o outback: vastas extensões de terras com paisagens climáticas, topográficas e vegetais menos propícias à habitação humana do que as áreas litorâneas e que seriam lugares de vazio, aridez, dureza, selvageria, isolamento e mistério. Uma rápida olhada no imaginário popular permite que tracemos paralelos entre alguns tipos humanos dessas regiões: sertanejos e bushmen, sertanejas e bushwomen, vaqueiros e drovers, indígenas e aborígenes. Como personagens-tipo eles compartilham de atributos mais ou menos semelhantes: conhecimento aprimorado de seu meio, sabedoria instintiva, valentia, errância, mateship (princípios de companheirismo em situações adversas, especialmente em face aos elementos naturais), altivez (mesmo quando desafiam a lei e a ordem), severos códigos de honra, rejeição à autoridade formal, entre outros. Do outro lado da escala de poder temos os antagonistas mais frequentes: senhores de terras, latifundiários, escravocratas, especuladores e a autoridade oficial (governo e polícia). A própria terra também pode se constituir um antagonista poderoso na forma de tórridas secas, fome, enchentes impiedosas, incêndios florestais... Dentre os movimentos sociais representativos desses grupos podemos chamar especial atenção para o cangaço e seu correspondente australiano, bushranging. As origens de tais fenômenos, no final do século XIX e início do XX, podem ser associadas a circunstâncias histórico-sociais ligadas às origens australianas como colônia penal e, no Brasil, aos sistemas de favorecimentos que desembocariam nos governos oligárquicos e no latifúndio. Lâmpião e o bushranger Ned Kelly são os personagens mais ilustres desses movimentos e distinguem-se por sua posição de extrema resistência em relação à autoridade formal. Eles têm características em comum reconhecidas por Eric Hobsbawm no âmbito do "banditismo social": são considerados criminosos pelas instituições estatais, porém heróis, vingadores ou justiceiros pelo seu próprio povo. Para Hobsbawm os mitos construídos em torno das figuras de cangaceiros e bushrangers acabam se tornando mais relevantes do que suas ações propriamente (para as quais há pouco consenso), daí as representações ambíguas que nos chegam deles até. A literatura de cordel no Brasil e as bush ballads (narrativas musicadas, ou canções que contam uma história) australianas são algumas das formas literárias que se encarregam de propagar as façanhas desses personagens. Neste trabalho examinamos tais manifestações literárias, comparando-as e contrastando-as, chamando especial atenção para seu caráter complexo. Se por um lado, ao dar voz a grupos marginalizados de áreas periféricas elas assumem uma posição de contestação e resistência refletindo as ironias decorrentes das origens históricas e sociais dos dois países, por outro parecem corroborar noções de identidade nacionais (no caso da Austrália) ou "regionais" (no caso do Brasil), que, ainda nos dias de hoje, privilegiam valores essencialmente masculinos, caucasianos e de origem europeia. Bibliografia: HOBBSAWM, Eric. Bandidos. Barcelona, Editorial Crítica, 2001. HOBBSAWM, Eric. Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e Terra, 1998. HUTCHEON, Linda. Irony's Edge: the theory and politics of irony. London: Routledge, 1994. TAYLOR, Charles et al. Multiculturalism: examining the politics of recognition. Princeton: Princeton University Press, 1994.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 500

Liminaridade poética e imaginário instituinte: a formação épica do discurso em *Latinomérica*, de Marcus Accioly
RICARDO SOARES DA SILVA (UEPB)

Se Paz, Igualdade, Justiça, Fraternidade, Progresso são faces de utopias modernas ainda não alcançadas, de prospectos ideológicos, é porque elas traçam de outro modo uma exigência deside-rativa, porque conflitante, no cerne da organização estrutural da utopia latinoamericana, em que os termos "revolução", "liberação" e "emancipação" ainda não podem ser afastados completa-mente. Não é o desejo de um reconhecimento reflexo tanto para a contiguidade quanto para a separação – condescendente numa face e de caudilho noutra -, mas para a reorganização do “pen-samento liminar” que se instaura numa outra consciência de localização: o “estar/sentir-se entre duas ou mais cosmovisões de perspectivas conflitantes” (MIGNOLO, 2003). Nessa medida, a publicação *Latinomérica* (2001), de Marcus Accioly, compreende elementos estéticos e socioculturais que permitem a revalidação da epopeia na Contemporaneidade (NEIVA, 2009), através de novos interlocutores, permitindo que "estética" e "política" se concatenem numa “formação épica do discurso” (VASCONCELOS; RAMALHO 2007) que operacionaliza uma “autocriação que se desdobra como história” (CASTORIADIS, 1987). A obra se apropria do acúmulo das formas épicas como catalisador de tradições, paradoxalmente afirmando/negando a memória literá-ria e, especificamente, construindo os artifícios para a inserção de seu evento no influxo desse conhecimento e, por extensão, à própria América Latina, a que faz referência no título.

Intelectuais, minorias e o espaço público na obra de D. Pedro Casaldáliga
HENRIQUE RORIZ AARESTRUP ALVES (UNEMAT)

Na poesia de Dom Pedro Casaldáliga, poeta residente em São Félix do Araguaia, pode-se perceber uma forte preocupação referente ao processo de aculturação e à situação dos indígenas do Mato Grosso e Amazônia, além de outros excluídos socialmente presentes nessas regiões. Vozes de intelectuais se anunciam em suas obras poéticas, que estabelecem um contato com essa pro-blemática do indígena de forma a apontar também para a questão relacional entre intelectuais e grupos de excluídos. Nessa relação, os intelectuais, em contato com as minorias, elaboram idéias sobre o seu próprio papel na sociedade “(pós-)moderna”. Esse reflexo obtido no “espelho” dos excluídos transmite às instâncias intelectuais uma imagem de si própria. Nesse processo, fica também problematizada a questão do espaço público do intelectual, já que se encontra, hoje, altamente reduzido pelas estratégias de controle da mídia e do próprio sistema capitalista. Dessa forma, a poesia de Casaldáliga, juntamente com suas outras produções culturais e ações enquanto religioso, parece apontar para um conceito de "espaço público" próximo daquele proferido por Habermas em sua obra "Mudança estrutural da esfera pública", em que haveria a possibilidade de debates e embates entre diferentes atores sociais, acompanhados atentamente por uma "opinião pública" mais crítica. Dessa maneira, o intelectual e poeta D. Pedro Casaldáliga buscava amplificar as vozes de intelectuais e minorias para que não fossem mais tão solapadas pelo turbilhão de discursos alienantes que circulam na sociedade brasileira contemporânea.

Fronteiras narrativas da violência: da letra à imagem, a narcocultura mexicana
MAURÍCIO BRAGANÇA (UFF)

Acompanhando atentamente o noticiário que nos chega nos últimos anos sobre o México, lemos as matérias que nos atualizam sobre uma realidade de crimes organizados e corpos que não chegam a ter tempo de serem contabilizados, diante da violenta disputa entre alguns cartéis organizados em torno ao tráfico de drogas, sobretudo na fronteira norte. Frente a isso, o poder públi-co, impotente, tenta desmobilizar essa estrutura ao mesmo tempo em que combate internamente os próprios efeitos dessa realidade que sugere a cumplicidade de um Narcoestado, seja em âm-bito provincial ou nacional. O país que promoveu o primeiro grande movimento revolucionário de caráter popular do século XX, iniciado em 1910, chegou a esse centenário esforçando-se por compreender o fracasso de suas políticas públicas e tentando esconder os milhares de corpos espalhados em grande parte do território nacional. A fronteira norte do país assume uma impiedosa condição de território da violência, diante dos implacáveis embates que marcaram historicamente a região. A fronteira entre o México e os Estados Unidos forma parte de um importante imagi-

nário entre os dois países e assumiu inúmeras representações ao longo da história cultural mexicana, estadunidense e também chicana. No cinema mexicano, uma larga produção ganhou corpo ainda na primeira metade do século XX, identificada pela pesquisadora Norma Iglesias Prieto como “cine fronterizo”. Este conceito refere-se não somente à temática presente nas inúmeras narrativas sobre a fronteira, mas também corresponde à caracterização de determinadas personagens, a uma forma específica de produção e às discussões geopolíticas que se desdobram a partir dos conflitos históricos delineados nessa zona limítrofe. Dentre esta produção, encontra-se um repertório de filmes conhecidos como narcocine. A violência se estabelece como matriz da narrativa destes filmes em torno da qual todas as formas de negociação se materializam, tanto no aspecto das relações de poder desenhadas na trama quanto no sentido da legitimação de um Narco-estado, capaz de suportar o imaginário em torno do narcotraficante, chefe dos grandes cartéis. Tais filmes, que se constituíram como repertório a partir da década de 1970, tiveram, frequentemente, suas narrativas originadas nas letras dos narcocorridos, dedicados a contar as histórias dos grandes chefes do narcotráfico localizado nas cidades de fronteira, como Ciudad Juárez e Tijuana, principalmente. Os narcocorridos descendem da tradição dos corridos, música muito popular em ambos os lados da fronteira. Nesta comunicação, pretendemos analisar as formas narrativas que migram entre as letras deste repertório musical e os filmes de narco, apontando para a forte presença de uma narcocultura no imaginário popular mexicano.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 500

Nha fala, de Flora Gomes: a inventividade como necessidade
MARTA APARECIDA GARCIA GONÇALVES (UFRN)

Neste estudo, analisamos alguns aspectos do filme longa-metragem *Nha Fala*, do cineasta guineense Flora Gomes, observando os recursos estético-filosóficos-discursivos utilizados e as confluências com algumas teorias pós-colonialistas, buscando mostrar a opção por uma produção de liberdade e de reação existencial que se firmará na busca de uma linguagem poeticamente contra-ideológica, tendo como foco de investigação as tensões entre as subjetividades que emergem das periferias e o modo como a inventividade passa a ser necessidade na busca de um espaço nas novas relações.

A linguagem em *Coivara da Memória* e *Os Desvalidos*: artesanal ou artificial
FABIANA FRANCISCO TIBÉRIO (UEL)

O presente trabalho pretende analisar a linguagem utilizada pelo romancista sergipano Francisco J. C. Dantas em seus dois primeiros romances: *Coivara da Memória* e *Os Desvalidos*. O autor tem sido considerado pela crítica como um dos responsáveis pelo ressurgimento do regionalismo em nossa literatura. Entretanto, sua linguagem é alvo de polêmicas. Para alguns críticos, Dantas é um autor regionalista que alcançou em seus textos o equilíbrio entre a oralidade e a dicção literária. Para outros, tal junção de elementos resultou em textos rebuscados e pedantes. Nosso objetivo é, pois, verificar essa linguagem, buscando perceber se ela se mostra artesanal ou artificial, discutindo ainda as consequências dessa dualidade na constituição dos romances.

O submisso domínio em *Cadela*, de Luiz Vilela
ALINE DE JESUS SENA (UFMS)

A literatura brasileira contemporânea já ocupa lugar de destaque no cenário mundial. Neste trabalho, apresentamos o texto “Cadela”, do livro *O fim de tudo*, de 1973, de Luiz Vilela. A linguagem utilizada pelo autor, ainda que considerada fluida e simples, permite ao enunciário um diálogo conciso e pertinente com diversos outros textos, religiosos por exemplo. Buscamos no conto “Cadela” uma leitura que não se limite, apenas, ao texto em si, mas, a partir deste, a quebra de fronteiras temporais e locais, percebendo no enredo que envolve as personagens a presença de hipotextos religiosos que remetem as protagonistas da narrativa a locais e tempos distintos de sua produção. O enredo do conto analisado possui nuances que permite à personagem feminina, uma forma peculiar de domínio. Ainda que a narrativa a coloque, aparentemente, em uma condição de submissão absoluta o domínio que ela tem no texto põe em questão o poder que o ho-

mem exerce sobre a personagem feminina. A literatura brasileira contemporânea não se encontra em uma posição marginalizada, mas consegue se posicionar, também, como textos que mantêm fluxos, tanto do centro para as margens quanto das margens para o centro.

INTERMIDIALIDADES: LITERATURA, MÍDIAS E ARTES II

André Soares Vieira (UFSM)
Brunilda T. Reichmann (UFPR/UNIANDRADE)
Solange Ribeiro de Oliveira (UFMG)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 519

Referências intermediárias em *Invertendo os papéis*, de David Lodge
ANDRÉ SOARES VIEIRA (UFSM)

O romance *Invertendo os papéis* (*Changing Places*, 1975), de David Lodge, reúne em sua técnica de composição o entrecruzamento de mídias, como o cinema, com outros gêneros literários (romance epistolar) e extraliterários (notícias de jornal, panfletos e manifestos). Dos seis capítulos de *Invertendo os papéis*, um é apresentado sob a forma de cartas trocadas pelas personagens, outro por recortes e fragmentos de notícias de jornal, panfletos e anúncios para, finalmente, chegar ao último capítulo escrito segundo a forma de apresentação de um roteiro cinematográfico. O emprego das mais diferentes técnicas oriundas da cultura midiática, aliado ao uso de gêneros já consagrados pela tradição, faz do romance de David Lodge um grande mosaico de referências intermediárias. Estamos, portanto, perante uma categoria que se constitui a partir daquilo que Irina Rajewsky denomina de caráter “como se” das referências intermediárias, uma vez que uma única mídia – o livro – se refere a outras mídias como o roteiro de cinema, as cartas e os anúncios e notícias de jornal sem deixar de ser um livro que apresenta uma história do gênero romance. A partir desse contexto, o presente trabalho objetiva mapear o modo como essas referências implicam um cruzamento de fronteiras genéricas e discursivas que descentram o próprio fazer artístico ao permitirem a inserção de ligações e arranjos inesperados entre componentes narrativos distintos.

O papel do escritor enquanto crítico: *Le monde extérieur*, de Marguerite Duras
PABLO LEMOS BERNED (UFF)

A partir de *Le monde extérieur: Outside 2*, que se constitui de artigos dispersos de Marguerite Duras produzidos entre os anos 60 até os anos 90, organizados por Christiane Blot-Labarrère e publicado em 1993, o objetivo deste trabalho propõe-se a verificar, através do papel do escritor enquanto crítico, os valores estéticos e ideológicos privilegiados pela sua escrita. Os textos que compõem *Le monde extérieur* são geralmente recuperados de jornais, revistas e prefácios de livros, e tratam sobretudo de literatura, cinema, fotografia, música, teatro e política. Através da ótica do escritor enquanto crítico, algumas afirmações acabam não indicando propriedades objetivas, mas sim a atitude do crítico para com o seu objeto, expondo portanto valores (estéticos, morais, ideológicos). Tal reunião de artigos indica um projeto de busca pela totalidade do escritor e de sua obra, enquanto se recorre inclusive, como é o caso, a textos paraliterários de Marguerite Duras, ainda que tal conceito revele-se problemático no tocante ao conjunto de sua obra. A organização dos textos dispersos de certa forma representa o *arquivamento* de suas inquietações sobre o *exterior*.

As referências intermediárias na obra *Retirantes* de César Guerra-Peixe e Cândido Portinari

FREDERICO SANTOS (EBA-UFMG/ UNINCOR)

Desde os primórdios, as relações entre as artes, música, artes visuais e literatura pululam o imaginário dos artistas, dos diletantes e apreciadores, que buscam incessantemente um motivo para iniciar as analogias entre elas, que pode variar de pequenos e ínfimos incisos a temas homônimos. Entretanto, foi no século XIX que a relação abordada anteriormente tomou proporções significativas, estendendo-se pelas primeiras décadas do século XX e solidificando-se décadas depois através de estudos científicos, com a criação de um grupo de estudiosos alemães, que futuramente desenvolveria a Intermidialidade como método de apreciação e análise das relações entre as mídias. Embasou-se na teoria Intermidiática de Rajewsky (2005) e Clüver (2008), esse texto propõe uma análise entre a tela *Retirantes* (1944), do pintor brasileiro Cândido Portinari e a primeira obra do Episódio Sinfônico, *Família de Retirantes do Tributo a Portinari* do compositor César Guerra-Peixe. Fundamentou-se efetivamente na referência intermediática, subcategoria definida por Rajewsky (2005), o texto suscita uma abordagem que diz respeito à relação de proporção, aspecto e grau de semelhança entre as obras em questão, pois quando estabelecemos uma relação de comparação, mesmo que as fórmulas pareçam extravagantes e os fenômenos pertençam a universos separados ou a linguagens diversas, a validade das relações comparativas perdura, de acordo com sua finalidade. Depois de comparado um fenômeno a outro, surgem as respectivas diferenças, identidades, simetrias e dissimetrias, juntamente com um potencial analítico de mútuas transformações, capazes de esclarecer e de explicar a natureza desses fenômenos. Desta forma, objetiva-se, a partir da análise entre a obra referida, evidenciar o diálogo entre os fenômenos identificados em ambas as mídias, assim como estabelecer as relações do processo analítico utilizado. A principal contribuição desse trabalho é salientar a importância do conhecimento das relações entre as diversas mídias, pois essas possibilitam uma leitura/apreciação mais ampla das obras através de seus elementos integralizadores, seja através da reprodução de elementos extramusicais, seja apenas pela evocação dos mesmos. Salienta-se, através deste exemplo, não apenas a importância dos episódios, ilustrações ou poemas sinfônicos no âmbito da apreciação musical, mas todo o estudo envolvendo outras mídias, literatura, fotografia, ópera, ballet, cinema, teatro, arte digital e outros. Após a contextualização dessas obras e seus elementos, tanto picturais, como musicais, apresenta-se uma análise dos elementos estruturais da obra musical, no nível da partitura, e uma análise dos elementos intermediáticos, englobando as relações analógicas entre as obras em questão. Concluiu-se que a possibilidade do compositor César Guerra-Peixe utilizar referências intermediáticas para a elaboração da sua obra esteve implícita em todo o contexto composicional, partindo do princípio de que o compositor não procurou imitar nenhuma elemento pictural e sim, evocar situações ou sugestões quase poéticas para parafrasear Cândido Portinari.

A paixão de Artemísia: écfase narrativa à luz da teoria de Tamar Yacobi
MIRIAM VIEIRA (UFMG)

Écfase é um termo que serve geralmente para definir descrições verbais de signos não verbais, na maioria das vezes, poesia. Tamar Yacobi, entretanto, considera écfase em uma de suas duas formas de interpretação em geral negligenciadas: modelos pictóricos e écfase narrativa. Este trabalho tem como objetivo utilizar o conceito de écfase narrativa para analisar o romance "A Paixão de Artemísia", de Susan Vreeland, obra em que a vida e a obra (pinturas a óleo) da pintora barroca Artemísia Gentileschi são interpretadas de forma romanceada.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 519

Intermidialidade e Mito: Representações de Venus, da antiguidade à pós-modernidade
SOLANGE RIBEIRO DE OLIVEIRA (UFMG/ UFOP)

O trabalho visa analisar as relações intermediáticas entre a escultura de Praxiteles, a *Aphrodite de Cnidos* (c. 400 A.C), sua recriação na pintura *O Nascimento de Venus*, de Sandro Boticelli (1458) e, na arte contemporânea, o vídeo *Barbed Ulla*, releitura feita pela artista Sigalid Laudau das imagens da deusa, enquanto encarnação idealizada da mulher. Nessa análise, serão contemplados dois pontos de vista: 1) Aspectos formais resultantes da transposição intermediática da estátua para a pintura. Aí se inserem, entre outras, considerações sobre a perda da tridimensionalidade e da dimensão temporal nela implícita. A passagem para o vídeo tem implicações comparáveis, sobretudo no que diz respeito à presença do movimento e da dimensão narrativa aí inserida. 2) A identificação, na escultura clássica e na pintura renascentista, de traços iconográficos referentes ao mito de Venus/Aphrodite e a suas ambiguidades: a relação com o amor carnal (até

com a prostituição), mas também com a fertilidade, a união conjugal e, na filosofia (neo) platônica, a contemplação da beleza espiritual. Esses traços antagônicos serão analisados como manifestações dos seculares estereótipos (Eva sedutora X madona redentora) aos quais as sociedades falocêntricas tradicionalmente associaram a representação da mulher. Aqui se incluem as obras de arte, que, no passado, eram quase sempre criações masculinas. A análise do vídeo *Barbed Ulla* permite a identificação de traços que, por um lado, remetem ao mito de Venus/Aphrodite, mas, por outro, sendo criação de uma mulher artista, permitem a inserção de aspectos ausentes das representações masculinas. Esse contraste assinala uma função crucial das transposições intermidiáticas: revelar as diferenças resultantes de mudanças no imaginário coletivo, especialmente, no caso de *Barbed Ulla*, as ocorridas após as grandes revoluções culturais dos anos 1960.

Transformações órficas em *Sandman* de Neil Gaiman: catábase intermidial

ATTILA DE OLIVEIRA PIOVESAN (UVV/ PITAGORAS)

O mito órfico, responsável por inúmeras reescrituras no decorrer dos últimos dois milênios, foi também apropriado pelo escritor Neil Gaiman na história em quadrinhos *Sandman*. Embora o autor faça uma abordagem quase literal do mito, unindo tanto as *Metamorfoses* de Ovídio quanto as *Geórgicas* de Virgílio, existem algumas questões concernentes ao meio onde a narrativa se desenvolve: o quadrinho, isto é, um veículo que pode se apropriar de várias convenções da literatura escrita ao mesmo tempo que constrói o corpo narrativo com a valorização do elemento imagético. Com base na semiótica de Peirce analisamos o encadeamento signico da história de Orfeu utilizando para tanto o processo chamado semiose; com os conceitos de intermidialidade, iconotexto e ecfrase, indicaremos como o mito foi recriado de forma visual e literária mantendo diálogo constante com a tradição da poesia erótico-elegíaca romana, destacando a narrativa em seu momento mais dramático: a catábase de Orfeu e a canção entoada para resgatar sua amada.

Textos intermidiáticos na literatura infanto-juvenil de Neil Gaiman e Dave McKean

CHANTAL HERSKOVIC (UFMG)

O presente estudo visa analisar duas obras infanto-juvenis de Neil Gaiman e do ilustrador e artista gráfico, Dave McKean. As obras a serem estudadas, cujas características são os textos intermidiáticos e mistos - que fundem texto escrito e imagem, são "Os Lobos Dentro das Paredes" e "Cabelo Doido", esta última, inspirada em um poema de Gaiman. Em ambas as obras, as palavras fazem parte das imagens, se complementando, criando uma narrativa visual que explora o uso da ilustração, da colagem, dos elementos das histórias em quadrinhos e da tipografia, junto com o texto escrito, em um estilo próprio dos autores. Para trabalhar os conceitos de intermidialidade serão utilizados os textos de Claus Clüver e Leo Hoek, por aprofundarem as definições sobre texto literário e relação texto e imagem chamados como texto misto (mixed media) e texto intermidiático.

Literatura em meio digital: um olhar sobre os novos perfis literários

ELAINE CRISTINA CARVALHO DUARTE (UNB)

Os estudos sobre literatura em meio digital devem abordar não somente a publicação e leitura digitalizada dos gêneros textuais tradicionais, mas sobretudo fazer um levantamento das possibilidades de textos que esse meio proporciona. O presente artigo pretende refletir sobre a publicação e leitura literária na era do texto digital, tendo em vista que a mídia virtual tem influenciado significativamente os hábitos dos escritores e leitores. A partir desse recorte será observada a cibercultura como resultante das publicações literárias e dos novos perfis de textos, autores e leitores, discutindo-se as diferenças escriturais na maneira de construir e ler o texto digital no ciberespaço. Serão enfocados textos de publicação exclusiva na internet, como os de Samir Mesquita e Victor Az, sob a perspectiva das teorias de medialidade, atos de leitura, hibridismo, dentre outras.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 519

A personagem feminina como construção intertextual e intermediática
BRUNILDA T. REICHMANN (UFPR/UNIANDRADE)

Este artigo é parte de um projeto maior que se intitula “Intermedialidade circunscrita: uma trajetória da mulher no texto e na tela” e pertence às linhas de pesquisa Políticas da Subjetividade (Questões de Gênero) e Poéticas do Contemporâneo (Estudos da Intermedialidade). O projeto objetiva descrever e analisar uma trajetória da construção de personagens femininas no romance e sua reconstrução na adaptação fílmica. Enquadra-se, assim, dentro de uma das propostas de Irina Rajewsky, na qual inclui os estudos sobre a transposição de mídias, enquanto transformação de um produto ou seu substrato em outra mídia. Neste recorte do trabalho, interessa-nos, portanto, a) a construção das personagens ficcionais em relação ao *status quo* e às ideias libertárias de escritores da época e b) os diálogos intertextuais resultantes das transposições fílmicas em relação ao texto ficcional. Para tanto, trabalhamos dois romances de Thomas Hardy: *Tess of the D'Urberville*, *a Pure Woman* (1891) e *Jude, the Obscure* (1895) e duas adaptações fílmicas: *Tess*: uma história de vida (1979), de Roman Polanski, e *Paixão proibida* (1996, adaptação de *Judas, o obscuro*), de Michael Winterbottom.

A intermedialidade no cinema de Peter Greenaway uma análise intermediática do filme *Prosperos book's*
JÚLIO CESAR ALESSI LAFETA (UNIBH/EBA-UFGM) e JALVER BETHONICO (EBA-UFGM)

Esse trabalho propõe a uma análise do filme *Prosperos Book's* (1991) do cineasta inglês Peter Greenaway com base na teoria da intermedialidade, proposta por Claus Clüver, destacando a tradução da peça de teatro original *A tempestade* de William Shakespeare, para o filme, bem como as referências intermediáticas encontradas na obra. Será traçado ainda um paralelo entre o filme em questão e outras obras do cineasta, com ênfase na escritura fílmica proposta por Greenaway.

***A sociedade do espetáculo*, de Guy Debord: uma transposição intersemiótica?**
PABLO ALEXANDRE GOBIRA DE SOUZA RICARDO (UFGM)

Este artigo tem como objetivo principal discutir a seguinte questão: há uma transposição intersemiótica do livro *A sociedade do espetáculo* (1967) para o filme *A sociedade do espetáculo* (1973), ambos de Guy Debord? Ao responder a essa pergunta abordo a ideia de transposição intersemiótica partindo das concepções de transposição e tradução com base em Julio Plaza (1987), Haroldo de Campos (1992), Márcia Arbex (2006), Leo Hoek (2006), bem como o conceito de “arte” na teoria crítica de Guy Debord.

Adaptação e transposição intersemiótica em *A última tempestade* de Peter Greenaway
MARIA LUIZA GUARNIERI ATIK (UPM) e CÉLIA GUIMARÃES HELENE (UPM)

Para quem assiste ao filme “A última tempestade” (“Prospero’s books”, 1991), releitura ou recriação cinematográfica da peça “A tempestade” (1611) de William Shakespeare, sem prévio conhecimento de outros trabalhos do diretor inglês Peter Greenaway nos domínios do cinema, da ópera, da literatura, das artes plásticas e das mídias digitais tem dificuldade de apreender de imediato este produto “tecnológico” em toda a sua complexidade. Distanciando-se do viés utilizado por muitos diretores no processo de adaptação de textos clássicos da literatura, Peter Greenaway não reconstitui pela imagem o fio narrativo da matriz shakespeariana, mas transfigura-o, criando um mosaico de imagens, vozes e textos. Na transcrição híbrida e estética da peça de

Shakespeare, Greenaway cria um cinema polifônico, repleto de alusões, referências e recriações que dialoga com o universo pictórico barroco e renascentista. Demonstrar as imbricações desse mosaico, enriquecido com elementos de outras semioses, mídias ou hipermídias, em seu diálogo com o texto shakespeariano, é, pois, o desafio a que nos lançamos neste breve estudo.

LITERATURA E FOTOGRAFIA

Edson Rosa da Silva (UFRJ)
Isabel Florêncio Pape (PUC-MINAS)
Márcio Seligmann-Silva (UNICAMP)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 704

O estatuto da imagem fotográfica nas narrativas intersemióticas de W. G. Sebald
ANGELA MARANHÃO GANDIER (UFPE)

Nas narrativas intersemióticas de W. G. Sebald, a imagem interfere como princípio formal e é responsável tanto pela coerência estrutural como pela originalidade das obras. O autor lança mão da permeabilidade que a literatura possui de atuar como eixo relacional aberto à interação com outras artes como a fotografia, a pintura, a escultura, o cinema. Importa ressaltar que em Sebald a memória possui um estatuto fundador e a fotografia, como imagem-memória, participa dos movimentos de existências que se interrelacionam em uma trama urdida a muitas vozes. Nesse sentido, o autor redimensiona sua biografia e a dos personagens apropriando-se delas como matéria ficcional. A seguir, estende um arco de correspondências entre a sua condição e a dos personagens igualmente desterrados, revelando-se assim uma delicada fusão entre ficção, depoimento e prosa ensaística. Os limites entre realidade e ficção perdem curiosamente seus contornos, por um lado, devido ao empenho crítico da voz narrativa que busca conferir objetividade aos relatos, e, por outro lado, graças à interpretação do outro e de si mesmo enquanto texto, ou seja, como criação. As narrativas ocupam-se da reflexão sobre a história da autodestruição do homem e a série de catástrofes, perseguições étnicas, genocídios, com especial relevo para a Segunda Grande Guerra e o Holocausto. Este motivo desdobra-se em outras dimensões igualmente relevantes como a indagação existencial sobre a incidência da ação do tempo no homem e nas coisas e a de-composição dos seres, na questão, enfim, da destinação do homem para a morte. As digressões e desvios, a oscilação da narrativa, o movimento igualmente oscilante em torno da inquietante presença das fotografias, tudo colabora para reproduzir o trabalho de rememoração no plano ficcional, de modo que as memórias e impressões explodem em flashes, lampejos, fragmentos de vivências. No arranjo geral das obras, a imagem fotográfica assume um papel fundamental. Veremos que a fotografia como imagem-memória, marcada com o selo da morte, interfere não apenas como um meio de acesso ao passado ou mero registro, mas como emblemas fantasmáticos do ressurgimento do passado. Em Sebald, portanto, o ato de leitura que a fotografia solicita é o de vê-la além das evidências, porque “o melhor revelador da fotografia deve provavelmente ser encontrado fora dela mesma” (P. Dubois). Partindo do roteiro que os teóricos Philippe Dubois, Georges Didi-Huberman e Vilém Flusser consagraram ao tema, além dos textos de Walter Benjamin, Roland Barthes e Susan Sontag, pretende-se examinar o estatuto singular da imagem fotográfica em duas obras sebaldianas, "Os Emigrantes" e "Os Anéis de Saturno".

Fragmentos de luz, memórias da destruição: W. G. Sebald e Frans Krajcberg
GUSTAVO SILVEIRA RIBEIRO (UFMG)

O trabalho pretende aproximar criticamente a obra de dois artistas contemporâneos: o escritor alemão W. G. Sebald e o artista plástico polonês (naturalizado brasileiro) Frans Krajcberg. Em ambos, a fotografia tem papel central, funcionando como um catálogo de catástrofes da natureza e da civilização. Se para Sebald, autor de uma prosa evocativa, misto de autobiografia, ensaio e reflexão filosófica, a fotografia revela - pela sua opacidade e pelo perturbador entrelaçamento entre palavra e imagem que realiza - os vestígios melancólicos de um mundo que continuamente se apaga, para Krajcberg a fotografia é um meio de expressão privilegiado para o registro que o artista faz, já há algumas décadas, das queimadas que dizimam florestas inteiras no interior do Brasil. Fixando em imagens abstratas, de cores fortes e formas inusitadas, troncos de árvores recém abatidas, pedaços retorcidos de plantas mortas, trechos de terra calcinada, o artista cria um

conjunto de trabalhos (que inclui, entre outras coisas, esculturas e auto-relevos) que ele prefere chamar "memória da destruição", recusando o sentido do termo obra. Os dois artistas serão lidos aqui a partir de um referencial teórico que inclui Walter Benjamin, Susan Sontag e Márcio Seligmann-Silva. O que se gostaria de apontar no trabalho desses artistas tem a ver com uma espécie de paradoxo que as enforma: ambos constroem textos e imagens de uma beleza estranha, sombria - mas ainda assim plena de vibração e vida - a partir dos restos e ruínas da natureza e da cultura. Esse entrelaçamento entre poesia e morte parece ser um dos pontos de contato (senão o principal) entre as suas obras.

Literatura e fotografia, dois estudos de caso MÁRCIO SELIGMANN-SILVA (UNICAMP)

A apresentação centrará a análise da questão literatura e fotografia no caso dos romances de W.G. Sebald e do livro “Rua”, de Guilherme de Almeida, com fotos de Eduardo Ayrosa (1961). A proposta é a de confrontar duas propostas bem distintas de utilização das fotografias e de tentar mostrar como elas obtêm um resultado igualmente diverso: Sebald com sua poética da memória, da recordação e do esquecimento, Almeida com um projeto do tipo vanguardista, derivado de uma hibridização entre cidade, texto e imagem. Outros casos de uso de fotografia na literatura serão também comentados, para tentar localizar as tradições a que cada um dos autores (Sebald e Almeida) se vinculam.

A tríade nome-imagem-identificação em Patrick Modiano LAURA BARBOSA CAMPOS (UFF)

O presente trabalho insere-se no campo da literatura da chamada Segunda Geração de vítimas do genocídio judaico durante a Segunda Guerra Mundial. Investigarei particularmente o universo romanesco do escritor francês Patrick Modiano cuja obra estabelece um intenso diálogo com o paradigma fotográfico dentro de uma perspectiva de imagem-texto e não pela via intersemiótica. Um importante paradoxo atravessa a obra de Modiano: a ausência de memória é justamente a mola propulsora de sua escrita. A partir dessa problemática sua literatura se desenvolve e surge uma poética que almeja apresentar uma falta, comprometida com a dissolução. É por isso que a fotografia como índice, enquanto vestígio de algo que foi, e não é mais, é uma noção tão cara ao autor. A questão do desaparecimento, do esquecimento e da fugacidade dos vestígios participa de todo o universo literário modiano. Suas obras são recheadas de números de telefone reais, porém inválidos por não corresponderem a nenhum destinatário. Esse é um dos recursos recorrentes em Modiano para expor uma ausência diante da qual ele buscará renomear o que foi perdido, subtrai-lo do anonimato; em outras palavras, recuperar o nome pulverizado pelo esquecimento, pois nomear é identificar. O nome, além de ser um dos pilares identitários, participa do momento do nascimento, através do registro civil, e também da morte, no atestado de óbito e na inscrição funerária. A idéia de nomear algo ou alguém é intrinsecamente ligada à noção de reconhecimento, sem o qual o nome é apenas um signo arbitrário. Assim como uma carta não lida pelo destinatário perde o seu sentido e transforma-se em simples resíduo, um nome não reconhecido perde a sua essência e torna-se ruína. Patrick Modiano confere especial atenção ao ato de nomear. Em *Rue des boutiques obscures*, obra vencedora do prêmio Goncourt em 1978 e publicada em português sob o título *Uma Rua de Roma*, analisarei o processo de busca encenado pelo narrador amnésico que tenta desvendar os mistérios do seu passado apoiando-se na tríade: nome, imagem, identificação. Buscarei mostrar que a questão do nome em Modiano apresenta, por um lado, um liame ontológico, mas que também cumpre a tarefa ética e política de rememorar os sem nome, as milhões de vítimas da Shoá que desapareceram sem deixar rastros.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 704

Em negativo: a fotografia não tirada em *L'amant*, de Marguerite Duras
FLAVIA TROCOLI XAVIER DA SILVA (UFRJ)

Nas primeiras páginas de *L'amant*, aquela que fala cava buracos: a matéria de seu rosto foi destruída, a história de sua vida não existe, a fotografia do momento a ser escrito não foi registrada, foi esquecida. Aquela que teria sido uma “imagem absoluta”, que representaria um absoluto, encontra sua virtude na sua própria inexistência. Sabe-se que, por um lado, Susan Sontag pensa a fotografia no campo da significação e vê nela um convite inesgotável à dedução, à especulação e à fantasia. E que, por outro lado, Roland Barthes, a pensa no registro do Real como Contin - gência soberana (refiro-me à fotografia que punge e não, claro, àquela que faz propaganda). Convoco esses dois autores porque pensar a fotografia inexistente e a escrita de *L'amant* implica considerar pelo menos esses dois campos: aquele que inscreve a imagem como potência de sentidos e aquele em que a imagem é cifra para o Real, barra os sentidos e força a escrever. Se a imagem absoluta, real, não foi registrada, imediatamente poderia se pensar que a escrita que vem lhe fazer suplência já estaria no campo das significações. Engano. Memória sem lembrança, para dizer com Michel Foucault, a escrita de *L'amant* não deixa a leitura, que é também a leitura de um rosto devastado, demorar-se em “o que isso significa”, mas lança-a no buraco em que o “é isso” impõe-se clamando uma forma, não uma metáfora, afinal a presença da mãe, como a do amante chinês, impede o sonho, ou seja, a possibilidade de desviar-se através de figuras de lin - guagem. Prática da devastação.

Sophie Calle: modulações em fuga DANUSA DEPES PORTAS (PUC-Rio)

A presente comunicação entende-se como investigação de elementos teóricos demarcando um campo de trabalho de interesse para os estudos de literatura. Refiro-me ao estudo da relação entre texto e imagem, como abordagem fértil para a compreensão do regime representativo numa sociedade cada vez mais dominada pela dinâmica da “cultura da imagem”. Esse campo vem se defi - nindo de modo interdisciplinar e alargando sua perspectiva para uma linha de pesquisa que foi denominada de visual culture, o que motivou Thomas Mitchell a falar de uma verdadeira “virada pictórica” nas ciências humanas atuais em seu livro *Pictury Theory*. *O livro expõe essa ideia da imagem emergir como paradigma dentro das ciências humanas, não só como um tópico cen - tral de estudo, mas como característica cultural percebida a exemplo das teorias de Foucault cuja relação entre o enunciável e o visível teria ancorado uma epocalização inicial da moderni - dade. Posteriormente, Deleuze lendo a obra inteira do filósofo formula sinteticamente a proposta. O propósito é explicitar a articulação entre a escrita e a imagem na série Doubles-jeux, co - letânea de sete livretos, de autoria de Sophie Calle e as relações textuais desta obra com o livro Leviatã de Paul Auster; lançar um breve olhar acerca do seu processo criativo e o modo pe - culiar de se projetar em suas obras. Sophie é fotógrafa, performer, escritora. A ideia inicial parte sempre de um projeto fotográfico que, posteriormente, se transforma em instalações, e de - pois é transposto para o formato livro, em edições luxuosas que apresentam pequenos textos e fotografias. O meio expressivo usado por Sophie Calle compõe paradigmas discursivos polifôni - cos, que parecem confundir o sujeito representado, aquele que o representa e o texto-obra resultante. Em Doubles-jeux, o ato fotográfico pode ser visto como parte do jogo de olhares (e de espelho) dentro da obra. Quando fundamenta seus trabalhos num efeito de realidade produzido pela fotografia, Sophie não pretende sublinhar o poder de analogia ou a capacidade retórica das imagens fotográficas. Ao contrário, o que faz é demarcar a incompletude e a precariedade de sua empresa para garantir nela um espaço de identificação, entre o eloquente estereótipo da composição e a muda singularidade de uma existência fragilmente retida. Essa escritura resiste a definições, oscilando entre ficção e documento, e se constitui como uma pequena cartografia de gestos afetivos, em um modo de operar descrito por Deleuze como devir, como qualquer coisa que se realiza no “milieux”, no entre-dois, na disjunção do enunciável e do visível. Os jogos de Sophie agenciam uma poética cooperativa que oscila entre criação literária e experiência estética, promovendo o cruzamento de códigos. Seu projeto é marcado por um gesto político de atravessamento do sistema de comunicação, produzindo a formação de formas híbridas que desafiam modelos explicativos. Tais processos de contaminação na esfera da literatura, cultura e mídia, geram uma ampliação significativa do repertório teórico e das práticas críticas em seus respectivos campos disciplinares.*

Texto e imagem em Nadja de André Breton DANIELLE GRACE ALMEIDA (UFRJ)

Diante do apogeu da Industrialização e o aparecimento das metrópoles, as relações humanas se constituem diferentemente, pois o movimento de passantes e a paisagem que muda de tempos em tempos por conta de novas construções trazem ao cidadão a possibilidade de se expor também, de estar diante do outro, do desconhecido. Ao se deparar com o inusitado, na circulação dos vendedores, no burburinho das vozes, nas vitrines de lojas de produtos industriais e nas luzes de letreiros, o passante repensa a sua identidade e a renova a partir dessa multiplicidade de sensa - ções e de desejos. Em *Nadja* de André Breton, essa exposição do olhar ocorre com os protagonistas que se deixam atravessar por milhares de formas e cores. As inúmeras imagens e fotográfi -

as espalhadas por todo o volume deste livro não pode passar despercebido pelo leitor. A cada página, ele se depara com a própria cidade de Paris, que vai se revelando, como nas palavras de Walter Benjamin, a “Capital do século XIX”. A proposta desse trabalho é analisar como texto e fotografia, nesta obra de Breton, contribuíram para a construção dos conceitos surrealistas preconizados pelo escritor francês.

A fotografia na reflexão de André Malraux EDSON ROSA DA SILVA (UFRJ)

Conhecemos todos a recepção da fotografia no séc.XIX. Entre críticas e elogios, as discussões inflamadas suscitaram questões importantes e pertinentes em relação à função da arte e ao papel da nova descoberta técnica. Tratava-se de saber se o daguerreótipo e, mais tarde, a fotografia eram tão simplesmente instrumentos de reprodução do real, fiel até certo ponto, ou, ao contrário, uma nova forma de arte, concorrente perigosa, se a imitação constituísse o objetivo fundamental da expressão artística. Ao lado da disputa sobre o caráter artístico ou não da fotografia, o surgimento da nova invenção contribuiu para abalar a concepção estética e os fundamentos da doutrina acadêmica. Para o bem ou para o mal, ela desempenhou um papel de primeira ordem na evolução das artes. É esta influência que gostaria de analisar a partir da obra de André Malraux e da reflexão teórica de Walter Benjamin.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 704

Melodrama e Alegoria na Obra de Valêncio Xavier ANGELA MARIA DIAS DE BRITO GOMES (UFF)

A relação paroxística no modo melodramático entre a metáfora do gesto arrebatado, no âmbito do tableau (quadro mudo) e a ênfase da palavra exaltada, em busca de um sentido excessivo, pode ser comparada à estrutura da alegoria barroca que "traz a essência para a própria imagem, apresentando-a como escrita, como legenda explicativa, que nos livros emblemáticos é parte integrante da imagem representada" (WB). A obra de Valêncio Xavier, em sua compleição poética, associando o texto à força evocativa das imagens, numa rede de sentidos intrigante e provocadora, constitui um sedutor experimento para a reflexão desta confluência. Por outro lado, sua sádica urgência de "tudo dizer", acompanhada do efeito de "estética de almanaque" dos livros-objetos resultantes caracterizam a apropriação do melodrama e a intenção alegórica da obra, ao dialogar com motivos e enredos mórbidos e antiquados para caracterizar o que vige na contemporaneidade.

Alguns contágios da fotografia na literatura brasileira contemporânea em *ET Eu Tu*, de Arnaldo Antunes e *O Fotógrafo*, de Cristóvão Tezza GABRIELA CANALE MIOLA (USP)

Pretende-se apontar algumas aproximações entre duas obras de distintos gêneros da literatura brasileira do início do século XXI com a fotografia revelando como a poesia e a prosa se articulam e se contaminam pela escrita da luz. A contaminação da fotografia nas obras de Tezza e Arnaldo Antunes se revela tanto por meio da fotografia enquanto tema, quanto por sua inserção material, como pelo empréstimo técnico. Assim, este trabalho busca mapear alguns destes contatos para refletir a presença da imagem fotográfica na literatura brasileira contemporânea.

Paisagem e Fotografia em “O Recado do Morro” de João Guimarães Rosa FÁBIO BORGES DA SILVA (UNB)

Desde 1962 o conto “O Recado do Morro” é publicado em *No Urubùquaquá*, *No Pinhém*, um dos três volumes de *Corpo de Baile*. A primeira edição data de 1956. Trata-se de uma estória sobre a qual João Guimarães Rosa parece concordar apenas parcialmente com o conjunto das interpretações realizadas pelos críticos de seu tempo acerca do seu sentido essencial, na medida em que o escritor indica sua obstinada pretensão de alcançar – sozinho, ou em companhia de suas personagens – a poesia, embora tivesse consciência de que, em se tratando de arte, as intenções do autor pouco importam. No conto, a poesia emerge pela mão da saudade vivida pelo protagonista, Pedro Orósio, durante uma expedição científica (aos moldes do naturalismo do Brasil imperial) da qual ele é o guia por conta de seu conhecimento dos caminhos de uma das particularidades geográficas do sertão: os Gerais. No entanto, é no enfrentamento entre dois modos distintos de representação visual da natureza geralista, transfigurados no texto enquanto artefatos literários, a saber: a pintura de paisagem e a fotografia (a personagem Alquiste, naturalista europeu, traz consigo uma máquina fotográfica e um binóculo), que o escritor evidencia sua concepção de poesia, cuja forma síntese é explicitada sob o ponto de vista do narrador. Se para Walter Benjamin, acompanhando certa tradição francesa na qual se inseriu Charles Baudelaire, a fotografia pôs fim à pintura de paisagem ainda no século XIX, em “O Recado do Morro” assistimos a coexistência dessas duas linguagens que entre si dialogam, inseridas noutro debate mais amplo, aquele no qual elas se posicionam acerca dos rumos impostos pela modernização urbano-industrial enquanto projeto totalizante de transformação espacial do sertão brasileiro, do mesmo modo, da sensibilidade dos homens nele viventes. E, se “o sertão é o mundo”, o escritor não estaria referindo-se somente aos brasileiros do interior do país... Guimarães Rosa, enquanto pintor (com palavras) da paisagem sertaneja, acompanha outras tradições de pintura de paisagem além do Neoclassicismo francês de Nicolas Poussin, como a dos alemães Jacob Philip Hackert, Johann Wolfgang von Goethe e Alexander von Humboldt, bem como dos vários viajantes naturalistas que conviveram com Humboldt em Paris, como Rugendas (trazido ao Brasil pela coroa portuguesa quando da transferência da capital lusitana para o Rio de Janeiro). O propósito dessa comunicação surge, portanto, do desejo de evidenciar de que modo pintura de paisagem e fotografia participam da arquitetura de “O Recado do Morro”.

Fotobiografemas de Glauber ANA LÍGIA LEITE E AGUIAR (UFRJ)

Este trabalho propõe o estudo do material fotográfico que se tem sobre o cineasta Glauber Rocha, utilizando imagens como representações culturais que possibilitem outras leituras da história do país. Surpreendentemente, seu arquivo fotográfico não conta com um estudo que promova um estudo crítico sobre este acervo, permanecendo, até o presente momento, uma enorme lacuna no que se refere ao campo de análise dessas imagens, especialmente pelo fato de Glauber ter sido um produtor audiovisual e por ter estendido sua estética-pensamento do cinema até a sua grafia, como forma de criar imagens também para a língua; proposta estética que passou, igualmente, pela sua conduta, pelas suas relações de amizade, por seu pensamento político, de forma a unir, na performance diária a qual o cineasta se entregou, seu *modus vivendi* ao seu modo de lidar com a arte visual e com a força das imagens o tempo todo. Procurando-se trabalhar com certos de situações que remontam ao pensamento glauberiano, é que se propõe a reconstituição de ambientes políticos e cinematográficos, sua inserção no pensamento cultural da época e sua linhagem por meio de um estudo fotográfico que responderia, como escreve Eneida Maria de Souza, a uma “imagem fragmentária do sujeito”, ampliando as categorias de texto para que o próprio Glauber possa ser lido considerando “a contaminação dos discursos entre si [...] incluindo-se aí a teoria da literatura, a história, a semiologia, a antropologia [...]”, a fotografia. Esta proposta de leitura deseja recompor o quebra-cabeça da memória, pautado no detalhe que o elemento fotográfico apontará para que se lhe acompanhe um texto apresentando as fraturas da paisagem que uma fotografia pode conter. O acervo do Tempo Glauber conta com uma série de negativos e imagens já digitalizados, havendo, ainda, uma pequena parte em fase final de tratamento para preservação do negativo. A partir desse acervo, procurar-se-á estabelecer um diálogo com alguns referenciais teóricos sobre o campo da fotografia/ cultura da mídia/ crítica cultural e biográfica, como Arlindo Machado (*A ilusão especular*); Walter Benjamin (“A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, “Pequena História da Fotografia”); Roland Barthes (*A câmara clara*); Didi-Huberman (*Ante o tempo; Imagens a despeito de tudo; Quando as imagens tomam posição*); Mauricio Lissovsky (*A Máquina de Esperar; "A fotografia como documento histórico"*), dentre outros trabalhos.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 704

Testimonio y acto de imagen. El ejercicio de la fotografía como registro en las guerrillas centroamericanas
PABLO HERNÁNDEZ (Universidad de Costa Rica)

Entre las décadas de 1950 y 1990 han tenido lugar en 19 diferentes países de América Latina aproximadamente 55 movimientos guerrilleros de izquierda. En la exposición medial de sus ideas y agendas, en las prácticas insurgentes de reclutamiento, en las tácticas de desplazamiento por los territorios, en las estrategias propias del ataque y combate irregular, en las batallas militares directas, en las campañas mediales de propaganda, legitimación, difusión, divulgación y búsqueda de solidaridad, estos movimientos han tenido como aliada indiscutible una determinada cultura visual, fundamentalmente articulada en diversas formas de la imagen fotográfica. A estas imágenes se suman también los diferentes medios de registro que, fuera de los movimientos guerrilleros, han dado cobertura visual a sus despliegues históricos. El reportaje fotográfico, los foto-documentales, a cargo de corresponsales de todo el mundo y de medios de las más diversas naturalezas, hacen de la cultura visual fotográfica guerrillera un fenómeno abierto de manera conflictiva y diversa a otras culturas visuales, muchos espacios y niveles desde lo local y lo regional hasta lo global. En aquellas producciones, pero también en estos intercambios y tensiones se redefinen categorías fundamentales de nuestra comprensión de la imagen y de su lugar en el contexto social y cultural de América Latina, y la convierten en objeto privilegiado de estudio de las políticas de la imagen en momentos de enfrentamiento bélico. Nociones como las de testimonio, acto de imagen, violencia, montaje, veracidad, verosimilitud, sujeción y mediación deben ser necesariamente re-visitadas desde estas imágenes y, sobre todo, desde estas culturas visuales. Nuestra ponencia pretende dar inicio a esta reflexión en términos de definición de un corpus, de una taxonomía de las formas de representación visual de la guerrilla y de señalamiento de los puntos conceptuales y metodológicos ineludibles para el estudio de la fotografía en el contexto de procesos bélicos guerrilleros en América Latina y, quizás, de las imágenes de violencia que hoy saturan nuestras formas de percepción, información, comunicación, consumo y representación.

Fotografia e criatividade poética em M. António (Angola) FRANCISCO SOARES (Universidade de Évora)

Na literatura e na cultura angolanas a fotografia desempenhou, desde relativamente cedo, um papel importante. Na poesia lírica de Mário António (1934-1989) essa importância torna-se ainda mais relevante, por duas vias que nos ajudam a pensar as inter-relações entre fotografia e literatura. A primeira está associada à memória: a fotografia vem despoletar recordações e, por arrasto, acionar a criatividade, levando a retratar a figura paterna inspiradora, ou a imaginar toda uma geração desaparecida antes do nascimento do autor. Desta maneira, ela cumpre também uma função identitária, para além de preencher a função de motivo literário e de explicação da própria criação do poema. A segunda via é mais subtil: a partir do exílio voluntário do autor a criatividade passa a ser acionada pelas viagens, mas de um modo peculiar, que instaura um tipo muito próprio de ‘realismo fotográfico’. Os poemas passam a funcionar como uma máquina fotográfica muito especial, aproximada do que hoje permitem as novas tecnologias: eles retratam (dão a ver) a realidade que o sujeito enunciativo nos propõe como a que ele próprio visiona; mas também imitam os procedimentos psicológicos típicos como os da colagem entre o que se vê e o que se viu (e geralmente nos identifica), entre o que se vê e o que se ouve, entre o que se vê (paisagens, retratos, arquiteturas) e o que se lê (guias turísticos por exemplo). Mas sempre com predomínio da imagem visual e de fragmentos visuais retratados com a nitidez, a aparente objetividade da câmara fotográfica. A nossa comunicação desenvolve sobretudo considerações a partir desta segunda via, ou função, da fotografia nos poemas de Mário António para o questionamento geral das relações entre fotografia e criatividade literária.

Entre texto e imagem: narrativa e tradução na fotografia ISABEL FLORENCIO PAPE (PUC-Minas)

Este texto propõe discutir a relação entre texto e imagem na obra dos artistas Sarah Moon, e Duane Michaels. No ensaio fotográfico realizado por Sarah Moon, a partir da história “Chapeuzinho Vermelho”, de Charles Perrault, a artista apresenta uma transposição da narrativa literária para o regime visual. A tradução será pensada como um recurso intermídia, que se apoia em aspectos de um texto pré-existente, transpondo-o para um regime visual e cria sentidos a partir desta interface texto-imagem. Inspirado em diferentes obras literárias Duane Michaels cria narrativas visuais através de sequências fotográficas. A narrativa é geralmente considerada uma particularidade da arte verbal, que apenas sob uma forte pressão representacional poderia ser mobilizada nas artes visuais. Por outro lado, a imagem tem sido considerada um tipo de mídia puramente espacial. Considera-se que a fotografia pode, através da associação de imagens ou regimes de signos, construir diferentes tipos de narrativa e trabalhar com a temporalidade (tanto de forma linear quanto em labirinto), ampliando assim os limites do corte e reconstituindo (metaforicamente) a relação espaço-tempo que fora perdida no momento da tomada fotográfica.

LITERATURA E OUTROS DISCURSOS A PRODUÇÃO E A CRÍTICA NOS SÉCULOS 20 E 21

Giselle Larizzatti Agazzi (UNIBR)
Jefferson Agostini de Melo (USP)
Raquel Illescas Bueno (UFPR)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 404

Emergência do literário

JEFFERSON AGOSTINI MELLO (USP) RICARDO GONÇALVES BARRETO (USP)

Nesta comunicação, lançamos uma hipótese que se contrapõe a duas afirmações correntes em parte da crítica literária brasileira a respeito da produção ficcional contemporânea, a saber, 1) a de que atualmente não há lutas, tensões e disputas em torno de projetos estéticos; 2) e a de que a escrita literária está totalmente subsumida à lógica do mercado. A nosso ver, apesar da persistência do que alguns entendem ser o “fantasma do realismo”, de um lado, e do medo do mercado, de outro, o campo literário brasileiro tem se tornado cada vez mais autônomo, isto é, voltando uma atenção maior para os meios de expressão e para as modificações operadas na linguagem, e criando princípios estéticos, formas de recepção e estratégias de legitimação e prestígio no interior do próprio campo. No caso, as relações entre literatura e realidade social brasileira passam a engendrar a figura do "escritor que vive somente de e para sua obra", modelo a ser perseguido por aqueles que escrevem ficção e que representaria um "avanço" do ponto de vista social e cultural em nosso país. Mas, ao contrário de uma visão otimista ou “democrática” desse cenário, acreditamos que uma das consequências da expansão e diversidade do campo literário é o aumento não apenas das barreiras para o ingresso nas redes de maior prestígio, como também das disputas entre seus agentes. Nelas, hoje, os adeptos da mistura entre a literatura e outros discursos estariam em desvantagem.

Na raiz de *Leite derramado*

MARIA AUGUSTA BERNARDES FONSECA (USP)

O legado da memória, fulcro de *Leite derramado* de Chico Buarque, permite confrontar narrador – melancólico, impositivo, preconceituoso -, e produção poética, que mescla “lirismo objetivo” e sátira social na voz autoral. Para a análise dessa fatura, que oculta complexas relações entre arte e sociedade, recorre-se a duas conhecidas categorias de Walter Benjamin, destacando aspectos relacionados à vivência do narrador Eulálio, como “fantasmagoria do ocioso”, e a capacidade de transformação pela experiência, que se dá pelo trabalho do artista

A crítica literária brasileira e francesa em auto-retrato

RACHEL ESTEVES LIMA (UFBA)

O trabalho tem como objetivo desenvolver uma reflexão sobre o papel cumprido pela entrevista no processo de expansão do «espaço biográfico» e de reconfiguração do campo da crítica literária, tomando como objeto de análise a série de entrevistas dos críticos literários brasileiros e franceses publicada em jornais e revistas de ampla circulação, na última década. Gênero discursivo híbrido, a entrevista hoje assume lugar de destaque na constelação autobiográfica. Segundo afirma Leonor Arfuch, em *La entrevista, una invención dialógica* (1995), na sociedade contemporânea ela passou a ocupar o lugar antes reservado às memórias, constituindo-se como locus privilegiado para a narrativa das “estações obrigatórias do itinerário da vida” – a infância, o nascimento da vocação, as viagens iniciáticas, os encontros, etc. No que se refere à crítica universitária, percebe-se, hoje, uma maior presença de vários de seus representantes em entrevistas veiculadas, seja na mídia impressa ou audiovisual, o que pode ser percebido tanto como uma estratégia de aproximação da universidade com os diversos segmentos da sociedade, quanto como uma arriscada incursão dos intelectuais no reino das celebridades, a partir da exposição maciça de experiências de caráter biográfico. A proliferação dos discursos da memória atualmente em vigor

atinge, pois, o universo da crítica literária, fenômeno que não deve passar despercebido pelos estudiosos do campo. Evidentemente, os riscos de a entrevista propiciar uma recaída dos críticos na noção liberal de indivíduo devem ser apontados, mas, por outro lado, também se pode considerá-la como uma instância de democratização de informações e de transmissão de conhecimentos, na medida em que se produza a popularização de ideias que deixam de circular apenas no meio intelectual.

Silviano Santiago: os caminhos da crítica e da ficção JOSÉ CARLOS DA COSTA (UNIOESTE)

Em sua ação de ficcionista, Silviano Santiago supera e reestrutura os termos da ficção contemporânea, rompendo as fronteiras de gênero, em particular do conto e do romance. Sua obra ficcional, já com certa extensão, chama a atenção para as soluções adotadas na narrativa, em obras cujo repertório de práticas criativas é marcado pelos preceitos estéticos da contemporaneidade. Das estratégias empregadas pelo narrador resulta o embaralhamento das fronteiras entre crítica, ficção, autobiografia. É nesse sentido que *Histórias mal contadas* (2005), encenando um balanço de vida, em histórias mantidas pela memória de uma ampla e complexa rede de leituras, remetem à formação intelectual e aos projetos de crítica e ficção de Santiago. Desse universo crítico-ficcional, que refaz constantemente os próprios limites, emerge a hipótese que fundamenta esta pesquisa: A ação do ficcionista Silviano Santiago encontra espaço na reflexão cuidadosa, posto que intermediada à ficção, sobre temas como política, filosofia, cultura e sobre o próprio estatuto ficcional, é frequentemente invadida por um narrador autobiográfico que se faz personagem, em múltiplas formas, para se manifestar criticamente sobre os assuntos da narrativa ou sobre a vida das personagens, inclusive sobre o próprio narrador. A questão da relação do eu ficcional com o sujeito autoral que já estava em pauta, de maneira alegórica, em seus romances põe em discussão a relação entre sujeito ficcional e sujeito autoral. Desse modo, conduz a narrativa a uma conjunção de elementos ficcionais e outros de natureza diversa e diversificada, operando uma ação renovadora e fundadora na literatura brasileira. Neste momento, o que se apresenta é um estudo que aborda, em particular as inter-relações entre a atividade teórico-crítica e a produção ficcional de Santiago, tomando-se como referência geral suas obras de ficção, e estabelecendo um foco no conto *Helô Dolly*, de *Histórias mal contadas* (2005); refletindo sobre a configuração do estatuto da ficção e os modos da representação, nesse conjunto, promovendo o debate sobre as relações entre significação e identidade, observando a repercussão de concepções como “entre-lugar”, “contaminação”, “práticas textuais híbridas”, “devoração crítica”, “autoficção”, expressas em trabalhos críticos diversos de Silviano Santiago.

O silêncio de Dalton Trevisan LUIZ ANDRIOLI (UFPR)

Dalton Trevisan é conhecido pela concisão de suas palavras. Ele também há décadas se nega a dar entrevistas ou declarações para a imprensa. Mesmo assim, os jornais não deixam de comentar seus livros. Esta dissertação analisa de que forma o silêncio do contista aparece na mídia. Em algumas situações, os jornalistas buscam na obra do autor as respostas necessárias e verossímeis. Em outros momentos, é a interpretação a partir das palavras do escritor que preenche as lacunas. Em ambas as formas, a discussão aqui proposta aponta que o silêncio de Dalton Trevisan é uma estratégia literária em nome da imortalidade pretendida pelo Vampiro de Curitiba.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 404

A palavra coletiva de Machado de Assis sobre Silvio Romero, Gilberto Freyre e Antonio Candido CARMEN DE FÁTIMA HENRIQUES DA MATTA (UERJ)

O objetivo desta comunicação é analisar alguns dos influxos e impactos do romance de Machado de Assis sobre três teóricos que têm em comum empreender interpretações sobre a literatura relacionadas às dinâmicas socioculturais: Silvio Romero, Gilberto Freyre e Antonio Candido. Pelo confronto de teorias desses críticos sobre a ficção machadiana, podem ser observadas visões

distintas do desenvolvimento da sociedade brasileira, em seus aspectos simultaneamente centrais e periféricos, ideológicos e ético-morais, e se perceber a importância do discurso literário para a proposição de teses sobre formações, origens e complexidades socioantropológicas por sugestões emanadas das narrativas ficcionais. Romero condiciona Machado de Assis a seu “determinismo literário”, como analisa Candido, mas este prisma Freyre procura flexibilizar ao positivar um enfoque que, já nas últimas décadas do séc. XIX e início do XX, utilizava uma metodologia interdisciplinar. Machado de Assis tornou-se, desse modo, um ficcionista referencial para a configuração de um sistema crítico próprio (periférico) que passa a dialogar com e ser referência para outros (inclusive os considerados centrais), no campo sobretudo literário, mas não estritamente, na medida em que suas produções penetraram no pensamento cultural como um todo; além do legado ficcional, e por meio dele, intencionalmente ou não, pôde contribuir para a construção de representações que despertaram interesse das ciências sociais ao oferecer tipologias que foram apreendidas pelos estudiosos de outros campos do saber para elucidar ou propor questões relevantes, tais como os mecanismos dos processos de miscigenação (Freyre), ilustrações do comportamento cordial representadas no romance (Holanda), a dialética ético-estética na ficção (Candido), a vida privada nas estruturas patriarcais (Schwarz), entre outras significações fundamentais suscitadas pelo romancista.

Ángel Rama e Antonio Candido: dois críticos de jornal JOANA DE FÁTIMA RODRIGUES (USP)

Como os críticos Ángel Rama e Antonio Candido trataram da recepção de novos autores, nacionais e estrangeiros, em seus períodos de atuação na imprensa: Rama no semanário uruguaio *Marcha* e Candido no matutino *Folha da Manhã*. Cotejar as produções críticas de ambos em um recorte cronológico - 1960, para Rama, e 1943 e 44, para Candido - traz à luz dois críticos milittantes, movidos por um interesse comum, a literatura.

Guimarães Rosa e o discurso historiográfico brasileiro SÍLVIO AUGUSTO DE OLIVEIRA HOLANDA (UFPA)

Propõe-se um breve exame dos textos historiográficos de Wilson Martins (1921-2010) acerca da obra de Guimarães Rosa (1908-1967). O estudo centra-se na discussão da tese do regionalismo “literário” do autor mineiro, defendida em *História da Inteligência Brasileira* (1978), de Wilson Martins, contrapondo-a às interpretações da historiografia brasileira, como a *História Concisa da Literatura Brasileira* (1970), de Alfredo Bosi, *A Literatura no Brasil* (1959/1985), de Afrânio Coutinho, e *História da Literatura Brasileira* (1938-1995), de Nelson Werneck Sodré. Apoiado em uma leitura própria da tradição literária brasileira, em particular do regionalismo de Coelho Neto e Valdomiro Silveira, Wilson Martins procurou enquadrar a produção ficcional rosiana, em conformidade com essa perspectiva e criticou a idealização da língua e dos personagens: “Sagarana não estava sozinho, em 1946, na sugestão de uma literatura ao mesmo tempo regionalista e, por isso, ‘primitiva’, e literária, isto é, estilística; sendo tênues e movediças as fronteiras entre o regional, o nacional e o folclórico.” (MARTINS, 1978, v. 7, p. 250). Para a discussão desse enquadramento e seus impasses hermenêuticos, será fundamental a leitura de “*Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft*.” (JAUSS, 1994, p. 144-207), texto fulcral para a compreensão da nova história literária proposta por Jauss, alicerçada na superação da dicotomia entre as dimensões estética e histórica da obra de arte.

Antropofagia crítica TIAGO LEITE COSTA (PUC-Rio)

A Década de 1940 e o início dos anos 1950 abarcam a maturidade da atividade crítica de Oswald de Andrade. Data deste período uma série de ensaios, crônicas e teses acadêmicas que tematizam a história política e cultural do Ocidente moderno de um ponto de vista peculiar, a partir do qual o autor sugere um quadro original de motivações e consequências para alguns de seus principais acontecimentos. Nestes textos, Oswald desenvolve os alicerces teóricos da “visão de mundo antropofágica” que, embora tenha sido amplamente divulgada nas duas décadas anteriores, só tardiamente foi elaborada em minúcias pelo autor. Com efeito, dois empreendimentos conceituais motivam implicitamente as teses e ensaios antropofágicos. Um deles busca recuperar a

dimensão órfica (mitológica) do pensamento primitivo e ajustá-la a um certo crivo laico e às conquistas técnicas do século XX; o outro pretende costurar as prioridades libertárias do individualismo moderno ao apelo utópico por justiça social, típico das ideologias coletivistas. Os dois vieses entrecruzam-se naturalmente, mas, ainda que remetam as tradicionais dicotomias religião-ciência e liberalismo-socialismo, no caso da antropofagia crítica, se estendem por caminhos mais amplos, sinuosos e matizados. Com base nessas premissas, Oswald de Andrade reinterpreta diversos episódios históricos que remontam à Antiguidade, à Idade Média, ao Renascimento e à descoberta da América, para diagnosticar os detalhes da formação cultural do ocidente moderno. Para tanto, o autor traça um amplo painel no qual análises históricas, filosóficas e antropológicas se misturam a invenção ficcional e poética. Nesse sentido, acredito que esses textos seguem de perto a tradição crítica mencionada na chamada do simpósio em questão, na medida em que realizam, por meio da associação entre literatura e estudos sociais, um exame original dos fenômenos históricos e culturais característicos do Brasil. Penso, igualmente, que eles constituem uma rica fonte de idéias para o debate crítico acerca dos limites entre os campos discursivos da interpretação e da criação (ou das teorias do conhecimento e do ficcional). O objetivo dessa comunicação, portanto, é apresentar um panorama geral dos ensaios e teses oswaldianos e debater de que modo a antropofagia crítica pode ser pensada, ainda hoje, como um operador conceitual que transita entre o ficcional e as diversas teorias de conhecimento modernas, possibilitando diferentes interpretações históricas e inusitadas visadas éticas sobre a constituição da cultura ocidental e brasileira na modernidade.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 404

Discurso sociológico e ficção literária: diálogos virtuais entre Oliveira Viana e os escritores regionalistas

LUCIANA MURARI (UCS)

O sociólogo fluminense Francisco José de Oliveira Viana foi um dos mais influentes pensadores brasileiros do século XX. Estudioso das instituições políticas e jurista influente, seu amplo prestígio intelectual somou-se a uma notável popularidade entre o público medianamente letrado, dentro dos padrões de sua época. Assim como outros autores que, na tradição de Joaquim Nabuco e Sílvio Romero, se propuseram a “interpretar o Brasil”, Viana buscava determinar os princípios capazes de conduzir a uma compreensão ampla da condição brasileira, e a uma intervenção segura em sua vida social. Isto fez com que sua influência tenha ultrapassado os limites da política e dos estudos sociológicos. Por outro lado, Viana foi também influenciado pelo imaginário do seu tempo – em particular, aquele que vinha sendo forjado pela literatura regionalista –, e pelos “lugares-comuns” do discurso da elite brasileira de sua época em torno da identidade nacional e das identidades regionais do país. Ao propor um “diálogo virtual” entre o sociólogo e os literatos regionalistas, devemos levar em conta esta via de mão dupla, ou seja, sua provável influência sobre os escritores, por um lado, e as fontes comuns do discurso sociológico e literário sobre o caráter nacional, por outro. Trata-se de, a partir da perspectiva da historiografia da cultura e de uma visão ampliada do fenômeno literário – compreendido como uma das formas de elocução do chamado “discurso social” –, observar a difusão e a circulação de mitologias identitárias, instrumentalizadas pela prática política na forma de topoi ideológicos. Tais topoi encontravam-se, no contexto do processo (ainda incipiente) de urbanização e de industrialização do país, em processo de criação e difusão, sendo a partir daí incorporados pelo discurso político como forma de apropriação e de manutenção do poder, sobretudo por parte das elites tradicionais. Neste caso, deve-se ter em mente que esta construção de identidades sociais adotava como forma de legitimação uma categoria do pensamento social bastante difundida na primeira metade do século XX, a psicologia coletiva, enraizada nos naturalismos científicos do século XIX. Em simultâneo, Viana mostrava-se consciente da necessidade de manipulação da linguagem com vistas a não apenas produzir e difundir um conhecimento, mas fazê-lo atender a uma motivação pragmática, ou seja, seduzir, mobilizar, modelar consciências. Por sua vez, em termos da linguagem literária, diversos eram os artifícios empregados pelos escritores regionalistas para incutir um sentido sociológico em seu exercício ficcional, fazendo de seus enredos pequenas fábulas moralizantes, de seus personagens encarnações de princípios, de sua dimensão temporal uma reflexão sobre o legado da ancestralidade e sobre as armadilhas de um presente em transformação. Através da convergência entre tais discursos, pretendemos abrir perspectivas para uma abordagem da produção cultural brasileira das primeiras décadas do século XX em suas práticas de linguagem e seus canais de manipulação ideológica.

Cecília Meireles e Lévi-Strauss: dois caminhos para a Índia

RAQUEL ILLESCAS BUENO (UFPR)

As primeiras décadas do século 20 assistiram ao avanço dos estudos de antropologia, campo do conhecimento que buscava se tornar autônomo. A produção artística ocidental daquele período incorporou de forma bastante produtiva elementos decorrentes da divulgação de pesquisas de campo. É exemplo paradigmático dessa aproximação o primitivismo, tal qual foi entendido e praticado pelas vanguardas européias. Considere-se, noutro sentido, que todo relato de viagem, seja ele mais ou menos estético, mais ou menos científico, é sempre permeado por reflexões de fundo antropológico. Num movimento que é extensão natural dessas reflexões, a literatura de viagens trata de semelhanças e diferenças e pensa as relações e hierarquias estabelecidas entre povos e nações. Como é sabido, a derrocada do colonialismo tornou-se tema central tanto para a literatura como para as ciências sociais ao longo do século passado. Este trabalho propõe uma comparação entre relatos de viagem em princípio muito diferentes entre si, porém com um mesmo ponto de chegada: o estabelecimento, em texto literário, de alguma visão da Índia tal como se encontrava no início da década de 1950, poucos anos após sua independência. Muito diferentes foram os pontos de partida das duas viagens a serem consideradas: no primeiro caso, o Brasil, país de origem de Cecília Meireles (1901-1964); no segundo, a França de Claude Lévi-Strauss (1908-2009), antropólogo que conheceu o Oriente depois de ter permanecido longos períodos na América (Brasil e Estados Unidos). Os textos de Cecília Meireles resultaram de viagem feita a convite do governo indiano para participar de um evento realizado em Nova Delhi em 1953, quando se completavam cinco anos da morte de Gandhi. A autora publicou mais de cinquenta crônicas sobre esse tema, além do livro *Poemas escritos na Índia*. Claude Lévi-Strauss esteve naquele país pouco antes, em 1950, e divulgou suas impressões da viagem em *Tristes trópicos* (1955), livro de difícil classificação do ponto de vista dos gêneros literários. A leitura tentará colocar em evidência as razões pelas quais uma e outra Índia são tão diferentes: trata-se de questão de fundo ideológico, político? Ou bastaria considerar as formas de expressão empregadas em cada texto para interpretar as diferenças?

A história de Graciliano

MARCOS FALCHERO FALLEIROS (UFRN)

Graciliano Ramos, autor-ator, dá provas de que a obra literária vem do mundo e da história – uma obviedade que o bizantinismo contemporâneo obriga a lembrar. É essa de fato a complexidade do óbvio, sua singela visibilidade requerendo a interpretação da obra literária, operação que deverá lembrar-se da opacidade da linguagem, que é sua essência, ao ser, como linguagem, resultante da infinidade de significações potenciais da referência esparsa. Num ensaio de combate à bizarria, Alfredo Bosi observa as relações de ler-colher e interpretar-escolher: “Entre o querer-dizer e o texto ultimado há a distância que separa (e afinal, une) o evento aberto e a forma que o encerra”. Frisa os termos trazidos da estética de Carlo Diano: evento e forma. O evento deve ser visto como um modo mais complexo de dizer conteúdo: é a experiência do mundo subjetivada no artista, à qual ele dará forma em sua expressão estética. Antonio Candido lembra em “A personagem do romance” que no desenvolvimento novelístico as ideias são o enredo, e o enredo é a personagem: “estes três elementos só existem intimamente ligados, inseparáveis, nos romances bem realizados”. Observa a relação entre realidade e ficção, que faz desta um filtro daquela, porém com estrutura própria na montagem interna de coerência e verossimilhança, mais articuladas que a vida. A autoria, unidade daquela trindade, é a fonte da memória do processo criativo, por onde se darão os níveis gradativos de aproximação e afastamento do real para a produção das personagens, isto é: das ideias, ou seja: do enredo – personagens copiadas, recompostas, alusivas, deformadas, condensadas a partir da realidade e da corrente coletiva da arte, que o artista absorve e trabalha. O percurso biográfico que acabou por conduzir Graciliano Ramos à autoria literária nasceu de uma alfabetização infeliz e do consequente incitamento para decifrar as letras, sob a promessa de uma colheita do mundo à maneira de os astrônomos lerem as estrelas do céu – imagem que a doce prima Emília lhe sugeriu para apaziguar as agonias em busca de sentido do menino semianalfabeto. Tal será a condição do escritor, que experimentará os temas ficcionais, gradativamente no descenso das três classes, sob as condições possíveis de sua origem, exacerbando-se na vitória de Pirro de Paulo Honório ou, encolhendo-se, “major” Graça aquém do coronel, mais ainda para baixo: da condição mediana sempre na corda bamba à falência rural definitiva em Luís da Silva. Aparentemente atinge a saída de si através de Fabiano e família, mas quem sabe auxiliado pelo primeiro aprendizado, “obrigado a participar do sofrimento alheio” com o moleque José, no episódio de Infância, quando, sinhozinho, enxerindo-se a ajudar o pai no castigo do moleque, o castigo do pai se voltou para ele. Particularidades banais tornam-se relevantes ao contextualizarmos o “autor-ator” (Rolando Morel Pinto) no seu percurso biográfico extensivo, sob cujas condições subjacentes da memória é conduzido, por exemplo, o momento específico de 1932, em que inaugurou a construtura da grande obra, articulada pela dialetização estética entre situação pessoal e avaliação histórica para a fantasia do enredo.

A geografia de *A ferro e fogo*

IVÂNIA CAMPIGOTTO AQUINO (UPF) e MÁRCIA HELENA SALDANHA BARBOSA (UPF)

No presente trabalho, desenvolvemos um estudo sobre a relação de proximidade entre a literatura e a geografia no romance. Para isso, recorreremos à proposta teórico-metodológica do crítico italiano Franco Moretti, que consiste, basicamente, em estudar a geografia literária de uma obra e, a partir da seleção de aspectos textuais, elaborar mapas que ilustram o enredo. A vinculação que se cria entre a literatura e a geografia, por meio dos mapas, faz emergir do universo narrado os elementos que ajudam a esclarecer as relações entre espaço e personagens, construídas na ação que estrutura um romance, e permite interpretar a visão do autor acerca do tempo histórico representado. A análise se aplica ao romance em dois volumes *A ferro e fogo – tempo de solidão* e *A ferro e fogo – tempo de guerra*, do escritor Josué Guimarães, o qual trata da colonização alemã no Rio Grande do Sul. Palavras-chave: Geografia literária. Romance. Colonização alemã. Identidade.

A nova Amazônia dos romances *Relato de um certo Oriente*, *Dois irmãos* e *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum
NOEMI HENRIQUETA BRANDÃO DE PERDIGÃO (UFPR)

Os três romances iniciais de Milton Hatoum se passam em uma Manaus urbana que, porém, configura-se também como espaço de um novo exótico. Exótico que tem marcas do Norte do Brasil somadas às da cultura árabe, presença constante nas três obras. Assim esta Comunicação se norteará por duas reflexões principais: quais as influências da cultura árabe na forma de narrar destes três romances e na cultura manauara a partir do início do sec. XX. E, no âmbito da abertura da literatura a outros discursos, quais as formas e a partir de quais recursos os três romances citados contribuem ou não para o conhecimento sobre uma Amazônia além da marca do exótico da natureza e do indígena

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 404

Uma trajetória ficcional exemplar: a obra de Vasco Pratolini
GISELE LARIZZATTI AGAZZI (UNIBR)

Vasco Pratolini (1913-1991) é um escritor fiorentino, autodidata e, para muitos críticos, um dos primeiros ficcionistas italianos oriundos das camadas populares. As diversas polêmicas que se deram em torno de sua obra pouco procuraram explorar o valor estético das suas narrativas reconhecidamente desenvolvidas em torno das relações entre literatura e história. Uma das perguntas possíveis para explorar sua obra é a que tantas outras manifestações artísticas ainda formulam dos mais diversos modos: a literatura pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária? Tal questão dialoga abertamente com o que hoje se lê como a tradição gramsciana, mas que em seu tempo ainda se formava em torno dos intensos debates sobre a função do intelectual na organização social e da divulgação dos textos de Gramsci, escritos no cárcere. Começando sua trajetória ficcional pouco antes da segunda guerra mundial, com livros como *Il Quartiere*, de 1943, Pratolini anuncia uma perspectiva que se dissolve com o desenvolvimento dos fatos na Europa dos anos de 1950 a 1970. Essa perda se revela tanto no conteúdo das narrativas quanto na elaboração estética, acompanhando a crise do intelectual diante das barbáries históricas, amplamente discutidas e difundidas pela Escola de Frankfurt. O resultado dessa crescente melancolia – em lugar do “impulso utópico”, para usar um importante conceito de Ernest Bloch – pode-se ler em *Allegoria e derisione*, de 1966, obra que se concretiza em múltiplos registros e discursos variados. A comunicação deve explorar a trajetória ficcional de Vasco Pratolini a partir do diálogo estabelecido entre as duas narrativas citadas, que se firmam no conjunto da obra do escritor em uma relação especular. Essa sua trajetória é lida como exemplar, porque expressa um movimento realizado por muitos intelectuais do período, que, como Pratolini, engendraram na sua obra a derrocada de uma perspectiva histórica e estética.

“Contra os donos oficiais da cultura”: crítica à esquerda e à direita no ensaísmo de Glauber Rocha
ARLINDO REBECHI JÚNIOR (USP)

Esta comunicação é um dos saldos da minha tese de doutoramento “Glauber Rocha, ensaísta do Brasil”. Trata-se, para este caso, de uma abordagem do ensaio praticado pelo cineasta e crítico baiano durante o período de sua volta do primeiro exílio, entre 1976 e 1980. Como método, privilegio a análise do seu trajeto intelectual em convivência com a análise de sua prática do ensaio político e de ideias em jornais e revistas, buscando, pela intersecção destas duas formas de avaliação crítica, a apreensão dos movimentos de Glauber pelo campo cultural brasileiro naquele final de década. Em minha análise, parto de dois problemas centrais, presentes em sua trajetória: 1) depois de trazer a público cinco novos longas-metragens, entre novas produções e finalizações de filmes mais antigos, Glauber partira do exílio depois de esgotar as possibilidades de se executar outros novos projetos de cinema no estrangeiro; 2) desgastado com fração da crítica europeia, sua situação no Brasil não seria diferente, nem tampouco pacífica: depois da publicação de sua polêmica declaração na revista *Visão*, em 1974, chegava ao território nacional sob a pecha de apoiador dos militares. No plano textual, Glauber encontrou no ensaísmo um lugar propício para encampar suas defesas políticas e sua defesa de uma forma fragmentária e ao mesmo tempo totalizadora de escrita. Sua linguagem recupera um estilo de exposição que privilegia a disposição de ideias na forma de fragmentos, como se fossem pequenos e explosivos textos. Encadeados um atrás do outro, estes minúsculos textos, formam um conjunto que ganha tanto pela independência de ideias como pela capacidade de se misturarem num fio condutor único e presente na arquitetura de um texto maior. Fica a demonstração nestes casos que sua busca por este estilo atesta uma hipótese central em seus trabalhos e em sua forma encontrada de exposição: a aliança e a conjugação em sua prática escrita com as tensões e os contrastes da experiência vivida tornaram-se, naquele momento de conturbada vida intelectual, a base para que extraísse sua matéria mais vulcânica e mais polêmica da realidade. Entre as muitas opções possíveis de abordar seus textos, focalizo seus ensaios que reavivam a polêmica Alencar-Machado, em especial o de título “‘O Guarany’ e ‘Dom Casmurro’ ou a competição entre Iracema e Capitu pelo título de Misse Brazyl”, publicado no *Jornal do Brasil*, de 6 de setembro de 1976. Ramificados a esta polêmica, salientem-se ainda os textos “Makunayma (1)” e “Makunayma – 2”, publicados na *Folha de S. Paulo*, respectivamente, em 23 e 28 de setembro de 1978, época em que Glauber era colunista do periódico. Estratégico diante das suas ações dentro do campo cinematográfico e literário, Glauber fará de José de Alencar o seu modelo de intelectual. Não à toa. Porque, com o exemplo do escritor de *Iracema*, ele buscará recuperar não só a memória do passado em torno da consagração quase imediata do movimento do Cinema Novo, mas também alçar, mais uma vez, o seu antigo grupo na tradição cultural aberta por nosso modernismo literário nos primeiros decênios do século 20.

Relações de dependência de dependência econômica e cultural configuradas em *Budapeste*, de Chico Buarque FLÁVIA HELENA (FAAT)

Buscando responder ao questionamento sobre o modo como a literatura brasileira contemporânea contribui para a reflexão a respeito do país, esta comunicação pretende tecer algumas considerações sobre a obra *Budapeste*, de Chico Buarque, publicado no ano de 2003. Narrado em primeira pessoa, e a partir de um foco não confiável – unreliable narrator, na acepção de Wayne Booth – o romance relata, de forma não linear, a trajetória do ghost-writer José Costa, desde os tempos de faculdade, quando vendia sob encomenda monografias e trabalhos acadêmicos, no Rio de Janeiro, até o seu estabelecimento definitivo na cidade de Budapeste, capital da Hungria, depois de ser-lhe atribuída a autoria de Budapest, livro que afirma não ter escrito e que relata grande parte de sua vida. A partir dos deslocamentos do protagonista entre essas duas cidades o relato aborda o motivo do duplo, uma vez que o protagonista não somente se desloca entre os dois locais mencionados, mas estabelece vínculos duradouros em cada um deles. Além de experimentar uma vivência dupla que se alterna entre Rio de Janeiro e Budapeste, o protagonista revela-se um indivíduo que realiza diversas viagens pelo mundo, circulando pelos mais diversos países e contribuindo, portanto, para que se afigure na obra a questão da globalização. Essa hipótese se reforça se considerados a variedade de palavras de diferentes idiomas que se misturam ao português no decorrer do relato e o modo como o romance apresenta episódios que retratam a maneira como as culturas de diferentes países se mesclam. Essas constatações podem ser mais bem explicadas e fundamentadas se observados o modo como termos estrangeiros se espalham pelo relato. O uso exaustivo de expressões peregrinas sem o emprego de aspas ou outro expediente que as diferencie da língua em que se expressa o narrador, no caso, o português do Brasil, aponta para o uso desses termos não como algo estranho ao mencionado idioma, mas como algo já incorporado a esse sistema. A recorrência de termos peregrinos, provindos principalmente do idioma inglês, é um relevante sinalizador das influências estrangeiras sofridas pelo Brasil, tais como as que se manifestam nos domínios da cultura e da economia nos últimos cinquenta anos, o que revela certa tendência ao macaqueamento de modelos americanos como se buscará demonstrar. Assim, considerando o diálogo entre a realidade externa e a realidade que o romance estabelece, serão abordadas algumas configurações da realidade brasileira presentes no romance, observando-se os meios pelos quais a obra mimetiza e capta em sua estrutura aspectos essenciais da sociedade brasileira contemporânea. Desse modo, o objetivo será averiguar em que medida certos procedimentos formais e materiais que emergem no relato podem ser formas alegorizadas (entendendo alegoria como metáfora continuada) de dependência econômica e cultural do Brasil, inscrito no cenário internacional globalizado.

Metaficção revisitada,
ZÊNIA DE FARIA (UFG)

Desde a publicação de *Don Quixote*, e de maneira mais intensa a partir da segunda metade do século XX, surgiu, na literatura ocidental, um certo tipo de narrativa ficcional voltada sobre si mesma, questionando seu estatuto lingüístico e/ou narrativo bem como contendo comentários sobre seu processo de produção e de recepção. Tais ocorrências colocam em evidência o caráter de artefato da obra literária, fazendo com que a ilusão de realidade da obra ficcional seja rompida. Outra consequência disso é que, pelo emprego de tais procedimentos metaficcionais, o romance é invadido pela crítica e/ou pela teoria literária, tornando-se, assim, uma forma híbrida, em que ficção, crítica e teoria literária partilham o mesmo espaço literário. Um exame retrospectivo dos textos teóricos e/ou de análises críticas, publicadas sobretudo a partir dos anos 70, a respeito desse tipo de narrativa, permite-nos constatar que os diferentes autores que se ocuparam dessa questão e que escreveram os textos fundadores desse campo de estudos criaram e empregaram uma grande diversidade de termos para designar as narrativas que contêm tais procedimentos, tais como: metaficção, ficção narcisista, romance de introversão e outros. Partindo, pois dessa constatação e do exame de alguns desses termos, nós nos propomos a discutir, em nossa comunicação, em que medida, apesar de diferentes, os referidos termos remetem à mesma noção ou, em que medida, a diversidade de termos se justifica pelo fato de estes designarem procedimentos ou fenômenos literários de natureza diferente.

Flor-da-palavra: imagens da infância na narrativa de Clarice Lispector
MONA LISA BEZERRA TEIXEIRA (USP)

Na escrita de Clarice Lispector a relação entre os objetos e os personagens está ligada à experiência. Existe uma primazia da percepção através da originalidade, ocasionando em virtude disso, um prolongamento das sensações. E nessa atmosfera de traços reflexivos/especulativos vai sendo exposto o mal-estar que existe nas diversas esferas de relacionamentos sociais: no casamento, nas categorias diversas que compõem a família, no convívio problemático com pessoas distintas e, principalmente, no ser humano solitário em busca do entendimento acerca de sua existência. A experiência na narrativa clariciana tem uma particularidade de resistência que se filia ao protesto de T.W. Adorno a respeito da tecnificação moderna (em “Entre sem bater”, Minima Moralia) quando o filósofo observa que “entre os culpados pela morte da experiência encontra-se a condição de que, segundo a lei de sua pura eficácia, as coisas assumem uma forma que restringe a lida com elas à simples manipulação, sem um excedente que possa gerar liberdade de conduta, ou de tolerância pela independência da coisa, que sobreviva como germe de experiência por não ter sido consumido pelo instante de ação”. As características peculiares da narrativa moderna, no que se refere ao romance, permitem essa liberdade criativa com relação à utilização das potencialidades da linguagem, além da independência para a escolha da estrutura narrativa, como a disposição dos capítulos, o modo de construção do texto referente à sintaxe, o foco centralizado não mais na ação, mas na consciência do personagem. No caso de Clarice, o que se pretende mostrar é como aspectos constitutivos da infância estão impregnados na sua forma literária.

LITERATURA E OUTRAS ARTES (MÚSICA, PINTURA, DANÇA, CINEMA, TEATRO): RELAÇÕES INTERARTÍSTICAS II

Marly Gondim Cavalcanti Souza (UESPI)
Francisco Antonio Ferreira Tito Damazo (UNITOLEDO)
Monica Luiza Socio Fernandes (FECILCAM)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 405

Matizes hispânicos na poesia cabralina: a voz do verso
LENISE SANTOS SANTIAGO (UFRN)

Observando a matiz da tradição hispânica, rica na sua diversidade, João Cabral parece descobrir o cerne da sua lírica às avessas. Seduzido pela Espanha, em especial a cidade de Sevilha, o poeta deixa-se invadir pela intensidade de imagens, cores e luz da cidade hispânica, incorporando-as à sua poesia. A partir do poema "Estudos para uma bailadora andaluza", que compõe a obra Quaderna (1959), abordaremos os questionamentos da musicalidade na poesia cabralina disfarçada pela refinada tessitura poética condicionada ao rigor técnico e matemático que o poeta se impôs. Nesse estudo pretendemos estabelecer a relação musical própria da cultura hispânica que dialoga com os versos cabralinos. Palavras-chave: literatura, poesia, música, hispânico.

Estudando o samba: três discos, três casos (Fernando Pellon, Paulinho Lêmos, Fred Martins)

ROBERTO JOSÉ BOZZETTI NAVARRO (UFRRJ)

A criação crítica, ou criação enquanto crítica, ou ainda crítica enquanto criação é condição de existência da arte na modernidade e pós-modernidade. Também as manifestações artísticas que mantêm interfaces com a literatura, como a canção mediatizada, e no interior desta, o samba, incorporam procedimentos reflexivos e auto-reflexivos em sua fatura e/ou (em se tratando de canção) performance. Assim, o samba adquiriu também, notadamente a partir da bossa nova, uma espessura capaz de sustentar em seu interior aqueles procedimentos, seja no caso de cancionistas que de alguma forma dão prosseguimento ao legado bossanovístico, seja no caso de artistas que se mostraram mais infensos a esse legado, buscando atuar no interior de um quadro de referencialidades pré-bossanovísticas ou delas um tanto distanciados (como um exemplo: Paulinho da Viola), que muitas vezes se entrecruzam com informações hauridas na contemporaneidade pós-pós tropicalista (como um outro exemplo: Tom Zé). Este trabalho enfoca três abordagens de autores cujos discos, cobrindo um panorama que vai da década de 1980 (Fernando Pellon) aos primeiros anos deste século XXI, se inscrevem na linhagem de tomar o samba como objeto de criação e reflexão (estudo), dialogando com as tradições presentes nessa forma cultural específica em possíveis interfaces com as marcas também deixadas nessa tradição pela literatura.

Sereia e neosereia: poéticas da canção na era da reprodução e da mobilidade técnicas

LEONARDO DAVINO DE OLIVEIRA (UERJ)

Em carta a Peter Gast, Nietzsche anotou que “a vida sem música é simplesmente um erro, uma tarefa cansativa, um exílio”. Tal afirmação ressoa em nós, ouvintes de canção popular, quando percebemos o quanto esta linguagem artística está imbricada aos nossos comportamentos diários: servindo mesmo de trilhas sonoras para nossas vidas. Feito líquidas, posto que disponíveis e onipresentes à mancha para todos, as canções parecem querer suprir nosso desejo de canto. Para Peter Sloterdijk, o desenvolvimento da capacidade crítica do espaço compartilhado leva o indivíduo, enquanto adulto, a fechar os ouvidos. No entanto, a necessidade de ser cantado (reconhecido) não cessa. Afetado por tais pensamentos, este trabalho visa discutir a importância dos estudos das poéticas da canção, bem como investigar o trabalho neosirênico do cancionista. Com ênfase na canção popular, propõe-se aqui pensar o cancionista no lugar de quem utiliza o ritmo já existente no mundo e em si para compor - conseguindo ter a sensibilidade de captar a necessidade do ouvinte e criar a experiência musical esperada: cheia de melodia, palavra e voz - engendrando, no receptor, a sensação de realinhamento (pertencimento) no mundo.

A canção no contexto das relações da poesia com a música

VERÔNICA DE FÁTIMA GOMES DE MOURA (UFPB)

A Canção é uma composição híbrida cada vez mais presente no contexto da escolarização, mas, frequentemente, inserida nos estudos dos gêneros textuais. A abordagem da canção apenas por esta ótica renega a relação intrínseca desta composição com a poesia e desperdiça oportunidades de abordagens mais consistentes, produtivas e coerentes com a sua origem. As possibilidades para o reconhecimento do estatuto poético desta modalidade de expressão é um dos pontos de discussão da nossa pesquisa que postula, sobretudo, abordagens que não desperdicem o amparo da leitura literária destas composições. Como ponto de partida, propomos chamar a atenção para as reflexões sobre a relação da canção com a literatura, especificamente, com a poesia.

Amparados nas postulações de TATIT, WISNIK, RIBEIRO NETO, BOSCO, RENNÓ e OLIVEIRA sobre a canção, para pensarmos acerca das relações entre poesia e música que são “corporificadas” pela canção. Palavras-chave: Canção. Poesia e Música. Canção e Literatura e Canção.

A gênese cancionista no Brasil: literatura e canção popular FELICIANO JOSÉ BEZERRA FILHO (UESPI)

A comunicação versará sobre aspectos da formação da canção popular brasileira, reconhecendo que para alcançar seu sentido a canção resulta da junção entre o código sonoro e o código verbal. Situando diacronicamente momentos da formação da canção brasileira, verificaremos o encontro inevitável com o processo de estabelecimento da literatura brasileira. A incidência entre esses dois campos gera caracterizações de gêneros como canto falado, poesia cantada, lundu, modinha, que são percursos inaugurais e responsáveis pelo que hoje conhecemos como música popular brasileira.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 405

Intertextos: imagens e poemas na construção de alguns sentidos para o labirinto MÔNICA LUIZA SOCIO FERNANDES (FECILCAM)

Este artigo tem como foco a investigação de um elemento arquetípico que sempre suscitou diversas interpretações, o labirinto. Diante de seus inúmeros caminhos e combinações, muitos artistas se detiveram aos seus sentidos relacionados à perplexidade humana diante dos mistérios e das dificuldades da vida. Assim, explorar as suas bifurcações e os seus caminhos tortuosos, representados em manifestações artísticas, tornou-se inspirador para esta pesquisa, na tentativa de descobrir alguns sentidos existentes nas reiteraões do elemento labirinto tanto na poética de Mario Quintana como em algumas pinturas relativas ao tema. A metodologia comparativista aqui utilizada, propicia para se verificar aproximações ou distanciamento das artes, tem por base os princípios da Literatura e da Estética Comparadas. Também buscamos apoio na crítica temática de Bachelard que considera os pensamentos subjetivos e a imaginação no estudo das imagens da criação poética e nos estudos sobre a simbologia, desenvolvidos por Chevalier e Gheerbrant. Auxiliam as análises os conhecimentos histórico-literários sistematizados por Antonio Candido e as noções de intertextualidade que surgem das reflexões de Bakhtin.

Barco a seco: o mergulho no espelho GLORIA REGINA A. DE CARVALHO AMARAL (UERJ)

Esta comunicação pretende apresentar algumas reflexões sobre a obra *Barco a Seco*, de Rubens Figueiredo. Na obra, o ato literário se encarrega de abrir circunstâncias para a relação entre literatura e artes plásticas. No entanto, ao longo das páginas, questões como o duplo, o falsário, o simulacro e, mesmo a possível falsificação das obras do pintor-personagem, deixam pistas sobre o fingimento atuante no próprio texto, na medida em que o tratamento do tema, a relação entre literatura e artes plásticas, é passível de demonstrar o que não se conhece. Nesse sentido, esta comunicação apresenta algumas possíveis idéias para a leitura dessa obra, a partir, principalmente, da seguinte questão: os recursos literários na obra estabelecem um jogo de fingimento, no qual o leitor tem um papel a cumprir, ao abrir algumas possibilidades de leituras na medida em que falseia a autoridade necessária para discursar sobre artes plásticas. Quando parece falar do Outro (pintura), o texto continua tratando de Si, pois ao tratar da pintura ou de qualquer outro tipo de arte, utiliza seus próprios códigos, os próprios instrumentos, a sua própria linguagem, e em última instância: vai tratar de si como escrita que é, escreve o escrito.

Machado de Assis, entre a literatura e a imagem pictórica ANDRÉ TEIXEIRA CORDEIRO (FAM)

Machado de Assis, no artigo de crítica literária "Instinto de nacionalidade", condena o excesso de descritivismo na literatura brasileira, a pesar do recurso nos ter dado belas páginas segundo ele. O escritor propõe o trabalho com a psicologia dos personagens. Em seus contos recorre pouco à descrição direta da paisagem física ou social, mas ainda assim as retrata com a ousadia de nenhum outro escritor do fim do século XIX. As ações dos personagens deveriam estar, primeiramente, na psicologia dos mesmos. Assim, emprega com muito equilíbrio a descrição e, de certa forma, parece tocar no conselho de Lessing em "Laocoonte": a poesia (por extensão a literatura) só deveria descrever os corpos evocando-os a partir das ações dos personagens. Uma vez que emprega com parcimônia a descrição, certas vezes, Machado também cita obras da pintura ou fotografia (no romance) para de certa forma ajudá-lo a compor a cena. Esse recurso é realizado de maneira a causar uma verdadeira integração entre literatura e imagem. Em vez de descrever o quadro, insere seu leitor dentro da imagem, faz as figuras das telas quase participarem da ação. Desta forma, o texto literário machadiano não separa possibilidades de integração entre literatura e imagem, mas aponta aspectos mistos entre esses aspectos.

A Pele Gráfica e o Poema só: *Manual da Ciência Popular* de Waltércio Caldas e a frase prosaica de Álvaro de Campos (vou atirar uma bomba ao destino) MARCUS MOTTA (UERJ)

Esta comunicação propõe relacionar o Manual da cultura popular do artista plástico Waltércio Caldas e um poema de um só verso do heterônimo pessoano Álvaro de Campos. O intuito é apresentar um estado de pensamento, em progresso, sobre o aparato do ordinário como destino da arte — entendendo por ordinário a intimidade com a existência (vida ou arte), sem a prova definitiva sobre o que é existir (vida ou arte). Trata-se, portanto, de expor de um programa teórico localizado em ambos os artistas, na medida em que eles reconhecem um tipo de saber que compete à arte (literária ou plástica). Nesse sentido, a comunicação toma um poema de um só verso de Álvaro de Campos (e outros versos de acordo com a sua medida) e o compara aos objetos de arte do Manual de Waltércio Caldas, averiguando o saber que compete à arte e, se esse saber, não aponta para a idéia de que o destino da arte é, agora, o ordinário (o excepcional do comum). Assim sendo, a comunicação pretende apresentar a riqueza teórica em aceitar aquela forma de conhecimento da arte (literária ou plástica) sobre o seu destino, comparável ao nosso, e sustentar a hipótese de que, nisso, está implícito tanto a morte da arte, quanto a sua superação em rastros breves, cínicos e céticos, a artisticidade do comum. Em suma, trata-se de saber o porquê, e como, o conhecimento da arte cunha uma atenção ao ordinário, um tipo de destino, e de que forma, tal fato, promove um ambiente de pensamento que assume o baixo mundo. Mundo, no qual tudo é menor em vivência e também em profundidade, sendo isso, e apenas isso, que permite, continuamente, refletir sobre arte, sem bases seguras, ensaiando a própria autoridade e convicção, explicitando a própria deficiência de fundamentos. Em outras palavras: a comunicação procura apresentar a própria natureza do saber da arte, provenientes de um poeta e de um artista plástico, expondo questões artísticas que, de diversos modos, suscitam a necessidade de algo que poderíamos denominar de conteúdos ontológicos naufragos; momentos de partidas, chegadas e abandonos da arte (literária ou plástica). Palavras-chave: poema, ordinário, destino, saber, arte

A narrativa de Alberto Savinio: texto e pintura SONIA CRISTINA REIS (UFRJ)

O trabalho discute as relações entre a Literatura e Pintura na obra de Alberto Savinio, enfocando especificamente o período entre as duas Grandes Guerras Mundiais, na Itália. Assim, a leitura do espaço-histórico, em que Savinio toma posições políticas e estéticas, tecendo diálogos com o campo pictórico, traz para a cena literária imagens da modernidade, forjadas na tradição, revelando o caráter ambíguo e heterogêneo dessa linguagem. Esse traço investigativo é um desdobramento de indícios que podem ser encontrados na narrativa de Luigi Malerba.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 405

O grande circo místico: da página ao palco DEISILY DE QUADROS (UFPR)

“O Grande Circo Místico”, poema de Jorge de Lima, está presente no livro *A túnica inconsútil*, que representa o auge da criação da fase espiritualista do poeta. Jorge de Lima apresenta uma poesia entremeadada de elementos espirituais, que se fazem presentes no caráter bíblico da linguagem, no emprego de imagens e símbolos sagrados e no cultivo da parábola, procurando estabelecer a ligação do humano com a existência total. Esse poema originou duas interpretações que foram adaptadas pelo Balé Teatro Guaíra para a linguagem da dança. Tomando, portanto, o poema “O grande circo místico” e as gravações dos espetáculos homônimos – a primeira versão apresentada em 1983 e a segunda em 2002 –, o presente estudo tem como objetivo analisar as mudanças ocorridas na passagem do texto poético para o texto cênico, averiguando a manutenção ou transformação dos componentes poético-literários e traçando as características da recepção crítica do poema de Jorge de Lima e dos espetáculos teatrais. A recepção do poema e dos espetáculos será analisada à luz da Estética da Recepção de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, e da Sociologia da Leitura de Roger Chartier. No transcorrer deste estudo, portanto, será observado de que modo os elementos de sentido do poema foram transformados pelos espetáculos em elementos de presença (GUMBRECHT, 2001) e como se dá o diálogo entre as diferentes linguagens – poema, dança, música.

O espaço político no teatro de língua portuguesa: entre Boal, Guarnieri e Peletela AGNALDO RODRIGUES SILVA (UNEMAT)

Nas décadas de 60 e 70, os países Brasil e Angola viveram um período político-cultural turbulento, em que o teatro foi uma provocação em aberto ao sistema de governo. Nesse contexto, Boal e Guarnieri estrearam a peça *Arena conta Zumbi*, em 1965, cuja resistência dos escravos contra o domínio português foi o pretexto para inflamar uma luta pela liberdade de expressão. Em Angola, Pepetela publicou *A revolta da casa dos ídolos*, em 79, cujo episódio da história política de Angola no tempo da colonização foi o pretexto de contestação do poder dos dirigentes frente a uma nação. Peças contestadoras, *Arena* e *A revolta* indicam lutas e frustrações de países independentes, mas sufocados pela opressão de um sistema imposto. Peças teatrais produzidas em espaços e tempos distintos, mas detentores de semelhanças e dessemelhanças que serão investigadas à luz do comparativismo literário.

Entre o papel e o *ipad*: a tematização das tecno-imagens na literatura e no cinema ANDERSON GOMES (UFRRJ)

Ao considerarmos as principais questões que norteiam os discursos ficcionais em diferentes gêneros, é notório que entre as várias temáticas que permeiam o mundo contemporâneo, o papel da imagem técnica parece ter se tornado central para melhor compreendê-lo. Não precisamos ir às cavernas de Lascaux para entendermos como as imagens sempre estiveram presentes em sociedade. Entre suas inúmeras funções, as imagens servem como formas de representar o mundo e assim lançar os indivíduos num exercício de percepção e discussão sobre o tempo/lugar factual em que vivem. Contudo, a imagem também pode servir como ponto de partida para o homem se lançar na construção de mundos possíveis, além do palpável e cotidiano, estabelecendo uma conexão direta (e até mesmo etimológica) entre ‘imagem’ e ‘imaginação’. No entanto, com a imagem técnica observamos uma mudança na perspectiva através da qual o homem se relaciona com a linguagem visual. Através da necessidade de artefatos elétricos e eletrônicos para confeccionar, acessar e reproduzir imagens, cria-se um vínculo indissociável entre a imagem e o aspecto técnico (que ultrapassa a configuração de um simples desenho, por exemplo) relacionado a sua existência. Esta presença massiva das imagens técnicas em inúmeros campos (ciência, entretenimento, informação etc) vem sendo instituída como rica fonte temática para narrativas literárias e cinematográficas. Diversos romances e filmes vem se debruçando em seus enredos sobre os efeitos que a profusão das imagens técnicas em sociedade tem não apenas sobre indivíduos com sua subjetividade particular, mas também sobre grupos sociais específicos. Neste trabalho, discutiremos como romances do gênero cyberpunk inaugurado por William Gibson, como “*Neuromancer*” e “*Reconhecimento de Padrões*” ilustram a ubiquidade das tecno-imagens e de como elas afetam a identidade individual. Autores contemporâneos como Philip K. Dick e Margaret Atwood também servirão para ilustrar esse topos. No cinema, o filme “*Brilho Eterno de Uma Mente Sem Lembranças*” (Michel Gondry, 2004) será utilizado para uma investigação sobre como o a tecno-imagem se relaciona ao discurso memorialístico, mesmo que acentue uma visão subjetiva sobre o passado. Outras obras como “*Cidade das Sombras*” (Alex Proyas, 1998) e “*O Show de Truman*” (Peter Weir, 1998) vão servir para ilustrar a maneira como a tecno-imagem

surge como vasto campo de estudo para discutir os diferentes discursos sobre o real. Assim sendo, as hipóteses que norteiam a elaboração deste plano de trabalho encontram em questões da imagem técnica e sua tematização por parte de narrativas (literárias e filmicas) metáforas privilegiadas da construção de sentido em diferentes esferas da experiência humana.

Entre o rosto e a máscara

LÍLIAN LOPONDO (USP/UPM)

O Fantasma da Ópera (Le Fantôme de l'Opera), novela francesa de autoria de Gaston Leroux, publicada em 1910, tem sido objeto de numerosas adaptações para o cinema e para o teatro. Tanto no primeiro caso como no segundo, a intertextualidade promove a reatualização do texto de Leroux e recontextualiza a ópera, como no caso de Don Juan Triumphant, de Mozart, do Fausto, de Gounod, de La Vie Parisienne ,de Offenbach, d'O Inferno; Amélia Qui ,de Verdi, Les Pêcheurs de Perles ,de Bizet, de Du weißt daß, meine Frist), de Weber e Lucia di Lammermoor, de Donizetti, dentre outras. Destacaremos, aqui, a versão de Andrew Lloyd Webber, Charles Hart e Richard Stilgoe para palco, representada no Phantom Theatre, em Las Vegas, em 14 de julho de 2010, com Anthony Crivello no papel do fantasma, Kristen Hertzberg no de Christine, Andrew Ragone no de Raoul e Joan Sobel no de Carlota Giudicelli e adaptação cênica a cargo de Paul Kelly. Tendo em vista os limites desta comunicação, ater-nos-emos a apresentar uma das possibilidades de leitura do trabalho de Webber, Hart e Stilgoe, enfatizando a questão dos duplos, cerne do projeto CAPES de pesquisa “Os desdobramentos do eu: o duplo na literatura e em outras manifestações culturais da contemporaneidade”, por nós coordenado, ora em desenvolvimento na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Para tanto, serão examinados os papéis das máscaras e dos espelhos, em contraste com o rosto, na formação da identidade das personagens centrais (Christine, Erik e Raoul), sempre em relação com os dois espaços em que transcorre a ação: o palco do teatro da Ópera de Paris e o mundo subterrâneo, habitado pelo fantasma. Os alicerces teóricos do trabalho encontram-se nas reflexões de Bakhtin acerca da interação entre o eu e o outro; nas pesquisas de Gustave Kobbé relativamente à ópera e nos estudos a respeito da constituição do sujeito na contemporaneidade.

A estética gótica na literatura e no cinema

ALEX SANDRO MARTONI (UFF)

O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre a representação da estética gótica na literatura e no cinema, salientando o modo como essa forma de expressão plástica e literária ecoa nas experiências vanguardistas ocorridas ao longo da história do cinema. Surgida ao longo da segunda metade do século XVIII como um dos modos de expressão da arte romântica, a estética gótica se singularizou pela construção de narrativas fantásticas, cuja ênfase recai na exposição de aspectos inquietantes ao leitor, tais como a descrição de um espaço atópico e a interpenetração de eventos macabros, que suscitam a hesitação do mesmo quanto às suas relações lógicas. Do ponto de vista plástico, o gótico germinou dentro do movimento alemão sturm und drang, estimulando o desenvolvimento de uma relação mística entre homem e natureza, que, em termos pictóricos, resultava na representação de um ambiente natural em grande escala, repleto de um forte contraste entre luz, sombras e cores. Ao longo da história do cinema, o desejo de explorar as potencialidades da linguagem cinematográfica – que era estimulado pelo desenvolvimento da arte moderna e dos aparatos técnicos – levou realizadores a buscar, na estética gótica, formas de experimentar modelos de construção cenográfica, de manipulação da fotografia e de estabelecimento do ponto de vista. Essa tendência, de caráter fortemente vanguardista, atravessa um arco histórico que tem início na avant-garde francesa, passa pelo expressionismo alemão e ecoa até os dias atuais nos trabalhos experimentais do realizador checo Jan Švankmajer. Longe de buscar uma adequação aos princípios normativos da estética gótica, o que realizadores como Jean Epstein e Jan Švankmajer obtiveram com suas respectivas incursões nesse campo artístico – através da adaptação que ambos fizeram de A queda da casa de Usher, de Edgar Allan Poe – foi uma experiência de vanguarda, na medida em que exploraram todo o potencial plástico e técnico do cinema na construção cenográfica, na sobreposição de imagens, na fotografia contrastante, na iluminação, no uso do som, nos movimentos de câmera e na montagem, claramente poética. O estudo dessas duas obras nos permite aprofundar as discussões pertinentes aos modos de realização da tradução intersemiótica, na medida em que ambos os realizadores buscam soluções inovadoras, no âmbito cinematográfico, para produzir equivalentes narrativos e plásticos ao texto-fonte.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 405

Mrs. Dalloway: das páginas de Virginia Woolf à tela de cinema
VINÍCIUS RANGEL BERTHO DA SILVA (UFF)

Londres, Maio de 1925. Virginia Woolf publica um dos romances centrais de sua obra ficcional, *Mrs. Dalloway*. A narrativa desta obra, que foge dos padrões estéticos tradicionais, é marcada pelo seu alto nível de descrição e por seu caráter não-linear. A trama gira em torno um dia no cotidiano de Clarissa Dalloway, uma dama da alta sociedade britânica, e dos conflitos que ainda permeavam Londres poucos anos depois do término da Primeira Guerra Mundial. Nossa comunicação busca observar o diálogo entre Literatura e Cinema a partir da adaptação que a cineasta Marleen Gorris fez de *Mrs. Dalloway* em 1997.

Narrativas cinematográficas e ideologia na contemporaneidade: uma análise de Shrek
MARIA JOSÉ RIBEIRO (FURB)

Este trabalho analisa a narrativa cinematográfica Shrek e sua relação com o aparato ideológico atual. Parte-se dos filósofos da Escola de Frankfurt, especialmente da obra de Walter Benjamin num percurso que aponta para as análises do crítico cultural contemporâneo Slavoj Žižek. Os contos de fadas que compõem a trama de Shrek 1 e Shrek 2 são contemplados nesta análise quanto a sua origem e simbologia. Aparentemente, Shrek faz uma crítica aos contos de fadas. No entanto, o desenho animado da Dreamworks representa perfeitamente o funcionamento ideológico atual. Com seu jogo de inversões e supostas críticas ao poder delineadas principalmente em suas alusões aos contos de fadas, Shrek, a exemplo de outras narrativas cinematográficas contemporâneas, reforça a ideologia dominante marcada pelo capitalismo global.

Novas mídias folhetinescas – o folhetim televisivo do século XXI
MARCELA SILVA DO NASCIMENTO (UERJ)

Quando em 1836, Sue publicou o primeiro folhetim, na França, a forma logo conquistou o público. Gênero novo, distinto do romance em volume, que se publicara até então, nascido das necessidades jornalísticas, o folhetim era um misto de romance e melodrama. Sua estrutura – que privilegiava o suspense (bem marcado pelo corte estratégico, no ápice da narrativa); as reminiscências e as retomadas; o enredo pouco complexo e a linguagem coloquial – aproximou o público da narrativa em fatias e transformou o folhetim em um fenômeno de vendagem. Mas não era a estrutura folhetinesca novidade em seu tempo: o folhetim absorve gêneros. A novidade está, porém, na mídia utilizada – o folhetim passa, a partir do século XIX, a um veículo de grande circulação, os jornais. Desde seus primórdios foi o folhetim considerado gênero menor, mas sua importância vai além – tão além que chega ao século XXI e incorpora a si, mais uma vez, uma nova mídia: a televisão. Seriados, miniseriados, novelas: são todos frutos do folhetim; são todos frutos da ideia de um jornalista francês de aliar mídia e arte, literatura e jornal. A estrutura se mantém: o entretenimento em fatias, o corte no momento de maior tensão, a mistura de narrativa e dramaturgia, o melodrama e seus tradicionais “ finais felizes”, as reminiscências e retomadas – enfim, todas as características folhetinescas encontram-se nesta nova forma de entretenimento. A arte brasileira, como sempre, não andou na contra-mão do sucesso: tanto no século XIX – quando veio a lume nosso primeiro folhetim (*O filho do pescador*, de Teixeira e Sousa, de 1843) quanto agora, quando nossas telenovelas e minisséries conquistam o mundo seguindo a mesma estrutura que nosso primeiro romancista seguiu no século XIX. Esta comunicação visa analisar o primeiro romance-folhetim brasileiro a fim de levantar na obra as estratégias do autor que aproximam, e muito, sua obra daquilo que vemos hoje nas telas das televisões.

Os conflitos teóricos, práticos e institucionais das relações interartísticas
ANTONIO HENRIQUES GONÇALVES CUNHA (UNICENTRO)

Os conhecimentos interartísticos são gerados e preservados em situações precárias nos seus patamares epistemológicos e socioculturais. Para reverter esse quadro de contraste entre a vitalidade das artes e o caos crítico teórico-prático também necessitamos questionar a inversão da direção tradicional das montagens institucionais, a fim de criar condições para a elaboração de uma "aísthesis" anterior à estética, que irá harmonizar concepções entre arte e não-arte e entre as artes.

Relações conflituosas entre estética e ética na adaptação fílmica de *Reparação* (atonement)

LUCIA FATIMA NOBRE (UFPB)

Centrada numa área interartística, a adaptação, como fenômeno, revela-se um terreno fértil para investigações comparativas. Nesse contexto, destacamos a adaptação fílmica do romance *Reparação* (Atonement), do escritor inglês Ian McEwan, com a finalidade de investigar o confronto entre estética e ética existente tanto no livro como no filme. Assim, para análise, recortaremos a última sequência fílmica, onde se evidencia acentuadamente o conflito dialógico entre estética e ética. Adotaremos uma postura eclética quanto à fundamentação teórica, porém daremos ênfase aos pressupostos apontados por Linda Hutcheon no que concerne às teorias da adaptação, da metaficção e de uma poética do pós-modernismo.

LITERATURAS AFRO-DESCENDENTES DA DIÁSPORA: ESTÉTICAS E ÉTICAS ENTRE CENTROS E MARGENS

Rosilda Alves Bezerra (UEPB)

Roland Walter (UFPE)

Elio Ferreira de Souza (UEPI)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 605

Violência e trauma: mapas do corpo negro

ROLAND WALTER (UFPE)

Para Édouard Glissant duas características principais da literatura pan-americana são: um “sentido de tempo torturado”, e “um sentido violento de espaço”. Perseguida pela “natureza assombrada do passado”, que faz com que, nas palavras de Wilson Harris, “a brutalização do lugar e das pessoas” seja complexamente ligada, “a poética do continente americano”, segundo Glissant, busca “a duração temporal”, ou seja, uma história não fragmentada que revela o que aconteceu e por que, constituindo desta forma um elemento fundamental para a reconstrução da consciência individual e coletiva. Desde o sistema econômico de plantação, o corpo negro brutalizado tem sido um campo de luta onde a origem se quebra no silêncio gritante das histórias, paisagens, identidades e vontades violentadas. A literatura da diáspora negra destaca que o (ab)uso do afro-descendente, pela/na economia racializada e racista da violação institucionalizada, continua sendo uma das razões pela errância neocolonial de muitos afro-descendentes. As imagens da mente e do corpo negro fragmentados, alienados e mutilados têm suas raízes no trauma da escravidão — um trauma fundador que desencadeia uma busca circular e retrospectiva do passado; uma errância entre lugares e espaços, terras e mares em busca de lares. Esse ensaio examina como a violência imposta no corpo negro e internalizada pela mente negra é representada pela literatura da diáspora negra com o objetivo de curar o trauma do passado e seus efeitos no presente.

Espaços de violência e do exílio social em *Ecos da minha terra*, de Oscar Ribas

MARCIO ROBERTO PEREIRA (UNESP-Assis)

O trabalho visa ao exame da obra de Oscar Ribas, *Ecos da minha terra*, a partir de uma poética de identidade com o negro e das experiências narrativas de personagens que participam de um espaço de exclusão, violência e exílio social. De forma geral, o livro trata da morte e da violência de maneira crua e sem idealizações. Ao propor uma análise dos contos de *Ecos da minha terra*, o trabalho aqui apresentado reflete sobre uma poética da exclusão que percorre os contos que compõem a obra, em diálogo com imagens e mensagens de luta pela sobrevivência. Dentre os contos analisados, “Damba Maria” será privilegiado por conter uma trajetória narrativa em que o personagem central sofre com a degradação. Tal experiência é marcada por imagens e mensagens do colonialismo e pós-colonialismo que circundam o espaço da narrativa.

Iabás em diáspora: o reviver mítico em Rotas de hibridação PATRÍCIA GOMES GERMANO (UEPB)

Ao tempo em que trânsitos intensificam-se, a literatura, refração dos constructos sociais, desvela-se como lócus para representação de vivências diaspóricas (HALL, 2003) em cujo cerne encontra-se balizadas a questão das alteridades e as interpelações de identidades que se comportam de um modo rizomático (DELEUZE & GUATARRI, 1992), interconectando e, principalmente, inconcluso. Participe dessa dinâmica de contrução-desconstrução-reconstrução, as identidades religiosas, antigos aportes para posicionamentos fixos, na contemporaneidade, apresentam-se, sobretudo, como práticas descontínuas cambiantes entre a fluidez e a movência (BAUMAN, 2001), entre o etnocentrismo e a intolerância. Este artigo procura observar como as divindades iorubás: Ojá e Obá são representadas na narrativa ficcional *Ao Sabor de Ojá* (2003) – da autora brasileira Cléo Martins, com foco na análise de como a mitologia iorubana, na diáspora brasileira, negocia inusitadas formas de pertencimento ancoradas numa hibridação religiosa. Para tanto, os estudos de Prandi (2006) e Bastide (2000) servirão de suporte para os aspectos voltados à mitologia queto-nagô e os enfoques sobre a errância identitária de Hall (2005) e Bhabha (1998), entre outros, serão o esteio para pensar a fluidez identitária. PALAVRAS-CHAVE: literatura, religião, diáspora, mitologia ioruba.

Notas em torno de uma arte negra, estranha e oposicional: espaço, memória e resistência em Ponciá Vicêncio DENISE A. SILVA (URI)

Propõe-se uma leitura de *Ponciá Vicêncio*, da autora negro-brasileira Conceição Evaristo, levando-se em conta as interseções entre espaço, memória e identidade, e, em particular, o papel da memória e da arte como agentes construtores da identidade cultural. Embasa-se o trabalho na concepção da estética da negritude da escritora e intelectual afro-americana bell hooks. Enfatiza-se que, para além da dimensão espacial, o sentido de lugar possui dimensão humana, hooks aponta para lugar como um ponto de entrecruzamento, de “atravessamentos”, atrelados a uma dimensão histórica que remete, também, a uma política da memória. Distingue entre nostalgia, o desejo saudoso de retorno ao passado, e rememoração, que entende como processo de iluminar e transformar o presente a partir do passado. A dupla experiência de apego ao passado e a busca, a partir dele, de novo conhecimento e experiência, leva à invenção de espaços de abertura radical que se constituem em margem, localidade central para a produção de discurso contra-hegemônico, não fundamentado em palavras, mas em modos de ser e de experimentar a realidade – eis por que a estética da negritude há de ser estranha e oposicional. Para a teórica negra, uma estética da negritude deve ser prática – capaz de transformar o presente a partir de novos modos de perceber a realidade e da rememoração criativa do passado – e sensível a formas engajadas em uma política ou enraizadas em um vernáculo – histórica, enfim. Mais do que uma filosofia ou teoria da arte e da beleza, é modelo para habitar o espaço, uma localização particular, e um modo de olhar e tornar-se; compartilhar com a comunidade marginal o senso de agência que essa arte oferece, torna-se fator de empoderamento. Semelhantemente, ao comentar a literatura negro-brasileira, Cuti (2010) enfatiza o papel da localidade na construção da identidade e da beleza: a produção literária terá vieses diferentes por conta da subjetividade que a sustenta e do lugar sociológico de onde é produzida. Segundo o crítico, frente a qualquer identidade é necessário pensar-lhe as motivações e os impedimentos projetados no texto, pois elucidam aquilo que expõem, camuflam e/ou conseguem extrair de beleza. Na esteira dessa concepção prática e libertária de uma estética marginal negra, a leitura de *Ponciá Vicêncio*, procurará demonstrar como a protagonista, abandonando postura passiva, reinventa-se a partir da recuperação dos espaços e memórias da infância, em especial as ligadas ao barro, matéria prima a partir da qual reata e reinterpreta, imaginativa e criativamente, elos que a unem não só a seu próprio passado e família, como ao dos negros escravos.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 605

Resistência, identidade e memória em *A última tragédia*, de Abdulai Sila, *As mulheres de meu pai* e *O vendedor de passados*, de Agualusa
ROSILDA ALVES BEZERRA (UEPB)

As diferenças raciais não se constituem como único modo de ser da identidade, pois segundo Hall (2003), sempre se está negociando diferentes tipos de diferenças, por não existir garantia, quando procuramos uma identidade racial essencializada da qual pensamos estar seguros, de que esta sempre será mutuamente libertadora e progressista em todas as outras dimensões. Em *Os condenados da terra* (1968), Fanon esclarece o papel do negro colonizado que, ao superar o medo imposto pela violência do colonizador, tomando consciência de sua força revolucionária, passa a combater as mazelas desencadeadas pelo capitalismo colonial. Esses aspectos mantêm relações diretas com os eixos mencionados por Hall (2003): o deslocamento dos modelos europeus da alta cultura; o surgimento dos EUA como potência mundial e a descolonização do Terceiro Mundo, marcado culturalmente pelo impacto dos direitos civis e as lutas negras pela descolonização das mentes dos povos da diáspora negra. O objetivo desse trabalho é investigar o contexto diaspórico em *A última tragédia*, de Abdulai Sila, no período anterior à independência da Guiné Bissau, retratando o cotidiano da capital e do interior de seu país, e dos conflitos entre a mentalidade de colonizador e colonizado. Em termos de construção de identidade e memória analisaremos *As mulheres de meu pai* e *O vendedor de passados*, do angolano Eduardo Agualusa, percebendo o modo como essas narrativas recriam a africanidade da diáspora negra através da memória e da identidade, na qual se pode compreender de um outro modo o passado e o presente.

De enganos, sedução, apagamentos e lutas: o caminho da mulher negra em busca de sua identidade
ROSA MARIA SANTOS MUNDIM (UNILESTE/MG)

No trabalho, pretende-se analisar o caminho longo e doloroso percorrido pelas mulheres afro-descendentes nas páginas da literatura brasileira, em busca de sua identidade e de um papel real na sociedade, como protagonistas de sua história. Por uma leitura de narrativas de épocas passadas, percebe-se que elas nem mesmo tinham o direito de possuir voz própria, pois têm vida ali somente graças à imaginação de autores do sexo masculino, como se pode ver, por exemplo, na figura romântica e idealizada da escrava Isaura; ou na sedução exercida pelo corpo escravo feminino sobre a imaginação do homem branco, destacada nos textos de Gilberto Freyre, e que tem na figura da Nega Fulô um símbolo de representação perfeito. Já no começo do século XX, talvez seja duvidoso considerar como real avanço, nessa caminhada, a vitimização quase consentida da mulata do subúrbio Clara dos Anjos, criada pelo escritor mulato e também marginalizado Lima Barreto. Mesmo em nosso tempo, quando já falam pela própria voz, as mulheres afro-descendentes destacam-se, nos seus escritos, por apontar discriminações e preconceitos enfrentados em seu próprio meio. Assim revelam, agora com mais segurança, uma atitude de luta, de um esforço para que sejam vistas como seres de desejo e vontade, capazes de ocupar um espaço definitivo, do qual desde muito tempo já seriam merecedoras.

De famílias e águas: as identidades atlânticas de Bernardine Evaristo em *Lara*
SEBASTIÃO ALVES TEIXEIRA LOPES (UFPI)

Lara (1997) é o primeiro romance poético de Bernardine Evaristo. Em 2009, *Lara* é republicado, agora revisado e expandido em cerca de um terço em relação ao material anterior. Seu romance é considerado semiautobiográfico. Como a autora, *Lara*, personagem principal da narrativa, é inglesa, filha de pai nigeriano e de mãe inglesa. Narrada em forma poética, perpassando continentes, gerações e culturas, trata-se de uma comovente história de busca, descobertas e impossibilidades, memórias e esquecimentos, história oficial e reescritura histórica. Para o presente ensaio, sobre as identidades atlânticas de Bernardine Evaristo em *Lara*, transito por basicamente três vertentes da crítica literária: pós-moderna, pós-colonial e afrodescendente. Parto de alguns argumentos preliminares: a) Através de uma narrativa com ampla inspiração autobiográfica, *Lara* resgata e ressignifica parte da história dos negros na Inglaterra; b) através da revisita ao Atlântico Negro, a autora demonstra que o passado não passou, ou seja, continua importante e se fazendo presente nas identidades e posicionamentos sociais da Europa, África e América contemporâneas; c) o hibridismo cultural, com seus conflitos e fricções, é um fenômeno social antigo, que faz parte da história da humanidade, impedindo a existência das ditas culturas ou nacionalida-

des puras; e d) identidades são construções móveis, dinâmicas, instáveis, em eterno processo de resignificação. Como suporte teórico recorro a Papastergiadis, Bhabha, Gilroy e Hall, dentre outros.

Violência, gênero e diáspora na curta ficção africana de língua portuguesa

KLEYTON RICARDO WANDERLEY PEREIRA (UFPE)

Atualmente as diversas culturas que compartilham da experiência híbrida do mundo globalizado, de identidades culturais não fixas, espaços de encontro e confronto e negociação, entrelaçamento de culturas, emergem em toda parte. Mas ao contrário do que pensa o senso comum, tais relações de poder dificilmente simétricas não se configuram pacificamente; pelo contrário, violentamente, se estabelecem em entrelaçamentos de valores, culturas, ideias e combinações num eterno processo de negação, assimilação, revisão e reapropriação cultural. As produções literárias das áfricas lusófonas, enquanto criações ficcionais, possibilitam aos leitores enxergarem a reação contras os paradigmas socioculturais herdados na problemática do colonialismo europeu e a inserção de um discurso que, através da linguagem literária, têm raízes profundas na realidade social, compondo um inventário mimético que reflete na formação psíquica e emocional da sua sociedade contemporânea, liberto da perspectiva exótica. Assim, como outras realidades possíveis, textos literários se articulam e negociam na (re)construção das diversas identidades a partir de interconexões e interpenetrações de um sistema de representação sociocultural em espaços heterogêneos, comunidades imaginadas, que procuram sempre resistir ao silenciamento das diferenças culturais exercida através das diversas formas de imposição e poder cultural. Nas literaturas da lusofonia, a questão da migração, um dos seus principais temas, ainda é uma grande ferida nos estudos críticos do pós-colonial e é, por certo, aquele do qual se alimentam as literaturas africanas de maneira geral, não apenas as de língua portuguesa. São elas, as identidades diaspóricas, que, no dizer de Hall, constantemente se produzem e reproduzem de novo com e através da transformação e da diferença. Assim, o conceito de diáspora, de acordo com Brah, está centrado nas configurações de poder e, por isso, o que está em jogo são os vários processos de fissura e fusão cultural que sustentam as novas formas de identidades (trans)culturais. Nas ficções das áfricas lusófonas, essas mesmas experiências são vivenciadas de maneiras diferentes e podem provocar reações as mais diversas, tanto naquele que retorna ao seu lugar de origem quanto nos que o recebem. Assim, neste artigo, procuro analisar e comparar a denúncia da violência física e cultural, a representação de gênero e a questão da diáspora em contos das escritoras Lília Momplé, Margarida Mascarenha e Orlanda Amarílis. Para tanto, faço uso dos trabalhos críticos sobre identidade e diáspora de Hall (2003; 2000; 1998), Bhabha (2003), Brah (2003; 1998), Cancian (2007) e Hua (2005); bem como os trabalhos mais específicos sobre a produção literária africana de língua portuguesa de Chaves (2005), Gomes (2008), Ferreira (1987), Venâncio (1993), Santilli e Flory (2007) e Tutikian (1999; 2006).

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 605

Poesia negra, jazz e capoeira: o canto, a performance e a memória do corpo

ELIO FERREIRA DE SOUZA (UESPI)

A partir do estudo da poesia negra, faço um paralelo entre literatura, jazz/blues e a capoeira. Destaco a estética, a temática, a função social e política da Literatura Afro-descendente, do jazz e da capoeira. As estratégias da negação na capoeira e sua migração para a escrita literária da diáspora africana. Mapeio semelhanças e diferenças na performance do poeta negro, do jazzista e do capoeirista, que evocam a memória gestual do corpo em relação com o narrar, o canto, a dança, a luta, a ginga, a trama, a dissimulação, a esquiva e o ataque, a intervenção. Falo da poesia, da capoeira e do jazz como cultura de resistência e deslocamento de estereótipos e preconceitos raciais. Discorro sobre a gênese, criação/recriação e difusão do jazz inventado pelos afro-norte-americanos e a capoeira, esta criada no Brasil pelo cativo africano, banto ou bantu. Ênfase no canto de “chamada e resposta”, co-réplica (call-response) da tradição africana e da herança griot, cujos modelos estéticos e argumentos criativos migraram para as canções, cantigas e para a poesia afrodescendente das Américas. Assim, a sociedade comunal definiu a antifonia dos cantos tribais africanos, este narrar traduz a intercomunicação e a ação dialógica e solidária entre os membros do grupo, significando a interação participativa da coletividade durante a celebração de cultos aos deuses, à natureza, aos ritos de iniciação, passagem ou intervenção, representados pela narrativa oral, poemas, cantos e canções que convocam à epifania da poesia e sua enunciação: a música, a dança, a performance, a ação gestual do corpo, a façanha de contar uma história, o encantamento, a sedução, a perversão. Palavras-chave: Literatura Afro-descendente. Poesia negra. Jazz. Capoeira.

Lucy e Ponciá Vicêncio – crescer nas margens. Uma comparação entre os romances de Jamaica Kincaid e Conceição Evaristo
LORENA SALES DOS SANTOS (UnB)

O artigo tem por objetivo comparar a trajetória das personagens Lucy, do romance homônimo de Jamaica Kincaid (1990), e Ponciá Vicêncio, do romance também homônimo de Conceição Evaristo (2003), observando as aproximações e distanciamentos dos percursos das duas protagonistas, meninas negras, oriundas de sociedades que são ex-colônias e que se estabelecem sob o signo do sistema patriarcal. Em paralelo a essa comparação, o artigo pretende também observar nos romances as características que possibilitam identificá-los como Romances de Formação Pós-coloniais contrastando-os à forma clássica desse gênero. Para tanto serão utilizados conceitos das áreas dos Estudos de Gênero, Estudos Pós-Coloniais e dos estudos dos Bildungsroman tradicionais e pós-coloniais. Palavras-chave: Gênero – Pós-colonial – Bildungsroman – Literatura Comparada

Território das permeabilidades: as narrativas e a instituição de sujeitos em Férrez, Paulo Lins e Agualusa
CARLOS ALBERTO DE NEGREIRO (IFRN/UEPB)

Se a literatura pode ser vista como a instauradora de mundos e a escritura como forma de ação no mundo – ela constituiria um território das permeabilidades – em que o sujeito é uma hermenêutica de si e do outro. As narrativas contemporâneas Capão Pecado, de Ferréz (2000), Cidade de Deus, de Paulo Lins (1997) e O ano em que Zumbi tomou o Rio, de José Eduardo Agualusa (2002), trazem as experiências de vida dos autores, as suas próprias lembranças e afetos de tempos idos de suas existências: “sou eu que conto” – essa figura não tem interesse no “puro em si”, mas sim, “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (BENJAMIN, 1993). Esses escritores construíram uma “literatura” que expressa uma “voz marginal”. O universo da “periferia” – é um lugar onde se faz por um princípio: a narrativa – contam-se narrativas do lugar para se contar as narrativas dos sujeitos, aqui denominamos esse processo escrita-lugar. O narrar é uma forma de nos conhecer, de acessarmos o mundo por meio da experiência de vida. Se o “presente é um momento de perigo” (BENJAMIN, 1995), nós nos confrontamos nele, ele nos transtorna. Referências do mundo dos homens perfazem a organização do “orbe”, do mundo, formado pelo que é narrado. Esse mundo é uma consequência do ato de narrar (RICOEUR, 2010, 1991), cria-se um mundo, esse mundo é justamente o que proporciona o caráter “substantivo”, ou melhor, os processos de subjetivação daqueles que povoam os lugares e se contam na escrita-lugar. A escrita-lugar seria aquilo que cria uma proposição de mundo – transtornado, de mundo modificado, aquilo que é escrito se dá escrita, porém incide sobre o processo de constituição desse sujeito. Assim, o texto é lugar do conflito, pois se existe diante do texto, no movimento que já é o da leitura, o sujeito ao se narrar, lê-se, não existe além-texto ou por-trás do texto, mas diante do texto – este é o confronto (RICOEUR, 1988).

Dândi e o marginal: a exclusão do negro revelada em a alma encantadora das ruas do afrobrasileiro João do Rio
FRANCÍLIO BENÍCIO SANTOS DE MORAES TRINDADE (IFMA)

O dândi e o marginal: a exclusão do negro revelada em A alma encantadora das ruas do afrobrasileiro João do Rio Neste estudo, pretende-se analisar o excluído nas crônicas de A alma encantadora das ruas (1908), de João do Rio (Paulo Barreto). Para isso, há uma necessidade de perceber as tensões sócio-históricas no Rio de Janeiro em plena Belle Époque. A identidade cultural construída nesta Cosmópolis sob o olhar do flâneur é registrada através de uma relação entre o intelectual, dândi e o excluído, marginal, essas investigações torna-se a matéria-prima de suas crônicas reportagens. Para a realização dessa pesquisa estudou-se a obra de alguns autores como Brito Broca, Flora Sussekind, Orna Messer Levin, Raúl Antelo, Geremek, Raymundo Magalhães Junior, Stuart Hall, Frantz Fanon, Édouard Glissant, Henrique Cunha Jr., Clóvis Moura, Kabengele Munanga, Zilá Bernd, Alfredo Bosi, Pierre Bourdieu, Antonio Dimas, Antonio Candi-do, Massaud Moisés, Alfredo Bosi, Nicolau Sevcenko, Homi Bhabha, José Murilo de Carvalho, Ângela Prysthon, Mônica Velloso, Walter Benjamin, Renato Cordeiro Lopes, Oscar Wilde, Baudelaire, Lord Byron entre outros. PALAVRAS-CHAVE: Dândi e Marginal, Belle Époque carioca, João do Rio, literatura afrobrasileira e afrodescendente, A alma encantadora das ruas

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 605

Por um descentramento ético do negro: Esmeralda Ribeiro, Oliveira Silveira, Socorro Coelho e Solano Trindade
SUELI MEIRA LIEBIG (UEPB)

Alguns autores afro-brasileiros, como Esmeralda Ribeiro, Oliveira Silveira, Socorro Coelho e Solano Trindade, sentindo a necessidade de redesenhar, reinventar e reescrever a literatura nacional a partir da sua própria ótica, têm se utilizado da réplica às obras tidas como canônicas, no sentido de refutar certas premissas tidas como verdadeiras, centradas sobretudo numa filosofia monocentrista ocidental branca/ cristã/ masculina. Procuram, desta forma, questionar o sujeito-criador e a flutuação da verdade e almejam à queda das hierarquias enraizadas no poder em consequência de um descentramento ontológico e ético. Desta forma, o presente estudo se propõe a analisar obras destes autores que, reescritas a partir da sua visão singular, resultam num simulacro divergente, crítico e produtivo, no qual o ser humano negro passa de sujeito a agente do seu próprio destino. Palavras-chave: Descentramento Ético; Negro; Cânone; Margens; Recepção Produtiva

Estética da agonia: Tobias Barreto, Cruz e Sousa e Lima Barreto na literatura logocêntrica brasileira dos séculos XIX e XX
ANELITO DE OLIVEIRA (UNIMONTES)

Partindo do pressuposto de que a literatura afrodescendente brasileira carece de uma fundamentação teórica que torne compreensíveis suas invariantes, esta comunicação propõe abordagem de Tobias Barreto, Cruz e Sousa e Lima Barreto como executores de uma "partilha do sensível" (Rancière), da totalidade que se entende por "estética", caracterizada pelo "agon", pelo conflito, configurando-se, no limite, uma "estética da agonia" em suas obras, procedimento que constituiria uma referência precisa de radicação do sujeito na cultura africana. Figuras da margem do país e da nação, estigmatizadas pelos seus contemporâneos como exóticos ou mesmo intratáveis, os três escritores seriam exemplares de uma relação dramática com a própria literatura brasileira em função dos valores logocêntricos cultivados por seus autores centrais objetivamente desde o Arcadismo, ou seja, valores cultivados em nome da civilidade, da ordem e do progresso.

A ideia de processo no conceito de criouliização: primeiras hipóteses
ALCIONE CORRÊA ALVES (UFPI)

O conceito de criouliização, na formulação proposta por Édouard Glissant, tem oferecido uma base teórica frutífera a pesquisadores dedicados a compreender “os fluxos conjuntivos e disjuntivos das transferências culturais e seus resultados: novas formas e práticas culturais fractais entre fronteiras permeáveis” (WALTER, 2008). Uma fortuna crítica permitiria perceber que trabalhos acadêmicos recentes de pesquisadores brasileiros (inclusive a tradução de *Introduction à une poétique du Divers* por Enilce Albergaria Rocha) optam amiúde por traduzir o conceito de *Étant* por *Sendo*, com vistas a compreender o caráter processual inerente ao conceito de criouliização. Contudo, Roland Walter (2008) é levado a pensar não em termos de Ser/Sendo, mas de *being/becoming*, ao passo que Maria Bernadette Velloso Porto (2008), em artigo sobre a obra de Ernest Pépin, opta por *Devir*. Ambos os casos, a princípio, parecem representar um ganho de análise em relação a outros trabalhos paradigmáticos da comunidade acadêmica brasileira em torno do tema. A presente comunicação pretende, portanto, investigar em que medida o termo *Devir* se mostra uma tradução – e consequente apropriação – mais adequada ao conceito de Glissant quando comparada a *Sendo*, alternativa cujo uso oferece elementos a uma hipótese norteadora: o caráter gerundivo do verbo ser não compreenderia a complexidade do *processo* enquanto um dos elementos centrais ao conceito de criouliização. Em lugar da oposição Ser/Sendo, esta comunicação propõe que a oposição Ser/Devir mostra-se mais frutífera haja vista a oposição em inglês *being/becoming*, bem como a presença de *Devir*, seja verbo ou substantivo, em alguns dos autores basilares às formulações de Glissant (tais como Gilles Deleuze e Jacques Derrida), assim como em suas respectivas traduções em português brasileiro. Nas etapas posteriores de desenvolvimento desta pesquisa, caberá indagar quais as consequências do uso de *Sendo* em interpretações construídas pela comunidade científica brasileira com base no pensamento de Glissant, em suas análises da literatura antilhana de língua francesa, bem como explicitar os conceitos de *comunidade científica* e *paradigma* a fim de aprimorar o domínio do que se entende aqui por

“comunidade científica brasileira em torno dos estudos literários interamericanos” e estabelecer, destarte, um problema epistemológico relevante. Cabe, por fim, destacar a afinidade desta comunicação à Tese de Doutorado em andamento, intitulada “Francofonia(s) e seus lugares de enunciação: estudo crítico do conceito”, com previsão de defesa em março de 2012.

A casa dos exílios ou os olhos nublados da solidão

JAIR ZANDONÁ (UFSC)

O presente trabalho tem por objetivo analisar os contos *A casa dos mastros* e *Maira da Luz*, da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis, a partir da noção de deslocamento/exílio das personagens, e o sentido como as ilhas (do sujeito e territorialias) são exploradas nesse contexto através do movimento da memória. Como eixo para este estudo, pretende-se investigar as diferentes formas de exílios vivenciadas pelas personagens, especialmente as femininas.

LITERATURAS EM TRÂNSITO, TEORIAS PEREGRINAS II

Isabel Jasinski (UFPR)

Luis Alberto Brandão (UFMG)

Gustavo Rosas Augusto Laranja (Universidade Positivo)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 503

Nomadismo, língua e escritura em *Os Nomes de Oran*, de Hélène Cixous

PATRICIA RODRIGUES ESMANHOTO (UFPR)

A presente comunicação pretende apresentar a questão do nomadismo na escritura da escritora judia, de origem argelina e alemã e de fala francesa, Hélène Cixous, a partir da análise do texto *Les Noms d'Oran* (2003). Nesse texto, Cixous retorna à sua cidade natal na Argélia e nos leva em uma peregrinação por ruas e paisagens que associa as línguas de sua infância - francês, alemão, árabe e hebraico - à natureza, aos odores e aos alimentos, os quais estão, por sua vez, inextricavelmente associados às palavras. É um percurso de riquezas recordadas, mas também de luto pela perda dos "tesouros sonoros" que o saber (o aprendizado do significado corrente das palavras) provoca de maneira irreversível. A escritura de Cixous, autora literária inédita no Brasil, é marcada pelas questões do multilinguismo (comum a toda literatura magrebina ou a autores de origem magrebina exilados em outros países, como é o caso dela), do exílio, da memória, do nome, do estrangeiro e da hospitalidade. Nesse sentido, é preciso lembrar que Cixous manteve um íntimo diálogo de 40 anos com o filósofo Jacques Derrida, também judeu franco-argelino, sobre todas estas questões, tendo ambos escrito sobre a obra do outro ou, ainda, obras em parceria. O nomadismo existencial de Cixous, dividida entre vários países, culturas e línguas, acaba por fazer das línguas seu único "território", para além de qualquer nacionalidade. Na sua escritura, há uma paixão pelo intraduzível das línguas, intimamente ligado ao aspecto da oralidade intrincada na escrita, assim como ao da opacidade (linguística e cultural) - ao direito à opacidade que ela, tal como Édouard Glissant, reivindica à literatura, ao saber e às relações culturais e humanas.

Um novo tempo, um Novo Mundo: Vieira e a história em movimento

PATRICIA DE FREITAS CAMARGO (FFLCH-USP)

Entre a ortodoxia e a heresia, entre a metrópole e a colônia, entre a vida da Corte e a vida da Ordem, entre o passado e o futuro, entre a razão e a experiência: estes são alguns dos trajetos

percorridos pelo Padre Antônio Vieira durante a elaboração de sua História do Futuro (1718), ruína de um projeto histórico-retórico monumental. Pretendemos analisar neste trabalho o modo no qual esses trajetos aparecem no Livro Anteprimeiro dessa História – que é apresentado pelo próprio Vieira como “Prolegômeno a toda a História do Futuro, em que se declara o fim e se provam os fundamentos dela” – como elementos constitutivos de um gênero de discurso em vias de (trans)formação.

Migração e errância nas narrativas de Graciliano Ramos e John Steinbeck SUÊNIO STEVENSON TOMAZ DA SILVA (UFPB)

A migração sempre esteve presente na história humana. É possível dizer que o mundo se moldou através dos deslocamentos de pessoas de um país ou de um continente para outro. A necessidade de migrar também ocorre dentro dos limites de um território nacional no intuito de buscar melhores condições de vida. Nessa direção, pretendemos estabelecer um diálogo entre Vidas Secas (1938) do brasileiro Graciliano Ramos e The Grapes of Wrath (1939) do norte americano John Steinbeck. A possibilidade de comparar as obras desses autores reside, em especial, no fato de ambos serem categorizados como modernistas e escritores socialmente engajados. Coincidentemente, as “narrativas em trânsito” a serem analisadas, contam as histórias de duas famílias que erram em condições subumanas, fugindo das dificuldades de suas terras de origem na busca de novas oportunidades em outros espaços. Uma família foge da seca do nordeste brasileiro rumo ao sul do país. A outra migra de Oklahoma para Califórnia impulsionada pela Depressão (crise econômica que solapou os Estados Unidos na década de 30). Durante os percursos, as personagens são exploradas e oprimidas de várias formas, o que faz do deslocamento uma experiência difícil. Assim sendo, nossa análise focalizará a jornada épica de duas famílias oriundas de contextos culturais distintos, mas que partilham da mesma condição de errantes. Palavras-chave: Literatura em Trânsito. Migração. Errância. Consciência Social.

Oriente/Ocidente: memórias da imigração no relato de Salim Miguel ANA CLÁUDIA DE OLIVEIRA DA SILVA (UFSM)

Na cena literária contemporânea são recorrentes as narrativas que elegem a imigração como tema. São exilados, imigrantes ou desterrados que, de uma situação periférica, passam ao centro da narrativa, assumem a narração do relato e contam sua própria história. Além disso, a figura do exilado e sua representação no espaço literário põem em evidência uma complexidade e uma pluralidade de olhares. Isso ocorre por que o imigrante, além de atravessar fronteiras geográficas, “rompe barreiras do pensamento e da experiência” (SAID, 2003, p.53) ao transitar entre duas culturas diferentes. Assim, ele adquire uma consciência contrapontística, de dimensões simultâneas, pois suas experiências na nova terra ocorrem contra o pano de fundo da memória de sua vivência em outro ambiente. Nesse cenário, de travessia entre mundos, culturas e tradições, é que se inscreve a narrativa de Salim Miguel, bem como a sua própria experiência de vida enquanto imigrante árabe. Nur na escuridão (1999) conta a história de uma família de libaneses que decide abandonar sua terra natal e emigrar rumo às Américas, buscando melhores condições de vida. A travessia dessa família entre mundos tão distintos, como são o Oriente e o Ocidente, constitui-se como marca indelével no modo de ser e sentir das personagens e do próprio narrador. A história é contada por meio de um intrincado jogo memorialístico, que alterna fatos, tempos e lugares, desde a saída desse grupo familiar de sua terra de origem e chegada ao Brasil até a morte do patriarca Yussef Miguel. Nur, palavra árabe que em português significa luz, será a primeira palavra aprendida no novo País pelo patriarca: “palavra que jamais esqueceria e [que] lhe abre as portas do novo mundo” (p. 2). A luz será uma busca constante em meio à escuridão do passado, das memórias incompletas, perdidas no “mais fundo do tempo”, no “escuro abismo” (p. 15). Esforço empreendido não apenas pelas personagens que rememoram, mas também pelo narrador do relato, que procura tecer, harmonicamente se possível, as memórias dispersas dessa família de imigrantes. A partir dessas considerações iniciais, este trabalho busca verificar na narrativa a função do narrador e sua relação com o discurso memorialista sem esquecer a temática da imigração e do deslocamento, visto que eles constituem-se, mesmo que de forma transversal, em chave de leitura.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 503

Entre transculturalidade e moradia fixa: a representação do espaço brasileiro em obras de Ulrich Becher RUTH BOHUNOVSKY (UFPR)

No seu livro *Literaturen ohne festen Wohnsitz* (literaturas sem moradia fixa), Ottmar Ette diferencia entre as práticas mono- inter- e transculturais, e entre as mono-, inter- e translinguais (2005: 21), para sistematizar as possíveis representações da alteridade em escritas literárias que transitam entre línguas e culturas diversas. Enquanto uma prática mono- ou intercultural e/ou mono- ou interlingual se baseia numa clara delimitação entre diferentes universos culturais e/ou linguísticos, uma prática transcultural e/ou translingual impossibilitaria tal separação, já que se caracteriza por constantes ligações transversais entre esses universos, sem definir limites claros. Partindo desses conceitos, analisamos a representação do espaço social e linguístico brasileiro em obras selecionadas de Ulrich Becher – autor de língua alemã que viveu exilado no Brasil entre 1941 e 1943. Definimos o Romancista brasileiro – escrito pelo referido autor sob a influência concreta da experiência de exílio e do seu estranhamento frente à alteridade cultural – como um exemplo de uma obra literária em trânsito, de caráter transcultural e translingual. Nesta obra, a voz do eu lírico e do próprio autor não apenas cedem espaço para a voz do outro, mas se entrelaçam com perspectivas narrativas e práticas discursivas desse outro de uma tal maneira que torna-se impossível definir limites - provocando assim uma irritação da dominante representação do Brasil em escritas e discursos europeus da época. Porém, obras escritas depois da volta de Becher à Europa (Makumba; Samba) evidenciam uma volta também a modelos altamente estereotipados de representação de alteridade cultural, criados e alimentados por representações anteriores do Brasil e marcadas pela voz do europeu com poder de interpretação em relação ao outro que é sempre diferente. Assim, a fase “em trânsito” na vida do autor Ulrich Becher coincide com a produção de uma obra literária “sem moradia fixa”, enquanto a volta à Europa traz consigo também a volta a uma literatura “de moradia fixa”, que levanta e confirma supostos limites claros entre universos culturais e linguísticos. É interessante mencionar ainda que as condições de recepção das obras aqui analisadas de Ulrich Becher nos países de língua alemã nas décadas pós-guerra foram bem mais favoráveis àquelas que definimos como interculturais e –linguais, a serviço de uma prática representativa que satisfaz as expectativas do leitor/espectador quanto à sua própria superioridade cultural e diferença clara em relação ao outro, neste caso, o brasileiro. Tais condições de recepção das obras discutidas também serão abordadas na comunicação.

Entre outros mares e terras: metáforas do exílio em narrativas de Joseph Conrad FERNANDA MOTA PEREIRA (UFBA)

Nos contos “Juventude” e “Amy Foster”, de Joseph Conrad, figuram personagens cujas vidas no mar e na terra, respectivamente, são marcadas pelo exílio, abarcando traços presentes no desenho da história do próprio autor e de uma memória cultural, representada na literatura anglófona, nos quais podem ser identificados, por extensão, aspectos da ficção moderna. Com base nessas duas narrativas, objetiva-se refletir sobre o exílio na literatura como um lugar para a narrativização de experiências sob o signo da exclusão involuntária - a que é submetido o sujeito, forçosamente, desenraizado, à guisa das “Reflexões sobre o exílio” de Edward Said - e voluntária, quando o deslocamento é uma opção, motivada por fatores como a busca de vivências no mar e em outras terras, arraigada ao desejo de adentrar os profícuos labirintos da alteridade.

Lições de Sevilha: a reconstrução do espaço espanhol na obra poética de João Cabral de Melo Neto NYLCÉA THEREZA DE SIQUEIRA PEDRA (UFPR)

Henri Lefebvre no seu estudo *La production de l'espace* (1974) afirma que o espaço, antes de ser uma representação do absoluto geométrica e tecnicamente entendido, é uma vivência social. Nele se conjugam um espaço físico, um espaço mental e um espaço social constituídos pela construção, percepção e interação de um eu e de um outro. Tomando os conceitos de Lefebvre para pensar a construção do espaço físico espanhol – especialmente o sevillano – nos textos poéticos cabralinos, podemos atribuir ao lugar de encontro do eu-poeta com o espaço-outro o estatuto de lugar de mediação. Viver os espaços parece ser condição *sine qua non* para que eles possam vir a fazer parte do imaginário poético de João Cabral. E é neste sentido que o verbo *habitar* recebe um significado bastante contundente em sua obra. Habitar é fazer parte, ocupar, é viver um lugar. Etimologicamente, é criar um *habitus*, no qual a constância é fundamental para a conquista da intimidade. Assim, se somos naturalmente habitantes de onde nascemos, precisamos fazer-nos habitantes do lugar para onde vamos e esta relação de hábito só se constrói na vivência deste espaço social que aponta Lefebvre, isto é, no encontro íntimo com o espaço geográfico, com as pessoas, com o modo de viver característico deste lugar. Esta é a lição de Sevilha ditada pelo poeta. Passar pela cidade é registrá-la como *turístico-anedótica*, atendo-se unicamente a seu *museu e catedral*. Aprender as “Lições de Sevilha” é habitá-la, para conhecê-la no seu íntimo, no profundo e corriqueiro cotidiano. A importância do visual, do habitar e da intimidade na poesia cabralina se confirma, de maneira definitiva, em *Sevilha andando* (1990). Caminhando pelas ruas sevillanas, encontra suas gentes, toureiros, *bailaoras*, escritores, pintores, poetas, circulando ao lado de anônimos que também formam a cidade de Sevilha e a síntese da Espanha em sua obra

poética. João Cabral não se limita, então, à visualização do exterior, mas assimila o universo observado e vivido, cujo significado pode ser verificado na presença irrefutável das artes populares e eruditas espanholas em sua obra. A síntese da reconstrução do entorno espanhol será analisada durante a comunicação no sugestivo poema “Na despedida de Sevilha”.

O fator Saint-Nazaire. Por uma literatura sem qualidades JORGE WOLFF (UFSC)

Criada em 1987 na cidade francesa de Saint-Nazaire, a Maison des Ecrivains Etrangers et des Traducteurs (MEET) apresenta uma proposta francamente internacionalista e latino-americanista, dando ênfase, sobretudo no início, à literatura argentina e à noção de uma "literatura sem qualidades" devida a Juan José Saer. O objetivo deste trabalho é discutir o "fator Saint-Nazaire" nos primeiros escritores brasileiros residentes na MEET, Harry Laus e Caio Fernando Abreu, vale dizer: de que modo a experiência da residência nessa "ville sinistrée" (Reynaldo Arenas) deixa rastros em sua produção e concepção literárias; como ambos constroem os seus mitos de autor e inscrevem o significante "Saint-Nazaire" no teatro da escritura da cidade.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 503

Memória, história nacional e espacialidade em *Grande sertão: veredas* JAQUELINE KOEHLER (FARESC)

A obra de João Guimarães Rosa possui como tema principal o sertão mineiro e suas características peculiares. **Grande sertão: veredas**, único romance do autor, representa de modo exemplar o modo de ver esta realidade. A narração memorialística de Riobaldo é sua reflexão a respeito de todo contexto sócio-econômico, cultural e histórico no qual a personagem está inserida, que se configura, como ele próprio afirma, sendo o sertão “como forma de pensamento” específica, que representa toda sua força argumentativa e reflexiva a respeito da realidade. Desta forma, estudar e analisar a mobilidade espacial do texto, articulada a uma leitura ética presente no mesmo, possibilita uma reflexão a respeito da mobilidade social e cultural presente na obra, principalmente no embate entre as espacialidades urbanas e sertanejas. Como defende Willi Bolle (2004), o romance pode ser lido como um retrato do Brasil e se filiar à tradição de escritores que se debruçaram a respeito deste tema, pois apresenta uma crítica aos desdobramentos históricos do país. Através de sua narrativa, Riobaldo descreve e analisa todo o espaço e o contexto social no qual está (ou esteve) inserido, tornando a obra não somente regionalista, mas possibilitando uma leitura mais ampla, de reflexão nacional.

Deslocamentos e Re-descobertas: a Poética da Viagem nas Obras de Elizabeth Bishop e Jan Conn MAGALI SPERLING BECK (UFSC)

Como já sugerido por Susan Bassnett, representações pós-coloniais do Outro devem ser lidas e repensadas levando-se em consideração os legados da colonização e todas as suas implicações. Assim, a idéia de “descobrimento”, principalmente do descobrimento de um “Novo Mundo,” tantas vezes desconstruída e reconstruída por diferentes ângulos, continua a interessar não só a produção crítica e teórica, como também as produções literárias e culturais da contemporaneidade. Talvez tal interesse advenha do que Steve Clark chama de “des-reconhecimento” (misrecognition) das narrativas de viagem coloniais nos séculos XV e XVI, já que em tais narrativas o elemento fictício do encontro cultural entre o Eu e o Outro desafia os limites entre o ocorrido (observado) e o inventado, tornado-se, então, praticamente inerente ao gênero. Neste contexto, é significativo perceber que escritores contemporâneos ainda abordam suas reconstruções poéticas de encontros culturais e deslocamentos geográficos através de uma perspectiva de “re-descoberta.” Entretanto, ao invés da reprodução de estratégias de representação que buscam a completa separação entre observador (viajante) e observado (local viajado), tais escritores questionam seus posicionamentos enquanto construtores e observadores de um outro cultural inesperado. As obras das poetisas norte-americanas Elizabeth Bishop e Jan Conn são exemplos de tais reconstruções. Ambas recuperam em sua obra poética suas experiências cruzando fronteiras no “Novo Mundo”, mais especificamente no Brasil. Apesar de abordarem a viagem em diferentes momentos históricos, suas obras possibilitam a reflexão sobre o papel do escritor na construção de iden-

tidades culturais. Assim, neste trabalho, sugiro que tanto a poesia de Bishop quanto a de Conn reconhecem as tensões e os momentos de instabilidade envolvidos na mobilidade espacial, mas que é justamente através de tais momentos que o legado histórico das narrativas de viagem pode ser reconstruído e revisado. References: Bassnett, Susan. *Comparative Literature*. Oxford: Blackwell, 1993. Clark, Steve. Introduction. Em *Travel Writing and Empire*. London: Zed Books, 1999.

O exílio no teatro expressionista de Roberto Arlt e Nelson Rodrigues

KELI PACHECO (UNICENTRO)

Propomos, neste estudo, avançar numa perspectiva relacional, entre o teatro de Roberto Arlt (1900-1942), autor argentino, e Nelson Rodrigues (1912-1980), autor brasileiro. O campo da literatura comparada aparece como um ponto de partida pertinente por possibilitar o atravessamento da fronteira nacional e lingüística, operando no limiar de uma cisão. Além disso, nos permite ultrapassar a própria fronteira de domínio da literatura e visualizar em uma estética artística, como a expressionista, reflexos na composição da obra de Nelson Rodrigues e Roberto Arlt, sugerida por parte da crítica dos autores, dentre eles César Aira, Leo Gilson Ribeiro, Eudinyr Fraga, entre outros. Nesta pesquisa comparamos duas peças, são elas: *O beijo no asfalto*, de 1960, de Nelson Rodrigues, e *El desierto entra en la ciudad*, publicada postumamente em 1953, de Roberto Arlt. Em seus enredos, a solidão das protagonistas é decorrente de um acontecimento extraordinário em suas vidas, acontecimento este que provoca uma espécie de desterritorialização, conforme conceituação de Gilles Deleuze e Félix Guattari, do próprio ser e da comunidade em que se fixavam. Além da estética expressionista, já pontuada pela crítica, podemos também ressaltar que Rodrigues e Arlt se assemelham ao adotarem uma linguagem violenta e apresentarem, em suas obras, temas relativos ao exílio no espaço da literatura latino-americana. Walter Benjamin já atestou, em *O Drama Barroco Alemão*, que nos períodos de instabilidade comunitária, o estilo lingüístico violento, que esteja à altura dos acontecimentos históricos, atravessa as produções literárias. Assim, a expressão através do uso de uma linguagem violenta, bem como a aparição do tema do exílio, nos sugere um significado potencialmente político, uma vez que, enquanto Nelson Rodrigues e Roberto Arlt escreviam as peças acima citadas, tomando em conta o sentido contextual, Brasil e Argentina passavam pela ascensão da direita e viviam o entremeio de um golpe militar que, hoje sabemos, se efetivou no Brasil, em 1964, e na Argentina, em 1966. Mas qual será a concepção de exílio presente nas peças de Rodrigues e Arlt? O sentimento de exílio pode pressupor um lugar de partida, um território ou uma casa, como escreve Edward Said, em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Porém, por outro lado, o exílio pode ser considerado a partir de uma ótica existencial, como pura negatividade, e neste caso, não existirá mais um ponto de partida, muito menos um lugar de chegada, pois o próprio ser será entendido como resultado de uma fratura na origem, tal como conceituam Maurice Blanchot, Jean-Luc Nancy e Giorgio Agamben. Procuramos, portanto, demonstrar, a partir da leitura das peças de teatro já citadas, qual a concepção de exílio presente em Nelson Rodrigues e Roberto Arlt, e como a escolha da projeção expressionista se relaciona ao tema do exílio em questão.

Identidade e peregrinações discursivas: Rafael Alberti em torno ao museu do Prado

VALERIA DE MARCO (USP)

A historiografia literária, sempre em busca de uma leitura normalizadora, tende a construir e expor a trajetória de Rafael Alberti em fases ou etapas. Na juventude, desenvolvera sua vocação de pintor; iniciara sua carreira de poeta na década de 1920, acompanhando a pauta das vanguardas e a da poesia pura, caras ao mestre Juan Ramón Jiménez e àquele grupo de jovens da elite espanhola integrado por Pedro Salinas, Jorge Guillén, José Bergamín, Emilio Prados, García Lorca e outros. Como a absoluta maioria da inteligência, aderira aos projetos culturais da II República e, às vezes, pusera seus versos, peças de teatro ou produção editorial, como a revista *Octubre*, a serviço da revolução. Também como a maioria dos intelectuais, durante a guerra civil espanhola, engajara sua atividade artística na luta contra as forças fascistas do general Franco. Finalmente, teria ele amadurecido durante o longo exílio, elaborando, assim, uma obra singular e original. Tal sucessão não seria uma sintaxe eficaz para diluir rupturas, fracassos, derrotas e, sobretudo, contradições e traumas constitutivos das trajetórias de tantos intelectuais desta nossa era da catástrofe? O próprio Alberti em suas memórias *-La arboleda perdida-* procura com frequência amenizar tensões e dar à sua história um andamento de continuidade. Mas no conjunto de sua obra há acessos tanto à sua vivência quanto à sua percepção e interpretação da violência que a guerra civil e o conseqüente êxodo dos vencidos imprimiram na sua vida e no corpo da sociedade espanhola. Para explorar uma possibilidade de aproximação a esse território da instabilidade, examina-se um dos aspectos da produção de Alberti que alude à descontinuidade como movimento propulsor da voz poética. Trata-se de analisar a relação, sempre em permanente mudança, entre ele e o museu do Prado. Esta é recorrentemente elaborada em um mosaico de textos: a crônica “Mi última visita al Museo del Prado”, poemas de *Vida bilingüe de un refugiado español en Francia*, *A la pintura*, *Retornos de lo vivo lejano*, a peça de teatro *Noche de guerra en el Museo*

del Prado, além de muitos fragmentos de *La arboleda perdida*. São peregrinações discursivas que captam aproximações a vivências traumáticas, deslocamentos do lócus da escrita, derivações da rememoração, trânsito pelos gêneros literários e reconfigurações da identidade no campo da memória social.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 503

O outro na narrativa de viagem de Giovanni Battista Belzoni

ELISÂNGELA APARECIDA ZABOROSKI DE PAULA (UFSC)

A obra *Narrative of the operations and recent discoveries in Egypt and Nubia* (1820), do explorador italiano Giovanni Battista Belzoni (1778-1823) conta as inúmeras descobertas deste aventureiro no Egito do século XIX. A iniciativa de relatar as suas próprias incursões dá a oportunidade a Belzoni de pertencer ao seletivo grupo de viajantes italianos que contaram sua saga e transformaram-na em literatura. Ao viajante, que traz consigo as experiências para descrever sua história, cabe saber lidar com as características particulares daqueles que conheceu em seu caminho para assim reproduzi-los, uma vez que há séculos os homens viajam e deparam-se com o Outro, o diferente. Belzoni encontrou neste Egito do século XIX diversas tribos de árabes, núbios, beduínos e outros mais, com os quais nunca havia convivido e com os quais, por necessidade, aprendeu a viver. Sua obra, concebida como literatura de viagem, permite um estudo sobre o outro, sendo este, então, o propósito desta comunicação.

Claudio Magris e as fronteiras do discurso: uma leitura de *Às cegas*

MARIA CÉLIA MARTIRANI BERNARDI FANTIN FANTIN (UFPR)

O protagonista narrador do último romance do escritor italiano contemporâneo Claudio Magris representa, de modo revelador, a figura do anti-herói desenraizado, uma "displaced person", eterno estrangeiro, sem lugar no mundo. Salvatore Cippico, apresentado como militante comunista, será obrigado, por questões políticas, a viver em trânsito, numa eterna viagem que se traduz como "Odisséia da desilusão". No presente estudo, pretendemos verificar os procedimentos narrativos que corroboram para a representação desse não espaço, numa perspectiva dialética do conceito de fronteira, objetiva e subjetivamente, investigando-o enquanto recurso discursivo. Para tanto, partimos de alguns elementos da Retórica, nos termos propostos por Platão, a fim de verificar, a posteriori, com M. Bakhtin, J. Lacan e F. Jameson como esta se subverte numa anti-Retórica pós moderna, que parece ser uma, entre as múltiplas chaves possíveis de leitura, diante da obra de Magris.

Olhares estrangeiros

ADRIANA SUCENA MACIEL (PUC-Rio)

Os griots, homens e mulheres da África Ocidental, numa cultura centrada na oralidade, são os responsáveis por manter viva sua história, são os artesãos da palavra. Nesta cultura, a palavra carrega, assim como tudo o que vive, uma força concreta e perigosa, o artesão aprende a domá-la. Griots são tradicionalistas, genealogistas, contadores de histórias, músicos, conselheiros, seu ofício é se ocupar da palavra, que, durante sua performance, está sempre ligada a outras artes, como a dança e a música. Sua tradição remonta ao século XI, e eles têm, até hoje, grande atuação nos países em que vive. O espaço literário é o espaço da oralidade, que, aqui, não parece responder a uma falta de escrita, mas uma opção ética, que, para alguns pensadores africanos deve ser chamada de oratura. O encontro com a arte dos griots, com a maneira como ela se integra ao cotidiano dos lugares que ocupam, uma arte que não delimita fronteiras rígidas entre diferentes formas de expressão, que tem a palavra como centro fluido, enfim, com este outro, pode proporcionar estranhamentos potentes sobre a maneira como o chamado ocidente, conceito que também parece um pouco flutuante hoje, produz arte e se relaciona com diferentes linguagens. Cada vez mais as fronteiras entre linguagens e espaços parecem embaçadas. Estamos sempre, de alguma

forma, em movimento, ocupando espaços estrangeiros. Mais do que buscar entender as diferenças, que, por vezes apresentam limites concretos, e confortá-las, o encontro com o outro, sempre desconhecido, possibilita, na volta, um olhar contaminado, olhar de estranhamento para a cultura da qual fazemos parte, tornado-nos, também de nós, estrangeiros

Linguagem diaspórica – a produção literária hispano-americana de autoria feminina na contemporaneidade

MARIA JOSELE BUCCO COELHO (UFPR)

Segundo Giddens (2005), as culturas tradicionais estão passando por mudanças significativas, pois a proliferação de toda sorte de passagens, de movimentações, de deslocamentos e de partidas multiplicam as exclusões e as desapropriações, gerando um choque entre a busca da integração e o fundamentalismo, entre as transformações das identidades nacionais e o próprio processo de unificação global. Nesta perspectiva, afirma Canclini que “América Latina no está completa en América Latina y su imagen le llega en espejos diseminados en el archipiélago de las migraciones” (2002, p. 19). Assim, ao discutir a desterritorialização (GUATARI-DELEUZE-BADIE), para além do debate filosófico estamos, direta ou indiretamente, balizados por problemas e questões concretas, pois por trás de todo o debate teórico, está a crescente difusão das questões ligadas ao que vulgarmente se denomina “o fim dos territórios” (BADIE, 1995). Neste ínterim, este trabalho pretende explorar a influência dos deslocamentos e o processo de reterritorialização por meio da linguagem na produção literária contemporânea hispano-americana de autoria feminina, buscando desvelar a relação entre a escolha por uma pátria lingüística diaspórica, multiforme e polissêmica e o processo de produção literária

MODERNIDADE E LITERATURA CONTEMPORÂNEA: INTERSTÍCIOS/INTERAÇÕES

Igor Rossoni (UFBA)

Lilian Reichert Coelho (UNIR)

Madalena Aparecida Machado (UNEMAT)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 410

Tensões ético-estéticas no “Jornalismo Literário”: entre a objetividade do fato e o trabalho artístico com a linguagem

LILIAN REICHERT COELHO (UNIR)

Este texto orienta-se pela problematização, do ponto de vista epistemológico, dos princípios básicos que regem a atribuição da nomenclatura “Jornalismo Literário” a determinadas produções jornalísticas. Grosso modo, por tal expressão, entende-se certo esforço estético praticado por alguns jornalistas na tentativa de construção de reportagens aprofundadas, também chamadas interpretativas, sem abandonar os rígidos critérios éticos que devem nortear a atividade jornalística em todas as etapas: concepção, apuração, redação e edição. Devido à tentativa de rigor estético, tornou-se comum associar as “origens” do Jornalismo Informativo e do Jornalismo Literário ao Realismo na Literatura, o que parece se perpetuar no campo jornalístico, cuja base ainda está profundamente arraigada em valores e fundamentos típicos da Modernidade fin-de-siècle e, por que não dizer, até positivistas. Tal tendência é revelada pelo apego ao fato, centro do trabalho jornalístico informativo, apreensível se considerado pelo profissional o rigor ético prescrito pelo campo e entendido como referente cuja verificabilidade deve ser passível de comprovação na realidade objetiva. Isso conflitua, inevitavelmente, com o apelo estético pretendido pelas produções que se enquadram no chamado “Jornalismo Literário”, pois deve haver, para que se cumpram suas exigências, sofisticação no tratamento da linguagem, o que nem sempre se afina com os critérios basilares do campo. E também, do ponto de vista literário, tais produções são comumente vistas como literatura de má qualidade, até kitsch em alguns casos. Disso se depreende a marginalidade do “Jornalismo Literário” – não entendido como pejorativo, pois é, em geral, alçado à categoria de um jornalismo melhor, pois supostamente portador de artisticidade –, no sentido de uma ambiguidade constitutiva que não deve pender, ao menos teoricamente, para ne-

nhum dos termos. No entanto, na prática, ao se observar as produções concretas, o que se percebe é que, em alguns casos, pendem para a manutenção das concepções tradicionais, sendo consideradas mais jornalísticas, enquanto em outros, pendem para a transgressão, sobretudo pelo labor com a linguagem e, com isso, angariam desconfiças nos dois campos onde tenta se alojar. Tomando-se tal horizonte, intenta-se questionar, pelo viés problematizador da fortuna crítica, os critérios definidores e diferenciadores do “Jornalismo Literário” e a própria validade da expressão, sobretudo neste início de século, tempo marcado por hibridismos, incertezas e ambiguidades de toda ordem.

A crônica brasileira contemporânea: tensão crítica em “Nordestinas”, de Ricardo Ramos

AROLDOSÉ ABREU PINTO (UNEMAT)

O trabalho ora proposto visa refletir de maneira ampla sobre as intersecções entre arte e comunicação, tendo como objeto de estudo a crônica “Nordestinas”, de Ricardo Ramos, publicada no Jornal Folha da Tarde em 1985. Mais pontualmente, nosso intuito é destacar o arranjo particular da crônica brasileira contemporânea, pois entre nós, como sabemos, a crônica jornalística/estético-literária tomou uma feição que, em seu modo de representação todo particular, agrega ao mesmo tempo o emocional, o paradoxal, o ambíguo, o irônico, o alusivo, o imaginativo, o metafórico, mas também nos remete ao referencial, ao consequentemente descrito ou carrega em si uma familiar ligação com a história, a sociologia, a antropologia ou outras áreas do conhecimento pelo seu conteúdo representado. Portanto, na linha estreita entre o cognoscitivo e a sua manifestação como uma estrutura de significados autônoma – característica do discurso literário – a crônica apresenta-se como um modo de comunicação intenso, que reflete a experiência humana e nela se organiza mediada pela linguagem. Em outras palavras ainda, analogias, relações, intervenções e conflitos de valores em diversos planos – graças à organização e ao exercício de composição específico – imprimem à crônica um conjunto de traços particularizantes que, em seu processo de percepção e interpretação da realidade, nos permite vislumbrar sua latente atividade estética. Em “Nordestinas”, de Ricardo Ramos, há a necessidade de associação de idéias e compreensão do jogo de vocábulos e conceitos que envolvem as contradições humanas, pois, numa leitura inicial e aligeirada da crônica, o que identificamos como corriqueiro, pelo modo de representação e conteúdo representado, parece atingir sem dificuldade o imaginário comum, mas também franqueia e/ou desvenda uma infinidade de acepções, questionamentos, incertezas e juízos sobre o mundo, realçando o que inicialmente identificamos como trivial. Tem-se, então, um texto que “parece ser”, uma vez que o não-dito, mas apreendido pelos sentidos numa leitura mais atenta, tem muito mais força de representação do que o dito. A discussão igualmente perpassa pelo aparente tom de gratuidade que a crônica parece carregar e o alto índice de multissignificação que apresenta as cenas de “Nordestinas” que, como veremos, parte de aspectos do cotidiano, mas estende-se para um modo especial e distinto de percepção da realidade pelo seu caráter de manipulação imagética das cenas. Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e pela Universidade do Estado de Mato Grosso

Convenções novas e velhas: a intimidade na mira da crônica contemporânea

ANGELA MARIA PELIZER DE ARRUDA (UEL)

Entre os grandes acontecimentos dos últimos tempos, pequenas mudanças foram ocorrendo na sociedade pós-moderna – muitas vezes sem serem percebidas. Assim, determinadas convenções e costumes foram se transformando e modificando nossa cultura e sociedade. Um ambiente propício para essas transformações é o lar do homem contemporâneo: lugar em que se desenvolvem os mais diversos níveis de intimidade. Sendo a crônica o gênero do cotidiano, do simples, do temporal, talvez seja o lugar ideal para encontrar e discutir sobre a questão da intimidade. Partindo de uma tentativa de esboçar e contrapor velhas e novas convenções sociais diante do tema aqui explicitado, o presente trabalho terá como base alguns teóricos acerca da intimidade – como Anthony Giddens, Paula Sibília, Sigmund Bauman. Pretende-se, assim, refletir sobre o tema a partir da leitura de algumas crônicas de Luis Fernando Veríssimo e Moacyr Scliar enfatizando alguns pontos acerca da intimidade na pós-modernidade: família, casamento, relacionamento sexual, e relação entre pais e filhos, entre outros.

As “mini-histórias estranhas em redes internas secretas” de Joca Reiners Terron

MILENA CLÁUDIA MAGALHÃES SANTOS GUIDIO (UNIR)

“Esquecer é uma função da memória tão importante quanto recordar” é uma das muitas frases perturbadoras de **Curva de rio sujo**, de Joca Reiners Terron, escritor cuja obra, composta de muitos gêneros, margeia temas caros à interpretação do contemporâneo, como a impossibilidade da descrição objetiva dos acontecimentos, o lugar incômodo do escritor, a estrangeiridade não apenas territorial etc. Levando em consideração o que autores como Walter Benjamin e Jacques Derrida dissertam sobre o estatuto da memória, esta comunicação interroga o modo como o movimento de esquecer/ recordar perturba até mesmo a linearidade das pequenas narrativas de **Curva de rio sujo**. Diversos vocábulos funcionam como sinônimo da impermanência, do apagamento da memória: manchas, fumaça, sombra, poeira, rastro. Toda paisagem que surge é, assim, envolta em uma espécie de neblina, que, como é dito no último texto, talvez não exista, no sentido de que a beleza, num tempo precário como o nosso, não pode perdurar, é quase um inconveniente, como o lirismo que por vezes rastreia as narrativas. Em *Paixões*, Derrida confessa que uma das razões do seu gosto pela literatura deve-se ao fato de ela ser o “lugar do segredo absoluto”, lembrando que a literatura, tal qual a concebemos, é regida por convenções e instituições que lhe deram o “direito de tudo dizer”, e, embora tenha esse direito, é o lugar em que tudo se diz sem a responsabilidade, a obrigação, de tudo dizer. O livro de Terron é um exemplo desconcertante dessa especificidade da literatura.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 410

O limite como centro: paradoxo rosiano

IGOR ROSSONI (UFBA)

Em certo sentido, pensar nos conceitos de limite e fronteira pode instabilizar o de lugar, como centro polarizador de forças convergentes. Deste modo, ao se tomar a linguagem esteticamente constituída como campo de atuação, quer-se crer que se afine mais ao "status" de limite do que de centro. Assim se menciona, pois o estado de signo motivado faz a palavra cambiar de si em si mesma e a repercutir envoltimentos que em muito ultrapassa o significado determinado que a ordenação convencional lhe atribui. Portanto, se o homem é, por assim dizer, convergência e divergência de ações e pensamentos, a representação das experiências vivenciais por intermédio do verbo assume posição de “travessia”, para dispor-se a par ao universo do autor a que aqui se procura enveredar. Nesse sentido, o presente estudo visa a dispor em evidência, paradoxalmente, a aproximação entre limite e centro; realidade/história e para-realidade/estória – “Fita verde no cabelo” – e sentido determinante e fragmentação compositiva dos signos em imagens e sonorizações – “Uns inhos engenheiros” –; essa engenharia que estrutura e fundamenta a proposição de travessia a que Guimarães Rosa investe.

O moderno e o tradicional na poesia de Lêdo Ivo

ROSANA NUNES ALENCAR (UNIR)

A arte moderna tem revelado laivos de permanência do discurso da tradição em seu universo movediço. A própria história da literatura deixa entrever a dominância de uma poética que legitima o presente como centro de convergência dos tempos. Por isso mesmo, a permanência ou influência do discurso da tradição passada na tradição moderna imprime ao texto poético uma tensão que tanto pode negar como revitalizar aquele discurso. Nesse sentido, Harold Bloom, dentre as categorias tensivas de influência que apresenta, discute sobre a “interpretação” enquanto processo de recolha e análise da tradição passada. É justamente essa tensão que orienta o nosso trabalho, ou seja, discutimos teoricamente – considerando o pensamento de T. S. Eliot, Otávio Paz e Harold Bloom – a transitividade poética entre o discurso tradicional e o moderno como sendo causador de novidade ou de imitação dentro da própria tradição moderna. Ademais, vale salientar que focalizamos a poesia de Lêdo Ivo como metonímia de nosso trabalho por entendermos que, dentro do Modernismo brasileiro, é uma das vozes poéticas que se constrói pelo viés da tensão entre o moderno e o tradicional. Ao dialogar com o que já existe, a poesia de Lêdo Ivo “interpreta” a tradição e se estrutura como um sistema em que a linguagem poética funciona como metáfora de um universo em correspondência. PALAVRAS-CHAVE: Poética, Tradição, Arte Moderna, Lêdo Ivo.

A Modernidade sem Modernismo: rupturas e descentramentos na produção ensaística de Lêdo Ivo WLADIMIR SALDANHA DOS SANTOS (UFBA)

Neste trabalho, serão analisadas as rupturas e os descentramentos que a produção ensaística de Lêdo Ivo procura estabelecer, desde a publicação do texto "Epitáfio do Modernismo", em 1967, até a contemporaneidade, como em "Os modernismos do século XX", publicado em 2010. Autor que transita por diversos gêneros discursivos – como a poesia, o conto, o romance e a autobiografia – Lêdo Ivo encontra no ensaio o veículo principal de seu questionamento a uma narrativa ortodoxa da modernidade no Brasil, a qual pretende fazer coincidir a assimilação das vanguardas do século XX, de forma centralizadora, com a Semana de Arte Moderna, ocorrida em 1922, na cidade de São Paulo. Ao trazer à discussão tais descentramentos, o trabalho pretende problematizar, não apenas as balizas historicistas do discurso sobre a modernidade em literatura brasileira, mas também a proscrição da crítica ao Modernismo – vista por vezes como atitude meramente restauradora de cânones anteriores à Semana. Metodologicamente, ressalta-se que a produção ensaística em foco não será considerada como unidade homogênea, observando-se as possíveis mudanças nas reflexões do autor, bem assim, mas tanto quanto possível, as remissões implícitas em seus textos, tendo em vista o diálogo que estabelece com outros discursos críticos e literários, autorais ou não.

Entre idas e voltas a constante travessia: a marca do cotidiano que descortina a modernidade madura de Bandeira MARIA DO CARMO BELIZÁRIO (FAO)

Entre o som e o sentido a humanidade assiste o grande avanço da sismologia cultural. A busca em registrar as mudanças e deslocamentos que ocorrem na história da arte, da literatura e do pensamento afirma que um novo mundo se descortina: a transição entre o Simbolismo e a Modernidade. O passado sustentado pela retórica tradicional cede aos apelos do século XX, propondo uma nova arte, um novo olhar marcado pela criação de um pensamento crítico. A modernidade, na acepção usual da palavra, provoca impacto em meio à cultura. Neste contexto, a cada geração há uma revolução norteadas pelo avanço dos anos, desvelando as crises que assolam os meios artísticos revelando a ambiguidade que o homem experimenta. A arte é uma arte da metamorfose onde o homem experimenta infindas viagens. A sensação de vazio leva o artista à busca de algo para preencher suas inquietudes. Assim, uma gama de artistas apropria-se da desconstrução do convencional, engajando-se em uma incessante viagem para apresentar ao mundo o inusitado: a arte moderna fundamentada no postulado de que o registro da consciência ou experiência desvela os estados de espírito da humanidade por meio da poesia. Neste espírito inovador o poeta sonda as especificidades do lirismo como a sonoridade, a musicalidade e o ritmo por meio das palavras pontuando que a poética do século XX é herdeira destes movimentos que permeiam o cotidiano. Nesta alquimia, lutando com a morte e o vazio, Bandeira teve participação decisiva na consolidação da poesia modernista. O poeta ao se entregar à tessitura da palavra, recompõe com o mais puro lirismo o mosaico das escavações interiores, pois ao vasculhar o passado, Bandeira resgata suas reminiscências afirmando que o seu primeiro contato com a poesia sob forma de versos teria sido nos contos de fadas, em histórias da Carochinha, cuja sonoridade “Xô, passarinho!”, perpassa o tempo descortinando a essência de toda uma trajetória transmutada em um tecer poético que se faz atemporal.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 410

Verso e reverso da literatura contemporânea: a questão de sua nomeação MADALENA APARECIDA MACHADO (UNEMAT)

A literatura produzida em nosso tempo causa controvérsia desde sua identificação: Alto Modernismo, Tendências Contemporâneas, Modernismo Tardio e o mais polêmico, Pós-modernismo. Discutido desde a junção de uma produção literária comum, o termo tem, contudo, certas especificidades que nosso trabalho pretende discutir acerca de uma literatura que nos diz respeito de maneira mais aproximada. A forma narrativa de uma maneira geral, tem uma atenção especial no acolher dos diversos gêneros, o drama, o terror, o policial, o erótico, a oralidade junto às formas cultas de expressão, ganham um status diferenciado nessa literatura. A dignidade com que as minorias são tratadas, as vozes plurais que se ouvem num romance ou num conto, dão a primazia do que podemos encontrar na prosa que superou as metanarrativas; desconsidera a noção de verdade singular ou um saber absoluto como forma de expressão do homem pós-moderno.

Nossa proposta vem justamente apresentar uma visualização destes paradigmas em textos de autores como Caio Fernando Abreu e Ricardo Guilherme Dicke. Afinada aos pressupostos da Pós-modernidade, optamos por um escritor consagrado pelo grande público e crítica bem como outro ainda pouco conhecido mais de uma obra considerável em qualidade estética e pesquisas acadêmicas, porém sem sucesso editorial. Nestes, questões como periferia/marginalidade, ética e estética adquirem vulto verbal incontestáveis marcando rupturas, sem a pretensão de impor em contrapartida, qualquer tipo de valor que se queira inconteste. As narrativas destes escritores tateiam um caminho que por si só gera reflexão, assim, pois, vemos nisto tendências e interfaces de que se constitui a literatura na contemporaneidade. Naquelas narrativas podemos levantar entre outros sentidos, o que é do campo da ética, do estético, observações que acompanhadas da imaginação e ambiguidade, formatam o mecanismo poético e efeito estético procurados pelo pesquisador em Literatura. Sem certeza de nada, o ser humano nesta forma de expressão é cambiante de opiniões, cercado pelo vazio referencial, se projeta para um passo além do que conhece, experimenta, sente, mesmo sabendo que é o desconhecido quem pontilha o caminho. Seguir estas pegadas é a proposta maior deste trabalho.

Estrutura narrativa na pós-modernidade

SANDRA APARECIDA FERNADES LOPES FERRARI (IFRO)

Os conceitos de “estrutura” manifestados em todo o século XX trazem à tona questões sobre a relação forma e conteúdo na obra de arte e asseguram a realização de grandes pesquisas. Dentre essas estão os debates sobre os termos pós-moderno e moderno, que tendem a produzir uma dualidade: ao mesmo tempo em que se afasta, o pós-moderno se aproxima do passado que quer negar, neste caso, o modernismo. Essa relação tensiva de aceitação e rejeição provoca um deslocamento do ato de narrar e do próprio conceito de gênero na produção em prosa, conceito este, retomado a partir no século XX pelo modernismo. Nesse sentido, o que é novidade para a pós-modernidade, como sugere Steven Connor, é a repetição do antigo. A abordagem que pretendemos adotar neste texto é ver o discurso em prosa como abstração da realidade intemporal, percebendo de que forma a voz do narrador pode ser instrumento de interferência, ruptura e transformação da estrutura da narrativa. Tais questões estão voltadas para uma reflexão sobre o ato de narrar e o ato de passar uma informação, aos moldes de Walter Benjamin. Partindo desse pressuposto, chama-nos a atenção obras como “Mínimos Múltiplos Comuns” de João Gilberto Noll, e “Fluxo Floema” de Hilda Hilst que configuram sua estrutura narrativa de forma híbrida, heterogênea e inacabada. Palavras-chave: pós-modernismo, prosa, narrador.

Temporalidades pós-modernas: cogitações sobre o hipermemorialismo

MARCELO FRANZ (PUC-PR)

O objetivo do estudo que aqui se propõe é a discussão comparativa de algumas visões de teorizadores das questões pós-modernas acerca da experiência do tempo na contemporaneidade. Embora esse não seja a princípio ou apenas, um problema literário, como tudo o mais, atinge literário e por meio dele se expressa em formas e conteúdos, sendo evidenciado em variadas expressões da prosa de ficção atual, como na insistente abordagem da memória pessoal e coletiva. Considerando criticamente a já conhecida noção de metaficção historiográfica, Beatriz Sarlo observa no atual modismo dos relatos ficcionais de testemunho que, em muitos casos, a memória abandona os limites da psique e passa a invadir o discurso historiográfico, ou a penetrar no âmbito político, obrigando a modificação da forma como se pensa no passado. Andreas Huyssen aponta na atualidade a existência de um clima geral difuso de memorialismo – eventualmente manipulado pela mídia - que revelaria a derrocada das ambições modernas de futuro. Gilles Lipovetsky associa a hipernovidade à emergência de uma nova temporalidade ou uma nova forma de o homem atual se relacionar com o tempo. Hans Ulrich Gumbrecht, ao se referir aos sinais estéticos do pós-moderno, fala em reconciliação com o passado, acompanhada de uma revisão do conceito moderno de ruptura. A visão dessas ocorrências pelos estudiosos induz a uma reflexão sobre a problemática geral do pós-moderno e sobre os modos de o homem desses dias se portar diante da complexidade da experiência temporal, traduzindo-a em manifestações literárias. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: BAUMAN, Zigmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. GUMBRECHT, Hans Ulrich. Modernização dos sentidos. Tradução de Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Editora 34, 1998. HUYSEN, Andreas. Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia. Tradução de Sergio Alcides. Seleção de Heloisa Buarque de Hollanda. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. JAMESON, Fredric. Espaço e Imagem: tópicos do pós-moderno e outros ensaios. 3a.ed. RJ: Ed. UFRJ, 2004. LIPOVETSKY, Gilles e CHARLES, Sébastien. Os Tempos Hipernovos. Trad.

Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004. SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva – Beatriz Sarlo; tradução Rosa Freire d’Aguilar. – São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

Memento mori (dialogismo satírico-filosófico em *As Intermittências da Morte*, de José Saramago)

SANDRA APARECIDA FERREIRA (UNESP-Assis)

Nascemos, vivemos e morremos. Essa verdade, comum a todas as culturas humanas sobre a Terra, será satiricamente revista por José Saramago em *As Intermittências da Morte*. Se a morte, por um lado, já significou um rito de passagem, uma grande cerimônia pública; por outro, é certo que sua herança milenar foi profundamente abalada pela modernidade, já que a sociedade ocidental tenta cada vez mais prolongar a vida, não envelhecer, apartar-se da morte e, principalmente, não pensar nela, esquecê-la. É justamente contra esse movimento de supressão da morte que investe, em tom simultaneamente satírico e filosófico, o romance de Saramago citado. Para tanto, dialoga com mitos e alegorias de grande lastro, a exemplo da Dança Macabra medieval, cuja ressonância é perceptível em múltiplos domínios estéticos (música, cinema, pintura, literatura, história em quadrinhos etc.). O propósito desta comunicação é refletir sobre as ressonâncias dialógicas entre *As Intermittências da Morte* e a tradição temática da personificação da Morte, sublinhando as notas estéticas e éticas por meio das quais Saramago revisita essa tradição, à luz de uma sátira filosófica essencialmente moderna.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 410

Do heroísmo na vida moderna ou a liquidez do sujeito: uma leitura de *satolep*

MARTA CÉLIA FEITOSA BEZERRA (IFPB/UFPB)

O presente trabalho propõe traçar um caminho que permeia a construção do herói, da tradição clássica à vida moderna. Do sujeito amparado e conduzido pelos deuses ao sujeito abandonado e perdido em sua própria subjetividade, onde o desejo e a vontade transformam-se em reificações, em produtos do capital. Diante do gigantismo do mundo e de seu poder ameaçador, os indivíduos tornam-se coadjuvantes, incapazes de atitudes revolucionárias, incapazes de verter para a concretude material, ações que resignifiquem o seu mundo, considerando o ideal de heroísmo clássico. O romance do século XX espelha essa inadequação, na qual o herói empreende uma luta inglória e solitária: primeiramente, consigo próprio e depois com o mundo estranho e inadequado em que vive. Como indivíduo e multidão se confundem na modernidade, a ação heróica não é mais a do sujeito que se destaca em meio aos seus pares pela astúcia, bravura e coragem, a fim de um projeto coletivo. Ergue-se em sua debilidade um homem que faz parte dessa multidão, percebendo-se nela refletido e que luta para manter-se vivo, supremo ato de heroísmo num mundo que lhe é adverso. Embasados pelos conceitos de modernidade de Baudelaire e Walter Benjamin analisamos a configuração do herói em *Satolep*, de Vitor Ramil, narrativa que descreve o percurso exterior e interior do sujeito na tentativa de encontrar, através dos elementos da modernidade, aquilo que lhe afigura de humano.

Milan Kundera: uma literatura dos Paradoxos Terminais da Modernidade

MARIA VERALICE BARROSO (UnB)

A expressão *Paradoxos Terminais da Modernidade* foi cunhada pelo escritor tcheco Milan Kundera para designar o tempo do qual participou como sujeito histórico. Se por um lado, a estética romanesca kunderiana se configura enquanto possibilidade de reflexões sobre o mundo paradoxal que teria se constituído por força das catástrofes afiguradas no decorrer do século passado, por outro lado, ao longo de uma prática literário-reflexiva, por meio de suas personagens dom-juanescas, Kundera constrói e traz para o âmbito da literatura outros paradigmas que apontam para uma nova sensibilidade estética para a qual certamente Linda Hutcheon chamaria de "uma poética do pós-modernismo". Assim, com o objetivo de buscar compreender o que e como Don Juan nos fala a respeito das experiências dos homens e mulheres de seu tempo e daqueles que ultrapassaram os limites da modernidade, a presente proposta de comunicação procura lançar um olhar crítico reflexivo sobre as criações dom-juanescas que perpassam o conjunto dos textos ficcionais de Milan Kundera”.

Estorvo, de Chico Buarque, uma leitura alegórica
TÂNIA MARIA DE MATTOS PEREZ (UFF)

Os romances contemporâneos têm frequentemente trabalhado com a temática urbana, focando questões da (des)identidade, da fragmentação e da solidão dos sujeitos diante de um mundo violento, globalizado e marcado pela sociedade de espetáculo. Neste trabalho, propomo-nos a fazer a leitura de *Estorvo* (1991), de Chico Buarque. Suspense, violência, erotismo, degradação social e morte perfazem a escrita buarquiana, com ares de romance policial. O enredo gira em torno da história de fuga do personagem-anônimo, um misto de sonho/pesadelo e realidade a partir da visão de um estranho do outro lado do emblemático “olho mágico” do apartamento. Assim, a narrativa de *Estorvo* brota da visão, da imaginação e da memória do narrador-personagem em plena crise existencial e moral. Buscamos respostas para os enigmas do texto buarquiano, seguindo os passos narrativos e tentamos decifrar os signos: as palavras, as imagens, os símbolos e as alegorias apresentados no romance. Para tanto, utilizamos como apoio teórico os pensamentos ou a filosofia histórica e estética da alegoria barroca, defendida por Walter Benjamin em seus livros, mas, em especial, no seu livro-tese, *Origem do Drama Barroco Alemão*. Assim, tentaremos demonstrar de que maneira o modo de ser barroco se assemelha qualitativamente ao modo de ser do indivíduo na era moderna ou pós-moderna e como o romance de Chico Buarque pode ser lido como uma representação alegórica, pois traz em seu bojo alguns elementos que compõem o espetáculo do luto, a melancolia condizentes com o *Trauerspiel* alemão.

A (re)configuração estética em *O Mez da Grippe*
CLAUDIANA SOERENSEN (UNIOESTE/UFBA)

Valêncio Xavier suscita estranheza e arrebatamento ao propor para o receptor a coautoria da obra *O Mez da Grippe*. Nela, o cineasta, jornalista e escritor cria um enredo unindo diversos elementos na forma de texto-montagem ao mesclar narrativa histórica e criação literária. No livro, os mesmos temas se multiplicam em diferentes vozes as quais se fundem através de uma miscelânea de linguagens verbal e não-verbal (icônica). E partindo da hipótese de que o sistema de reprodução técnica da cultura massificada (Benjamin) provoca rompimento com a definição tradicional de estética - baseada nas noções de aura, valor de culto e de autenticidade -, podemos perceber as transformações significativas no modo como a experiência artística e a inserção do indivíduo na sociedade se organizam num cenário cada vez mais intenso de intersecções das diversas formas de produção cultural (cinema, literatura, pintura, jornalismo, entre outras) e na (re)configuração narrativa da realidade. Se escrever é retratar-se (Freud) e ler é analisar-se (Proust), Xavier convida-nos aos exercícios de escrita e de leitura em uma parceria profícua, a fim de repensarmos as experiências estéticas e artísticas, em uma tentativa de descobrirmos – se é que é possível – quem é o autor (Barthes; Foucault).

MULHERES NAS PERIFERIAS DO MUNDO - DIÁLOGOS INTERNACIONAIS ENTRE ESCRITORAS

Anélia Montechiari Pietrani (UFRJ)
Carlos Magno Santos Gomes (UFS)
Lúcia Osana Zolin (UEM)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP1 (3º andar)

A mulher no centro dos estudos literários: de objeto literário a sujeito da escrita
ANGELA MARIA RODRIGUES LAGUARDIA (UNL-PT)

A análise de duas vozes femininas, uma brasileira, do final do século XX (Clarice Lispector) e outra portuguesa, do início do século XXI (Inês Pedrosa), através das obras "A Descoberta do Mundo" e "Crônica Feminina", propiciam o entendimento do papel da mulher como sujeito da própria escrita, este "lugar", referenciado por Kristeva, como espaço de auto-representação e a articulação com os Estudos Culturais. Considerando a linha do tempo e a formação de um contexto histórico-social que antecede e deságua naturalmente na escrita cronística das autoras e na escolha temática destas autoras, é possível perceber que as respectivas escolhas temáticas, ligadas, muitas vezes, ao universo feminino, embora estivessem circunscritas aos interesses e afinidades de seu tempo, poderiam ter respostas esclarecedoras, através dos Estudos sobre as Mulheres, sua trajetória e evolução. Entrever o confronto mulher/objeto literário e mulher/sujeito da escrita, ao longo dos diferentes contextos literários até à Pós-Modernidade, assim como perceber as possíveis ressonâncias nas obras destas cronistas, constitui o objeto instigante desta investigação.

Diálogos políticos entre Clarice Lispector e Katherine Mansfield CARLOS MAGNO SANTOS GOMES (UFS)

Este trabalho aproxima a técnica narrativa do conto “Amor” (1952), de Clarice Lispector do modelo criado por Katherine Mansfield no conto “Bliss” (1921). No diálogo comparativo, avalia-se como a recepção da brasileira ilumina esse modelo a partir da construção politizada do espaço da mulher. Tal recepção consciente acrescenta diferentes ângulos culturais sobre a condição da mulher no cotidiano doméstico. Assim, propõe-se uma leitura dos movimentos externos da protagonista brasileira como uma estética híbrida em que arte e política se misturam conforme nos ensina Silviano Santiago. Dessa forma, analisa-se o quanto a subjetividade feminina pode ser lida como uma performance politizada de Clarice Lispector. Tal perspectiva teórica é fundamentada pelo pensamento feminista de Judith Butler e Nelly Richard.

Carolina de Jesus e Virginia Woolf: em busca de um outro teto para todos nós JAILMA DOS SANTOS PEDREIRA MOREIRA (UNEB)

Trata-se de uma análise comparativa entre as seguintes produções literárias: Um teto todo seu, de Virginia Woolf e Quarto de despejo, de Carolina de Jesus. Com isso buscamos não só enfatizar as diferenças contextuais das duas escritoras, suas marcas textuais, bem como as trocas entre ambas, a transnacionalização discursiva, um processo antropofágico de soma constituindo em uma busca por uma literatura mais potente e plural; por um feminismo múltiplo, que inclua outras lutas textuais, inclusive as marcadas por raça, classe, saberes ex-cêntricos e outras interseccionalidades de gênero; enfim, uma busca por outra cultura-vida, que rechace o modelo patriarcal, o qual pré-fixou sentidos para homens e mulheres, ampliando os direitos para todos os sujeitos, incluindo, evidente, os femininos em seus diversos lugares. Direitos, inclusive, de escrever e de reescrever a si e ao mundo. De ser escritora. Nessa linha, as demandas para isso também serão apontadas, focando a pontualidade desta questão hoje, frente a um contexto de institucionalização de novas políticas públicas culturais. Para tanto, utilizaremos como base para este cotejo conceitos operatórios dos estudos de gênero e da crítica feminista, reforçando o aspecto da construção/ficcionalização, que perpassa o mundo, os sujeitos que o fazem, suas estratégias contra opressões, de luta, como o feminismo e a literatura feminista. Dessa forma, como constructos, que têm como pilar uma ordem discursiva falocêntrica, mesmo quando se investe contra ela, é preciso uma constante revisão crítica. Assim, com esta comunicação, esperamos estabelecer diálogos mais horizontais entre o que se convencionou chamar de literatura colonizada e colonizadora ou letrada e iletrada, ou entre os textos considerados mais teóricos e os vistos somente como práticos. Isso mesmo em um espaço já tracejado por essa dicotomia e por isso já deslocado. Por conseguinte, esse movimento aponta para uma maior escuta dos textos colocados em segundo lugar, seja por uma linha patriarcal ou mesmo feminista, assim como para outros modos de olhar, comparar, intervir, buscando acolher vozes feministas em diferentes zonas periféricas do mundo, buscando um outro teto, mais plural, amplo, potente e digno para todos nós. Este é um dos saldos positivos que aprendemos ao revisitar, pôr em relação, práticas escriturais feministas, no contexto em que vivemos e com a herança que temos.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP1 (3º andar)

Representações de gênero em a república dos sonhos, de Nélida Piñon: entre a Galícia de inspiração medieval e tradição oral e o Brasil contemporâneo LÚCIA OSANA ZOLIN (UEM)

O romance *A república dos sonhos* (1984), da escritora brasileira Nélida Piñon, empreende representações de gênero ambientadas, por um lado, em uma Galícia de inspiração medieval e de tradição oral, terra de peregrinações e de emigrantes. Por outro lado, as representações de gênero ambientadas no Brasil do século XX constituem um interessante painel da trajetória da emancipação da mulher, galgada a partir dos movimentos feministas. O romance, nesse sentido, integra o processo de implantação de vozes dissonantes em relação a ideologias dominantes como o patriarcalismo e o falocentrismo, comumente representadas e reduplicadas na literatura canônica. Nélida Piñon tem promovido em seus escritos, por meio de estratégias narrativas diversas, uma salutar discussão acerca de questões que tocam de perto o modo de estar da mulher na sociedade/nação brasileira. Trata-se de inscrever, no lugar da tradicional identidade feminina, fixa e presa aos papéis de gênero, estabelecidos pelo pensamento patriarcal, a multiplicidade e a heterogeneidade, portanto, o descentramento de identidades, as quais se constituem, na nação brasileira contemporânea, por meio da intersecção com múltiplas outras questões como raça, etnia, classe e orientação sexual. Sendo assim, fundamentando nossa investigação nos conceitos operatórios fornecidos pelo feminismo crítico e, de modo geral, pelo pensamento pós-estruturalista, nosso propósito é empreender uma discussão acerca do modo como a escritora brasileira contemporânea, em diálogo com a tradição espanhola, representa identidades femininas, bem como, as relações de gênero nesse importante romance do século XX.

Piñon e Valenzuela: a ditadura vista de longe CECIL JEANINE ALBERT ZINANI (UCS)

A obra *A doce canção de Caetana*, de Nélida Piñon, está ambientada em uma pequena cidade do interior, em 1970. Os rumores da ditadura militar que ocorria no Brasil chegam, a esse local, diluídos na euforia causada pelo milagre econômico e pela conquista do tricampeonato mundial de futebol. Em *Romance negro com argentinos*, de Luisa Valenzuela, a ação situa-se numa Nova Iorque degradada, e a ditadura argentina presentifica-se através de elementos que manifestam essa decadência. Com base nessas obras, pretende-se examinar, por meio da perspectiva feminina, a ressonância da ditadura em locais distantes de seu epicentro.

A representação da natureza nas narrativas de Willa Cather e Alina Paim: diálogos possíveis ANA MARIA LEAL CARDOSO (UFS)

Este trabalho faz uma leitura, a partir da ecocrítica, das obras modernistas *Minha Antonia* (1918) da romancista americana Willa Cather e *A sombra do patriarca* (1949), da sergipana Alina Paim, destacando a Natureza como aliada no processo de construção tanto da identidade social quanto psicológica das personagens. Estas escritoras, embora vivendo em culturas diferentes, trazem em seus textos discussões sobre a natureza e seus mistérios relacionados ao feminino. Iluminadas pela tradição do gênero ‘pastoril’ do período helenístico, em que o bucólico expressa um estilo de vida diferenciado graças à vastidão, beleza e resistência da natureza, suas narrativas apresentam protagonistas que deixam a civilização e vão ao seu encontro, retornando depois de experimentar uma epifania e uma ‘renovação’.

O despertar erótico na literatura feminina oitocentista CINARA LEITE GUIMARÃES (UFPB)

A passagem do século XIX ao XX se configura como um momento de grandes transformações nas sociedades brasileira e estadunidense. As modificações advindas do processo de modernização das cidades estão diretamente relacionadas ao novo *status* da mulher, que passa a ser valorizada enquanto educadora e formadora do homem, mas ainda ser ter acesso ao espaço público. Na literatura, temas como a educação e o trabalho feminino, assim como o amor, o divórcio e a traição, entre outros, passam a fazer parte da escrita de autoras como Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin. Em suas obras, ambas representam protagonistas mulheres que se constroem como sujeitos do feminino, transgredindo o discurso social imposto ao seu gênero. Isso se dá, nas narrativas em análise, *A viúva Simões* (1897) e *The awakening* (1899), por meio de um discurso erótico, onde Eros simboliza uma força que impulsiona à vida. A representação do desejo feminino, que surge por meio da experiência amorosa, altera a forma como as protagonistas, Ernestina e Edna, respectivamente, vêem o mundo e a si mesmas, promovendo um despertar físico e emocional que está presente, nas obras citadas, por meio da descrição do corpo feminino. Portanto, pretendemos verificar como o corpo da mulher é representado na literatura oitocentista por escritoras de propostas literárias que ora convergem ora divergem, dados os distintos contextos históricos que cercam as protagonistas enfocadas. Entendendo o corpo não apenas em sua dimensão física, mas como um lugar de representação de embates sociais e, conseqüentemente, de formação da identidade, mais precisamente, de uma identidade de gênero, nosso principal questionamento será: podemos considerar a configuração cultural dos contextos relacionados a cada uma das obras um elemento importante na composição das personagens na perspectiva da representação do corpo? Ainda, analisaremos como os discursos erótico e social de alternam ao longo das narrativas, promovendo um embate entre o que é socialmente aceito e o que se configura como uma transgressão do perfil da mulher da *belle époque*. Para elaboração de nosso texto, tomaremos por base as obras de Xavier (2007), Hollanda (1994) e Richards (2002), entre outras, que nos darão subsídios para uma análise dentro da abordagem crítica feminista.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP1 (3º andar)

Entreleituras de Ana Cristina Cesar e Katherine Mansfield

ANÉLIA MONTECHIARI PIETRANI (UFRJ)

A partir da argumentação de Rita Felski em *Beyond feminist aesthetics*, segundo a qual a literatura ocupa campo vasto de investigação, uma vez que “não se refere unicamente a si própria, ou aos processos metafóricos e metonímicos, mas está profundamente imbricada com as relações sociais reais”, propomo-nos a estudar o conto “Bliss”, de Katherine Mansfield, na tradução, recriação e crítica que dele fez Ana Cristina Cesar em seus estudos sobre tradução, tomando como ponto de discussão as representações e construções de gênero, bem como as relações entre o masculino e o feminino. Também servirão como suporte analítico o ensaio-ficção de Ana Cristina Cesar, intitulado “Literatura e mulher: essa palavra de luxo” (1979), e o texto “Riocorrente, depois de Eva e Adão...” (1982), em que a escritora brasileira relê e discute as vertentes, por vezes divergentes, sobre a chamada “literatura de mulher”.

Duas mulheres ao re(verso): em nome dos frutos – sendas do desdobrável feminino

ADRIANA SACRAMENTO (UnB)

A partir da obra poética de Adélia Prado e Paula Tavares, e da perspectiva de um corpo que se desdobra sob várias medidas, procuro estabelecer um contraponto em torno da escritura efetuada pela autora mineira e pela angolana. Por meio dos frutos que essas autoras divulgam em sua obra poética chego à escritora angolana para entender como a sua feminilidade está permeada por construções diversas acerca do mundo. O sentimento de comum pertencer subjaz à sua condição de mulher e a nação irá engendrar-se nesse permeio fomentando o sentido de entre-lugar que se faz necessário porque será por intermédio dele que podemos também localizar a sua escritura. Para o presente estudo gostaria também de observar, através da historiografia sobre o assunto, certa linhagem literária de mulheres interessadas nessa metáfora da fruta. Gostaria de associar, por apropriação desse termo, a literatura e o feminino como espaços que se desdobram e se correspondem por intermédio de gestos eficazes que suas realidades bem particulares produzem. Conforme sabemos, a atividade literária é um fio condutor de identidades, um espaço para constituir conceitos importantes, e formadores da Cultura, tais como nacionalidade e tradição. O feminino é uma linguagem expressiva e vivaz que produz um estatuto intelectual importante à Literatura porque agrega o saber e o prazer no permeio da criação literária. E essa produção de gestos eficazes me coloca no íterim dessa perspectiva, nesse olhar para as autoras.

Esboço de Eva, de Lenilde Freitas – peculiaridades da lírica feminina
 JOSÉ HÉLDER PINHEIRO ALVES (UFCG)

Publicado em 1987 e praticamente sem repercussão na crítica, o livro *Esboço de Eva*, da poetisa Lenilde Freitas, já no título anuncia um diálogo com a tradição bíblica, mais especificamente o livro do Gênesis. O obra traz também uma referência ao poema de Paul Valéry, “Ebuche d’un Serpent”. Os poemas descrevem o percurso de um eu lírico consciente de seu “porto”, o qual, como “serva” não escolheu e de que agora sabe onde pisa. Este percurso humano/poético descortina uma luta pela afirmação do desejo, conquistado a duras penas e também a consciência de que tem que assumir muitas faces. O sujeito lírico vislumbra, portanto, uma identidade feminina inacabada. As imagens e ritmos acionados na obra conferem-lhe um elevando nível estético, que revelam uma poetisa segura de seus instrumentos na expressão de suas tensões. Para acompanhar este percurso lírico-existencial, procederemos a uma abordagem comparativa, observando o modo como os poemas de Lenilde Freitas dialogam com as obras citadas e a cultura em que está inserida. Fundamentamo-nos, no âmbito da literatura comparada, nas reflexões de Carvalhal (2003), sobretudo a discussão que faz sobre a expansão do conceito de intertextualidade e seu uso na literatura comparada.

Universos ficcionais mediados pela subjetividade feminina
 SALETE ROSA PEZZI DOS SANTOS (UCS)

A história da literatura latino-americana atinge sua maturidade no século XX, após atravessar períodos distintos de criação literária. Nesse contexto, é importante ressaltar a produção de mulheres escritoras, cujas narrativas têm suscitado reflexões e questionamentos relativos às vivências femininas. Dentre essas ficcionistas, ressaltam-se a escritora chilena Isabel Allende e Leticia Wierzchowski, escritora sul-rio-grandense, cujas obras serão alvo deste estudo. *Eva Luna* (1989), de Allende, foi lançada em 1987 e tem alcançado expressivo interesse por parte de leitores, o que se comprova pelas inúmeras edições do livro. Essa narrativa move-se em torno da personagem-narradora Eva Luna, cuja palavra edifica mundos alternativos, pelos quais é possível transgredir a mediocridade do cotidiano. Em *Um farol no pampa*, Wierzchowski dá voz, mais uma vez, à personagem-narradora Manuela, a qual, revisando a história dos antepassados, retoma a trajetória de homens e mulheres que se digladiam num universo de encontros e desencontros. Ambas as narrativas provocam a busca de elementos que configurem a subjetividade feminina na apreensão da realidade, trajeto analítico que será elaborado com base em aportes teóricos da crítica literária voltada para o texto feminino.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP1 (3º andar)

Lispector e A hora da estrela: estética literária e diálogos com a tradição
 KATYA QUEIROZ ALENCAR (UNIMONTES)

O objetivo desta comunicação é discutir, a partir da novela *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector, características da estética literária clariceana construída pela rememoração, inserção e entrecruzamento de tradições várias, especialmente a mítica judaico-cristã, que nessa narrativa serve para sobrepor tempos e especular sobremaneira questões identitárias e ontológico-existenciais, contribuindo para a renovação e o deslocamento dos conceitos de literatura. Também associaremos a estética de Lispector à sua ascendência judaica, sem desconsiderar sua condição de imigrante e o seu trânsito por várias culturas, bem como discutiremos o espaço de enunciação da escritora e a reescrita do movimento midráshico na obra, a partir da retomada secularizada de resquícios de textos canônicos e de análises da linguagem e do silêncio. Para tanto, tomaremos como principais referências obras de Nelson Vieira, Nádya Battela Gotlib, Berta Waldman e Mircea Eliade. A metodologia empregada será a qualitativo-interpretativa, baseada em análises descritivas e comparativas de textos literários e teóricos. Nossa hipótese é que Lispector usa a palavra literária como um meio de sobrevivência, luta e caminho de buscas para significações da vida, motivos que contribuem para ampliar as discussões sobre as características das obras literárias de autoria feminina, no Brasil, na década de 70.

Metáforas para o “indizível” da periferia WESCLEI RIBEIRO DA CUNHA (UFS)

O presente trabalho pretende desenvolver uma reflexão acerca da consolidação de um novo estilo de escrita, resultante do processo de formação literária e cultural de Clarice Lispector (1920-1977), sobretudo no que concerne à apropriação e transformação de leituras realizadas pela escritora, para interpretação de *A paixão segundo G.H.*, considerando-se as narrativas de vida e de obra clariceana, numa “complexa alquimia criativa” (GOTLIB: 1995, p.15). Com efeito, no itinerário místico de G.H., a narrativa desenvolve reflexões sobre o aspecto metalinguístico concomitante aos aspectos poético e transcendental do ser, em cujo processo narrativo se inscrevem “os grandes temas verbais da existência”, “uma mitologia pessoal e secreta” (BARTHES: 2004, p. 10), peculiares à poética clariceana. Em *A paixão segundo G.H.*, sob condensada estrutura, a escritora desenvolve instigantes questões acerca da existência humana, nas condições de centro e periferia, visto que é a partir do reconhecimento da condição de Janair, ex-empregada de G.H., que a protagonista descobre, com mal-estar, um outro mundo de imagens, motivados por rudimentares desenhos, “de um homem nu, de uma mulher nua, e de um cão que era mais nu do que um cão” (LISPECTOR: 1998, p. 41), feitos por Janair com ponta quebrada de carvão, na parede caiada, contígua à porta do bas-fond. As imagens desse “inesperado mural”, que precedem o sacrílego ritual de comer da massa branca do interior de um asqueroso inseto, desconfortam, constroem a protagonista, na medida em que a lembrança da ex-empregada, que até então fora vista sob total indiferença, encontra-se presente coercitivamente. Assim, é mister a essa tessitura a contestação de valores sócio-culturais e “desistência” de padrões narrativos tradicionais, a partir da qual (tessitura) se originam novas possibilidades de leitura de uma difícil realidade, num contexto de “crise dos fundamentos da vida humana”, no “Breve Século XX” (HOBSBAWN: 2002). Podemos também inferir uma problematização de como se engendra a construção de um novo texto metafórico, resultante do “esforço humano” empreendido com a linguagem, que obtém maior êxito, conforme destaca a narradora-personagem G.H. (LISPECTOR: 1998, p.176), quando não consegue designar, visto que o “indizível” resulta do “fracasso da linguagem”, em face da trágica busca de desvelar os mistérios da condição humana. Nessa perspectiva, em *A paixão segundo G.H.*, “a realidade é a matéria-prima”, a linguagem é o modo como se vai buscá-la, o que possibilita, à tessitura poética, estender o domínio da palavra sobre regiões mais complexas e inexprimíveis, capaz de fazer da ficção uma forma de conhecimento do mundo e das ideias. Este trabalho integra a pesquisa “Histórias de Leitura: Bibliotecas Pessoais”, sob a Coordenação da Profª. Drª. Odalice de Castro Silva, do Programa de Pós-Graduação em Letras – Literatura Brasileira, da Universidade Federal do Ceará.

Marta e Macabéa: marginalidade e colonialismo FANI MIRANDA TABAK (UFTM)

A análise de duas personagens separadas temporalmente em mais de um século, uma protagonista do romance *Memórias de Marta*, de Júlia Lopes de Almeida, e a outra de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, permite pensar nos meios que a autoria feminina utiliza para ficcionalizar, ao longo da história, a imagem da mulher marginalizada em uma sociedade com fortes resquícios coloniais. O distanciamento das obras intensifica a permanência do discurso patriarcal e as relações de poder de dominação em torno da visível fragilidade econômica à qual as personagens se vêem submetidas. A proposta transgressora de Júlia Lopes, educando a sua personagem para dar-lhe alguma chance de escolha e sobrevivência, vê-se logo “retocada” com a necessidade do casamento como instituição única para a mulher oitocentista. Cem anos depois, Macabéa, ser humano inútil e bestializado pelo meio, encontra como redenção da sua precária existência a própria morte, única hora de glória. Ambas traduzem, em variados aspectos, uma triste constatação: a imagem edênica da América, construída em nossa cultura desde o século XIX, colaborou intensamente para que os problemas relativos à colonização fossem apaziguados pelo ideal de desenvolvimento do capitalismo nos grandes centros de cultura. Essa suposta “emancipação” liberal, no entanto, não adentrou os meios econômicos mais frágeis e muito menos a condição da mulher pobre e iletrada.

Meu estranho diário de Carolina de Jesus e *Aprendendo a viver* de Clarice Lispector: diálogo com as diferenças LETÍCIA PEREIRA DE ANDRADE (UEMS)

Partindo do princípio de que a “mulher” não é uma categoria unívoca, esta pesquisa se propõe a verificar a multiplicidade de vozes que sonorizam as narrativas confessionais de autoras, sócio-culturalmente, diferentes – Meu estranho diário de Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e Aprendendo a viver de Clarice Lispector (1920-1977). Em textos confessionais, observa-se que a “representação” pode ser mediada por recortes afetivos que recuam, estabelecem filiações e vínculos com outros territórios lingüísticos tornando memória compartilhada. Assim, acredita-se que os diários de Carolina e as crônicas confessionais de Clarice, escolhidas para este trabalho, podem operar a desconstrução das velhas imagens e clichês construídos patriarcalmente sobre a mulher ou repetir esses estereótipos, de forma tensa e ambígua, pois o próprio tecido ficcional se equilibra na fronteira entre referencialidade e representação. Daí busca-se ouvir diferentes vozes femininas, aceitando as diferenças e as contradições como fundamentais para observar o processo de desconstrução do discurso patriarcal.

PERMANÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO DA NARRATIVA FICCIONAL: O ESTATUTO DO ROMANCE

Juliana Santini (UNESP)
Luciene Azevedo (UFBA)
Rejane C. Rocha (UFSCar)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP2 (3º andar)

O romance e a representação do espaço urbano: Modernismo e contemporaneidade
REJANE CRISTINA ROCHA (UFSCar)

As relações sempre tensas entre a cidade moderna, surgida no século XIX, e a modernidade literária são descritas e discutidas por muitos estudiosos que costumam localizar na obra de Charles Baudelaire o marco inicial de uma linguagem literária competente para a representação da insurgente realidade urbana. Tal linguagem expressaria, a partir de recursos específicos, a apreensão ambígua da cidade pelo poeta: de um lado, o sentimento de atração que a nova conformação da vida urbana exercia sobre aquele que estava inserido no torvelinho da velocidade, da multidão e das revoluções arquitetônicas, de outro, o espectro da modernização técnico-industrial, face inextricável da modernidade e alicerce da nova cidade que se erigia. Este trabalho pretende discutir de que forma as imagens da cidade moderna construídas pela literatura a partir do estabelecimento de uma linguagem e estrutura peculiares, desde Baudelaire, ressoam ainda hoje, no romance contemporâneo que opta por representar a realidade urbana em pleno século XIX. A leitura de Eles eram muitos cavalos possibilitará a reflexão a respeito de que maneira a cidade de hoje conforma, ou não, uma linguagem romanesca específica, ao mesmo tempo em que tal linguagem modela a percepção atual sobre a cidade.

O romance contemporâneo e a “vida real” – a narrativa de Luiz Ruffato
JULIANA SANTINI (UNESP)

Em reflexão sobre a prosa brasileira contemporânea, Karl Erik Schollhammer afirma que uma das tendências dessa produção configura-se em torno de uma retomada do realismo. Ao expandir essa hipótese, o que se tem é a idéia de que parte das narrativas publicadas nos últimos vinte anos articula-se não ao compromisso de objetividade e descritivismo que definiu o realismo histórico do século XIX, mas as narrativas que unem experiência estética e compromisso em apontar a marginalização em uma dada realidade social. Partindo dessa hipótese, este trabalho propõe uma reflexão em torno dos modos de representação utilizados por Luiz Ruffato na composição de seu projeto literário Inferno provisório, romance de cinco volumes – sendo quatro já publicados – em que o autor declara construir uma poética do proletariado brasileiro. Interessa, nesse sentido, observar de que maneira a proposição de um romance fragmentado – em seu conjunto e na linguagem que o compõe – alia o traço da experimentação, preconizado pela vanguarda, a uma determinação ideológica que difere do engajamento do realismo social da década de 30 ou do realismo verdade no romance brasileiro da década de 70 do século XX. Em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, o autor mineiro afirma que a questão do realismo, no romance em questão,

ultrapassa o teor político e se aloja na teoria da literatura, colocando em xeque a estrutura do romance e a linguagem como meio de representação ou construção de uma dada realidade encarta-da no texto. Coloca-se, aqui, a síntese da proposta deste trabalho: observar o romance *Inferno provisório* como “linguagem in progress”, analisando de que modo esse projeto liga-se às bases de um novo realismo que, ainda segundo Schollhammer, procura menos a representação do real do que o efeito de realidade.

O terrorista de John Updike: figurações incertas sobre uma América incerta

CARLA ALEXANDRA FERREIRA (UFSCar)

Possuidor de uma obra bastante vasta e diversificada e tendo a literatura por profissão, John Updike construiu uma trajetória literária que cristalizou seu papel de escritor de realismo sociológico dentro do contexto da literatura norte-americana contemporânea. Updike faz parte de um grupo de escritores voltados ao resgate de um realismo oblíquo mesclado com concisão formal; que têm preocupação com a inquietação urbana moderna, partilhando da idéia da criação, através de seus romances, de um retrato dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial. Bradbury argumenta que John Updike tornou-se um registrador marcante “das mudanças norte-americanas ocorridas na passagem dos afluentes anos cinquenta para a liberal década de sessenta e os narcíseos anos setenta” captando especialmente “o novo mundo norte-americano da expansão dos subúrbios, dos jovens casais do período pós-bomba atômica e o ritmo de seus casamentos, filhos, divórcios, apetite material e espiritual e desejos sexuais – desejos que em sua obra parecem ser uma mesma coisa.” (BRADBURY, 1991). Acrescenta que Updike mistura precisão formal “com indícios crescentes de preocupação histórica”. Numa observação mais cuidadosa do trabalho literário de Updike percebemos, contudo, que essa representação (conceito por si só controverso) da nação norte-americana não acontece de modo tão direto e ‘real’ como expresso pela maioria da crítica do autor. Além das dificuldades postas por um momento histórico que não se quer representável, há, na tessitura de alguns de seus romances, uma figuração incerta - muitas vezes ignorada pela crítica - que capta muito mais do que aquilo que é manifesto. Esses textos surgem como dissonantes do conjunto de sua obra e são avaliados por uma crítica de valor que, ao lidar com esses romances aparentemente diferentes, em contraposição ao trabalho já cristalizado do autor, são considerados textos menores ou experimentais. De recepção complexa, *Terrorist* (2006) parece ser um romance sobre o que se propõe: a história de um terrorista. Observadas as lacunas, pistas e contradições presentes no romance, principalmente pela escolha de um texto de suspense, pela caracterização e espaço, pode-se detectar as dificuldades de entendermos e figurarmos nosso tempo: uma história norte-americana que se nega a aceitar sua configuração multicultural. O objetivo desta apresentação é a de mostrar que *Terrorist* exige de seu leitor que se investigue o conteúdo social da forma (SCHWARZ, 1999) desse texto; que perceba que a dificuldade de figuração é diagnóstico do contexto de produção do texto literário e não um parâmetro de julgamento do valor desse texto; que seja capaz de desvendar as estratégias de contenção (JAMESON, 1991; FERREIRA, 2003) nele presentes e em nossos olhares de leitores. A proposta é a de que a leitura de *Terrorist* ultrapasse a leitura de seu conteúdo manifesto e da mimeses, no sentido de perceber que o diálogo oculto com a realidade norte-americana, os fragmentos apresentados, o tipo de texto escolhido para narrar essa história sobre o terror traz a história de um Estado-nação que está no centro das discussões sobre globalização e inclusão (anômala) e que possui dificuldades em lidar com sua formação e configuração multicultural.

A representação do humor em dois romances contemporâneos

SYLVIA HELENA TELAROLLI DE A. LEITE (UNESP)

Esta comunicação apresentará a análise de dois romances de Luiz Ruffatto, “Eles eram muitos cavalos” (2001) e “Estive em Lisboa e lembrei de você” (2009), autor expressivo da ficção contemporânea no Brasil, procurando observar como nos textos o efeito de humor interfere no modo que se dá a representação da realidade. O cômico, entendido aqui como uma espécie de gênero, comporta distintas modalidades, delimitadas por nuances às vezes sutis; partimos do pressuposto de que nos dois textos encontra-se muito marcante a presença do humor. Entende-se humor como expressão vinculada à comichidade, mas que amalgama em sua constituição elementos cômicos e trágicos. Como sustentação para a análise serão utilizados estudos clássicos sobre o humor, como os de Pirandello (“O humorismo”), Propp (“Comichidade e riso”) e Freud (“O chiste e suas relações com o inconsciente”) bem como será objeto de interesse o modo como a focalização atua no aguçamento ou na diluição do humor. No primeiro romance o humor é presença secundária, que aparece episodicamente, como recurso para atenuar o peso das situações de extrema tragicidade vividas por diferentes personagens no decorrer de um dia, em São Paulo; no segundo, o humor é presença visceral, indispensável à abordagem do cotidiano, tão verdadeiro quanto absurdo do protagonista, em Cataguazes, interior de Minas Gerais e depois em Lisboa. Os dois textos aqui abordados mostram que o humor pode expressar a crítica, mas pode também ser uma forma de lidar com os afetos dolorosos ou recalçados; em sua complexidade, abrange várias modalidades de riso e pode expressar, para além da crítica, também uma forma de acolhi-

da, de reconhecimento e aceitação da diferença. As duas narrativas abordadas apresentam projetos de vida dissolvidos ao longo do tempo, ilusões e esperanças esgarçadas no confronto com as surpresas do destino, as reviravoltas que a vida dá. Em ambas as narrativas o autor recorre ao humor como forma de enfrentamento do ceticismo, ante a descrença em quaisquer utopias. O es-tudo dos temas de que trata o humor, assim como os recursos estilísticos, formais, estruturais utilizados para o seu traçado certamente elucidarão aspectos relevantes para a compreensão da maneira como, nos textos, o autor constrói sua representação da realidade brasileira.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP2 (3º andar)

As faces do realismo nas narrativas de hoje

TÂNIA PELLEGRINI (UFSCar)

O realismo, aqui visto como técnica narrativa ou "modo de narrar" específico, vem se modificando ao longo do tempo, desde seu surgimento como "escola", no século XIX, traduzindo as in-junções mais profundas das transformações histórico-sociais. Nesse sentido, o texto postula seu recrudescimento nas narrativas de hoje como resultado dessas injunções, associadas a questões particulares da lógica da indústria da cultura contemporânea.

Mongólia e a encenação da escrita

MÁRCIA VALÉRIA ZAMBONI GOBBI (UNESP)

Em consonância com um dos objetivos do simpósio – o de discutir o romance contemporâneo como forma narrativa que incorpora em sua tessitura questionamentos em torno da natureza da representação literária –, propõe-se uma análise de *Mongólia* (2003), de Bernardo Carvalho, a partir da hipótese de que o exercício metaficcional, que aparece articulado ao desenvolvimento da trama do romance, é significativamente facilitado por serem os seus protagonistas não só narradores, mas também escritores. Assim, à medida que “contam a história”, esses narradores excedem a função de narrar não só na medida em que confirmam a impossibilidade do discurso absolutamente “neutro” (denunciando sua presença pela emissão de juízos visíveis, por exemplo, na própria adjetivação ou nos comentários digressivos sobre situações específicas do enredo), mas principalmente pelo fato de que esses juízos e digressões tem como objeto o próprio ato da escrita, a própria construção da narrativa. Estratégia narrativa consciente, elaborada, sofisticada, a metaficção tem como uma de suas consequências mais imediatas a empatia criada com o leitor, que se vê incluído no tempo/espço do fazer ficcional, já que partilha com o narrador escritor suas hesitações, suas dificuldades em conduzir o fio da escrita – e isso o leva, efetivamente, a refletir sobre a própria criação ficcional, sobre o modo como a literatura se insere no mundo, sobre como leva os dados do real, das contingências históricas, a um nível de reelaboração que, longe de afastar arte e mundo, ativa formas de relação e de compreensão insuspeitas, realizando a função precípua da literatura: fazer ver melhor o homem e o mundo, a história e o homem nela.

A problematização do estatuto do real e da percepção da realidade na narrativa brasileira contemporânea: os limites da representação

PAULO CÉSAR THOMAZ (UnB)

Parte da produção literária das últimas décadas no Brasil tem se preocupado com o questionamento do estatuto do real e com os limites da representação literária. Por meio de ordenamentos narrativos que ora contestam diretamente ora obliquamente os efeitos de verossimilhança que legitimam o texto em prosa, esses escritores procuram avançar em direção a um relato que incor-pore os inacabamentos do processo de escrita. Dste estudo tem como propósito delinear no interior das obras desses escritores como se conforma esse questionamento em seus modos ficcio-nais.

Romance-ensaio: três casos

ANTONIO MARCOS PEREIRA (UFBA)

Se a trajetória do gênero romance apresenta desafios de toda ordem para a teorização, a coisa não é muito diferente com o gênero ensaio: ambos são marcados desde o nascedouro por complicações que, se por um lado extenuam a tarefa taxonômica, por outro terminam por verificar a potência de cada gênero, que em suas transformações se atualiza e revigora. Nessa comunicação proponho comparar e contrastar três casos de um suposto gênero híbrido, o romance-ensaio, uma categoria forjada oportunisticamente para dar conta de trabalhos que ostentam, ao invés de escamotear, seu caráter bifronte. Assim, ao comparar Anéis de Saturno (1992), de W.G. Sebald, Diário de um ano ruim (2008), de J.M. Coetzee e From old notebooks (2010), de Evan Lavender-Smith, busco enfatizar uma certa deriva que incorpora, em uma série de escolhas formais e, digamos, retóricas, de maneira cada vez mais patente e performática, um jogo com a dimensão autobiográfica da autoria e uma exibição cada vez mais saliente do funcionamento do autor em seu processo de fatura dos textos. Ao comparar os trabalhos, busco extrapolar a operação com o material ficcional e avançar dialogando com a rede de recepção de cada um, considerando que aí, nesses espaços que correm em paralelo à produção do texto ficcional como constituintes necessários do lugar de Autor, encontraremos também recursos para explorar algo a respeito das possibilidades de interpelar e de acolher as novas formas do gênero romance.

Realidadeficção e as escritas-de-si: nova literatura ou novo paradigma de leitura?

AMAURY GARCIA DOS SANTOS NETO (PUC-Rio/CMRJ)

A presente comunicação tem por fim discutir problematizações referentes à fluidez de fronteiras entre o discurso autobiográfico e o discurso ficcional, principalmente no tocante a estratégias narrativas e a conhecida “crise da representação”. Consideraremos a ideia de “realidadficción”, proposta por Josefina Ludmer em “Literaturas Postautónomas”, que abre a possibilidade para que abordemos tanto escritos literários quanto não-literários como simultaneamente reais e ficcionais. Com a crise da representação (que podemos dizer ter seu início já no século XIX), o que outrora considerávamos realidade passa a ser visto como construto linguístico. Ludmer considera ultrapassada a discussão sobre a possibilidade em se representar o real, pois, para ela, a realidade “já é pura representação”. A autora, então, defende que uma determinada descrição da realidade, ficcional ou não, abrange não apenas um referente empírico exterior, mas também sua virtualidade ou potencialidade. Ludmer enxerga a ideia da “realidadficción” como originada na literatura contemporânea. Entretanto, se analisarmos o surgimento do romance moderno e do gênero autobiográfico, veremos que a fluidez de fronteiras entre ficcionalidade e realidade no tocante aos discursos acima mencionados sempre existiu, desde o início de ambos. Basta pensarmos em *Robinson Crusoe* de Daniel Defoe. Esta tradicional fluidez nos leva a conceber a ideia de “realidadficción” não como uma tendência da literatura atual, mas sim como uma nova possibilidade hermenêutica, centrada no leitor. Acreditamos ser o leitor a figura que busca pelo real naquilo que lê. Isso nos trás às colocações de Philippe Gasparini sobre a autoficção e o romance autobiográfico. De acordo com o teórico francês, a probabilidade de um romance se tornar autoficcional ou autobiográfico é sempre baseada numa hipótese hermenêutica. Gasparini afirma ser o leitor o responsável por ler um texto ficcional como refração da realidade. Apesar dessa busca contemporânea pelo real na narrativa, ou por narrativas imbuídas do real, acreditamos que o romance não se encaminha para sua morte, contrariando o que alardeiam alguns intelectuais da atualidade. Em nossa opinião, o que aconteceu foi uma mudança paradigmática na maneira de ler textos ficcionais. Não é o romance atual que necessariamente tem mais “realidade”, mas sim o leitor que busca achar instâncias do real. Isso é mais facilmente verificável no romance autobiográfico ou na autoficção, quando comparados a biografias ou autobiografias (que, por sua vez, se utilizam de elementos próprios da ficção em diversos momentos). Portanto, visamos discutir a ideia de “realidadficción” como nova hipótese hermenêutica, relacionando-a a escritas-de-si ficcionais e não-ficcionais, à luz de colocações do teórico Philippe Gasparini. Para tal, pincelaremos nossa fala com alguns exemplos de autobiografias, romances autobiográficos e autoficções.

Apontamentos sobre a autoficcionalização na literatura contemporânea

ISABELITA MARIA CROSARIOL (PUC-Rio)

A comunicação propõe uma reflexão sobre a autoficcionalização como estratégia de escrita na literatura contemporânea. Em sua obra *Os papéis do inglês, por exemplo, é tomando a si mesmo como narrador e personagem que Ruy Duarte de Carvalho discute seu papel como intelectual angolano em um contexto pós-independência, ao mesmo tempo em que, salientando a necessidade de se reescrever a história da África contada pelos europeus, reflete, por meio de um procedimento metalinguístico, acerca das especificidades do discurso pós-colonial. O brasileiro Bernardo Carvalho, por sua vez, dialogando com a obra do escritor angolano, em Nove noites, de 2002, também recorre à ficcionalização de si como recurso de elaboração de uma narrativa que, mesclando história e ficção, coloca em discussão as novas formas assumidas pelo romance.*

Roth e Wolff: ecos novecentistas

PEDRO DOLABELA CHAGAS (UESB)

A comunicação abordará a manifestação, em obras da década de 90 do brasileiro Fausto Wolff e do norte-americano Philip Roth, de um modo consagrado de relação do romance com a realidade: o uso da ficção como estratégia de remissão à totalidade social, focalizada num momento histórico específico. Esta é uma perspectiva comum a *Middlemarch*, *As Ilusões Perdidas* e *Guerra e Paz*, para citarmos alguns clássicos do século XIX. Em Roth e Wolff, isso revela a permanência de dois elementos importantes do gênero romanesco: 1) o enlace entre a vida privada e a realidade sócio-histórica, colocando a ficção a meio caminho entre a criação livre e a remissão fática ao real; 2) a apropriação (entre a incorporação e a subversão) de modalidades não-literárias de discurso. No liame entre estes dois elementos, a leitura comparativa de Roth e Wolff permite avaliar a atualidade e a perseverança, no presente, daquele modo romanesco canônico – a remissão ficcional à totalidade social –, permitindo notar também certas diferenças entre o romance brasileiro e o norte-americano na representação crítica da realidade social, diferenças que revelam o romance em sua relação complexa com o habitus intelectual dos lugares onde é produzido: no Brasil, a tendência a fazer da representação da realidade social uma instância de investigação de uma identidade nacional ainda a ser estabelecida; nos EUA, a tendência a buscar nas teorias políticas fundadoras do país um fundamento identitário já longamente estabelecido, a servir de orientação para a interpretação do presente.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP2 (3º andar)

Crise do romance, crise do sujeito – a escrita ficcional de Lima Barreto

CARMEN LÚCIA NEGREIROS DE FIGUEIREDO (UERJ)

O trabalho pretende refletir sobre a narrativa ficcional do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) como forma de crise, através do diálogo crítico com a tradição literária, com os elementos característicos do próprio gênero e, ainda, frente aos dilemas da modernidade do início do século XX, entre eles a crise do sujeito burguês, a perda da força épica do narrador e o questionamento sobre a possibilidade, e impasses, do romance moderno. Considera-se, aqui, a perspectiva da crise como possível contradição entre o enunciado do conteúdo e a forma, isto é, o enunciado formal posto em questão pelo conteúdo a partir da reconfiguração das categorias da narrativa, de nova função para o narrador – fundado no sujeito instável que deixa o mundo, a linguagem e a si mesmo sob suspeita – no contexto de modernização da percepção, intensificação dos deslocamentos espaço-temporais, desintegração da subjetividade, fragmentação da visão e desfamiliarização do espaço urbano. A mirada desse trabalho para as primeiras décadas do século XX poderá, na interlocução com os colegas desse Simpósio, oportunizar uma perspectiva histórica nas reflexões sobre o romance contemporâneo, especialmente acerca dos questionamentos sobre autobiografia e a escrita de si, consideradas formas que ampliam as categorias próprias do romance como gênero.

“Quer que lhe leia a sina, meu senhor?” *Diário*: a escrita intimista em Torga

RAQUEL TEREZINHA RODRIGUES (UNICENTRO)

Os diários estão inseridos no gênero memorialístico e têm como traço comum não somente a expressão do “eu” através de elementos que são tirados da memória, como também a presença de um narrador como testemunha de um tempo, muitas vezes, diluído. Procurou-se aqui, mostrar que a escrita intimista mais do que testemunhar eventos ocorridos em um determinado período, pode ser muito mais reveladora e tratar de assuntos que diferem da proposta de escrita de um diário, tornando-o híbrido ao mesclar vários gêneros narrativos, na medida em que eles servirão a propósitos mais sutis, quer seja o de companheiro espantando a solidão, ou o de mostrar a heterogeneidade estabelecida entre o eu-narrador e o eu-personagem. Esse desmascaramento acaba levando a uma busca (in)consciente de autenticidade que vai permear toda a obra conferindo ao texto uma impressão maior de verdade. Segundo Marcello Mathias, o gênero memorialístico no qual se insere os diários, tem um fio condutor que é a memória. Porém, esses textos intimistas partilham outros elementos, tais como: o fato de se centrarem na figura do autor, privilegiando um olhar individual e o de terem o tempo como organizador dos relatos. Contudo, mesmo que trate de elementos referentes a própria vida, não importa a averiguação dos fatos, reafirmando o que disse Lejeune que ninguém mentiria sobre si mesmo. E, ao mesmo tempo que essa garantia de veracidade é dada, tem-se na escrita de si, para Mathias uma ilusão de verdade que independe da boa fé de quem redige, e ao juntar-se ao fato de que ninguém conhece ninguém na sua totalidade e nem diz tudo sobre si, cria uma opacidade linguística que se configura em uma aproximação da realidade. Sendo assim, observou-se que em Torga os diários funcionam como um diálogo entre as obras do escritor e que o narrador aparece fragmentado o que contraria a singularidade proposta pelos textos intimistas. Embora trate de assuntos relativos a sua existência, a narrativa não é nada convencional, tendo em vista que se trata de um livro intimista que aborda questões estéticas, ao se utilizar da metalinguagem para falar de assuntos referentes ao seu fazer poético. Torga estabelece um ritmo de escrita que independe do gênero escolhido por ele, opta pela reflexão contínua da vida, da família, da profissão, da terra natal e por extensão de seu povo, sabendo de antemão que a única saída para a libertação do homem é pela arte.

Ficcionalizando o real, realizando a ficção: romance e representação em Ruy Duarte de Carvalho e Mia Couto SUELI DA SILVA SARAIVA (USP)

As literaturas de Angola e Moçambique ascenderam de forma mais notória como “literaturas autônomas” a partir da segunda metade do século XX, acompanhando as revoltas anticoloniais que ganharam fôlego na década de sessenta e culminaram nas independências desses países em 1975. No decurso desse processo de emancipação política, a poesia e a prosa desempenharam papel fundamental como “armas” de repúdio ao colonialismo europeu, sendo que parte considerável dos mentores intelectuais e ativistas dos movimentos de libertação nacional era formada de escritores que, não raro, empunharam armas, literalmente. São, portanto, literaturas que emergiram firmemente atreladas à uma realidade social específica. A menos de quarenta anos do advento da independência de Angola e Moçambique, mas tendo já se constituído entre nós, brasileiros, um profícuo campo de estudo de suas literaturas, deparamo-nos com algumas questões pertinentes à representação ficcional da realidade desses jovens países, em obras cuja temática muitas vezes evoca algo do engajamento literário (no melhor sentido do termo) dos primórdios dessas literaturas nacionais. Chama a atenção o modo como tais narrativas fiam-se no contexto sócio-histórico e na experiência pessoal (biográfica e testemunhal) de seus autores para dar conta desse diálogo com o real, vislumbrado em sua forma e conteúdo. Neste trabalho pretendemos abordar comparativamente o exercício do gênero romance (um alienígena enriquecido pela cultura que o acolhe) no âmbito das literaturas africanas de língua portuguesa, tomando como exemplos as obras: Os papéis do inglês (2000), do angolano Ruy Duarte de Carvalho (1941-2010), e O último voo do flamingo (2000), do moçambicano Mia Couto (1955). Sabidamente, ambos os autores fazem convergir para a escrita literária ecos de suas ponderações críticas (comumente publicadas em textos de intervenção ou opinião), as quais, no plano da realidade, iluminam e denunciam um estado de coisas hostil, para usar um termo de Tânia Pellegrini (“Realismo: a persistência de um mundo hostil”. In Revista da ABRALIC, n. 14, 2009). É nosso interesse colocar tais narrativas em diálogo com a proposta de Pellegrini, que observa hoje um revigoramento do realismo literário, tratado por ela como “refração” da realidade. Considerando a estreita associação dessas narrativas ficcionais com a realidade social de onde se originam, pretendemos verificar que mecanismos literários possibilitam a esses autores representar ou “refratar” tal realidade na escrita romanesca. São narrativas de duplo mérito: provocam a crítica apegada aos enquadramentos canônico-formais, e desafiam os coveiros da representação realista na ficção. Esperamos assim confirmar mais um caminho interpretativo para a abordagem crítica do romance africano de língua portuguesa, nosso atual objeto de pesquisa.

Os eternos: o filho e a ficção de Cristovão Tezza VICTORIA SARAMAGO PÁDUA (Stanford University)

Em seu premiado romance *O filho eterno*, Cristovão Tezza aborda o que fora até então um tema sobre o qual assumidamente não se dispunha a escrever: o de seu filho com Síndrome de Down. Tal omissão, de fato, não destoaria no conjunto da obra de um autor especialmente interessado na articulação de diferentes vozes, em que quase nenhum espaço fora aberto à exploração de traços autobiográficos. Nesse contexto, fazer da delicada relação com o próprio filho a matéria-prima de um romance significa não apenas enveredar pelo terreno da “escrita de si”, mas também estabelecer um novo paradigma no âmbito interno de suas obras anteriores. A proposta deste trabalho é precisamente a de pensar o lugar d’ *O filho eterno* e os problemas colocados pelo livro nestas duas esferas. Ainda que inúmeros elementos comuns ao protagonista do romance e à biografia de Tezza sejam facilmente identificáveis, considerar o livro uma autobiografia seria problemático, na medida em que há desde o início um rompimento com o pacto autobiográfico, na acepção de Phillippe Lejeune: não há identidade de nome entre o protagonista e o autor, e tampouco um compromisso com a referencialidade se faz explícito. No espectro das formas híbridas, assim, a linha da chamada autoficção, entendida por Serge Doubrovsky como “ficcionalização de fatos reais”, apresentaria caminhos interessantes para abordar a obra, uma vez que legitimaria as estratégias narrativas e ficcionais empregadas por Tezza sem negar as referências ao factual. A questão se torna mais complexa, contudo, se for levada em consideração a obra de Tezza como um todo. No que concerne a sua ficção, a preocupação com o diálogo de diferentes vozes e com a construção de discursos alheios ao que se poderia tomar por uma certa voz do autor é uma constante. Tal procedimento, ademais, vai ao encontro da obra teórica de Tezza, centrada nos trabalhos de Mikhail Bakhtin e em alguns de seus conceitos, tais como dialogismo, polifonia e as diferenças entre os discursos poético e romanesco. Somem-se a isto, por fim, as próprias declarações de Tezza a respeito d’ *O filho eterno*, nas quais afirma e justifica seu estatuto ficcional em detrimento dos aspectos autobiográficos. A guinada para a voz autoficcional, nessa situação, mostra-se especialmente significativa e mesmo radical, pois o que está em jogo é não exatamente um rompimento com seu projeto ficcional e teórico anterior, mas sim uma incorporação dessa voz autoficcional ao projeto em questão. Ou seja, trata-se de apresentar sua voz como um discurso ficcional entre outros, o que, por si só, pressupõe uma rediscussão do que se possa entender por discurso romanesco no interior da obra de Tezza. Se, por um lado, esse alinhamento do autoficcional ao ficcional parece solapar a ideia de uma “escrita de si”, por outro reforça o caráter híbrido inerente à autoficção. E é precisamente neste terreno instável que se situam as reflexões aqui propostas.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP2 (3º andar)

Personagem de ficção e autobiografia

MARIA CÉLIA DE MORAES LEONEL (UNESP) JOSÉ ANTONIO SEGATTO (UNESP)

O objetivo da comunicação é, por meio de análise comparativa, levantar e examinar semelhanças e diferenças entre dois romances brasileiros recentes: *Heranças* de Silviano Santiago publicado em 2008 e *Eu vos abraço*, *Milhões de Moacyr Scliar* lançado em 2010. Ambos utilizam o mesmo procedimento narrativo: a autobiografia da personagem de ficção, recurso já antigo e muito usual na literatura. De Goethe, passando por Dostoiévski, até Svevo e Joyce, entre muitos outros inclusive uma boa quantidade de produção recente e, no caso brasileiro, de Machado de Assis a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, esse método tem sido utilizado com eficiência e produzido grandes resultados nas narrativas ficcionais. Os narradores autodiegéticos das duas obras são homens idosos que se dispõem a narrar a própria vida. Além dessa, há várias outras semelhanças entre as duas narrativas que incitam à comparação, como a combinação entre ficção e registro documental e a predominância da descrição em detrimento da narração. O propósito é comparar os dois romances tendo em vista, principalmente, os recursos literários utilizados pelos autores para construir autobiografias de personagens de ficção que relatam sua experiência de vida, suas relações sociais e o processo histórico em que se inserem. Para tanto, tomamos como balizas formulações teóricas de Ph. Lejeune, L. Arfuch, M. Bakhtin, G. Lukács entre outros estudiosos.

A expressão do contemporâneo na escrita de si: relendo Walter Benjamin

DAISE DE SOUZA PIMENTEL (UFES)

Se nos anos 60, com Foucault e Barthes, o reino do autor foi abalado, na produção literária contemporânea o movimento do "retorno do autor" se apresenta como forte tendência, verificável em várias obras de autores brasileiros como "O falso mentiroso: memórias", de Silviano Santiago, "Budapeste", de Chico Buarque, "Nove noites", de Bernardo Carvalho e "Berkeley em Bellagio",

de João Gilberto Noll, entre outros mais recentes. Todos eles põem em questão o papel do autor – e também o gênero literário autobiografia – ao fazer autoficção. Essa reinvenção do jogo entre o sujeito empírico e o ficcional decorre das mudanças na produção de subjetividades e do surgimento de novas formas textuais, consequências da relação com os meios tecnológicos e, principalmente, digitais. E a literatura, veículo privilegiado para a expressão das subjetividades, tem tentado se reinventar com essa expressão do vivido, a ficcionalização de passagens da vida de um “eu”, que se diz autor e personagem. Outros meios como a TV, o cinema e a internet e, sobretudo a internet, constituem-se em campo fértil para a transmissão das “experiências” de agora: impressões, desejos, fatos corriqueiros da vida de um eu que quer ser notado e, mais ainda, ser reconhecido. A discussão sobre a exposição do sujeito e de suas experiências reais nas páginas de um livro, como também nas telas virtuais, ocorre muitas décadas depois dos célebres ensaios de Walter Benjamin “Experiência e pobreza”, de 1933 e “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, de 1936. Para Benjamin, a crise da narrativa foi consequência da perda da comunicabilidade da experiência na modernidade, era da informação e da técnica. Neste trabalho, proponho a releitura do pensamento benjaminiano sobre a experiência a partir das tentativas de síntese de algumas das minhas recentes leituras acerca do sujeito na atualidade e o modo como ele se reapresenta neste cenário. Nas expressões literárias hodiernas é no “espaço biográfico”, secundando Leonor Arfuch, que se promove o encontro com o eu e com o outro daquele que escreve. Esse encontro também ocorre em outros espaços propícios à expressão das subjetividades como o espaço midiático, que por sua própria estrutura, permite a visibilidade tão desejada por grande parte dos anônimos e invisíveis sujeitos da contemporaneidade.

No labirinto da escrita: a tentação autobiográfica em três romances de Antoinne Maillet RENATO VENANCIO HENRIQUE DE SOUSA (UERJ)

Nossa comunicação busca refletir sobre as relações entre o romance e as chamadas "escritas de si" a partir da leitura de três textos da escritora canadense de língua francesa Antonine Maillet, a saber *On a mangé la dune* (1962), *Le Chemin Saint-Jacques* (1996) e *Le temps me dure* (2003). Através do relato da história de Radi/Radegonde, *alter ego* da autora originária da província marítima do Novo Brunswick, na região da antiga Acádia, os romances retracam o percurso de uma carreira nascida do desejo de uma menina que, diante de "uma realidade inacabada" (2003, p. 260), quer "Recrutar o mundo com lápis e papel" (2003, p. 263). No prefácio de *On a mangé la dune*, Marcel Dubé diz que "o romance de Radi é também o da infância de Maillet e mesmo da infância *tout court*" (p. 244). Na primeira parte de *Le Chemin Saint-Jacques*, sobre o qual James de Finney afirma ser "tanto uma autobiografia fantasiosa quanto um romance de formação" (p. 56), a autora continua a narrativa da infância da protagonista. Na segunda parte, acompanhamos os acontecimentos da adolescência e da idade adulta de Radegonde assim como o nascimento de sua vocação de escritora. *Le temps me dure* põe em cena o diálogo entre Radegonde e Radi, numa espécie de desdobramento de personalidade da narradora-personagem que, tendo chegado à velhice, retorna metaforicamente à infância, que para ela é o lugar de todas as possibilidades. Graças às ressonâncias autobiográficas dessas obras, marcadas pelo tema do retorno às fontes e pela busca da origem, mas também das origens, podemos considerá-las com Philippe Lejeune (2006) "romances autobiográficos", nos quais a aventura das palavras alia-se à viagem da e pela escrita, em meio ao labirinto de uma memória ligada, ao mesmo tempo, ao destino pessoal de uma escritora e ao destino da coletividade acadiana.

POESIA LÍRICA MODERNA E CONTEMPORÂNEA: PONTOS DE ALINHAVO

Alexandre Simões Pilati (UnB)
Antônio Donizeti Pires (UNESP/Araraquara)
Solange Fiúza Cardoso Yokozawa (UFG/Goiânia)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 706

Consciência lírica e trabalho na poesia de Orides Fontela

ALEXANDRE SIMÕES PILATI (UnB)

Este texto apresenta uma leitura da obra poética da escritora brasileira Orides Fontela, importante nome da poesia brasileira do fim do século XX. O objetivo principal dessa leitura é propor uma interpretação das formas literárias de representação do trabalho presentes na poesia da autora. Para isso, estabelecem-se algumas reflexões sobre as relações entre linguagem e consciência, entre a poesia lírica e a sociedade e entre trabalho poético e o trabalho alienado em geral. Assim, será tomada a categoria da “consciência lúcida”, presente em inúmeros poemas de diversas fases da obra de Orides Fontela, como condensação de uma espécie de sentimento dilacerado em relação aos limites do trabalho poético. Inicialmente demonstra-se como o trabalho poético existe no texto de Orides Fontela como resultado de uma tensão profunda entre a potência humanizadora da experiência com a palavra e a sua contraface dialética de racionalização coisificante. O desenvolvimento do trabalho espera confirmar a hipótese de que a leitura de diversos poemas de Orides Fontela, nos termos aqui propostos, pode oferecer chaves de compreensão para o trabalho que a poesia brasileira tem dado contemporaneamente à tensão entre o lírico, o não-lírico e o antilírico, no que diz respeito à temática do trabalho.

O indianismo romântico e o poeta sem livro WILTON JOSÉ MARQUES (UFSCar)

Levando-se em consideração tanto o indianismo romântico quanto a questão do cânone literário, a presente comunicação se propõe a discutir o seguinte problema: poderia um poeta, autor de pouco mais de meia dúzia de poemas, ter ou não alguma influência decisiva no processo de configuração temática do indianismo brasileiro? Tal pergunta será pensada em função do caso singular de Firmino Rodrigues da Silva (1815-1879). Poeta bissexto e jornalista de grande destaque nos quadros do Partido Conservador, e que ainda desempenharia as funções de juiz, deputado e finalmente senador do império, o “poeta” Firmino, sem nunca ter publicado um livro de poemas, sempre aparece ao longo da história literária oitocentista, citado aqui e ali, como o autor de um poema que, por sua vez, é considerado, por alguns críticos, um dos primeiros textos de feição propriamente indianista do Romantismo brasileiro: a “Nênia ao meu bom amigo o Dr. Francisco Bernardino Ribeiro”.

Sonetos e fragmentos, de Dante Milano: uma proposta de leitura VANESSA MORO KUKUL (USP)

Este estudo é parte de uma investigação mais ampla, desenvolvida como pesquisa de doutoramento, financiada pelo CNPq, na qual toma-se como objeto a obra poética de Dante Milano, poeta carioca autor de um único livro intitulado **Poesias**, publicado em 1948. Nesta ocasião, propõe-se a leitura do primeiro conjunto de poemas da obra milanesa, “Sonetos e Fragmentos”. A partir de uma perspectiva na qual se entende que o intérprete de poesia não pode se furtar a refletir acerca das aproximações e distanciamentos da obra com as dimensões histórico-sociais, pretende-se analisar, sobretudo, como as relações com o passado e com a memória se configuram na obra poética de Dante Milano enquanto formulação estética.

Carlos Drummond de Andrade antipornográfico? MARIANA QUADROS PINHEIRO (UFRJ)

Nos anos 1980, a poesia de Drummond ganhou novas feições. Após o memorialismo de fins dos anos 1960 e dos 1970, sua obra centra-se no corpo e no júbilo de um sujeito que já não se envergonha de seu egotismo. O movimento corrompe o drama apontado por Candido como central na produção drummondiana dos anos 1940 e 1950: a tensão entre a tirania da subjetividade e o controle de um eu persistente. O esgotamento radical dessa problemática parece chegar ao ápice com a divulgação de *O amor natural*. Os poemas eróticos, preparados para a publicação *post mortem*, revelariam, segundo essa hipótese, o fim de qualquer drama na obra do escritor. Talvez daí esses textos terem sido sempre menosprezados pela crítica. Pesquisas em arquivo comprovam, porém, que os textos eróticos tiveram sua primeira organização para o prelo em 1954. Esses poemas conviveram, portanto, com o drama central da produção poética drummondiana e

dele são resultado. Por que, então, o ocultamento dos poemas eróticos por tantas décadas? Nos anos 1950, afirmaria o poeta, a sociedade ainda não estava preparada para receber esse tipo de texto, confundido facilmente com uma exposição do gozo meramente individual. Nos anos 1970 e 1980, já se havia instalado uma "onda pornográfica" na literatura contemporânea, a ponto de não o poder poético (e político) daqueles poemas não ser mais compreensível. Interessa-nos interrogar como esse conjunto de textos pode nos fazer reler a modernidade em Drummond e como a leitura de obras contemporâneas pôde transtornar a poesia de um modernista.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 706

Cartografia(s) de Orfeu na poesia brasileira

ANTÔNIO DONIZETI PIRES (UNESP-Araraquara)

Tradicionalmente, o ciclo mítico de Orfeu constitui-se de quatro mitemas fundamentais: a) a fabulosa viagem ao lado dos Argonautas, em busca do Velocino de Ouro; b) o casamento infeliz com a ninfa Euridice, que, vitimada por uma serpente, é logo perdida pelo poeta; c) a consequente catábase de Orfeu ao Hades, aonde vai para tentar resgatar a esposa do mundo dos mortos; d) por fim, a violenta morte de Orfeu, esquartejado pelas enciumadas bacantes da Trácia. Em todas as situações, sobressai o Orfeu portador da lira, cujo canto soberbo (música e palavra) encanta os monstros marinhos, os animais da Terra e outros elementos naturais, bem como os próprios deuses do mundo subterrâneo, Hades e Perséfone. Além destes aspectos, outros avolumam o “feixe de contradições” que é Orfeu, pois se crê que ele teria sido fundador de um culto mistérico e iniciático que leva seu nome, o Orfismo: este, mais propriamente vincado por aspectos mítico-religiosos, nem por isso deixou de imiscuir-se nas representações mais estritamente mítico-poéticas do bardo lendário. Assim, se em alguns momentos da literatura universal tais representações “mais puras” possam prevalecer, em outros é quase impossível deslindar-se, no vasto acervo literário e iconográfico que provém de Orfeu, o limite entre questões estético-poéticas e questões ético-religiosas. Isto se dá principalmente a partir da modernidade romântico-simbolista, quando o poeta se caracteriza como demiurgo, iniciado, vidente, tradutor, profeta, vate, eleito... e tem em Orfeu seu protótipo platônico-ideal. No Brasil, ainda que não haja tradição de estudos sobre Orfeu e sobre o Orfismo, é possível vislumbrar-se pelo menos três fases (ou modos) diferentes da aparição de Orfeu em nossa poesia lírica: no primeiro (que vai, grosso modo, do Barroco ao Parnasianismo), ele é apenas tema e motivo; b) no segundo (que pode englobar Simbolismo e Pré-Modernismo, abarcando os anos de transição de 1893 a 1923), já subjaz certa “cosmovisão órfica” na obra de alguns poetas; c) no terceiro momento (a partir dos anos 1940/50 até a esta parte), decerto por influxo da divulgação, entre nós, de poetas como Rilke e Fernando Pessoa, constata-se a configuração mais plena e efetiva de uma poesia realmente órfica e original, em vários matizes, que pode misturar elementos mítico-poéticos e místico-religiosos típicos do ciclo de Orfeu; ou acrescer a estes atributos católico-cristãos; ou emular Orfeu com o poeta moderno decaído, sem função na sociedade capitalista; ou ainda explorar uma imagética mais tradicional, em termos de tema e motivo, dos vários mitemas que compõem a trajetória do lendário poeta-amante. Esta proposta de comunicação pretende colaborar, através da seleção e da leitura comparativa de poemas de autores dos três períodos esboçados, para o estabelecimento de uma história e de uma cartografia do mito de Orfeu na poesia brasileira, em seus vários e até contraditórios significados estéticos e éticos.

Poema em prosa: formulação fora do paradigma da poesia brasileira

VALQUÍRIA MARIA CAVALCANTE DE MOURA (UFRPE)

A possibilidade de dissociação entre poesia e versificação começa a ser cogitada de maneira mais veemente no século XVIII e atinge seu ponto culminante no século XIX. No livro “Petits poèmes en prose” (1869), de Baudelaire, a prosa emerge como elemento mais adequado para exprimir os movimentos da alma moderna. Dentre as modalidades da poesia moderna, um gênero permanece um domínio pouco explorado nos estudos da literatura brasileira: o poema em prosa. De origem francesa, ele é produzido no momento em que a versificação atingia sua intensidade mais asfíxiante. O novo gênero surge para ampliar os conceitos de poeticidade e dialogar como modalidades de discursos ditos como irreconciliáveis com o discurso poético. O presente trabalho tem por objetivo problematizar a presença do poema em prosa na literatura brasileira, a partir da reflexão teórica sobre a noção de “neutro” e da análise do livro “Sapato florido” (1948), de Mário Quintana. Elaborado por Roland Barthes, o neutro é definido como tudo aquilo que burla o paradigma. Considerando o conceito como categoria gramatical, compreende-se uma categoria muito mais ampla, ultrapassando os fatos da língua para chegar ao discurso. Toda e qualquer esquivia do paradigma é interpretada com neutro. Nesse sentido, o poema em prosa é interpretado como uma formulação fora do modelo dogmático. Ele contamina a suposta clareza das classificações e as coloca em questão ao lidar com fronteiras pouco delimitadas e superfícies fraturadas.

veis, incorporando o incerto. Com o gênero, dicotomias são relativizadas. O "monstro híbrido" não se adapta a um paradigma simplicador do discurso crítico e teórico que reúne apenas o que se ajusta a sua ordenação. O poema em prosa rompe com a concepção dominante de poesia e promove a renovação dos códigos de poeticidade. Na literatura brasileira, muitos autores que fazem parte do cânone adotaram o gênero não canônico, como Manuel Bandeira, Mário Quintana, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Lêdo Ivo, Jorge de Lima, Ferreira Gullar, Augusto Meyer, entre outros. Os poetas que adotaram o poema em prosa procuram a ampliação da experiência do fazer poético, explorando uma possibilidade que se concilia com as produções poéticas versificadas. Esse revigoramento da poesia através da prosa terá papel diferenciado para cada poeta. Na obra de Mário Quintana, essa produção é substancial e significativa, tendo dedicado parte da produção poética ao diálogo entre a poesia e diversas modalidades de prosificação da poesia, da qual o poema em prosa faz parte. Partido dessas considerações, promove-se a análise de alguns poemas de Mário Quintana e sua relação com outras formas de prosificação da poesia como máximas, provérbios, citações e epigramas. Algumas questões sobre sua poética e as figuras do neutro são levantadas a partir da análise dos textos. O poema e prosa é estudado como uma sutileza no paradigma poético na retórica dos gêneros, na literatura brasileira e na produção de Mário Quintana.

As múltiplas recepções críticas à obra de Manoel de Barros KELCILENE GRÁCIA-RODRIGUES (UFMS-Três Lagoas)

Desde que teve sua obra resenhada por Antonio Houaiss e por Millôr Fernandes, cresceu de modo exponencial a recepção crítica à poesia de Manoel de Barros. Além da divisão quanto à motivação, seja jornalística seja acadêmica, tal crítica passou por fases, seja considerando a predominância de diferentes fundamentações teóricas, seja quando se considera a predominância de foco de análise. Se em Houaiss e Millôr o entusiasmo que lançou luzes sobre a obra do poeta, atraindo a atenção da crítica, da academia e até mesmo das editoras, o teor do comentário tinha por predominância certo caráter impressionista, a obra do poeta foi, posteriormente, lida com ênfase ora no universo pantaneiro, ora pela invenção linguística, ora pelo comparativismo, ora pela semiótica, ora intersemiótica, ora biográfica, ora pela subversão do gênero lírico, ora dividindo a obra do poeta em dois momentos: um primeiro, modernista, e um segundo, de cunho pós-modernista. A proposta deste estudo é expor as linhas predominantes da fortuna crítica de Manoel de Barros, delineando a sequência diacrônica de tais linhas. O que nos parece é que colocar em uma linha do tempo o modo pelo qual a crítica recebeu Barros evidencia a trajetória teórica dos estudos literários ao longo do século XX, em sua caminhada da modernidade para a contemporaneidade. Desse modo, temos estudos que demonstram o modo pelo qual a poesia de Barros é diversa, múltipla e plural, estudos esses que, tomados em seu conjunto, se mostram também plurais, múltiplos e diversos.

De Rimbaud a Manoel de Barros: poetas e videntes CARLOS EDUARDO BREFORE PINHEIRO (UNITOLEDO)

Em seu livro "Tratado geral das grandezas do ínfimo" (2001), Manoel de Barros cria, por meio de seus poemas, um verdadeiro tratado poético confirmando os mecanismos literários utilizados por ele, não apenas neste texto especificamente, mas ao longo de sua produção literária. Compondo poemas voltados para a infância como tempo/espço idealizado, para os seres do ambiente pantaneiro, inclusive os mais ínfimos, e para a própria poesia, este autor demonstra que sua obra se forma e se movimenta por um mecanismo dialético entre o ínfimo (baixo) e o grandioso (elevado); entre o passado pessoal e o presente. Mais do que um simples jogo antitético entre estes elementos, sua poética se alicerça numa relação muito particular que é estabelecida entre eles. Em vários poemas há referência a nomes já consagrados, passando de figuras míticas, como Narciso, a críticos como Lacan, Barthes, e artistas como Bach, Antônio Vieira, Guimarães Rosa, que funcionam como um argumento de autoridade para dar o crédito à visão criacional do poeta. Este trabalho tem por objetivo analisar os possíveis vínculos que a obra do escritor brasileiro cria com a teoria poética de Arthur Rimbaud, constante em "O poeta vidente" (carta enviada a Paul Demeny, escrita em 1871), a partir da presença do poema "O vidente" no "Tratado geral das grandezas do ínfimo", e da evocação de vultos históricos, como o padre Antônio Vieira e o Bandarra, na obra em questão – todos ligados por este princípio de clarividência que norteia o fazer literário.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 706

Sobre *Lugar comum e outros poemas* de Heleno Godoy

SOLANGE FIUZA CARDOSO YOKOZAWA (UFG-Goiânia)

O poeta e ficcionista Heleno Godoy estreou em livro em 1968 com *Os veículos*, exercício de poemas-praxis. Nas palavras do autor, a vanguarda de Mário Chamie deu a ele um rumo. Sem desmerecer essa influência primeira, que talvez lhe tenha ficado, como lição consubstanciada, na obsessão matemática pela palavra exata, no corte desestabilizador do verso, no gosto por composições que abordam aspectos diferentes de uma só tópica, o poeta goiano deu à sua obra criativa um caminho bastante particular, pelo qual passam tradições poéticas recentes e remotas. Atualmente com oito livros de poesia publicados e tendo merecido o reconhecimento de um crítico como Luiz Costa Lima, Heleno Godoy situa-se entre as autênticas vozes líricas da poesia brasileira contemporânea. Apesar disso, apresenta ainda uma projeção nacional acanhada e uma recepção crítica restrita. Propõe-se, seguindo os passos mais recentes do poeta, realizar uma leitura de *Lugar comum e outros poemas* (2005), livro de teor explicitamente autobiográfico. À primeira vista, essa obra parece representar um caso à parte na poesia godoyana, assinalada pela contensão emocional, por um pendor para a objetividade, por uma preferência por falar das coisas em lugar de falar de si. Entretanto, uma mirada mais atenta desse livro de dicção tão pessoal revela como nele o poeta se faz outro permanecendo o mesmo, pois se safa do derramamento emocional ao valer-se de uma ironia de filigranas, leve, paradoxalmente lírica, uma *ironia do coração*, como queriam os românticos alemães, os quais preferiam antes o termo humor para dizer o riso intelectual que lhes é tão próprio; humor que é, para Heleno Godoy, uma estratégia chave na reinvenção do lugar comum, na *mimesis* criativa das experiências pessoais.

A presença de João Cabral em *Viavária*, de Iacyr Anderson Freitas

PAULO CÉSAR ANDRADE DA SILVA (UNESP-Assis)

Um dos pontos de convergência entre a obra de Iacyr Anderson Freitas e a de João Cabral de Melo Neto consiste na relação entre o fazer poético e a consciência crítica da realidade. Esta comunicação tem como objetivo analisar a herança cabralina em dois poemas (“João Cabral: o método em visita” e “João Cabral visita o Cemitério Municipal de Juiz de Fora”) publicados em *Viavária* (2010), de Iacyr Anderson Freitas. Pretendemos mostrar como o poeta mineiro assume a voz do mestre pernambucano, mimetizando, em sua poética de contenção e concretude, os procedimentos técnicos do modernista revisitado.

Procedimentos intertextuais e metapoéticos na lírica portuguesa contemporânea

MARIA LÚCIA OUTEIRO FERNANDES (UNESP-Araraquara)

A intertextualidade e a metapoesia constituem recursos bastante explorados na lírica portuguesa contemporânea. Embora tais procedimentos possam ser encontrados em qualquer época, um dos objetivos deste trabalho é demonstrar que tais procedimentos têm uma função específica na literatura contemporânea, devendo ser analisados à luz de outras questões típicas da produção realizada a partir de meados do século XX. Desse modo, pretende-se contribuir para uma compreensão crítica da poesia moderna em Portugal, principalmente no que tange às ambíguas e complexas relações com várias tradições poéticas.

Diversidade divergente: poetas de agora, poéticas de sempre

MARCOS ESTEVÃO GOMES PASCHE (UFRJ)

Parece inegável que a poesia brasileira contemporânea seja sigularizada pela pluralidade. No entanto, os principais meios de legitimação social da literatura (editoras, prêmios, suplementos de jornais e a crítica universitária), via de regra apregoadores da diversidade, elegem como representativa do tempo atual uma específica linhagem estilística, vagamente rotulada como "experimental", e, curiosamente, não costumam respaldar poéticas destoantes das que são por eles eleitas. Partindo dessa constatação, este trabalho propõe comparar as obras de três recentíssimos poetas brasileiros, os quais, apesar de estarem abaixo da casa dos quarenta anos de idade e de possuírem curta esteira bibliográfica, são dotados de escrita madura e plena de referências simbólicas. São eles o cearense Daniel Mazza, o fluminense Igor Fagundes e o paranaense Rodrigo Madeira. Nossa ideia é perceber as peculiaridades das três poéticas em questão e também identificá-las as semelhanças, sejam formais ou ideológicas. Além disso, situaremos as obras desses autores no atual cenário poético brasileiro, a fim de destacarmos que elas constituem uma outra e autêntica manifestação de diversidade. Em nossa empreitada, recorreremos fundamentalmente aos estudos de Alfredo Bosi (Ideologia e contraideologia - desculpem, mas eu não consegui acionar a função html para grifar o nome da obra em itálico), Antonio Carlos Secchin ("Caminhos recentes da poesia brasileira" e "Poesia e gênero literário") e Giorgio Agamben ("O que é o contemporâneo?").

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 706

Verdade e poesia em T. S. Eliot e John Ashberry
ALCIDES CARDOSO DOS SANTOS (UNESP-Araraquara)

Em O fim da modernidade, Gianni Vattimo mostra como as diferenças entre modernidade e contemporaneidade podem ser pensadas a partir das transformações dois conceitos fundamentais ao século XX: os conceitos de história e verdade, ou seja, grosso modo, a contemporaneidade promove a dissolução da história, concebida pelos modernistas como progresso, ao mesmo tempo em que dissemina o conceito de verdade em uma multiplicidade de experiências estéticas. A partir destas reflexões, juntamente com o pensamento de Octavio Paz e Martin Heidegger sobre a questão da verdade e da poesia na modernidade e na contemporaneidade, pretendemos pensar a questão da verdade e da poesia em dois poetas norte-americanos que representam o momento moderno e o contemporâneo da poesia naquele país: T. S. Eliot and John Ashberry. Se, por um lado, em Eliot a positividade da poesia face à negatividade da realidade sem sentido da urbe moderna é a experiência que ainda permite organizar o caos do mundo em uma verdade poética, em John Ashberry o caos do mundo já não pode ser organizado em qualquer estética que lhe dê sentido e a verdade já não existe senão como impossibilidade de apreensão e conhecimento do real. Contra a dicção clara e estilizada do alto modernismo de Eliot, Ashberry assume uma variedade de tons na qual a paródia do Modernismo resulta em ironia cortante da razão

Poética sincrônica, arte da conjugação e instinto de nacionalidade: alinhavos possíveis
DIANA JUNKES MARTHA TONETO (UNIFRAN)

A proposta do simpósio “POESIA LÍRICA MODERNA E CONTEMPORÂNEA: PONTOS DE ALINHAVO” instigou-me a alguns caminhos de reflexão teórico-crítica que buscam, no escopo da proposta do simpósio, contribuir para a avaliação do estado das artes da poesia brasileira contemporânea, considerando os desdobramentos das ideias dos poetas modernos que se vislumbram nos textos da contemporaneidade. Como se sabe, um dos dilemas dos poetas modernos é a angústia da origem. Vários são os trabalhos que procuram precisar como tal dilema se coloca para este ou aquele poeta; vários são os poetas-críticos que desenvolveram exaustivamente tratados e textos de cunho teórico sobre suas poéticas e sobre a necessária administração produtiva do legado da tradição. Na contemporaneidade, a angústia da influência apresenta-se de modo ainda mais contundente, porque vincada, de um lado, por um espaço em que as fronteiras nacionais se fragilizam diante da globalização; de outro, por um tempo em que o agora se adensa de modo opressor, diante do malogro das utopias e da irreversibilidade dos fatos passados que se sobrepõem uns aos outros de modo avassalador – o que é fazer o novo e o que é ser novo na contemporaneidade? Como administrar produtivamente a herança do cânone, o legado da modernidade? Há algum tempo tais questões orientam minhas pesquisas, tendo-me voltado, nos últimos anos, para o estudo da obra do poeta Haroldo de Campos, em particular, e de outros poetas de um modo geral, sempre em chave comparatista. Na presente comunicação, busco articular os conceitos de “Poética Sincrônica” tal como entendidos por Campos a duas concepções de literatura que estão presentes em Octavio Paz, sobretudo quando este reflete sobre a América Latina: a “Literatura de Fundação” e a “Arte da Conjugação”, procurando ler esses dois poetas à luz da criação de precursores de Borges. Todavia, as costuras que procuro tecer nesta comunicação não se dão apenas entre Haroldo, Paz e Borges, mas, em movimento sincrônico, procuro vincular os

conceitos acima elencados a dois textos que são, a meu ver, cruciais para pensar o “entrelugar” de nossa literatura, em especial da nossa poesia contemporânea: “Notícia Atual da Literatura Brasileira: O Instinto de Nacionalidade”, de Machado de Assis”, e “Da Razão Antropofágica: Diálogo e Diferença na Literatura Brasileira”, do mesmo Haroldo de Campos. A meu ver, as idéias que perpassam todos esses textos permitem o entretecer de um bordado no mínimo instigante, em que o distanciamento no tempo e a diferença cultural entre esses escritores, que foram também críticos, não é barreira para um alinhavo multicolorido e plural. Com o intuito de arrematar possíveis arestas desse bordado, pretendo contrapor a leitura de tais ensaios críticos à leitura de alguns poemas de poetas brasileiros contemporâneos.

Uma poesia sem brilhantina TERESA CABAÑAS (UFMS)

Às vezes negligenciada, outras mal compreendida ou exaltada sem muito rigor crítico, a chamada poesia marginal, surgida na década de setenta, ainda espera por abordagens exaustivas que dêem conta das suas variadas facetas. Este fato vem redundando na persistente situação nebulosa que até hoje mantém dentro do panorama de desenvolvimento da tradição poética nacional dos últimos trinta anos. É por tal razão que a minha proposta se define aqui como a apresentação do quadro de mudanças que parecem alterar de maneira sui generis paradigmas canonizados da concepção e produção de poesia, tal como se apresentam nos códigos poéticos veiculados na expressão de poetas ligados à referida tendência. Sem esquecer que tais mudanças promovem também modificações no plano da recepção com a consideração de um outro público leitor. O mapeamento de tais alterações pode não só nos ajudar a esclarecer as especificidades de sua constituição, como contribuir para a compreensão de certas situações vindouras que, acredito, já latejam em seus códigos estéticos. A intenção então é incitar a uma discussão sobre o tipo de revisão atualizadora que suas estratégias discursivas estariam veiculando e que resultam numa problematização de aspectos tão importantes como o aparecimento de novos sujeitos discursivos, novas relações com o mercado e com o leitor, apresentando com isso tudo um novo entrelaçamento da ética e da estética, ainda não muito bem entendido pela crítica literária.

Marcos Siscar, Jean-Marie Gleize e Michel Collot: uma leitura de três críticos da poesia contemporânea ROBERTO ALEXANDRE SILVA ROSA (UFRJ)

Como a crítica universitária analisa, (re)organiza e problematiza a poesia contemporânea? A partir do último livro de Marcos Siscar, *Poesia e crise* (Unicamp), da última obra de Jean-Marie Gleize, *Sorties* (Questions théoriques) e do livro de Michel Collot, *La matière émotion* (PUF), uma leitura colocará em paralelo as especificidades e características destes autores. O último livro do brasileiro Marcos Siscar, produtor e crítico de poesia, tece um paralelo entre a produção poética nacional e movimentos literários internacionais, retrazando uma corrente histórica e organizando o debate nacional que parece ter-se consolidado entre poesia verbal e visual. Como sair deste binômio ou ele realmente é de atualidade? Por um lado, o crítico francês Jean-Marie Gleize propõe “saídas” para a poesia, uma forma de insurgência onde um “fora” e um “depois” da poesia quer-se desenhar e reafirmar-se no panorama das ideias e das letras. Uma utopia ou uma realidade expressa na produção poética de hoje? Por outro lado, Michel Collot aborda os oponentes do novo lirismo àqueles que defendem o objetivismo poético no seu livro de 2005, *La matière émotion*. O próprio título já anuncia que uma matéria “emoção” será analisada e estruturada segundo teorias psicanalíticas, políticas e literárias onde o lirismo, segundo Collot, não está relegado ao passado mas permanece presente até hoje na produção poética. Uma leitura transversal de três críticos que tecem argumentos, retraçam reflexões e oferecem pistas para os que pensam e produzem poesia, alimentando as reflexões sobre a poesia atual.

TEOLOGIA E LITERATURA II

Salma Ferraz de Azevedo de Oliveira (UFSC)
Antonio Carlos de Melo Magalhães (UEPB)
João Cesário Leonel Ferreira (Mackenzie)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 504

O poder artístico de criação por intermédio da palavra criativa JAIME DOS REIS SANT'ANNA (UEL)

A Literatura é a arte da palavra, e o homem – quando cria por meio da instrumentalização da palavra – desfruta de aspectos essenciais da natureza divina: o poder artístico de criação por intermédio da palavra. Ao lançar mão do poder criativo da palavra, o talento do escritor cria – à semelhança de Deus – homens e mulheres, personagens que são colocados em espaços estabelecidos pelo seu arbítrio, para viverem o destino que a sua onipotência predestinou-lhes por um tempo determinado. Há, de fato, um estreitamento entre homem e Deus, quando ambos se entregam ao processo de criação, cuja forma de atuação tem marcas de profunda aproximação. Daí afirmarmos que várias características do trabalho do escritor o tornam semelhante a Deus, posto que o processo de criação de ambos obedece às mesmas idiossincrasias. A começar pela constatação de que ambos dão início ao trabalho criativo a partir do nada, uma operação que os teólogos chamam de criação *ex nihilo*. Na narrativa do Gênesis, a propósito, encontramos que antes da criação “a terra estava sem forma e vazia”, e que do nada, Deus criou todas as coisas. Trata-se de uma situação similar à de um pintor perante uma tela aparentemente vazia e sem forma, ou de um escritor diante do papel em branco (ou da tela negra do monitor de um computador pessoal). A partir do nada, Deus e artista preenchem o vazio que os precede, dando vazão ao dinâmico fenômeno da criação. No trabalho do Criador e do Escritor, este processo inicia-se igualmente com a utilização do poder criador/criativo da palavra. Os antigos rabinos, quando perguntados acerca do que existia antes de o decreto soberano de Deus estabelecer a criação, respondiam: “O silêncio!”. Ao pronunciamento da palavra de Deus, interrompe-se o império do silêncio absoluto que reina “no meio do nada”, e inicia-se a criação: “E disse Deus: haja luz; e houve luz”. Ou seja, quando Deus diz a palavra imperativa da criação (“e disse Deus: haja!”), à semelhança de quando o escritor escreve – ou do contador de “causos” da tradição oral, ao proferir a sua palavra – as coisas não criadas, ou pré-existentes na mente criadora, passam a existir. À ordem do criador, o que outrora era inexistente é instantaneamente criado e passa a existir sob a determinação volitiva dos articuladores da palavra. Trata-se do milagre da criação. O propósito deste trabalho é analisar a maneira pela qual tal fenômeno se apresenta na produção literária de José Saramago, em romances como “Levantado do chão”, “A história do cerco de Lisboa” e “O ano da morte de Ricardo Reis”, cuja principal marca denominamos “prescindibilidade do sagrado” na obra saramaguiana.

Identidade de gênero e memória religiosa: pacto autobiográfico e expressões de si mesmo na poesia de Adélia Prado DOUGLAS RODRIGUES DA CONCEIÇÃO (UEPA)

A literatura de Adélia Prado será revisitada nesta proposta de ensaio com finalidade de nela apontar a existência quatro horizontes performativos do seu fazer poético: 1. a construção de uma escrita cuja identidade de gênero nos encaminha para uma escrita de autoria feminina; 2. a clara influência de sua memória e de sua tradição religiosa no seu fazer literário; 3. a presença de um nítido pacto autobiográfico, que se expressa sob a relação da autora Adélia Prado com um eu-poético feminino; 4. a existência de um percurso de reconhecimento de um si mesmo que se dá no seu espaço poético.

Espiritualidade em Machado de Assis TERESINHA VÂNIA ZIMBRÃO DA SILVA (UFJF)

Este trabalho tem uma proposta interdisciplinar: estudar a temática da espiritualidade no conto, O Espelho, de Machado de Assis, considerando a definição de espiritualidade do teólogo Leonardo Boff - ou seja, espiritualidade é aquilo que produz dentro de nós uma mudança - e também o conceito de individuação do psicólogo Carl Gustav Jung.

Jó, I
JOÃO BATISTA PEREIRA (UFPE)

A migração de narrativas e personagens bíblicos para obras ficcionais e sua rememoração como arquétipos deslocados do seu tempo de elaboração ressalta a presença atemporal de componentes teológicos influenciando a literatura na contemporaneidade. No espectro teórico que define a tragédia esteticamente, a alusão às agruras impingidas a Jó por Deus é usualmente designada como trágica. Todavia, o diálogo com o fundo, a forma e o conteúdo nos quais foi forjada a versão daquele sofrimento na Antiguidade exige repensar essa nomenclatura definindo os conceitos desse *pathos* na modernidade. Centrado em refletir sobre o alcance dos fundamentos estéticos incidentes sobre o relato de um ato de fé inamovível, este artigo recupera a importância da relação hierárquica estabelecida entre o sagrado e o terreno como pressuposto definidor do trágico. A problematização da vida do indivíduo subordinada a desígnios divinos, cerceando o instituto da vontade que deliberaria sobre os seus atos, e um universo destituído de asserções que estabeleçam um conflito irreconciliável, obscurece a tragicidade reclamada em *O Livro de Jó*. A natureza judaico-cristã dessa parábola assente para uma transcendência vinculada a ditames religiosos, preconizando obediência às emanções divinas, compensada pelo manto da justiça redentora que acobertará o homem no futuro. Essa condição pétrea contraria a emergência do trágico no mundo moderno: ancorando-se no eterno desequilíbrio entre o dever e o querer, ele deriva da cegueira humana alçada ao absoluto, na *hybris* incontornável praticada em nome da razão. A paradoxal constituição na qual a incubência do dever entra em conflito com a potência do querer demonstra uma cisão na interioridade do sujeito: afastado de Deus, ele afirma sua existência através das ações, confrontando o mundo material que o circunda, residindo nas volições da consciência o espaço para a conquista de sua alteridade.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 504

Teologia e fabulação na literatura de Rubem Alves
ANAXSUELL FERNANDO SILVA (UNICAMP)

Nesta comunicação abordaremos os desafios que se apresentam na nossa investigação sobre a trajetória biográfica de Rubem Alves (1933 -), teólogo, escritor e educador brasileiro. Nela buscamos discutir a literatura - de modo específico, a literatura infantil - deste autor. Compreendemos, assim como Paul Ricoeur que o imaginário representa ponto nodal para a construção da história, pois para relacionar o tempo vivido ao tempo do mundo seria necessário construir conectores para manejar essa relação. Aos conectores seria assegurada a virtude de tornarem o tempo legível aos olhos humanos, tal qual faz o calendário. Nesse sentido, história e ficção, ambas matrizes de pensamento recorrem às mediações imaginárias na refiguração do tempo, o que justifica, por exemplo, os empréstimos tomados da literatura pela história, quanto aos modos de discurso que apresentam. Assim, consideramos a capacidade do nosso autor-pesquisado de fabular por meio da literatura infantil um elemento primordial na constituição de um saber teológico marcado por sua trajetória individual.

As literaturas lobatiana e protestante: o caminho para a formação de um cidadão
SÍLVIA C. C. CARRILHO S. MARTINS e ROSANA M. P. BARBATO SCHWARTZ (UPM)

Este artigo problematiza a interferência das norte-americanas na educação brasileira e a importância da literatura no processo de ensino-aprendizagem. A literatura é um documento histórico, além de gerar saberes e conhecimentos. O autor Monteiro Lobato, como poucos escritores, fez disso seu ideal de vida. A escola no período de 1870 a 1930, no Brasil, promovia um distanciamento dos alunos em relação à realidade, o que diferenciava da educação norte-americana. As mulheres americanas, assim como alguns autores infantis, faziam questão de transmitir uma visão de mundo idealizada sob o pretexto de poupar as crianças das descobertas das mazelas sociais. Desse modo, essas professoras protestantes utilizavam da literatura infantil e da leitura silenciosa como método de educação. Assim, pretende-se mostrar por meio da análise de específicas obras lobatianas e da literatura protestante que, se bem trabalhadas, elas servem de recurso para a formação do cidadão, uma vez que ampliam seu conhecimento sobre a realidade de algumas questões fundamentais, tais como: a ética, o preconceito, a religiosidade, a valorização da criança e da mulher.

Diáspora, deslocamento e estratégias de sobrevivência: questões literárias e culturais na narrativa bíblica de Tamar ALTAMIR CELIO DE ANDRADE (UFJF)

Considerando a importância da *Bíblia* como obra basilar e a convergência entre os estudos literários e teológicos, este trabalho tem por objetivo aproximar-se do capítulo 38 de *Gênesis*, a fim de abordar a história de Tamar, uma mulher que, como Sara, Rute, Judite e Ester, tem importância fundamental na constituição identitária do Antigo Israel. Assim o fazendo, ele revelará que dessa história ancestral é possível retirar um lastro de sentido relevante para as críticas literária e cultural contemporâneas. Na percepção de Robert Alter, a história de Tamar, contada por meio de um texto que aninha sutilezas que vão para além de um enredo aparentemente simples, interrompe a narrativa da novela de José do Egito, provocando uma tensão, um deslocamento narrativo no *corpus* mais amplo do *Gênesis* - mesmo dizendo poucas palavras, Tamar é o sujeito principal do relato, sobrepujando a importância do personagem masculino Judá. O presente trabalho, contudo, interessa-se também pelo deslocamento ao mesmo tempo espacial e psicológico dessa personagem, que luta contra um sistema hostil e opressor. Tal situação, responsável pela criação de estratégias de sobrevivência (Cf. Daniel Boyarin) em meio a situações de precariedade, a aproxima de mulheres em situações diaspóricas e de outras tantas em cativeiro, vítimas de tráfico e de exploração sexual, por exemplo.

O pacto fraterno de Gênesis revisitado na Literatura Brasileira MARIANA ROCHA SANTOS COSTA (UFBA)

O presente trabalho tem como objetivo a discussão da representação literária concernente ao pacto fraterno a partir de relatos do livro de Gênesis, e a utilização desse tema na Literatura Brasileira. Os personagens bíblicos eleitos são Esaú e Jacó: o par de irmãos gêmeos que se digladiam no contexto domiciliar, mas que, apesar dos conflitos, tem o elo fraterno restabelecido. Sob esse motivo, refeltem-se as narrativas de Machado de Assis: *Esaú e Jacó* (2002), escrita no século XIX, e de Milton Hatoum: *Dois Irmãos* (2000). São essas as obras que adensam este estudo, primando por compreender de que forma os entraves nas relações gemelares entre Pedro e Paulo e Omar e Yaqub se mostram como releitura do embate bíblico, a fim de observar as semelhanças entre esses personagens e aqueles da narrativa judaico-cristã.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 504

Traição e redenção nas sendas de uma sombra – Uma desapropriação de Judas em Júlio de Queiroz JOSUÉ CHAVES (UFSC)

Em seus contos e poesias, Julio de Queiroz, autor radicado em Florianópolis desde 1959, propõe uma leitura agressiva (Julia Kristeva) ou uma desapropriação (Harold Bloom) de personagens muito conhecidos pelo Ocidente. Dentre os personagens recriados está Judas, o traidor dos traidores para os Evangelhos Canônicos. O objetivo do trabalho é analisar o processo de desapropriação sugerido pelo conto "O Acordo", levando em consideração a crítica relação estabelecida entre os textos bíblicos, nos quais o personagem é citado, e as estratégias literárias do conto. Pretende-se, desse modo, encontrar as possíveis razões para o referido exercício de desapropriação sugerido pelo princípio autoral do texto.

A presença do calvinismo na crônica *Viagem à Terra do Brasil* de Jean de Lery DARIO DE ARAUJO CARDOSO (UPM)

A história do protestantismo no Brasil tem seu marco inicial em 1555 com o estabelecimento de uma base, na Baía da Guanabara, de franceses católicos e protestantes calvinistas sob as ordens de Nicolas Durand de Villegagnon. A partir dessa empreitada, que durou menos de cinco anos, um desses franceses protestantes, Jean de Lery, escreveu uma obra intitulada *Viagem à Terra do Brasil* classificada como crônica de viagem. Essa obra descreve sua viagem e permanência no Brasil, o território e os habitantes brasileiros. Nesse relato há diversas menções sobre a prática e os valores religiosos do autor. O objetivo desse trabalho é mostrar como a perspectiva e os valores protestantes calvinistas estão presentes e são importantes para a compreensão da obra de Lery. O relato, debaixo da ótica protestante calvinista, apresenta características relevantes dessa corrente teológica. Assim, o trabalho, através de ferramentas da análise do discurso, descreve as características teológicas pessoais do autor, o modo como elas estão presentes no texto e o seu significado para a compreensão da obra.

Um Oásis no Horizonte: o relato do Paraíso Terrestre segundo a Teologia da Libertação

MARCELO TIMOTHEO DA COSTA (UNVIERSO)

A presente comunicação analisa a interpretação dos capítulos iniciais do livro do Gênesis realizada pela Teologia da Libertação. O debate priorizará a narrativa sobre o Jardim do Éden, trazendo à luz a exegese proposta pelo frade carmelita Carlos Mesters, exegese militante exposta no livro *Paraíso Terrestre: saudade ou esperança?* (publicada em 1970, a obra atingiu a 18a. edição no ano de 2007). Assim, acompanhar-se-á a maneira pela qual Mesters, um dos mais conhecidos biblistas ligados à eclesiologia liberacionista brasileira, utilizou o citado tema bíblico como instrumento de formação religiosa e também de conscientização política. Trata-se, portanto, de investigar como Mesters, em contato com agentes de pastoral e outros membros das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), lançou mão do texto canônico para forjar discurso cristão crítico e progressista, em tempos de ditadura militar e modelo econômico concentrador de renda. Reflete-se que, contrariando visão tradicional entre os fiéis, remete, ao futuro, o Paraíso Terrestre. Local em constante construção, no conflito do século. E, ao mesmo tempo, bem reconhecível no horizonte de expectativa do "homem novo" evangélico.

O Semeador e o Sermão da Sexagésima, Uma Questão de Entrelaçamento

ROBERTO CLEMENTE (UPM)

Os estudos de literatura comparada evidenciam-se como um campo profícuo na análise das relações existentes entre os mais diversos gêneros e contribuem para diversos estudos interdisciplinares. Embora, a ênfase, muitas vezes, centrada na relação de releituras e resignificações entre as obras sejam relevantes, nos apegamos à possibilidade de analisar a construção de uma intencionalidade alicerçada na análise de discursos sobrepostos que são analisados por Carvalho (2006) na obra: *Aristóteles em Nova Perspectiva: Introdução à Teoria dos Quatro Discursos* que surgiu a partir da leitura de *Órganon* de Aristóteles, e são a Poética, a Retórica, a Dialética e a Lógica por meio do direcionamento de quem discursa. A construção textual que poderia ser vista como um mosaico em que as peças interagem e se integram sobrepondo e entrelaçando as cores, que poderíamos observar como o transporte da informação e responsável pelo relevo e organização do pensamento na constituição de uma determinada imagem, composto pela intenção presente no texto e nas possíveis resignificações, cuja interação entre ambas auxilia na interpretação da obra. A presente comunicação tem por objetivo versar sobre as categorias de Aristóteles na organização do Sermão da Sexagésima, pregado por Padre Antonio Vieira, com base na parábola do semeador encontrada no livro de Lucas capítulo 8. Sendo um texto construído com base na Hermenêutica e ao contexto em que estava inserido. Para tanto recorreremos às contribuições de Aristóteles (2005) Bakhtin (2008), Brandão (2004), Charaudeau (2006), Osakabe (1999), na linha de Maingueneau (2006) e Carvalho (2006). Esclarecemos que as condições de produção do discurso relacionam-se aos sujeitos, como protagonistas envolvidos na enunciação e a situação que se enquadram na estrutura social estabelecendo uma relação de interação entre o enunciador, o enunciatário e o contexto. Brandão (2004) postula que “o discurso é o espaço em que saber e poder se unem, se articulam,” com base em pilares que direcionam o sujeito diante de determinada mensagem. Com base nessa afirmativa de Brandão consideramos também as contribuições de Charaudeau (2008, p. 24): A finalidade do ato de linguagem (tanto para o sujeito enunciador quanto para o sujeito interpretante) não deve ser buscada apenas em sua configuração verbal, mas, no jogo que um dado sujeito vai estabelecer entre esta e seu sentido implícito. Tal jogo depende da relação dos protagonistas entre si e da relação dos mesmos com as circunstâncias de discurso que os reúnem. A condição de produção do discurso faz com que reconheçamos o co-

nhecimento individual de mundo e o compartilhado. As funções dos sujeitos envolvidos é legitimada pela sua formação discursiva e pela sua formação ideológica. E depende da maneira como o tecido dialoga com nossos conhecimentos prévios.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 504

Bíblias para crianças na Literatura Infantil brasileira LETÍCIA FERREIRA (UPM)

Nossa comunicação parte da hipótese da existência de um - talvez novo -subgênero da Literatura Infantil: histórias bíblicas adaptadas para crianças. A hipótese supõe a Bíblia como literatura, ideia que não é nova, como se pode perceber em obras como *A Arte da Narrativa Bíblica*, do filólogo, professor e crítico literário norte-americano Robert Alter (São Paulo: Companhia das Letras, 2007) e *Para Ler as Narrativas Bíblicas – Iniciação à Análise Narrativa*, dos teólogos e estudiosos da Bíblia, os suíços Yvan Bourquin e Daniel Marguerat (São Paulo: Loyola, 2007). O propósito desta comunicação é refletir sobre a confecção de uma literatura infantil teológica que se propõe a transmitir valores cristãos de pensamento e conduta. Para tanto, tem como objeto de observação e análise a comparação entre uma narrativa extraída de uma versão da Bíblia (traduzida para o português) – o texto base - e três versões dessa narrativa (também em português, mas oriundas de originais em inglês) voltadas para crianças. Conclui que parte do que foi denominada mensagem central do texto base está preservada nas versões infantis. Entretanto, recursos narrativos e características ideológicas importantes se perdem nas adaptações que, se preservados, enriqueceriam essas versões não somente em sua identidade com o texto base, mas na transmissão dos mencionados valores. A comunicação propõe, portanto, uma pesquisa a respeito das especificidades desse subgênero da Literatura Infantil no Brasil, como a fidelidade aos textos bíblicos e a eficácia na transmissão de valores, e a respeito das condições e características de seu estabelecimento no país.

O corpo (con)sagrado: processos de hierofanização do corpo e da vivência religiosa na poesia de Adélia Prado ZUILA KELLY DA COSTA COUTO FERNANDES DE ARAÚJO (UEPB)

A produção literária da escritora mineira Adélia Prado tem se circunscrito no âmbito da literatura nacional como um símbolo da confluência das experiências de transcendência que se manifestam tanto no fazer literário, quanto no ritual religioso. Os textos adelianos são dotados de profunda representação das experiências com o sagrado, partindo-se de uma forte influência do catolicismo, porém, extrapolando os limites deste e instituindo uma nova visão a respeito da relação com o numinoso. O aspecto teológico percebido em sua poética estabelece uma corporeidade ao espírito, que se coloca como alternativa de transcendência. Partindo de tais pressupostos, o presente artigo analisa as relações entre poesia e religião nos poemas que compõem o livro “Oráculos de maio” refletindo sobre as representações de deus, do corpo e da poesia, e como esta relação se dá no plano estético. Para tanto, optou-se por trabalhar com um constructo teórico que colabora com esta discussão no sentido de dialogar com a perspectiva abrangente que adotamos em relação à literatura e ao sagrado, neste sentido foram significativas as contribuições de Otto (2007), Eliade (2010), Magalhães (2009), dentre outros.

A *Vida Nova* de Dante entre sonho, visão e profecia ANNA FRACCHIOLLA

Na Vida Nova do jovem poeta Dante Alighieri a relação de intertextualidade com o texto bíblico é tão extensa, seja com citações diretas quanto indiretas, que podemos afirmar foi pensada à guisa de um novo livro dos Atos neotestamentários, em que o protagonista seria o próprio poeta, e Beatriz, a personagem deuteragonista. Esta comunicação pretende demonstrar que a componente profética e visionária é uma característica primária desta obra, fato que nos leva a pensar que, como a Bíblia, a Vida Nova foi escrita para ser revelada no futuro.

TEORIA, POESIA, CRÍTICA II

Daniel Link (Universidad de Buenos Aires)
 Italo Moriconi (UERJ)
 Susana Scramim (UFSC)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 505

Escolhas poéticas, escolhas teóricas, escolhas afetivas: possibilidades e problemáticas na poesia do presente
 LUCIANA MARIA DI LEONE (UERJ)

Em grande parte da poesia produzida atualmente no Brasil e na Argentina, pode-se identificar uma característica especialmente significativa: a intensiva figuração de fluxos afetivos que se apresentam, ao mesmo tempo, como matrizes de produção poética e nunca como referências a uma tradição sentimentalista ou expressiva. Além da figuração do afeto através de diversas estratégias poéticas (citação, tradução, trânsitos e deslocamentos espaço temporais, etc.), a poesia implica (e figura) novas cenas de leitura, passando a ser ao mesmo tempo produzida e lida afetivamente: convocando multiplicidade de subjetividades a esse circuito, colocando a poesia em circulação, em permanente trânsito. Esta característica não é, sem dúvida, um fenômeno isolado na poesia, senão um sintoma na arte de configurações sociais, de relações intersubjetivas, mais abrangentes – marcadas, como tem sido definido, pelo capitalismo cultural (José Luis Brea), pela sociabilidade de rede (Castells), ou pela vontade de fazer comunidade daqueles que identitariamente não pertencem a uma (Agamben, Esposito). O presente trabalho pretende mergulhar, através da análise de algumas produções do poeta Aníbal Cristobo – onde as vozes de outros poetas são convocadas e colocadas em uso –, nas implicações que a questão afetiva tem no auto-questionamento sobre a especificidade da poesia, na reconfiguração da relação escritor/leitor e, principalmente, na reconfiguração da perspectiva da leitura teórica dessa poesia.

Poesia e imantação
 LEONARDO D'AVILA DE OLIVEIRA (UFSC)

A metáfora da poesia enquanto imantação, que remonta a *Íon*, na qual se figura que a “potência divina” que acomete o rapsodo se dá como uma imantação em um anel de ferro, o qual poderia, posteriormente, imantar outros iguais a si, não permaneceu como uma categoria estanque para se pensar a escrita. Muito pelo contrário, a mesma alusão ao magnetismo ressurgiu nos séculos posteriores em Marsilio Ficino, Angelo Poliziano e até mesmo nos textos latinos de Rimbaud como discurso poético metalingüístico, porém em contextos diversos e com significações completamente distintas. O mais curioso, porém, é que tal apelo à imagem platônica se deu predominantemente de um modo literal, o que leva à catastrófica conclusão de que justamente um escrito que propunha a superioridade e a perenidade das reflexões (*dialégesthai*) sobre a fala poética (*Techné*), esta última impessoal e fugidia, ressurgiu como pastiche em poetas posteriores e, em contrapartida, para ilustrar idéias diversas. Portanto, da forma mais paradoxal possível, observa-se nesse caso uma permanência na forma poética e uma completa contingência de conteúdo, o que leva a se repensar e rediscutir a temática das sobrevivências.

Na clave da fadiga intelectual
 TIAGO HERMANO BREUNIG (UFSC)

Nos anos 1920, a fadiga intelectual emerge no pensamento marioandradiano como motivo da poesia dos precursores dos modernistas, de modo que a distração se oferece tanto como condição da poesia moderna, quanto como objeto, dada a poeticidade do estado de distração, a exemplo do devaneio que Baudelaire procura apreender na poesia. O simultaneísmo que se experimenta com a modernidade equivale, na teoria marioandradiana, deslocada da teoria musical para a poesia, ao harmonismo ou polifonismo, provenientes, segundo o autor, da “teorização de certos processos empregados quotidianamente por alguns poetas modernistas”. E a fadiga intelectual aparece, para o autor, condicionada justamente ao nivelamento e ao sincronismo dos sentidos, provocados pelo excesso de atenção subjacente a uma “intelectualização exagerada” que caracteriza a modernidade. Nesse sentido, na medida em que realiza a simultaneidade por meio da harmonia e da polifonia, a musicalidade “encanta e sensualiza grande parte da poesia modernista”, como evidência exemplarmente a obra mallarmiana. E, assim, contamina a poesia com a irrepreensibilidade e ininteligibilidade intelectual que a caracteriza. Afinal, a arte musical se define pela impossibilidade de representação e intelecção por meio dos fatores musicais e, sobretudo, por ser desprovida dos defeitos dos sentidos e da moral. A teoria marioandradiana ressoa, assim, a afirmação de Nietzsche de que a poesia consiste em uma linguagem dotada de um impulso musical que se manifesta em detrimento de uma moral, compreendida como uma recusa da vida e um sinal de uma profunda fadiga. Nos mesmos anos 1920, no entanto, o serialismo de Schoenberg, ao abolir sistematicamente o tonalismo, rejeitando, para tanto, as categorias tradicionais da arte musical, ironicamente potencializa a intelectualização da linguagem musical no campo erudito. Se em meio a um momento de crise em que o questionamento das formas, que condiz, como observa Foucault a respeito de Boulez, com o questionamento do sentido, a calculabilidade radical dos processos composicionais das vanguardas musicais, muitas vezes influenciadas pela poesia, transforma profundamente a musicalidade constitutiva da teoria marioandradiana da poesia modernista, o que permanece presente em sua teoria? Ora, se as vanguardas musicais se afirmam, nas palavras de Pierre Schaeffer, ironicamente como “a representação rasteira do mundo que fabricamos”, a sua matematização e aritmetização reflete um mundo que, como o seu produto musical rigorosamente calculado e racionalizado, permanece invariavelmente sem sentido. Afinal, o impulso irracional da musicalidade permanece associado com a linguagem, sobretudo com a poesia, que se manifesta, como observa Nietzsche, como uma “disposição musical” inerente ao ato de poetar, e reconcilia, para sempre, a arte musical e a poesia. Pois, como afirma Jean Wahl, “la poesie est plutôt création d’un langage ou d’une musique, d’un langage qui est une musique”, ao mesmo tempo que o instante do poeta, segundo Wahl, condensa “une multitude d’instant”, precisamente como uma sorte de simultaneidade. A discussão a respeito das artes e seus regimes autonomistas, particularmente estabelecida nos limiares da poeticidade e da musicalidade, constitui o objeto deste trabalho, visando a ressoar a questão do que é e o que não é literatura.

Da reflexividade à voz. Alguns pressupostos modernos em xeque nas poéticas de Waly Salomão, Paulo Henriques Britto e Ricardo Domeneck

ROBERTO ZULAR (USP)

No fogo cruzado que configurou a relação entre poesia e crítica no Brasil durante a consolidação do campo literário no correr do século XX, tendo resultado aparentemente em um prestígio maior dos críticos sobre os poetas e em um certo descrédito da teoria, pensar a relação entre essas instâncias (teoria, crítica e poesia) impõe uma tarefa das mais difíceis que propomos tratar a partir de dois eixos: 1) um viés histórico, ligado ao próprio surgimento da poesia moderna nos países do norte e que a partir da noção romântica de reflexividade instaura uma tensão entre a prática poética e a necessidade de formulações críticas e teóricas no limite do próprio abandono da poesia (e a relação que esse abandono tem com a forma romance) ou de uma cisão insuperável entre essas instâncias. Esse movimento que perpassa escritores tão diversos como Schlegel, Poe ou Baudelaire, será tratado a partir de Paul Valéry (e a leitura que ele faz desses poetas), o seu silêncio, a escritura dos cadernos, sua atividade crítica e a constituição de uma poética como teoria do poema enquanto prática. 2) Esse momento do alto modernismo representado por Valéry nos servirá de pano de fundo para pensar o modo como a reflexividade e seu potencial crítico (aqui no sentido de uma problematização efetiva que coloca em crise valores e práticas) perdem sua força na contemporaneidade, quando os lugares de enunciação se encontram marcados por um novo arranjo de forças que se vê na lógica complexa do cinismo das enunciações que perpassam a poética de Paulo Henriques Britto, sua encenação do campo literário nos poemas e o giro em falso da reflexividade que aí se escancara. Como espécie de contraponto, mas ainda sintoma do mesmo problema, vemos uma explosão da oralidade e do empenho do corpo no corpo a corpo com a enunciação a exigir uma outra teoria da linguagem e da poesia em Waly Salomão e Ricardo Domeneck. Esses poetas nos servirão como uma espécie de bússola para situar a poesia num momento em que qualquer ato de fala parece estar fadado a produzir distorções entre o que se faz, o que se diz, o que se pensa e como se uma coisa desdissesse a outra continuamente. Se a reflexividade impõe a necessidade de articulação de duas lógicas contraditórias, o imaginário da crítica e a normatividade da teoria, a prática desses poetas parece apontar para um lugar da poesia em que essa contradição se encarna na voz, no corpo da voz, na borda de sua constituição enquanto som e palavra, enquanto fala e escrita. No limite tenso entre a palavra que precisa morrer para que haja canto e a música que precisa morrer para que haja palavra. Essa conciliação do inconciliável, esse ato impossível que atravessa a teoria e a crítica, talvez ainda se possa chamar de poesia.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 505

Da crise de verso, do verso para prosa: situações do poético hoje

MARIA JOSÉ CARDOSO LEMOS (UERJ)

A presente comunicação pretende recortar algumas situações poéticas (ou pós-poéticas) da cena contemporânea a partir do empenho estratégico-político que certas escritas praticam e que as diferenciariam daquilo que seria improfanável, segundo Agamben. Nesse sentido, o atual contexto francês, e principalmente os embates entre Michel Deguy e Jean-Marie Gleize são cruciais para traçar esse recorte e também para pensar algumas reverberações em solo brasileiro, como é o caso de Marcos Siscar, entre outros.

Ornamento

VALENTÍN DÍAZ (UBA-CONICET)

La ponencia indaga algunos momentos teóricos atravesados por la "peste ornamental" (Hocke) que recorre el siglo XX. A partir del comentario de "Ornamento y delito" (1908) de Adolf Loos (cuya publicación define un auténtico umbral, en el contexto de la Viena de fin de siglo, de una era recorrida por la tensión entre dos modos de reinventar el proyecto moderno, su forma, su economía y su temporalidad) y de su cotejo con la lectura de Walter Benjamin a propósito del hierro, el acero y el vidrio en la modernización urbana ("Experiencia y pobreza", *Libro de los pasajes*), el trabajo analiza las implicancias de los debates en torno al ornamento (transformado en un problema que, ya entonces, excedía el espacio del arte) y sostiene que, a partir de allí, es posible comprender de un modo específico los alcances de la postulación de una modernidad barroca. Pensar el ornamento como problema permite, en este sentido, dar cuenta de las formas que adopta el discurso de la teoría en relación con el barroco a lo largo del siglo XX: en torno al barroco es posible pensar un caso emblemático de "contaminación" entre el espacio del arte, la teoría y la crítica, en la medida en que lo que se reconoce como *lo barroco* funciona siempre en el límite de esas discursividades y se revela no tanto como una estética o una poética sino más bien como invención de una máquina lectora (en el caso del problema aquí abordado, la postulación de una mirada que no hace sino ornamentalizar los objetos -artísticos y no artísticos- sobre los que se posa). El trabajo revisa asimismo una derivación puntual de esa otra modernidad (ornamental, aberrante) en el análisis de la anamorfosis que propone Jurgis Baltrusaitis (cuyos textos serán una referencia clave en las lecturas del barroco de Lacan, Sarduy y Deleuze).

Nathalie Quintane: formagens

PAULA GLENADEL LEAL (UFF)

A escritora francesa contemporânea Nathalie Quintane (nascida em 1964), em sua múltipla produção de textos, vem apontando sempre para uma dimensão da *formagem* – nem forma, nem formação, a formagem corresponderia a uma experimentação: a produção assistida de uma experiência através da escrita. A formagem é uma encenação do *começo* (título de um de seus livros, já traduzido para o português), num processo que a noção do *quase* (presente no título de outro de seus livros, *Os Quase-Montenegrinos*) pode ajudar a compreender. Em diferentes campos temático-discursivos, aparentemente externos ao que entendemos por poético (o esporte, a infância, a linguística, a história e a fenomenologia do sapato, entre outros), trata-se, para essa autora, de realizar uma apropriação através da escrita de algo que não se tem, num processo sem fim. O trabalho se propõe a acompanhar algumas dessas formagens na obra de Quintane, indagando-se sobre o valor político que elas podem assumir, no sentido de uma reflexão sobre o *por-vir*, tal como o entende Jacques Derrida.

O indecidível na poesia de João Cabral de Melo Neto

SUSANA SCRAMIM (UFSC)

O indecível na poesia de João Cabral de Melo Neto O trabalho se dedica a analisar o trabalho poético de João Cabral de Melo Neto em sua dimensão antropológica, entendida como sintoma, portanto, movimento “em” corpos. O poema pensado sob esse ponto de vista será tomado como algo que foi liberado de seu estatuto de utilidade e, com isso, se redimensionará a relação entre a criação, a mediação e o fazer do artífice. Para tal serão escolhidos alguns poemas dos seguintes livros de Cabral: O Cão sem Plumas(1949-1950), Uma faca só lâmina(1955), Quaderna(1956-1959), Escola das facas(1975-1980) e Sevilha Andando(1987-1993).

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 505

Poesia apresentada

VALDIR PRIGOL (UFFS)

No belíssimo livro de apresentação do poeta Carlito Azevedo, Susana Scramin inicia o texto introdutório do seguinte modo: "A terra é azul. Em 1961, entre as duas primeiras viagens na órbita da Terra, a do russo Yuri Gagarin em 12 de abril, a partir da qual temos a notícia de a 'A terra é azul', em 5 de maio, a do norte-americano Alan Shepard, e a construção do Muro de Berlim, que teve seu início em 13 de agosto, nasce a 4 de julho na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, Carlito Azevedo". A distância entre a chegada do homem na lua e a proximidade do nascimento do poeta é o ponto de partida para Scramin ler a poesia de Azevedo. Levando em conta este início, quero explorar a imagem de "leitor estrangeiro" contida no livro, aproximando-o de outros textos em que esta imagem é recorrente como "Introdução à literatura brasileira", de Antonio Candido e "Apresentação da poesia brasileira", de Manuel Bandeira. A partir daí, gostaria de elaborar a ideia de um leitor estrangeiro de si.

Poéticas/políticas do contemporâneo: aporias da teoria e interpelações do (im)possível

RITA LENIRA DE FREITAS BITTENCOURT (UFRGS)

De Aristóteles a Kant, a aporia assinala a impossibilidade crítica de escolher entre duas opiniões igualmente argumentadas, a dificuldade lógico-filosófica insolúvel e também o conflito entre opiniões contrárias - e igualmente concludentes - em resposta a uma mesma questão, tendo como termos próximos a antinomia e o paradoxo. Na cena contemporânea, a aporia retorna, por exemplo, em Derrida, na noção do "disjunto-junto", tensionando verbalidade e visualidade, ou em Agambem, no topo espacial e jurídico da "inclusão excludente", que insere na forma da Lei sua própria exceção. De qualquer ponto de vista, ou de leitura, a teoria literária tem sido desafiada a se aproximar das formas aporéticas de pensamento e de produção ficcional, envolvendo-se com um debate que se estende aos limiares poéticos, às relações da literatura com os outros saberes, e ao próprio trabalho do teórico, não mais balizado pelas estabilidades e certezas da ética e da estética, e sem, no entanto, abandoná-las completamente. O que se oferece ao trabalho crítico são as relações entre instâncias díspares que postulam, simultaneamente, complementaridade e indecibilidade, e as possibilidades tensas da pós-crítica, que torna o lugar do fim das Verdades o marco zero de sua fatura. Partindo da leitura da poesia de, por exemplo, Duda Machado, Carlito Azevedo, Tamara Kamenszain, pretende-se explorar as relações entre a poética e a política. Porém, como não há campos discriminados e sim uma zona de contaminação entre as instâncias do pensamento, a proposta situa-se no lugar aporético da teoria/prática e volta-se para uma crítica (im)possível, buscando rotas alternativas de análises e ensaiando linhas de fuga que assegurem, no limite mínimo, ou no mínimo do limite, a continuidade prática de uma escritura em movimento.

Quixotismo, ou a arte de criar e intensificar modos de vida

ALEXANDRE NODARI (UFSC)

Em sua *Teoria Estética*, Adorno argumenta que a “aversão” de Platão às “mentiras dos poetas,[que,] no entanto, nada mais são do que o caráter de aparência da arte, (...) macula o conceito de arte no mesmo instante em que ele é, pela primeira vez, refletido”. É preciso notar que o ataque de Platão não se dirige tanto à poesia ou à mentira, mas ao seu uso: ambas são drogas que preci-

sam ser corretamente ministradas para o bem da *polis*; por isso, não são inteiramente banidas: os hinos de louvor e a mentira “cívica” restam autorizadas. Desse modo, o problema da poesia seria o dos efeitos que produz, contagiando e efeminando os homens, que, no teatro, agem diferentemente do que costumam. O risco é que os efeitos da poesia se espalhem para além de suas próprias fronteiras, afetando a vida política – o que, de fato, teria acontecido para Platão: nas *Leis*, ele argumenta que o “declínio” ateniense derivava da “teatrocracia”, o domínio do auditório: os poetas começaram a misturar os gêneros, acabando com a diferença entre a boa e a má música, ao que se seguiu a intromissão cada vez maior do público nas encenações; público já incapaz de distinguir o bom do ruim, e prepotente ao ponto de levar esta intromissão à política, criando, assim, a democracia. Na Modernidade, o problema do “caráter de aparência da arte” se coloca de maneira ainda mais pungente: o perigo continua a ser o dos efeitos da literatura. Isto é enunciado já no documento considerado marco fundador da forma tipicamente moderna da literatura, o romance: *Dom Quixote*. O que catapulta as peripécias do “engenhoso fidalgo” é “o mais estranho gênero de loucura que poderia caber em um pensamento disparatado”: a loucura de levar a ficção a sério (haveria um mal ainda pior, o de Quijano/Quixote “fazer-se poeta, que, segundo dizem, é enfermidade incurável e infecciosa”). Os escritores são, portanto, “inventores de novas seitas e de um novo modo de vida”. A referência às seitas e aos modos de vida não é casual (o que é atestado pela data de publicação do romance, entre os dois marcos teóricos do Estado moderno: *Os seis livros da República* é de 1576, e o *Leviatã*, de 1651). O Estado moderno se funda justamente para pôr fim às guerras civis religiosas, privatizando a questão confessional, e, portanto, cindindo o homem em uma faceta pública e outra privada, separando a vida de sua forma (a consciência privada da consciência pública na formulação hobbesiana); sua história é, nas palavras do *Tiqqun*, a de uma “incessante guerra inacabada travada à guerra civil”. Se o Estado é a neutralização das formas-de-vida, então talvez a literatura seja uma tentativa de dar intensidade aos modos-de-vida, tentativa de explorar outros modos-de-vida que não o do Estado. Esta é a hipótese quixotesca que exploraremos neste trabalho: diante de um mundo impossível, em que só há uma forma (a de sujeição ao soberano), a literatura ousa criar um mundo que seja possível – a possibilidade de mundo(s).

La canción de la tierra DANIEL LINK (UBA)

La canción de la tierra ¿No es el misticismo que se deja leer en algunos poetas (Rilke, Lorca, Juanele) algo como una solución al enigma (Esfinge) del fin de la historia y la supervivencia (cierta supervivencia) de lo viviente más allá de ese umbral de transformación de las cosas y desaparición de los sujetos? ¿El imperativo ético que reposa en el cimiento del “no más dividido, no, con el hermano, ni consigo mismo, ni con la tierra, el hombre” (Juanele) no es equivalente de la proclama de indivisibilidad y hermanamiento lo que la tierra canta y dice, aquí, allí, por todas partes, desde siempre?

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 505

Não há fora do verso: do impolítico em Mallarmé FERNANDO SCHEIBE (UFSC)

O impolítico, de acordo com Roberto Esposito, não é uma categoria que se opõe ao político, mas uma “modalité de sguardo, un modo di guardare alla politica” que desmonta a “macchina legittimante della modernità” fundada na dicotomia entre bem e mal, positivo e negativo... Trata-se portanto de uma “crise de politique” não sem afinidade com a “crise de vers” mallarmenana* que, segundo Marcos Siscar, “não designa uma interrupção ou um colapso histórico do verso, mas uma irritação do verso, dentro do verso, e a propósito dele”. A proposta desta comunicação é discutir, a partir das Divagações de Stéphane Mallarmé, e da leitura que delas fazem Siscar e Jacques Rancière entre outros, algumas das consequências – (im)políticas, (im)poéticas** - desta afinidade. * E provavelmente com o neutro barthesiano ** Penso aqui na “ausência de poesia” postulada por Georges Bataille em sua conferência sobre “A religião surrealista”

Poética e Política em Mallarmé LARISSA AGOSTINHO (Univ. Paris – IV Sorbonne)

Quando entrevistado a respeito da prisão de Félix Fénéon, que costumava frequentar a casa do poeta e que fora acusado de ser o autor de um atentado a bomba contra a Assembléia Legislativa francesa, Mallarmé declarou « Eu não conheço arma mais eficaz que a literatura », declaração que corresponde a postura do poeta que sempre se negou a falar abertamente de política. Esse tipo de comportamento Sartre nomeou de “anarquia branca” ou « terrorisme de la politesse ». E a partir de então a crítica sociológica contribui para manter esta imagem de Mallarmé, de poeta « estóico » (Sartre), prisioneiro de um « culto estéril e fetichista da forma » (Bourdieu) ou ainda o jornalista que cedeu aos seus princípios estéticos em nome de “besognes alimentaires” (Du - rand). Nosso objetivo é mostrar que na obra de Mallarmé ha um engajamento ao mesmo tempo poético e político, evidenciar esta intimidade entre universos aparentemente tão distintos foi uma tarefa que o poeta se impôs ao buscar em sua poesia uma forma capaz de escapar ao reinado da representação. O princípio poético que estrutura a poética mallarmeana, emerge de uma crítica da sociedade assim como de uma crítica da literatura de seu tempo. Segundo o poeta a representação estrutura a vida em sociedade, pois ela é a base da democracia representativa assim como do capitalismo financeiro e industrial (« Grands faits divers »), este mesmo princípio constitui a estética naturalista e da poesia parnasiana. Mallarmé procura criticar a linguagem representativa argumentando que esta se baseia em uma analogia entre as palavras e as coisas, que pressupõe a idéia mesma de poder falar das coisas do mundo, uma idéia que apenas mascara o real, que cria ilusões. Em tempos de arte autônoma em que a arte se define pela recusa de tudo que lhe é exterior, não seria por denegação que ela falaria da sociedade, como quer Bourdieu, mas através de mediações formais. Assim Mallarmé procurou em sua poesia desmontar a ficção para tornar visível seu processo de constituição e funcionamento. Essa operação só é possível, pois para Mallarmé a poesia deve ser um espelho da linguagem, um espaço onde a linguagem é pensada, e onde ela aparece em toda sua verdade. Refletir sobre a linguagem, e refletir a linguagem significa para Mallarmé estabelecer uma crítica social e política do seu tempo, desvendando, o que para ele é o mecanismo responsável pela estruturação da vida social, a representação. Finalmente podemos dizer que a relevância deste trabalho reside no fato de procurar mostrar que o engajamento político de Mallarmé se deixa ler exclusivamente na sua poesia, através de sua constituição formal. Nossa metodologia parte da premissa de que a elaboração da poética mallarmeana (entendemos poética mallarmena o conjunto de textos críticos e teóricos do autor onde este desenvolve a sua idéia de poesia) deve fornecer à crítica literária os princípios e parâmetros através dos quais a obra poética do autor deve ser compreendida e julgada.

Vida-caleidoscópio: Leminski leitor de Benjamin ELISA HELENA TONON (UFSC)

Paulo Leminski escreveu uma série de biografias, reunidas postumamente no volume intitulado *Vida. São textos que evidenciam uma concepção de literatura e de história, especialmente, que muito se aproximam daquela que Walter Benjamin apresenta em suas Teses sobre o conceito de história – texto que é publicado no Brasil em 1985, com tradução de Sérgio Paulo Rouanet, pela editora Brasiliense, mesma editora que publicou as quatro biografias de Leminski entre os anos de 1983 e 1986 (além dos outros livros e traduções do poeta). Nesse conjunto de textos, é possível detectar um procedimento de montagem em ação, ao reunir analogicamente elementos díspares o texto dá forma a uma figura que é menos o “personagem” biografado (Jesus Cristo, Trótski, Bashô, Cruz e Sousa) e mais a imagem de um caleidoscópio – uma imagem-malícia (Georges Didi-Huberman). Essa imagem se configura na escritura, marcada pela linguagem coloquial, com frases curtas, tom entusiasmado e uma reunião vertiginosa de referências culturais que, estrategicamente, estabelecem uma relação próxima com o leitor, um contato, comunicam uma ideia, como pretendia Leminski - a vida, ou a sobrevivência de uma origem. O texto dessas biografias traz à tona a questão que o trabalho de Leminski e também a poesia mais recente, marcada pela passagem do século, nos apresentam: a da (im)possibilidade de um projeto estético como motivo e origem para a literatura.*

Política da antologia dos outros (Heloísa Buarque de Hollanda) ITALO MORICONI (UERJ)

Voltando ao grau zero: uma comparação entre as três antologias de Helô. A poesia, para além do espaço literário, sem sair dele. Para além da literatura, a cultura, a política. Antologia poética e crítica prática. O poético como prática da palavra. Cultura de intervenção. Os melhores poetas dos anos 90 e 00.

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO ENTRECruzAMENTOS E LIMITES

John Milton (USP)
 Maria Paula Frota (PUC-Rio)
 Lauro Maia Amorim (UNESP-IBILCE)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 703

O cineasta, o filósofo, a escritora e seu tradutor: presença do clássico japonês em autores do modernismo e do pós-modernismo ocidental
 ANDREI DOS SANTOS CUNHA (UFRGS)

Pretende-se identificar, inicialmente, no filme *O Livro de Cabeceira* [*The Pillow Book*, 1996], de Peter Greenaway, citações e pastiches do estilo de Sei Shônagon, autora de *O Livro de Travesseiro* [*Makura no Sôshi*, início do século XI]. Os elementos intertextuais presentes na obra cinematográfica dão nova significação (pós-moderna, universalista) ao livro da autora japonesa (comumente interpretada, ao mesmo tempo, como “clássica”, fundadora de uma literatura nacional, e “exótica”, do ponto de vista da literatura ocidental). Em segundo lugar, deseja-se também demonstrar como a história da recepção da obra de Sei Shônagon no Ocidente gerou uma série de “coincidências epistemológicas” entre os textos de um modernista como Jorge Luis Borges (seu tradutor para o espanhol); um pós-estruturalista como Michel Foucault (que cita um trecho de Borges, com ecos da obra de Sei Shônagon, como a inspiração decisiva para *As Palavras e as Coisas*); e a obra cinematográfica de um diretor pós-moderno, como Peter Greenaway. A presença do hipotexto *O Livro de Travesseiro* nas obras dos outros três autores cria a possibilidade de se propor um *corpus* que relê o clássico japonês em contexto contemporâneo, elegendo-o como precursor da liberdade formal buscada tanto pela literatura e pela filosofia como pelo cinema, na segunda metade do século XX. Palavras-Chave: Sei Shônagon; *O Livro de Travesseiro*; Peter Greenaway; *O Livro de Cabeceira*; Jorge Luis Borges; Michel Foucault.

Interfaces, ressignificações e crítica de adaptações da literatura para o cinema
 SORAYA FERREIRA ALVES (UnB)

No momento em que a adaptação audiovisual derivada de uma obra literária produz signos que traduzem signos dessa obra, são acrescentadas marcas que não estavam presentes no livro aos novos signos criados. Nessa perspectiva, este projeto tem por objetivo analisar as estratégias utilizadas nas adaptações da literatura de obras de autores brasileiros para o cinema também brasileiro, no contexto da atualidade. Pretende também discutir as novas concepções e alcances da tradução para o cinema; investigar em que medida as estratégias utilizadas nas adaptações estudadas causam a ressignificação das obras; e verificar a posição da crítica atual em relação a essas adaptações. Para tanto, partiu-se de um corpus formado por 8 filmes de diretores brasileiros gerados a partir de obras literárias brasileiras no período entre 2005 e 2010 e de um levantamento da opinião da crítica brasileira sobre essas adaptações. Pretendeu-se, com isso, entender como as adaptações são avaliadas: se com base no conceito de fidelidade ao texto literário de partida ou se são observadas as ressignificações e implicações dessas traduções ao contexto histórico-social para o qual foram traduzidas. Tal levantamento foi realizado exclusivamente na internet, em revistas que trazem colunas sobre cinema, tais como *Veja*, *Isto É*, *Época*, etc., bem como em sites e blogs especializados. As análises tiveram como base os Estudos de Tradução, a Teoria Semiótica, Teorias Literárias, Linguagem Cinematográfica e sobre Adaptação. Serão apresentados, neste trabalho, os resultados finais de pesquisa realizada na Universidade de Brasília – UnB, junto a grupo de estudos que reuniu alunos e foi coordenado por esta pesquisadora.

Para uma teoria de adaptação
 JOHN MILTON (FFLCH-USP)

Até agora, o crescente corpo de estudos em Estudos de Adaptação carecia de uma sólida base teórica dentro da área e teve de pedir emprestado os conceitos de Estudos de Cultura, Pós-estruturalismo e Estudos de Tradução. Uma tentativa de teorizar a área foi feita pelo estudioso de Estudos de Tradução, Lawrence Venuti, em "Adaptação, tradução, crítica", no *Jornal of Visual Culture*, 2007. Venuti critica a falta de base teórica de muitos trabalhos sobre adaptação para o cinema: a ideia de intertextualidade é muito muito vaga, e muitos estudos contêm um viés acrítico a favor ou contra a versão cinematográfica. Usando o conceito de Patrick Catrysse de normas semiótica e pragmática, e as ideias do Gideon Toury sobre a aceitabilidade e adequação como um meio para definir a equivalência, Venuti desenvolve o conceito mais amplo de Interpretante. Há dois tipos de Interpretantes: os Interpretantes Formais, a correspondência estrutural entre o material adaptado e o original: detalhes do enredo, o estilo particular do diretor ou estúdio, o conceito de gênero que exige uma manipulação ou revisão de materiais adaptados; e em segundo lugar, os Interpretantes Temáticos, códigos, valores, ideologias, moralidades, gostos culturais. Este trabalho utiliza as teorias da Venuti para analisar a versão de Bollywood de Oteló, Omkara (2006), dirigido por Vishal Bharadwaj, e tenta aplicar e refinar os conceitos do Venuti dos Interpretantes Formais e Temáticos. O estudo também introduz o conceito do Interpretante Linguístico, a transferência do elemento linguístico de uma cultura para outra, que pode muitas vezes, como nesse caso, envolver a tradução, e que tem sido ignorado em vários estudos sobre adaptações.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 703

Os médicos e os monstros: *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* em versão brasileira
ANA JULIA PERROTI-GARCIA (FFLCH-USP)

Desde a publicação da obra do escritor escocês Robert Louis Stevenson, em 1886, a história do conceituado médico Dr. Henry Jekyll, e de sua “cara metade” Edward Hyde vem atraindo a atenção de leitores em diferentes países. Já em 1887 a obra ganhou os palcos londrinos. No Brasil, sob o título de O Médico e o Monstro, o texto foi traduzido diversas vezes, com diferentes abordagens. Além disso, alguns autores se apropriaram do texto, adaptando-o para o teatro, ou mesmo para novas obras literárias. Parte das características góticas foram preservadas, e alguns traços foram mantidos. Entretanto, como delimitar as traduções, adaptações e recriações? Este projeto piloto procurou traçar um panorama geral das obras existentes em língua portuguesa que, de algum modo, estejam relacionadas ao original de Stevenson, procurando focar principalmente os textos limítrofes, a fim de definir quais seriam as delimitações entre uma adaptação e uma recriação.

Adaptações, apropriações e o papel do adaptador Michael Cunningham em *The Hours* (Picador, 1998)
YURI JIVAGO AMORIM CARIBÉ (FFLCH-USP)

Este trabalho propõe uma discussão sobre apropriações e adaptações de textos da escritora inglesa Virginia Woolf propostas por Michael Cunningham no romance contemporâneo *textoThe Hourstexto* (Picador, 1998). Também propõe um estudo historiográfico e de recepção sobre a publicação (traduções) dos romances, contos e ensaios de Woolf no Brasil, levando em consideração o período anterior e posterior à publicação da tradução do romance *textoThe Hourstexto* (1998) em Língua Portuguesa (Companhia das Letras, 1999) e do lançamento do filme homônimo (Daldry, 2002). Nesse ponto, apresentaremos um perfil dos principais tradutores de Woolf no Brasil, sendo alguns deles escritores nacionais bastante reconhecidos. Outro ponto é a discussão teórica acerca do termo adaptação, que faremos usando como exemplo a obra de Cunningham (1998) e seu papel enquanto adaptador. Para tanto, apresentaremos uma análise do ponto de vista do adaptador feita a partir de duas entrevistas com Cunningham (2010). A principal hipótese a ser discutida é que a reescritura de textos virginianos proposta por Cunningham (1998) conseguiu estabelecer de fato uma interação desses textos com leitores antigos e novos de Woolf, de maneira a promover uma interação entre o texto clássico e o contemporâneo. As obras adaptadas por Cunningham em *textoThe Hourstexto* (1998) são: *textoMrs. Dallowaytexto* (1925), o segundo volume dos diários de Woolf (Harcourt Brace & Company, 1978) e o sexto de suas cartas (Harcourt Brace & Company, 1980). Para a realização desta pesquisa, de caráter bibliográfico, recorreremos a diversas leituras advindas dos Estudos da Tradução e Adaptação, nos valendo principalmente do conceito de reescritura e refração de Lefevere (1992) e de apropriação segundo Sanders (2006). Esta pesquisa pretende, em suma, contribuir com estudos que relacionam as traduções e adaptações de Woolf (1925, etc.) no Brasil e de propiciar um exame analítico do processo de recomposição de *textoMrs. Dallowaytexto* (1925), do segundo volume dos diários (1978) e terceiro das cartas (1978) em *textoThe Hourstexto* (1998), desta vez sob a abordagem dos Estudos da Tradução e Adaptação.

Tradução, adaptação e relativismo MARIA PAULA FROTA (PUC-RIO)

“Não sou relativista e, aos que acreditam poder tirar uma lição relativista das leituras de meus textos, diria simplesmente que se enganam”, disse certa vez Jacques Derrida. Neste trabalho para o XII Congresso da Abralic pretendo pensar as identidades da tradução e da adaptação de um ponto de vista derrideano, explorando nesse campo particular a força da retificação que ele se viu compelido a fazer diante do que considerava como leituras equivocadas de sua desconstrução. Defenderei a ideia de que a constituição da área de Estudos da Adaptação vem confirmar a necessidade há anos sentida por alguns estudiosos de se identificar a tradução como uma forma de reescrita que não se confunde com outras modalidades de textos derivados tais como a paródia, o pastiche, a adaptação etc., ainda que entre elas haja entrecruzamentos e sobreposições. Diante da defesa dessa ideia, entretanto, não foram poucas as ocasiões em que se encontrou muita resistência ou mesmo “acusações” de logocentrismo, por mais que se argumentasse que a identidade buscada ou essa própria busca nada tinham de um suposto ranço essencialista; ao contrário, tratava-se (e trata-se) de tentar caracterizar a tradução a partir de suas relações de diferença vis-à-vis aquelas outras práticas de reescrita, bem como a escrita autoral, com base na crítica derrideana a toda forma de relativismo radical e com vistas a contribuir para uma aproximação entre, de um lado, os estudos teóricos da tradução e, de outro lado, expectativas do público e dos tradutores.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 703

Tradução, paródia e paráfrase: as reescrituras poéticas de Manuel Bandeira CELIA LUIZA ANDRADE PRADO (FFLCH-USP)

Quando se trata de tradução poética a ideia consensual é de que poesia é intraduzível, uma vez que o tradutor está sujeito a grandes restrições impostas não só pela língua, mas também pelo gênero. A ideia de "destruição" da obra de arte poética no processo tradutório está pari passu com a concepção romântica de originalidade. A maneira abrangente de repensar a tradução como uma forma de reescritura aproxima-a da adaptação e evidencia o seu caráter autoral. Se por um lado a reescritura é considerada uma atividade usurpadora, por outro liberta a obra do jugo do texto fonte modificando o conceito da obra de arte como objeto único e insubstituível. Os vários tipos de transposição textual – paráfrase, paródia e "tradução para o moderno" – de Manuel Bandeira se caracterizam pela liberdade como são recriadas na língua alvo e altamente consideradas pela crítica. A apropriação de um texto que resultará em outra criação artística nos leva a refletir sobre o tênue limite conceitual entre as diversas formas de reescritura.

Romeu e Julieta em quatro tempos: análise de alguns pontos de contato e de atrito entre o texto teatral de William Shakespeare, o conto de Charles Lamb, a adaptação infantil de Renata Pallottini e a adaptação juvenil de Toni Brandão MARILISE REZENDE BERTIN (USP)

O presente trabalho analisa a recepção da peça *Romeo and Juliet* de William Shakespeare (1594) no Brasil tendo como parâmetro inicial o conto de mesmo nome de Charles Lamb, presente no livro *Tales from Shakespear* escrito por Charles e Mary Lamb em 1807. Os contos de Shakespeare não ficaram restritos apenas aos jovens leitores, mas foram lidos pelos seus pais e parentes. Eles se tornaram famosos na Inglaterra, mundialmente, e em muitos países, a exemplo do Japão e da Malásia, alguns textos mais famosos foram utilizados como fonte inicial para a produção (adaptação) de peças teatrais, assim como serviram de base para adaptações publicadas em livros, dirigidas ao público infantojuvenil, antes mesmo da chegada do texto teatral de Shakespeare. *Romeo and Juliet* / *Romeu e Julieta* é um dos mais famosos textos shakespearianos adaptados no Brasil. Pensando no público infantojuvenil, o maior consumidor do mercado livreiro a partir da década de 70, temos um variado leque de produções escritas, que atendem a todos os gostos e bolsos: desde livros de capa dura, ricamente ilustrados, em formato de conto, derivados direta ou indiretamente do conto de Charles Lamb, até produções mais baratas, dirigidas a adolescentes, com um menor número de ilustrações. Estes textos são novelas, divididas em capítulos, em -

basadas quer na peça de Shakespeare, quer no conto de Lamb, porém, muitas vezes, contam com a inventividade do próprio adaptador, que se afasta de um “enredo básico” mantido por Lamb, e cria fatos novos, descumprindo a premissa inicial que é a de levar o clássico ao público jovem com “fidelidade”. A análise de trechos das novelas de Pallottini e Brandão trará pontos de contato e atrito em relação ao texto teatral de Shakespeare e ao conto de Lamb. A novela de Pallottini, por exemplo, diz se espelhar no texto teatral de Shakespeare, porém segue a ordem dos acontecimentos recriada por Lamb, ao adaptar em conto a obra do bardo inglês. Já Brandão, investe em um amplo desenvolvimento psicológico das personagens, por vezes bizarro, cria situações descritivas ausentes tanto no texto de Lamb como no de Shakespeare. O estudo das semelhanças entre os textos, mas principalmente dos conflitos entre os mesmos em especial, suscita discussões sobre os vários “Shakespeares” existentes no Brasil. Palavras chave: Romeo and Juliet / Romeu e Julieta, Shakespeare, Lambs, adaptações, criatividade, fidelidade.

Adaptação na tradução: a poesia experimental de Harryette Mullen em português LAURO MAIA AMORIM (UNESP-IBILCE)

Esta comunicação discute o papel da adaptação na tradução, por mim realizada, de poemas das obras *Muse & Drudge* (1995) e *Sleeping with the Dictionary* (2002), da poetisa afro-americana Harryette Mullen, para a língua portuguesa. Harryette Mullen é uma autora contemporânea em ascensão, cuja densa poesia versa sobre a oralidade negra, o experimentalismo da escrita, a música afro-americana, além de focalizar temas como a representação da sexualidade feminina negra e a violência. A poesia de Mullen explora os limites da textualidade da poesia negra, conduzindo a uma análise das relações entre linguagem e realidade, e de como identidades são formadas e instituídas. Os desafios de se traduzir sua poesia incluem as referências intertextuais ao blues, ao jazz, à cultura pop, como também o uso recorrente de jogos de palavras que denunciam duplos sentidos. Em vista das complexidades culturais, linguísticas e estéticas da poesia de Mullen, a sua tradução significa entrelaçar-se em ambiguidades linguísticas e referências culturais recriadas em português de modo a produzir efeitos de sentido e de intertextualidade que possam dialogar reciprocamente com o texto original. Entre as possibilidades de se construir essa reciprocidade na tradução encontra-se a adaptação, como recurso tradutório, que, em certos momentos, viabiliza a recriação de novas relações de sentido engajando, assim, o leitor na textualidade do poema, a partir de referências culturais brasileiras. Esse entrecruzamento entre o traduzir e o adaptar não deve significar, no entanto, o apagamento das diferenças que são construídas e atribuídas a esses termos, do ponto de vista social, ideológico e discursivo. Nesse sentido, mantenho os dois termos em conjunção não para indicar um limite que os separe universalmente, mas para indiciar sua relação de contiguidade e reelaboração, conduzida sob critérios determinados, em contextos particulares.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 703

Adaptações de Dom Quixote: o que nos dizem os paratextos? AMAYA OBATA MOURIÑO DE ALMEIDA PRADO (UFMS)

O propósito desta comunicação é a reflexão a respeito dos paratextos editoriais que acompanham quatro adaptações de *Dom Quixote de La Mancha* (1605/1615), de Miguel de Cervantes Saavedra, para o público infanto-juvenil brasileiro e galego. As obras *Sancho na insua Barataria* (1977), tradução de Lois Lustres e Xerardo Roca; *O pequeno Borges imaxina o Quixote* (2005), de Carlos Cañeque e Ramón Moscardó; *Dom Quixote* (2005), adaptação de Rosana Rios e *O Cavaleiro do Sonho* (2005), de Ana Maria Machado constituem parte do corpus selecionado para uma pesquisa de doutorado que pretende identificar e analisar as produções dessas adaptações nos dois países. A análise dos paratextos se faz relevante, uma vez que contribui para identificar o direcionamento das obras, deixando transparecer o posicionamento de seus autores em relação ao trabalho de adaptação e ao público a que se dirigem. Os conceitos de Gérard Genette expostos em *Paratextos Editoriais* (2009), serão utilizados como aporte teórico, porquanto orientam a compreensão das estratégias de ação sobre o público.

Audiodescrição – modalidade de tradução audiovisual: tradução ou adaptação? LARISSA COSTA (PUC-Rio)

O objetivo deste trabalho é discutir, a partir das principais características da audiodescrição, se esta deve ser mesmo pensada como uma modalidade de tradução ou se estaria melhor identificada como um tipo de adaptação, refletindo assim sobre os possíveis limites e entrecruzamentos dessas duas formas de reescrita e, mais recentemente, áreas disciplinares. A audiodescrição (AD) é um recurso de tecnologia assistiva cujo fim é tornar acessíveis os eventos culturais e educativos prioritariamente às pessoas cegas e com baixa visão, sejam elas congênitas ou adquiridas. No Brasil, a AD foi utilizada pela primeira vez em 2003, em um festival de filmes sobre deficiências. Outras iniciativas vêm ocorrendo desde então, mas apesar da boa aceitação do público, o uso desse recurso ainda é limitado. A presença da audiodescrição na academia ainda é incipiente, mas está atraindo novos pesquisadores, conquistando mais visibilidade e vem se consolidando como uma modalidade de *tradução audiovisual*. A inclusão da AD nos Estudos da Tradução, especificamente na tradução audiovisual, se deve, entre outros fatores, a questões político-acadêmicas que visavam fortalecer seu desenvolvimento e auxiliar na conquista de seu lugar na sociedade. Para tanto foi necessária a ampliação da tipologia proposta por Jakobson, já que na tradução intersemiótica por ele idealizada é prevista a tradução de signos verbais para signos não verbais, e a audiodescrição é um recurso que utiliza o movimento inverso — traduz signos não verbais em signos verbais. Se a definição do conceito de tradução consiste em uma tarefa complexa, que há anos ocupa os acadêmicos da área, abordar a AD enquanto uma atividade de tradução traz um novo desafio ao debate, já que há características específicas e exigências técnicas desse campo que devem ser levadas em consideração. O fato da tradução audiovisual, e consequentemente a AD, ser vista por muitos como um tipo de adaptação e não como tradução será meu ponto de partida para discutir um possível hiato entre significantes e práticas. A criação da área dos estudos da adaptação fomenta o intenso debate já existente, trazendo à tona a reflexão sobre uma possível busca de autonomia do campo da tradução audiovisual ou, ainda, possíveis rearranjos ou novas filiações.

Tradução e identidade: o papel social feminino resignificado na tradução de *Le silence de la mer*
CHARLES TEIXEIRA (UnB)

O processo tradutório intersemiótico é palco de discussões em vários campos disciplinares caracterizando sua interface multi/transdisciplinar. A formação de identidades culturais, decorrentes desse processo, institui novas formas simbólicas resignificando a obra fonte em favor de contextos sociais vigentes. Refletindo sobre esses aspectos, percebemos na adaptação de *Le silence de la mer* a requalificação do papel social da mulher, como forma de resgatar sua importância histórica nos anos da II Guerra Mundial, e a resignificação das personagens femininas dos contos atendendo assim às novas representações identitárias criadas atualmente.

TEORIA LITERÁRIA E ANÁLISE DO DISCURSO: QUESTÕES DE ÉTICA, POLÍTICA E ESTÉTICA / THEORIES AND REPRESENTATIONS OF UTOPIA IN BRAZILIAN AND WORLD LITERATURE

Adna Candido de Paula (UFVJM)
Cristine Gorski Severo (UFSCar)
Fabio Luiz Lopes da Silva (UFSC)
Patricia Vieira (Georgetown University)
Michael Marder (Duquesne University)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 603

Ética, literatura e vida humana: Problematizando a orientação ética das narrativas ficcionais
ADNA CANDIDO DE PAULA (UFVJM)

Esta comunicação tem por objetivo apresentar e discutir a noção de orientação ética das narrativas ficcionais postulada pelo filósofo Paul Ricoeur. Para tanto, será considerada, de forma concisa, a tradição dos estudos sobre a relação ética e estética desde Aristóteles, passando por Friedrich Schiller, até os estudos atuais sobre o aporte que a literatura oferece à filosofia moral (Sandra Laugier; Stanley Cavell; Olivier Abel). O foco de atenção recai sobre a junção entre o mundo do texto e o mundo da vida, o que exige uma nova compreensão do processo mimético das narrativas.

Ética e estudos da linguagem: Sobre a recepção dos discursos

CRISTINE GORSKI SEVERO (UFSCar)

Trata-se de refletir sobre a relação entre a dimensão ética e o processo hermenêutico de compreensão e assimilação da palavra alheia a partir dos trabalhos de Mikhail Bakhtin e Paul Ricoeur. Para ambos, essas dimensões inscrevem-se em uma concepção de língua tomada a partir da relação inerente entre interpretação, contexto (espaço-temporal) e interlocutores. Com isso, defende-se que o processo hermenêutico – tomado como exercício refletido da liberdade que produz efeitos sobre a constituição e transformação de si (Foucault) – desempenha um papel importante nas lutas contra as formas de sujeição modernas. O processo hermenêutico implica que os sujeitos estabelecem com os enunciados que os interpelam uma atitude responsiva e dialógica, o que viabiliza, pelo menos a princípio, um espaço (re)constituição de si. Contudo, nem toda atitude responsiva e dialógica é fruto de um exercício (ético) refletido de liberdade. Este trabalho visa avaliar as especificidades do processo hermenêutico que o configuram como uma prática refletida de liberdade e, portanto, como condição de possibilidade de transformação de si.

As consequências éticas da compreensão do logos como uma combinação de formas no *Sofista* de Platão

GIOVANE DO NASCIMENTO (UENF)

No *Sofista* será considerada a possibilidade do erro num embate contra a tese de Parmênides, segundo a qual, o não-ser não – é e não pode levar a existir algo que não é. A sofística, ao considerar tal tese, chega às últimas consequências produzindo o embaraço ético de que o discurso, na medida em que só poderá dizer o ser, será sempre verdadeiro. Tendo em vista que o não-ser refere-se ao falso e este não poderá ser dito, decorre daí a impossibilidade do discurso falso. Essas questões são tratadas no diálogo de um modo bastante característico do pensamento grego. Num primeiro momento são arroladas as possibilidades ontológicas de se fundamentar a tese paradoxal de que o não-ser é uma espécie de ser; num segundo momento, em posse desses conceitos, passa-se a uma aplicação destes ao nível lingüístico, isto é, investiga-se a partir dessas conquistas conceituais ontológicas qual a natureza do discurso. Nesse sentido, podemos afirmar que a fundamentação do logos é subsidiária da tese ontológica que afirma, de certa maneira, a existência do não-ser. Em outras palavras, é porque na realidade concebemos o não-ser numa relação com o ser, que podemos dizer que o não-ser, de alguma maneira é. O problema da permissibilidade da linguagem, de sua plasticidade, pode ser observado com frequência em nossos dias seja na mídia, nos discursos políticos ou ainda nas formulações jurídicas. Pretendemos a partir da tese do «parricídio de Parmênides», apresentada no *Sofista* de Platão, considerar as consequências éticas desse impasse.

Vidas na fronteira: margem, silêncio e disseminação

MARIA CRISTINA CARDOSO RIBAS (UERJ)

Vivemos hoje um momento de dispersão nos grandes centros que pode se transformar em tempo de reunião na ambivalência das fronteiras. Com esta expectativa, entendemos que determinamos lugares definidos primariamente como espaço de vazio, exclusão, passividade, emudecimento podem representar, ao mesmo tempo, um posto privilegiado de observação, sobrevivência e voz, espaço este que desliza da simples horizontalidade e move-se entre formações culturais e processos sociais sem uma lógica causal centrada (Bhabha, 1998). Encontramos exemplo de tal dinâmica no texto literário e nossa leitura visa: ressaltar a força do que se apresenta, num primeiro olhar, como fragilidade e fuga; encontrar o presente como expressão de uma contemporaneidade que não é pontual ou sincrônica; e entender o passado como anterioridade que insere o outro nas fissuras deste presente. Ao analisar "A terceira margem do rio", de Guimarães Rosa, e

"Teoria do medalhão", de Machado de Assis, buscamos reverter a propalada estagnação de um menino esperando a vida inteira na margem, lugar traduzido como exclusão, tanto quanto ressignificar a passividade de um jovem na maioria que, aparentemente, submete-se ao conselho maquiavélico do patriarca. Separados por um século de criação, ambos os contos – um trágico, outro irônico - dramatizam a relação hierárquica pai e filho, retomam a culpa pela perda do modelo e o desespero, o alheamento ou conformismo pelo fato de os personagens filhos (não)preencherem a vacância daquele lugar dito superior nem corresponderem às expectativas paternas de perpetuidade. Os personagens dos filhos, nas duas narrativas, livres do postulado da continuidade (Foucault: 1989), não mais reproduzem as fontes e, como entendemos, o antes entendido como dependência, dívida, torna-se reescritura (Carvalho: 1986). Rever a dívida implica em questionar o conceito de superioridade (Silviano: 1979) e sua contraface, o assujeitamento ao modelo – aqui os pais -, convertendo o novo texto – os filhos - em outro ponto de referência, espaço em que marginalizados se instalam, intervêm e constituem um observatório privilegiado. A reconfiguração espaço-temporal – o entrelugar - torna-se possível pelo abalo de significados e valores suscitado pelo processo de interpretação e o efeito de perplexidade que as atitudes dos personagens promovem no leitor; ao mesmo tempo representa a história da paternidade –ou orfandade – na formação cultural brasileira.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 603

A convocação do leitor na construção de uma estética desestabilizadora de regras pragmáticas

MARIA ANTONIETA JORDÃO DE OLIVEIRA BORBA (UERJ)

A literatura instaura um jogo entre fictício e imaginário, o que permite lhe conferir um caráter específico de signo (Iser: 1966) capaz de gerar discursividades em campos disciplinares os mais diversos como História, Filosofia Sociologia, Psicanálise. Caracteriza-se, ainda, por uma forma de expressão que reorganiza as regras pragmáticas norteadoras das ações dos sujeitos em sociedade. O discurso ficcional da literatura se apropria da verticalidade hierárquica pela qual normas de conduta são dispostas socialmente – desde as mais aceitas até as mais negadas –, sem se limitar, contudo, a reproduzi-las. Ao tematizar essas regularidades, a literatura apresenta embates entre visões de mundo, que podem remeter para valores éticos, políticos, religiosos, através de uma estética que, na reorganização de sua linguagem, se revela como estética suspensiva. Justamente por assim ser, cria vazios em meio aos conflitos que ela própria instaura. Dessa forma, quando a literatura tematiza aspectos extraverbais, culturais, semiológicos, deixa-os na potencialidade do vir a ser. Nesse entendimento como espaço em que o autor cria a realidade da literatura por vazios, também nós, sujeitos da recepção, nos vemos provocados a preenchê-los e, portanto, a construir a literatura por reflexões que avaliam acordos culturais consolidados, formas de inserção em sociedade, crenças aceitas, relações interpessoais etc. Essas ocorrências de trânsito entre obra e leitor são teorizadas por Wolfgang Iser em seu livro *The act of reading: a theory of aesthetic response* (Iser: 1978). A partir desse quadro nocional, o trabalho “A convocação do leitor na construção de uma estética desestabilizadora de regras pragmáticas” discutirá a multiplicidade de visões de mundo presentes na novela “O Alienista” em face do contexto do Brasil do século XIX, considerando as ocorrências da Vila de Itaguaí como metáfora de ocorrências históricas de maior amplitude. Este propósito implicará, por sua vez, o exame das estratégias artísticas da linguagem de Machado de Assis, de modo a indagar o conceito de realismo, tendo em vista as tensões inscritas num enredo que convoca o leitor a refletir sobre heterogeneidades éticas, políticas, teológicas, religiosas. Nessa vertente interpretativa, o objetivo é pôr em debate formas pelas quais a literatura pode deixar de se constituir como depositária de acontecimentos para se revelar como discurso que dialoga com as textualidades pragmáticas por ela incorporadas.

O idílio a serviço de uma certa ética em *Amar*, verbo intransitivo de Mário de Andrade

SONIA I. G. FERNANDEZ (UFSM)

Considerando a escolha do gênero sentimental “idílio” por parte de Mário de Andrade, para identificar seu romance *Amar*, verbo intransitivo, observamos que as relações: Fräulein- homem do sonho (homem sonhado) e Fräulein- homem da vida (Carlos) podem ser lidas na perspectiva de Espinosa, se tomamos o axioma “não existe, na natureza, nenhuma coisa singular tal que não exista uma outra mais poderosa e mais forte que ela. Mas, dada uma coisa qualquer, é dada uma outra mais poderosa pela qual a primeira pode ser destruída.” (Da servidão humana ou da força das afecções, Ética IV). Em consequência, abrem-se várias possibilidades de compreensão desta obra no plano da ética e da estética e, melhor ainda, no entrelaçamento dessas duas áreas do conhecimento humano. Questões muito caras ao autor e ainda pouco exploradas. Pois, ao ser contratada por Sousa Costa, para dar lições de amar a seu filho Carlos, Fräulein vê tensionado seu espaço de poder e liberdade, o que a leva no plano da narrativa a relativização de verdades e, no plano da subjetividade da personagem, a perturbações e desestabilizações com consequências

bastante importantes para o enredo. A forma como Fräulein lida com suas convicções e sonhos é tão auto-centrada quanto a relativa moral de Sousa Costa e mesmo de sua esposa. Estas culturas tão diferentes (a alemã e a brasileira) postas em contato evidenciam para o leitor as razões subjetivas tanto de uma como de outra. O que parece lógico e natural para Fräulein, posto em relação ao modo de tratar dessas questões de Sousa Costa, não é nada lógico nem natural. O embate entre esses modos e tempos tão distintos para as coisas da família e da educação resulta pedagógico para o leitor capaz de lidar com convenções e com a dialética resultante de dois códigos em conflito. A obra de arte revela-se neste contexto como um espaço de circulação de saberes que vão além da mera leitura e adentra um espaço mais amplo de reconhecimento das diferenças dentro e fora da ficção, na medida em que aprende a ver conjugados ambos mundos: o natural e o artificial, ou o da realidade e o da arte. Conjugados não quer dizer harmonizados, ao contrário, quer dizer que em convivência, interpenetram-se e um pode modificar o outro, mas em tempos diferentes.

Conflitos sociais e ficção: a cabanagem em Márcio Sousa SÉRGIO DA FONSECA AMARAL (UFES)

Trata-se a apresentação de um estudo da construção discursiva em torno da Cabanagem no romance *Revolta: crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*, de Márcio Souza, publicado em 2005. Escritor nosso contemporâneo, Márcio Souza faz um mapeamento ficcio-histórico-social da região amazônica por meio de uma tetralogia, da qual o romance em questão faz parte. A Cabanagem, insurreição ocorrida no Grão-Pará entre 1835 e 1840, passou para a história como o único movimento que o povo realmente ocupou o poder por certo período. Estudado pela historiografia, além de motivar narrativas ficcionais, a rebelião suscita adjetivações apaixonadas tanto dos a ela contrários quanto dos seus defensores. Partindo do pressuposto que o leitor constrói a obra, o trabalho tem por meta observar o ato narrativo do romance para analisar a forma pela qual os personagens insurretos são enredados numa sutil formulação de juízos de valor. Na interseção entre o mundo da obra e o mundo da vida, há o espaço movediço da construção de ideologias e valores que podem se fixar como verdades para um sem número de comunidade de leitores. Assim, a relação entre ética, política e arte se estabelece como formas que se enredam camaleonicamente, criando tradições e crenças. Para o caso da Cabanagem, no romance se pode constatar a força do lugar comum como arma de ataque aos eventos indesejados.

Por uma autonomia do olhar FÁBIO LUIZ DE ARRUDA HERRIG (UFGD)

Levando em consideração os avanços em direção à subjetividade do conhecimento humano e aos constantes conflitos que isso tem gerado, este trabalho vem apresentar uma proposta libertária, porém, não nova. A perspectiva é refletir sobre os limites da possibilidade de análise nas ciências, tanto humanas quanto exatas. Esse trabalho faz ecoar um canto iniciado no passado (séc. XII), parcialmente esquecido em meados do século XX, devido uma onda de "hiperespecialização disciplinar" e que, atualmente, se faz aflorar mais uma vez. Agora a questão toca uma instância ético-política, visto que a interdisciplinaridade tem que ser pensada enquanto uma postura assumida por cada sujeito.(DEMANDA SOCIAL/CAPES).

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 603

Possibilidades dialéticas entre teorias literárias: uma compreensão para além da aplicação SANDRA BEATRIZ RECKZIEGEL (UFGD)

Este artigo objetiva propor uma metodologia dinâmica a partir da articulação de algumas teorias literárias. A proposta recai sobre a relação dialética entre as práticas de compreensão e explicação do processo interpretativo. Busca-se compreender como a teoria literária se estabelece enquanto disciplina e como ela orienta as análises críticas de obras literárias. Duas teorias literárias, em especial serão consideradas nesta análise: a teoria fenomenológica, abordada por Roman Ingarden, e a estética da recepção defendida por Hans Robert Jauss

Deslindando o projeto estético de Cristina Mato Grosso em *Balada de amor no sertão* ELISÂNGELA CRISTIANE ROZENDO DE SÃO JOSÉ (UFMS)

A proposta desta comunicação tem como escopo demonstrar o resultado das investigações acerca do texto dramático, intitulado *Balada de amor no sertão*, 2003, de Cristina Mato Grosso. Anorando-se nas contribuições de Magaldi (1998), Ryngaert (1996, 1998), Pavis (1999) e Rosenfeld (1993, 1996) acerca das noções que configuram o discurso teatral; nos estudos de Pallottini (1989), Prado (1987) no que se refere à construção do personagem e nos pressupostos teóricos de Ortiz (2002), Rama (2008) sobre o conceito de transculturação, o trabalho teve como objeto de estudo a análise das falas das personagens centrais do texto, buscando, por meio delas, compreender como se compõem o tempo e o espaço no texto dramático, pois se tornam elementos essenciais para entender as transformações culturais ocorridas no lócus sertão. Importa ressaltar que a poética da autora está associada à tradição literária, com aproximação às tendências humanistas do teatro medieval de Gil Vicente. Neste sentido, a teoria transcultural nos pareceu pertinente, contribuindo para a leitura da obra, ou seja, os traços que se mantiveram ou foram rechaçados na criação da peça contemporânea, mas que guarda muitas relações com o lirismo medieval. Para a realização do proposto trabalho fez-se necessário a compreensão sobre o processo de construção do texto, depreender os aspectos que compõem o projeto estético da dramaturgia e, por isso, realizou-se uma pesquisa sobre a história e função do teatro na realização do grupo GU-TAC - Grupo Teatral Amador Campo Grandense, nascido no período ditatorial, do qual uma das fundadoras é a dramaturga Cristina Mato Grosso que desvela, em suas produções, um caráter social engajado. A pesquisa divide-se em três capítulos. No primeiro, são apresentados os pressupostos teóricos de Fernando Ortiz e Ángel Rama, que tratam da transculturação e, demonstrando que aspectos da teoria podem ser aplicáveis ao estudo desta peça teatral. A seguir, a exposição da trajetória teatral da atriz, por entendermos a relevância de seu trabalho no cenário dramático sul-mato-grossense e brasileiro e, sobretudo, por se tratar de uma autora e produções ainda pouco exploradas no âmbito acadêmico. No terceiro capítulo, atentamos especificamente aos aspectos estruturais do texto e os elementos importantes que este nos fornece a serem considerados no âmbito analítico: as relações de poder, a situação social, presença de manifestações culturais com recorrência ao folclore brasileiro, além da presença de mitos e aspectos historiográficos. Pretende-se desse modo, contribuir para a valorização do teatro sul-mato-grossense. PALAVRAS-CHAVE: Teatro brasileiro; personagem; Cristina Mato Grosso.

Finitude without end: Death and literature on the way to Utopia PATRÍCIA VIEIRA (Univ. de Georgetown)

Among existential possibilities, the possibility of death occupies a special place, since, after the decline of the metaphysical model of human beings endowed with an immortal soul, unsurpassable finitude became the hallmark of the human condition. Post-metaphysical philosophy and literature examines the ramifications of finitude not only in its multifaceted thematizations of death but also by focusing on the vulnerability of the human body and the material conditions for its survival, symbiotically entwined with the ethical and political implications of a finite human ontology. As a result, utopian literature needs to grapple with the constitutive finitude of its subjects, as much as with the limits of its own political project.

Dystopian African literature: Pepetela's Case FERNANDA ALENCAR PEREIRA (UnB)

The Angolan novelist Pepetela described in *Geração da Utopia* (1992) [The Utopia Generation] 30 years of the generation who lived the pre-independence period in Angola and who saw their idealized project of a sovereign country sink in the dark waters of corruption and neocolonialism. Recently, in 2005, Pepetela published *Predadores* [Predators]. In this novel, the main character is on the other side of Angolan history: Vladimiro Caposso is a corrupt businessman who profits from the post-independence reality of his country to enrich himself. The society described in these novels is composed of dystopian characteristics, such as human misery and oppression, which become transparent to the eyes of the readers by the voice of the critical narrators. Considering the definition of dystopia as a bad or inhospitable place, and unbinding this concept from an apocalyptic view of future societies, this presentation aims at analyzing the combined perspective of these two novels to investigate how this literature represents the dystopian reality of African countries like Angola, in the late 20th century, and the role this representation plays in the Angolan literary context.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 603

Between this World and Another: Literature and the Utopia of Worldhood

MICHAEL MARDER (Duquesne Univ.)

A crucial insight of phenomenology is that the world is not set over and against the subject in a primordial confrontation and, therefore, is not an object to be apprehended and potentially dominated through the imposition of rigid forms onto unruly matter, leading to a technical subjugation of the natural environment or of other human beings, but is, rather, a milieu, wherein the I is a priori immersed. This talk will consider the role of phenomenological worldhood and its utopian possibilities in the creation of world literature. I will carry out this analysis through a philosophical exploration of the "world" as the opening unto experience that precedes any determinate place and through the juxtaposition of the utopian-phenomenological conception of worldhood and the institution of "world literature."

Admirável Mundo Novo e a Ilha: O Romantismo anti-capitalista de Aldous Huxley

EVANIR PAVLOSKI (UEPG)

Dentro do vertiginoso turbilhão de transformações que caracterizou a modernidade, a dicção literária de Aldous Leonard Huxley pode ser destacada como uma das vozes mais problematizadas da primeira metade do século XX. Nesse contexto, o utopismo surge como signo indelével das reflexões desenvolvidas pelo autor em sua vasta produção romanesca. Em seus escritos utópicos, Huxley encontra o ponto de convergência entre a crítica sociocultural e a sua capacidade imaginativa. Seja por meio do cenário distópico e aterrador de *Admirável mundo novo*, publicado em 1932, seja por meio da idealização de uma comunidade, ao mesmo tempo, modelar e frágil em *A ilha*, de 1962, o autor analisa e questiona os rumos, os ideais e os símbolos das sociedades modernas. Essa característica inquietação de Huxley com o presente, aspecto fundamental da imaginação utópica, faz com que sua literatura mapeie espaços inexistentes e projete futuros possíveis. Entretanto, o autor também reconstrói modelos e redefine conceitos em seu ímpeto por confrontar determinados aspectos da realidade experimental. Enquanto projeto de reconstrução social, tal retorno ao passado caracteriza uma perspectiva crítica que Lukács definiu como romantismo anticapitalista. Inseridos nesta visão, pensadores e literatos buscam, na sensibilidade oitocentista, ideais e respostas para as potencialidades negativas das estruturas sociais que se consolidavam no alvorecer do novo século. Diante disso, o presente trabalho visa discutir as relações de oposição e semelhança entre os dois romances de Aldous Huxley com o propósito de delinear não apenas a estética literária do autor em sua vertente utópica, mas também o seu pensamento crítico-analítico perante a expansão do racionalismo capitalista.

From deprivation to utopia: some thoughts on Marge Piercy

ELTON FURLANETTO (USP)

Several critics have pointed out the importance of literature and the arts in general to the constitution of our subjectivities. If this is so, along with the fruition of art, there is also a pedagogical aspect which should not be overlooked. Literature teaches us how to behave, how to observe the social norms and conform to them. It ultimately teaches us how to feel, as it is both directed to our reason and to our senses. Normally, ideology encapsulates these (conscious or more often unconscious) lessons so that art ends up providing the reader with images of what is right or wrong, models they can follow (or sometimes) criticize. In a world dominated by an impression that "the historic alternatives to capitalism have been proven unviable and impossible, and that no other socio-economic system is conceivable, let alone practically available" (Fredric Jameson), the authors who oppose such a view are rare. The American author and poet Marge Piercy seems to be one of them. Taking some of her characters as instances she created in order to debate some contemporary issues, we can grasp that 1) most of them come from deprived backgrounds and move from this toward an awareness-raising process; 2) such process is not easy and involves losses and fights; and also 3) although most of her main characters are women, she tries to establish a new type of self-conscious and historical human being, who somehow militate for a society with less inequities (as Piercy has been doing herself for most part of her life). It

is exactly this militancy (and its obstacles and potentialities) she takes from her socialist and feminist background to the aesthetic realm of her poetry and fiction which will be central to our reading and comments here of two of her novels: *Going Down Fast* (1969) and *Woman on the Edge of Time* (1976). We intend to discuss how her two novels serve as “spaces of hope” (David Harvey), places for resisting passivity and conformity and how the experiences she was giving a form to in the 1970’s could be valuable in the context of a political lethargy in a country like Brazil in the early 21st century.

Brazilian utopianisms: A cultural survey in focus

ILDNEY CAVALCANTI (UFAL) e ALFREDO CORDIVIOLA (UFPE)

This presentation aims to describe some initial results of the project entitled *Utopismos brasileiros: um inventário cultural*, being developed by members of the research group *Literatura e Utopia* (PPGLL, Ufal; CNPq) belonging to three different universities (Ufal, UFPE, and Unicamp), which focuses on Brazilian utopianisms and involves the stages of surveying, selecting, analysing, and (re)editing the forms in which those utopianisms have been manifested. In the investigation of such cultural productions, emphasis is given to some formal and thematic recurrences which will be explored in our exposition. Due to the diversity of the literary and cultural expressions being studied by the group, the discussion will be centred on an understanding of the utopian phenomenon in its varied discursive configurations and will expose a fourfold view of the possible configurations of the utopian modes in literature. Our analytical perspectives will be illustrated by offering readings of Brazilian utopian texts. Such readings emphasize the convergences between utopian forms, contents and functions, according to the proposition defended by Levitas, as well as the possible dialogues with contemporary theories regarding cultural utopian practices – for instance, transgressive utopianism (SARGISSON, 1996); critical utopias and dystopias (MOYLAN, 1986, 2006; CAVALCANTI, 2003); dislocated utopias (AUGÉ, 2010); dialectical utopianism (HARVEY, 2000)

VERTENTES DO INSÓLITO FICCIONAL II

Flavio Garcia (UERJ/ UNISUAM)
Marisa Gama-Khalil (UFU)
Karin Volobuef (UNESP – Araraquara)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 600

O estranho e o familiar em “Pequena palestra com uma múmia”, de Edgar Allan Poe, e em “Uma visita de Alcibíades”, de Machado de Assis
ADELAIDE CARAMURU CEZAR (UEL)

Tomando como suporte o conceito de estranho – *unheimlich* (sinistro, obscuro, inquietante, desconhecido) – presente em ensaio escrito por Freud em 1919 e por ele intitulado “*Das Unheimliche*”, serão analisadas duas narrativas do século XIX: “Pequena palestra com uma múmia” (1845), de Edgar Allan Poe (1809-1849), e “Uma visita de Alcibíades” (1876), de Machado de Assis (1839-1908). De acordo com o psicanalista, “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido de velho, e há muito familiar”. Esta categoria (o estranho) será analisada separadamente no conto de Poe e no conto de Machado. Em seguida, será efetivado trabalho comparativo entre as duas narrativas de maneira a poder concluir (ou não) influência do escritor norte-americano sobre o escritor brasileiro.

O insólito em “O cavalo que bebia cerveja”, de João Guimarães Rosa
ANDERSON TEIXEIRA ROLIM (UEL)

No conto “O cavalo que bebia cerveja”, em *Primeiras Estórias* (1962), de João Guimarães Rosa, Reivalino Belarmino narra a história do exótico italiano Giovânio, ex-combatente de guerra, que, com ares de louco, vivia isolado numa chácara com seus cães. O narrador, empregado do italiano, inicialmente sente aversão por este homem de bizarros hábitos: além das costumeiras estranhezas de um estrangeiro, sempre pedia cerveja para dar ao cavalo beber. Entretanto, e no que concerne ao relacionamento entre eles e às trocas culturais que efetivam, vale mencionar a lenta e profunda mudança no relacionamento entre o narrador sertanejo e o estrangeiro, que vai da xenofobia à amizade saudosa, e que sintetiza o familiar estranho que permeia a narrativa, numa mirada estrábica, entre Europa e sertão. Assim, a partir das diferenças elencadas entre o autóctone e o estrangeiro, este trabalho pretende investigar unheimlich freudiano no conto em questão, considerando a representação do italiano exilado no Brasil após a segunda grande guerra, e também o desenlace revelador, como índices do insólito na obra. Para isso, verificar-se-á como este efeito se aplica na construção da imagem do exilado para o sertanejo e como as consequências da guerra podem suscitar, também no leitor, o insólito.

José Régio, continuador de Mário de Sá-Carneiro?: o duplo em *Mário ou eu próprio-o outro*
FERNANDO DE MORAES GEBRA (UFPA)

A presente comunicação centra-se no estudo do duplo na peça de teatro “Mário ou Eu próprio-o Outro”, de José Régio (1901-1969), figura central da Revista Presença, periódico que divulgou as obras dos autores ligados à Revista Orpheu. A peça em análise faz uma releitura da vida e da obra de Mário de Sá-Carneiro (1890-1916) e, apesar de apresentar outros discursos ausentes na obra do poeta de Orpheu, destaca o confronto do sujeito com seu duplo, o desejo de perfeição e a temática do suicídio, aspectos tão caros à obra desse autor, como se percebe no conto “Eu próprio o Outro”. O conto e a peça são dois momentos do mesmo drama da existência problemática do sujeito: no primeiro texto, ocorre o encontro com o duplo, e a narrativa termina em suspenso com o desejo de aniquilamento desse estranho/familiar; já no segundo, há o embate dialógico entre o indivíduo e seu duplo, terminando por inverter a estrutura do conto, pois na peça é o duplo a instância que prepara o suicídio poético do indivíduo. A literatura dentro da literatura: vida e arte se cruzam nos jogos de espelhos empreendidos pelo autor presencista. O objetivo desta comunicação é o de verificar os mecanismos de construção da identidade, relacionados ao desdobramento de personalidade presente na peça de José Régio, em comparação e contraste com o conto de Sá-Carneiro. A teoria do duplo, proposta por Sigmund Freud, Otto Rank e Clément Rosset, permite observar como os desdobramentos de personalidade, de espaço e de tempo operam na construção identitária do sujeito na sua relação com o sistema social em que está inserido. Na peça de Régio, é visível como a personagem principal está em constante embate com seu duplo, já que este censura a todo o momento o narcisismo de Mário. O fato de a personagem se esquivar do seu duplo representa a não aceitação de si mesma, explicação de tanta angústia na descoberta do eu profundo, a ponto de Mário se aniquilar por meio do suicídio. É essa perspectiva psicanalítica e filosófica que será apresentada, tendo em vista as relações intertextuais estabelecidas com a obra de Sá-Carneiro.

O “outro” especular: uma análise do fenômeno do duplo nos contos “O espelho”, de Guimarães Rosa e “Imagem”, de Luiz Vilela
CATIA CRISTINA SANZOVO JOTA (UEL)

Sigmund Freud, em ensaio denominado “O inquietante”, discorre sobre a problemática do estranhamento, debruçando-se sobre aspectos ligados à inquietação. Para ele, a temática do duplo é um dos principais elementos causadores dos sentimentos de terror e angústia no ser humano. O “eu”, aparentemente conhecido e familiar, torna-se repentinamente estranho devido ao aparecimento súbito do fenômeno da duplicidade. Fenômeno este que é a base dos contos “O espelho”, de Guimarães Rosa e “Imagem”, de Luiz Vilela. Ambas as narrativas trazem como enredo o transtorno provocado pela imagem especular. Nesse sentido, o objetivo desse estudo é traçar apontamentos relacionados à questão do duplo nos referidos contos, tendo como linha norteadora os comentários freudianos acerca do inquietante.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 600

As múltiplas facetas de Joaquim Manuel de Macedo: *A luneta mágica* e uma aproximação com Hoffmann

JULIANA MAIA DE QUEIROZ (UNIPINHAL)

A apropriação de objetos ópticos por narrativas fantásticas é algo recorrente no interior do gênero romanesco, sendo que muitos dos contos de Hoffmann, inclusive *O homem de areia*, que circulou no Brasil Oitocentista, lançam mão desses instrumentos que permitem ver pessoas ou situações de uma maneira diferenciada, seja para evidenciar a realidade observada ou realçar a fantasia. O Rio de Janeiro do século XIX, sobretudo sua segunda metade, assistiu a uma intensa circulação de romances. A crescente produção nacional convivia com a circulação de obras portuguesas, francesas, norte-americanas, inglesas, espanholas e também de língua alemã. Estudos centrados na análise do diálogo entre as literaturas brasileira e alemã indicam E. T. A. Hoffmann como um dos autores que influenciaram também os escritores nacionais. Alguns de seus contos foram publicados em periódicos brasileiros desde a década de quarenta do Oitocentos, conforme afirma Hélio Lopes, para quem é possível que outros contos tenham circulado antes. Quem comprova esta hipótese é Karin Volobuef em ensaio mais recente. A pesquisadora aponta a relação entre Hoffmann e Macedo, especificamente no que diz respeito ao romance *A luneta mágica*, partindo da análise que Flora Sussekind realiza no ensaio “O sobrinho pelo tio”. Sussekind afirma que *A luneta mágica* teria como fonte inspiradora provável o conto de fadas humorístico, *Meister Floh*. A influência de Hoffmann, conforme Karin Volobuef, não se restringiria, contudo, a esta narrativa específica apontada por Flora Sussekind. Para Karin Volobuef, a narrativa *Klein Zaches* poderia ser outra referência temática de *A luneta mágica*. Os dados de outra pesquisa ainda mais recente, empreendida por Ana Laura Donegá, apontam não apenas a presença de narrativas fantásticas no periódico *Novo Correio de Modas* (1852-1854), dos irmãos Laemmert, mas especificamente do conto *O Homem de Areia*, de Hoffmann. Publicado no primeiro semestre de 1852, esta narrativa teve seu título traduzido para “*Coppelia*, ou a moça sem coração” e, segundo Donegá, “Hoffmann foi, inclusive, personagem de uma narrativa biográfica chamada ‘O albergue do poeta’, na qual se contou sua origem humilde e as dificuldades enfrentadas por ele ao lado de sua mulher antes que suas obras conquistassem sucesso.” O nome de Hoffmann aparece também em um dos catálogos da Livraria Garnier, dos anos setenta do século XIX, junto a outros autores, compondo uma espécie de coletânea, intitulada “*Cousas extraordinárias: O escaravelho de ouro, A febre dos diamantes, Amor nas trevas, Inglezes e Chineses, por Poe, Hoffmann, Scribe, Méry.*” Percebemos, assim, que as narrativas de Hoffmann, tendo circulado no Brasil oitocentista, dialogaram diretamente não apenas com os autores nacionais, bem como com os leitores brasileiros do século XIX. Macedo, ao lançar mão de elementos do gênero fantástico, neste romance, abriria ainda mais seu leque de possibilidades narrativas destinadas aos mais variados nichos de público.

Luto e melancolia em *Ondina*, de Friedrich de la Motte-Fouqué SYLVIA MARIA TRUSEN (UFPA)

Ondina, novela de Friedrich De La Motte-Fouqué, publicado em 1811 e traduzido recentemente no Brasil (Volobuef), constitui não só uma das obras mais representativas do romantismo alemão, mas também uma das mais bem logradas incorporações literárias da mitologia. Obra, portanto, pertencente ao gênero maravilhoso (Todorov, Vax, Bravo), encena, entre outros aspectos, a relação conturbada entre homem e natureza (Volobuef, Colombat), bem como a fusão melancólica entre seus protagonistas e, destes, com a Natureza. Este trabalho, portanto, pretende examinar a dinâmica melancólica presente na narrativa, articulando o texto ao ensaio freudiano, Luto e Melancolia, e outros textos que se debruçam sobre a afecção.

Italo Calvino e o viés fantástico MARINÊS LIMA CARDOSO (UFRJ)

A leitura do romance *Il visconte dimezzato*, de Italo Calvino, rompe com a ordem estabelecida dentro e fora do romance, ou seja, personagens e leitores se desestabilizam diante de um protagonista dividido literalmente em dois, o bem e o mal. A partir dessa cisão, nascem dois personagens opostos e complementares que representam, cada um, um aspecto parcial da humanidade. Assim, através do estudo do protagonista, o escritor italiano inicia um longo caminho que o leva a analisar, em um contexto fantástico, sentimentos, ações e reações do homem diante dos fatos da vida. Esse estudo se apóia nos pressupostos teóricos de T. Todorov e J. Cortázar no que se refere à hesitação provocada pelo estranhamento que a narrativa causa tanto no leitor quanto nas personagens.

Sulla fiaba de Italo Calvino
HILARIO ANTONIO AMARAL (UNESP-ARARAQUARA)

Embora seu pai fosse engenheiro agrônomo e sua mãe bióloga, Italo Calvino afirma que seu interesse pela fábula não é decorrência de uma fé a uma tradição étnica ou às lembranças de leituras realizadas na infância. Trata-se de um interesse estilístico e estrutural pela economia, pelo ritmo e pela lógica como são narradas e redigidas. Calvino compara o universo das fábulas a uma enciclopédia da arte narrativa. "Sulla fiaba" (1988) é composto por textos fundamentais para quem quiser compreender o maravilhoso e riquíssimo mundo das fábulas: a fantasia, a precisão, a habilidade narrativa e o controle perfeito dos seus mecanismos.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 600

O fantástico tridimensional: o espaço, a identidade e o discurso sobre o “eu” presentes em *O berro do cordeiro em Nova York*
ALEXANDRE VIEIRA DA SILVA (UFG)

Esta comunicação é o resultado sobre a investigação da presença dos elementos fantásticos no romance *O Berro do Cordeiro em Nova York*, da escritora Tereza Albués. Além dessa discussão, aborda-se, também, o intercambiamento do gênero fantástico com o maravilhoso, estranho e da auto-ajuda na construção temática deste romance, além de estabelecer em até que ponto a autora foi buscar, através dessas questões, a construção de sua identidade, elaborada, obviamente, pela revisão de seu passado em Mato Grosso. Na comunicação procurar-se-á demonstrar que, num contexto mais amplo, a busca pessoal de Teresa, através da produção de um romance, marcadamente autobiográfico, pode se relacionar com a procura de uma identidade regional e até nacional e o como o realismo fantástico contribui para isso. O presente trabalho demonstra, também, que o fantástico neste romance não cria mundos fabulosos, distintos do nosso e povoados por criaturas imaginárias, mas revela e problematiza a vida e o ambiente que conhecemos no dia-a-dia.

A linguagem proliferante: o insólito na *Hilarotragoedia*, de Giorgio Manganelli
CLAUDEMIR FRANCISCO ALVES (PUC-MINAS)

A obra do escritor italiano Giorgio Manganelli (1922-1990) se destaca pela radicalidade com que se recusam os cânones do romance, pondo em questão não apenas as formas e os fins, mas a própria possibilidade da narrativa. Fazendo uma releitura da obra inaugural desse autor, a *Hilarotragoedia*, analisam-se, neste artigo, os procedimentos de construção textual pelos quais a linearidade e a teleologia do pensamento são evitadas. Essas estratégias *antinarrativas* fazem de *Hilarotragoedia* – como da maioria das obras subsequentes desse autor – um maquinismo linguístico montado para produzir, no leitor, um estranhamento frente a uma linguagem levada à fronteira da comunicabilidade. Lança-se o leitor diante de uma linguagem insólita, na medida em que é desnudada a suposta capacidade da palavra de comunicar algo sobre a realidade. Pelo predomínio de figuras como o paradoxo, o oxímoro e o *adunaton*, exploram-se as determinações fortuitas, simultâneas e contraditórias do real. Explicita-se, dessa forma, a impossibilidade (mas, igualmente, a necessidade) da existência, do conhecimento e do discurso. O real é, então, concebido como resultante de agenciamentos; a impoção epistêmica, como rigorosamente arbitrária; e a linguagem, como radicalmente incongruente. A idiossincrasia do insólito, na ficção manganelliana, se deve ao entrecruzamento que se produz, nessa *antinarrativa*, entre a linguagem, a epistemologia e uma peculiar metafísica negativa que se funda não sobre o ato de ser, mas sobre os possíveis do ser. Tal concepção afilia-se a uma tradição moderna poética e filosófica que se caracteriza pela recusa ao otimismo pouco crítico da razão pós-iluminista e pela valorização do papel da linguagem na constituição e representação do real. Desses postulados filosóficos, decorre uma concepção literária que desontologiza autor, leitor e texto, os quais passam a ser percebidos como papéis pragmáticos em um jogo.

A Metamorfose de Kafka
JUREMA OLIVEIRA (UFES)

O objetivo deste trabalho é depreender em *A Metamorfose de Kafka* a imagem da degradação humana. O personagem central desperta em sua cama metamorfoseado em um inseto. Incapaz de agir como humano, ele se vê preso a uma existência inferior, desconhecida e insuperável. Diante da impossibilidade de mudar sua condição, Gregor Samsa permanece trancado, acuado do mundo e da própria família.

Paratextos do insólito: o diálogo entre a literatura e a pintura
MARIA CLÁUDIA RODRIGUES ALVES (UNESP-SJRP)

Inúmeros artistas de distintas áreas compartilham além de sua paixão por seu ofício o gosto pela literatura e experimentam estabelecer o diálogo entre suas especificidades e o texto literário. Honoré Daumier, Henry de Groux, James Ensor, Paul Gauguin, Francisco de Goya, Max Klinger, Edvard Munch, Odilon Redon, Alfred Kubin e Félicien Rops são alguns exemplos de pintores que explicitaram sua admiração pelo texto literário e enveredaram por releituras utilizando o suporte da pintura ou da ilustração. Consagraremos, neste estudo, especial atenção ao trabalho realizado pelo francês Odilon Redon a partir da produção literária de Edgar Allan Poe e Baudelaire e observaremos os resultados desse diálogo: paratextos que evocam um universo enigmático, inquietante, onírico, no qual o macabro e a sensualidade coabitam.

A subversão do sólito: uma análise comparativa de *Nights at the Circus* e *The Bloody Chamber and Other Stories*, de Angela Carter
MARIA CLÁUDIA SIMÕES (UFRJ)

No decorrer dos séculos, as mulheres têm sido subjugadas pelo patriarcado e compelidas a desempenharem papéis estabelecidos por padrões tradicionais. O comportamento feminino sólito, isto é, habitual, frequente, esperado neste tipo de representação, reflete discursos sexistas enraizados na sociedade, nos quais não é oferecida voz às mulheres. Em *A Dominação Masculina*, Pierre Bourdieu (2009) afirma que a “força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção”. Muitas obras literárias tradicionais, mesmo na literatura infanto-juvenil, por exemplo, refletem a dominação masculina de sujeitos femininos, e reiteram estereótipos da mulher submissa ou em perigo, que é sempre resgatada por um homem. No processo de desconstrução dessa visão masculina em relação às mulheres, escritores/as contemporâneos/as podem lançar mão de estratégias narrativas que privilegiem a ruptura dos padrões impostos, contribuindo para a subversão dos papéis gendrados estabelecidos e oferecendo uma forma de rever valores tradicionais. Nesse sentido, o realismo mágico, uma vertente do insólito ficcional, pode ser um importante instrumento nesta tarefa. Maggie Ann Bowers (2004) declara que o realismo mágico oferece ao escritor que deseja escrever contra regimes totalitários um meio de atacar as definições e as suposições que embasam tais sistemas. Desafiar os pilares da sociedade patriarcal é um dos objetivos da problematização dos discursos sexistas. A presente comunicação objetiva discutir, em uma análise comparativa, as obras *Nights at the Circus* (1984) e *The Bloody Chamber and Other Stories* (1979), da escritora inglesa Angela Carter, investigando o uso do realismo mágico na desconstrução da habitual, sólita, representação do sujeito feminino, representação esta galgada em pré-conceitos estabelecidos pela sociedade patriarcal. Situado na Europa de 1899, na virada para o século XX, o romance *Nights at the Circus* apresenta Sophie Fevvers, uma mulher alada e independente, representante dessa “Nova Mulher” do fim do século, capaz de escapar pelos céus das amarras impostas por sistemas sexistas, que visam a manter as mulheres sob o seu jugo. Seguindo a mesma abordagem transgressora, na coletânea *The Bloody Chamber*, Carter apropria e reescreve contos do século XVII de Charles Perrault. Nas reescrituras que faz de textos infantis como “O Barba Azul” e “A Bela e a Fera”, a autora solapa imagens que retratam o sujeito feminino de maneira gendrada à luz de visões tradicionais masculinas. Maggie Bowers acrescenta que realismo mágico se refere à ficção que inclui acontecimentos mágicos em uma narrativa realista verdadeira onde o sobrenatural não é uma questão simples ou óbvia, mas, sim, uma ocorrência do cotidiano, admitida, aceita e integrada na racionalidade do realismo literário. Nas obras aqui abordadas, Angela Carter, por meio do realismo mágico, subverte a imagem sólita da mulher, dando-lhe voz e desestabilizando a ordem da sociedade patriarcal.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 600

A construção do insólito na literatura

MARCELLO DE OLIVEIRA PINTO e ROSANE FERNANDES LIRA DA SILVA (UNIRIO)

Neste apresentação discutirei o insólito literário como uma estratégia de representação das experiências narrativas que destaca as tensões entre as esferas do autor, do leitor e do texto, evidenciando o caráter construtivo da literatura. Tais tensões sugerem um mergulho na complexidade das ações literárias e destacam seus elementos principais, como, por exemplo, as expectativas de fruição, as demandas dos contextos de produção e a natureza das engrenagens que movimentam – ao fixarem no seu meio específico – as marcas do código lingüístico. Desta articulação, a possibilidade de um enquadre teórico que dê conta da complexidade de se pensar o conceito de insólito como um efeito da ação literária no espaço de um sistema literário ganha corpo e se estabelece como um desafio no espaço das teorias da literatura.

O mito bíblico de salomé revisitado pelo “pagão” Gabriele d’Annunzio

CLAUDIA FERNANDA DE CAMPOS MAURO (UNESP-Araraquara)

A figura de Salomé foi um dos maiores mitos explorados dentro da produção artística do século XIX. Representou uma constante e fértil fonte de inspiração para pintores, poetas e músicos deste período. Salomé, representante maior do eterna feminilidade e do eterno feminino, ocupa posição central dentro do período do simbolismo/decadentismo francês. Desta forma, o tema de Salomé transformou-se em mito e a figura da dançarina que, seduzindo um homem, consegue a cabeça de outro foi, muitas vezes retomada e trabalhada. Salomé, portanto, seduziu mais uma vez só que, agora, não mais Herodes mas, os artistas do final do século XIX e início do século XX, que se deixaram levar pelo herotismo, capacidade de sedução e caráter controlador desta personagem. Assim, Salomé parte do Novo Testamento, dos Evangelhos de São Mateus, São Marcos e São Lucas e chega até o século XX. Sendo frequente a presença da figura da mulher fatal na produção artística finissecular, escolhemos como objeto de estudo deste trabalho o romance "Trionfo della Morte" (1894), do escritor italiano Gabriele D’Annunzio. As personagens femininas têm presença constante e marcante no espaço da criação artística dannunziana e, no romance em questão, Ippolita Sanzio apresenta-se como uma representante da figura de Salomé, da mulher fatal, da “belle femme sans merci”.

Voz de criatura

ERICH SOARES NOGUEIRA (UNICAMP)

Parte de uma pesquisa mais ampla sobre a *Vocalidade em Guimarães Rosa, a comunicação faz uma leitura da novela Buriti, em particular da trajetória da personagem Chefe Zequiel, cuja audição desmedida é capaz de captar absolutamente todos os sons noturnos do Sertão. A novela se encontra, justamente, no livro Noites do Sertão. Imerso numa vertiginosa e perigosa natureza por via dessa escuta, o Chefe Zequiel ouve, além dos conhecidos sinais da noite, outros sons que ele não consegue compreender e que lhe despertam pavor. Para Guimarães Rosa, essa personagem abre um espaço de investigação tanto de elementos insondáveis sempre presentes no seu sertão, quanto de uma linguagem que enfrenta o desafio de se aproximar ao máximo dessas vozes da noite. Antes, porém, de seguir a trajetória de Chefe Zequiel, a comunicação apresenta a noção de vocalidade, analisando o trecho final do conto Meu o tio Iauaretê. Neste conto, há um personagem emblemático, cuja metamorfose em onça convoca a linguagem rosiana a elaborar uma “voz de criatura”. É essa voz entre a ordem do humano e a ordem do animal que, na sequência, é escutada e analisada em Buriti.*

O realismo mágico na composição do insólito em *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago
 TANIA MARA ANTONIETTI LOPES (UNESP-Araraquara)

As narrativas realistas mágicas se caracterizam, essencialmente, pela naturalidade com que o narrador expõe elementos dados como sobrenaturais ou inusitados na construção do enredo, efetuando, dessa maneira, a naturalização do irreal. No entanto, a crítica contemporânea oferece uma releitura acerca do realismo mágico que possibilita o desdobramento desse procedimento literário em diferentes tipos. Nesse contexto, propomos uma leitura de *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, a partir do estudo de William Spindler (1993) sobre o realismo mágico, uma vez que se revela adequado na medida em que sugere uma nova perspectiva para as impressões do romance em questão. Essa análise tem como objetivo constatar que esse romance pode ser investigado sob o viés de um tipo de realismo mágico que tem se tornado proeminente na literatura contemporânea, denominado por Spindler como realismo mágico metafísico. Trata-se, nesse caso, de uma inversão do que seria um realismo mágico mais “tradicional”; isto é, nos textos que essa “reavaliação” do realismo mágico abarca, a atmosfera do absurdo se instala por meio da sobrenaturalização do real, ou seja, essas narrativas induzem no leitor um senso de irrealidade pela técnica do *Verfremdung* (estranhamento), aproximando-se do fantástico estranho, proposto por Todorov (2003), assim como do fantástico contemporâneo, proposto por Sartre (1968), visto que uma cena familiar é tida como algo novo e desconhecido, sem necessariamente lidar com o sobrenatural. Embora o mundo representado seja semelhante ao mundo do leitor, é inevitável que ele (o leitor) o considere desconcertante, estranho. O tempo e o lugar são incertos, na medida em que a atmosfera - de modo geral, melancólica - produz o efeito de mistério. Esse tipo de narrativa incita na mente do leitor a impressão de que ele está sendo confrontado com uma alegoria ou metáfora de algo que permanece desconhecido. A partir das características tracejadas acima, parece pertinente estabelecer correspondência de *Ensaio sobre a cegueira* com o realismo mágico metafísico, considerando-se a composição da atmosfera que justifica a análise do romance, e os elementos que traçam essa narrativa sob a esfera insólita circunscrita a partir do procedimento em questão. Desse modo, os elementos que permitem introduzir *Ensaio sobre a cegueira* na abordagem proposta são o narrador, a mulher do médico e o cão das lágrimas, elementos esses que, a nosso ver, conferem à narrativa os traços responsáveis pela atmosfera de absurdo proporcionada pela cegueira.

LEITURA, CULTURA E FORMAÇÃO DO LEITOR II

Patrícia Kátia da Costa Pina (UNEB)
 Diógenes Buenos Aires de Carvalho (UEMA)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 507

A literatura infantojuvenil contemporânea: entre cartas e e-mails
 DIÓGENES BUENOS AIRES DE CARVALHO (UEMA)

A produção cultural contemporânea proporciona à criança e ao jovem o contato com uma série de objetos culturais que, por um lado, são criados no campo da cultura impressa; por outro lado, são produzidos na esfera da cibercultura. Por conseguinte, observa-se que esse diálogo se concretiza a partir de percursos realizados do oral ao eletrônico, concretizando possibilidades de uma literatura eletrônica para o leitor infantojuvenil, e do virtual ao impresso, expondo as estratégias da literatura infantojuvenil contemporânea para interagir com o leitor do século XXI. Em vista disso, objetiva-se analisar a obra *P.S. Beije*, de Adriana Falcão e Mariana Veríssimo (2004), que é exemplar no segundo caminho, ao explorar o jogo narrativo através da interação virtual entre duas adolescentes entre e-mails e cartas, tendo como fundamentação teórica os pressupostos de Antonio (s/d), Chartier (1991, 1999, 2002), Santaella (1996, 2004), Yoo (2007) e Zilberman (2008).

O livro da selva e O livro do cemitério: diálogos possíveis

FABIANE VERARDI BURLAMAQUE (UPF)

Este trabalho tem por objetivo investigar o diálogo entre O livro do cemitério, de Neil Gaiman, e O livro da selva, de Rudyard Kipling. São abordados alguns aspectos formais e temáticos relativos às obras, no sentido de compreender as suas configurações estéticas e delinear o imaginário presente nas obras. Pretende-se, também, explorar as personagens Mogli e Nin que configuraram-se a partir da imagem ingênua, em termos de conhecimento de mundo e de si mesmas, que, ao longo de suas trajetórias, descobrem a vida, suas belezas e contradições que os levam a uma maturidade necessária que lhes permite o crescimento.

O inferno em animação

GIZELLE KAMINSKI CORSO (UFSC)

Ao lançar nosso olhar para o século XXI, é preciso que as pesquisas sobre leitura se voltem também para a estética das [novas] tecnologias, para a música, para o cinema, para as artes plásticas, por exemplo, porque vivenciamos a *era* dos “leitores, espectadores e internautas” (cf. Néstor García Canclini, 2008). Segundo esse crítico mexicano da cultura, a noção de espectador é a de que possui definida sua relação com campos específicos: o de cinema, de recitais de música, de teatro; cada um formado em uma lógica diferente. A noção de internauta, por outro lado, alude a um agente multimídia, que combina materiais diversos (da leitura e dos espetáculos), lê e ouve. E essa integração de ações e linguagens foi responsável por redefinir o espaço do leitor, bem como o espaço da leitura. Assim, neste trabalho, apresento uma análise da animação cinematográfica *Dante's Inferno* [*O Inferno de Dante*] baseada no jogo homônimo para videogame, desenvolvido e lançado pelas empresas Visceral Games e Electronic Arts, em 2010, e inspirados na *Divina Commedia*, do poeta italiano Dante Alighieri (1265-1321). Para efetuar essa análise, tendo em vista um “novo” emblema de leitores – ou seja, leitores destas e de tantas outras linguagens –, recorro à noção de “leitores, espectadores e internautas”, apresentada por Néstor García Canclini, e concepções de leitura de Ricardo Piglia, Daniel Pennac e Pierre Bayard.

Literatura juvenil premiada (1993-2009): personagens e representação social

MIRIAN HISAE YAEGASHI ZAPPONE (UEM)

Arelada à qualidade de escritores e de textos que deixaram para trás as amarras com a pedagogia, a literatura infantil e juvenil brasileira constituiu sua história e configura-se, atualmente, como produção artística estabelecida dentro da cultura brasileira ao encenar sua presença em um sistema literário plenamente constituído e que conta com a presença de um conjunto de produtores, de receptores e textos. Esses elementos, ligados uns aos outros, conferem a essa literatura a condição de estabelecer-se enquanto produção cultural relevante. Tendo em vista esse panorama, propôs-se a pesquisa intitulada Literatura infantil e juvenil e representações de grupos sociais a fim de verificar de que modo(s) os diversos grupos sociais têm sido representados na literatura destinada aos jovens, já que a literatura enquanto um bem cultural valorizado tanto na escola como fora dela ajuda a formar valores e faz uma figuração mimética do modo como nossa sociedade tem vislumbrado os diferentes grupos sociais que a ela pertencem. Para fazer um levantamento do modo como esses grupos se apresentam ou não em tal literatura, foram selecionados para a pesquisa os textos vencedores do Prêmio Jabuti de Literatura, concedido pela Câmara Brasileira do Livro e os textos vencedores do Prêmio Melhor para o Jovem da FNLIJ no período de 1993 a 2009, uma vez que assim seria possível constituir um corpus legitimado no sistema literário brasileiro. Sendo uma pesquisa em andamento, serão apresentados os dados relativos ao corpus da Câmara Brasileira do Livro, totalizando 15 narrativas, das quais foram observados vários aspectos relativos aos personagens principais e secundários, sobretudo aqueles relacionados à pertença social, étnica, religiosa, geográfica e econômica das personagens e que serão objeto desta comunicação.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 507

Lygia Bojunga, da leitura à escritura

ANA LETÍCIA LEAL (PUC-Rio)

Lygia Bojunga iniciou a carreira literária em 1971, vencendo um concurso que buscava novas obras dedicadas a crianças. Em seu primeiro livro dedicado a adultos (*Livro, um encontro*, 1988), ela conta sua trajetória de leitora a escritora. Para começar, aos sete anos deixou de lado os quadrinhos norte-americanos para ocupar-se da obra de Monteiro Lobato. A questão que se coloca é a da formação desta autora, hoje com 39 prêmios, oito internacionais. Mais ainda, é problematizada a formação do escritor de textos literários na contemporaneidade, na aurora do *e-book* e em meio a tantas novas tecnologias. Num tempo que demanda a leitura de literatura e dos diversos produtos de uma indústria cultural que tem sempre novidades, a construção por parte da autora de uma dita "intimidade" é vista aqui como provocação ao trabalho do futuro escritor. Discute-se portanto a "transmissão da experiência literária" na contemporaneidade, mais especificamente através da obra de Lygia Bojunga. Em *Livro, um encontro*, ela diz: "E quando cheguei no fim do livro eu comecei tudo de novo, numa casinha branca lá no sítio do Picapau Amarelo, e fui indo toda a vida outra vez, voltando atrás num capítulo, revisitando outro, lendo de trás pra frente, e aquela gente toda do sítio do Picapau Amarelo começou a virar a *minha* gente. Muito especialmente uma boneca de pano chamada Emília, que fazia e dizia tudo que vinha na cabeça dela. A Emília me deslumbrava! nossa, como é que ela teve coragem de dizer isso? ah, eu vou fazer isso também!".

O retorno do viajante: dispersões e reencontros na leitura MARIA HELENA DE MOURA ARIAS (UEL)

Nesta proposta pretendo fazer uma análise sobre os percalços de certo leitor sugeridos pelo narrador do romance "Se um viajante numa noite de inverno", de Ítalo Calvino, o qual apresenta as dificuldades e as surpresas pertinentes a cada leitura. Além disso, o romance destaca a relação desconfiada e conflituosa deste leitor com os livros que adquire e também com os editores que os produz. Ao delinear o trajeto desta trama, Calvino consegue a proeza de instigar uma discussão sobre as diversas perspectivas apresentadas pela ficção contemporânea, entre elas a da metaficção, teoria em que, basicamente, a obra debruça-se sobre si mesmo, não apresentando uma narrativa na forma tradicional baseada em uma história com começo, meio e fim.

A identificação do cronista Carlos Drummond de Andrade com a figura de “intelectual contemporâneo” GIOVANA CHIQUIM (UEL)

Carlos Drummond de Andrade atuou na imprensa e enxertou literatura na pele do jornal. O escritor-jornalista relatou temas do cotidiano de maneira diversa daquela praticada pelo jornalista de ofício, principalmente em razão da linguagem literária e da subjetividade empregada por ele. Ler a obra jornalística do autor é perceber melhor a face, os valores e os problemas do Brasil nas últimas décadas do século passado; e, sobretudo, conhecer a boa literatura que é produzida dentro do jornalismo. O vínculo com a arte literária oferece aos escritores-jornalistas a liberdade de exprimir seus sentimentos. Como disse Edgar Morin (apud GALENO, 2002, p. 102), a literatura nos confere “antenas para o mundo e vestimentas para a vida”. Conforme o pensamento do estudioso, podemos entender que a “literatura-jornalística” nos oferece “modelos” que irão contribuir para a formação do leitor, já que discute os problemas da sociedade e propicia a reflexão – o mesmo não acontece no trabalho da imprensa convencional, restrita à objetividade e a imparcialidade. Daí a identificação do cronista como o “intelectual contemporâneo”, figura inconformada e exilada, capaz de formar leitores críticos e reflexivos, de acordo com o pensamento do estudioso Edward Said.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 507

Razão e emoção nos atos de leitura HEIDRUN KRIEGER OLINTO (PUC-Rio)

Uma nova ênfase sobre a co-presença de aspectos cognitivos e emocionais em todas as formas de construção de conhecimento oferece perspectivas especialmente promissoras no campo disciplinar dos estudos de literatura. Entre os defensores de uma ciência da literatura que se abre vigorosamente para uma teorização comprometida com uma agenda com ênfase sobre o prazer destaca-se o projeto de Thomas Anz a favor de uma teoria da literatura hedonista que sublinha expressamente os efeitos afetivos provocadas pelo encontro com literatura. Para o autor de *Literatur und Lust. Glück und Unglück beim Lesen* (Literatura e prazer. Felicidade e infelicidade na leitura), a garantia de uma cientificidade nos estudos literários ao preço de uma frieza emocional artificial e de uma anestesia racional equivale ao bloqueio de dimensões essenciais da arte e da literatura, mutilando assim uma experiência de leitura plena (ANZ, 2002, p.1). Ao mesmo tempo, nada impede que ela seja analisada racionalmente, cientificamente, contanto que este discurso não estabeleça fronteiras intransponíveis entre ciência, sentimentos e emoções. Trata-se de um projeto fundamentado em hipóteses neuropsicológicas recentes acerca do cruzamento de aspectos cognitivos e afetivos na produção de conhecimento (DAMASIO, 2004) capaz de trazer de volta ao circuito da comunicação literária afetos e efeitos que estimulam novas sensibilidades e intensidades também no tratamento científico do fenômeno literário. Neste âmbito, a reflexão proposta questiona a postura sintomática de uma consciência polarizada entre razão teórica e razão prática, tentando contrapor-lhe uma consciência não dividida com a finalidade de superar a dicotomia entre racionalidade e emotividade ao cobrar uma visão integrada dos processos afetivos e racionais atuantes na produção de conhecimento acerca da literatura. Os efeitos desta revitalização da esfera sensorial na comunicação literária permitem prever ganhos positivos na sua transferência para o espaço do ensino e especialmente na produção criativa de estratégias didáticas que permitem intensificar o encontro com a literatura de forma prazerosa.

Literatura/Leitura/Negociação

MÁRCIA FAGUNDES BARBOSA (UFSC)

Este trabalho é uma breve reflexão sobre as questões que envolvem literatura, leitura e ensino. A literatura é um campo infinito e heterogêneo, o qual se opõe a uma noção única ou essencial. Por isso, a dificuldade em “ensinar literatura”, já que se trata de uma área com limites rasurados, onde a fronteira é a própria subjetividade. Penso, por isso, que uma das vias para uma pedagogia competente esteja na compreensão de que a leitura é o tempo e o espaço onde se dá o encontro (ou confronto) dessas subjetividades, onde ocorre a transformação. Portanto, esse (des)encontro é fundamental e deve ser cultivado com carinho. Preparar o aluno para ler (o livro, o mundo, o sujeito) é transgredir em direção a novas possibilidades de vida. O questionamento do lugar de onde se lê e de onde se escreve leva, também, ao questionamento das forças políticas, pelas quais nossa vida social está organizada. O caminho que percorro para a construção desta breve reflexão está firmado na leitura que faço de um campo teórico marcado pela desconstrução e a análise cultural. Leitura esta possível pelos (des)encontros realizados na minha formação. Minha escritura é, no entanto, um modo particular de leitura. Parto, então, da teoria (do macro) para tentar compreender a prática (o micro), acreditando que a aproximação desses dois eventos implica uma experiência pedagógica mais consciente e libertadora.

Ler com sabor para saber

DANUSIA APPARECIDA SILVA (UNIPAC)

A leitura deve ser vista como maneira de existir ontologicamente, como forma de adaptação à vida, apreensão de novas proposições sugeridas pelo meio e pela vivência. Iluminado pela via láctea do conhecimento, o homem desenvolve o senso crítico-reflexivo gerador de novos saberes. Visando ao desenvolvimento da produção criativa, o sujeito passivo transforma-se em sujeito consciente da necessidade de sair do já vivido para uma compreensão mais clara do seu eu, do seu estar no mundo. A leitura deve vivenciar situações que permitam a apropriação da herança cultural. Por ser exercício de compreensão, o ato de ler assegura acesso aos fenômenos, gera cultura, faz história, garante ao leitor o alargamento de sua compreensão linguística, possibilita-lhe ver o já trabalhado na história, bem como projetar novas realizações. Pelo viés da leitura o homem constrói sua humanização, sua formação e seu crescimento sempre inacabados.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 507

Práticas de leituras femininas no Brasil dos anos 50 e 60

ANDRÉ LUIZ JOANILHO (UEL) e MARIÂNGELA PECCIOLI GALLI JOANILHO (UEL)

As fotonovelas tiveram um mercado cativo por mais de vinte e cinco anos no Brasil. Do começo dos anos cinquenta até meados dos anos setenta, milhões dos leitores consumiram ansiosamente histórias publicadas em revistas com larga circulação nacional. Mas, este tipo de revista foi ignorado quase que completamente por estudiosos da literatura. As histórias que veiculavam eram consideradas um subgênero da literatura, e o seu público leitor foi marcado como sendo de baixa formação cultural e tendo poucos rendimentos. Entretanto, seria possível para o pesquisador não reconhecer as fotonovelas como um artefato cultural e uma manifestação de práticas sociais? Poderia a cultura de massa ter criado um conjunto enorme de leitores sem face e sem gosto? Estas questões nos permitem pensar que as representações sociais femininas no Brasil dos anos cinquenta e sessenta colocam em discussão a cultura de massa e o lugar da produção cotidiana, tirando das sombras algumas formas literárias. Elas nos apresentam práticas de leitura que são ligadas às tradições orais. Assim, as fotonovelas não são uma queda do leitor aos infernos culturais da sublitteratura, mas um vetor de permanências e de mudanças das práticas culturais. Estas são as linhas gerais desta pesquisa.

O livreiro, rede social de leitores: um estudo de caso DIANA DAMASCENO (UCAM)

Este trabalho pretende dar continuidade às pesquisas que desenvolvo a partir das confluências literatura/mídias e, mais recentemente, sobre a “cauda longa” da literatura e de sua crítica, onde me apropriei, de forma metafórica, do conceito cunhado por Chris Anderson (2006), editor-chefe da revista *Wired* e pesquisador em Los Alamos, nos Estados Unidos. Anderson sugere que no processo econômico vigente nos tempos hipermodernos, o mundo cultural - livros, discos, filmes, esculturas e pinturas - dá origem a um novo universo, em que a receita total de um sem-número de produtos de nicho, com baixos volumes de vendas, é igual à receita total dos poucos grandes sucessos, os hits, através da internet, onde “o mercado invisível tornou-se visível (ANDERSON, 2006,6)”. É a partir dessa afirmativa que proponho o novo momento de minha investigação sobre a relação literatura/internet, tendo como veículos dessa parceria as redes sociais. A cada dia, os leitores parecem tirar a literatura dos livros e colocá-la na vanguarda do mundo virtual, usando uma das ferramentas mais populares entre internautas: as redes sociais. Integradas ao Twitter, Orkut e Facebook, essas redes funcionam com uma estrutura semelhante à de outros sites de relacionamento. Cada usuário tem um perfil, em que pode colocar sua foto, informações pessoais e preferências literárias. Há espaço para adicionar amigos, recomendar obras e fazer comentários sobre leituras em andamento. Além disso, o internauta dispõe de uma estante virtual onde pode colocar livros que já leu e indicações de amigos. Nas páginas dedicadas aos livros, há fóruns para debate. Algumas dessas redes também oferecem serviços como a troca de livros entre leitores e compras em sites parceiros. Tudo leva a crer que as redes sociais já conquistaram um público fiel e que em relação à literatura isso não é diferente. Assim, pensá-las enquanto sistemas dinâmicos, com variedade crescente de opções, com leitores-internautas à procura de serviços que mais se enquadrem ao seu perfil e interesses, sugere estruturas básicas centradas em aglomerados (clusters) de nós com maior densidade de conexões, baseados em pertencimento relacional e nas trocas comunicativas, como sugere Raquel Recuero (2009). Sob essa ótica que pretendo desenvolver um estudo de caso sobre *O Livreiro*, com o objetivo de identificar possíveis novos caminhos que despertem o interesse pela leitura.

A importância dos jornais e revistas para a formação dos leitores e para a gênese e florescimento na literatura infantil LÍGIA R. M. C. MENNA (USP)

No século XIX e início do século XX, os jornais e revistas se assumem como os mais efetivos divulgadores da literatura. Assim, ao se pesquisar e refletir sobre os diferentes aspectos envolvidos no processo de formação da literatura e sua história, tanto a geral como a para crianças, torna-se essencial que se leve em conta a valiosa contribuição da imprensa. Nesse contexto, destacamos neste trabalho nossa pesquisa sobre a revista *O Tico-Tico* e sua relevância para a formação dos leitores, gênese e florescimento da Literatura Infantil no Brasil. Vale ressaltar que essa publicação sinalizou o interesse de uma nova massa urbana consumidora e, conseqüentemente, uma indústria cultural.

Como nos constituímos leitores: um estudo sobre o livro e as experiências de leitura ILSA DO CARMO VIEIRA GOULART (FE/UNICAMP)

Esta comunicação constitui uma síntese da pesquisa de Mestrado intitulada: O livro: objeto de estudo e de memória de leitura, vinculada ao grupo de pesquisa ALLE - Alfabetização, Leitura e Escrita. Com o intuito de compreender o envolvimento que ocorre entre o leitor e a leitura por intermédio do livro, a pesquisa parte da premissa de que o livro, em sua materialidade, pode assumir uma posição de objeto desencadeador de práticas de leitura e de reminiscências. Para a efetivação do trabalho, utiliza-se relatos de experiências de leitura através de entrevistas com pessoas que guardaram seu primeiro livro de leitura. As observações dessa pesquisa apontam que a constituição de um leitor não se restringe, apenas, à aquisição da leitura e da escrita ou à sua dimensão decodificadora, mas antes e, em tal medida ao domínio dessa habilidade, estão os sentidos produzidos a partir das diversas experiências de leituras, propiciada por outro leitor e pela interação construída com e sobre a materialidade de um impresso. Com base nas perspectivas de Chartier (1994, 1996) sobre a história do livro; de Benjamin (1994) e de Larrosa (2002) sobre a experiência, busca-se apreender quais sentidos, valores e sentimentos podem estar agregados a um objeto-livro no decorrer do tempo.

TRAJETÓRIAS CRUZADAS: NARRATIVA E DRAMA BECKETTIANOS NO LIMITE DO SILÊNCIO

Fábio de Souza Andrade (USP)
Ana Helena Souza (USP/UFMG)
Dirce Waltrick do Amarante (UFSC)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP4 (3º andar)

Anos de desaprendizagem: livros e leituras do primeiro Beckett
FÁBIO DE SOUZA ANDRADE (USP)

A publicação do esperado primeiro volume da correspondência escolhida de Samuel Beckett ("The letters of Samuel Beckett - 1929-1940", Martha Fehsenfeld e Lois Overbeck, ed., Cambridge University Press, 2009) abre mais uma janela para o diálogo, sempre polêmico, de sua literatura feita de impasses com a tradição. Para além dos exemplos publicados de sua crítica literária, vazada num estilo idiossincrático e sem meio-tom, enfrentando e se medindo diretamente com os grandes autores (vejam-se o ensaio "Dante...Bruno.Vico..Joyce", de 1929, e o pequeno livro sobre o autor de "À la recherche du temps perdu", intitulado "Proust", de 1931), as cartas trazem as escolhas deste "Beckett avant Beckett" ainda frescas e tateantes, as ruminações e iluminações de um leitor em formação. Impregnado até a medula de filosofia, poesia e ficção europeias, Beckett fez de sua obra um processo severo contra suas formas ameaçadas de caducidade pela experiência contemporânea. Nele, as cartas passam a se inscrever desde logo como peça das mais importantes, provas materiais de defesa e acusação que variam da adesão total, expressa em transcrições como sinal de empatia, à recusa sarcástica, anotada em agulhadas breves, mas com endereço certo. Ao lado dos recentes "Beckett's books: a cultural history of Samuel Beckett's 'interwar notes'", de Matthew Feldman (Continuum, 2006) e "Beckett's Dantes: intertextuality in the fiction and criticism", de Daniela Caselli (Manchester University Press, 2005), a edição da correspondência vem incorporar vertente nova e significativa dos estudos beckettianos: a dos anos de formação de sua literatura da despalavra.

Malone e as sereias: o paradoxo na modernidade
CASSIANA LIMA CARDOSO (UFRJ)

Pensar a ficção na modernidade: Eis o que se buscará nessa comunicação. A partir desse pressuposto, será desenvolvido um diálogo entre O Canto XII, *texto* da Odisseia *texto* de Homero, o conto O silêncio das sereias *texto* de Franz Kafka e a novela Malone Morre *texto* de Samuel Beckett. Jacques Rancière, (2005, p.258) em sua obra A partilha do sensível *texto* chama-nos a atenção para uma interessante assertiva: "O real precisa ser ficcionalizado para ser pensado". Segundo o filósofo francês não se trata de dizer que tudo é ficção, trata-se de constatar que a ficção na era

estética, inaugurada pelos românticos, definiu modelos de conexão entre apresentação dos fatos e formas de inteligibilidade que tornam indefinida a fronteira entre razão dos fatos e razão da ficção: Nesse sentido, escrever a história e escrever histórias pertencem ao mesmo regime de verdade. A novela-monólogo *Malone Dies* *texto* foi escrita originalmente em francês pelo irlandês Samuel Beckett, sendo, em seguida, traduzida para o inglês pelo próprio autor. Nela, tudo beira o insólito: estamos diante de uma escrita abissal, de uma literatura que não crê em si mesma e que leva às últimas consequências a indagação da palavra ou da narrativa como veículo de verdade. Nesta comunicação, tentaremos auscultar esse narrador que se apresenta como Malone, um velho nonagenário que fenece em uma cama de hospital e que nos intervalos, descreve suas coisas, restos de uma vida que não quer ou consegue recompor. Para tal visada, tomaremos a aporia como um princípio de composição de Malone Dies à medida que o narrador-autor experimenta o problema insolúvel de representar a vida na arte, ou confessa a própria incerteza em relação ao destino dos personagens ficcionais. (SOUZA, 2001) Em uma narrativa na qual experimenta-se, progressivamente, a dissolução da hierarquia entre criador e coisa criada, histórias que seguem inicialmente paralelas, pouco a pouco se imiscuem numa fusão cuja matéria é indistinta. Desta maneira, Malone, ele próprio, torna-se personagem nas mãos de um autor que encena, irremediavelmente, um gesto de adeus em sua ficção a todos os sistemas filósofos que tentaram esboçar qualquer princípio de verdade na tradição Ocidental. Assim como Kafka, Beckett produziu sua obra num espaço amplamente aporético: Malone Morre foi escrito no período pós-guerra, quando a catástrofe havia se revelado como algo concreto, em um cenário de perplexidade e desespero. Dessa forma, a instabilidade semântica apresenta-se como um traço constitutivo da obra ficcional na modernidade, apontando para um texto que já não se deixa entender como explicação de um estado prévio de coisas ou de uma teorização prévia que ele ilustraria, mas que acolhe, sem concessões, a incomunicabilidade da experiência, a dificuldade de articular experiência e palavra, a destituição da matéria narrável que sustém a história. A partir dessa premissa, tomaremos o paradoxo, como elemento fundamental na modernidade, na tentativa de mostrar que as se-reias,- aqui como figuração da narrativa, como quer Blanchot (1984)-, imbuíram-se de sua própria insuficiência para prosseguirem sua jornada, seu jogo, suas encenações.

“Rire à visage découvert”: imaginar Beckett no Brasil GEORGE FRANÇA (UFSC)

Se os dados indicam que os palcos brasileiros aguardaram até 1955 para conhecerem uma montagem de *Esperando Godot*, dada ao público pela primeira vez em Paris em 1953 com a direção de Roger Blin, é necessário, entretanto, notar que o programa com que Alfredo Mesquita a apresentou continha fragmentos de um texto de apreciação escrito por Paulo Mendonça em 1954 e publicado nas páginas da revista *Anhembi*, dirigida por Paulo Duarte. Nesse texto pioneiro, Mendonça, que morava em Paris, dedica-se a debater com *Godot adulte*, de Roland Barthes, e cria uma primeira imagem da peça, que repercutiria em sua circulação no Brasil e nas relações que se poderia travar entre o texto beckettiano e o grupo advindo dos quadros modernistas que habitaria a revista de Duarte e emolduraria os inícios da Escola de Arte Dramática e do Teatro Brasileiro de Comédias. Essa trama ainda incluiria o interesse de Mesquita por Ionesco e uma apreciação posterior do ator italiano Emanuele Corinaldi, que participa da montagem de *Godot* e posteriormente publica, também na revista *Anhembi*, suas considerações sobre a primeira montagem de *Fim de partida*. Esta comunicação pretende, ao mesmo tempo que apresenta as implicaturas e diálogos que os textos beckettianos estão sendo levados a estabelecer nas páginas da revista e na ação do grupo que orbita em torno dela, perfazer uma desconstrução da leitura hegemônica da ideia de um teatro dito "de vanguarda", que circula entre esses autores. Minha preocupação é com encontrar outra dimensão para a leitura dos textos de Beckett e desses que a ele se sobrepõem, em camadas. Penso, para além da ideia progressista que vem no bojo da noção de vanguarda, uma abordagem que prime pela singularidade, partindo da ideia de que quando se caminha na exaustão do sentido, quando *Godot* não vem, quando não é mais possível significar, quando parecemos estar perto do fim, não podemos deixar de entrever que o abismo do silêncio, como fim da linguagem, "é o começo, e, no entanto, continua-se".

Sobre a teatralidade de *Fim de partida* LUCIANO FERREIRA GATTI (UNIFESP)

Durante os ensaios para sua encenação da peça *Fim de partida*, Samuel Beckett apropria-se de um termo-chave do teatro ilusionista – a quarta parede – conferindo a ele um significado novo. Tomando esta referência como um mote, a comunicação procurará mostrar como a experiência teatral beckettiana não pode ser inteiramente compreendida caso examinada do ponto de vista exclusivo do drama, exigindo também ser questionada da perspectiva da encenação, particularmente do trabalho de Beckett como diretor de suas próprias peças. Somente assim seria possível entender a teatralidade específica de tal experiência, configurada na autonomia da cena, na aproximação do ator beckettiano a um performer e, por fim, nas passagens entre ilusão e realidade propiciadas pela situação teatral.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP4 (3º andar)

A figura da criança na obra de Samuel Beckett
CLÁUDIA M. DE VASCONCELLOS (USP)

Há na obra de Beckett uma profusão de personagens infantis. Ainda que secundárias, tais personagens sobressaem pelo tratamento singular, como seres sacrificados. Em *Esperando Godot*, por exemplo, dos dois meninos que vêm ao final de cada ato comunicar que Godot não virá, um relata apanhar e o outro fica doente. Em *Molloy*, Moran comenta: “Nas conversas com meu filho, abandonava-me com prazer a brincadeiras de mau gosto, com fins educativos”. A concepção e nascimento da personagem de *Eu Não*, amargam desleixo e abandono. São inúmeros os exemplos possíveis de ser arrolados. Entender o papel da criança na economia do texto beckettiano é escopo deste ensaio, que se deterá principalmente sobre os textos dramáticos *Fim de Partida* e *Todos os que caem*. Não se trata de verificar na obra, como a crítica existencial o fez, a máxima de Seleno (‘o melhor seria não ter nascido’); mas investigar as aparições infantis com dupla visada: sua função intratextual e crítica. Se o recurso formal mais evidente empregado pelo autor em ambos os textos é o espelhamento, é a partir dele que se pode detectar seu viés crítico e que contextualiza as peças em seu momento histórico: são obras escritas após a Segunda Guerra (ambas em 1956). Assim, o leitor (ou espectador ou ouvinte) destas obras, como se demonstrará, é mais um reflexo entre os tantos agenciados por Beckett nas obras.

A (de)composição da personagem no teatro de Beckett
LUIZ MARFUZ (UFBA)

A caracterização da personagem no teatro de Beckett distancia-se da tradição do drama ilusionista e se aproxima da sua tradução enquanto figura de linguagem. A perda do referente e a erosão da sólida base de construção dramática partem em pedaços o espelho da realidade. Dissolução, decomposição, desfiguração - são termos aplicados às personagens de Beckett que as tornam produto da gramática teatral, constructo, artefato linguístico. Beckett leva isto às últimas consequências, especialmente nos "dramaticulos", objeto de atenção deste trabalho, que procura, ainda, mostrar algumas implicações e complicações da decomposição da personagem no texto e na cena.

O máximo com o mínimo: a cena minimalista de Samuel Beckett
FERNANDO MESQUITA DE FARIA (UFSC)

O presente artigo pretende demonstrar, por reconhecimento, a influência do minimalismo na dramaturgia de Samuel Beckett. O surgimento do movimento coincide com o período em que o dramaturgo irlandês escreveu e publicou suas obras para teatro mais conhecidas. Porém, tal ascendência tornou-se mais evidente em sua dramaturgia final. A estrutura elíptica das suas peças, a exploração sonora de palavras e frases, a escassez de cenários e objetos cênicos apontada em suas rubricas são alguns indícios que nos levam a esta reflexão, servindo como alibi para melhor decifrarmos a obra beckettiana.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP4 (3º andar)

Joyce e Beckett: uma mesma bota para diferentes pés
DIRCE WALTRICK DO AMARANTE (UFSC)

Sabe-se que Samuel Beckett foi por algum tempo o braço direito de James Joyce. Richard Ellmann lembra que “uma ou duas vezes ele [Joyce] ditou fragmentos de *Finnegans Wake* a Beckett, embora não gostasse de ditados; no meio de uma dessas sessões bateram à porta e Beckett não ouviu. Joyce disse, ‘entre’ e Beckett escreveu isso. Quando Joyce depois leu o que Beckett havia escrito, disse: ‘O que é esse ‘entre’?’ ‘Sim, você disse isso’, afirmou Beckett. Joyce refletiu um momento e disse: ‘Deixe ficar’. Tinha muita disposição de aceitar o acaso como seu colaborador. Beckett estava fascinado e frustrado com o método singular de Joyce”. Esse método, no entanto, aos poucos foi se incorporando à escritura de Beckett. Segundo o filósofo francês Alain Badiou: “pouco a pouco, não sem hesitações nem arrependimentos, a obra de Beckett se abre para o acaso, para os incidentes e, portanto, para a idéia de sorte. A última palavra de *Mal vu mal dit* é justamente: ‘Conhecer a sorte’”. Em *O Inominável* (1949), lemos: “ninguém me obriga, não há ninguém, é um acidente, é um fato”. Entre o último Joyce, o de *Finnegans Wake* (1939), e Beckett, podemos perceber, no entanto, outros aspectos comuns e que vão de encontro à opinião de muitos estudiosos que lêem as suas respectivas obras a partir das diferenças, apontadas, aliás, pelo próprio Beckett.

A ascese na trilogia beckettiana ROSANNE BEZERRA DE ARAÚJO (UFRN)

O presente trabalho parte de uma investigação da influência cartesiana na elaboração do texto de Samuel Beckett (1906-1989), especificamente na última narrativa da Trilogia que é composta por *Molloy*, *Malone morre*, *O Inominável*. De fato, o jogo cartesiano tornou-se leitura recorrente acerca da Trilogia. Questionando essa leitura e buscando ir além dos rótulos estabelecidos pela crítica, este trabalho se compromete com uma nova abordagem desta obra, mostrando que Beckett não é um escritor do desespero, do niilismo e do absurdo. Nosso estudo se apóia no pensamento de Alain Badiou e Andrew Gibson, críticos que exploram o modernismo melancólico, as complexidades e as contradições na obra do escritor irlandês. Em relação à crítica de Badiou, ela traça um novo caminho para a interpretação da Trilogia, estabelecendo a ascese como método e culminando com o imperativo da fala em *O Inominável*. Gibson, por sua vez, observa cinco partes no texto *O Inominável* e mostra que esta obra pertence à tradição de textos extremamente subjetivos da literatura moderna. Finalmente, o resultado deste trabalho pretende evidenciar a confluência de pensamentos destes dois críticos, apontando novos horizontes de leitura para a Trilogia.

O pervertido Beckett de Hilda Hilst MARCOS LEMOS (USP)

Na literatura brasileira, um dos diálogos mais produtivos com a obra de Samuel Beckett é o realizado por Hilda Hilst, particularmente em suas narrativas. Como demonstro neste trabalho, o trecho de *Molloy* que, como epígrafe, abre *Fluxo-floema* funciona como índice formal que dá pistas quanto à estruturação das novelas que compõem esse livro lançado pela autora no início dos anos 1970, além de servir como ensejo para a compreensão de alguns problemas de ordem objetiva relacionados às tentativas de ambos os escritores em diferentes gêneros literários.

Nietzsche, Deleuze e Beckett: niilismos e um corpo ALEXANDRE DE OLIVEIRA HENZ (UNIFESP)

Considerando o termo “niilismo” como designador de diferentes modalidades de pensamento sensação e vida, este trabalho procura esmiuçar quatro modalidades de niilismo: o “niilismo negativo”, o “niilismo reativo”, o “niilismo passivo”. Os personagens de Samuel Beckett passam pelo grande cansaço do niilismo passivo, nele se detêm, e vão de um nada de vontade a um desinteresse escrupuloso e vivo o “niilismo ativo”. Utilizando o registro do pensamento de Friedrich Nietzsche e o fio condutor da literatura de Samuel Beckett, a abordagem dessas quatro formas de niilismo dá margem a um pensamento crítico acerca das políticas de subjetivação e dessubjetivação na produção do corpo, bem como das mutações do si, do eu e do psicológico na contemporaneidade. Aponta-se ainda, na quarta modalidade – o niilismo ativo – uma possibilidade de entender o niilismo como um disparador do pensamento e da experimentação, articulando-o à concepção beckettiana, relida por Deleuze, de “esgotamento” que se diferencia do “cansaço”.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala EP4 (3º andar)

Ler, escutar: o tempo irreversível em Beckett ANNITA COSTA MALUFE (PUC-SP)

Samuel Beckett não suportava mais o “bom uso” das palavras. Era urgente para a literatura falhar na condução da linguagem e “tratar as palavras como um pouco mais do que simples símbolos respeitosos”. É nesta direção que ele vislumbrava uma escrita que desfizesse as aderências do discurso e do excesso de representação e artifícios. Uma literatura da despalavra ou da não-palavra [non-mot]: alcançar uma língua que se faça contra as próprias palavras, virando-as do avesso. Dentro deste projeto, sua escrita em prosa foi sendo tomada por uma língua sonora, sonori-zada, cada vez menos significante e cada vez mais arrastada por fluxos de vozes, múltiplos, entrecruzados, dissonantes. A ponto de termos textos que são verdadeiras partituras vocais – não mais no sentido da escrita para teatro, mas muito mais em um sentido musical, de vozes que são fluxos sonoros a serem executados na leitura. Para se ler Beckett – mesmo que em silêncio –, é preciso “ouvir vozes” e ser conduzido por elas, é preciso performar o texto, tal o instrumentista que executa uma partitura em tempo real. Vale notar, aqui, que a ideia de performance implica uma determinada imagem de tempo: a do tempo irreversível da escuta ou do acontecimento. É esta imagem que procuraremos explorar a partir dos conceitos de performance de Paul Zumthor e de acontecimento e terceira síntese do tempo tais como propostos por Gilles Deleuze. O objetivo é assim observar este movimento, que faz do texto uma partitura e da leitura uma performance, tendo em vista elaborar um pensamento sobre a temporalidade que investe a escrita de Beckett.

Explorações no manicômio do crânio LÍVIA BUELONI GONÇALVES (USP)

O objetivo desta comunicação será refletir sobre as características da última fase da prosa beckettiana tomando como objeto central a obra *Company* (1980). Primeiramente será feita uma distinção entre os três períodos da prosa de Samuel Beckett para em seguida nos concentrarmos nos traços mais marcantes desta última fase. A partir de alguns trechos de *Company*, pretendemos analisar as marcas constitutivas de um período no qual Beckett abandona tanto a narração em primeira-pessoa como os motivos da errância típicos da fase anterior. Nesta fase final, o autor passa a se valer de um outro tipo de narração no qual a força das imagens, dos sons e principalmente o trabalho da mente criadora ganham destaque. As explorações no manicômio do crânio tornam-se essenciais nesta segunda trilogia da prosa de Beckett. São as questões e interpretações em torno deste período que pretendemos discutir com esta apresentação. Instituição de Fomento: CNPQ

Mal visto mal dito: da fantasia à imaginação ANA HELENA SOUZA (USP/UFGM)

A proposta desta comunicação é fazer uma leitura de *Mal visto mal dito*, recorrendo à distinção entre fantasia (*fancy*) e imaginação (*imagination*), estabelecida por Coleridge e, posteriormente, reformulada por vários teóricos. Por meio dessa abordagem, pretendemos mostrar como, ao longo deste texto de 1981, a composição da narrativa e das imagens é submetida a alterações que a conduzem ao abandono do recurso à fantasia (ligado à memória) e ao domínio, pleno no final, do vácuo beckettiano da imaginação. Incidentalmente, trataremos também do que Beckett em seu texto chama de *figment*, e que traduzimos por “fingimento”, situando esse termo em relação aos conceitos de fantasia e imaginação já discutidos.

NARRATIVAS DE EXTRAÇÃO HISTÓRICA: LEITURAS NO UNIVERSO HISPÂNICO

Antonio Roberto Esteves (UNESP-Assis)
 Gilmei Francisco Fleck (UNIOESTE-Cascavel)
 Fernanda Aparecida Ribeiro (UNIFAL-Alfenas)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1112

Transposição de gêneros e deslocamento de fronteiras: uma leitura de dois relatos históricos de María Rosa Lojo
 ANTONIO ROBERTO ESTEVES (UNESP-Assis)

No limiar entre literatura e história, a argentina María Rosa Lojo, tece seus relatos entrecruzando fios de variada procedência. O resultado é um tecido, diferente e multicolorido, onde categorias tradicionais como gênero e fronteira se esgarçam fazendo brotar, de suas riscas, significados múltiplos e ambíguos. Nesse contexto, a presente comunicação propõe a leitura dos relatos “El alférez y la provisora” e “El extranjero”, do livro "Amores insólitos de nuestra historia", publicado em 2001. Ruptura de gêneros e deslocamento de fronteiras é o norte que direciona a tessitura dessas histórias de amor pouco lembradas por um discurso hegemônico que trata de encobrir fissuras. Pelas manhas do discurso literário, celebram-se então esses amores já não mais insólitos, mas criadores de uma nova realidade, prenhe de encontros e comunhões, em busca da unidade perdida nos estertores do mito.

Memória da resistência antifranquista em Maquis
 MARIA DE FATIMA ALVES DE OLIVEIRA MARCARI (UNESP-Assis)

Após publicar alguns romances experimentalistas, o escritor valenciano Alfons Cervera passou a dedicar-se ao tema da recuperação da memória histórica da pós-guerra espanhola, privilegiando o ponto de vista dos perdedores da Guerra Civil (1936-1939). Dentre suas obras, destaca-se a chamada trilogia da memória, composta pelos livros *El color del crepúsculo* (1995), *Maquis* (1997), *La noche inmóvil* (1999). A trilogia reconstitui a vida dos habitantes de Los Yesares, nome fictício atribuído ao povoado de Gestalgar, terra natal do escritor, em Valência. Maquis, romance objeto de nosso trabalho, centra seu relato na fase da resistência armada ao regime ditatorial imposto pelo general Francisco Franco, entre o fim da Guerra Civil e os primeiros anos da década de cinquenta. Por meio de uma narrativa descontínua composta por microrrelatos, o romance descreve o penoso cotidiano dos habitantes do povoado - marcado pela repressão, a violência e o medo -, e a vida dos guerrilheiros, os maquis, que sobrevivem nas montanhas, sempre perseguidos pela guarda civil. A instância narrativa se subdivide em uma multiplicidade de vozes que se complementam, formando uma espécie de identidade coletiva da enunciação. Nessa reconstrução de uma memória coletiva, destaca-se o papel desempenhado pelas mulheres, principais vítimas da barbárie fascista, que dedicam lealdade incondicional aos esposos guerrilheiros.

Memórias do franquismo no romance *Galíndez* de Manuel Vázquez Montalbán
 ADRIANA APARECIDA DE FIGUEIREDO FIUZA (UNIOESTE-Cascavel)

Manuel Vázquez Montalbán publicou em 1990 o romance *Galíndez*, cujo tema central é a rememoração da história franquista por meio da trajetória de Jesús de Galíndez. Na narrativa, o contraponto com a atualidade é realizado através da personagem Muriel Colbert, quem investiga a história do período franquista ao pesquisar sobre o professor basco, estabelecendo relações entre o passado e o presente. A memória recobrada na ficção de Vázquez Montalbán é a de seu grupo emocional, portanto, a memória dos vencidos da Guerra Civil. No romance presencia-se a tensão entre o lembrar e o esquecer. Os narradores de Galíndez revisitam o passado obscuro das ditaduras, no intuito de rememorar o que não se deve esquecer dos regimes autoritários, tão recorrentes na história iberoamericana. Por fim, o objetivo da comunicação é examinar como as memórias do franquismo surgem nas fraturas do discurso da ficção.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1112

Gêneros híbridos da atualidade: o romance histórico contemporâneo de mediação
GILMEI FRANCISCO FLECK (UNIOESTE)

A longa trajetória dos gêneros híbridos de história e ficção oportunizou o aparecimento de várias modalidades de escritas nas quais o discurso ficcional e o historiográfico confluem de formas diferentes. O romance histórico é um desses gêneros já que, ao longo dos tempos, surgiram desde o romance histórico clássico de Scott (184-1819), várias outras modalidades dessa expressão, com destaque para o romance histórico tradicional, o novo romance histórico latino-americano a metaficção historiográfica e, mais recentemente, o romance histórico contemporâneo de mediação. Presente em expressões temáticas diversas, essa modalidade atual de romance histórico tende à mediação entre as tendências mais tradicionais do gênero e aquelas altamente desconstrucionistas das formas mais críticas que se desenvolveram a partir das leituras do passado pela ficção latino-americana. Propomo-nos a definir e a caracterizar tais escritas híbridas dentro do universo das releituras do passado pela ficção hispano-americana, especificamente na temática do descobrimento da América. Para tanto nos valem de duas obras: *Crônicas de descubrimiento* (1980), do uruguaio Alejandro Paternain e *El conquistador* (2006), do argentino Federico Andahazy. Esses romances tratam de forma análoga a possibilidade da “descoberta” por outra perspectiva: são os nativos americanos que chegam à Europa antes mesmo da histórica viagem de Colombo em 1492. Releituras críticas desse passado escritas de uma forma na qual se percebem confluências de algumas tendência tradicionais com a criticidade daquelas mais desconstrucionistas.

A hispanidade sob a perspectiva de Miguel de Unamuno
CRISTIANE AGNES STOLET CORREIA (UFRJ)

O presente trabalho busca pensar a noção de narrativa histórica pelo viés do pensamento unamuniano, adentrando a insistente afirmação do autor que declara o caráter autobiográfico de toda obra, sendo esta ficcional ou não. Questionando as relações dicotômicas que primam pela discussão e diferenciação entre o que seria autobiográfico/autoficcional, factual/ficcional, público/privado, sujeito/objeto, Unamuno inverte e confunde, colocando em xeque os lugares comuns. Assim, sua leitura acerca do histórico instaura um novo olhar, trazendo à tona o caráter sempre atuante e mutável da dinâmica histórica e, concomitantemente, o lugar do homem neste contexto. Pretende-se trazer estas questões principalmente a partir de duas obras do autor: seu primeiro livro publicado *"Paz en la guerra"*, que tem como ponto de partida sua triste experiência da terceira guerra carlista, e *"Vida de Don Quijote y Sancho"* onde os personagens fictícios adquirem vida e importância histórica.

“Quadros mineiros”: sobre as narrativas realistas de Baldomero Lillo, escritor chileno
GLEITON LENTZ (UFSC)

No início do século XX, para compor *"El Chiflón del Diablo"* e outros contos que descrevem as condições de vida subumanas de uma comunidade de trabalhadores de uma mina de carvão em Lota, no Chile, o escritor Baldomero Lillo desde cedo acompanhou a exploração carbonífera no lugar, seja descendo às minas com o pai, que era chefe de obras, seja trabalhando na taverna de uma carvoaria, o que lhe permitiu observar e conhecer de perto as condições precárias em que viviam os mineiros e dedicar-se à escrita de seus primeiros relatos, por ele chamados de "quadros mineiros". Devido a esses registros, a história do pequeno povoado de Lota não passou despercebida, primeiro porque as narrativas de cunho histórico de Lillo destacam a figura do mineiro como humano e descrevem as condições em que os operários das minas de carvão trabalhavam e viviam; segundo, porque além de abordar também o sofrimento de gerações de famílias, denunciam aspectos da realidade chilena como nenhum outro escritor da época o fizera, fazendo com que as narrativas adquirem um forte caráter documental, de relato. O objetivo desta comunicação é apresentar um dos "quadros mineiros" de Lillo, intitulado *"El Chiflón del Diablo"*, evidenciar o projeto literário implícito em sua obra, de registro histórico, sempre preocupada com a

chilenidade e suas manifestações, e a atualidade de seu texto, que toca profundamente temas relacionados à exploração carbonífera no Chile, que perpetuam até hoje, em face dos últimos acontecimentos em 2010.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1112

O nascimento de um mito argentino em *La Pasión Según Eva*, de Abel Posse
FERNANDA APARECIDA RIBEIRO (UNIFAL-Alfenas)

O romance histórico contemporâneo na América Hispânica tem como um dos objetivos oferecer aos leitores uma nova interpretação do passado histórico, proporcionando leituras distintas daquelas instauradas pela historiografia tradicional. Assim ocorre com o romance *La pasión según Eva* (1994), do escritor argentino Abel Posse, que retoma a história de Eva Perón (1919?-1952) por meio da voz da própria protagonista, bem como de outros personagens, tecendo um discurso polifônico que revive o mito de Evita, no qual predomina um tom “testemunhal”, já que em primeiro plano sobressai a voz da personagem principal. O texto não segue uma linha cronológica crescente, pois são superpostos os tempos históricos (passado e presente) – o presente se centra nos últimos nove meses de vida de Evita, enquanto são rememorados fatos de sua vida desde a infância. Assim, como afirma Magdalena Perkowska (2008), o romance histórico proporciona outros discursos e outras possibilidades para reler o passado histórico à luz dos fatos presentes. No caso do romance *La pasión según Eva*, refigura-se e reafirma-se a saga de Evita Perón como uma mulher que morreu aos 33 anos para ingressar no rol dos grandes mitos hispano-americanos.

Histórias revisitadas: a construção do metaficcional nos romances do pós-boom da Literatura Latino-americana
WANDERLAN DA SILVA ALVES (UNESP-S. J. Rio Preto)

A produção literária latinoamericana assumiu muitas vezes para si, ao longo da segunda metade do século XX, a função de (re)escrever e (re)visitar a história político-cultural da América Latina, de modo a repensar as marcas do passado ainda significativas para seu presente ou de driblar a censura e o cerceamento à expressão do indivíduo, por vezes impostos por regimes políticos autoritários. Esse caráter profundamente crítico manifestou-se, entre outros, nos chamados romances do pós-boom (CHIAMPI, 1996), por vezes questionados pela crítica de arte mais tradicional por seu experimentalismo formal e pelo diálogo que estabelecem com a cultura de massas (MONEGAL, 1968; RAMA, 2005 [1984]). Romances como *Cobra* (1972), de Severo Sarduy, *El beso de la mujer araña* (1976), de Manuel Puig, *La casa de los espíritus* (1982), de Isabel Allende, *Bolero* (1983), de Lisandro Otero e *La guaracha del Macho Camacho* (1985), de Luis Rafael Sánchez, são construídos por meio de procedimentos e materiais híbridos (CANCLINI, 1998; 2003) cuja articulação foi capaz de mobilizar estilemas provenientes de distintas instituições sociais (igreja, estado, família, etc.) e de engendrar, no discurso literário, um lugar possível de trocas e ressignificações simbólicas representativo da complexa realidade social e antropológica latinoamericana de seu presente, incorporando ou representando, no corpo de sua linguagem, estruturas e formas simbólicas do período pré-moderno (como as culturas indígenas), do período moderno (a própria constituição dos Estados) e do período pós-moderno (reestruturação da família, reorganização do papel das instituições públicas e do mercado de bens de consumo), que na América Latina são, por vezes, contemporâneas entre si. Tais trocas e ressignificações constituem um espaço particular da produção literária dos anos 70-80, pois, enquanto documentos de cultura que se voltam para a própria história, elas apresentam sérios questionamentos acerca da história latinoamericana: seriam elas um salto (BENJAMIN, 1984) rumo ao dissonante, ao incompleto, ao inacabado, mas, ao mesmo tempo, a uma possibilidade de reinterpretação de nossa cultura? Consistiriam num modo de tentar expressar, por meio de sua linguagem, como as ruínas do passado ainda são perceptíveis e recuperáveis para seu presente e para a sua história? Seriam um modo de procurar salvar o legado cultural dos mitos e dos deuses (*La casa de los espíritus*, por exemplo) e, enfim, de uma expressão latinoamericana no contexto da Modernidade ou, mesmo, da Pós-modernidade? Ou seriam, ainda, uma estratégia para driblar as inúmeras formas de coerção e controle que sempre estiveram presentes na configuração do dizer e do ser latinoamericanos (*El beso de la mujer araña*, por exemplo)? Esses romances se mostram, portanto, essencialmente políticos e potencialmente críticos de sua própria condição dentro da “América amarga, América descalza, América en español” (GALEANO, 1989) onde são criados. Uma vez que a vida social se presentifica na literatura principalmente pela linguagem (TINIANOV, 2004), e a linguagem é histórica e social, propomos analisar os procedimentos por meio dos quais os romances mencionados articulam à sua estrutura textual elementos temático-formais que sustentam sua consciência estética e sua natureza crítica e adquirem, desse modo, um caráter metaficcional (HUTCHEON, 1991).

Imagens da Revolução Mexicana em *Pedro Páramo* (1955), de Juan Rulfo, e *Como agua para chocolate* (1989), de Laura Esquivel
KÁTIA RODRIGUES MELLO MIRANDA (UNESP-Assis)

Os romances mexicanos *Pedro Páramo* (1955), de Juan Rulfo, e *Como agua para chocolate* (1989), de Laura Esquivel, possuem uma relevante característica comum: são ambientados na época da Revolução Mexicana. A narrativa de Rulfo, dotada de uma estrutura episódica, apresenta, mesmo escassas, algumas referências – sobretudo nos fragmentos finais – a Pancho Villa e à Guerra dos Cristeros, o que permite situar a ação no período da Revolução. No romance de Esquivel, a Revolução é mencionada de forma mais explícita e constante que na obra de Rulfo, inclusive trazendo uma personagem, Gertrudis, que, ao longo da trama, passa a integrar a tropa villista. Nesse contexto, os romances podem ser aproximados pelo fato de apresentarem sua ação num período histórico coincidente; no entanto, cada escritor confere à sua abordagem aspectos particulares, resultando em imagens distintas. Assim, o trabalho pretende realizar uma leitura comparada dos romances, visando à discussão sobre como a Revolução Mexicana é apresentada em cada um.

LITERATURA E TESTEMUNHO: TEORIAS, LIMITES, EXEMPLOS II

Marcelo Paiva de Souza (UFPR)
Rosana Kohl Bines (PUC-Rio)
Wilberth Salgueiro (UFES)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 409

A correspondência de Caio Fernando Abreu: escrita e testemunho do homem do fim do século XX
JOSÉ ROBERTO SILVEIRA (UERJ)

Propõe-se a leitura da correspondência de Caio Fernando Abreu como registros confessionais que testemunham sobre os acontecimentos que marcaram o homem nas três últimas décadas do século XX. O montante epistolar do escritor – editado e publicado por Ítalo Moriconi (2002) – agrupa o relato em primeira pessoa, no calor do acontecimento, em diálogo constante com o outro, pontuando, numa escrita íntima e confessional, observações sobre si mesmo, e operando, assim, como registro, testemunho e documento informativo sobre o tempo histórico. As cartas são importantes documentos que mapeiam territórios e guardam na linguagem, conteúdo e caligrafia, os rastros de circunstâncias e circunferências da escrita. O mapeamento corresponde ao diário de bordo do escritor, fadado a escrever sobre quase todos os momentos, registrando seus sentimentos e avaliações sobre aquilo que vivencia, experimenta e observa e que transforma em literatura. Com grande riqueza de detalhes, a correspondência do autor expõe, em sua extensão – lida como o romance de uma vida –, a compreensão do tempo e do espaço onde se trava o embate do autor-personagem com destinatários-personagens, com sua grande pátria-mãe, e, principalmente, consigo mesmo. O tempo de Caio F. é o tempo da opressão, do ensaio da liberdade, e dos pódios “sem beijo de namorada”. Ao se corresponder constantemente com inúmeros amigos e escritores, por um período que engloba as décadas de 70, 80 e 90 do século XX, suas cartas escrevem uma “outra” história da ditadura militar, do ensaio da redemocratização, das “Diretas já”, dos planos econômicos frustrados, da alta da inflação, e da eleição e impeachment de Collor. Suas missivas são, principalmente, o relato e testemunho dos sobreviventes da década de 80, que, entre destroços e entulhos restantes da ditadura militar, passam a conviver com a epidemia da Aids. Em resumo, Caio Fernando Abreu faz do território epistolar lugar para se ensaiar sobre relacionamentos, viagens; sobre o Brasil, sua política e sociedade; sobre o surgimento e alargamento da AIDS, suas complicações para a vida íntima e para a saúde pública; e ainda refletir de forma crítica a respeito da literatura, da construção do texto, da relação entre vida e escrita, e da profissão de escritor no Brasil. Dessa forma, as cartas se tornam lugar privilegiado para a expressão e discussão de questões que emergem do sentimento íntimo e pessoal do autor e tangenciam questões históricas, políticas e sociais do tempo em que elas são confidenciais. Esta leitura crítica ainda nos permite uma discussão e reflexão sobre questões teóricas e epistemológicas a cerca do gênero epistolar e do próprio conceito de literatura e testemunho, na profusão de espaços biográficos e espaços literários.

Caio Fernando Abreu: conto e fragmento testemunhal
CAMILA MORGANA LOURENÇO (UFSC)

Este trabalho prevê refletir sobre a produção ficcional de Caio Fernando Abreu (1948-1996), em especial alguns de seus contos publicados na coleção *Caio 3D*, sob a perspectiva do testemunho, ao considerar que a literatura carrega sempre em si uma carga testemunhal — servindo-se à preservação da memória e, ao mesmo tempo, ao esboço de uma nova história. Isso porque, ao operar, de certa forma, um registro do presente, os contos de Caio Fernando Abreu oferecem um registro literário do presente — um presente que não deixa de ser também inventado pelo sujeito que o tece pela via da experiência. Por isso, pensar o testemunho nos contos desse escritor é encontrar laços entre verdade e ficção, contaminações entre história e forma e associações entre ética e estética, explorando o olhar lançado por Walter Benjamin sobre a experiência — esta que perpetua mais do que a memória de si.

Memórias do eterno fascismo italiano: os projetos literários de Carlo Levi e Vasco Pratolini em *Cristo si è fermato a Eboli* (1945) e *Cronache di poveri amanti* (1947)
GABRIELA KVACEK BETELLA (UNESP)

O relato de Carlo Levi se constitui de narrativa de memória entremeada de reflexão histórica e sociológica. A rigor, o livro mais conhecido do escritor conta com a objetividade do depoimento do homem engajado e não recusa a subjetividade do artista, podendo representar o gênero híbrido, tamanha a relação entre a função referencial e a função poética da linguagem. O texto é escrito em Firenze entre 1943-1944 evocando o período de 1935-1936 e os cenários meridionais e problemáticos da Lucania (Basilicata), do exílio de Levi como prisioneiro do regime fascista, manifestando o grande trunfo da narrativa neorealista italiana, que adquiriu uma linguagem capaz de incorporar a urgência da expressão dos valores humanos e sociais, seja através do ponto de vista do documentário ou graças à riqueza de nuances que relativiza a imparcialidade do narrador. Levi manifesta uma consciência extravasada do momento presente ao manipular sua própria vivência da década anterior, trazendo à tona problemas que agravam a severidade dos momentos decisivos da Segunda Guerra. O romance de Vasco Pratolini, escrito em tempos esperançosos pós-Resistência e publicado em 1947, revisita o passado através da recriação ficcional de um microcosmo fiorentino dos anos de 1920, durante a afirmação do fascismo. Trata-se de um trabalho que privilegia a criação, mantendo elos com a memória do autor, visto que ele nasceu e se criou em um bairro popular de Firenze, atravessando a adolescência ali durante o período retratado no romance. A estreita via del Corno fiorentina toma ares de palco teatral enquanto a crônica de seus moradores passa inevitavelmente pelo dia após dia, expressa no romance através da corralidade que estabelece uma dimensão igualitária entre as personagens na narrativa e nas cenas. Contudo, o escritor expressa particularidades com vistas no presente da produção, escrevendo no momento favorecido pelo contexto democrático sob a república parlamentar e o pluripartidarismo. Além de produzir uma operação épica de distanciamento importante na trajetória do escritor, o romance se aproxima do modelo populista de representação, bastante discutido pela crítica sob seu aspecto de esgotamento. Na trama as personagens formam um universo humano sufo-cado pelo espaço físico e social, pela repressão ideológica e psíquica, pela submissão imposta pela influência ou pela força. Vale dizer que ambos os romances podem ser estudados com base em sua habilidade em fazer sobressair a verdade almejada pelos discursos compostos em tempos de crise, reforçada pela ação e expressão sem provincianismo e sem aristocratismo compensatório.

Vidas em ruínas: as escritas da memória em *Os emigrantes*, de W. G. Sebald
ANA MARIA VIEIRA SILVA (UFF)

Este trabalho analisa quatro novelas que compõem a obra *Os Emigrantes*, de W. G. Sebald, em que todas são narrativas sobre judeus exilados, antes e após a Segunda Guerra Mundial. Nelas é possível observar um entrelaçamento entre História, Memória e Literatura, visto que essas narrativas pressupõem histórias de pessoas reais, que sofreram os traumas de sua expatriação ou dos horrores da perseguição nazista alemã. Embora não se tenha certeza da existência histórica dessas personagens, o autor se esforça para provar que foram reais, sem, entretanto, descartar em suas narrativas os elementos que caracterizam as narrativas fictícias. Quanto à estrutura narrativa, a obra *Os Emigrantes* reúne vários gêneros em seu bojo: são novelas, biografias, relatos de vi-

agem, arquivo, reportagem, documento antropológico, enfim, por sua natureza híbrida, não se pode classificá-la dentro de um gênero específico. Os conceitos de memória, trauma, testemunho e arquivo, importantes para se entender a questão do exílio, serão, entre outros assuntos, discutidos neste trabalho com o objetivo de conhecer melhor determinados comportamentos de personagens marcadas pelos traumas, principalmente, os que foram causados pela intolerância político-religiosa ou pelo isolamento social advindo da condição de exilado.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 409

O silêncio dos inocentes: testemunho e memória da guerra na poesia de Tadeusz Różewicz e Wisława Szymborska
REGINA PRZYBYCIEŃ (UJ, Polônia)

Tadeusz Różewicz e Wisława Szymborska, como outros poetas poloneses que viveram a experiência traumática da Segunda Guerra Mundial, enfrentaram o dilema dos artistas que testemunham as catástrofes da história. Como escrever sobre os horrores da guerra, os campos de concentração, as ruínas de Varsóvia? O poeta se debate entre a impossibilidade da linguagem de descrever o inenarrável e a necessidade de escrever para que a memória não se perca. A frase de Adorno "escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que se tornou impossível escrever poemas" é interpretada por Valéria de Marco como "a necessidade de impedir o esquecimento e a repetição de Auschwitz" e "o perigo de torná-lo assimilável através da estilização artística". A observação coloca em discussão a relação entre a estética e a ética, entre criação e verdade. Embora a poesia corra o risco de estetizar o horror, ela é necessária, porque a história nos fornece nomes e datas, números e estatísticas, a descrição dos métodos, o testemunho dos sobreviventes, mas não dá a dimensão da dor. A poesia lança uma imagem: de um rosto crispado, de um grito subitamente cortado, de um gesto suspenso no ar. Ela dramatiza o silêncio dos inocentes: daqueles que não podem testemunhar.

No inferno do século XX: algumas reflexões sobre *O testemunho da poesia*, de Czesław Miłosz
MARCELO PAIVA DE SOUZA (UFPR)

Em *O testemunho da poesia*: seis preleções sobre as enfermidades de nosso século, livro resultante da série de conferências que proferiu como ocupante da Cátedra Charles Eliot Norton na Universidade de Harvard entre 1981 e 1982, dado à estampa em 1983, Czesław Miłosz invoca a especificidade do ponto de vista de sua Europa – o Leste europeu e a Polônia, em especial –, a fim de passar criticamente em revista as linhas de força da produção poética moderna desde suas matrizes na segunda metade do Oitocentos francês. Segundo Miłosz, cabe dizer que em terras polonesas “deu-se o encontro do poeta europeu com o inferno do séc. XX, e não com o primeiro, mas com um círculo muito profundo do inferno”, circunstância que confere ao caso “o aspecto de um laboratório, isto é, permite verificar o que ocorre com a poesia moderna em determinadas condições” (*Świadektwo poezji*. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 2004, p.80). Como se vê, o raciocínio do autor compreende dois passos: primeiro, trata-se de demonstrar certo diferencial da poesia moderna da Polônia (e da Europa do Leste), diferencial que é tomado em seguida como parâmetro para efeito de questionamento das balizas de vigência mais ampla no âmbito do fazer poético da modernidade. A proposta, aqui, é submeter a escrutínio as aludidas considerações de Czesław Miłosz, à luz do debate contemporâneo sobre a literatura de cunho testemunhal.

Entre o lembrar e o esquecer: o testemunho às avessas do escritor italiano Primo Levi
JOSELAINE MEDEIROS (UFSM)

A Literatura de testemunho vem à tona para problematizar a época de catástrofes, em que há uma situação-limite como a que ocorreu, durante a Segunda Guerra Mundial, com os judeus nos campos de concentração nazistas. O testemunho dos sobreviventes está ligado às lembranças, ao que ficou guardado na memória: uma memória estilizada, em ziguezague, com lapsos, vazios, silêncios; enfim, oprimida, devido à dor e ao trauma. Em decorrência disso, o testemunho situa-se num limiar entre o esquecer e o lembrar, ou seja, trabalha no campo mais denso da simultânea necessidade do lembrar-se e da sua impossibilidade, pondo em xeque a História, por comportar eventos em excesso se comparados aos parâmetros referenciais normais. O território da

memória do escritor italiano Primo Levi é o da Guerra, e ele lutou com a “guerra da memória”, que impõe limites, uma vez que lembrar não é uma situação cômoda. O químico foi enviado para Auschwitz em 1944, conseguindo sobreviver ao massacre e retornar ao seu país, após muito sofrimento. Levi sentiu necessidade de contar a sua história, para que as gerações futuras tivessem conhecimento das atrocidades praticadas pelos nazistas. Durante esse percurso, também sentiu resistência, devido à dor e à reificação, que estava na própria essência do apagar e do aniquilar. No campo, os prisioneiros morriam “como números; não como nomes próprios”, o número de Levi era 174.517, tatuado no braço, lembrança viva da desumanização sofrida. Na obra *É isto um homem?*, o escritor-sobrevivente conta a sua experiência e de tantos outros seres humanos relegados a animais, subjugados, carcomidos pelo medo e pela violência. Levi, como aponta Marcio Seligmamm-Silva, tentou “apresentar, expor o passado, seus fragmentos, cacos, ruínas e cicatrizes”. A experiência foi traumática, porém a narração das vítimas era necessária no sentido de propagar o enraizamento dos princípios de reparação e justiça.

Tempo e memória em *O berro do cordeiro em Nova York*, de Tereza Albués
 EVERTON ALMEIDA BARBOSA (UFMG)

Este trabalho tem como objetivo fazer uma leitura do romance "O berro do cordeiro em Nova York", de Teresa Albués, no intuito de mostrar que à maneira da narradora de lidar com o passado e operar a memória, corresponde uma forma distinta de estabelecer o tempo na narrativa, sinalizando para uma experiência do tempo igualmente distinta. Suas lembranças são motivadas tanto por uma sensação de exílio, porque vive afastada de seu local de nascimento, a cidade de Várzea Grande, em Mato Grosso, quanto pelo estigma da pobreza em que viveu na infância, a qual superou por meio do estudo. Estes dois motivos se apresentam, na ausência de linearidade com que se dá a evocação do passado pela memória da narradora, como eixos orientadores do procedimento mnemônico, sendo sempre retomados durante a narrativa nos momentos críticos em que as lembranças afetam sensivelmente seu estado presente de espírito. Para pensar a relação da narradora com suas lembranças, a reflexão se apoiará na discussão de Paul Ricoeur, no primeiro capítulo de "A memória, a história, o esquecimento", que delinea seu percurso reflexivo partindo de uma análise voltada para o objeto da memória, a "lembrança que temos diante do espírito", passando desta à busca pela lembrança e, finalmente, à memória refletida, à memória de si mesmo. Assim como em Ricoeur, as noções iniciais de Platão e Aristóteles são como que grandes motivos latentes nas reflexões para o romance, pois fornecem dois eixos norteadores da questão: a ideia de memória como "impressão" e "presença do ausente" (Platão), e de memória como "inscrição" e como "passado" (Aristóteles). A leitura do romance pode servir à reflexão mais ampla sobre memória e testemunho, tendo em vista que a narradora tende a realizar uma indiferenciação temporal entre presente e passado, motivada por experiências ruins, caminhando para um efetivo distanciamento entre os tempos, pelo qual se alcançam a superação dos problemas e a harmonia interior.

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro II – Sala 409

Testemunho e justiça na era das catástrofes ambientais
 ARIANI BUENO SUDATTI (UNICAMP)

O trabalho pretenderá apresentar a pesquisa de pós-doutorado que vem sendo realizada no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP com a supervisão do Professor Marcio Seligmamm-Silva e que tem como temática nuclear o estudo do testemunho no caso de vítimas de catástrofes ambientais a partir da análise de um caso específico, que diz respeito a um dos maiores crimes ambientais do Estado de São Paulo e que vem sendo conhecido como o caso "Barão de Mauá". A pós-doutoranda, que propõe a comunicação em questão, tem formação interdisciplinar, pois além de graduada em Letras (UNICAMP), é graduada em Direito, mestre e doutora em filosofia do direito pela faculdade de direito USP, o que permite análise da interface do estudo do testemunho no campo jurídico e no da literatura e história social. A situação paradigmática investigada envolve a contaminação, por lixo tóxico, de um enorme condomínio residencial proletário situado na cidade de Mauá, no Grande ABC. Tal contaminação ocorreu porque a empresa Cofap, atual Magnetti Mareli, utilizou o terreno onde foi construído o referido residencial, durante duas décadas, como depósito de lixo industrial. Depois, o vendeu para empresas da área da construção civil que construíram os prédios residenciais, tudo sobre o olhar e aprovação do Poder Público. No ano de 2000, houve um acidente gravíssimo que matou um trabalhador queimado e feriu gravemente outro em decorrência de uma explosão inusitada causada pelos gases tóxicos armazenados no subsolo. Então, esse evento evocou a necessidade de se investigar a área e o crime ambiental foi revelado. Em 2001, o Ministério Público ingressou com uma ação civil pública para que as vítimas fossem removidas dali e devidamente indenizadas, já que corriam risco de vida não só em virtude da possibilidade de novas

explosões, como também pela possível aquisição de doenças gravíssimas decorrentes da contaminação (câncer, má formação fetal, endometriose, disfunções hormonais, abortos, etc). Porém, passados mais de dez anos, o caso continua tramitando na Justiça sem que tenha tido uma solução concreta para os moradores e as doenças foram surgindo e assolando terrivelmente a saúde dos afetados. Assim, essas vítimas, sentindo-se apartadas do mundo das normas jurídicas e do processo judicial, acabaram ao longo de mais de uma década de espera pela prestação jurisdicional, desenvolvendo estratégias de resistência a própria vulnerabilidade que as enclausura, se apoiando no testemunho (videotestemunhos, principalmente) como importante meio de documentação dessa situação de injustiça e de reivindicação de reconhecimento jurídico e de direitos. Dessa forma, o estudo da literatura do testemunho, tal como desenvolvida pelos sobreviventes da Shoah e das vítimas de outros genocídios, fornece uma base teórica importante para se pensar atualmente na questão do testemunho também para as vítimas de catástrofes ambientais, como na hipótese em pauta. Por outro lado, se a era das catástrofes é a era dos testemunhos, as catástrofes ambientais dominam a cena das catástrofes históricas do presente e proclamam por maior atenção na área da pesquisa e discussão acadêmicas, o que justifica uma proposta como essa.

Ética e estética no romance *Em câmara lenta*, de Renato Tapajós: considerações sobre seu caráter testemunhal CARLOS AUGUSTO CARNEIRO COSTA (USP)

Os debates produzidos em torno da chamada “literatura de testemunho” procuram dar visibilidade, dentre vários fatores, ao problema do valor literário de obras que antes de tudo teriam a função de denunciar práticas de violência social produzida em conflitos históricos. Construídas por meio de procedimentos distintos dos tradicionalmente privilegiados, essas obras exigem reformulação dos critérios de valoração estética. A razão fundamental para esta necessidade de mudança de perspectiva crítica reside no fato de que a escrita de testemunho deve ser compreendida como escrita determinada pelas condições de produção de uma voz narrativa geralmente constituída pelo trauma. Renato Tapajós permaneceu preso entre 1969 e 1974 por conta de sua militância política junto à Ala Vermelha do PCdoB. Encarcerado, ele foi brutalmente torturado. Em 1972 recebeu a notícia de que sua então cunhada, Aurora Maria Nascimento Furtado, militante da ALN, havia sido morta por militares, após seções de tortura. Esse evento motivou a escrita do romance *Em câmara lenta*, ainda dentro da prisão. Publicado em 1977 pela Editora Alfa-Omega, o livro apresenta importantes reflexões e autocríticas sobre a luta armada contra a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Seu ponto nevrálgico é a narração da cena de tortura e assassinato da personagem Ela. O narrador tenta recuperar os eventos que confluíram para este ato de violência, embora não o tenha presenciado, não tenha sido sua testemunha direta. No processo enunciativo ficam evidentes construções de linguagem caracterizada pelo trauma, como dissociações e deslocamentos do lugar de enunciação do narrador. Considerando a definição das categorias *testis* e *superstes* feita por Giorgio Agamben (AGAMBEN, Giorgio. *A testemunha*. In: _____. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. São Paulo: Boitempo, 2008, pp. 25-48), procuramos neste trabalho determinar o lugar do romance de Tapajós dentro dos parâmetros da literatura de testemunho, uma vez que nossa análise permite compreender que seu narrador não se configura como *testis*, o terceiro que apenas presenciou o evento, nem como *superstes*, aquele que participou do evento. Feito isto, queremos apresentar alguns elementos que determinam o caráter literário do livro, procurando contribuir com o debate sobre as relações entre ética e estética na escrita testemunhal, assim como sobre os limites entre verdade e ficção.

O teor testemunhal da poesia marginal: política, filosofia, desbunde VICTOR CEI SANTOS (UFMG)

Nosso objetivo geral é identificar o teor testemunhal da chamada poesia marginal, pensando as relações entre literatura e testemunho a partir da crítica que os autores participantes da antologia 26 poetas hoje, publicada por Heloisa Buarque de Hollanda em 1976, fazem da experiência política de seu tempo. Uma leitura em perspectiva comparatista dos poemas de autores como Caco, Luiz Olavo Fontes, Carlos Saldanha e Torquato Neto revela uma memória das tensões que ocorriam no Brasil dos anos de ditadura militar. Como referencial teórico, a relação entre lírica e sociedade pensada por Theodor Adorno se mostra coerente com as condições de produção dos poetas naqueles tempos de autoritarismo, apontando para as possibilidades abertas ao pensamento filosófico pela literatura brasileira contemporânea.

Tortura sob deboche: uma questão de riso ou morte (análise de *Trilogia Macabra*, de Alex Polari)

WILBERTH SALGUEIRO (UFES)

Em 1978, Alex Polari de Alverga publica o livro de poemas *Inventário de cicatrizes*. O militante político se encontrava, então, encarcerado, por conta do seu envolvimento direto no sequestro do embaixador alemão Holleben, em junho de 1970. No ano seguinte, Polari é preso e preso permanece até 1980. O livro *Inventário de cicatrizes* traz, em versos, reminiscências, impressões, notícias e reflexões acerca não só do cotidiano da cadeia, o que inclui falar das condições de vida e sobrevivência, como excursiona por problemas gerais de poética e de escrita. Apesar dos inúmeros padecimentos explicitados ao longo da obra, há um traço que, de certo modo, surpreende o leitor: a presença constante do humor, em forma mista de deboche e ironia, sobretudo por que este humor se produz pela voz daquele que sofria o martírio e praticamente durante o constrangimento da dor, contrariando afirmação de Vladimir Propp ao dizer que “é possível rir do homem em quase todas as suas manifestações. Exceção feita ao domínio dos sofrimentos, coisa que Aristóteles já havia notado” (Comicidade e riso). A ideia da comunicação é analisar as três partes do poema “Trilogia macabra” – o torturador, o analista de informações, a parafernália da tortura – tentando mostrar que o uso do recurso humorístico é legítimo, mesmo quando se apropria de fatos macabros e hediondos como escada para sua aparição, o que não significa desrespeito ou desprezo pela dor ou tragédia acontecida: “Além disso [o torturador] acredita que é macho, nacionalista, / que a tortura e a violência / são recursos necessários / para a preservação de certos valores / e se no fundo ele é um mercenário / sabe disfarçar bem isso / quando ladra” (Polari). A técnica básica para produzir humor em condição tão adversa será, exatamente, a construção de “um pano de fundo não cômico ou humorístico em relação ao qual o outro, o cômico, apareça” (Sirio Possenti, *Humor, língua e discurso*). Para além da análise específica do poema, a comunicação tem em mente reafirmar a força cicatrizante do humor, não para abolir o trauma e sim para dar a ele uma leveza impensada, uma alegria vinda e inventada da própria treva – artes de uma grandeza que os torturadores jamais imaginariam.

FALAR POR, FALAR DE, FALAR COM: QUESTÕES DE AUTO-REPRESENTAÇÃO NOS DISCURSOS E PRÁTICAS DISCURSIVAS DA AMÉRICA LATINA II

Rita de Cássia Miranda Diogo (UERJ)
Gesine Müller (Universidade de Potsdam)
Horst Nitschack (Universidade do Chile)

Terça-feira, 19 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1009

Entre herencias y presencias: “África” en Buenos Aires y Rio de Janeiro en el siglo XXI
MARY LUZ ESTUPIÑAN SERRANO (UdCh)

En los últimos veinte años se ha advertido un nuevo destino de la inmigración proveniente de países de África Subsahariana Occidental, la cual se dirigía predominantemente hacia el “Viejo Mundo”. No obstante, las políticas de la Comunidad Europea en relación a la inmigración no comunitaria, centradas en el control de los flujos provenientes del denominado “Tercer Mundo” (América Latina, África Subsahariana y el Sur de Asia), han obligado a las y los inmigrantes “africanos” a contemplar otras opciones para migrar. Así América Latina, dentro de ella las grandes ciudades de Brasil y Argentina, se erigen como posibilidad de llegada, instalando así desafíos éticos y políticos pero también sociales y culturales que contrastan con la relación histórica que tuvieron y han tenido estos países frente a la herencia africana. Argentina, autopercebida y autorepresentada como un Estado-nación “sin negros”, ha tenido a partir de los años ’90 un viraje discursivo hacia la visibilización de la presencia de los cuerpos descendientes de las comunidades afro, así como hacia el reconocimiento de elementos y prácticas culturales legadas de la esclavitud (música, comida, idioma, etc.) que han influido en la construcción de las identidades argentinas. Brasil por su parte, es un Estado que ha reconocido la importancia de la herencia africana en su identidad nacional y en sus prácticas culturales. No obstante, lo interesante del contraste entre los dos casos es revisar cómo enfrentan la “nueva” presencia africana –proveniente principalmente de países subsaharianos occidentales–, que está llegando a las ciudades principales, Buenos Aires, Sao Paulo y Rio de Janeiro. Aquí es atingente realizar un contrapunto entre la herencia cultural y la nueva presencia africana con el fin de establecer en qué medida la construcción histórica de alteridades influye en una nueva dinámica relacional. En concreto, ¿qué as-

pectos residuales, heredados y emergentes aparecen en este contexto? Es en este sentido esta ponencia propone revisar el lugar de lo “afro” y lo “africano” en las prácticas discursivas y discursos oficiales en Brasil y en Argentina en los últimos veinte años.

A consciência de si e do outro em Ernesto Sabato INÊS SKREPETZ (UFPR)

Para esta comunicação enfocaremos a obra *A Resistência* do autor argentino Ernesto Sabato que, em diálogo com seus romances, discute o processo de desumanização que percorre o cotidiano da vida humana nas últimas décadas. Essa obra será o ponto de partida para que possamos refletir sobre o intelectual na contemporaneidade que se sensibiliza diante do sofrimento e da dor do outro. Assim, numa conversão mútua entre o ético e o estético, o autor transforma o seu compromisso crítico e humano em resistência frente aos vários sistemas e poderes desumanizadores da *Modernidade Líquida*, bem como instiga a criação e a recriação de espaços de solidariedade nesse contexto de liquidez: “[...] depois que ousamos chegar à dor do outro, a vida se transforma em absoluto.” (SABATO, 2008, p. 89).

Atuação política e representação da coletividade no ensaio hispano-americano: o *Asalto a lo imposible* de Mario Benedetti JOÃO MARCOS REIS DE FARIA (UFF)

Ao observarmos as relações entre cultura e política na América Latina dos anos 1960 e 1970, podemos mapear, em consonância com Claudia Gilman em seu livro *Entre la pluma y el fusil*, a atuação de importantes nomes da literatura deste período em favor de um certo conjunto de noções cujos contornos se definiram não por meio de manifestos formalizados, mas sim de maneira progressiva, à medida que o Regime Castrista e sua principal instituição cultural, a Casa de las Américas, se afirmavam como referências continentais de difusão de discursos expressamente vinculados à esquerda. Desta forma, um grupo de autores de toda a América Hispânica encontrou mecanismos de legitimação para propagarem ideias afins ao processo revolucionário iniciado em 1959. No entanto, embora este grupo estivesse composto fundamentalmente por escritores de ofício, pode-se dizer que a narrativa e a poesia produzidas sob aquelas orientações acabaram sendo ofuscadas por uma prática ensaística de larga difusão, em que os papéis da literatura e da arte em um contexto de revolução política e social eram debatidos publicamente nas revistas culturais, evidenciando posicionamentos tanto comuns à maioria dos autores quanto divergentes. Assim, o gênero ensaístico, que já gozava de uma longa tradição nas letras hispano-americanas, tinha renovada a sua importância como instrumento de expressão exemplar na relação entre compromisso ético pessoal e representação de anseios coletivos – o que já havia sido pontuado por teóricos como uma característica fundamental do ensaio hispano-americano, embora houvesse entre eles uma clara tendência a privilegiarem os ditos ensaios literários, isto é, em cuja composição o apuro estético se destacava em comparação às suas dimensões políticas. Neste trabalho, tendo em vista aquele contexto cultural e a necessidade de se traçar uma cartografia do desenvolvimento do ensaio como instrumento de reflexão e atuação política em que se ressaltem procedimentos de encenação discursiva em que o EU se assume como cúmplice e passa a falar na primeira pessoa do plural, pretendo ler uma breve sequência de ensaios do escritor uruguaio Mario Benedetti, parceiro de longa data da Casa de las Américas, tendo como ponto de partida o texto intitulado “El escritor latinoamericano y la revolución posible”, em que o escritor lembra a tomada do Quartel de Moncada – realizada pelo grupo de Fidel Castro em 1953 – para elaborar a alegoria do “asalto a lo imposible”, característica da nova arte revolucionária que ajudaria a tornar possível a revolução efetiva.

Quarta-feira, 20 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1009

Confluências e concorrências no mosaico cultural latino-americano CARLOS EDUARDO LOUZADA MADEIRA (UERJ)

No prólogo que escreve para a edição mexicana de *Memórias póstumas de Brás Cubas* publicada pela SEP-UNAM em 1982, diz o escritor Juan Rulfo: “No obstante las fronteras geográficas, lingüísticas e históricas que separan a esta gran nación del resto de América Latina, parece que hubieran establecido también barreras intelectuales, ya que hasta la fecha aún son muchos los hispanoamericanos ajenos a la literatura brasileña, y lamentablemente, muy pocos quienes se ocupan de estudiar las numerosas obras que aportan a nuestro continente una valiosa y amplia riqueza cultural”. Será ainda pertinente o diagnóstico do autor de *Pedro Páramo*? Em sentido inverso, estarão mais amadurecidos e desenvolvidos os estudos levados a cabo por brasileiros a respeito da tradição literária hispano-americana? Mantém-se hoje, em tempos de integração e mobilidade cada vez mais intensas, a premência de esforços no sentido de estreitar os espaços que se interpõem entre as produções brasileiras e as América Hispânica? E a América periférica não falante de português e espanhol, que espaço lhe cabe? Pode a dinâmica da investigação comparada se converter também em ferramenta integradora, ajudando a mapear o mosaico representado pelas diferentes vozes que se espalham pelo continente e tornando possível um olhar mais crítico sobre a heterogeneidade que o configura? Com o abandono gradual das práticas de cunho etnocêntrico, calcadas nas conhecidas análises de fontes e influências, os estudos comparativos vêm priorizando a matéria textual em detrimento dos sistemas hierarquizantes que invariavelmente subordinavam as chamadas literaturas periféricas aos modelos europeus e norte-americanos. Importam as narrativas em suas marcas específicas e criativas. Enfraquece-se também o velho nacionalismo, dissolvido hoje no seio de uma modernidade desterritorializante que impõe o estabelecimento de novos modos de ler a produção cultural.

A constituição da cultura pela fala como projeto de expressão coletiva no romance: achados e entraves da teoria e um breve passeio pelos narradores de Patrick Chamoiseau e Luiz Ruffato

GERALDO RAMOS PONTES JUNIOR (UERJ)

A questão do “dizer o outro” na estética literária poderia não ser um problema conceitual se partíssemos ainda do pressuposto pós-estruturalista, herdado da psicanálise freudiana-laciana, segundo o qual, o sujeito é necessariamente falado pelo outro. Mas essa lógica se investiria de uma anulação das diferenças concebidas pela crítica da cultura hoje. Emanando do inconsciente, a fala diria o inconsciente, antes do sujeito. Apanágio de uma perspectiva que transcende toda cultura, haveria nessa concepção apenas “a” cultura, produto do irreduzível antropológico preponderante, a proibição do incesto. Não haveria talvez o sujeito muito além de outros irreduzíveis de gênero, como o feminino e o masculino, extensivos ao paterno e materno, peças centrais na questão edipiana e da compreensão mais clássica do objeto do desejo. Em outra perspectiva, ao problematizarmos a posição ideológica e/ou política de um autor, convergindo com a proposta deste simpósio, em sua lida com a representação do outro e do coletivo, estamos em um campo de crítica literária que retorna aos interesses sociológicos mais aptos a fustigar a existência do texto literário no apogeu da cultura e tecnologia comunicativa de massa em que vivemos, além de suas distintas formas de representação. Mas também não deixamos de apagar a questão do sujeito desejante, que retornaria à pauta sociológica pelo viés das discussões de gênero e representações de identidades, ou do autor como intérprete de coletivos em suas relações com o “transnacional”, ainda mais se pensarmos em novas subjetividades que começaram a por em questão a psicanálise baseada na família freudiana, por um lado da questão, ou na autoria de escritores centrados em uma identidade linguística e nacional. E em países de culturas exclusivamente atávicas, consequentemente. As novas facetas do desejo não se limitam a questões de gênero, pois também se reinventam novas legitimações culturais como um todo, e que se impõem no diálogo do autor com a sociedade, ampliando o horizonte do coletivo e do(s) outro(s), diante da força do discurso midiático que mais sirva, talvez, para limitar esse horizonte. Se essa é uma discussão que preocupa Stuart Hall (2003) e, em outros aspectos, Edouard Glissant (1991), ou ainda Patrick Chamoiseau et alii (1989), ela perpassa projetos editoriais de Luiz Ruffato, quando o autor mineiro organiza antologias que se legitimam ao se originarem de autores que representam genuinamente a fala ficcionalizada, ou quando usa um artifício de “anulação” da identidade do narrador para atribuir autenticidade ao relato de um que supostamente viveu o fato narrado, entre outros aspectos. Já no martiniquense Patrick Chamoiseau, trata-se de pensar a condição desconfortável da autoria literária e a estratégia da oralidade, no relato do outro e na aproximação com a cultura popular, como formas de mediar a autenticidade da produção da literatura, mantida no campo erudito francês metropolitano, com a crioulidade antilhana, fenômeno cultural ainda restrito ao “cidadão” antilhano, no âmbito nacional, como cultura francófona (ultramarina). Discutiremos em síntese várias dessas questões para contribuir ao debate aqui proposto.

Escenificaciones literarias del Otro, entre la bipolaridad y la multirrelacionalidad. Una comparación entre el Caribe hispanófono y francófono en el siglo XIX.
GESINE MUELLER (Universität Potsdam)

El Caribe en el siglo XIX, un auténtico caleidoscopio de dinámicas coloniales, ofrece, de un modo especialmente condensado, multifacéticas posibilidades de confrontación con la discursividad de la alteridad, del Otro. Un aspecto particularmente interesante de esto se pone de manifiesto en una observación comparativa del colonialismo francés y español, sobre todo a través de sus respectivas formas de expresión literarias. ¿En qué medida las puestas en escena de lo Otro experimentan distintas formas de influencia en los distintos sistemas de dominio colonial? Se trata de la comparación de los procesos de transferencia en el eje centro-periferia, en el cual ambas partes se comprometen como sujetos en un proceso de interacción dinámica. La comparación entre las literaturas del Caribe francófono e hispanófono muestra las distintas formas de recepción, de apropiación y transculturación de los discursos de la madre patria sobre lo Otro, así como sus efectos retroactivos en las imágenes de lo ajeno en las metrópolis. Precisamente en la discursividad sobre lo Otro se perfila una diferencia de ambas esferas coloniales. La potente fuerza de irradiación y de formación de Francia se remonta a su capacidad para integrar al Otro colonial, o, asimismo, para transformarse a sí misma a la vista del Otro. Un aspecto sintomático de esto es el reordenamiento del saber y su institucionalización a comienzos del siglo XIX sobre todo con el surgimiento de la etnología como disciplina científica). La pérdida de un centro cultural vinculante, en el caso de las colonias españolas, tiene un efecto productivo en la literatura colonial, en la medida en que ello estimula la búsqueda de otros puntos de referencia y de redes, trayendo consigo que se le dé una orientación multirrelacional a los discursos sobre el Otro. Precisamente a partir de los alegatos literarios en favor o en contra de la abolición de la esclavitud, pueden destilarse varias formas de representación de un «hablar sobre el Otro» en distintas puestas en escena. Demás de los ejemplos literarios tomados de ambas esferas coloniales, se analizarán también otros ejemplos recogidos en revistas de etnología.

Medellín, idea de ciudad

ANA MARÍA SUÁREZ MONSALVE (UDEM)

Medellín tiene características que indudablemente comparte con otras ciudades. “¿Qué tienen en común Río de Janeiro, Nápoles y Medellín? Que todas son ciudades con doble faz. Por un lado tienen empuje industrial y son cosmopolitas, y por el otro, están atrapadas por las redes del crimen organizado”, dijo un periodista en la revista Semana, de Colombia, en el artículo Medellín, ciudad de dos caras (semana.com Publicado el 18 de Diciembre de 2010) Uno de los problemas con este tipo de comparaciones es que se establecen como preámbulo a noticias que son divulgadas por medios de información o por las administraciones gubernamentales en el afán por presentar una imagen de la ciudad, bien sea ante sus propios habitantes, a los turistas o a los públicos que representan la inversión extranjera, preferentemente. Esos discursos gubernamentales, periodísticos o no gubernamentales reflejan una idea de ciudad y por esto entendemos una representación de lo que confiere el estatus de urbe organizada y estructurada para la vida moderna, dotada de espacios, servicios e infraestructura que facilita las interacciones sociales entre sus habitantes y visitantes. El problema que se aborda en este trabajo es el discurso que circula en medios de información como revistas especializadas y en los medios oficiales de la administración municipal de la ciudad de Medellín, Colombia, mediante el cual se instaura una idea de ciudad que transcurre entre su pasado y su futuro, con un presente incierto. También se encuentra el discurso de las Organizaciones No Gubernamentales que informan sobre la situación de los barrios, las comunas de la ciudad y elaboran informes reveladores con otra idea de ciudad. La pregunta es, ¿qué relación tienen las ideas de ciudad referidas en los medios informativos, en el discurso gubernamental y en el discurso de las Organizaciones No Gubernamentales? Para el análisis, se han tomado tres ejemplos de discursos sobre Medellín, por un lado se seleccionaron los artículos de las revistas Semana y Cambio; por otro, se ha tomado como fuente el portal de la administración gubernamental Alcaldía de Medellín y la agencia de prensa del Instituto Popular de Capacitación, para observar el discurso de las Organizaciones No Gubernamentales de la localidad. De cada uno de los sitios Web, se han seleccionado los artículos publicados en 2010. Del total de los datos surgidos, se reseñan los artículos que se refieren a la ciudad y se analiza su discurso, orientados por la referencia sobre la ciudad entre el pasado y el futuro. 1(<http://semana.pandac.com/noticias-nacion/medellin-dos-caras/149082.aspx> Consultado abril de 2011)

Quinta-feira, 21 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1009

Ficcionalidad y representación de la violencia en algunas novelas de la postdictadura chilena: el espasmo del otro como experiencia irrepresentable.

CRISTIAN MONTES (UdCh)

La Idea de esta ponencia es reflexionar acerca de la posibilidad de la ficción para dar cuenta de la experiencia sufrida por quienes vivieron la represión y la tortura en tiempos de la dictadura militar chilena. Para tal fin se tendrá como foco de atención algunas novelas, especialmente aquellas que intentan poseer un carácter testimonial y de documento, pero que evidencian, e inclu-

so refuerzan los límites del lenguaje y las perturbaciones de la escritura postdictatorial. Las preguntas que se instalan entonces son: ¿puede la escritura en estos casos tematizar el dolor, la tortura y la represión de quienes realmente han vivido? ¿o la experiencia del terror es de suyo inenarrable?

Relatos fractuales/narraciones friccionales. El testimonio latinoamericano entre dicción y ficción

WERNER MACKENBACH (Universität Potsdam)

A lo largo de todo el siglo XX –que ha sido caracterizado como la “era del testimonio” (Felman, Wieviorka)– la problemática ética y estética de re-presentación ha jugado un papel preponderante en los discursos y prácticas artísticas y políticos, en el sentido triple de *Vorstellung*, *Darstellung* y *Vertretung*. Estos discursos y prácticas han estado estrechamente vinculados con los grandes conflictos político-sociales y los procesos de memoria y olvido. En América Latina –particularmente en las sociedades que vivían experiencias de guerra, guerra civil y dictaduras militares– una práctica escrituraria (y en sentido más amplio artística) ha tenido una relevancia abrumadora: el testimonio/la literatura testimonial. Al mismo tiempo se ha desarrollado un discurso teórico sobre el testimonio –predominantemente desde las academias del norte– que ha insistido en el testimonio como “arma cultural” (Román-Lagunas y Mc Callister) en la lucha guerrillera y como “postliteratura” (Beverley), así como articulación simbiótica entre el testimoniante subalterno y el recopilador intelectual militante en la representación del “otro” –una canonización que ante las múltiples, diversas y diferentes prácticas escriturarias (durante y después del fin de los conflictos armados) resulta sumamente discutible y cuestionable. La ponencia quiere contribuir a una nueva teorización acerca de estas prácticas escriturarias/literarias que supere las construcciones (y limitaciones) conceptuales estrechamente ligadas a los proyectos político-sociales en el contexto de los conflictos armados de los años sesenta a los noventa del siglo XX. Apunta a una conceptualización partiendo de las teorizaciones sobre las relaciones entre narraciones dictionales y ficcionales así como textos factuales y ficcionales (Genette, Ette). Comprende los textos y las prácticas escriturarias mismos como lugares de encuentros conflictivos de diferentes formas de apropiación, representación y presentación –verdaderos relatos fractuales y narraciones friccionales. Con esto, pregunta por las condiciones, (trans)formaciones y perspectivas del testimonio/la literatura testimonial en el contexto de los procesos de memoria de las sociedades postdictatoriales y postbélicas de América Latina. Hace referencia explícita y especial a los discursos y prácticas discursivas en América Central –una región cuyas experiencias traumáticas a finales del siglo XX e inicios del XXI pueden ser entendidas como emblemáticas y paradigmáticas para América Latina, en general, y donde por su carácter de espacio dinámico, entrelazamiento internacional así como diversidad cultural y humana se concentran de forma particular.

Entre conflitos e traumas, a disputa pela legitimação cultural

VICTOR HUGO PEREIRA (UERJ)

Um legado crítico do século XX é a preocupação em estabelecer os modos e os limites com que se pode fazer o depoimento sobre a experiência singular (individual ou de grupo) e o registro dos eventos traumáticos. Esse gênero de representações suscita considerações éticas, sobre a “autenticidade” da representação e também sobre a “sinceridade” e legitimidade dos propósitos que cercam sua veiculação – seja no circuito da “alta cultura”, seja na mídia. Essas questões discutidas, entre outros, por Susan Sontag, em *Diante da Dor dos Outros* (2003), já eram suscitadas por Walter Benjamin, por exemplo, em *O Autor como Produtor* (1934), ao identificar a incorporação da linguagem da reportagem nos textos surgidos com a Nova Objetividade (*Neue Sachlichkeit*). Essas referências críticas juntam-se, no trabalho apresentado, às considerações de Hal Foster sobre o papel do trauma na estética contemporânea para fundamentar a discussão sobre os desafios à avaliação da produção cultural que focaliza as experiências mais contundentes e conflituosas da atualidade. Diante destas, será pertinente o crítico insistir na tentativa de sua caracterização como arte? A busca pela legitimação cultural de sujeitos envolvidos com essa produção é um pedido de autorização da fala? Ou uma denúncia dos monopólios dos mecanismos de produção e legitimação cultural? Discuto esses problemas a partir da poesia e da prosa que enfocam as periferias brasileiras, examinando seus vínculos com movimentos como o hip-hop e suas relações com a mídia.

Mario Vargas Llosa: *La Guerra del fin del Mundo* y el efecto de realidad de la ficción

HORST NITSCHACK (UdCh)

La ponencia se basa en tres supuestos: 1. Toda habla falla necesariamente en su intención de representar lo real; nunca es idéntica a lo real. 2. Ninguna habla es idéntica al que la habla (al sujeto enunciativo). 3. Ninguna habla es idéntica a lo enunciado. Estas diferencias entre el habla y lo real, entre el habla y lo enunciado y entre el habla y el sujeto enunciativo estigmatizan y penetran todos los discursos que, sin embargo, al mismo tiempo las suprimen o ocultan sin cesar. Probablemente la estrategia más eficiente para disimular esta imposibilidad de representar lo real es la producción del efecto de realidad. El arte, sin embargo - en nuestro caso, la literatura - marca esta diferencia entre lo real y su representación de la realidad de múltiples maneras y con distintos procedimientos. Ella no deja ninguna duda de que la traducción de lo real en el habla sólo puede tener el estatus de poesía (el acto de poner en el lugar de) o de ficción (el fingir). Con base en estos supuestos, se estudia el conflicto entre la (imposible) representación de lo real y la presentación de realidad en la novela de Vargas Llosa "La Guerra del Fin del Mundo" (1983). El autor hace uso de dos opciones radicalmente diferentes para producir el efecto de realidad, que es la realidad de Otro y del discurso de un Otro: toma como inter-texto el relato Os Sertões (1902) de Euclides da Cunha, un relato escrito como texto documental y testimonial y lo carga con una trama y con personajes de ficción. La ponencia pretende revelar cómo y de qué manera Vargas Llosa refuerza el efecto de realidad a través de los eventos ficcionales. Sin embargo, esta representación de la realidad por su ficcionalización implica al mismo tiempo su ideologización, una ideologización implícita que atraviesa la narración de manera casi imperceptible para el lector y refleja la posición política del autor.

Sexta-feira, 22 de julho de 2011 – Edifício D. Pedro I – Sala 1009

La exotización del caribe en el cine de ficción. Indicios de un proceso hegemónico cultural.

CARLOS ALFONSO LÓPEZ LIZARAZO (UdM/UdCh)

Nuestro interés investigativo quiere establecer el exotismo como noción y experiencia cultural afincada en el Caribe, principalmente de colonización hispánica. Históricamente el exotismo nos remite a una visión eurocéntrica de las culturas del Caribe, las cuales en el contexto de la globalización, y, en este caso, de la industria cultural cinematográfica, son sometidas a una gruesa distorsión cultural. Nos ocupamos de este fenómeno contemporáneamente, para entenderlo hoy como estrategia cultural hegemónica, la cual deforma la realidad, tanto para los propios caribeños como para los foráneos a la región. Asumimos que el exotismo, como veremos en detalle, relativiza la valía de un país, un pueblo o una cultura. Indudablemente, no se valora al “otro” en una dimensión significativa, y su empleo en el cine de hoy no es exclusivo de los europeos.

O negro é um “outro”: a representação dramática do negro no Brasil a partir da polêmica racial entre Nelson Rodrigues e o seu “sucessor” Plínio Marcos
LÚCIO BRANCO (UERJ)

O ano de 1969 traz uma polêmica racial entre Nelson Rodrigues e seu “sucessor” Plínio Marcos (título conferido pelo primeiro, assumido pelo segundo, e geralmente encampado pelo senso comum crítico) em crônicas publicadas na imprensa por conta da adaptação teledramática do clássico A cabana do pai Tomás, evento este negligenciado pelos debates que relacionam os dois autores tanto em âmbito acadêmico, jornalístico, e mesmo nas suas biografias “oficiais”. A interpretação do personagem-título da novela, a cargo de um ator branco pintado de negro, resultou numa crônica exaltada de Plínio reivindicando a criação de uma “lei santa” que proibisse os “atores tingidos em cena.” Com a reação negativa de Nelson ao posicionamento do seu “discípulo”, levantou-se, à época, um debate pertinente – cuja atualidade é verificável –, sobre a questão da representação do negro nas suas respectivas obras de ficção e na tradição da dramaturgia brasileira em geral. O confronto das perspectivas assumidas por cada autor, nessa polêmica, é revelador das coerências e contradições para com os seus projetos literários e a construção de suas personagens midiáticas, na medida em que o negro é encarado como um “outro”, categoria ontológica genérica para a qual ambos detêm seu olhar dramático de tipo humanista ao modo cristão. A intenção de não observar programas ideológicos pré-estabelecidos, traço comum aos dois autores, deve ser problematizada para se compreender o que pretendiam com esse debate, e como queriam se situar no panorama cultural brasileiro.

O mambembe, o rural, o antigo. O outro ingênuo como ficção para o próprio progresso

GUSTAVO GUENZBURGER (UERJ)

Recentemente está se conhecendo a trajetória teatral de *O Mambembe*, de Artur Azevedo, a partir dos contextos em que foi criado, com grande fracasso de público em 1904, e depois reabilitado, para o público e para a crítica, 55 anos depois. A ótica da recepção destaca esta peça do conjunto da obra de Artur Azevedo, deixando entrever, principalmente a partir de uma possível ideologia de um teatro educador dos sentidos, as contradições do texto com o mundo da diversão teatral na entrada do século XX carioca, sua tentativa de certa forma de escapar à massificação daquele universo, apelando ao passado e à promessa de um futuro mais "artístico" para o teatro. O homem rural de *O Mambembe* é o homem do outro tempo, do atraso, da ingenuidade, da pureza de propósitos e da tradição. Uma tentativa de âncora ao progresso homogeneizador e violento por que passava a capital federal das revistas de ano. A falta de empatia deste Brasil rural antigo com as classes médias heterogêneas, que lotavam o teatro ligeiro de sua época, pode ter sido um dos motivos do fracasso do texto em sua estréia, mas também de seu enorme sucesso 55 anos depois. O novo teatro da década de 50 chegaria ao Rio de Janeiro pelas mãos da primeira companhia carioca a se denominar moderna, o Teatro dos Sete. E a escolha do texto surpreendeu a todos: uma burla à moda antiga, que retratava em metalinguagem um teatro ingênuo, que por sua vez retratava uma paisagem interior mais atrasada ainda. E em 1959, auge da projeto moderno nacional-popular brasileiro, o espetáculo fez um sucesso estrondoso, virou marco do teatro brasileiro e reabilitou o Artur Azevedo dramaturgo para a crítica. O outro como atraso, como raiz, ainda que ficção de um passado para si mesmo, pode colaborar na afirmação da noção fundamental de progresso embutida na ideologia moderna. Estas contradições e problemas inerentes à apropriação da tradição pelo moderno serão o enfoque deste trabalho sobre o caso *O Mambembe*.

Cinema, aspirinas e urubus e o difícil equilíbrio entre ética, estética e mercado

RITA DE CÁSSIA MIRANDA DIOGO (UERJ)

Com o presente trabalho, pretendemos analisar o filme *Cinema, aspirinas e urubus* (2005), de Marcelo Gomes, a fim de verificar como a relação entre ética e estética vem se configurando no cinema brasileiro. Para tanto, dialogaremos com o Cinema Novo, através dos filmes *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), de Glauber Rocha e *Vidas Secas* (1963), de Nelson Pereira dos Santos. O filme em estudo coloca em questão não só temas recorrentes à cinematografia dos anos 60, como também resgata características daquela estética. Entre os primeiros, podemos verificar a referência à paisagem inóspita do sertão, bem como ao cinema enquanto um fenômeno da indústria cultural, estreitamente relacionado com a sociedade de consumo, duramente criticado pelo Cinema Novo; quanto à estética, podemos observar como exemplo a opção pelo uso de uma luz intensa, que cria uma espécie de “ruído” na comunicação visual. Por outro lado, estas mesmas referências frente a um contexto histórico e político diferente recebem um outro tipo de tratamento, que por sua vez, denota uma nova relação que se estabelece entre ética e estética a partir da virada do século. Assim, se a cinematografia dos anos 60 insistia em refletir uma “consciência catastrófica do atraso” (CÂNDIDO, 1995, p. 368), o cinema atual diante do cenário global, expressa o que poderíamos qualificar de uma “consciência desiludida do atraso”. Ou seja, se antes ainda existia a ilusão de que poderíamos vencer as várias etapas que nos levaria ao desenvolvimento, daí o conceito de subdesenvolvido, hoje sabemos que na cartografia que separa o centro da periferia existe um abismo, que dificilmente conseguiremos superar. Segundo nossa hipótese, entre a celebrada esperança do Cinema Novo e a desilusão da modernidade tardia, o diretor Marcelo Gomes, sem subestimar a sensibilidade do espectador, conquista em *Cinema, aspirinas e urubus* o difícil equilíbrio entre ética e estética.